Ellen G. White
Os Escolhidos
Patriarcas e Profetas
na Linguagem
de Hoje
série
Conflito
1

Ellen G. White
Os Escolhidos
Patriarcas e Profetas
na Linguagem
de Hoje
série
Conflito
1

Tradução
Karina Carnassale Deana
Davidson Figueiredo Deana

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Apresentação

Satanás saiu como vencedor no Jardim do Éden – assim ele pensava. Tinha sido bem-sucedido ao convencer um terço dos anjos no Céu a se tornarem inimigos de Deus. Depois conseguiu levar os primeiros seres humanos a desobedecer a Deus. Estava tendo sucesso em seu empreendimento. A partir de então, a dor, o sofrimento e a morte se alastrariam pelo mundo.

Entretanto, não seria assim para sempre. Um Redentor tomaria sobre Si a penalidade que nós seres humanos merecíamos. O próprio Deus Se tornaria "um de nós", mas, sem pecado. Jesus pagaria a sua e a minha pena para que pudéssemos herdar a vida eterna.

Um Redentor viria! O plano havia sido traçado antes da criação do mundo. Agora chegara o momento de colocá-lo em ação. Deus escolheu alguns seguidores, imperfeitos, mas dispostos a serem ensinados, a fim de levar a mensagem: Noé, Enoque, Abraão, Jacó, Moisés, Davi e outros. Desde o primeiro dia em que o pecado entrou em nosso mundo, o amor e a graça de Deus têm guerreado contra ele. O que Satanás pensou ser uma vitória, foi na verdade o início da derrota. O primeiro dia do pecado na Terra marcou definitivamente o início do fim para Satanás e o pecado.

ELLEN G. WHITE escreveu mais de cem livros. É uma das escritoras mais traduzidas do mundo. Durante toda a sua vida, exaltou a Jesus Cristo e indicou a Bíblia como a base de sua fé.

Prefácio

Este volume é uma adaptação do livro *From Eternity Past* [Desde os Tempos Eternos], a edição condensada do clássico de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*. O volume condensado incluiu todos os relatos e principais aplicações contidas no livro original. Além disso, exceto pelo acréscimo de uma ou outra palavra, para uma transição mais suave, foram mantidas exatamente as mesmas palavras da Sra. White. Em *Os Escolhidos*, foi dado um passo além nesse sentido. Nele foram feitas substituições de palavras, expressões e construções de frases para adaptá-las aos leitores do século 21. O livro, porém, não é uma paráfrase. Segue o texto da edição condensada frase por frase e mantém a força da composição literária da Sra. White. Espera-se que os novos leitores desenvolvam, assim, um novo gosto pelos escritos da Sra. White e que sejam levados a ler e apreciar os livros originais, embora estejam escritos no estilo de uma época anterior.

Exceto quando estiverem indicados, os textos bíblicos foram extraídos da Nova Versão Internacional. Muitas pessoas a preferem porque acham que conseguem compreendê-la com mais facilidade.

Os Escolhidos é um livro rico em informações sobre o relato bíblico das origens – a origem do pecado, deste mundo, do plano da salvação e do povo de Deus. Torna as preciosidades encontradas em *Patriarcas e Profetas* acessíveis a mais pessoas. Dessa forma, ajuda a tornar também mais conhecido o início da história do “grande conflito” que a Sra. White relatou de forma tão convincente nos cinco volumes da série *O Grande Conflito*. Que muito mais leitores possam experimentar o poder transformador desses livros em sua vida e da apresentação que fazem dos temas bíblicos. Esse é o nosso desejo e oração.

DEPOSITÁRIOS DO PATRIMÔNIO LITERÁRIO DE ELLEN G. WHITE

Por que Foi Permitido o Pecado?

"Deus é amor." Sua natureza, Sua lei são amor. Sempre foi assim e assim sempre vai ser. Toda manifestação do poder criador é uma expressão de amor infinito. A história do grande conflito entre o bem e o mal, desde o momento em que se iniciou primeiramente no Céu, revela também o imutável amor de Deus.

O Soberano do Universo não estava sozinho em Sua obra de fazer o bem. Ele tinha um companheiro para apreciar Seu propósito e participar de Sua alegria em proporcionar felicidade aos seres criados (ver Jo 1:1, 2).

Cristo, o Verbo, era um com o Pai eterno, um em natureza, em caráter, em propósito. "E Ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz" (Is 9:6). "Suas origens estão no passado distante, em tempos antigos" (Mq 5:2).

O Pai atuou por meio de Seu Filho na criação de todos os seres celestiais. "Pois nEle foram criadas todas as coisas [...], sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades" (Cl 1:16). Os anjos são ministros de Deus, que estão prontos a executar Sua vontade. No entanto, o Filho, "o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do Seu ser", "sustentando todas as coisas por Sua palavra poderosa" tem a supremacia sobre todos eles (Hb 1:3; ver v. 8).

Deus deseja de todas as Suas criaturas um serviço de amor – serviço motivado pela apreciação do Seu caráter. Ele não tem prazer na obediência forçada. Concede a todos a liberdade para Lhe prestar serviço voluntário. Enquanto todos os seres criados foram leais por amor, houve perfeita harmonia por todo o Universo de Deus. Nenhuma nota dissonante havia para desfigurar a harmonia celestial.

Entretanto, ocorreu uma mudança nesse estado de felicidade. Houve alguém que usou de forma errada a liberdade que Deus concedeu às Suas criaturas. O pecado teve sua origem com aquele que, abaixo de Cristo, era o mais honrado por Deus e o mais elevado entre os habitantes do Céu. Lúcifer, "filho da alvorada" (Is 14:12), era santo e incontaminado. "Assim diz o Soberano, o Senhor: 'Você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza. [...] Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso Eu o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes. Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado até que se achou maldade em você'" (Ez 28:12, 14, 15).

Pouco a pouco, Lúcifer cedeu ao desejo de exaltação pessoal. "Seu coração tornou-se orgulhoso só por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor" (Ez 28:17). "Você, que dizia no seu coração: [...] 'erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus; [...] serei como o Altíssimo'" (Is 14:13, 14). Embora fosse mais honrado do que a hoste celestial, ele ousou cobiçar a adoração devida unicamente ao Criador. O príncipe dos anjos desejou o poder que pertencia, por direito, a Cristo somente.

A perfeita harmonia do Céu foi então quebrada. No conselho celestial, os anjos insistiam com Lúcifer. O Filho de Deus apresentou perante ele não só a grandeza, a bondade e a justiça do Criador, mas a natureza imutável de Sua lei. Desviando-se dela, Lúcifer desonraria o seu Criador e traria ruína sobre si mesmo. Contudo, a advertência, feita com misericórdia e amor infinitos, apenas despertou maior resistência. Lúcifer permitiu que prevalecessem os sentimentos de inveja que nutria por Cristo e ficou ainda mais obstinado.

O Rei do Universo convocou os exércitos celestiais para uma reunião e apresentou a verdadeira posição de Seu Filho, mostrando a relação que Ele mantinha com todos os seres criados. O Filho de Deus partilhava do trono do Pai, e a glória do Ser eterno, existente por Si mesmo, rodeava a ambos. Ao redor do trono, todos os santos anjos estavam reunidos, "milhares de milhares e milhões de milhões" (Ap 5:11). Perante os habitantes do Céu, o Rei declarou que ninguém, a não ser Cristo, poderia penetrar inteiramente em Seus propósitos e executar os poderosos conselhos de Sua vontade. Logo Cristo deveria exercer o Seu poder divino na criação da Terra e de seus habitantes.

A Batalha no Coração de Lúcifer

Os anjos reconheceram alegremente a supremacia de Cristo e extravasaram seu amor e adoração. Apesar de Lúcifer ter se curvado com eles, existia em seu coração um

conflito estranho e violento. A verdade e a lealdade estavam lutando contra a inveja e o ciúme. Por algum tempo, ele se deixou levar pela influência dos santos anjos. Quando os cânticos de louvor se elevavam, o espírito do mal parecia dominado; indescritível amor fazia vibrar todo o seu ser; em harmonia com os adoradores sem pecado, sua alma se expandia em amor para com o Pai e o Filho. Mesmo assim, seu desejo de supremacia retornou e uma vez mais ele cedeu ao sentimento de inveja por Cristo. As altas honras conferidas a Lúcifer não provocavam nenhuma gratidão para com o seu Criador. Ele se gloriava em seu brilho e aspirava ser igual a Deus. Os anjos se alegravam em executar suas ordens, e estava ele revestido de glória mais do que todos eles. Apesar disso, o Filho de Deus era mais exaltado do que ele. "Por que", perguntava esse poderoso anjo, "deveria Cristo ter a supremacia?"

Lúcifer saiu então para espalhar o espírito de descontentamento entre os anjos. Durante algum tempo, escondeu seu verdadeiro propósito, fingindo ser reverente para com Deus. Disfarçadamente ele começou a plantar dúvidas com respeito às leis que governavam os seres celestiais, sugerindo que os anjos não necessitavam dessas leis, pois sua sabedoria era um guia suficiente. Todos os seus pensamentos eram santos; não havia para eles maior possibilidade de errar do que para o próprio Deus. A exaltação do Filho de Deus da mesma forma como era feita com o Pai foi representada como sendo uma injustiça para com Lúcifer. Se esse príncipe dos anjos pudesse tão somente alcançar a sua verdadeira e elevada posição, grande bem resultaria para todo o exército do Céu, pois era o seu propósito conseguir liberdade para todos. Enganos sutis foram rapidamente ganhando terreno nas cortes celestiais por meio dos planos perversos de Lúcifer.

A verdadeira posição do Filho de Deus tinha sido a mesma, desde o princípio. No entanto, muitos dos anjos ficaram cegos devido aos enganos de Lúcifer. Infiltrou na mente deles a desconfiança e o descontentamento de forma tão astuta que não perceberam o que ele estava fazendo. Lúcifer apresentou os propósitos de Deus sob uma falsa luz para que os anjos ficassem pouco a pouco aborrecidos e insatisfeitos. Ao mesmo tempo em que alegava ser totalmente leal a Deus, insistia em afirmar que mudanças eram necessárias para a estabilidade do governo divino. Assim, enquanto promovia a discórdia às escondidas e a rebelião, ele fazia parecer que seu único objetivo era promover a lealdade e preservar a harmonia e a paz.

Embora não houvesse uma rebelião declarada, a divisão de sentimentos crescia gradualmente entre os anjos. Alguns olhavam com simpatia para as críticas e sugestões sutis de Lúcifer. Eles estavam descontentes, infelizes e insatisfeitos com o propósito de

Deus em exaltar a Cristo. Entretanto, os anjos que eram leais defenderam a sabedoria e a justiça do decreto divino. Cristo era o Filho de Deus, um com Ele antes que os anjos fossem chamados à existência. Ele sempre estivera à direita do Pai. Por que precisava haver discórdia agora?

Deus foi muito paciente com Lúcifer. O espírito de descontentamento era um elemento novo, estranho e inexplicável. O próprio Lúcifer não percebeu para onde estava sendo levado. Mesmo assim, esforços que somente o amor e a sabedoria infinitos poderiam revelar foram feitos para convencê-lo de seu erro. Ele foi levado a ver qual seria o resultado de persistir em revolta.

Lúcifer estava convencido de que não tinha razão. Viu que "o Senhor é justo em todos os Seus caminhos e é bondoso em tudo o que faz" (Sl 145:17), que os estatutos divinos são justos e que, como tais, ele os deveria reconhecer diante de todo o Céu. Se ele tivesse feito isso, poderia ter salvado a si mesmo e a muitos anjos. Se estivesse disposto a se voltar para Deus, satisfeito por preencher o lugar a ele designado no grande plano divino, teria sido reintegrado em suas funções. Havia chegado o tempo para uma decisão final; deveria se render à soberania divina, ou se colocar em rebelião aberta. Quase chegou à decisão de voltar; mas o orgulho o impediu. Era um sacrifício grande demais para quem foi tão altamente honrado confessar que tinha cometido um erro!

Lúcifer apontou a longanimidade de Deus como uma prova da superioridade de si mesmo e não do Criador, uma indicação de que o Rei do Universo aceitaria suas condições. Se os anjos permanecessem firmes com ele, declarou, poderiam ainda conseguir tudo o que desejassem. Entregou-se totalmente ao grande conflito contra o seu Criador. Assim, Lúcifer, o "portador de luz", tornou-se Satanás, "o adversário" de Deus e dos seres santos.

Satanás Lidera a Rebelião

Ao rejeitar com desprezo os apelos dos anjos que permaneceram fiéis, ele os chamou de escravos iludidos. Nunca mais reconheceria a supremacia de Cristo. Resolveu reclamar a honra que deveria ter sido conferida a ele. Prometeu àqueles que entrassem em suas fileiras um governo novo e melhor. Disse que todos teriam liberdade. Um grande número de anjos declarou seu propósito de aceitá-lo como chefe. Lúcifer esperava conquistar todos os anjos para o seu lado. Queria se tornar igual ao próprio Deus e ser obedecido por todo o exército celestial. Os anjos fiéis ainda insistiam com ele e seus simpatizantes para que se submetessem a Deus, apresentando-lhes o

resultado inevitável caso se recusassem. Advertiram todos a fechar os ouvidos ao raciocínio enganador de Lúcifer, insistiram com ele e seus seguidores para que buscassem a presença de Deus sem demora e confessassem o erro de questionar Sua sabedoria e autoridade.

Muitos ficaram inclinados a se arrepender de seu descontentamento e ser recebidos novamente no favor do Pai e de Seu Filho. Lúcifer, porém, declarou que os anjos que se uniram a ele tinham ido muito longe para retroceder; Deus não os perdoaria. Quanto a ele, estava decidido a nunca mais reconhecer a autoridade de Cristo. A única opção que restava era exigir sua liberdade e adquirir, pela força, os direitos que não lhes haviam sido concedidos.

Deus permitiu que Satanás levasse avante sua obra até que o espírito de descontentamento resultasse em revolta completa. Era necessário que seus planos se desenvolvessem completamente a fim de que todos pudessem ver sua verdadeira natureza. O governo de Deus incluía não somente os habitantes do Céu, mas todos os mundos que Ele tinha criado. Lúcifer concluiu que, se ele havia conseguido convencer os anjos do Céu à rebelião, poderia também convencer os outros mundos. Todos os seus atos eram de tal maneira revestidos de mistério, que era difícil tornar clara a verdadeira natureza de sua obra. Mesmo os anjos fiéis não conseguiam discernir completamente o seu caráter ou ver para onde sua obra estava levando. Tudo o que era simples ele envolvia em mistério e, distorcendo a verdade, lançava dúvida sobre as mais claras afirmações feitas por Deus. Sua elevada posição dava maior força às suas afirmações.

Deus Não Destruiu Satanás

Enquanto Deus podia empregar apenas métodos que fossem coerentes com a verdade e a justiça, Satanás usava o que Deus não usaria – a bajulação e o engano. Portanto, era necessário demonstrar não só aos habitantes do Céu, mas a todos os mundos, que o governo de Deus é justo, que Sua lei é perfeita. Satanás fez parecer que era ele quem estava procurando promover o bem do Universo. Seu verdadeiro caráter devia ser compreendido por todos. Era necessário que ele tivesse tempo para se manifestar por meio de suas obras perversas.

Ele declarou que todo o mal era o resultado da administração divina; era seu objetivo aperfeiçoar os estatutos de Deus. Por isso, Deus permitiu que Lúcifer demonstrasse a natureza de suas pretensões, a fim de mostrar o efeito das mudanças por ele propostas na lei divina. Sua obra deveria condená-lo. Era preciso que todo o

Universo visse o enganador desmascarado.

Por que Deus Não Destruiu Satanás?

Mesmo depois que foi expulso do Céu, a Sabedoria infinita não destruiu Satanás. A fidelidade das criaturas de Deus deve estar baseada na certeza de Sua justiça e amor. Seria difícil para os habitantes do Céu e dos mundos não caídos ver a justiça de Deus na destruição de Satanás. Se ele tivesse sido imediatamente destruído, alguns teriam servido a Deus pelo temor em vez de o fazerem por amor. A influência do enganador não teria sido completamente destruída, tampouco o espírito de rebelião teria sido eliminado. Para o bem de todo o Universo, ao longo dos séculos sem fim, ele deveria desenvolver mais completamente seus princípios, a fim de que suas acusações contra o governo divino pudessem ser vistas sob sua verdadeira luz, e para que a justiça de Deus, bem como a imutável natureza de Sua lei, não pudessem nunca mais ser questionadas.

A rebelião de Satanás deveria ser uma lição para o Universo, durante todos os tempos que viriam – um testemunho perpétuo da natureza do pecado e de seus terríveis resultados. Assim, a história dessa experiência com a rebelião seria uma eterna defesa a todos os seres santos para impedir que fossem enganados quanto à natureza da transgressão.

"As Suas obras são perfeitas, e todos os Seus caminhos são justos. É Deus fiel, que não comete erros; justo e reto Ele é" (Dt 32:4).

A Criação*

"Mediante a palavra do Senhor foram feitos os céus, e os corpos celestes, pelo sopro de Sua boca. Pois Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo surgiu" (Sl 33:6, 9).

Quando a Terra saiu das mãos de seu Criador, era extraordinariamente bonita. Por toda parte, o solo fértil produzia uma vegetação exuberante. Não existiam pântanos lamacentos nem desertos áridos. Arbustos graciosos e flores delicadas agradavam a vista por toda a parte. O ar era puro e saudável. A paisagem era mais bonita do que os terrenos ornamentados do palácio mais luxuoso.

Depois que a Terra foi chamada à existência, repleta de todo tipo de vida animal e vegetal, o homem – a obra-prima do Criador – entrou em cena. "Então disse Deus: 'Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança. Domine ele sobre [...] toda a Terra [...]. Criou Deus o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gn 1:26, 27).

De uma forma bem clara está estabelecida a origem da raça humana. Deus nos criou à Sua imagem. Não há razão para supor que evoluímos por meio de lentos graus de desenvolvimento, a partir das formas inferiores da vida animal ou vegetal. A Palavra inspirada descreve a origem da nossa raça não como estando relacionada ao desenvolvimento de uma linhagem de germes, moluscos e quadrúpedes, mas ao grande Criador. Embora tendo sido formado do pó, Adão era "filho de Deus" (Lc 3:38).

Os seres criados de ordem inferior não podem compreender o conceito de Deus; no entanto, foram feitos com a capacidade de amar e servir ao homem. "Tu o fizeste dominar sobre as obras das Tuas mãos; sob os seus pés tudo puseste: [...] e até os

animais selvagens, as aves do céu" (Sl 8:6-8).

Somente Cristo é "a expressão exata" (Hb 1:3) do Pai, mas Adão e Eva foram formados à semelhança de Deus. Sua natureza estava em harmonia com a vontade de Deus, sua mente era capaz de compreender os propósitos divinos. Suas afeições eram puras; o apetite e as paixões estavam sob o domínio da razão. Eles eram santos e felizes por terem em si a imagem de Deus e obedecerem à Sua vontade perfeitamente.

Quando nossos primeiros pais saíram das mãos do Criador, a face deles irradiava a luz da vida e da alegria. Adão era muito mais alto que os homens que vivem atualmente. Eva era um pouco menor em altura; porém, suas formas eram nobres e cheias de beleza. Esse casal, sem pecado, não usava roupas artificiais; eles estavam vestidos de uma cobertura de luz, semelhante à que os anjos usam.

O Primeiro Casamento

Depois da criação de Adão, "o Senhor Deus declarou: 'Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda'" (Gn 2:18). Deus deu a Adão uma companheira que lhe correspondesse, que poderia ser uma com ele, em amor e simpatia. Eva foi criada de uma costela tirada do lado de Adão. Ela não deveria dominar, como a cabeça, nem ser pisada sob seus pés, como se fosse inferior, mas devia estar ao seu lado, como sua igual, amada e protegida por ele. Ela era o seu segundo eu, mostrando isso a união íntima que deveria existir nesse relacionamento. "Além do mais, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo, antes o alimenta e dele cuida" (Ef 5:29). "Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne" (Gn 2:24).

"O casamento deve ser honrado por todos" (Hb 13:4). É uma das duas instituições que, depois da queda, Adão trouxe consigo para além dos portais do Paraíso. Quando os princípios divinos são reconhecidos e obedecidos, o casamento se torna uma bênção; preserva a pureza e felicidade do gênero humano e eleva a natureza física, intelectual e moral.

"Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, para os lados do leste, e ali colocou o homem que formara" (Gn 2:8). Nesse jardim havia árvores de toda espécie, muitas delas carregadas de frutos deliciosos. Lindas videiras cresciam eretas, com seus ramos pendendo sob o peso de frutos saborosos. O trabalho de Adão e Eva era moldar os ramos da videira, formando caramanchões, para fazerem assim, com árvores vivas, um lar para eles morarem sob as árvores cobertas de folhas e frutos. No meio do jardim estava a árvore da vida, superando em beleza a todas as outras árvores. Seu fruto tinha

a propriedade de manter a vida para sempre.

"Assim foram concluídos os céus e a Terra, e tudo o que neles há" (Gn 2:1). "E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom" (Gn 1:31). Nenhuma mancha de pecado ou sombra da morte desfigurava a bela criação. "As estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam" (Jó 38:7).

A Bênção do Sábado

Em seis dias a grande obra da criação foi finalizada. Deus "nesse dia descansou. Abençoou Deus o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou de toda a obra que realizara na criação" (Gn 2:2, 3). Tudo era perfeito, digno de seu divino Autor; e Ele descansou, não como alguém que estivesse cansado, mas satisfeito com o trabalho realizado, fruto de Sua sabedoria e bondade.

Depois de repousar no sétimo dia, Deus o separou como um dia de descanso. Seguindo o exemplo do Criador, os seres humanos deveriam repousar nesse dia santo, não só para que pudessem refletir sobre a obra da criação de Deus, mas para que seu coração se enchesse de amor e reverência para com o Criador.

O sábado foi dado para toda a família humana. Ao observá-lo, as pessoas demonstrariam, cheias de gratidão, seu reconhecimento a Deus como seu Criador e legítimo Soberano. Que elas eram obra das Suas mãos e sujeitas à Sua autoridade.

Deus viu que o sábado era muito importante para os seres humanos, mesmo no Paraíso. Deveriam deixar de lado os próprios interesses durante um dos sete dias. Precisavam de um sábado que os fizesse se lembrar de Deus e despertasse neles a gratidão, pois tudo o que desfrutavam vinha das mãos do Criador.

É plano de Deus que o sábado dirija a nossa mente para as obras que Ele criou. A beleza que reveste a Terra é um testemunho do amor de Deus. As colinas eternas, as altas árvores, o botão que desabrocha e as delicadas flores, tudo nos fala de Deus. O sábado, que aponta para Aquele que tudo fez, também nos convida a abrir o grande livro da natureza e encontrar nele a sabedoria, o poder e o amor do Criador.

Nossos primeiros pais foram criados inocentes e santos, mas não estavam isentos da possibilidade de praticar o mal. Deus os fez seres morais livres. Eles podiam escolher obedecer ou desobedecer. Antes de estarem eternamente seguros, a sua lealdade deveria ser provada. Logo no início, quando o homem passou a existir, Deus colocou uma restrição ao desejo de satisfação própria, um sentimento fatal que constituiu a base da queda de Lúcifer. A árvore do conhecimento devia se tornar uma prova da

obediência, fé e amor de nossos primeiros pais. Estavam proibidos de provar do fruto dessa árvore, sob pena de morte. Precisavam ser expostos às tentações de Satanás; porém, se suportassem a prova, seriam colocados fora do seu poder, para desfrutarem eternamente o favor de Deus.

O Belo Jardim do Éden

Deus colocou os seres humanos sob a lei, súditos do governo divino. Ele poderia tê-los criado sem a faculdade de transgredir a lei. Poderia ter evitado que tocassem no fruto proibido; mas, nesse caso, Adão e Eva não passariam de meros robôs. Se eles não tivessem liberdade de escolha, sua obediência seria forçada. Isso seria contrário ao plano de Deus, seria indigno dos seres humanos por Ele criados e teria reafirmado a acusação feita por Satanás de que o governo de Deus não era justo.

Deus fez os nossos primeiros pais pessoas corretas, sem nenhuma tendência para o mal. Apresentou a eles as mais fortes motivações possíveis para que se mantivessem fiéis. A obediência era a condição para a felicidade eterna e o acesso à árvore da vida.

O lar de nossos primeiros pais deveria ser um modelo para outros lares, quando seus filhos saíssem para ocupar a Terra. Hoje, as pessoas se orgulham dos edifícios magnificentes e casas riquíssimas que constroem, gloriando-se nas obras das próprias mãos, mas Deus colocou Adão em um jardim. Esta era uma lição para todos os tempos – a verdadeira felicidade não é encontrada na satisfação do orgulho e do luxo, mas na comunhão com Deus por meio das obras que Ele criou. O orgulho e a ambição nunca serão satisfeitos; porém, as pessoas verdadeiramente sábias encontrarão prazer real nas fontes de alegria que Deus colocou ao alcance de todos.

Ao casal no Éden foi confiado o jardim "para cuidar dele e cultivá-lo". Deus designou o trabalho como uma bênção para ocupar a mente, fortalecer o corpo e desenvolver as suas habilidades. Por meio da atividade mental e física, Adão encontrava um dos maiores prazeres de sua santa existência. É um erro considerar o trabalho uma maldição, mesmo que ele traga cansaço e dor. Há pessoas ricas que olham com desprezo para as classes trabalhadoras, mas isso não está em harmonia com o propósito de Deus ao criar o homem. Adão não deveria ficar na ociosidade. Nosso Criador, que compreende o que é melhor para a nossa felicidade, designou a Adão o seu trabalho. A verdadeira alegria da vida é encontrada apenas por homens e mulheres que se dedicam ao trabalho. O Criador não preparou nem um espaço sequer para a prática da preguiça.

Adão e Eva, como santo par, eram não apenas filhos sob o paternal cuidado de

Deus, mas estudantes que recebiam instruções diretamente do Criador, que é plenamente sábio. Eles eram visitados pelos anjos e tinham o privilégio de conversar face a face com Aquele que os havia criado. Estavam cheios do vigor fornecido pela árvore da vida, sua capacidade intelectual era somente um pouco menor que a dos anjos. As leis da natureza estavam abertas à sua mente pelo infinito Criador e Mantenedor de todas as coisas. Cada criatura vivente, desde a poderosa baleia que vive nas águas dos oceanos até o minúsculo inseto que flutua em um raio de sol, eram todos familiares para Adão. Ele deu a cada um o seu nome e conhecia a natureza e os hábitos de todos. Em cada folha da floresta, em cada estrela, na terra, no ar e no céu, em tudo estava escrito o nome de Deus. A ordem e a harmonia da criação falavam da infinita sabedoria e poder.

Enquanto Adão e Eva permanecessem fiéis à lei divina, eles estariam constantemente adquirindo novos tesouros do conhecimento, descobrindo novas fontes de felicidade e obtendo compreensões cada vez mais claras do imensurável e infalível amor de Deus.

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 1 e 2.

A Difícil Situação do Ser Humano*

Não estando mais livre para incitar a rebelião no Céu, Satanás encontrou um novo campo para tramar a ruína da raça humana. Movido pela inveja, decidiu trazer sobre Adão e Eva a culpa e a penalidade do pecado. Ele transformaria o amor deles em desconfiança, e os cânticos de louvor em críticas ao seu Criador. Assim, não somente mergulharia esses seres inocentes na miséria, mas lançaria a desonra sobre o nome de Deus e causaria grande pesar no Céu.

Mensageiros celestiais revelaram a nossos primeiros pais a história da queda de Satanás e suas ciladas para destruí-los, expondo a eles a natureza do governo divino que o príncipe do mal estava tentando destruir.

A lei de Deus é uma revelação da Sua vontade, uma transcrição do Seu caráter, a expressão do amor divino e de Sua sabedoria. A harmonia da criação depende da perfeita conformidade com a lei do Criador. Tudo se encontra sob leis fixas que não podem ser desrespeitadas. Dentre todos os que habitam na Terra, somente os seres humanos são responsáveis diante da lei moral. Deus lhes concedeu o poder para compreender a justiça e a bondade da Sua lei e deles requer contínua obediência.

Assim como os anjos, os moradores do Éden tiveram um período de tempo para mostrar o que fariam. Poderiam obedecer e viver, ou desobedecer e morrer. Aquele que não poupou os anjos que pecaram não podia poupá-los também; a transgressão traria sobre eles a miséria e a ruína.

Os anjos avisaram Adão e Eva para estarem atentos contra as armadilhas de Satanás. Se eles rejeitassem firmemente suas primeiras insinuações, estariam seguros. Caso cedessem à tentação, sua natureza se tornaria tão depravada que, por eles

mesmos, não teriam poder nem disposição para resistir a Satanás.

A árvore do conhecimento se tornou a prova de sua obediência e amor a Deus. Se eles não atendessem à Sua vontade nesse caso em especial, seriam considerados transgressores. Satanás não iria segui-los com tentações contínuas; poderia ter acesso a eles somente quando eles se aproximassem da árvore proibida.

Para realizar seu trabalho sem ser percebido, Satanás utilizou um disfarce. A serpente era uma das criaturas mais inteligentes e mais belas. Seu brilho era deslumbrante. Ao pousar na árvore proibida, saboreando o fruto delicioso, chamava a atenção e encantava os olhos. Assim, no jardim onde reinava a paz, o destruidor estava à espreita.

Os anjos preveniram Eva para que tivesse o cuidado de não se separar de seu marido. Ao lado dele, correria menos perigo do que quando estivesse sozinha. Sem se dar conta, ela saiu de perto de Adão. Esquecendo-se do aviso do anjo, logo estava contemplando, com uma mistura de admiração e curiosidade, a árvore proibida. O fruto era belo, e ela ficava imaginando por que Deus os tinha proibido de comê-lo.

Aquela era a oportunidade do tentador. "Foi isto mesmo que Deus disse: 'Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim'?" (Gn 3:1). Eva ficou surpresa ao ouvir o eco de seus pensamentos. A serpente continuou, fazendo elogios à grande beleza de Eva, e suas palavras a agradaram. Em vez de fugir dali, deteve-se para ouvir a serpente falar. O que ela não imaginava é que era Satanás falando por intermédio da fascinante serpente.

Ela respondeu: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: 'Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão'" (Gn 3:2, 3). Então a serpente disse à mulher: "Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal" (Gn 3:4, 5).

Ao provarem dessa árvore, declarou ela, alcançariam um estado mais elevado de vida. Disse ainda que ela mesma tinha comido e adquirido o dom da fala. Insinuou que, de maneira egoísta, o Senhor os havia proibido de comê-lo para que não se tornassem iguais a Ele; porque aquele fruto proporcionava sabedoria e poder. Por isso, Deus não permitia que eles provassem ou tocassem nele. Disse que a advertência divina fora feita simplesmente para intimidá-los. Como seria possível que eles morressem? Não tinham eles comido do fruto da árvore da vida? Deus estava tentando impedir que atingissem

um grau de desenvolvimento mais nobre e alcançassem maior felicidade.

Essa tem sido a obra de Satanás desde os dias de Adão até o presente. Ele tenta as pessoas a desconfiar do amor de Deus e a duvidar de Sua sabedoria. Em seus esforços para investigar o que Deus lhes negou, multidões desprezam as verdades que são essenciais para a salvação. Satanás tenta as pessoas a desobedecer, a acreditar que estão entrando em um campo maravilhoso do conhecimento. Tudo isso é um engano. Elas estão começando a descer por um caminho que conduz à degradação e à morte.

A Sutileza do Apelo de Satanás

Satanás disse ao santo casal que eles só teriam a ganhar se quebrassem a lei de Deus. Hoje, muitos afirmam ter mais liberdade do que aqueles que obedecem aos mandamentos de Deus e que estes têm uma visão estreita da vida. O que é isso senão um eco da voz do Éden? "Deus sabe que, no dia em que dele comerem" – transgredirem a ordem divina – "seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal" (Gn 3:5). Satanás não deixou transparecer que ele tinha sido expulso do Céu. Ele ocultou a própria angústia para arrastar outros à mesma posição. Assim, hoje os transgressores procuram disfarçar o seu verdadeiro caráter. Entretanto, estão do lado de Satanás, pisando a lei de Deus e levando outros à ruína eterna.

Eva duvidou das palavras de Deus, e foi isso que a levou à queda. No juízo, as pessoas não serão condenadas porque creram conscienciosamente em uma mentira, mas porque não acreditaram na verdade. Devemos firmar o nosso coração no conhecimento da verdade. Podemos estar certos de que qualquer coisa que venha a contradizer a Palavra de Deus procede de Satanás.

A serpente apanhou o fruto da árvore proibida e o colocou nas mãos de Eva ainda relutante. Fez com que ela recordasse das próprias palavras, ao afirmar que Deus os havia proibido de tocá-lo, senão morreriam. Vendo que nada de mal acontecia, Eva tomou coragem. Então, quando "viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o" (Gn 3:6). Enquanto comia, sentia como se estivesse entrando em uma esfera mais elevada da existência.

Depois de ter ela mesma transgredido a ordem divina, Eva se tornou o agente de Satanás para causar a ruína de seu marido. Em um estado de estranho entusiasmo fora do normal, com as mãos cheias do fruto proibido, ela saiu à sua procura e o encontrou.

Adão parecia surpreso e ao mesmo tempo horrorizado. Diante das palavras de Eva,

ele respondeu que aquilo poderia ser uma cilada do inimigo contra quem tinham sido advertidos. Conforme Deus tinha dito, ela deveria morrer. Em resposta, Eva insistia com ele: "Coma!" – repetindo as palavras da serpente de que certamente não morreriam. Ela não via evidência alguma do desagrado de Deus; porém, sentia uma deliciosa e estimulante influência vibrando por todo o seu corpo com uma nova vida.

Adão compreendeu que sua companheira tinha desobedecido à ordem de Deus. Travou-se uma terrível batalha em sua mente. Lamentava ter permitido que Eva saísse de perto dele. Entretanto, o ato estava consumado; ele teria que se separar da companhia daquela que tinha sido a sua alegria.

Como poderia suportar isso? Adão tinha desfrutado a companhia de Deus e dos santos anjos. Ele sabia qual era o destino reservado à raça humana se permanecessem fiéis a Deus. Mesmo assim, todas as bênçãos envolvidas desapareceram de sua vista diante do receio que tinha de perder aquela dádiva que, aos seus olhos, era de muito maior valor que todas as outras. O amor, a gratidão e a lealdade para com o Criador – tudo foi colocado de lado por amor a Eva. Ela era uma parte dele mesmo, e Adão não podia suportar a ideia da separação. Se ela deveria morrer, ele morreria com ela. Não poderiam ser verdadeiras as palavras da sábia serpente? Nenhum sinal de morte aparecia em Eva, então ele decidiu enfrentar as consequências. Tomou o fruto e o comeu rapidamente.

De início, após a sua transgressão, Adão imaginou estar entrando em uma esfera elevada de existência. Então o pensamento de seu pecado o encheu de terror. O amor e a paz que sentiam até então desapareceram, e em seu lugar experimentaram um sentimento de pecado, temor pelo futuro e um grande vazio interior. A veste de luz que os envolvia desapareceu e, para suprir sua falta, tentaram fazer uma cobertura. Não poderiam, enquanto estivessem sem roupa, enfrentar o olhar de Deus e dos santos anjos.

Eles começaram a ver então o verdadeiro caráter do pecado. Adão censurou sua companheira por ter se afastado dele e permitido que a serpente a enganasse. Ambos, porém, tentavam se convencer de que Deus, que tinha dado a eles tantas evidências de Seu amor, iria perdoá-los por essa única transgressão; que não seriam submetidos a um castigo tão terrível como receavam.

Satanás estava exultante. Tentou a mulher para que ela passasse a desconfiar do amor de Deus, a duvidar de Sua sabedoria e a transgredir Sua lei; finalmente, por meio dela, ocasionou a derrota de Adão!

Triste Mudança

O grande Legislador deveria comunicar a Adão e Eva as consequências de sua transgressão. Quando Adão e Eva eram inocentes e santos, eles ficavam felizes com a aproximação de seu Criador; naquele momento, porém, fugiram aterrorizados. "Mas o Senhor Deus chamou o homem, perguntando: 'Onde está você?' E ele respondeu: 'Ouvi Teus passos no jardim e fiquei com medo, porque estava nu; por isso me escondi.' E Deus perguntou: 'Quem lhe disse que você estava nu? Você comeu do fruto da árvore da qual lhe proibi comer?'" (Gn 3:9-11).

Adão colocou a culpa em sua esposa, lançando assim a culpa no próprio Deus: "Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi" (Gn 3:12). Por amor a Eva, ele propositalmente preferiu perder a aprovação de Deus e uma vida de eterna alegria; ali, então, procurou tornar sua companheira, e até mesmo o próprio Criador, responsáveis por sua transgressão.

Quando Ele perguntou à mulher: "Que foi que você fez?" Ela respondeu: "A serpente me enganou, e eu comi" (Gn 3:13). "Por que criaste a serpente?" "Por que permitiste que ela entrasse no Éden?" – essas eram perguntas que estavam envolvidas em sua primeira desculpa. O espírito de justificação própria foi alimentado por nossos primeiros pais tão logo se entregaram à influência de Satanás, e ele tem se manifestado em todos os filhos e filhas de Adão.

O Senhor pronunciou então a sentença sobre a serpente: "Uma vez que você fez isso, maldita é você entre todos os rebanhos domésticos e entre todos os animais selvagens! Sobre o seu ventre você rastejará, e pó comerá todos os dias da sua vida" (Gn 3:14). Da mais bela das criaturas do campo, ela se tornou a mais rasteira e a mais detestada de todas elas, temida tanto pelos homens como pelos animais. As palavras dirigidas à serpente a seguir foram aplicadas ao próprio Satanás como indicação de sua derrota e destruição final: "Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o Descendente dela; Este lhe ferirá a cabeça, e você Lhe ferirá o calcanhar" (Gn 3:15).

Eva foi informada a respeito da tristeza e dor que deveria sofrer: "Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará" (Gn 3:16). Deus a tinha criado igual a Adão. Infelizmente o pecado trouxe discórdia e, a partir de então, a união e a harmonia entre eles seriam mantidas e preservadas somente pela submissão da parte de um ou de outro. Eva tinha sido a primeira a transgredir a ordem de Deus. Foi por sua insistência que Adão pecou, assim, a partir desse momento, foi colocada em sujeição ao

seu marido. Dessa forma, o abuso da supremacia que foi dada ao homem tem muitas vezes trazido à mulher bastante amargura e transformado sua vida em um fardo.

Eva tinha sido muito feliz ao lado do esposo. Entretanto, ela se encheu de esperança com a possibilidade de entrar em uma esfera mais elevada que aquela que Deus lhe havia designado. Ao tentar elevar sua posição original, caiu muito mais abaixo do lugar onde estava. Em seus esforços para alcançar posições para as quais Deus não as habilitou, hoje, muitas pessoas estão deixando vago o lugar onde poderiam ser uma bênção.

Para Adão, o Senhor declarou: "Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual Eu lhe ordenara que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo. Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó, e ao pó voltará" (Gn 3:17-19).

Deus tinha concedido livremente a Adão e Eva o que era bom e retido o mal. Mesmo assim, eles comeram da árvore proibida; por isso, a partir de então, teriam o conhecimento do mal todos os dias de sua vida. Em vez de uma vida de trabalho feliz, teriam que enfrentar uma vida de ansiedade e trabalho árduo. Estariam sujeitos a decepções, pesares, dor e, finalmente, à morte.

Deus fez o primeiro casal para governar sobre a Terra e sobre todos os seres viventes. Quando eles se rebelaram contra a lei divina, as criaturas inferiores se rebelaram contra o seu domínio. Então o Senhor, em Sua grande misericórdia, mostraria ao povo a santidade de Sua lei e os levaria a ver o perigo que corriam se a colocassem de lado por pouco que fosse.

Um Plano de Restauração

A vida de muitas lutas e cuidados que dali em diante caberia à humanidade foi uma ordem dada com amor, uma forma de disciplina que se tornou necessária por causa do pecado, para impor um limite à satisfação do apetite e às paixões e desenvolver hábitos de domínio próprio. Fazia parte do grande plano de Deus para a restauração do homem.

A advertência dada aos nossos primeiros pais – "Não [comam] da árvore que está no meio do jardim, não [toquem] nele; do contrário vocês [morrerão]" (Gn 2:17) – não significava que deveriam morrer exatamente no dia em que comessem do fruto

proibido. Naquele dia, porém, a sentença irrevogável seria pronunciada. Naquele mesmo dia estariam condenados à morte.

Para que pudesse possuir uma existência sem fim, o homem deveria continuar a comer da árvore da vida. Não tendo mais esse direito, sua vitalidade iria diminuir gradualmente até que a vida se acabasse. Era plano de Satanás que Adão e Eva comessem da árvore da vida e assim perpetuassem uma existência de pecado e de sofrimento. Santos anjos foram comissionados para guardar a árvore da vida. Ao redor desses anjos flamejavam raios de luz semelhantes a espadas resplandecentes. A ninguém da família de Adão foi permitido ultrapassar aquela barreira; por isso é que não há pecadores imortais.

Seria Deus Severo Demais?

Muitas pessoas consideram a onda de desgraças desencadeadas pela transgressão de nossos primeiros pais como sendo uma consequência terrível demais para um pecado tão pequeno. Se analisassem mais profundamente essa questão, poderiam reconhecer o seu erro. Por Sua grande misericórdia, a prova que Deus designou a Adão não era severa. A própria leveza da proibição foi o que tornou o pecado excessivamente grande. Se tivesse sido designada alguma grande prova a Adão, então aqueles cujo coração se inclinam para o mal se desculpariam dizendo: "Essa é uma questão trivial, e Deus não é tão exigente a respeito de coisas pequenas."

Muitos que ensinam que a lei de Deus não tem mais validade para nós argumentam que é impossível obedecer aos seus preceitos. Se isso fosse verdade, por que Adão sofreu a pena máxima por tê-la transgredido? O pecado de nossos primeiros pais trouxe a culpa e a tristeza sobre o mundo e, se não fosse pela misericórdia de Deus, teria mergulhado a raça humana em terrível desespero. Que ninguém se engane. "O salário do pecado é a morte" (Rm 6:23).

Depois que pecaram, Adão e Eva suplicaram para permanecer no lar de sua inocência e alegria. Prometeram que no futuro prestariam total obediência a Deus. Foi dito a eles que a sua natureza tinha se tornado depravada por causa do pecado. Suas forças para resistir ao mal estavam diminuídas. A partir de então, por estarem totalmente conscientes de sua culpa, teriam menos poder para manter a sua integridade.

Com grande tristeza, despediram-se do belo lar e dali saíram para habitar na Terra, onde já estava presente a maldição do pecado. A atmosfera estava sujeita a grandes mudanças, e o Senhor, misericordiosamente, proveu uma roupa de peles para eles,

como uma forma de proteção contra o frio.

Ao testemunharem os primeiros sinais de decadência em uma flor que murchava ou numa folha que caía, Adão e sua companheira lamentaram muito mais profundamente do que as pessoas fazem hoje por seus mortos. Quando as lindas árvores deixaram cair suas folhas, a cena lhes trouxe à mente o fato cruel de que a morte havia se tornado o fim de todos os viventes.

O Jardim do Éden permaneceu na Terra por muito tempo depois que seus moradores foram banidos de seus agradáveis caminhos. Somente quando a maldade dos descendentes de Adão e Eva determinou a destruição pelas águas do dilúvio, a mão que plantou o Jardim do Éden o retirou da Terra. Quando Deus, no fim, restaurar todas as coisas, quando forem criados "novos céus e nova Terra", o Jardim do Éden será restabelecido, mais gloriosamente adornado que no princípio (Ap 21:1).

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 3.

O Plano Revelado

A queda de Adão e Eva encheu todo o Céu de tristeza. Parecia não haver um meio de escape para aqueles que transgrediram a lei. Os anjos cessaram os seus cânticos de louvor.

O Filho de Deus sentiu grande compaixão pela raça caída quando foram apresentadas diante dEle as desgraças do mundo perdido. O amor divino idealizou um plano por meio do qual o homem, que estava totalmente desamparado, poderia ser salvo. A lei de Deus, que havia sido quebrada, exigia a vida do pecador. Apenas um Ser igual a Deus poderia fazer a expiação por sua transgressão. Ninguém, a não ser Cristo, poderia salvar os pecadores da maldição da lei e levá-los novamente a viver em harmonia com o Céu. Cristo tomaria sobre Si a culpa e a vergonha do pecado para resgatar a raça caída.

O plano da salvação foi estabelecido antes da criação da Terra, pois Cristo é o "Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13:8); foi, porém, uma luta para o Rei do Universo entregar Seu Filho para morrer pela raça culpada. "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3:16, ARA). Oh, quão grande é o mistério da redenção! O amor de Deus por um mundo que não O amou!

Deus Se revelaria em Cristo, "reconciliando consigo o mundo" (2Co 5:19). Os seres humanos tinham se tornado tão degradados pelo pecado que era impossível para eles voltar a viver em harmonia com Deus, cuja natureza é de pureza e bondade. Cristo poderia comunicar o poder divino para que se unisse ao esforço humano. Assim, por meio do arrependimento para com Deus e pela fé em Cristo, os filhos caídos de Adão poderiam uma vez mais ser "filhos de Deus" (1Jo 3:2).

Os anjos não se alegraram quando Cristo revelou a eles o plano da redenção. Com pesar e admiração, ouviam Suas palavras, enquanto Ele lhes dizia como deveria entrar em contato com a degradação da Terra, suportar a tristeza, a vergonha e a morte. Ele Se humilharia descendo à posição do homem para participar pessoalmente das tristezas e tentações que homens e mulheres teriam que enfrentar, a fim de "socorrer aqueles que também estão sendo tentados" (Hb 2:18). Quando Sua missão como professor estivesse terminada, Ele seria submetido a todo tipo de insulto e tortura que Satanás poderia inspirar. Deveria morrer a mais cruel das mortes como um pecador culpado. Teria que suportar terrível angústia e a ocultação da face do Pai quando os pecados do mundo todo recaíssem sobre Ele.

Os anjos se ofereceram para se tornarem eles mesmos esse sacrifício pela raça humana. Apenas Aquele que havia criado o homem tinha o poder para redimi-lo. Cristo "por um pouco foi feito menor do que os anjos [...] por ter sofrido a morte" (Hb 2:9). Ao tomar a natureza humana sobre Ele, Sua força não seria igual a dos anjos, e eles é que deveriam fortalecê-Lo em Seus sofrimentos. Deveriam também guardar os súditos da graça do poder dos anjos maus.

No momento em que os anjos testemunhassem a agonia e a humilhação de seu Senhor, desejariam livrá-Lo de seus assassinos, mas não deveriam intervir. Fazia parte do plano que Cristo sofresse o desprezo e maus-tratos de homens ímpios.

Cristo garantiu aos anjos que, por Sua morte, Ele resgataria a muitos e recuperaria o reino que tinha sido perdido por causa da transgressão. Os remidos deveriam herdá-lo com Ele. Pecado e pecadores não mais existiriam, nunca mais perturbariam a paz do Céu e da Terra.

Então uma inexprimível alegria encheu o Céu. Pelas cortes celestiais ecoaram os primeiros acordes do cântico que deveria soar sobre as colinas de Belém: "Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens" (Lc 2:14). "As estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam" (Jó 38:7).

Deus Promete um Salvador

Na sentença pronunciada sobre Satanás no jardim, o Senhor declarou: "Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o Descendente dela; Este lhe ferirá a cabeça, e você Lhe ferirá o calcanhar" (Gn 3:15). Essa foi a promessa de que o poder de Satanás, o grande adversário, seria finalmente destruído. Adão e Eva permaneciam como transgressores diante do justo Juiz, mas antes que ouvissem da vida de lutas e tristezas que deveriam enfrentar, que retornariam ao pó, ouviram as

palavras que não os deixariam sem esperança. Eles poderiam olhar para o futuro e antever a vitória final.

Satanás sabia que sua obra para promover a degeneração da natureza humana seria interrompida, que de alguma forma o homem seria capacitado a resistir ao seu poder. Mesmo assim, ele se alegrava com seus anjos porque, depois de ter causado a queda do homem, conseguiria tirar o Filho de Deus de Sua exaltada posição. Quando Cristo tomasse sobre Si a natureza humana, Ele também poderia ser vencido.

Anjos celestiais revelaram de maneira ainda mais ampla aos nossos primeiros pais o plano para a sua salvação. Adão e sua companheira não seriam abandonados ao domínio de Satanás. Por meio do arrependimento e fé em Cristo, poderiam novamente se tornar filhos de Deus.

Adão e Eva viram, como nunca antes, a culpa do pecado e seus resultados. Suplicaram que a penalidade do pecado não recaísse sobre Aquele cujo amor tinha sido a fonte de toda a sua alegria; em vez disso, pediram que recaísse sobre eles e seus descendentes.

Foi dito a eles que, por ser a lei de Jeová a base do Seu governo, nem mesmo a vida de um anjo poderia ser aceita como sacrifício pela transgressão. Apenas o Filho de Deus, que os havia criado, poderia fazer a expiação por eles. Da mesma forma que a transgressão de Adão trouxe sofrimento e morte, o sacrifício de Cristo traria vida e imortalidade.

Quando foi criado, Adão recebeu o domínio de toda a Terra. Entretanto, ao ceder à tentação, ele se tornou prisioneiro de Satanás. O domínio passou para aquele que o tinha vencido. Assim, Satanás passou a ser "o deus desta era" (2Co 4:4). No entanto, Cristo, por Seu sacrifício, iria não somente redimir a família humana, mas restabeleceria o domínio por eles perdido. Tudo o que foi perdido pelo primeiro Adão será restaurado pelo segundo Adão (ver Mq 4: 8).

Deus criou a Terra para ser habitada por seres santos e felizes. Esse propósito se cumprirá quando, renovada pelo poder de Deus e libertada do pecado e da tristeza, ela se tornar a morada eterna do remidos.

Os Terríveis Frutos do Pecado

O pecado causou a separação entre Deus e a família humana, e somente a expiação feita por Cristo poderia transpor o abismo. Deus Se comunicaria com as pessoas por meio de Cristo e dos anjos.

A Adão foi revelado que, embora o sacrifício de Cristo fosse suficiente para salvar o mundo inteiro, muitos escolheriam viver uma vida de pecado em vez do arrependimento e obediência. O crime aumentaria ao longo das sucessivas gerações. A maldição do pecado repousaria mais e mais pesadamente sobre a raça humana e sobre a Terra. Os dias dos homens e das mulheres seriam abreviados por causa de sua trajetória de pecado; eles se degenerariam em sua força física, moral e intelectual até que o mundo se enchesse de todo tipo de sofrimento. Por meio da satisfação do apetite e das paixões, as pessoas se tornariam incapazes de apreciar as grandes verdades do plano da redenção. Mesmo assim, Cristo poderia suprir as necessidades de todos que fossem a Ele com fé. Sempre haveria alguns que preservariam o conhecimento de Deus e permaneceriam puros.

As ofertas sacrificais foram ordenadas como um reconhecimento de arrependimento pelo pecado e seriam também uma confissão de fé no prometido Redentor. Para Adão, o primeiro sacrifício foi uma oferta extremamente dolorosa. Sua mão deveria se erguer para tirar a vida que só Deus podia dar. Foi a primeira vez que ele testemunhou a morte. Ele sabia que, se tivesse sido obediente a Deus, nenhuma morte teria ocorrido. Adão tremia com o pensamento de que seu pecado faria derramar o sangue de Cristo, o imaculado Cordeiro de Deus. Essa cena lhe trazia um sentimento vívido da enormidade da sua transgressão que coisa alguma, a não ser a morte do amado Filho de Deus, poderia expiar. Uma estrela de esperança iluminou seu tenebroso futuro.

O Propósito mais Amplo da Redenção

O plano da redenção tinha um propósito ainda mais amplo e profundo que a salvação do homem. Não foi apenas para que os habitantes deste pequeno mundo pudessem dar à lei de Deus a consideração a ela devida, mas para vindicar o caráter de Deus perante o Universo. Foi olhando para esse grande resultado de Seu sacrifício, pouco antes de Sua crucifixão, que o Salvador exclamou: “Chegou a hora de ser julgado este mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. Mas Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim” (Jo 12:31, 32). A morte de Cristo pela salvação da humanidade justificaria Deus e Seu Filho quanto à maneira de lidar com a rebelião de Satanás, confirmaria a lei de Deus e revelaria a natureza e os resultados do pecado.

Desde o princípio, o grande conflito girou em torno da lei de Deus. Satanás procurava provar que Deus era injusto, que Sua lei era imperfeita e que para o bem do Universo era necessário que fosse mudada. Ao atacar a lei, seu objetivo era abolir a autoridade de Deus, seu Autor.

Quando Satanás venceu Adão e Eva, ele pensou que tinha adquirido a posse deste mundo "porque", dizia ele, "eles preferiram a mim como seu governante". Alegava que era impossível conceder o perdão ao pecador; que aqueles que pertenciam à raça caída eram todos legítimos súditos seus e que o mundo era seu. Deus, porém, deu o próprio Filho a fim de suportar a penalidade da transgressão. Assim, os pecadores poderiam ser restaurados ao Seu favor e levados novamente para o seu lar no Éden. O grande conflito iniciado no Céu deveria ser decidido aqui no mundo, no próprio campo que Satanás reclamava como seu.

Todo o Universo ficou maravilhado diante da humilhação de Cristo para salvar homens e mulheres caídos. Quando Cristo veio ao mundo em forma humana, todos estavam profundamente interessados em acompanhá-Lo ao percorrer Ele a trilha manchada de sangue, desde a manjedoura até o Calvário. O Céu observava o insulto e a zombaria que Cristo recebia. Os habitantes das cortes celestiais sabiam que tudo havia sido feito sob a instigação de Satanás. Todos observavam a batalha entre a luz e as trevas, cada vez mais violenta. Quando Cristo clamou sobre a cruz: "Está consumado!" (Jo 19:30), um grito de triunfo ressoou por todos os mundos e pelo próprio Céu. A grande batalha estava decidida, e Cristo era vencedor. Sua morte respondeu à pergunta se o Pai e o Filho tinham ou não amor suficiente pela humanidade para exercerem a abnegação e o espírito de sacrifício. Satanás revelou seu verdadeiro caráter como mentiroso e assassino. A uma só voz, o Universo fiel se uniu em reconhecimento à administração divina.

Se a lei de Deus tivesse sido abolida na cruz, como muitos alegam, então a agonia e a morte do amado Filho de Deus teriam sido suportadas apenas para dar a Satanás exatamente o que ele queria; então o príncipe do mal teria triunfado e suas acusações contra o governo divino seriam mantidas. O próprio fato de Cristo ter suportado o castigo pela desobediência humana é um poderoso argumento de que a lei é imutável; que Deus é justo, misericordioso e abnegado; e que a justiça e a misericórdia infinitas se unem na administração de Seu governo.

O Primeiro Assassino*

Caim e Abel, os filhos de Adão, possuíam um caráter totalmente diferente. Abel via justiça e misericórdia na maneira como o Criador tratava com a raça caída e aceitava agradecido a esperança da redenção. Caim, porém, permitiu que sua mente vagueasse pelo mesmo caminho que levou Lúcifer à queda – questionar a justiça e a autoridade divinas.

Esses irmãos foram provados para saber se creriam e obedeceriam às ordens de Deus. Compreendiam o sistema de ofertas ordenado por Deus. Estavam cientes de que deviam expressar sua fé no Salvador, a quem as ofertas representavam, e ao mesmo tempo reconhecer a total dependência dEle para o perdão. Sem derramamento de sangue não poderia haver remissão de pecado. Eles deveriam demonstrar sua fé no sangue de Cristo, como a expiação prometida, oferecendo o primogênito do rebanho em sacrifício.

Os dois irmãos construíram seus altares de modo semelhante, e cada um trouxe uma oferta. Abel apresentou um sacrifício escolhendo sua oferta no rebanho. "O Senhor aceitou com agrado Abel e sua oferta" (Gn 4:4). Desceu fogo do Céu e consumiu o sacrifício. Mas Caim, desrespeitando a ordem direta do Senhor, apresentou apenas uma oferta dos frutos da terra. Não houve sinal algum do Céu para mostrar que ela havia sido aceita. Abel implorou ao irmão que se aproximasse de Deus de acordo com a ordem divina, mas seus apelos tornaram Caim ainda mais determinado a seguir a própria vontade. Por ser mais velho, desprezou o conselho de seu irmão.

Caim se apresentou diante de Deus com ressentimento em seu coração. Sua oferta não expressava nenhuma tristeza pelo pecado, pois seria um reconhecimento de fraqueza da sua parte seguir exatamente o plano indicado por Deus, confiando sua

salvação completamente à expiação que seria feita por um Salvador prometido. Iria se apresentar diante dEle com os méritos de si mesmo. Não levaria o cordeiro nem misturaria seu sangue com a oferta, mas apresentaria seus frutos, produtos do seu trabalho, como um favor feito a Deus. Caim obedeceu ao construir o altar, obedeceu ao levar um sacrifício, mas prestou apenas uma obediência parcial. A essência – o reconhecimento da necessidade de um Redentor – foi excluída.

Tanto Caim como Abel eram pecadores e ambos reconheceram a supremacia de Deus quanto à reverência e a adoração. Externamente, a aparência de sua religião era a mesma até certo ponto; mas, a não ser por isso, a diferença era grande.

Diferença entre Caim e Abel

"Pela fé Abel ofereceu a Deus um sacrifício superior ao de Caim" (Hb 11:4). Abel viu a si mesmo como um pecador e enxergou tanto o pecado como sua penalidade – a morte – separando-o de Deus. Ele trouxe o cordeiro imolado, reconhecendo assim as reivindicações da lei que foi transgredida. Por meio do sangue derramado, ele olhou para Cristo morrendo na cruz. Confiando na expiação que ali seria feita, ele teve a certeza de que estava justificado e de que o Criador havia aceitado sua oferta.

Caim teve a mesma oportunidade de aceitar essas verdades. Deus não escolheu um irmão para ser aceito e outro rejeitado. Abel escolheu a fé e a obediência; Caim, a incredulidade e a desobediência.

Caim e Abel representam as duas classes que existirão até o fim da história da Terra. Uma se beneficia do sacrifício que foi estabelecido para a salvação do pecador; a outra confia nos próprios méritos. Aqueles que não sentem a necessidade do sangue de Cristo, que se sentem seguros da aprovação de Deus por suas obras, estão cometendo o mesmo erro de Caim.

Quase toda religião falsa está baseada no mesmo princípio – o homem pode confiar nos próprios esforços para obter a salvação. Alguns alegam que a raça humana pode não apenas se aperfeiçoar, mas se elevar e se regenerar por si mesma. Da mesma forma que Caim julgava estar seguro do favor divino, apresentando uma oferta em que faltava o sangue do sacrifício, assim também fazem aqueles que esperam elevar a humanidade ao padrão divino, independentemente da expiação feita por Jesus. A história de Caim nos mostra que a humanidade não tem a tendência de olhar para cima, para o que é divino, mas para as coisas de baixo, que são satânicas. Cristo é a nossa única esperança (ver Atos 4:12).

A fé verdadeira será revelada por meio da obediência a todos os mandamentos de Deus. Desde os dias de Adão até o presente, o grande conflito tem sido com relação à obediência à lei de Deus. Em todas as épocas existiram aqueles que se achavam no direito de obter o favor de Deus mesmo quando deixavam de obedecer a algumas de Suas ordens. Entretanto, foi pelas obras que "a fé foi aperfeiçoada" e, sem as obras de obediência, a fé "está morta" (Tg 2:22, 17). Aquele que professa conhecer a Deus "mas não obedece aos Seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele" (1Jo 2:4).

Quando Caim viu que sua oferta havia sido rejeitada, ficou irado porque Deus não aceitou sua oferta substituta em lugar do sacrifício por Ele ordenado e também se enfureceu contra seu irmão, que preferiu obedecer a Deus em vez de se unir em rebelião contra Ele.

Deus não deixou Caim entregue a si mesmo, mas Se dispôs a conversar com ele, que se mostrou tão insensato. "Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta" (Gn 4:6, 7). Se ele confiasse nos méritos do Salvador prometido e obedecesse às ordens de Deus, desfrutaria o favor de Deus.Por outro lado, se ele persistisse na descrença e no pecado, não teria razão para se queixar por ter sido rejeitado pelo Senhor.

Em vez de reconhecer seu pecado, Caim continuou a reclamar da injustiça de Deus e a nutrir inveja e rancor contra Abel. Com mansidão, embora de maneira firme, Abel defendeu a justiça e a bondade de Deus. Ele mostrou o erro de Caim e tentou convencê-lo de que a falha estava nele mesmo. Enfatizou a compaixão de Deus ao poupar a vida de seus pais quando Ele poderia tê-los punido com a morte instantânea. Insistiu, dizendo que Deus os amava; senão, não teria dado Seu Filho, inocente e santo, para sofrer a pena que eles teriam que pagar. Tudo isso fez com que Caim ficasse ainda mais irado. A razão e a consciência lhe diziam que Abel estava certo, mas ele estava irado por não ter sido compreendido em sua rebelião. Furioso, ele matou seu irmão.

Assim, em todas as épocas, os ímpios odiaram aqueles que eram melhores do que eles. "Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, temendo que as suas obras sejam manifestas" (Jo 3:20).

O assassinato de Abel foi o primeiro exemplo da inimizade entre a serpente e a semente da mulher – entre Satanás e Cristo, cada qual com seus seguidores. Sempre que, pela fé no Cordeiro de Deus, uma pessoa se recusa a atender ao pecado, Satanás fica irado. A vida santa de Abel foi um testemunho contra a alegação de Satanás de que

guardar a lei de Deus é impossível para os seres humanos. Quando Caim viu que não podia dominar Abel, ficou tão irado que destruiu a vida do irmão. Onde quer que alguém se coloque em defesa da lei de Deus, o mesmo espírito será manifestado. Apesar disso, todo mártir que morreu por Jesus morreu como um vencedor (ver Ap 12:9, 11).

Caim, o assassino, logo foi chamado para responder por seu crime. "Então o Senhor perguntou a Caim: 'Onde está seu irmão Abel?' Respondeu ele: 'Não sei; sou eu o responsável por meu irmão?'" (Gn 4:9). Ele recorreu à falsidade para esconder sua culpa.

A Sentença de Caim

Novamente o Senhor perguntou a Caim: "O que foi que você fez? Escute! Da terra o sangue do seu irmão está clamando" (Gn 4:10). Caim teve tempo suficiente para refletir. Ele compreendia quão horrível era a natureza do ato que havia praticado e a mentira que havia proferido para tentar ocultá-lo; mas ele ainda continuou sendo rebelde, e a sentença não mais foi adiada. A voz divina pronunciou as terríveis palavras: "Agora amaldiçoado é você pela terra, que abriu a boca para receber da sua mão o sangue do seu irmão. Quando você cultivar a terra, esta não lhe dará mais da sua força. Você será um fugitivo errante pelo mundo" (Gn 4:11, 12).

Por causa de Sua misericórdia, Deus ainda poupou a vida de Caim e lhe deu a oportunidade de arrependimento. Mesmo assim, Caim viveu somente para endurecer cada vez mais o coração, para estimular a rebelião contra a autoridade divina e para se tornar o chefe de toda uma linhagem de pecadores obstinados. Sua influência exerceu uma força desmoralizadora até que toda a Terra se tornou tão corrupta e cheia de violência que foi preciso ser destruída.

A negra história de Caim e de seus descendentes foi um exemplo de qual teria sido o resultado de permitir que o pecador vivesse para sempre a fim de continuar em sua rebelião contra Deus. A paciência de Deus não convenceu o ímpio a deixar de ser ousado e desafiador. Quinze séculos após ter sido pronunciada a sentença sobre Caim, o crime e a corrupção inundaram a Terra. Estava claro que a sentença de morte sobre a raça caída era não apenas justa, mas um ato de misericórdia. Quanto mais tempo os homens viviam em pecado, mais degradados e imprudentes se tornavam.

Satanás está em constante atividade para deturpar o caráter e o governo de Deus a fim de manter os habitantes do mundo sob seus enganos. Deus vê o fim desde o princípio. Seus planos foram abrangentes e de longo alcance, não somente para pôr um fim à rebelião, mas demonstrar a natureza dessa rebelião para todo o Universo,

reafirmando amplamente a Sua sabedoria e justiça na maneira de lidar com o mal.

Os habitantes de outros mundos observavam com profundo interesse a condição existente na Terra antes do dilúvio. Eles viram os resultados da forma de governo que Lúcifer tinha tentado estabelecer no Céu, colocando de lado a lei de Deus. Os pensamentos do coração humano eram somente maus, continuamente (ver Gn 6:5), e em conflito com os princípios divinos da pureza, da paz e do amor. Esse foi um exemplo da terrível depravação resultante da astúcia de Satanás.

Pelos fatos revelados no desenrolar do grande conflito, Deus tem a simpatia de todo o Universo, enquanto, passo a passo, o Seu grande plano avança para o cumprimento final na completa destruição da rebelião. Ficará constatado que todos aqueles que rejeitaram os preceitos divinos estavam do lado de Satanás na luta contra Cristo. Quando o príncipe deste mundo for julgado e todos os que se uniram a ele participarem de sua sorte, o Universo inteiro exclamará: "Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações!" (Ap 15:3).

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 4:1-15.

Homens Fiéis a Deus*

Adão teve outro filho que seria o herdeiro da primogenitura espiritual. O nome Sete, dado a esse filho, significava "designado" ou "compensação"; a mãe escolheu esse nome porque, segundo ela mesma: "Deus me concedeu um filho no lugar de Abel, visto que Caim o matou'" (Gn 4:25). Sete era muito mais parecido com Adão do que os outros filhos, tinha um caráter digno e seguia os passos de Abel. Mesmo assim, não herdou mais bondade natural do que Caim. Sete, assim como Caim, herdou a natureza caída de seus pais. No entanto, ele recebeu também o conhecimento do Redentor e instrução na justiça. Ele trabalhou como Abel teria trabalhado, caso estivesse vivo, para que a mente dos pecadores voltasse a reverenciar e obedecer ao seu Criador.

"Também a Sete nasceu um filho, a quem deu o nome de Enos. Nessa época começou-se a invocar o nome do Senhor" (Gn 4:26). A distinção entre as duas classes se tornou mais evidente – por parte de uma havia uma grande profissão de fidelidade a Deus, por parte de outra havia desprezo e desobediência.

Antes da queda, nossos primeiros pais guardaram o sábado que foi instituído no Éden e, depois de serem expulsos do Paraíso, eles continuaram a observá-lo. Compreenderam que todos, mais cedo ou mais tarde, vão entender não só que as leis divinas são sagradas e imutáveis, mas que a penalidade para a transgressão certamente se seguirá. O sábado foi honrado por todos aqueles que permaneceram fiéis a Deus. Entretanto, Caim e seus descendentes não respeitaram o dia em que Deus descansou.

Caim fundou então uma cidade e deu a ela o nome de seu filho mais velho. Ele saiu da presença do Senhor para ir em busca de riquezas e prazeres na Terra, tornando-se o líder daquela grande classe de pessoas que adoravam o deus deste mundo. No que diz

respeito aos meros progressos materiais e terrestres, os seus descendentes se destacaram bastante. Entretanto, eram contrários aos propósitos de Deus para a raça humana. Ao assassinato, Lameque, o quinto na descendência de Caim, acrescentou a poligamia. Abel tinha levado uma vida de pastor de ovelhas, e os descendentes de Sete seguiram o mesmo caminho, considerando-se "estrangeiros e peregrinos na Terra", em busca de uma "pátria melhor, isto é, a pátria celestial" (Hb 11:13, 16).

Por algum tempo, as duas classes permaneceram separadas. A descendência de Caim se espalhou a partir do lugar em que primeiramente se estabeleceu, dispersando-se depois pelos vales e planícies onde os filhos de Sete habitavam. Para fugirem de sua influência contaminadora, eles se retiraram para as montanhas, e lá mantiveram o culto a Deus em sua pureza inicial. Depois de algum tempo, começaram a se misturar com os habitantes dos vales. "Os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram bonitas" (Gn 6:2). Os filhos de Sete desagradaram ao Senhor quando eles se casaram com elas. Muitos adoradores de Deus foram atraídos pelas seduções que estavam constantemente diante deles e perderam a santidade de seu caráter. Ao se misturarem com a raça corrompida, tornaram-se como eles. As restrições ao sétimo mandamento deixaram de ser obedecidas, "e eles escolheram para si aquelas que lhes agradaram" (Gn 6:2). Os filhos de Sete "seguiram o caminho de Caim" (Jd 11). Eles não apenas mantiveram a mente fixa na prosperidade e nas alegrias mundanas, mas também desprezaram os mandamentos do Senhor. O pecado se espalhou amplamente na Terra.

A Longa Vida de Adão

Durante quase mil anos, Adão procurou impedir a propagação do mal. Ele recebeu ordens para instruir seus descendentes nos caminhos do Senhor e guardou como um tesouro o que Deus lhe havia revelado, repetindo esses ensinos às gerações que o sucederam. Por nove gerações, ele descreveu a santa e feliz condição em que vivia no Paraíso, repetindo a história da sua queda. Contou a eles a respeito dos sofrimentos pelos quais Deus havia lhe ensinado a necessidade da estrita lealdade à Sua lei e explicou a respeito das misericordiosas provisões feitas para a sua salvação. Entretanto, ele tinha que enfrentar frequentemente amargas reprovações pelo pecado que havia trazido tamanha desgraça sobre seus descendentes.

Quando deixou o Éden, o pensamento de que deveria morrer fazia com que Adão estremecesse de horror. Cheio de remorso por seu pecado e lamentando a dupla perda pela morte de Abel e a rejeição de Caim, Adão foi dominado pelo peso da angústia. Embora a sentença de morte tenha parecido terrível no início, ao contemplar os resultados do pecado por quase mil anos, naquele momento, ele entendeu que era um

ato de misericórdia de Deus pôr fim a uma vida de sofrimento e de tristeza.

Os anos que antecederam o dilúvio não foram, como muitos imaginavam, uma era de ignorância e de selvageria. As pessoas não apenas eram dotadas de grande força física e mental, mas tinham vantagens incomparáveis. Suas faculdades mentais se desenvolviam muito cedo, e aqueles que viviam no temor de Deus continuavam a crescer em conhecimento e sabedoria por toda a vida. Comparados a eles, os famosos intelectuais de nosso tempo pareceriam muitas vezes inferiores, tanto em força física como mental. À medida que ia diminuindo tanto a expectativa de vida das pessoas quanto a sua força física, também era reduzida a sua capacidade mental.

É verdade que as pessoas hoje desfrutam os benefícios daquilo que outros que viveram antes delas realizaram. Mentes superdotadas deixaram suas obras para aqueles que viriam depois. As vantagens das pessoas daquele tempo eram muito maiores. Por centenas de anos, tiveram entre eles aquele que foi formado à imagem de Deus. Adão havia aprendido do próprio Criador a história da criação; ele mesmo havia testemunhado os acontecimentos ocorridos por mais de nove séculos. Os antediluvianos eram donos de uma memória poderosa para reter o que era comunicado a eles e depois transmitir isso de forma intacta aos seus descendentes. Por centenas de anos, existiram sete gerações vivendo na terra ao mesmo tempo, aproveitando entre si o conhecimento e a experiência de todas elas.

Longe de ser uma era de trevas religiosas, foi uma época de grande luz. Todo o mundo teve a oportunidade de receber a instrução de Adão. Aqueles que temiam ao Senhor tinham não só a Cristo, mas também os anjos como seus instrutores. Tiveram uma testemunha silenciosa da verdade, o jardim de Deus, que por muitos séculos permaneceu na Terra. O Éden permanecia bem à vista, com sua entrada vedada por anjos que a vigiavam. O objetivo do jardim e a história das suas duas árvores eram fatos indiscutíveis. A existência e suprema autoridade de Deus eram verdades que as pessoas demoraram a questionar enquanto Adão estava entre eles.

Apesar da iniquidade que prevalecia, uma linhagem de homens santos, seguidores de Deus, viviam como que na companhia do Céu – pessoas com inteligência excepcional e talentos maravilhosos. Eles tinham uma sagrada missão – desenvolver um caráter de justiça para ensinar a lição da santidade, tanto às pessoas de seu tempo, quanto às futuras gerações. Apenas poucos são mencionados na Bíblia, mas em todas as épocas Deus teve testemunhas fiéis, adoradores de coração sincero.

O Primeiro Homem que Nunca Morreu

Enoque viveu 65 anos e gerou um filho. Depois disso, andou com Deus por trezentos anos. Ele era um dos que preservavam a verdadeira fé, os antepassados da Semente prometida. Dos lábios de Adão, ele aprendeu a respeito da história da queda e da graça de Deus, conforme revelado na promessa, e confiou na vinda do Redentor no futuro.

Depois do nascimento de seu primeiro filho, Enoque alcançou uma experiência mais elevada. Quando viu o amor do filho por seu pai, sua confiança pura em sua proteção, ao sentir a profunda ternura de seu coração por aquele primeiro filho, ele entendeu uma lição preciosa sobre o maravilhoso amor de Deus no dom de Seu Filho. O infinito amor de Deus demonstrado em Cristo acabou se tornando o tema de suas meditações, de dia e de noite. Enoque procurou revelar esse amor ao povo ao seu redor.

Para ele, andar com Deus não era uma forma de arrebatamento ou visão, mas ocorria em todas as atividades da vida diária. Como esposo e pai, amigo, cidadão, ele demonstrava ser um servo inabalável do Senhor.

Seu coração estava em harmonia com a vontade de Deus; pois "duas pessoas andarão juntas se não estiverem de acordo?" (Am 3:3). Continuou a andar de maneira santa por mais trezentos anos. Sua fé se tornava cada vez mais forte, e maior era o seu amor, com o passar dos séculos.

Enoque era um homem de grande conhecimento, honrado com as revelações especiais vindas de Deus. Apesar disso, foi um dos homens mais humildes. Assim ele permanecia diante do Senhor. Para ele, a oração era tão importante quanto a respiração; ele vivia na própria atmosfera do Céu.

Por meio dos santos anjos, Deus revelou a Enoque não apenas o Seu propósito de destruir o mundo por um dilúvio, mas também o plano da redenção de uma forma mais ampla, mostrando a ele os grandes acontecimentos relacionados à segunda vinda de Cristo e ao fim do mundo.

Ele não conseguia entender a questão dos mortos. Ele achava que tanto os justos como os ímpios voltariam ao pó da mesma forma e que esse seria o seu fim. Não conseguia ver a vida do justo além do túmulo. Em visão profética, Enoque foi instruído a respeito da morte de Cristo e de Sua vinda em glória, acompanhado de todos os santos anjos. Viu também o estado de corrupção do mundo quando Cristo viesse pela segunda vez – que haveria uma geração orgulhosa, prepotente, voluntariosa, que pisava a lei e desprezava a obra expiatória. Ele viu os justos coroados de glória e honra e os

ímpios sendo destruídos pelo fogo.

Enoque se tornou um pregador da justiça e transmitia as mensagens enviadas por Deus a todos os que as desejassem ouvir. Na terra em que Caim procurou fugir da presença divina, o profeta relatava maravilhosas cenas que lhe foram mostradas em visão. "Vejam", dizia ele, "o Senhor vem com milhares de milhares de Seus santos, para julgar a todos e convencer todos os ímpios a respeito de todos os atos de impiedade" (Jd 14, 15).

Enquanto ele pregava o amor de Deus em Cristo, reprovava os pecados que prevaleciam e advertia que o juízo certamente viria sobre o transgressor. Não são somente coisas agradáveis que são faladas por homens santos. Deus coloca nos lábios de Seus mensageiros verdades que são penetrantes e incisivas como uma espada de dois gumes.

Alguns davam ouvidos às mensagens de advertência, mas as multidões seguiam mais ousadamente em seus maus caminhos. Assim também, a última geração zombará das advertências dos mensageiros do Senhor.

Em meio a uma vida de muito trabalho, Enoque manteve firmemente sua comunhão com Deus. Após permanecer por algum tempo entre o povo, ele se retirava para ficar a sós, para saciar a sede e a fome que tinha do conhecimento divino. Por viver em constante comunhão com Deus, Enoque refletia mais e mais a imagem divina. Seu rosto brilhava com a luz que resplandece no semblante de Jesus.

Ao se passarem os anos, a maré da transgressão humana avançava cada vez mais, e mais negras se tornavam as nuvens do juízo divino. Mesmo assim, Enoque continuava em seu caminho, advertindo, apelando, suplicando e se esforçando para que essa tendência regredisse. Embora seus apelos fossem ignorados por aquele povo pecador e amante dos prazeres, Enoque tinha a certeza da aprovação de Deus. Continuou a lutar contra o mal até que Deus o retirou deste mundo de pecado e o levou para as puras alegrias do Céu.

Trasladado para o Céu

As pessoas daquela geração zombavam de Enoque porque ele não procurava juntar riquezas neste mundo. O coração dele estava nos tesouros eternos. Ele viu o Rei em Sua glória no meio da cidade de Sião. Tanto a mente quanto o coração e o estilo de vida de Enoque estavam nas coisas celestiais. Quanto maior era a iniquidade existente, maior era o seu anseio pelo lar celestial.

Por trezentos anos, Enoque andou com Deus. Dia a dia, almejava uma união mais íntima; cada vez mais próximo ficava o seu relacionamento até que Deus o tomou para Si. Depois de andar tanto tempo com Deus na Terra, ele continuou essa caminhada e passou pelos portais da Cidade Santa – o primeiro entre os habitantes da Terra a entrar lá.

Sua falta foi sentida na Terra. Alguns, tanto justos como ímpios, testemunharam sua partida. Aqueles que o amavam, procuraram muito por ele, mas sem resultado. Para eles, Enoque não "foi encontrado" porque Deus o tinha levado.

Pela trasladação de Enoque, o Senhor desejava ensinar uma importante lição. Havia o perigo de homens e mulheres se desanimarem por causa dos terríveis resultados do pecado de Adão. Muitos estavam prontos a clamar: "O que ganhamos por termos temido ao Senhor e observado as Suas leis, sendo que uma pesada maldição recaiu sobre a raça humana, e a morte será o fim de todos nós?" Satanás estava estimulando a crença de que não há recompensa para os justos nem punição para os ímpios e que era impossível para os seres humanos obedecer aos preceitos divinos. No caso de Enoque, Deus queria mostrar o que Ele sempre vai fazer pelos que guardam os Seus mandamentos. As pessoas eram ensinadas que é possível obedecer à lei de Deus, que eram capazes de, por Sua graça, resistir à tentação e se tornarem puros e santos. A trasladação de Enoque foi uma prova da veracidade de sua profecia a respeito do futuro, com sua recompensa de vida imortal para os que forem obedientes e de condenação para o transgressor.

"Pela fé Enoque foi arrebatado, de modo que não experimentou a morte; [...] pois, antes de ser arrebatado recebeu testemunho de que tinha agradado a Deus" (Hb 11:5). O caráter piedoso desse profeta representa o estado de santidade que deve ser alcançado por aqueles que serão "comprados da Terra" (Ap 14:3) por ocasião da segunda vinda de Cristo. O pecado vai prevalecer, assim como aconteceu no mundo antes do dilúvio, Muitos vão se rebelar contra a autoridade do Céu. Como Enoque, o povo de Deus buscará a pureza de coração, vivendo de acordo com a Sua vontade até que esses justos reflitam a semelhança com Cristo. Vão advertir o mundo quanto à segunda vinda do Senhor e, por seu exemplo de santidade, condenarão os pecados dos infiéis. Da mesma forma como Enoque foi trasladado para o Céu, os justos vivos serão trasladados antes da destruição da Terra pelo fogo (ver 1Co 15:51, 52; 1Ts 4:16-18).

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 4:25-6:2.

Destruído pela Água*

Nos dias de Noé, uma dupla maldição repousava sobre a Terra, como resultado do pecado de Adão e do assassinato cometido por Caim. Ainda assim, a Terra era bela. As colinas eram coroadas com árvores majestosas; as planícies exalavam a doce fragrância de milhares de flores. Os frutos da Terra eram de uma imensa variedade, quase sem limite. As árvores ultrapassavam em tamanho e perfeita proporção a qualquer uma que hoje exista. Sua madeira era nobre, tão dura quanto pedra, e quase com a mesma durabilidade. O ouro, a prata e as pedras preciosas existiam em abundância.

A raça humana ainda conservava grande parte do vigor que tinha no princípio. Havia muitos gigantes, reconhecidos por sua sabedoria, hábeis em imaginar as obras mais engenhosas e extraordinárias; porém, permitiram que sua vida de pecado não tivesse limites.

Deus havia concedido dons especiais a esses antediluvianos, mas eles usaram Sua generosidade para a exaltação própria, transformando-os em maldição ao colocarem suas afeições nos dons e não no Doador. Procuravam se superar uns aos outros na ornamentação e decoração de suas moradas com a mais habilidosa mão de obra. Deleitavam-se em cenas de prazer e perversidade. Não desejavam conhecer nada mais a respeito de Deus e logo passaram a negar Sua existência. Glorificavam o gênio humano, adoravam as obras das próprias mãos e ensinavam os filhos a se curvarem diante das imagens de escultura criadas por eles.

O salmista descreve os efeitos produzidos no adorador por prestar culto aos ídolos: "Tornem-se como eles aqueles que os fazem e todos os que neles confiam" (Sl 115:8). É uma lei do espírito humano que pela contemplação somos transformados. Se a mente

nunca se eleva acima do nível da humanidade, se não é levada a contemplar a sabedoria e o amor infinitos, o ser humano decairá constantemente, e cada vez mais e mais baixo. "O Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado na Terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal. [...] Ora, a Terra estava corrompida aos olhos de Deus e cheia de violência" (Gn 6:5, 11). Sua lei era transgredida, e o resultado foi a prática de todo pecado que se podia imaginar. A justiça foi lançada ao pó e os clamores dos oprimidos alcançaram o Céu.

Indiferença para com a Vida Humana

A poligamia começou a ser praticada logo no início, embora fosse contrária ao plano de Deus. Apesar de Deus ter dado uma só esposa a Adão, as pessoas decidiram seguir seus desejos pecaminosos após a queda. Como resultado, o crime e o sofrimento aumentaram rapidamente. Nem o casamento nem os direitos de propriedade eram respeitados. Os homens se divertiam com a violência. Sentiam prazer em destruir os animais. O uso da carne como alimento fazia com que eles se tornassem ainda mais sedentos de sangue. Assim, acabaram desprezando totalmente até mesmo a vida humana.

O mundo estava em sua infância, mas a maldade havia se espalhado tanto que Deus disse: "Farei desaparecer da face da Terra o homem que criei" (Gn 6:7). Ele declarou que Seu Espírito não ficaria brigando para sempre com a raça culpada. Se não parassem de pecar, Ele os eliminaria da Sua criação; destruiria os animais e a vegetação que fornecia abundante provisão de alimento, e transformaria a linda Terra em um vasto cenário de destruição.

Um Barco Preserva a Vida

Cento e vinte anos antes do dilúvio, o Senhor revelou a Noé o Seu plano e orientou-o a construir uma arca. Noé precisava contar a todos que Deus iria trazer um dilúvio de águas sobre a Terra. Aqueles que acreditassem na mensagem e se preparassem, por meio do arrependimento e reforma de sua vida, receberiam o perdão e seriam salvos. Matusalém e seus filhos, que viveram para ouvir a pregação de Noé, ajudaram na construção da arca.

Deus deu a Noé as dimensões exatas da arca e o instruiu sobre como construí-la. A sabedoria humana não poderia ter idealizado uma estrutura tão resistente e durável. Deus foi o Arquiteto e Noé o construtor-mestre. A arca tinha três andares de altura com apenas uma porta em um dos lados. A entrada de luz era por cima, e os diversos compartimentos estavam dispostos de tal maneira que todos eram iluminados. O

material empregado era a madeira de cipreste de Gofer, resistente ao apodrecimento por centenas de anos. A construção dessa imensa estrutura foi um processo bastante lento. Por causa do tamanho das árvores e da qualidade da madeira, foi exigido muito mais trabalho naquela época que nos dias de hoje para prepará-la. Tudo o que era possível ao homem fazer foi feito para a realização de um trabalho perfeito. Mesmo assim, a arca, por si mesma, não era capaz de resistir à tempestade. Somente Deus poderia preservar Seus servos da fúria das águas.

"Pela fé Noé, quando avisado a respeito de coisas que ainda não se viam, movido por santo temor, construiu uma arca para salvar sua família. Por meio da fé ele condenou o mundo e tornou-se herdeiro da justiça que é segundo a fé" (Hb 11:7). Enquanto Noé pregava a mensagem de advertência, sua fé era aperfeiçoada e se tornou evidente, um exemplo daquele que crê exatamente no que Deus diz. Tudo o que ele tinha foi empregado na arca. Ao começar a construir aquele imenso barco, multidões vinham de todas as direções para ver a estranha cena e ouvir as fervorosas palavras do pregador.

No início, muitos apareciam para ouvir a mensagem que estava sendo pregada; porém, não se voltaram para Deus em verdadeiro arrependimento. Vencidos pela incredulidade que predominava, eles se uniram aos seus antigos companheiros, rejeitando a mensagem solene. Alguns ficaram convencidos e teriam atendido ao apelo, mas eram tantos os que zombavam de Noé que acabaram entrando no mesmo espírito, resistiram aos convites de misericórdia e logo se encontraram entre os mais ousados zombadores. Ninguém vai tão longe no pecado como aqueles que já receberam uma vez a luz, mas resistiram ao convincente Espírito de Deus.

Nem todas as pessoas daquela geração foram idólatras. Muitos afirmavam ser adoradores de Deus. Alegavam que seus ídolos eram representações da Divindade e que, por meio deles, podiam obter uma concepção mais clara do Ser divino. Essas pessoas eram as principais a rejeitar a pregação de Noé e, finalmente, declararam que a lei divina não estava mais em vigor, que era contrário ao caráter de Deus punir a desobediência. Tinham a mente tão cegada pela rejeição que realmente acreditavam que a mensagem de Noé não passava de uma ilusão.

O mundo tinha se posicionado contra a justiça de Deus e Suas leis, e Noé era considerado um fanático. Grandes homens – mundanos, honrados e também os sábios – diziam: "As ameaças de Deus são apenas para nos intimidar e nunca vão se cumprir. A destruição do mundo e a punição dos seres que Ele criou nunca vão acontecer pelas mãos do Criador. Não tenham medo, Noé é um fanático perturbado." Eles continuaram

em sua desobediência e impiedade, como se Deus não tivesse falado por meio de Seu servo.

Noé, porém, permanecia como uma rocha em meio à tempestade. A ligação com Deus fez com que ele ficasse mais forte ainda na força do Poder infinito. Durante cento e vinte anos, sua voz solene soou aos ouvidos daquela geração, advertindo a respeito dos acontecimentos que, de acordo com a sabedoria humana, eram impossíveis.

Até então, nunca havia chovido; a terra era regada por uma neblina ou orvalho. Os rios nunca passavam dos seus limites e levavam com segurança as suas águas para o mar. Deus fixou leis que impediam as águas de transbordar para além de suas margens (ver Jó 38:11).

O tempo foi passando, mas o coração das pessoas, que era muitas vezes tomado pelo medo, começou a ficar tranquilo. Eles achavam que a natureza estava acima do Deus da natureza. Se a mensagem de Noé estivesse correta, a natureza teria que se desviar de seu curso. Mostraram desprezo pelos avisos de Deus ao continuar fazendo tudo o que faziam antes de receberem as advertências. Continuaram com suas festas e banquetes de glutonarias. Comiam e bebiam, plantavam e construíam, fazendo planos para o futuro. Afirmavam que, se houvesse qualquer verdade no que Noé dizia, pessoas de renome – os sábios, os que eram mais prudentes e os grandes homens – estariam a par do que estava acontecendo.

O tempo de graça estava para terminar. A arca estava concluída, do jeito que o Senhor tinha determinado, e nela foram armazenados alimentos para homens e animais. Então o servo de Deus fez seu último e solene apelo ao povo. Noé implorou que buscassem refúgio enquanto ainda havia tempo. Mais uma vez, eles rejeitaram suas palavras e gritaram em zombaria.

De repente, animais de todas as espécies foram vistos saindo das montanhas e das florestas. Eles caminhavam em silêncio até a arca. As aves saíram em revoada de todas as direções e, em perfeita ordem, entraram na arca. Com Noé, os animais "entraram na arca" (Gn 7:9) de dois em dois, e os animais limpos, sete pares de cada espécie. Filósofos foram chamados para explicar esse acontecimento tão singular. A raça condenada procurava banir seus crescentes temores com divertimentos ruidosos, parecendo convidar sobre eles o castigo da ira divina que já tinha despertado.

Deus ordenou a Noé: "Entre na arca, você e toda a sua família, porque você é o único justo que encontrei nesta geração" (Gn 7:1). A sua influência e exemplo

resultaram em bênçãos. Deus salvou com ele todos os membros de sua família.

Um Anjo Fecha a Porta

Os animais do campo e as aves do céu tinham entrado na arca para se refugiarem. Noé e sua família estavam dentro da arca, "então o Senhor fechou a porta" (Gn 7:16). A porta era tão pesada que era impossível ser fechada pelos que estavam dentro da arca. Mãos invisíveis giraram a porta vagarosamente para o seu lugar. Noé foi fechado lá dentro, e aqueles que rejeitaram a misericórdia de Deus ficaram do lado de fora. Assim também será fechada a porta da misericórdia quando Cristo cessar Sua obra de intercessão em favor dos pecadores, antes de Sua vinda nas nuvens do céu. A partir daí, a graça divina não vai mais conter os ímpios, e Satanás terá pleno domínio sobre aqueles que rejeitaram a misericórdia divina. Eles vão tentar destruir o povo de Deus; mas, assim como Noé foi fechado dentro da arca, os justos também estarão protegidos pelo poder divino.

Depois que Noé e sua família entraram na arca, durante sete dias não houve sinal algum de que cairia uma tempestade. Nesse período, sua fé foi provada. Foi um tempo de triunfo para o mundo lá fora. As pessoas ainda zombavam das manifestações do poder de Deus. Multidões se reuniam ao redor da arca. Elas se divertiam e debochavam daqueles que estavam lá dentro, com uma coragem e arrogância que jamais tinham demonstrado antes.

No oitavo dia, nuvens negras se espalharam pelo céu. Relâmpagos riscavam o céu, seguidos do barulho assustador dos trovões. Logo, pesadas gotas de chuva começaram a cair. O mundo nunca tinha testemunhado nada parecido, e o coração das pessoas foi tomado pelo medo. Todos se perguntavam: "Será que Noé estava certo e o mundo está condenado à destruição?" Os animais vagueavam desesperados, de um lado para outro, no mais intenso terror. Então "as fontes das grandes profundezas jorraram, e as comportas do céu se abriram" (Gn 7:11). As nuvens transbordavam como se fossem poderosas cataratas. Os rios ultrapassaram seus limites e inundaram os vales. Jatos de água irrompiam da terra com força indescritível.

Primeiro as pessoas viram seus esplêndidos edifícios e os lindos jardins e bosques onde haviam colocado seus ídolos serem destruídos pelos raios que caíam do céu. Altares onde haviam sido oferecidos sacrifícios humanos eram derrubados e os adoradores estremeciam diante do poder do Deus vivo.

A violência da tempestade foi aumentando cada vez mais. O terror das pessoas e dos animais era indescritível. Acima do rugido da tormenta, era possível ouvir os

lamentos de homens e mulheres que haviam desprezado a autoridade de Deus. O próprio Satanás, que foi obrigado a permanecer entre os elementos em fúria, temeu por sua vida. Ele pronunciava maldições contra Deus, acusando-O de injustiça. Muitos, como Satanás, blasfemavam contra Deus. Outros, em pânico diante do terror, estendendo as mãos para a arca, imploravam a Noé para que ele os deixasse entrar. Finalmente sua consciência havia sido despertada para entenderem que há um Deus que governa nos Céus.

Chamaram pelo Criador com todas as suas forças, mas os ouvidos dEle não estavam mais abertos para ouvir seu clamor. Naquela hora terrível, perceberam que a transgressão da lei de Deus havia determinado a ruína deles. Mesmo assim, não se humilharam, não se entristeceram nem sentiram qualquer aversão pelo mal. Teriam desafiado novamente o Céu caso o juízo tivesse sido removido.

Alguns se agarraram à arca até serem levados pelas águas revoltas, ou o local onde se apoiavam se desprendeu ao colidir com as rochas e árvores. A pesada arca estremecia em cada fibra ao ser chacoalhada por fortes ventos. Os gritos dos animais dentro dela exprimiam o medo e a dor por que estavam passando. Mesmo assim, a arca continuou a flutuar em segurança. Anjos foram enviados para guardá-la.

Alguns pais amarraram seus filhos e a si mesmos em cima de grandes animais, porque sabiam que estes se apegariam ao máximo à vida e subiriam aos lugares mais altos para escapar das águas que subiam mais e mais. Outros se amarravam às mais altas árvores no topo das colinas ou montanhas, mas as árvores eram arrancadas desde a raiz e arremessadas para dentro das ondas. À medida que as águas subiam, o povo fugia em busca de refúgio nas montanhas mais altas. A todo momento havia homens e animais lutando entre si por um lugar mais alto, onde pudessem firmar os pés, até serem arrastados pelas águas.

Dos picos mais altos, pessoas em desespero olhavam para um oceano sem praias. As solenes advertências do servo de Deus não mais pareciam motivo de zombaria. Aqueles pecadores condenados suplicavam por mais uma hora de graça, mais um apelo que viesse dos lábios de Noé! Era preciso que o amor em forma de justiça divina pusesse um fim ao pecado. Os zombadores de Deus morreram na escuridão das profundezas.

As Condições Antes do Dilúvio

Os pecados que clamaram por vingança sobre o mundo antediluviano também existem hoje. O temor de Deus foi banido do coração humano. Sua lei é tratada com

indiferença e desprezo. "Pois nos dias anteriores ao dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca; e eles nada perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do homem" (Mt 24:38, 39). Deus não condenou a geração antediluviana por comer e beber. Deu a eles os frutos da terra em grande abundância para suprir suas necessidades físicas. O seu pecado foi usar esses dons sem demonstrar gratidão para com o Doador, satisfazendo o apetite sem restrições. Era lícito se casarem. Ele deu instruções especiais sobre esse relacionamento, revestindo-o de santidade e beleza. No entanto, o casamento foi pervertido para que servisse às paixões.

Condições Semelhantes Hoje

Uma condição semelhante existe hoje. O apetite é satisfeito sem restrições. Mesmo alguns dos que dizem ser seguidores de Cristo estão comendo e bebendo com os ímpios. A intemperança amortece as faculdades morais e espirituais, levando à satisfação das paixões mais baixas. Multidões se tornam escravas da imoralidade e vivem apenas para os prazeres sensuais. A extravagância invade a sociedade. As pessoas sacrificam a integridade pelo luxo e ostentação. A fraude, o suborno e o roubo são praticados normalmente sem serem repreendidos. A mídia traz relatos de crimes cometidos com tanto sangue-frio que o instinto de preservação da vida humana parece ter se extinguido. Essas atrocidades se tornam tão comuns que quase não provocam surpresa. O ímpeto das paixões e da ilegalidade, uma vez fora de controle, vão encher a Terra de maldição e desolação. O mundo antediluviano representa a condição para a qual se encaminha rapidamente a sociedade moderna.

Deus enviou Noé para advertir o mundo a fim de que o povo pudesse ser levado ao arrependimento e escapasse da ameaça de destruição. Ao se aproximar o tempo da segunda vinda de Cristo, o Senhor enviará Seus servos com uma mensagem de advertência ao mundo para que este se prepare para esse grande acontecimento. Multidões vivem transgredindo a lei de Deus, e agora, em Sua misericórdia, Ele os convida a obedecer aos Seus sagrados mandamentos. O perdão é oferecido a todos os que abandonarem os seus pecados, por meio do arrependimento e fé em Cristo. Muitos, porém, ainda rejeitam Suas advertências e negam a autoridade da Sua lei.

De toda a vasta população existente na Terra antes do dilúvio, apenas oito pessoas creram e obedeceram à Palavra de Deus dada por meio de Noé. Assim, antes que o Legislador venha para punir os desobedientes, os pecadores serão aconselhados a se arrepender; mas a maioria não dará ouvidos a essas advertências. "Antes de tudo saibam que, nos últimos dias, surgirão escarnecedores zombando e seguindo suas

próprias paixões. Eles dirão: 'O que houve com a promessa da Sua vinda? Desde que os antepassados morreram, tudo continua como desde o princípio da criação'" (2Pe 3:3, 4).

Jesus fez a significativa pergunta: "Quando o Filho do homem vier, encontrará fé na Terra?" (Lc 18:8). "O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios" (1Tm 4:1) "Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis" (2Tm 3:1).

Quando a Porta da Graça Se Fechar

Quando o tempo para a sua salvação estava chegando ao fim, os antediluvianos se entregaram às festas e aos divertimentos mais empolgantes, preenchendo a vida com alegria e prazer. Em nossos dias, o mundo está absorvido na busca do prazer. Um ciclo constante de estímulos sensuais impede que as pessoas sejam impressionadas com as únicas verdades que podem salvá-las da destruição vindoura.

Nos dias de Noé, os filósofos declaravam que era impossível o mundo ser destruído pela água. Da mesma forma, hoje, mentes científicas tentam mostrar que o mundo não pode ser destruído pelo fogo. Quando todos consideraram a profecia de Noé uma ilusão, havia chegado o tempo de Deus agir. O Legislador é maior que as leis da natureza. "Assim como foi nos dias de Noé, [...] acontecerá exatamente assim no dia em que o Filho do homem for revelado" (Lc 17:26, 30). "O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo [...], e a Terra, e tudo o que nela há, será desnudada" (2Pe 3:10).

Quando os líderes religiosos apontarem para um futuro de longas eras de paz e prosperidade, e o mundo estiver absorvido em plantar e edificar, em banquetes e divertimentos, rejeitando as advertências de Deus e zombando de Seus mensageiros – então é que "a destruição virá sobre eles de repente, [...] e de modo nenhum escaparão" (1Ts 5:3).

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 6 e 7.

Um Novo Começo*

As águas ultrapassaram as montanhas mais altas. O barco foi lançado de um lado para outro por cinco longos meses. A família que estava na arca pensava que não sobreviveria. Foi uma prova severa, mas Noé não teve a sua fé abalada.

Quando as águas começaram a baixar, o Senhor fez com que a arca flutuasse até chegar a um lugar seguro entre as montanhas que tinham sido preservadas por Seu poder. Essas montanhas estavam a pouca distância umas das outras, e a arca flutuou até esse local tranquilo. Isso trouxe grande alívio aos viajantes cansados de serem arrastados pela tempestade.

Noé e sua família esperavam ansiosamente sair e pisar na terra novamente. Quarenta dias depois que o topo das montanhas começou a aparecer, eles enviaram um corvo para descobrir se havia terra seca. A ave, não encontrando nada a não ser água, continuou a voar, indo e voltando para a arca. Sete dias depois, foi enviada uma pomba. Ela não encontrou onde pousar e retornou para a arca. Noé esperou mais sete dias e soltou a pomba novamente. Quando ela voltou no fim da tarde com uma folha de oliveira no bico, houve grande alegria. Com muita paciência, Noé esperou por mais sete dias e aguardou por instruções especiais para deixar a arca.

Finalmente um anjo abriu a pesada porta e disse ao patriarca e sua família que saíssem para a terra firme e levassem com eles todos os animais. Noé não se esqueceu dAquele que os havia preservado por meio de Seu amorável cuidado. Seu primeiro ato foi construir um altar e oferecer sacrifício, expressando assim sua gratidão a Deus pelo livramento e sua fé em Cristo, o grande sacrifício. Essa oferta foi agradável ao Senhor e trouxe bênçãos não só a Noé e sua família, mas a todos os que vivessem sobre a Terra. "O Senhor [...] disse a Si mesmo: 'Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa do homem

[...]. Enquanto durar a terra, plantio e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite jamais cessarão'" (Gn 8:21, 22). Noé saiu para uma terra desolada; mas antes de fazer uma casa para si mesmo, construiu um altar para Deus. Ele tinha muito pouco gado; mesmo assim, ofereceu alegremente uma parte ao Senhor, como reconhecimento de que tudo era dEle. Da mesma forma, nós devemos reconhecer Sua misericórdia para conosco, dedicando nossa devoção e ofertas à Sua causa.

Sinal da Bondade de Deus

Para que as pessoas não temessem a vinda de outro dilúvio, o Senhor fez uma promessa que animou a família de Noé: "Estabeleço uma aliança com vocês: [...] nunca mais haverá dilúvio para destruir a Terra. [...] O Meu arco que coloquei nas nuvens. Será o sinal da Minha aliança com a Terra. Quando Eu trouxer nuvens sobre a Terra e nelas aparecer o arco-íris, então Me lembrarei da Minha aliança com vocês e com os seres vivos de todas as espécies [...] que vivem na Terra" (Gn 9:11-16).

A generosidade de Deus e a Sua compaixão para com as Suas criaturas é muito grande! Isso não quer dizer que Deus jamais Se esqueceria, mas Ele fala em uma linguagem que podemos entender. Quando os filhos perguntassem o significado do arco que aparece no céu, os pais deveriam repetir a história do dilúvio e dizer a eles que o próprio Deus o colocou nas nuvens como uma promessa de que as águas nunca mais inundariam a Terra novamente. Assim, cada geração testificaria do amor divino pela humanidade e a confiança em Deus seria fortalecida.

No Céu, algo parecido com um arco-íris circunda o trono de Deus e forma um arco sobre a cabeça de Cristo (Ez 1:28; Ap 4:2, 3). Quando a grande impiedade do homem atrai os juízos divinos, o Salvador intercede junto ao Pai, apontando para o arco nas nuvens, para o arco-íris ao redor do trono, como um sinal de Sua misericórdia para com o pecador arrependido.

"É como os dias de Noé, quando jurei que as águas de Noé nunca mais tornariam a cobrir a Terra. De modo que agora jurei não ficar irado contra você, nem tornar a repreendê-la. [...] Minha fidelidade para com você não será abalada, nem será removida a Minha aliança de paz', diz o Senhor, que tem compaixão de você" (Is 54:9, 10).

Quando Noé viu os poderosos animais selvagens saindo da arca, ele temeu, mas o Senhor enviou um anjo com a mensagem para lhe dar segurança: "Todos os animais da Terra tremerão de medo diante de vocês: os animais selvagens, as aves do céu, as criaturas que se movem rente ao chão e os peixes do mar; eles estão entregues em suas mãos. Tudo o que vive e se move servirá de alimento para vocês. Assim como lhes dei

os vegetais, agora lhes dou todas as coisas" (Gn 9:2, 3).

Antes desse tempo, Deus não havia permitido que o homem comesse alimentos animais; mas agora que toda erva verde tinha sido destruída, ele permitiu que comessem a carne dos animais limpos que haviam sido preservados na arca.

Toda a superfície da Terra foi modificada pelo dilúvio. Em todos os lugares havia corpos mortos sobre a terra. O Senhor não poderia permitir que ficassem se decompondo e contaminando o ar. Um vento forte, que soprou para fazer as águas secarem, removeu-os com grande força. Em alguns casos, o vento carregou até os cumes das montanhas, amontoando árvores, pedras e terra sobre os corpos mortos. Dessa mesma forma, a prata e o ouro, madeiras de qualidade e pedras preciosas, que tinham enriquecido o mundo antes do dilúvio, ficaram ocultos. A violenta ação das águas acumulou terra e rochas sobre esses tesouros, formando montanhas sobre eles. Deus viu que quanto mais Ele fazia homens pecadores prosperarem e enriquecerem, mais eles corrompiam os seus caminhos diante dEle.

As montanhas, que antes eram tão bonitas, passaram a ser íngremes e irregulares. Rochas acidentadas e pontiagudas estavam espalhadas por toda a face da Terra. Onde antes estavam os tesouros mais ricos de ouro, prata e pedras preciosas eram vistas as marcas mais pesadas da maldição. A devastação atingiu mais levemente os territórios que não eram habitados e onde o número de crimes era menor.

Quando Jesus voltar, serão vistas manifestações mais terríveis ainda e que o mundo jamais viu. As montanhas arderão como fornalha e derramarão correntes de lavas ao se unirem os raios do céu com o fogo da Terra, destruindo jardins e campos, vilas e cidades. Por toda parte haverá terríveis terremotos e erupções.

Deus destruirá os ímpios da Terra. Os justos, porém, serão preservados assim como Noé foi guardado na arca. Diz o salmista: "Se você fizer do Altíssimo o seu abrigo, do Senhor o seu refúgio, nenhum mal o atingirá" (Sl 91:9, 10; ver também verso 14 e Sl 27:5).

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 7:20-9:7.

O Início da Semana Literal

Assim como o sábado, a semana teve a sua origem na criação e foi preservada ao longo da história bíblica. O próprio Deus determinou qual seria a extensão da primeira semana. Era constituída por seis dias literais, de 24 horas. Seis dias foram empregados na obra da criação. No sétimo dia, Deus descansou, e então o separou como dia de descanso para o homem. "Lembra-te do dia do sábado para santificá-lo. [...] Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou" (Êx 20:8, 11).

Essa parece ser uma boa razão, e bastante convincente também, quando entendemos os dias da criação como dias literais. Os primeiros seis dias da semana nos são dados para o trabalho. No sétimo dia, devemos deixar o trabalho de lado para comemorar o descanso do Criador.

O ensino de que foram necessários milhares de anos para que os acontecimentos da primeira semana da criação passassem a existir é uma prova de incredulidade em sua forma mais falsa e perigosa. Seu verdadeiro caráter está tão disfarçado que é defendido e ensinado por muitos que professam crer na Bíblia. "Mediante a palavra do Senhor foram feitos os céus, e os corpos celestes, pelo sopro da Sua boca" (Sl 33:6). A Bíblia não reconhece que houve longas eras em que a Terra evoluiu lentamente do caos em que se achava. Para cada dia que se sucedeu na criação, o registro sagrado declara que consistiu de tarde e manhã, como todos os outros dias que se seguiram.

Os geólogos alegam ter provas de que a Terra é muito mais antiga do que a Bíblia ensina. Foram descobertos ossos de homens e animais, muito maiores do que qualquer um existente hoje; com isso, muitos concluem que a Terra foi povoada durante longas

eras antes do tempo apresentado no registro da criação. Esse raciocínio tem levado muitos que afirmam crer na Bíblia a adotarem a opinião de que os dias da criação foram formados por longos e indefinidos períodos de tempo.

No entanto, fora da história bíblica, a geologia não pode provar nada. Vestígios encontrados no solo dão prova de condições que diferem do que ocorre no presente em vários aspectos, mas o tempo em que essas condições existiram pode ser entendido somente com base no Registro Inspirado. Na história do dilúvio, a Inspiração explicou o que a geologia por si só jamais conseguiria descobrir. Nos dias de Noé, homens, animais e árvores – muitas vezes maiores do que aquelas que existem hoje – foram soterrados e, assim foram preservados como prova para as gerações posteriores de que os povos que habitavam na Terra naquela época pereceram por causa de um dilúvio. Era desígnio de Deus que a descoberta dessas coisas firmasse a fé na história inspirada. Mesmo assim, muitos hoje, com seus falsos raciocínios, caem no mesmo erro que os povos antediluvianos – as coisas que Deus deu a eles como benefício, eles transformaram em maldição ao fazerem mau uso delas.

Há um esforço constante para explicar a criação como sendo resultado de causas naturais. Até mesmo professos cristãos aceitam o raciocínio humano contrário aos fatos apresentados nas Escrituras. Muitos se opõem ao estudo das profecias, especialmente de Daniel e Apocalipse, alegando que não podemos entendê-las. Essas mesmas pessoas aceitam avidamente as suposições apresentadas por geólogos que contradizem o relato de Moisés. A maneira exata como Deus realizou a obra da criação, Ele jamais revelou ao homem; a ciência humana não pode penetrar nos segredos do Altíssimo (ver Dt 29:29).

Aqueles que abandonam a Palavra de Deus e procuram explicar as obras por Ele criadas com base nos princípios científicos estão navegando em um oceano desconhecido sem mapa ou bússola. Mesmo as mentes mais privilegiadas, se não forem guiadas pela Palavra de Deus em suas pesquisas, ficam desnorteadas em suas tentativas para encontrar uma relação entre a ciência e a revelação. Aqueles que duvidam dos registros do Antigo e do Novo Testamento serão levados a dar um passo a mais e passarão a duvidar da existência de Deus. Então, ao perderem sua âncora, ficarão batendo de um lado para outro nas rochas da incredulidade e do desespero.

A Bíblia não deve ser provada por ideias científicas humanas. Céticos, por meio de uma compreensão equivocada, tanto da ciência como da revelação, alegam ter encontrado contradições entre elas; mas, quando corretamente entendidas, elas estão em perfeita harmonia. Moisés escreveu sob a direção do Espírito de Deus, e uma teoria

verdadeira relacionada à geologia nunca apresentará descobertas que não estejam em harmonia com suas declarações.

Harmonia entre a Verdadeira Ciência e a Bíblia

Na Palavra de Deus são levantadas muitas questões que eruditos jamais poderão responder. Há muitas coisas comuns no dia a dia que mentes humanas nunca poderão entender de uma forma completa, mesmo com toda a sua sabedoria.

Ainda assim, os cientistas pensam que podem compreender a sabedoria de Deus. A ideia de que Ele está limitado pelas leis que criou é amplamente divulgada. As pessoas ignoram a Sua existência ou acham que têm explicações para tudo, até mesmo para a atuação do Seu Espírito no coração humano; e não mais reverenciam o Seu nome.

Muitos ensinam que a natureza é regida por leis fixas, nas quais o próprio Deus não pode interferir. Essa é uma ciência falsa. A natureza é serva do Seu Criador. Deus não coloca de lado Suas leis; Ele as usa continuamente como Seus instrumentos. Há na natureza uma contínua atividade do Pai e do Filho. Cristo diz: "Meu Pai continua trabalhando até hoje, e Eu também estou trabalhando" (Jo 5:17).

Com relação a este mundo, a obra da criação realizada por Deus está concluída; pois as Suas obras estavam "concluídas desde a criação do mundo" (Hb 4:3). Sua energia ainda é exercida ao sustentar os objetos de Sua criação. Cada respiração, cada pulsação é uma prova do cuidado universal dAquele em quem nós "vivemos, nos movemos e existimos" (At 17:28). A mão de Deus guia os planetas e os mantém em sua posição. Ele "põe em marcha cada estrela do Seu exército celestial, e a todas chama pelo nome. Tão grande é o Seu poder e tão imensa a Sua força, que nenhuma delas deixa de comparecer!" (Is 40:26). Por Seu poder, a vegetação floresce, as folhas aparecem e as flores desabrocham. Ele "faz crescer a relva nas colinas" (Sl 147:8), e por meio dEle os vales se tornam férteis. "Os animais da floresta [...] buscando de Deus o alimento" (Sl 104:20, 21), e toda criatura vivente, desde o menor inseto até o homem, todos dependem diariamente do Seu cuidado providencial.

Toda verdadeira ciência está em harmonia com Suas obras; toda verdadeira educação conduz à obediência ao Seu governo. A ciência revela novas maravilhas à nossa vista; voa mais e mais alto e explora novas profundezas, mas em suas pesquisas nada traz que entre em conflito com a revelação divina. O livro da natureza e a Palavra Escrita lançam luz um sobre o outro.

Podemos continuar sempre buscando, sempre aprendendo; mas, ainda assim

haverá o infinito à nossa frente. As obras da criação são testemunhas do poder e da grandeza de Deus (ver Sl 19:1). Aqueles que fazem da Palavra Escrita o seu conselheiro encontrarão na ciência um ponto de apoio para entender Deus. "Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, Seu eterno poder e Sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas" (Rm 1:20).

Línguas Confundidas*

Para repovoar a Terra que estava desolada, Deus preservou apenas uma família, a casa de Noé. Deus disse a ele: “Você é o único justo que encontrei nesta geração” (Gn 7:1). Apesar disso, já estava prefigurado o caráter de seus descendentes por intermédio dos três filhos de Noé: Sem, Cão e Jafé.

Noé, falando por inspiração divina, previu a história das três grandes raças que teriam esses homens como pais. Seguindo a linhagem de Cão, por meio do filho em vez de o pai, ele declarou: “Maldito seja Canaã! Escravo de escravos será para seus irmãos” (Gn 9:25). O ato antinatural de Cão revelou seu caráter corrupto. Essas más características se perpetuaram em Canaã e seus descendentes.

Por outro lado, a reverência demonstrada por Sem e Jafé para com as leis divinas, trouxe a esperança de um futuro mais promissor aos seus descendentes. Com relação a esses filhos foi declarado: “Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem! E seja Canaã seu escravo. Amplie Deus o território de Jafé; habite ele nas tendas de Sem, e seja Canaã seu escravo” (Gn 9:26, 27). A linhagem de Sem deveria ser a do povo escolhido. Abraão e o povo de Israel seriam descendentes dele, e por meio deste povo é que Cristo devia vir. E “habite ele [Jafé] nas tendas de Sem”. Os descendentes de Jafé deveriam participar especialmente das bênçãos do evangelho.

A linhagem de Canaã desceu às mais degradantes formas de paganismo. Embora a maldição profética a tenha condenado à escravidão, Deus suportou sua corrupção até que passaram dos limites. Então eles se tornaram escravos dos descendentes de Sem e Jafé.

A profecia de Noé não determinou o caráter e o destino de seus filhos; porém,

mostrou qual seria o resultado do caminho que tinham escolhido e do caráter que tinham desenvolvido. Como regra, os filhos herdam as disposições e tendências de seus pais e imitam o seu exemplo. Da mesma forma, a corrupção e a irreverência de Cão foram reproduzidas em seus descendentes, trazendo maldição sobre eles por muitas gerações.

Por outro lado, como foi grandemente recompensado o respeito de Sem por seu pai e quão nobre e honrada é a linhagem de homens santos que aparece como seus descendentes!

Durante algum tempo, os descendentes de Noé continuaram a viver entre as montanhas onde a arca ficou ancorada. Ao crescerem em número, a apostasia os levou à divisão. Aqueles que não queriam mais se lembrar do seu Criador e desejavam se libertar das restrições de Sua lei ficavam aborrecidos com os ensinos e exemplo de seus vizinhos tementes a Deus. Depois de algum tempo, decidiram se separar. Assim, eles se mudaram para Sinear, às margens do rio Eufrates, atraídos pela beleza daquele lugar e pela fertilidade do solo.

Ali resolveram construir uma cidade e nela uma torre tão alta que se tornaria a maravilha do mundo. A ordem de Deus era que o povo se dispersasse, mas esses construtores de Babel decidiram manter sua comunidade unida e fundar um reino que finalmente abrangesse toda a Terra. Então a cidade se tornaria a capital de um império universal. Sua glória atrairia a admiração e os aplausos de todo o mundo. A majestosa torre, que alcançaria até o céu, tinha por objetivo permanecer como um monumento do poder e sabedoria de seus construtores.

Aqueles que foram habitar na planície de Sinear não acreditavam no pacto feito por Deus de que Ele não traria um dilúvio sobre a Terra novamente. Um dos objetivos para construir a torre era garantir sua segurança em caso de outro dilúvio. Já que tinham conseguido subir à altura das nuvens, esperavam entender a causa do dilúvio. O objetivo principal do projeto era exaltar ainda mais aqueles que o haviam idealizado e desviar de Deus a mente das futuras gerações.

Quando a torre estava parcialmente construída, de repente, o trabalho que estava avançando também foi interrompido. Anjos foram enviados para deter o projeto dos construtores. A torre havia alcançado uma grande altura, e os trabalhadores que estavam em diferentes pontos recebiam e passavam para os outros os pedidos do material de que necessitavam. À medida que as mensagens eram passadas de um para outro, a língua foi confundida de tal maneira que as instruções transmitidas eram

frequentemente o oposto daquelas que haviam sido dadas. Todo o trabalho foi interrompido. Os construtores não conseguiam explicar a razão dos estranhos mal-entendidos entre eles. Em sua ira e decepção, acusavam uns aos outros. Como prova do desagrado de Deus, raios vindos do Céu destruíram a parte superior da torre e a lançaram ao solo.

O Propósito ao Confundir as Línguas

Até aquela época, todos falavam a mesma língua. A partir de então, aqueles que compreendiam a fala uns dos outros se uniram em grupos. Uns foram para uma direção e outros para outra. "Assim o Senhor os dispersou dali por toda a Terra" (Gn 11:8). Essa dispersão foi um meio de povoar a Terra; e assim o propósito do Senhor foi cumprido por intermédio dos próprios meios pelos quais alguns haviam tentado impedir que ele se realizasse.

Que perda! Era plano de Deus que, quando as pessoas saíssem para habitar as várias partes da Terra, levassem consigo a luz da verdade. Noé, o fiel pregador da justiça, viveu trezentos e cinquenta anos depois do dilúvio; assim, seus descendentes tiveram a oportunidade de aprender a respeito dos preceitos divinos e da história sobre como Deus lidou com a raça humana. Entretanto, eles não tinham o desejo de preservar o conhecimento a respeito de Deus; e devido à confusão de línguas, não conseguiram mais se comunicar com aqueles que poderiam lhes trazer maior luz.

Satanás estava tentando provocar desrespeito para com as ofertas sacrificais que simbolizavam a morte de Cristo. Como as pessoas estavam com a mente obscurecida pela idolatria, ele as levou a perverter essas ofertas, sacrificando os próprios filhos nos altares construídos para os seus deuses. Ao se afastarem de Deus, os atributos do caráter divino – a justiça, a pureza e o amor – eram substituídos pela opressão, violência e brutalidade.

Os moradores de Babel decidiram estabelecer um governo independente de Deus. Contudo, alguns entre eles temiam ao Senhor. Por amor a esses que eram fiéis, o Senhor adiou os Seus juízos e concedeu tempo ao povo para revelar seu verdadeiro caráter. Os que temiam a Deus tentaram convencê-los a desistir de seu plano, mas o povo se uniu em seu ousado projeto contra o Céu. Se tivessem continuado sem serem impedidos, teriam corrompido o mundo em sua infância. Se essa aliança entre eles tivesse sido permitida, uma grande potência teria surgido para banir a justiça da Terra – e, com ela, a paz, a felicidade e a segurança.

Aqueles que temiam ao Senhor clamavam a Ele para que interviesse. "O Senhor

desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo" (Gn 11:5). Em Sua misericórdia para com o mundo, Deus frustrou os planos dos construtores da torre. Ele confundiu a língua, inutilizando assim os planos de rebelião. Deus suporta por longo tempo a maldade humana, mas dá oportunidade para o arrependimento. De tempos em tempos, Sua mão invisível é estendida para reprimir a iniquidade. O mundo obtém prova inequívoca de que o Criador do Universo é o Governante Supremo do Céu e da Terra. Ninguém pode desafiar Seu poder sem colher os resultados!

Existem ainda construtores de torres em nossos dias. Os humanistas se atrevem a dar sua sentença sobre o governo moral de Deus. Desprezam Sua lei e se vangloriam da inteligência humana. Então, "quando os crimes não são castigados logo, o coração do homem se enche de planos para fazer o mal" (Ec 8:11).

A Torre de Babel Atual

Muitos se desviam dos claros ensinos da Bíblia e criam doutrinas baseadas em especulações humanas e em fábulas que agradam aos ouvidos. Depois apontam para a sua "torre" como se ela fosse um caminho para subir ao Céu. Lábios eloquentes ensinam que o pecador não morrerá, que a salvação pode ser conseguida sem a obediência à lei de Deus. Se os professos seguidores de Cristo aceitassem a norma ordenada por Deus, ela os levaria à verdadeira unidade. Enquanto a sabedoria humana for exaltada e colocada acima de Sua santa Palavra, haverá divisões e dissensão. A confusão existente entre crenças e denominações que vivem em conflito é muito apropriadamente representada pelo termo *Babilônia*, que a profecia aplica às igrejas amantes do mundo nos últimos dias (ver Ap 14:8; 18:2).

A hora do juízo de Deus se aproxima. Seu soberano poder será revelado; as obras do orgulho humano cairão por terra.

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 9:25-27; 11:1-9.

O Pai de Todos os Fiéis*

Depois que os moradores de Babel se dispersaram, a idolatria se tornou quase universal novamente. O Senhor deixou que os pecadores com seu coração endurecido seguissem seus maus caminhos, e escolheu Abraão, um descendente de Sem, como guardador da Sua lei para as futuras gerações. Deus sempre teve um remanescente para preservar as preciosas revelações da Sua vontade. Abraão herdou esse patrimônio sagrado. Incontaminado pela apostasia, ele persistia fielmente na adoração a Deus. O Senhor comunicou Sua vontade a Abraão e transmitiu a ele o conhecimento de Sua lei e da salvação que seria concedida por meio de Cristo.

A Abraão foi dada a promessa: "Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome e você será uma bênção" (Gn 12:2). A essa bênção foi acrescentada a certeza de que o Redentor do mundo viria de sua linhagem: "E por meio de você todos os povos da Terra serão abençoados" (Gn 12:3). No entanto, como primeira condição para o cumprimento da promessa deveria ocorrer uma prova de fé; foi exigido um sacrifício.

Deus enviou uma mensagem a Abraão: "Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que Eu lhe mostrarei" (Gn 12:1). Abraão devia se afastar da influência de seus parentes e amigos. Seu caráter deveria ser distinto, diferente de todo o mundo. Ele não podia nem mesmo explicar sua atitude para que os amigos entendessem. Sua família idólatra não compreenderia seus motivos.

A inquestionável obediência de Abraão é uma das mais extraordinárias provas de fé encontradas em toda a Bíblia (ver Hb 11:8). Confiando na promessa divina, ele deixou sua casa, parentes e a terra natal; partiu, sem saber para onde, a fim de ir aonde Deus o

levasse. “Pela fé peregrinou na terra prometida como se estivesse em terra estranha; viveu em tendas, bem como Isaque e Jacó, co-herdeiros da mesma promessa” (Hb 11:9).

Fortes laços o prendiam ao seu país, seus parentes e seu lar, porém ele não hesitou em atender ao chamado. Não fez nenhuma pergunta a respeito da terra da promessa – se o solo era fértil, o clima saudável. O lugar mais feliz da Terra para ele seria onde Deus desejava que ele estivesse.

Muitos ainda são provados como foi Abraão. Não ouvem a voz de Deus falando diretamente do Céu, mas Ele os chama por meio dos ensinos de Sua Palavra e pelos acontecimentos dirigidos por Sua providência. Pode ser necessário terem que abandonar uma carreira que promete riquezas e honra, causar a separação dos parentes para iniciar o que parece um caminho de abnegação, dificuldades e sacrifício. Deus tem uma obra para eles fazerem; a influência dos amigos iria atrapalhá-la.

Quem está pronto, ao receber o chamado de Deus, a renunciar os planos acariciados, a aceitar novos deveres e entrar em campos com os quais ainda não está familiarizado? Aqueles que assim fizerem terão a fé que teve Abraão e irão partilhar com ele da “glória eterna” (2Co 4:17; ver também Rm 8:18).

O chamado do Céu veio primeiramente a Abraão em “Ur dos Caldeus”, e, em obediência, ele se mudou para Harã. Até esse local, a família de seu pai o acompanhou. Ali, Abraão permaneceu até a morte de Terá.

Rumo ao Desconhecido

Depois da morte de seu pai, a voz divina ordenou que continuasse. Além de Sara, a esposa de Abraão, somente Ló decidiu partilhar com ele a vida de peregrinação. Abraão era dono de grandes rebanhos e tinha muitos servos. Ele partiu da terra de seus pais para nunca mais voltar, levando consigo tudo o que tinha, “todos os bens que havia acumulado e os seus servos, comprados em Harã” (Gn 12:5). Em Harã, tanto Abraão como Sara conduziram outros à adoração e ao culto do verdadeiro Deus. Esses foram com ele para a “Terra da Promessa”, a terra de Canaã.

O lugar onde eles ficaram pela primeira vez foi Siquém. Abraão fez seu acampamento sobre a relva de um extenso vale, com seus bosques de oliveiras e fontes que jorravam. Era uma bela e fértil região, “uma boa terra, cheia de riachos, [...] terra de trigo e cevada, videiras e figueiras, romãzeiras, azeite de oliva e mel” (Dt 8:7, 8). Uma pesada sombra repousava sobre a colina coberta de árvores e a planície cheia de árvores frutíferas. Em meio aos bosques, foram erguidos altares aos falsos deuses, e sacrifícios

humanos eram oferecidos no alto das colinas mais próximas.

Então "o Senhor apareceu a Abrão e disse: 'À sua descendência darei esta terra'" (Gn 12:7). Sua fé foi fortalecida por essa certeza. "Abrão construiu ali um altar dedicado ao Senhor, que lhe havia aparecido" (Gn 12:7). Ainda como peregrino, logo partiu para um lugar próximo a Betel. Ali, ele construiu um altar mais uma vez e invocou o nome do Senhor.

Abraão nos dá um exemplo digno. A sua vida foi de oração. Onde quer que armasse sua tenda, próximo a ela, construía um altar e convidava a todos que faziam parte do acampamento para o sacrifício da manhã e da tarde. Quando se mudava para outro lugar, o altar permanecia. Os cananeus nômades receberam instrução de Abraão; e, sempre que qualquer um desses passava pelo altar, também adorava o Deus vivo ali.

Por que Deus Permitiu a Prova

Abraão continuou a viajar para o sul, e sua fé foi provada novamente. Parou de chover, e os rebanhos e o gado não encontravam pastagens. A fome ameaçava todo o acampamento. Todos estavam atentos para ver o que Abraão iria fazer ao enfrentar dificuldades e mais dificuldades. Enquanto a confiança dele parecia inabalável, eles sentiam que havia esperança; sabiam que Deus era amigo de Abraão e que Ele ainda o estava guiando.

Abraão se apegava à promessa: "Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção" (Gn 12:2). Ele não iria permitir que as circunstâncias abalassem sua fé nas palavras de Deus. Para escapar da fome, ele desceu até o Egito. Por estar passando grande dificuldade, não voltou para a Caldeia, de onde tinha vindo, mas buscou refúgio temporário o mais próximo possível da Terra da Promessa.

O Senhor, em Sua sabedoria, permitiu essa prova a Abraão para lhe ensinar lições que se tornariam um benefício para todos os que teriam que suportar a aflição. Deus não Se esquece nem rejeita aqueles que depositam sua confiança nEle. As provações que testam mais severamente a nossa fé e fazem parecer que Deus nos abandonou devem nos levar para mais perto de Cristo. Devemos depor todos os nossos fardos aos Seus pés e experimentar a paz que Ele nos dará em troca.

O calor da fornalha é que separa a impureza do verdadeiro ouro do caráter cristão. É por meio de provações difíceis e severas que Deus disciplina Seus servos. Ele vê que alguns têm habilidades que podem ser empregadas no avanço de Sua obra. Em Sua

sabedoria, Deus os conduz a posições que provam o seu caráter e revelam as fraquezas das quais eles mesmos não têm conhecimento. Ele lhes dá a oportunidade de corrigir esses defeitos. Mostra suas fraquezas e os ensina a se apoiarem inteiramente nEle. Dessa maneira, são educados, treinados e disciplinados, preparados para cumprir o grande propósito para o qual foram capacitados. Anjos celestiais podem se unir a eles na obra a ser finalizada na Terra.

O Lamentável Erro de Abraão

Enquanto estava no Egito, Abraão demonstrou que não estava livre da fraqueza humana. Sua esposa, Sara, era "muito bonita" (Gn 12:14), e ele estava certo de que os egípcios iriam cobiçar a bela estrangeira e matar seu marido. Raciocinou que não estaria mentindo em apresentar Sara como sua irmã, pois ela era filha de seu pai, embora não fosse filha de sua mãe.

Isso era um engano. Por causa da demonstração de falta de fé de Abraão, Sara foi colocada em grande perigo. O rei do Egito ordenou que ela fosse levada ao palácio, pretendendo fazer dela sua esposa. O Senhor, em Sua grande misericórdia, protegeu Sara e puniu a casa real com "graves doenças" (Gn 12:17). O rei percebeu então que tinha sido enganado. Ele reprovou Abraão, dizendo: "O que foi que você fez comigo? [...] Por que disse que era sua irmã? Foi por isso que eu a tomei para ser minha mulher. Aí está a sua mulher. Tome-a e vá!" (Gn 12:18, 19).

A maneira com que Faraó tratou Abraão foi amável e generosa, mas ele lhe ordenou que deixasse o Egito. Sem saber, esteve a ponto de causar uma grave ofensa a Abraão, mas Deus livrou o monarca de cometer tão grande pecado. Faraó viu naquele estrangeiro um homem honrado por Deus. Se Abraão permanecesse no Egito, suas riquezas, que se multiplicavam cada vez mais, provavelmente despertariam a inveja ou cobiça dos egípcios, e algum dano poderia recair sobre ele, trazendo novamente juízos sobre a casa real.

O caso não poderia ser mantido em segredo. Entenderam que o Deus a quem Abraão adorava protegeria Seu servo e que qualquer mal feito a ele seria vingado. É perigoso causar dano a um dos filhos do Rei do Céu. O salmista afirma que Deus "não permitiu que ninguém os oprimisse, mas a favor deles repreendeu reis dizendo: 'Não toquem nos Meus ungidos; não maltratem Meus profetas'" (Sl 105:14, 15).

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 12.

Um Bom Vizinho em Canaã*

Abraão voltou muito rico para Canaã, "tanto em gado como em prata e ouro" (Gn 13:2). Ló estava com ele, e foram para Betel, onde armaram suas tendas novamente. Mesmo em meio a dificuldades e provações, eles tinham vivido juntos em harmonia, mas em sua prosperidade havia perigo de desentendimento entre eles. As pastagens não eram suficientes para os rebanhos e o gado que eles tinham. Era evidente que deveriam se separar.

Abraão foi o primeiro a propor os planos para manter a paz. Embora toda aquela terra lhe tivesse sido dada por Deus, ele cortesmente não exigiu esse direito. "Não haja desavença", disse ele, "entre mim e você, ou entre os seus pastores e os meus; afinal somos irmãos! Aí está a terra inteira diante de você. Vamos separar-nos. Se você for para a esquerda, irei para a direita; se for para a direita, irei para a esquerda" (Gn 13:8, 9).

Muitas pessoas sob circunstâncias semelhantes se apegariam aos seus direitos e preferências pessoais. Muitos lares e igrejas têm sido divididos, tornando a causa da verdade um escândalo e uma desgraça entre os ímpios. Os filhos de Deus em todo o mundo são uma só família, e o mesmo espírito de amor e conciliação deve governá-los. "Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios" (Rm 12:10). A disposição de fazer aos outros como desejaríamos que eles nos fizessem evitaria ou acabaria com grande parte dos problemas da vida. O coração em que o amor de Cristo é cultivado terá esse amor que cuida "não somente dos seus interesses" (Fp 2:4).

Ló não demonstrou gratidão alguma ao seu generoso tio. Em vez disso, de forma egoísta, tentou tirar todas as vantagens possíveis. "Olhou então Ló e viu todo o vale do

Jordão, todo ele bem irrigado [...]; era como o jardim do Senhor, como a terra do Egito" (Gn 13:10). A região mais fértil de toda a Palestina era o vale do Jordão, que lembrava o Paraíso perdido para quem ali passava, e com a mesma beleza e produtividade das planícies enriquecidas pelo Nilo, que eles haviam deixado para trás. Havia cidades, ricas e belas, que convidavam a um comércio lucrativo. Deslumbrado com a visão dos benefícios materiais, Ló não levou em conta os problemas morais encontrados lá. Ele "escolheu todo o vale do Jordão" e "mudou seu acampamento para um lugar próximo a Sodoma" (Gn 13:11, 12). Ele mal podia imaginar os resultados dessa escolha egoísta!

Logo depois da separação, Abraão se mudou para Hebrom. Ao ar livre daqueles planaltos com seus bosques de oliveiras e vinhedos, seus campos de cereais e longas pastagens das colinas ao redor, ele armou seu acampamento, contente com sua vida simples, deixando para Ló o perigoso luxo do vale de Sodoma.

Abraão não deixou de influenciar seus vizinhos. Em contraste com os adoradores de ídolos, sua vida e caráter exerciam uma influência poderosa em favor da verdadeira fé. Sua fidelidade a Deus era inabalável. Tanto sua cordialidade quanto sua bondade inspiravam confiança e amizade.

Enquanto Cristo habita no coração, é impossível ocultar a luz de Sua presença. Ela se tornará mais radiante à medida que a névoa do egoísmo e do pecado que nos envolve for se dissipando com a luz do Sol da Justiça.

Aqueles que pertencem ao povo de Deus são luz em meio às trevas morais deste mundo. Espalhados pelos grandes centros, cidades e vilas, eles são condutos por meio dos quais Deus comunicará a um mundo incrédulo o conhecimento e as maravilhas da Sua graça. É seu desejo que todos os que recebem a salvação sejam luz e que seu caráter brilhe intensamente, revelando o contraste com as trevas do egoísmo que vêm do coração natural.

Abraão sabia fazer uso da diplomacia, era corajoso e hábil na guerra. Três reis que eram irmãos e governantes das planícies dos amorreus, onde ele habitava, demonstraram amizade e o convidaram para uma aliança. Assim, eles teriam mais segurança, pois o país estava cheio de violência e opressão. Logo surgiu a ocasião em que Abraão teve que solicitar a ajuda dessa aliança.

Resgatado por Abraão

Quedorlaomer, rei de Elão, tinha invadido Canaã alguns anos antes, tornando os cananeus sujeitos a ele. Vários de seus príncipes se revoltaram, e o rei elamita marchou

novamente contra o país para conquistá-lo. Cinco reis de Canaã lutaram contra os invasores, apenas para serem completamente derrotados. Os vitoriosos saquearam as cidades da planície e partiram com um rico despojo, além de muitos cativos, entre os quais estavam Ló e sua família.

Um dos cativos conseguiu escapar e, por meio dele, Abraão soube do que tinha acontecido com seu sobrinho. Toda a sua afeição por ele foi despertada, e Abraão decidiu resgatar Ló. Antes, porém, ele buscou o conselho divino e só depois Abraão se preparou para a guerra. Convocou trezentos e dezoito servos do seu acampamento, homens ensinados no temor de Deus, a serviço de seu senhor, e que sabiam usar as armas. Seus aliados, Manre, Escol e Aner, uniram-se a ele e juntos partiram em perseguição aos invasores. Os elamitas estavam acampados em Dã, na fronteira ao norte de Canaã. Orgulhosos e entusiasmados com a vitória, entregaram-se às orgias. Abraão se aproximou do acampamento à noite. Seu ataque, extremamente forte e inesperado, concedeu a ele uma rápida vitória. O rei de Elão foi morto; e seu exército, tomado de pânico, fugiu derrotado. Ló e sua família, com todos os prisioneiros e seus bens, foram recuperados, e os ricos despojos dos inimigos passaram para as mãos dos vitoriosos.

Abraão não somente prestou um grande serviço ao país, mas mostrou ser um homem de valor. Todos viram que a religião de Abraão lhe deu coragem não apenas para ficar do lado do que era direito, mas para defender os oprimidos. Quando voltou, o rei de Sodoma saiu ao seu encontro para honrar o vencedor, pedindo que lhe devolvesse apenas os prisioneiros. Os despojos pertenciam aos vencedores; mas Abraão se recusou a tirar vantagem dos desafortunados e solicitou que os aliados recebessem a parte a que tinham direito.

Poucos teriam resistido à tentação de ficar com um despojo tão rico ao serem submetidos a uma prova como essa. O exemplo de Abraão é uma reprovação aos ambiciosos e egoístas. "De mãos levantadas", disse ele, "ao Senhor, o Deus Altíssimo, Criador dos céus e da Terra, juro que não aceitarei nada do que lhe pertence, nem mesmo um cordão ou uma correia de sandália, para que você jamais venha a dizer: 'Eu enriqueci Abraão'" (Gn 14:22, 23). Deus prometeu abençoar Abraão, e toda a glória seria devida a Ele.

Outro que veio para dar as boas-vindas ao vitorioso Abraão foi Melquisedeque, rei de Salém. Como "sacerdote do Deus Altíssimo", ele pronunciou uma bênção sobre Abraão e deu graças ao Senhor que trouxe tão grande livramento por meio de Seu servo. "E Abraão lhe deu o dízimo de tudo" (Gn 14:20).

Abraão Teve Medo

Abraão sempre foi um homem de paz, que evitava ao máximo o conflito e a discórdia. Ficava horrorizado quando se recordava da carnificina que havia testemunhado. Os exércitos das nações que ele havia derrotado certamente tentariam uma nova invasão e procurariam se vingar dele. Além do mais, ele ainda não tinha tomado posse de Canaã nem alimentava mais a esperança de lhe nascer um herdeiro, por meio de quem a promessa fosse cumprida.

Em uma visão à noite, ouviu novamente a voz divina: "Não tenha medo, Abraão! Eu sou o seu escudo; grande será a sua recompensa!" (Gn 15:1). Como iria se cumprir a promessa da aliança se a dádiva de um filho lhe era negada? "Ó Soberano Senhor, que me darás, se continuo sem filhos: [...] Um servo da minha casa será o meu herdeiro!" (Gn 15:2, 3). Abraão pretendia fazer de seu fiel servo Eliézer seu filho adotivo. Então obteve a promessa de que um filho dele mesmo seria o seu herdeiro. Foi dito a Abraão que olhasse para as incontáveis estrelas que brilhavam no céu, e depois ele ouviu estas palavras: "Assim será a sua descendência" (Gn 15:5). "Abraão creu em Deus e isso lhe foi creditado como justiça" (Rm 4:3).

O Senhor Se dispôs a fazer um concerto com Seu servo. Abraão ouviu a voz de Deus lhe dizendo que não esperasse pela posse imediata da Terra Prometida, apontando para os sofrimentos de seus descendentes antes de entrarem em Canaã. O plano da redenção lhe foi desvendado, tanto na morte de Cristo, o grande sacrifício, como na Sua vinda em glória. Abraão também viu a Terra restaurada à sua beleza edênica, a ser concedida como a herança eterna, em cumprimento completo e final da promessa.

Quando fazia quase vinte e cinco anos que Abraão estava em Canaã, o Senhor apareceu a ele e disse: "De Minha parte, esta é a Minha aliança com você. Você será o pai de muitas nações" (Gn 17:4). Em sinal do cumprimento dessa aliança, seu nome, que até aquele momento era Abrão, foi mudado para Abraão, que significa "pai de muitas nações" (Gn 17:5). O nome de Sarai se tornou Sara – "princesa"; porque "dela procederão nações e reis de povos" (Gn 17:15, 16).

Nessa mesma ocasião, o rito da circuncisão foi dado a Abraão para ser observado por ele e seus descendentes como um sinal de que eram separados dos idólatras e de que Deus os aceitava como Seu tesouro especial. Não deveriam se casar com os pagãos, pois, se fizessem isso, não apenas seriam tentados a se envolver em práticas pecaminosas de outras nações, mas também seriam induzidos à idolatria.

Abraão Hospeda Anjos

Deus conferiu grandes honras a Abraão. Anjos andavam e conversavam com ele. Quando os juízos de Deus estavam para cair sobre Sodoma, o fato não foi encoberto dele. Abraão se tornou um intercessor diante de Deus pelos pecadores.

Em um dia de verão, no calor do meio-dia, Abraão estava assentado à entrada de sua tenda, quando viu de longe três viajantes. Antes de chegarem à sua tenda, os estranhos pararam. Sem esperar que lhe pedissem qualquer favor, com toda a cortesia, Abraão insistiu para que lhe dessem a honra de permanecer ali um pouco e tomassem uma refeição. Ele mesmo trouxe água para que pudessem lavar os pés e tirar o pó da viagem. Separou o alimento e, enquanto descansavam em uma refrescante sombra, permaneceu ao lado deles respeitosamente, durante o tempo em que comiam e bebiam o que lhes tinha providenciado. Mil anos mais tarde, por inspiração, o apóstolo fez referência a esse ato de cortesia: "Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos" (Hb 13:2).

Abraão viu em seus hóspedes apenas três viajantes cansados, não imaginando que entre eles estava Um que era divino, sem pecado, a quem ele deveria adorar. O verdadeiro caráter dos mensageiros celestiais foi então revelado. Eles estavam em seu caminho como agentes da ira de Deus; contudo, para Abraão eles falaram primeiramente sobre bênçãos. Deus não tem prazer na vingança.

Abraão tinha honrado a Deus, por isso o Senhor o honrou, revelando a ele os Seus propósitos. "Esconderei de Abraão o que estou para fazer?", disse o Senhor (Gn 18:17). "As acusações contra Sodoma e Gomorra são tantas e o seu pecado é tão grave que descerei para ver se o que eles têm feito corresponde ao que tenho ouvido. Se não, Eu saberei" (Gn 18:20, 21). Deus sabia qual era o pecado de Sodoma, mas Ele Se expressou em linguagem humana para que Sua justiça pudesse ser compreendida. Ele mesmo faria um exame de sua conduta. Se não tivessem passado dos limites da misericórdia divina, certamente Deus concederia a eles a oportunidade de se arrependerem.

Dois dos mensageiros celestiais partiram, deixando Abraão a sós com Aquele que ele soube então ser o Filho de Deus. O homem de fé intercedeu em favor dos habitantes de Sodoma. Ele os salvou uma vez pela espada, e naquele momento tentava salvá-los pela oração. Ló e sua família ainda estavam morando lá, e Abraão procurava livrá-los da fúria dos juízos divinos.

Com profunda humildade, ele insistiu em seu pedido: "Sei que já fui muito ousado ao ponto de falar ao Senhor, eu que não passo de pó e cinza" (Gn 18:27). Não reclamava

o favor por causa de sua obediência ou sacrifícios que tivesse feito ao cumprir a vontade de Deus. Como pecador que era, rogava em favor do pecador. Mesmo assim, Abraão demonstrou a confiança de uma criança que faz uma súplica a seu amado pai. Embora Ló estivesse residindo em Sodoma, ele não participava dos pecados de seus habitantes. Abraão imaginava que poderia haver outros adoradores do verdadeiro Deus naquela populosa cidade. Ele rogou: "Longe de Ti [...] matar o justo com o ímpio [...]. Não agirá com justiça o Juiz de toda a Terra?" (Gn 18:25). Ao serem atendidos os seus pedidos, ele teve a certeza de que, se até mesmo dez pessoas justas fossem encontradas em Sodoma, a cidade seria poupada.

A oração de Abraão por Sodoma mostra que devemos nutrir ódio pelo pecado, mas piedade e amor pelo pecador. Ao nosso redor as pessoas estão caindo na ruína. A toda hora, alguns passam para além do alcance da misericórdia divina. Onde estão as vozes convidando e apelando aos pecadores para fugirem dessa condenação tão terrível? Onde estão aqueles que estão intercedendo junto a Deus por eles?

Quem Ora por "Sodoma" Hoje?

O espírito de Abraão era o espírito de Cristo, que é o grande intercessor em favor do pecador. Cristo manifestou para com o pecador um amor que tão somente a infinita bondade poderia conceber. Na agonia da crucifixão, esmagado pelo terrível peso dos pecados do mundo todo, Ele orou por Seus assassinos: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo" (Lc 23:34).

O testemunho dado pelo próprio Deus é: "Abraão Me obedeceu e guardou Meus preceitos, Meus mandamentos, Meus decretos e Minhas leis" (Gn 26:5). "Pois Eu o escolhi, para que ordene aos seus filhos e aos seus descendentes que se conservem no caminho do Senhor, fazendo o que é justo e direito, para que o Senhor faça vir a Abraão o que lhe prometeu" (Gn 18:19). Foi uma grande honra para a qual Abraão foi chamado – ser pai do povo que foi o guardião da verdade de Deus para o mundo, por meio do qual todas as nações seriam abençoadas com a vinda do Messias prometido. Abraão guardaria a lei e agiria com justiça e retidão. Ele não somente temeria ao Senhor, mas instruiria sua família a fazer o que é reto.

Toda a casa de Abraão compreendia mais de mil pessoas. Ali, como em uma escola, recebiam instrução que os prepararia para representar a verdadeira fé. Ele era um educador de chefes de família, e eles seguiriam seus métodos no governo de suas casas.

Era necessário unir os membros da família para construir uma barreira contra a idolatria que tinha se espalhado naquela região. Abraão procurou por todos os meios

proteger os que estavam com ele, para que não se misturassem com os pagãos e vissem suas práticas idólatras. Ele teve o cuidado de impressionar a mente com a majestade e a glória do Deus vivo, a quem verdadeiramente se deve prestar culto.

O próprio Deus separou Abraão de seus parentes idólatras para que pudesse ensinar e educar a família longe das más influências na Mesopotâmia e assim pudesse preservar a verdadeira fé em sua pureza, por meio de seus descendentes.

A Influência do Viver Diário

Os filhos e a casa de Abraão eram ensinados que estavam sob o governo do Deus do Céu. Não deveria haver opressão por parte dos pais, nem desobediência por parte dos filhos. A influência silenciosa de sua vida diária era um exemplo constante. Havia uma fragrância em sua vida e uma nobreza de caráter que revelavam a todos que ele estava em constante ligação com o Céu. Ele não desprezava o servo mais humilde. Em sua casa não existia uma lei para o senhor e outra para o servo. Ele tratava a todos com justiça e compaixão, como herdeiros com ele da graça da vida.

Quão poucos em nossos dias seguem esse exemplo! Muitos pais revelam um sentimentalismo cego e egoísta, equivocadamente chamado de amor, que permite aos filhos viverem sob o controle da própria vontade. Isso é uma crueldade para com a juventude e um grande mal para o mundo. A condescendência dos pais fortalece no jovem o desejo de seguir suas inclinações, em vez de se submeter aos mandamentos divinos. Assim, eles crescem para depois transmitir sua falta de religiosidade e espírito rebelde a seus filhos e netos. A obediência à autoridade paterna deveria ser ensinada como o primeiro passo na obediência à autoridade de Deus.

O ensino amplamente divulgado de que as leis de Deus não estão mais em vigor tem o mesmo efeito que a idolatria sobre a moral do povo. Os pais não ordenam sua casa de maneira que observe o caminho do Senhor. Os filhos, ao formarem o próprio lar, não se sentem na obrigação de ensinar aquilo que eles mesmos não foram ensinados a praticar. É por essa razão que há tantas famílias sem Deus, e é por isso também que a maldade está tão generalizada.

É necessário uma reforma – uma profunda e ampla reforma. Os pais necessitam de reforma. Pastores também necessitam. Necessitam de Deus em sua casa. Devem levar a Palavra de Deus à sua família e ensinar a seus filhos, de maneira amável e incansável, como viver para agradar a Deus. Os filhos que vivem em famílias assim estão firmados sobre um fundamento que não pode ser destruído pela onda devastadora da incredulidade e da dúvida.

Em muitos lares, os pais acham que não têm condições de dedicar alguns momentos para agradecer a Deus pela luz do sol, pela chuva e pela proteção dos anjos. Não têm tempo para a oração. Saem para o trabalho como o boi ou o cavalo, sem um pensamento sequer relacionado a Deus ou ao Céu. O Filho de Deus deu a própria vida para resgatá-los; no entanto, eles têm pouco mais apreciação por Sua bondade que os animais.

Se existiu um tempo em que cada casa deveria ser uma casa de oração, esse tempo é hoje. O pai, como sacerdote do lar, deve oferecer a Deus um sacrifício de oração de manhã e à tarde, enquanto a esposa e os filhos se unem a ele em oração e louvor. Jesus terá prazer em permanecer em um lar assim.

De todo lar cristão, o amor deve fluir em atos intencionais de bondade, em demonstrações de gentil e abnegada cortesia. Há lares em que Deus é adorado e onde reina o mais verdadeiro amor. Suas misericórdias e bênçãos caem como o orvalho da manhã sobre esses que se curvam humildemente em oração.

Uma casa bem ordenada é um poderoso testemunho em favor da religião cristã. Uma nobre influência em atuação na família exerce também sua ação sobre os filhos. O Deus de Abraão está com eles. O Deus do Céu fala a todo pai fiel: "Eu o escolhi, para que ordene aos seus filhos e aos seus descendentes que se conservem no caminho do Senhor, fazendo o que é justo e direito" (Gn 18:19).

---

* Este capítulo está baseado em Gênesis 13 a 15; 17:1-16; 18.

A Prova da Fé*

Abraão acreditou na promessa de que teria um filho, mas não esperou que Deus cumprisse a Sua palavra de acordo com o Seu tempo e à Sua maneira. Deus permitiu que a promessa demorasse a se cumprir para provar a fé de Abraão, porém ele não conseguiu suportar a prova.

Já idosa, Sara sugeriu um plano para que a promessa divina se cumprisse – que Abraão se casasse com uma de suas servas. A poligamia não era mais considerada como pecado, mas não deixava de ser uma transgressão da lei de Deus com consequências fatais para a santidade e a paz da família. O casamento de Abraão com Hagar resultou em mal – não somente para a sua casa, mas para as gerações futuras.

Orgulhosa por ser a nova esposa de Abraão e pela possibilidade de se tornar a mãe de uma grande nação que viria de sua descendência, Hagar ficou cheia de si. Os ciúmes entre Sara e Hagar perturbavam a paz do lar que tinha sido tão feliz. Sendo obrigado a escutar as reclamações das duas mulheres, Abraão tentou restabelecer a harmonia, mas não conseguiu. Embora Sara tivesse insistido para que ele se casasse com Hagar, agora ela o acusava de ser o errado. Ela queria mandar a rival embora. Abraão se recusou a permitir isso, porque Hagar seria a mãe de seu filho – que ele tão ansiosamente esperava, o filho da promessa. Mesmo assim, ele ainda deixou Hagar sob o domínio de Sara, pois esta era sua senhora. “Então Sarai tanto maltratou Hagar que esta acabou fugindo” (Gn 16:6).

Hagar foi para o deserto. Enquanto descansava ao lado de uma fonte, sozinha e sem amigos, apareceu um anjo do Senhor. Chamando-a de “Hagar, serva de Sarai” (Gn 16:8), ele lhe disse: “Volte à sua senhora e sujeite-se a ela” (Gn 16:9). Com a repreensão, porém, ele acrescentou palavras de conforto: “Multiplicarei tanto os seus descendentes

que ninguém os poderá contar" (Gn 16:10). Então ela foi instruída a dar a seu filho o nome de Ismael – "Deus ouvirá".

Quando Abraão estava com quase cem anos de idade, a promessa de um filho foi renovada: "Sara, sua mulher, lhe dará um filho, e você lhe chamará Isaque. Com ele estabelecerei a Minha aliança" (Gn 17:19). "E no caso de Ismael", disse Ele, "levarei em conta o seu pedido. Também o abençoarei; [...] e dele farei um grande povo" (Gn 17:20).

A Poligamia Traz Sofrimento

O nascimento de Isaque encheu as tendas de Abraão e Sara de alegria; mas, para Hagar, esse acontecimento destruiu seus maiores sonhos. Todos pensavam em Ismael como o herdeiro das riquezas de Abraão e das bênçãos prometidas aos seus descendentes. De repente, ele foi colocado de lado. Mãe e filho odiaram o filho de Sara.

A alegria de todos aumentou sua inveja, até que Ismael passou a zombar abertamente do herdeiro da promessa de Deus. Sara viu no espírito de revolta de Ismael uma contínua fonte de desentendimento e insistiu com Abraão que mandasse Hagar e Ismael embora do acampamento.

Abraão ficou muito angustiado. Como poderia mandar embora Ismael, seu filho, a quem ele tanto amava? Confuso, suplicou a direção divina. Por meio de um anjo, o Senhor o orientou a concordar com o desejo de Sara; dessa forma, ele poderia restabelecer a harmonia e a felicidade à sua família. O anjo prometeu que Deus não abandonaria Ismael e que ele se tornaria pai de uma grande nação. Abraão obedeceu, mas não sem profundo sofrimento. O coração do pai estava muito angustiado quando se despediu de Hagar e de seu filho.

A santidade do matrimônio deveria ser preservada por todo o tempo. Os direitos e a felicidade desse relacionamento precisam ser protegidos com muito cuidado, mesmo que à custa de grande sacrifício. Sara foi a única verdadeira esposa de Abraão. Nenhuma outra pessoa estava autorizada a partilhar de seus direitos. Ela não queria que Abraão dividisse seus sentimentos com outra, e o Senhor não a reprovou por exigir que sua rival fosse banida de casa.

Exemplo para Todas as Gerações

Abraão deveria ser um exemplo de fé para as gerações futuras. Ainda assim, sua fé não foi perfeita. Ele mostrou falta de confiança em Deus quando se casou com Hagar. Então, para que alcançasse o nível mais alto de fé, Deus o submeteu a outra prova, a mais difícil que qualquer ser humano jamais foi chamado a suportar. Em uma visão à

noite, Deus ordenou que ele sacrificasse seu filho sobre o monte que Deus iria lhe mostrar.

Já com cento e vinte anos de idade, Abraão não tinha mais a força da juventude. No auge da idade adulta, é possível enfrentar com coragem as dificuldades e aflições que fariam o coração desanimar nos anos da velhice. Apesar disso, Deus havia reservado a prova mais difícil para o momento em que Abraão já estava idoso e desejando o descanso.

Abraão era muito rico e considerado um príncipe poderoso pelos governantes de toda aquela região. O Céu parecia ter rodeado de bênçãos sua vida de sacrifício e paciente perseverança.

A Ordem para Oferecer Isaque

Em fiel obediência, Abraão tinha deixado seu país natal e andado como estrangeiro na terra que deveria receber como herança. Havia aguardado por muito tempo o nascimento do herdeiro prometido. Seguindo a orientação de Deus, Abraão havia pedido a Ismael e Hagar que fossem embora. Agora, quando parecia que suas esperanças estavam para se realizar, ele recebia uma prova maior que todas as outras.

A ordem deve ter esmagado de angústia o coração daquele pai: “Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama [...]. Sacrifique-o ali como holocausto” (Gn 22:2). Isaque era a luz de seu lar, a alegria de sua velhice, o herdeiro da bênção prometida; entretanto, Deus lhe ordenou que ele mesmo derramasse o sangue daquele filho. Para Abraão, isso parecia algo impossível.

Satanás estava a postos para sugerir que ele estava enganado, pois a lei divina ordena: “Não matarás” (Êx 20:13). Deus não exigiria o que tinha proibido. Ao sair da sua tenda, Abraão relembrou a promessa de que sua descendência seria tão numerosa quanto as estrelas. Como Isaque poderia ser morto se essa promessa deveria ser cumprida por meio dele? Abraão se prostou e orou como nunca antes para obter alguma confirmação da ordem, para saber se ele realmente tinha que cumprir esse terrível dever. Lembrou-se dos anjos que tinham sido enviados para revelar o propósito de Deus de destruir Sodoma e lhe trazido a promessa desse mesmo filho Isaque. Foi até o lugar onde já havia se encontrado antes com os mensageiros celestiais, na esperança de receber outra orientação, mas ninguém apareceu. A ordem de Deus estava clara em seus ouvidos: “Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama.” Ele deveria obedecer a essa ordem. Estava amanhecendo, e ele tinha que começar a viagem.

Ao retornar à tenda, foi até onde Isaque dormia o sono calmo e profundo da juventude e inocência. Por um momento, o pai olhou para o rosto de seu querido filho e então voltou tremendo em desespero. Foi até onde estava Sara, que também dormia. Deveria despertá-la? Como desejava aliviar o coração e partilhar com ela essa terrível responsabilidade! Abraão se conteve. Isaque era a sua alegria e o seu orgulho; o amor de mãe poderia se recusar a fazer esse sacrifício.

Três Dias Muito Tristes

Abraão acordou o filho e lhe contou da ordem para irem oferecer sacrifício em uma montanha distante. Isaque tinha ido adorar várias vezes com seu pai; por isso, ele não ficou surpreso com a notícia. A lenha estava preparada e colocada sobre o jumento então partiram com dois servos.

Pai e filho viajavam em silêncio. Abraão refletia em seu terrível segredo. Seus pensamentos estavam naquela mãe amável, orgulhosa do filho e no dia em que teria que voltar para casa sozinho. Ele bem sabia que a notícia da morte do filho seria como uma faca cortando seu coração.

Aquele dia – o mais longo na vida de Abraão – arrastava-se e ia chegando ao fim. Ele passou a noite em oração, esperando ainda que algum mensageiro celestial viesse lhe dizer que o jovem poderia voltar intacto para sua mãe, porém nada nem ninguém veio aliviar seu coração angustiado.

Outro longo dia. Outra noite de humilhação e oração. A ordem para matar seu filho continuava soando aos seus ouvidos. Satanás estava próximo para lançar dúvida e descrença, mas Abraão resistiu às suas insinuações.

Quando estavam prontos para iniciar a jornada do terceiro dia, Abraão viu o sinal prometido, uma nuvem de glória pairando sobre o Monte Moriá. Estava certo de que a voz que falara com ele tinha vindo do Céu.

Mesmo naquele momento, não murmurou contra Deus. Havia recebido esse filho de forma inesperada. Aquele que havia lhe concedido esse precioso presente tinha o direito de pedir de volta o que era Seu. Então a fé lhe renovou a promessa: "Por meio de Isaque que sua descendência há de ser considerada" (Gn 21:12) – uma descendência numerosa como os grãos de areia na praia. Isaque era o filho de um milagre e não poderia o poder que lhe deu a vida ressuscitá-lo? Abraão se apegou à palavra divina: "Levou em conta que Deus pode ressuscitar os mortos" (Hb 11:19).

Ninguém a não ser Deus era capaz de compreender o enorme sacrifício do pai em

entregar seu filho à morte. Abraão não quis que ninguém, a não ser Deus, testemunhasse a cena da separação. Pediu que seus servos ficassem mais atrás, dizendo: "Eu e o rapaz vamos até lá. Depois de adorarmos, voltaremos" (Gn 22:5).

A lenha foi colocada sobre Isaque, o pai pegou a faca e as brasas, juntos começaram a subir em direção ao topo da montanha. O jovem finalmente disse: "Meu pai! [...] As brasas e a lenha estão aqui, mas onde está o cordeiro para o holocausto?" (Gn 22:7).

Que prova foi essa! Como aquelas carinhosas palavras, "meu pai", feriram o coração de Abraão! Ele ainda não poderia lhe dizer. Então respondeu: "Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto, meu filho" (Gn 22:8).

No lugar indicado, construíram o altar e colocaram a lenha sobre ele. Depois, com voz trêmula, Abraão revelou a Isaque a mensagem divina.

Educado para Obedecer

Com terror e espanto, Isaque ficou sabendo da sua sorte, mas não ofereceu nenhuma resistência. Poderia ter fugido se quisesse. O idoso pai, exausto com as lutas daqueles três dias terríveis, não poderia ter se oposto à vontade do jovem forte. Isaque, porém, tinha sido educado, desde criança, a obedecer prontamente e, ao saber do propósito de Deus, ele se entregou sem resistir. Partilhava da mesma fé de Abraão e sentiu-se honrado em dar sua vida em oferta a Deus.

As últimas palavras de amor de um para com o outro foram ditas, as últimas lágrimas derramadas, o último abraço foi dado. O pai levantou a faca. No mesmo instante, o Anjo de Deus o chamou do Céu: "Abraão, Abraão!" Ele rapidamente respondeu: "Eis-me aqui." Então ele ouviu novamente a voz: "'Não toque no rapaz', disse o Anjo. 'Não lhe faça nada. Agora sei que você teme a Deus, porque não Me negou seu filho, o seu único filho'" (Gn 22:11, 12).

Abraão viu "um carneiro preso pelos chifres" e logo a seguir o ofereceu "em lugar de seu filho" (Gn 22:13). Com grande alegria e gratidão, Abraão deu um novo nome àquele lugar sagrado – "Jeová-jiré", que significa: "O Senhor proverá" (Gn 22:14).

Promessa Renovada

No Monte Moriá, por meio de um juramento solene, Deus confirmou novamente a bênção a Abraão e seus descendentes: "'Juro por Mim mesmo', declara o Senhor, 'que por ter feito o que fez, não Me negando seu filho, o seu único filho, esteja certo de que o abençoarei e farei seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como a

areia das praias do mar. Sua descendência conquistará as cidades dos que lhe forem inimigos e, por meio dela, todos os povos da Terra serão abençoados, porque você Me obedeceu'" (Gn 22:16-18).

Desde então, o grande ato de fé praticado por Abraão permanece como uma coluna de luz, iluminando o caminho dos servos de Deus em todos os tempos. Durante esses três dias de viagem, Abraão teve tempo suficiente para raciocinar e duvidar de Deus. Ele poderia ter pensado que matar seu filho faria com que fosse considerado um assassino, um segundo Caim; seus ensinos poderiam ser rejeitados e desprezados, destruindo assim seu poder para fazer o bem a seus semelhantes. Poderia ter se justificado, dizendo que a idade o dispensava de obedecer, mas ele não se apegou às desculpas. Abraão era humano. Suas paixões e afeições eram semelhantes às nossas, porém ele não parou para ficar pensando na dor que sentia em seu coração. Sabia que Deus é justo e reto em tudo aquilo que nos pede para fazer.

"'Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça' e ele foi chamado amigo de Deus" (Tg 2:23). Paulo diz ainda: "Os que são da fé, estes é que são filhos de Abraão" (Gl 3:7). Abraão demonstrou sua fé por meio de suas obras. "Não foi Abraão, nosso antepassado, justificado por obras, quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar? Você pode ver que tanto a fé como as obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfeiçoada pelas obras" (Tg 2:21, 22).

Muitos não conseguem entender a relação entre fé e obras. Dizem eles: "Apenas creia em Cristo e estará salvo; isso não tem nada que ver com guardar a lei." Entretanto, a fé verdadeira é demonstrada por meio da obediência. O Senhor declara com respeito ao pai dos fiéis: "Abraão Me obedeceu e guardou Meus preceitos, Meus mandamentos, Meus decretos e Minhas leis" (Gn 26:5). Tiago assim nos diz: "Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta" (Tg 2:17). João, que tanto fala de amor, nos diz: "Porque nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos Seus mandamentos" (1Jo 5:3).

Deus "anunciou primeiro as boas-novas a Abraão" (Gl 3:8). A fé do patriarca foi firmada no Redentor que um dia viria. Cristo disse: "Abraão, pai de vocês, regozijou-se porque veria o Meu dia; ele o viu e alegrou-se" (Jo 8:56). O cordeiro oferecido em lugar de Isaque representava o Filho de Deus, que seria sacrificado em nosso lugar. O Pai, olhando para Seu Filho, disse ao pecador: "Viva: Eu achei um resgate."

A angústia que Abraão suportou durante os dias mais negros daquela terrível prova foi permitida para que ele pudesse compreender uma parte da grandeza do sacrifício

feito por Deus para a nossa redenção. Nenhuma outra prova poderia ter causado em Abraão tamanho sofrimento como o oferecimento do próprio filho. Deus deu Seu Filho para que sofresse uma morte de agonia e humilhação. Não foi permitido aos anjos que interferissem, como haviam feito no caso de Isaque. Não houve nenhuma voz que exclamasse: "Basta!" Para salvar a raça caída, o Rei da glória entregou a Sua vida.

"Aquele que não poupou Seu próprio Filho, mas O entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com Ele, e de graça, todas as coisas?" (Rm 8:32).

Lição para o Universo

O sacrifício exigido de Abraão não foi somente para o bem de si mesmo nem apenas para benefício das futuras gerações; serviu também de instrução para os seres sem pecado, no Céu e em outros mundos. A Terra, onde o plano da redenção está sendo executado, é o livro de estudos do Universo. Como Abraão havia mostrado falta de fé, Satanás o havia acusado diante dos anjos e de Deus. O Senhor desejou provar a lealdade de Seu servo perante todo o Céu, para demonstrar que nada menos que a perfeita obediência pode ser aceita, explicando assim de forma mais clara para eles o plano da salvação.

A prova dada a Adão no Éden não envolvia sofrimento, mas a ordem que foi dada a Abraão exigia o mais angustiante sacrifício. Todo o Céu contemplava com espanto e admiração a inabalável obediência de Abraão. Todo o Céu admirava sua lealdade. Ficou provado que as acusações de Satanás eram falsas. A aliança feita entre Deus e Abraão provou que a obediência será recompensada.

Quando a ordem foi dada a Abraão para oferecer seu filho, todos os seres celestiais observaram com intenso interesse cada passo no cumprimento dessa ordem. Luz foi lançada sobre o mistério da redenção, e até mesmo os anjos compreenderam mais claramente a maravilhosa providência feita por Deus para a nossa salvação (ver 1Pe 1:12).

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 16; 17:18-20; 21:1-14; 22:1-19.

O Pecado de Sodoma e Gomorra*

Entre as cidades do vale do Jordão estava Sodoma, que era "como o jardim do Senhor" (Gn 13:10), por sua fertilidade e beleza. Ricas plantações se espalhavam pelos campos, ao lado dos rebanhos e do gado que cobriam as colinas ao redor. A arte e o comércio contribuíam para o enriquecimento da orgulhosa cidade. Os tesouros do Oriente enfeitavam seus palácios e as caravanas traziam todo tipo de preciosidades para abastecer os mercados. Com pouca preocupação ou trabalho, as pessoas tinham condições de viver confortavelmente.

A despreocupação e as riquezas endureciam o coração que nunca havia se preocupado com a pobreza ou vivido sobrecarregado pelo sofrimento. O povo se entregou à satisfação de seus desejos sensuais. "Ora, este foi o pecado de sua irmã Sodoma: ela e suas filhas eram arrogantes, tinham fartura de comida e viviam despreocupadas; não ajudavam os pobres e os necessitados. Eram altivas e cometeram práticas repugnantes diante de Mim. Por isso Eu Me desfiz delas, conforme você viu" (Ez 16:49, 50). Satanás tem mais sucesso quando faz seus ataques no momento em que as pessoas estão sem ter nada para fazer.

Em Sodoma havia prazeres, orgia, banquetes e bebedeiras. As paixões mais abomináveis não tinham limites. O povo não apenas desafiava abertamente a Deus e à Sua lei, mas também se divertia com a violência. Embora tivessem o exemplo do mundo antediluviano e soubessem de sua destruição, seguiram o mesmo caminho de maldade.

Quando Ló se mudou para Sodoma, a perversão ainda não era tão generalizada e, em Sua misericórdia, Deus permitiu que raios de luz brilhassem em meio às trevas morais. Abraão não era um estranho para o povo de Sodoma, e sua vitória sobre forças

muito mais poderosas provocaram espanto e admiração. Ninguém poderia negar que um poder divino o havia feito vencedor. Seu espírito nobre e altruísta, tão estranho aos habitantes egoístas de Sodoma, foi outra prova de que a religião que ele honrava era superior. Deus estava falando àquele povo por Sua providência, mas o último raio de luz havia sido rejeitado, como todos os outros anteriormente.

A última noite de Sodoma estava chegando, mas seus moradores não perceberam. Enquanto os anjos se aproximavam para executar a missão de destruição, as pessoas sonhavam com prosperidade e prazer. O último dia foi como todos os outros. Os raios do pôr do sol banhavam a paisagem de incomparável beleza. Multidões em busca de prazeres iam de um lado para outro, preocupadas em aproveitar as alegrias do momento.

No cair da noite, dois estranhos se aproximaram dos portões da cidade. Ninguém poderia imaginar que aqueles eram os poderosos porta-vozes do juízo divino. A multidão despreocupada mal sonhava que, por causa da maneira como haviam tratado aqueles mensageiros celestiais, naquela mesma noite, eles atingiram o auge da transgressão que acabou condenando a cidade.

Ló Hospeda Anjos

Ali morava um homem que havia demonstrado bondade e atenção para com os desconhecidos, convidando-os para irem à sua casa. Ló não imaginava quem eles eram e por que estavam ali; mas, ser educado e hospitaleiro era um hábito que ele cultivava – uma lição que havia aprendido com Abraão. Se não tivesse cultivado o espírito de cortesia, poderia ter sido destruído com Sodoma. Muitos lares fecham suas portas a estranhos, e assim deixam do lado de fora mensageiros de Deus que trariam grandes bênçãos. O Senhor Se agrada dos atos humildes e sinceros de abnegação diária, praticados alegremente e de boa vontade.

Conhecendo a maneira abusiva pela qual os estranhos eram tratados em Sodoma, Ló encarou como seu dever protegê-los depois que entraram na cidade, oferecendo a eles um lugar em sua casa. Estava assentado no portão quando os viajantes se aproximaram. Ló se levantou de seu lugar e foi ao encontro deles. Curvando-se em sinal de cortesia, disse: "Meus senhores, por favor, acompanhem-me à casa do seu servo. Lá poderão [...] passar a noite' [...]. 'Não, passaremos a noite na praça'" (Gn 19:2), responderam eles, parecendo recusar. Eles tinham duas razões para responder dessa maneira – provar a sinceridade de Ló e parecer que desconheciam o caráter dos habitantes de Sodoma, como se pensassem que era seguro ficar na rua à noite. Ló

insistiu em seu convite até que concordaram e foram com ele para casa.

A hesitação dos estrangeiros e a insistência de Ló atraiu a atenção e, à noite, antes que se acomodassem, uma multidão pervertida e descontrolada se reuniu ao redor da casa; um grupo imenso, tanto de jovens como de velhos, todos tomados pelas paixões mais desprezíveis. Os estranhos perguntavam a respeito do caráter da cidade, quando em vaias e zombarias a multidão começou a gritar, exigindo que os homens fossem levados para fora.

Ló saiu para tentar convencê-los. "Não, meus amigos", disse ele. "Não façam essa perversidade!" (Gn 19:7). Ele usou o termo "amigos" no sentido de vizinhos, esperando ganhar a confiança deles. Mesmo assim, a ira deles se tornou como o rugido de um furacão. Eles zombaram de Ló e o ameaçaram de tratá-lo pior do que tinham pensado em fazer com seus hóspedes. Eles o teriam feito em pedaços se os anjos de Deus não o tivessem livrado. Os mensageiros celestiais "agarraram Ló, puxaram-no para dentro e fecharam a porta. Depois feriram de cegueira os homens que estavam à porta da casa, dos mais jovens aos mais velhos, de maneira que não conseguiam encontrar a porta" (Gn 19:10, 11). Se não tivessem sido atingidos por cegueira dupla, sendo entregues à dureza do seu coração, Deus os teria atacado de tal forma que desistiriam de fazer o que pretendiam. Os pecados revelados naquela última noite não eram maiores do que nas muitas noites anteriores, mas a misericórdia de Deus, durante tanto tempo desprezada, cessou finalmente de batalhar. Os fogos da vingança de Deus já estavam prontos para serem acesos.

Os anjos revelaram a Ló o objetivo de sua missão: "Estamos para destruir esse lugar. As acusações feitas ao Senhor contra este povo são tantas que Ele nos enviou para destruir a cidade" (Gn 19:13). Os estrangeiros a quem Ló havia tentado ajudar prometeram protegê-lo e também salvar toda a sua família, que deveria fugir daquela ímpia cidade. A multidão se cansou e foi embora; então Ló foi avisar seus filhos. "Saiam imediatamente deste lugar, porque o Senhor está para destruir a cidade!" (Gn 19:14). Eles riram e disseram que aquilo não passava de superstição. Suas filhas foram influenciadas pelos maridos. Não viram nenhum sinal de perigo. Eles tinham muitos bens e não acreditaram que a bela Sodoma seria destruída.

Ló Perde Tudo

Ló voltou muito triste para casa dizendo que, mesmo apelando, não havia conseguido convencê-los. Então os anjos lhe disseram que ele deveria chamar a esposa e as duas filhas que ainda estavam em casa para deixarem a cidade. Apesar da urgência,

Ló estava demorando. Ele não tinha uma noção real dos vícios degradantes praticados naquela cidade depravada. Não percebia a terrível necessidade de que os juízos de Deus precisavam colocar um fim ao pecado. Alguns de seus filhos se apegaram a Sodoma e o pensamento de deixar aqueles a quem tanto amava na Terra parecia insuportável. Era difícil abandonar sua casa luxuosa e toda a riqueza adquirida durante toda a vida, para sair dali de mãos vazias, sem nem mesmo saber para onde ir. Confuso e muito triste, ele estava demorando demais. Se não fosse pelos anjos, todos eles teriam morrido. Os mensageiros celestiais o tomaram pela mão, também a sua esposa e as filhas, e os levaram para fora da cidade.

Em todas as cidades da planície, eles não conseguiram encontrar nem mesmo dez pessoas justas. Em resposta à oração de Abraão, o único homem que temia a Deus foi tirado às pressas para não ser destruído. Com grande firmeza, foi dada a ordem: "Fuja por amor à vida! Não olhe para trás e não pare em lugar nenhum da planície! Fuja para as montanhas, ou você será morto!" (Gn 19:17). Lançar um olhar mais demorado sobre a cidade, parar por um momento que fosse, arrependidos por deixar seu lar tão bonito, teria lhes custado a vida. As violentas manifestações dos juízos divinos estavam apenas aguardando que esses pobres fugitivos pudessem escapar com segurança.

Ló, confuso e aterrorizado, argumentava que não poderia fazer o que os dois visitantes haviam lhe dito. Morando naquela cidade má, sua fé havia se tornado fraca. O Príncipe do Céu estava ao seu lado, mesmo assim Ló suplicava por sua vida, como se Deus, que antes demonstrou tanto amor por ele, não mais o guardasse. Ele deveria ter confiado totalmente no Mensageiro divino. "Aqui perto há uma cidade pequena. Está tão próxima que dá para correr até lá. Deixe-me ir para lá! Mesmo sendo tão pequena, lá estarei a salvo" (Gn 19:20). Zoar ficava apenas a uns poucos quilômetros de Sodoma e, da mesma forma, era má e estava condenada à destruição. Ló pediu que ela fosse poupada, insistindo que esse era apenas um pequeno pedido. Seu desejo foi atendido. O Senhor garantiu: "Está bem [...]. Também lhe atenderei esse pedido; não destruirei a cidade da qual você fala" (Gn 19: 21).

Novamente foi dada a ordem para que se apressassem, pois a terrível tempestade de fogo não demoraria muito a cair. Um dos fugitivos olhou para trás, para a cidade condenada, e se tornou um monumento do juízo de Deus. Se o próprio Ló tivesse obedecido e fugido para a montanha sem fazer objeção, sua esposa também poderia ter escapado. Seu exemplo a teria salvado do pecado que selou sua condenação. Sua relutância fez com que ela desse pouca importância à advertência divina. Embora seu corpo estivesse na planície, seu coração tinha ficado em Sodoma; por isso ela morreu

com a cidade. Ela se rebelou contra Deus porque Seus juízos envolveram seus bens e seus filhos na destruição. Achava que Deus tinha sido muito severo com ela, ao exigir que toda a riqueza que eles demoraram tantos anos para acumular fosse destruída. Em vez de aceitar o livramento com gratidão, presunçosamente olhou para trás, com o imenso desejo de continuar vivendo o mesmo estilo de vida daqueles que rejeitaram o conselho divino.

Há cristãos que dizem: "Não quero ser salvo, a menos que minha esposa e filhos sejam salvos comigo." Acham que o Céu não seria Céu sem a presença daqueles a quem tanto amam. Será que as pessoas que alimentam esse tipo de sentimento não sabem que estão ligadas por laços muito mais fortes de amor e lealdade ao seu Criador e Redentor? Se nossos amigos rejeitam o amor do Salvador, nós também deveríamos rejeitar? Cristo pagou um preço infinito por nossa salvação, e aqueles que dão valor a esse presente não desprezarão a misericórdia de Deus porque outros decidem fazer assim. O fato de outros desconhecerem as justas exigências de Deus deve nos animar a sermos mais prontos para honrar a Deus e levar todos os que pudermos a aceitar o Seu amor.

Sodoma é Destruída

"Quando Ló chegou a Zoar, o sol já havia nascido sobre a Terra" (Gn 19:23). Os brilhantes raios da manhã pareciam trazer somente prosperidade e paz às cidades da planície. A vida ativa e agitada nas ruas estava apenas começando. As pessoas seguiam por vários caminhos, concentradas nos negócios ou prazeres do novo dia. Os genros de Ló estavam se divertindo à custa dos temores e advertências dadas pelo sogro já idoso.

De repente, como o estrondo de um trovão, mesmo sem nenhuma nuvem no céu, a tempestade desabou. O Senhor fez chover fogo e enxofre sobre as cidades e a planície. Palácios e templos, mansões, jardins, vinhedos e multidões amantes do prazer, inclusive aqueles que na noite anterior insultaram os mensageiros do Céu – todos foram consumidos. A fumaça subia como se fosse uma grande fornalha. O belo vale de Sidim se tornou um lugar que nunca mais seria reconstruído ou habitado – uma testemunha, para todas as gerações, da plena certeza dos juízos de Deus sobre os transgressores.

Existem pecados maiores do que aqueles pelos quais Sodoma e Gomorra foram destruídas. Aqueles que ouvem o convite do evangelho para o arrependimento e não atendem ao chamado são mais culpados que os moradores do vale de Sidim. O destino de Sodoma é uma séria advertência, não somente aos que são culpados por viverem abertamente no pecado, mas para todos aqueles que não levam em consideração a luz e

os privilégios enviados pelo Céu.

O Salvador aguarda uma resposta à Sua oferta de amor e de perdão com mais carinho e compaixão que o coração de um pai na Terra ao perdoar um filho que se rebelou. “Voltem para Mim e Eu voltarei para vocês” (Ml 3:7). Aquele que insiste em recusar esse grande amor será finalmente deixado em trevas. O coração que despreza a misericórdia de Deus por longo tempo fica endurecido pelo pecado e não é mais capaz de responder à influência da graça divina. No dia do juízo, haverá mais tolerância para as cidades da planície do que para aqueles que conheceram o amor de Cristo e se voltaram para os prazeres do pecado. Nos livros do Céu, Deus mantém um registro dos pecados das nações, das famílias e de cada pessoa. Ainda são estendidos convites ao arrependimento e ofertas de perdão, mas virá o tempo em que a folha de registro estará completa, a decisão pessoal tomada e o destino da pessoa selado de acordo com sua escolha. Então será dado o sinal para executar o juízo.

Outra Sodoma

No mundo religioso de hoje, pouca importância é dada à misericórdia de Deus. Multidões anulam a lei; “seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens” (Mt 15:9). A infidelidade domina em muitas igrejas, não uma infidelidade declarada, como a negação aberta da Bíblia, mas uma infidelidade sutil que enfraquece a fé na Bíblia como a revelação de Deus. A verdadeira religião tão essencial à vida deu lugar ao formalismo sem sentido. Como resultado, a imoralidade e a apostasia tomaram conta. Cristo declarou: “Aconteceu a mesma coisa nos dias de Ló. [...] Acontecerá exatamente assim no dia em que o Filho do homem for revelado” (Lc 17:28, 30). O mundo está amadurecendo rapidamente para a destruição.

Nosso Salvador afirmou: “Tenham cuidado para não sobrecarregar o coração de vocês de libertinagem, bebedeira e ansiedades da vida, e aquele dia venha sobre vocês inesperadamente. Porque ele virá sobre todos os que vivem na face de toda a Terra” – a todas as pessoas cujos interesses estão focados neste mundo. “Estejam sempre atentos e orem para que vocês possam escapar de tudo o que está para acontecer, e estar em pé diante do Filho do homem” (Lc 21:34-36).

Antes da destruição de Sodoma, Deus enviou uma mensagem a Ló: “Fuja por amor à vida!” (Gn 19:17). A mesma voz de advertência foi ouvida antes da destruição de Jerusalém: “Quando virem Jerusalém rodeada de exércitos, vocês saberão que a sua devastação está próxima. Então os que estiverem na Judeia fujam para os montes” (Lc 21:20, 21). Eles não deveriam se demorar, mas fugir o mais rápido possível.

Houve uma saída, uma clara separação dos ímpios, uma fuga para salvar a vida. Foi assim nos dias de Noé; assim foi com Ló; aconteceu o mesmo com os discípulos antes da destruição de Jerusalém; e assim será nos últimos dias. Mais uma vez podemos ouvir a voz de Deus chamando Seu povo para ficar longe da maldade espalhada por toda parte.

A imoralidade e a apostasia dos últimos dias foram apresentadas ao profeta João na visão de Babilônia, "a grande cidade que reina sobre os reis da Terra" (Ap 17:18). Antes de sua destruição, será feito o convite do Céu: "Saiam dela, vocês, povo Meu, para que vocês não participem dos seus pecados, para que as pragas que vão cair sobre ela não os atinjam!" (Ap 18:4). Como nos dias de Noé e de Ló, não pode existir união entre Deus e o mundo, nem busca por tesouros terrestres (Mt 6:24).

As pessoas continuam sonhando com prosperidade e paz. Multidões proclamam: "Paz e segurança", enquanto o Céu declara que repentina destruição está para cair sobre o transgressor. Na noite anterior à destruição, as cidades da planície se entregaram aos excessos e aos prazeres e zombaram dos avisos do mensageiro de Deus. Na mesma noite, a porta da misericórdia se fechou para sempre aos despreocupados e ímpios habitantes de Sodoma. Deus não será zombado para sempre.

O mundo em massa rejeitará a misericórdia de Deus e será de uma vez destruído para sempre. Aqueles que atenderem às advertências habitarão "no abrigo do Altíssimo" e descansarão "à sombra do Todo-Poderoso" (Sl 91:1).

Não muito tempo depois, quando Deus viu que era necessário, Zoar também foi destruída. Ló fugiu para as montanhas e passou a viver em uma caverna.

Mesmo assim, a maldição de Sodoma o seguiu. A atitude imoral de suas filhas foi o resultado das más amizades naquela cidade ímpia. Ló escolheu Sodoma pelos prazeres e lucros que oferecia, embora tenha mantido o temor de Deus em seu coração. Ele foi salvo como "um tição tirado do fogo" (Zc 3:2), mas sem seus bens e lamentando a perda da esposa e dos filhos, passou a morar em cavernas, em uma vida de completa humilhação em sua velhice. Ele deu ao mundo não uma raça de pessoas justas, mas duas nações idólatras que se opuseram e guerrearam contra o povo de Deus até que foram destruídas, quando se encheu a sua taça de iniquidade. Como foram terríveis os resultados que se seguiram por causa de um passo mal dado!

"Não esgote suas forças tentando ficar rico; tenha bom senso!" (Pv 23:4). "O avarento põe sua família em apuros" (Pv. 15:27). "Os que querem ficar ricos caem em

tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição" (1Tm 6:9).

Quando Ló entrou em Sodoma, ele pretendia se manter inteiramente livre da maldade e ordenar bem a sua casa, mas fracassou. O resultado está claro diante de nós.

Assim como Ló, muitos percebem que seus filhos já estão perdidos, e apenas conseguem salvar a si mesmos. Toda uma vida de trabalho está perdida; não passa de um triste fracasso. Se tivessem praticado a verdadeira sabedoria, seus filhos talvez não tivessem ficado ricos, mas teriam garantido o direito à herança imortal.

A herança que Deus prometeu não está neste mundo. Abraão "peregrinou na terra prometida como se estivesse em terra estranha; viveu em tendas, bem como Isaque e Jacó, co-herdeiros da mesma promessa. Pois ele esperava a cidade que tem alicerces, cujo arquiteto e edificador é Deus" (Hb 11:9, 10). Devemos viver neste mundo como peregrinos e estrangeiros, se pretendemos alcançar "uma pátria melhor, isto é, a pátria celestial" (Hb 11:16).

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 19.

O Casamento Mais Feliz na Bíblia*

Abraão estava bem idoso, mas ainda tinha uma coisa a fazer. Deus havia nomeado Isaque como o próximo guardião da lei divina e o pai do povo escolhido, mas ele ainda era solteiro.

Os cananeus eram adoradores de ídolos, e Deus proibiu os casamentos entre eles e Seu povo, sabendo que tais uniões levariam à apostasia. Isaque era gentil e submisso. Se ele se unisse a alguém que não temia a Deus, correria o risco de sacrificar o princípio em favor da harmonia. Para Abraão, a escolha de uma esposa para seu filho era uma questão extremamente importante. Estava ansioso para que Isaque se casasse com alguém que não o afastaria de Deus.

Nos tempos antigos, os contratos de casamento eram geralmente feitos pelos pais, e esse era o costume entre aqueles que adoravam a Deus. Ninguém era obrigado a se casar com quem não poderia amar, mas os jovens eram orientados pela decisão e bom senso de seus pais tementes a Deus. Era considerado uma desonra para os pais, e até mesmo um crime, agir de modo contrário.

Confiante na sabedoria de seu pai, Isaque estava satisfeito em entregar esse caso a ele, crendo também que o próprio Deus dirigiria a escolha a ser feita. Os pensamentos de Abraão se voltaram para os parentes de seu pai na Mesopotâmia. Eles não estavam livres da idolatria, mas tinham o conhecimento do verdadeiro Deus. Isaque não deveria ir até lá, mas talvez fosse possível encontrar uma jovem na família de seu pai, que estivesse disposta a deixar sua casa e se casar com ele para manter a pureza do culto ao verdadeiro Deus.

Abraão confiou esse importante assunto a Eliézer, "o servo mais velho de sua casa"

(Gn 24:2), um homem experiente e de bom discernimento, que vinha lhe prestando um serviço fiel por muito tempo. Ele exigiu que seu servo fizesse um juramento solene, prometendo que não escolheria uma esposa para Isaque entre os cananeus, mas que escolheria uma moça da família de Naor, na Mesopotâmia. Se não conseguisse encontrar uma moça que quisesse deixar seu lar e sua família, então o mensageiro estaria livre de seu juramento. Abraão o animou com a certeza de que, com a ajuda de Deus, sua missão seria bem-sucedida. "O Senhor, o Deus dos Céus", disse ele, "que me tirou da casa de meu pai e de minha terra natal [...] enviará o Seu anjo adiante de você" (Gn 24:7).

O mensageiro partiu sem demora. Pegando dez camelos para uso de seu grupo e do cortejo nupcial que poderia retornar com ele, levando também presentes para a futura esposa e amigos, ele partiu para a longa jornada além de Damasco, até as planícies banhadas pelo rio Eufrates, o grande rio do Oriente.

Quando chegou a Harã, a "cidade onde Naor tinha morado" (Gn 24:10), parou do lado de fora dos muros, próximo ao poço onde as mulheres vinham à tarde para buscar água. Estava preocupado. Resultados importantes e de grandes consequências, não só para a casa de seu senhor, mas para as gerações futuras, dependiam da escolha que ele fizesse. Lembrando-se de que Deus enviaria o Seu anjo com ele, orou pedindo uma clara direção. Na família de seu senhor, ele estava acostumado a sempre agir com bondade e hospitalidade e, naquele momento, pediu que um ato de cortesia indicasse a jovem que Deus tinha escolhido.

Mal terminou a oração, e a resposta foi dada. Entre as moças que estavam junto ao poço, as maneiras corteses de uma delas atraíram a sua atenção. Assim que ela se retirou, o estranho foi ao seu encontro e pediu um pouco de água do cântaro que tinha sobre os ombros. O pedido recebeu uma amável resposta, e ela se ofereceu para tirar água para os camelos também.

Assim, o sinal que pediu rapidamente lhe foi dado. A jovem "era muito bonita", e sua prontidão e cortesia provaram que tinha um bom coração e uma natureza dinâmica e ativa. Até aí a mão divina estava com ele. O mensageiro perguntou de quem ela era filha e, quando ele soube que o pai da moça era Betuel, sobrinho de Abraão, "curvou-se em adoração ao Senhor".

O mensageiro explicou então à jovem o relacionamento que tinha com Abraão. Ao voltar para casa, ela contou o que tinha acontecido, e Labão, seu irmão, no mesmo instante, saiu apressado e trouxe o estranho para se hospedar na casa deles.

Eliézer não quis comer alimento algum antes de falar da missão que o havia levado até ali, da oração junto ao poço e de tudo o que tinha acontecido depois disso. Então ele disse: “Agora, se quiserem mostrar fidelidade e bondade a meu senhor, digam-me; e, se não quiserem, digam-me também, para que eu decida o que fazer” (Gn 24:49). E a resposta foi: “Isso vem do Senhor; nada lhe podemos dizer, nem a favor, nem contra. Aqui está Rebeca; leve-a com você e que ela se torne a mulher do filho do seu senhor, como disse o Senhor” (Gn 24:50, 51).

Rebeca Acreditou em Eliézer

A própria Rebeca foi consultada para saber se ela estava disposta a ir para um lugar tão distante da casa de seus pais a fim de se casar com o filho de Abraão. Ela acreditou que Deus a havia escolhido para ser a esposa de Isaque e disse: “Sim, quero” (Gn 24:58).

O servo, imaginando a alegria de seu senhor, ficou ansioso para partir e, logo ao amanhecer, eles se puseram a caminho na viagem de volta para casa. Abraão morava em Berseba, e Isaque, que estava pastoreando os rebanhos numa região próxima, tinha voltado à tenda de seu pai para esperar pelo mensageiro que vinha de Harã. “Certa tarde, saiu ao campo para meditar. Ao erguer os olhos, viu que se aproximavam camelos. Rebeca também ergueu os olhos e viu Isaque. Ela desceu do camelo e perguntou ao servo: ‘Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?’ ‘É meu senhor’, respondeu o servo. Então ela se cobriu com o véu. Depois o servo contou a Isaque tudo o que havia feito. Isaque levou Rebeca para a tenda de sua mãe Sara; fez dela sua mulher, e a amou; assim Isaque foi consolado após a morte de sua mãe” (Gn 24:63-67).

Abraão tinha observado o resultado dos casamentos entre aqueles que temiam a Deus e os que não temiam, desde os dias de Caim até a época em que vivia. As consequências de sua união com Hagar e os casamentos de Ismael e Ló estavam diante dele. A influência de Abraão sobre seu filho Ismael foi prejudicada pelo convívio com os parentes idólatras de Hagar e pela ligação de Ismael com esposas descrentes. A inveja de Hagar e das esposas que ela escolheu para Ismael cercou sua família com uma barreira que Abraão se esforçou, mas não conseguiu ultrapassar.

Os primeiros ensinos de Abraão não deixaram de ter algum efeito sobre Ismael, mas as influências de suas esposas resultaram na prática da idolatria em sua família. Separado de seu pai e amargurado pelas brigas e discórdias de um lar onde faltava o amor e o temor de Deus, Ismael foi levado a escolher a vida selvagem de um chefe de ladrões do deserto; “sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele” (Gn 16:12).

No fim da vida, ele se arrependeu e voltou ao Deus de seu pai, mas as marcas de caráter ficaram e foram transmitidas aos seus descendentes. A poderosa nação que veio de sua descendência foi um povo pagão e perturbador.

A esposa de Ló foi uma mulher egoísta, sem religião, e fez tudo para separar seu marido de Abraão. Se não fosse por sua causa, Ló não teria ficado em Sodoma. A influência de sua esposa e o seu relacionamento com o povo dessa ímpia cidade o teriam levado a se afastar de Deus, se não fossem as fiéis instruções recebidas de Abraão em sua juventude.

É perigoso, para aquele que teme a Deus, relacionar-se com aqueles que não O temem. "Duas pessoas andarão juntas se não estiverem de acordo?" (Am 3:3). A felicidade e o sucesso do casamento dependem da harmonia entre marido e mulher; mas há uma diferença radical de gostos, inclinações e objetivos entre o crente e o descrente. Por mais puros e corretos que sejam os princípios de um, a influência de um companheiro ou companheira descrente terá a tendência de afastar o crente de Deus.

Aqueles que entraram para o casamento quando ainda não eram convertidos, e depois se converteram, têm maior obrigação de serem fiéis ao seu cônjuge, não importando quais sejam as suas diferenças quanto à fé religiosa. Entretanto, as ordens de Deus devem ser colocadas acima de todo relacionamento terreno, mesmo que traga provações e perseguição. O espírito de amor e fidelidade pode conquistar o cônjuge descrente. No entanto, o casamento com descrentes é proibido na Bíblia. "Não se ponham em jugo desigual com os descrentes" (2Co 6:14; ver também v. 17, 18).

Antes do Casamento

Isaque foi o herdeiro das promessas pelas quais o mundo seria abençoado; mesmo assim, quando estava com quarenta anos de idade, permitiu que seu pai escolhesse uma esposa para ele. O resultado desse casamento traz um belo exemplo de felicidade no lar: "Isaque levou Rebeca para a tenda de sua mãe Sara; fez dela sua mulher, e a amou; assim Isaque foi consolado após a morte de sua mãe" (Gn 24:67).

É muito comum encontrar jovens que acham que a escolha de um companheiro para a vida é uma questão pessoal, que diz respeito a eles somente. Acham-se capazes de fazer a própria escolha sem a ajuda dos pais. Alguns anos após o casamento são o bastante para mostrar a eles o seu erro, mas quando já é tarde demais. A mesma falta de sabedoria e domínio próprio que determinaram a escolha precipitada tornam os problemas ainda piores, até que o casamento se transforma em um fardo. Assim, muitos perderam a felicidade nesta vida e a esperança da vida futura.

Se a Bíblia já foi necessária como conselheira, se em algum tempo a direção divina deveria ser buscada em oração, é ainda mais no momento de dar esse passo que une as pessoas para toda a vida.

Pais e mães jamais deveriam perder de vista a responsabilidade que têm para com a felicidade futura de seus filhos. Ao mesmo tempo em que Abraão exigia de seus filhos o respeito à autoridade paterna, sua vida diária dava fiel testemunho de que essa autoridade não era um domínio egoísta ou arbitrário, mas que estava fundamentada no amor e que tinha em vista o bem-estar e a felicidade deles.

Os pais e mães têm o dever de orientar os sentimentos dos jovens para que sejam colocados naqueles que serão companheiros apropriados para eles. Devem moldar o caráter de seus filhos desde os primeiros anos de vida, para que sejam puros e nobres, atraídos para tudo que seja bom e verdadeiro. Se o amor à verdade, à pureza e à bondade foi colocado desde cedo em seu coração, o jovem procurará a amizade daqueles que possuem essas características.

Pais, procurem ser semelhantes ao nosso Pai celestial, que é todo amor. Permitam que no lar reine uma atmosfera de alegria. Isso será de muito maior valor para seus filhos do que terras ou dinheiro. Que o amor no lar seja mantido vivo no coração de cada um deles para que possam olhar para trás e relembrar o lar de sua infância como um lugar de paz e felicidade bem próximo do Céu.

O verdadeiro amor é um princípio elevado e santo, inteiramente diferente do amor que é despertado por um impulso, e que morre de repente ao ser duramente provado. Na casa dos pais, os jovens devem se preparar para formar seus próprios lares. É ali que devem praticar a abnegação, a bondade, a cortesia e a simpatia cristã.

O jovem que sai de um lar assim para se tornar o chefe da própria família saberá como promover a felicidade daquela que escolheu como companheira para toda a vida. O casamento, em vez de ser o fim do amor, será apenas o seu começo.

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 24.

Jacó e Esaú*

Jacó e Esaú, os filhos gêmeos de Isaque, apresentam um nítido contraste entre eles, tanto no caráter como na vida. Antes de nascerem, o anjo de Deus previu o quanto eles seriam diferentes. Em resposta à oração aflita de Rebeca, o anjo declarou que ela teria dois filhos. Ele revelou a história deles no futuro, dizendo que cada um se tornaria o pai de uma poderosa nação, mas que um seria maior que o outro, e que o mais novo dominaria sobre o mais velho.

Esaú cresceu fazendo a própria vontade e centralizava todo o seu interesse no momento em que estava vivendo. Sem limites, sua alegria era viver a vida selvagem e a vida de caçador. No entanto, era o favorito de seu pai. Esse filho mais velho explorava sem medo as montanhas e desertos, depois voltava para casa com a caça e com as emocionantes histórias de sua vida de aventuras.

Jacó era mais ajuizado e esforçado, sempre pensava mais no futuro que no presente, vivia contente com a vida no lar, ocupado em cuidar dos rebanhos e cultivar a terra. Sua mãe apreciava sua paciente perseverança, economia e prudência. O cuidado e atenção que ele dedicava à mãe contribuíam mais para a felicidade dela do que os gestos impulsivos de carinho que Esaú demonstrava de vez em quando. Para Rebeca, Jacó era o filho mais querido.

Esaú e Jacó foram ensinados a considerar o direito de primogenitura como uma questão de grande importância, pois incluía não só a herança dos bens materiais, mas a liderança espiritual. Aquele que a recebia se tornava o sacerdote de sua família, e da linhagem de seus descendentes viria o Redentor do mundo.

Por outro lado, quem recebesse o direito de primogenitura tinha algumas

obrigações. Aquele que herdasse a bênção deveria dedicar sua vida ao serviço de Deus. No casamento, nas relações familiares, na vida pública, deveria consultar a vontade de Deus.

Isaque falou com seus filhos a respeito desses privilégios e condições, e explicou claramente que Esaú, como o irmão mais velho, era o que tinha direito à primogenitura. No entanto, Esaú não se dedicava à devoção nem tinha inclinação para viver uma vida religiosa. Para ele, as exigências que acompanhavam o direito de primogenitura não passavam de restrições inconvenientes e até detestáveis. Esaú considerava um fardo de escravidão a lei de Deus e a condição da aliança de Deus com Abraão.

Decidido a satisfazer a própria vontade, o que mais desejava era ter a liberdade de fazer o que lhe agradasse. Para ele, o poder e as riquezas, festas e orgias eram o que trazia felicidade. Amava a liberdade sem restrições de sua vida selvagem e errante.

Rebeca se lembrava das palavras do anjo e conseguia diferenciar mais claramente o caráter de seus filhos do que seu marido. Convencida de que a herança da promessa divina estava destinada a Jacó, ela repetiu para Isaque as palavras ditas pelo anjo. Mesmo assim, as afeições do pai estavam centralizadas no filho mais velho. Ele estava decidido a dar a Esaú o direito de primogenitura.

Jacó ficou sabendo por sua mãe que o direito de primogenitura deveria ser dado a ele e desejava intensamente receber os privilégios dessa bênção. Não era a posse das riquezas de seu pai que ansiosamente esperava; era o direito de primogenitura que ele mais almejava. Ter comunhão com Deus como Abraão, oferecer sacrifícios pelo pecado, ser o pai do povo escolhido, de onde viria o prometido Messias, tomar posse da herança imortal que envolvia as bênçãos da aliança – esses eram os privilégios e a honra que Jacó ardentemente desejava.

Ouvia com atenção tudo o que seu pai dizia a respeito da primogenitura espiritual; guardou cuidadosamente na memória o que aprendeu com sua mãe. Esse assunto se tornou o foco de sua vida. Apesar disso, Jacó não tinha um relacionamento pessoal com o Deus a quem ele reverenciava. O coração não tinha sido renovado pela graça divina. Procurava constantemente um meio pelo qual pudesse conseguir a bênção que era desvalorizada por seu irmão, mas que para ele era tão preciosa.

Esaú Vende seu Tesouro

Ao voltar para casa certo dia, depois da caçada, com muita fome e cansado, Esaú pediu o alimento que seu irmão estava preparando. Jacó aproveitou o momento para

tirar vantagem da situação e ofereceu o alimento em troca da primogenitura. "Estou quase morrendo. De que me vale esse direito?" (Gn 25:32), exclamou o caçador precipitado e condescendente consigo mesmo. Por um prato de lentilhas vermelhas, ele abriu mão de sua primogenitura e confirmou a troca com um juramento. Para satisfazer um desejo do momento, demonstrando toda a sua indiferença, ele trocou a gloriosa herança que o próprio Deus tinha prometido a seus pais. Todo o seu interesse estava no presente. Ele estava pronto a sacrificar as coisas celestiais por prazeres terrenos, a trocar um bem futuro por uma satisfação momentânea.

"Assim Esaú desprezou o seu direito de filho mais velho" (Gn 25:34). Ao desistir da primogenitura, ele sentiu uma sensação de alívio. Agora poderia fazer o que quisesse. Para satisfazer prazeres descontrolados assim, equivocadamente chamados de liberdade, muitos estão vendendo seu direito de primogenitura representado por uma herança eterna nos Céus!

Esaú se casou com duas mulheres hititas. Elas adoravam falsos deuses, e a idolatria delas trazia grande amargura para Isaque e Rebeca. Esaú tinha transgredido uma das condições da aliança que proibia o casamento entre o povo escolhido e os pagãos; mesmo assim, Isaque ainda estava decidido a conceder a ele o direito de primogenitura.

Os anos se passaram. Isaque, já idoso e cego, sentindo que a morte se aproximava, resolveu não demorar mais a dar a bênção ao seu filho mais velho. Sabendo da oposição de Rebeca e de Jacó, decidiu realizar a solene cerimônia em segredo e deu as instruções a Esaú: "Vá ao campo caçar alguma coisa para mim. Prepara-me aquela comida saborosa que tanto aprecio e traga-me para que eu a coma e o abençoe antes de morrer" (Gn 27:3, 4).

Rebeca contou a Jacó o que tinha acontecido, insistindo para que tomassem uma atitude imediata a fim de que a bênção não fosse concedida a Esaú. Ela afirmou ao filho que, se ele seguisse suas instruções, obteria o direito de primogenitura conforme Deus tinha prometido. Jacó não concordou facilmente. O pensamento de enganar seu pai lhe causava grande angústia. Um pecado como esse traria maldição em vez de bênção.

Ele enfim cedeu e começou a colocar em ação as sugestões de sua mãe. Jacó não tinha a intenção de mentir; porém, ao estar na presença de seu pai, percebeu que tinha ido muito longe para voltar atrás. Mesmo assim, conseguiu receber a cobiçada bênção por meio da fraude.

Consequências do Engano

Jacó e Rebeca foram bem-sucedidos em seu plano, mas conseguiram apenas aborrecimento e tristeza por seu engano. Deus afirmou que Jacó receberia a bênção da primogenitura; portanto, Sua palavra teria se cumprido se Jacó tivesse esperado que Deus agisse em seu favor. Rebeca se arrependeu amargamente do mau conselho que deu ao filho. Jacó sentiu o peso da culpa. Ele tinha pecado contra seu pai, contra seu irmão, contra si mesmo e contra Deus. Não levou mais que uma hora para ele cometer um ato que lhe traria arrependimento para toda a vida. Essa cena ainda estava vívida diante dele, anos depois, quando o mau procedimento de seus filhos apertava seu coração.

Assim que Jacó saiu da tenda de seu pai, entrou Esaú. Embora tivesse vendido seu direito de primogenitura, ele estava determinado a obter as bênçãos por ela garantidas. Com a bênção da primogenitura espiritual, estavam envolvidas as bênçãos materiais que davam o direito de chefiar a família e de receber porção dobrada das riquezas do pai. "Meu pai, levante-se e coma da minha caça, para que o senhor me dê sua bênção" (Gn 27:31).

Tremendo de espanto e angústia, o idoso pai, já cego, soube do engano praticado contra ele. Sentiu profundamente a decepção que o filho mais velho também sentiria. No entanto, veio à sua mente, no mesmo instante, a convicção de que a providência de Deus havia feito acontecer justamente o que ele estava determinado a impedir. Lembrou-se das palavras do anjo a Rebeca e viu que Jacó seria o mais indicado para cumprir os propósitos de Deus. Enquanto as palavras da bênção eram pronunciadas, ele sentia sobre si o Espírito de Inspiração; e confirmou então a bênção que pronunciou involuntariamente sobre Jacó: "A ele abençoei; e abençoado ele será!" (Gn 27:33).

Arrependimento Tardio

Esaú deu pouca importância à bênção quando ainda estava ao seu alcance; porém, a partir do momento em que não pôde mais recebê-la, ficou terrivelmente triste e com muita raiva. "Meu pai, o senhor tem apenas uma bênção? Abençoe-me também, meu pai!" (Gn 27:38). Contudo, o direito de primogenitura que ele tão descuidadamente trocou, não pôde conseguir de volta. "Por uma única refeição" (Hb 12:16), por uma satisfação momentânea do apetite que nunca foi reprimido, Esaú vendeu sua herança.

Quando viu a loucura que tinha feito, já era muito tarde para voltar atrás. "Não teve como alterar sua decisão, embora buscasse a bênção com lágrimas" (Hb 12:17). Esaú ainda poderia buscar o favor de Deus, caso se arrependesse, mas não tinha mais como recuperar a primogenitura. Ele ficou muito triste pelos resultados do seu pecado,

mas não pelo pecado em si.

Na Bíblia, Esaú é chamado de "imoral ou profano" (Hb. 12:16). Ele representa aqueles que dão pouco valor à redenção adquirida por Cristo e estão prontos a sacrificar sua herança no Céu pelos bens passageiros da Terra. Multidões vivem sem qualquer preocupação ou cuidado pelo futuro. Como Esaú, exclamam: "Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos" (1Co 15:32). Quando os desejos do apetite tomam conta, Deus e o Céu são praticamente desprezados. Diante do dever de se purificarem de toda a impureza da carne e do espírito, aperfeiçoando a sua santidade no poder de Deus, sentem-se ofendidos.

Multidões estão vendendo seu direito de primogenitura pela satisfação dos sentidos. Sacrificam a saúde, enfraquecem as faculdades mentais e perdem o Céu, tudo por um simples prazer temporário que os enfraquece e desmoraliza ao mesmo tempo. Esaú despertou muito tarde para conseguir recuperar sua perda. Assim acontecerá no grande dia de Deus com aqueles que trocaram sua posição de herdeiros do Céu por suas satisfações egoístas.

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 25:19-34; 27.

A Fuga e o Exílio de Jacó*

Ameaçado de morte por Esaú, Jacó saiu da casa de seu pai como fugitivo, mas levava consigo a bênção paterna. Isaque renovou a promessa da aliança feita a ele e orientou o filho para que procurasse uma esposa entre a família de sua mãe, na Mesopotâmia.

Jacó partiu para fazer sua viagem solitária com o coração profundamente perturbado. Com apenas um cajado na mão, ele teve que viajar centenas de quilômetros em terras habitadas por tribos selvagens e nômades. Cheio de remorso e medo, procurava evitar as pessoas. Estava com receio de ser seguido pelo irmão que se havia deixado dominar pela raiva. Temia ter perdido para sempre a bênção que Deus tinha prometido lhe dar, e Satanás estava a postos para atacá-lo com tentações.

Ao anoitecer do segundo dia, ele já estava distante das tendas de seu pai. Sentia-se rejeitado e sabia que toda aquela inquietação havia recaído sobre ele por causa de seu mau procedimento. O desespero o incomodava tanto que ele quase deixou de orar. Estava tão solitário que sentiu necessidade da proteção de Deus como nunca antes. Em lágrimas, ele confessou seu pecado e pediu sinceramente que Deus lhe desse uma prova de que não o havia abandonado por completo. Jacó perdera toda a confiança em si mesmo e ficou com medo de que Deus o tivesse rejeitado.

Apesar de tudo, Deus ainda tinha misericórdia de Seu servo fugitivo e sem qualquer confiança em si mesmo. Com grande compaixão, o Senhor revelou exatamente o que Jacó precisava – um Salvador. Ele tinha pecado, mas Deus revelou um caminho pelo qual poderia ser restaurado ao favor divino.

Cansado, o viajante se deitou no chão, tendo uma pedra como travesseiro. Ao

dormir, ele viu uma escada, cuja base estava apoiada na Terra enquanto o topo alcançava o Céu. Por essa escada, anjos subiam e desciam. Acima estava o Senhor da glória, e do Céu Jacó ouviu a Sua voz: "Eu sou o Senhor, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaque. [...] Todos os povos da Terra serão abençoados por meio de você e da sua descendência" (Gn 28:13, 14). Essa promessa tinha sido feita a Abraão e a Isaque, e agora estava sendo renovada a Jacó. Naquele momento, ele ouviu as seguintes palavras de ânimo e de conforto: "Estou com você e cuidarei de você, aonde quer que vá; e Eu o trarei de volta a esta terra. Não o deixarei enquanto não fizer o que lhe prometi" (Gn 28:15).

O Senhor, em Sua misericórdia, revelou o futuro ao fugitivo arrependido para que pudesse estar preparado para resistir às tentações que seriam colocadas diante dele quando estivesse sozinho entre pessoas idólatras e astutas. Sabendo que o propósito de Deus se cumpriria por meio dele, Jacó teria forças para se manter fiel.

Nessa visão, Jacó ficou sabendo de detalhes do plano da redenção que eram importantes para ele naquele momento. A escada que ele viu no sonho era a mesma a que Cristo Se referiu em Sua conversa com Natanael: "Vocês verão o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem" (Jo 1:51). O pecado de Adão e Eva separou a Terra do Céu, de maneira que os seres humanos não mais poderiam ter comunhão com seu Criador. Mesmo assim, o mundo não foi deixado sem esperança. A escada representa Jesus, o meio indicado para a comunicação. Cristo nos une, em nossa fraqueza e desamparo, à fonte de infinito poder.

Tudo isso foi revelado a Jacó no sonho. Embora no momento sua mente conseguisse entender apenas uma parte da revelação, suas grandes e misteriosas verdades foram o estudo de toda a sua vida, trazendo cada vez mais luz à sua compreensão.

Jacó despertou do sono no profundo silêncio da noite. A visão havia se acabado. Agora, ele conseguia ver somente o contorno das colinas solitárias sob o céu brilhante e cheio de estrelas. Tinha consigo o solene sentimento de que Deus estava com ele. "Sem dúvida o Senhor está neste lugar", disse ele, "mas eu não sabia!" [...] "Temível é esse lugar! Não é outro, senão a casa de Deus; esta é a porta dos Céus" (Gn 28:16, 17).

"Na manhã seguinte, Jacó pegou a pedra que tinha usado como travesseiro, colocou-a em pé como coluna e derramou óleo sobre o seu topo" (Gn 28:18). Ele chamou aquele lugar de Betel, ou "casa de Deus" (Gn 28:19). Então fez um voto solene: "Se Deus estiver comigo, cuidar de mim nesta viagem que estou fazendo, prover-me de

comida e roupa, e levar-me de volta em segurança à casa de meu pai, então o Senhor será o meu Deus. E esta pedra que hoje coloquei como coluna servirá de santuário de Deus; e de tudo o que me deres certamente Te darei o dízimo" (Gn 28:20-22).

Jacó não estava tentando fazer um contrato com Deus. O Senhor prometeu prosperidade a ele antes disso, e esse voto foi feito por um coração cheio de gratidão pela certeza do amor e da misericórdia de Deus. Jacó sentiu que tais evidências especiais do favor divino mereciam uma retribuição.

Os cristãos devem sempre lembrar com gratidão dos preciosos livramentos proporcionados por Deus, ao abrir caminhos diante deles quando tudo parecia escuro e ameaçador, animando-os quando estavam prontos a desanimar. Diante de tantas bênçãos inumeráveis, deveríamos constantemente nos perguntar: "Como posso retribuir ao Senhor toda a Sua bondade para comigo?" (Sl 116:12).

Por que o Dízimo é Sagrado

Sempre que passamos por um livramento especial ou bênçãos novas e inesperadas nos são concedidas, devemos reconhecer a bondade de Deus por meio de dádivas e ofertas à Sua causa. Assim como recebemos continuamente as bênçãos de Deus, devemos também continuamente Lhe oferecer nossas dádivas.

"De tudo o que me deres", disse Jacó, "certamente Te darei o dízimo" (Gn 28:22). Deveremos nós, que temos a plena luz do evangelho, ficar satisfeitos em dar a Deus menos do que deram aqueles que viveram antes de Jesus ter vindo ao mundo? Não são nossas obrigações muito maiores? Como é inútil tentar contar matematicamente o tempo, o dinheiro e o amor, diante de tão imensurável amor e de um dom de valor incalculável como esse. Dízimos para Cristo! A esmola mesquinha é uma resposta vergonhosa para aquilo que teve um preço tão alto! Da cruz do Calvário, Cristo nos pede uma consagração sem reservas de tudo o que temos, de tudo o que somos.

Com a fé renovada e a certeza da presença dos anjos do Céu com ele, Jacó "seguiu viagem e chegou à Mesopotâmia" (Gn 29:1). Como foi diferente a sua chegada daquela do mensageiro de Abraão, quase cem anos antes! Eliézer, o servo, chegou com uma caravana de ajudantes montados em camelos, com ricos presentes de ouro e prata. Jacó era um viajante solitário, com os pés cansados e doloridos, sem nenhum bem, a não ser o seu cajado. Assim como aconteceu ao servo de Abraão, Jacó também parou junto ao poço, e foi ali que ele se encontrou com Raquel, a filha mais nova de Labão. Após falar sobre o seu parentesco, foi bem recebido na casa de Labão. Poucas semanas foram necessárias para que o pretendente mostrasse o valor de sua prontidão e habilidade.

Sendo assim, insistiram com ele para que ficasse. Ficou combinado que Jacó prestaria a Labão sete anos de trabalho para poder se casar com Raquel.

O Amor de Jacó por Raquel

Antigamente, era costume exigir que o noivo, antes de confirmar o contrato de casamento, pagasse para o pai da noiva uma soma em dinheiro, ou o equivalente em uma propriedade, de acordo com a sua situação financeira. Isso era considerado uma proteção para o casamento. Os pais não achavam seguro confiar a felicidade de suas filhas a homens que não tivessem feito as devidas economias para o sustento da família. Se não tivessem suficiente controle financeiro, energia para administrar seus negócios e adquirir gado ou terras, temiam que de nada valeria sua vida juntos. Também eram tomadas algumas providências para provar aqueles que não tinham como pagar por uma esposa. Era permitido que o noivo trabalhasse para o pai da moça a quem ele amava. O tempo era determinado pelo valor do dote exigido. Quando o pretendente era fiel e provava ser digno, recebia a filha como esposa.

O dote que o pai recebia geralmente era dado à filha quando se casasse. Contudo, tanto no caso de Raquel como no de Lia, tomado pelo egoísmo, Labão ficou com o dote que deveria ter dado a elas. Elas se referiram ao dote quando disseram, pouco antes de deixar a Mesopotâmia: "Não apenas nos vendeu como também gastou tudo o que foi pago por nós!" (Gn 31:15).

A exigência de que o noivo deveria prestar serviço para conseguir se casar com sua noiva era uma forma de evitar casamentos precipitados. Dava a ele a oportunidade de provar a profundidade de seu amor, como também suas habilidades para prover o sustento da família. Nos dias de hoje, as pessoas têm pouca oportunidade de se familiarizar com os hábitos e costumes umas das outras. São praticamente estranhas quando unem sua vida diante do altar. Muitos percebem, quando já é tarde, que não conseguem se adaptar um ao outro, e o resultado é a angústia e sofrimento ao longo de toda a vida. Muitas vezes, a esposa e os filhos sofrem com a preguiça ou vícios do marido e pai. Se o caráter dos pretendentes fosse provado antes do casamento, de acordo com esse antigo costume, muita infelicidade poderia ser evitada.

Jacó prestou sete anos de fiel serviço por Raquel, e os anos que serviu "lhe pareceram poucos dias, pelo tanto que a amava" (Gn 29:20). O egoísta e ganancioso Labão cometeu um engano cruel ao substituir Raquel por Lia. O fato de a própria Lia ter cooperado para a farsa fez com que Jacó sentisse que não poderia amá-la. Muito indignado, ele repreendeu Labão, que lhe ofereceu Raquel por outros sete anos de

serviço. Labão insistiu que Lia não deveria ser despedida. Isso colocou Jacó numa posição muito dolorosa e difícil, mas ele acabou concordando; ficaria com Lia e se casaria com Raquel, que foi sempre aquela que ele mais amou; porém, sua vida foi amargurada pela rivalidade que existia entre as irmãs que se tornaram suas esposas.

Por vinte anos, Jacó permaneceu na Mesopotâmia trabalhando para Labão, que tinha em mente obter todos os benefícios do parentesco entre eles. Exigiu catorze anos de trabalho árduo por suas duas filhas e, durante o tempo restante, o salário de Jacó foi mudado dez vezes.

Mesmo assim, Jacó trabalhou com dedicação e fidelidade. Durante algumas épocas do ano era necessário que estivesse constantemente com o rebanho nos campos, para guardá-los e evitar que morressem de sede na estação da seca, e durante os meses mais frios para que não congelassem com a pesada geada que caía durante a noite. Jacó era o chefe dos pastores; os servos que ele empregava eram pastores ajudantes. Se faltasse alguma ovelha, o chefe dos pastores sofria o prejuízo e chamava os servos para darem estrita conta se o rebanho não estivesse se desenvolvendo conforme o esperado.

Temos um Pastor Fiel

A vida do pastor, em seu cuidado e amor pelas criaturas indefesas, ilustra algumas verdades preciosas do evangelho. Cristo é comparado a um pastor. Ele viu Suas ovelhas condenadas a morrer nos terríveis caminhos do pecado. Para salvar esses seres errantes, deixou as honras e glórias da casa de Seu Pai. Ele diz: "Procurarei as perdidas e trarei de volta as desviadas. Enfaixarei a que estiver ferida e fortalecerei a fraca. [...] Eu salvarei o Meu rebanho, e elas não mais serão saqueadas. [...] Nem os animais selvagens as devorarão" (Ez 34:16, 22, 28). Sua voz é ouvida chamando as ovelhas ao Seu aprisco, "e será um abrigo e sombra para o calor do dia, refúgio e esconderijo contra a tempestade e a chuva" (Is 4:6). Ele fortalece a fraca, alivia as que sofrem, ajunta os cordeiros em Seus braços e os carrega junto ao Seu coração. Suas ovelhas O amam. "Mas nunca seguirão um estranho; na verdade, fugirão dele, porque não reconhecem a voz de estranhos" (Jo 10:5).

A igreja de Cristo foi comprada com Seu sangue, e todo pastor que tiver o espírito de Cristo imitará o Seu exemplo de abnegação, trabalhando constantemente pelo bem daqueles que estão sob a sua responsabilidade, e o rebanho crescerá sob os seus cuidados. "Quando se manifestar o supremo Pastor", diz o apóstolo Pedro, "vocês receberão a imperecível coroa de glória" (1Pe 5:4).

Já cansado de trabalhar para Labão, Jacó decidiu voltar para Canaã. Disse então ao

sogro: “Deixe-me voltar para a minha terra natal. Dê-me as minhas mulheres, pelas quais o servi, e os meus filhos, e partirei. Você bem sabe quanto trabalhei para você.” Labão insistiu para que ele ficasse, dizendo: “Peço-lhe que fique. [...] descobri que o Senhor me abençoou por sua causa” (Gn 30:25-27).

Jacó respondeu: “O pouco que você possuía antes da minha chegada aumentou muito” (Gn 30:30). Com o passar do tempo, Labão passou a ter inveja da grande prosperidade de Jacó, que “ficou extremamente rico” (Gn 30:43). Assim como o pai, os filhos de Labão também estavam com inveja, e suas palavras maldosas chegaram aos ouvidos de Jacó: Ele “‘tomou tudo que o nosso pai tinha e juntou toda a sua riqueza à custa do nosso pai.’ E Jacó percebeu que a atitude de Labão para com ele já não era a mesma de antes” (Gn 31:1, 2).

Jacó teria deixado seu astuto sogro muito tempo antes, não fosse o medo que tinha de se encontrar com Esaú. Percebia que estava em perigo, por causa dos filhos de Labão que, ao olharem para a sua riqueza como se fosse deles, poderiam tomá-la pela violência. Ele se achava em grande perplexidade e angústia. Então lembrou-se da graciosa promessa feita em Betel, e levou o seu caso a Deus. Por meio de um sonho, sua oração foi respondida: “Volte para a terra de seus pais e de seus parentes, e Eu estarei com você” (Gn 31:3).

Os rebanhos e o gado foram reunidos rapidamente e enviados à frente, e com suas duas mulheres, filhos e servos, Jacó atravessou o rio Eufrates, apressando-se para chegar a Gileade, nas fronteiras de Canaã. Depois de três dias, Labão saiu atrás deles, alcançando-os no sétimo dia de viagem. Ele estava extremamente irado e decidido a forçar todo o grupo a voltar. Os fugitivos estavam realmente em grande perigo.

O próprio Deus interveio para proteger Seu servo. “Tenho poder para prejudicá-los”, disse Labão, “mas, na noite passada, o Deus do pai de vocês me advertiu: ‘Cuidado! Não diga nada a Jacó, não lhe faça promessas nem ameaças” (Gn 31:29). Isso queria dizer que ele não deveria obrigar Jacó a retornar ou insistir com ele fazendo promessas lisonjeiras.

Labão tinha retido o dote de casamento de suas filhas e tratava Jacó usando de astúcia e grosseria, mas naquele momento o reprovou por ter partido secretamente e por não ter dado ao pai a oportunidade de fazer uma festa de despedida, ou mesmo de se despedir de suas filhas e de seus netos.

Em resposta, Jacó apresentou claramente a conduta egoísta e ambiciosa de Labão, e

apelou para ele como testemunho de sua fidelidade e honestidade: “Se o Deus de meu pai, o Deus de Abraão, o Temor de Isaque não estivesse comigo”, disse Jacó, “certamente você me despediria de mãos vazias. Mas Deus viu o meu sofrimento e o trabalho das minhas mãos e, na noite passada, Ele manifestou a Sua decisão” (Gn 31:42).

Labão não poderia negar os fatos e propôs uma aliança de paz. Jacó concordou e uma pilha de pedras foi erguida como símbolo daquele pacto. A essa coluna, Labão deu o nome de Mispá, “Torre de Vigia”, dizendo: “Que o Senhor nos vigie, a mim e a você, quando estivermos separados um do outro. [...] Que o Deus de Abraão, o Deus de Naor, o Deus do pai deles julgue entre nós. Então Jacó fez um juramento em nome do Temor de seu pai Isaque” (Gn 31:49, 53).

Para confirmar a aliança, as duas partes realizaram um banquete. Passaram a noite reunidos amigavelmente e, ao amanhecer, Labão e seu grupo partiram para casa. Com essa separação, acabou toda a ligação que havia entre os filhos de Abraão e os moradores da Mesopotâmia.

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 28 a 31.

A Terrível Noite de Luta*

Com muitos pressentimentos, Jacó refez todo o caminho pelo qual passou como fugitivo vinte anos antes. Seu pecado por ter enganado seu pai estava sempre diante dele. Sabia que seu longo exílio era o resultado direto daquele pecado. Pensava nesse ato dia e noite e, com a consciência pesada, a caminhada se tornava muito triste. Ao aparecerem à distância as colinas de sua terra natal, todo o seu passado voltou claramente diante dele. Com a lembrança de seu pecado vieram também as promessas divinas de auxílio e direção.

Teve medo quando pensou em Esaú. Seu irmão poderia ser levado à violência contra ele, não somente pelo desejo de vingança, mas para obter a posse da riqueza que durante tanto tempo tinha considerado como sua.

Mais uma vez o Senhor deu a Jacó um sinal do cuidado divino; dois exércitos de anjos celestiais avançavam com seu grupo para servir de proteção. Jacó se lembrou da visão em Betel tanto tempo antes, e seu coração sobrecarregado ficou mais leve. Os mensageiros divinos que lhe trouxeram esperança e coragem ao fugir de Canaã deveriam ser os guardas durante o seu retorno. "Quando Jacó os avistou, disse: 'Este é o exército de Deus!'" (Gn 32:2).

Mesmo assim, Jacó sentiu que deveria fazer alguma coisa para garantir sua segurança. Então enviou mensageiros a Esaú com uma saudação, na esperança de que seu irmão a receberia de bom grado. Os servos foram enviados ao "meu senhor Esaú". Eles deveriam se referir a seu senhor como "teu servo Jacó". Para afastar o temor de que ele tinha retornado para reclamar a herança, Jacó teve o cuidado de declarar em sua mensagem: "Tenho bois e jumentos, ovelhas e cabras, servos e servas" (ver Gn 32:4, 5).

Esaú, porém, não enviou resposta alguma à amigável mensagem. Parecia certo que Esaú estava vindo em busca da vingança. O terror invadiu o acampamento. "Jacó encheu-se de medo e foi tomado de angústia" (Gn 32:7). Seu grupo, desarmado e indefeso, estava completamente despreparado para um confronto inimigo. De seus imensos rebanhos, ele enviou presentes generosos a Esaú, com uma mensagem amigável novamente. Fez tudo o que estava ao seu alcance a fim de reparar a falta que tinha para com seu irmão e afastar o perigo que os ameaçava. Então ele suplicou pela proteção divina: "Não sou digno de toda a bondade e lealdade com que trataste o Teu servo. [...] Livra-me, rogo-Te, das mãos de meu irmão Esaú, porque tenho medo que ele venha nos atacar, tanto a mim, como às mães e às crianças" (Gn 32:10, 11).

Jacó decidiu passar a noite em oração, a sós com Deus. O Senhor poderia abrandar o coração de Esaú. NEle estava a única esperança de Jacó.

Um Anjo Luta com Jacó

Esse encontro aconteceu em uma região solitária e montanhosa, onde habitavam animais selvagens e se escondiam ladrões e assassinos. Desprotegido, Jacó se prostrou em terra, em profunda angústia. Era meia-noite. Tudo o que ele mais prezava na vida estava exposto ao perigo e à morte. Mais amargo ainda era o pensamento de que o seu pecado é que havia atraído esse perigo sobre os inocentes.

Inesperadamente, uma forte mão pousou sobre ele. Pensou que fosse um inimigo procurando tirar sua vida. Na escuridão, os dois lutaram, tentando vencer um ao outro. Nenhum dos dois falou uma só palavra, mas Jacó lutou com todas as suas forças e não cedeu por um momento sequer. Enquanto lutava para defender a própria vida, a culpa pesava em seu coração; seus pecados pareciam estar sempre diante dele para o separar de Deus.

Mesmo na terrível situação em que se encontrava, ele se lembrou das promessas divinas. A luta continuou até quase o romper do dia, quando o estranho colocou o dedo na coxa de Jacó e ele ficou manco instantaneamente. Jacó compreendeu então que tinha lutado com um mensageiro celestial. Foi por isso que, em seu esforço quase sobre-humano, não conseguiu a vitória. Era Cristo, "o Anjo do concerto". Jacó estava aleijado e sofrendo a dor mais terrível que já havia sentido, mas não O quis largar. Arrependido e humilhado, ele se agarrou ao Anjo. "Ele chorou e implorou o Seu favor" (Os 12:4), suplicando uma bênção. Tinha que ter a certeza de que seu pecado estava perdoado. O Anjo insistiu: "'Deixe-me ir, pois o dia já desponta'. Mas Jacó Lhe respondeu: 'Não Te deixarei ir, a não ser que me abençoes'" (Gn 32:26). Ele tinha a confiança daquele que

confessa a própria indignidade, e ainda assim crê na fidelidade de um Deus que mantém a palavra do concerto.

Jacó "lutou com o Anjo e saiu vencedor" (Os 12:4). Esse mortal, falível e pecador, venceu com a ajuda da Majestade do Céu. Firmou suas mãos trêmulas nas promessas de Deus, e o coração do Amor Infinito não poderia deixar de atender à súplica do pecador.

De Jacó para "Israel"

Jacó viu então claramente o erro que o havia levado ao pecado de obter o direito de primogenitura pelo engano. Ele não tinha confiado nas promessas de Deus e havia procurado, pelos próprios esforços, fazer aquilo que Deus teria realizado a Seu tempo e de acordo com a Sua providência. Como prova de que ele tinha sido perdoado, seu nome foi mudado para outro que manteria viva a lembrança de sua vitória. "Seu nome", disse o anjo, "não será mais Jacó, mas sim Israel, porque você lutou com Deus e com homens e venceu" (Gn 32:28).

O momento de crise em sua vida tinha passado. A dúvida, a perplexidade e o remorso tinham amargurado sua vida; mas, a partir daquele momento, tudo estava mudado. Sentia a doce paz de estar reconciliado com Deus. Jacó não estava mais com medo de se encontrar com seu irmão. Deus poderia mover o coração de Esaú para que aceitasse sua demonstração de humildade e arrependimento.

Enquanto Jacó lutava com o Anjo, outro mensageiro celeste foi enviado a Esaú. Em sonho, Esaú viu seu irmão, que durante vinte anos tinha vivido fora da sua terra como fugitivo; testemunhou sua angústia ao saber que sua mãe estava morta; ele o viu rodeado pelos exércitos de Deus. O Deus de seu pai estava com ele.

Os dois grupos finalmente se aproximaram um do outro; o chefe do deserto conduzindo seus homens de guerra, e Jacó com suas esposas e filhos, servos e servas, seguidos por longas filas de rebanhos e gado. Apoiado em seu cajado, Jacó passou à frente, pálido e manquejando, em consequência de sua luta recente. Ele andava devagar e penosamente, mas seu rosto estava iluminado, irradiando paz e alegria.

Ao ver aquele coxo sofredor, "Esaú correu ao encontro de Jacó e abraçou-se ao seu pescoço. [...]. E eles choraram" (Gn 33:4). Até mesmo o coração dos rudes soldados de Esaú foi tocado. Não conseguiam entender a razão da mudança ocorrida em seu capitão.

Em sua noite de angústia, Jacó aprendeu como é vão o auxílio oferecido pelo

homem, quão infundada é a confiança no poder humano. Desamparado e sentindo-se indigno, ele suplicou a promessa da misericórdia de Deus para o pecador arrependido. Aquela promessa foi a certeza que teve de que Deus o perdoaria e o aceitaria.

"Tempo da Angústia de Jacó"

A experiência de Jacó durante aquela noite de luta e angústia representa a prova pela qual o povo de Deus deverá passar exatamente antes da segunda vinda de Cristo. "Ouvem-se gritos de pânico, de pavor e não de paz. [...] Como será terrível aquele dia! Sem comparação! Será tempo de angústia para Jacó; mas ele será salvo" (Jr 30:5, 7).

Quando Cristo finalizar Sua obra de mediação em nosso favor, começará então esse tempo de angústia. O caso de cada pessoa terá sido decidido e não haverá sangue expiatório para purificar do pecado. O solene anúncio será feito: "Continue o injusto a praticar a injustiça; continue o imundo na imundícia; continue o justo a praticar justiça; e continue o santo a santificar-se" (Ap 22:11). Assim como Jacó foi ameaçado de morte por seu irado irmão, da mesma forma o povo de Deus estará em perigo por causa dos ímpios. Os justos clamarão a Deus por livramento dia e noite.

Satanás acusou Jacó diante dos anjos de Deus, reivindicando o direito de destruí-lo por causa do seu pecado. Tentou impor sobre ele o sentimento de culpa pretendendo desencorajá-lo e quebrar sua ligação com Deus. Quando Jacó orou fervorosamente e em lágrimas, o Mensageiro celeste, para provar sua fé, também o lembrou de seu pecado e tentou se desvencilhar dele. No entanto, Jacó tinha aprendido que Deus é misericordioso. Ao rever sua vida, foi quase levado ao desespero, mas ele se agarrou firmemente ao Anjo e, clamando sinceramente, com brados angustiantes, insistiu em seu pedido e prevaleceu.

A Luta Final

A experiência do povo de Deus será semelhante a essa em sua última luta contra os poderes do mal. Deus vai provar sua fé, sua perseverança, sua confiança em Seu poder. Satanás tentará aterrorizá-los com o pensamento de que seus pecados foram grandes demais para ser perdoados. Ao reverem sua vida passada, suas esperanças se submergirão. Ao se lembrarem, porém, da misericórdia de Deus e de seu sincero arrependimento, vão se apegar às Suas promessas. Sua fé não falhará porque suas orações não são respondidas imediatamente. A expressão de seu coração será: "Não Te deixarei ir, a não ser que me abençoes" (Gn 32:26).

Se Jacó não tivesse se arrependido de seu pecado antes, por conseguir o direito de

primogenitura pelo engano, Deus não poderia ter preservado a sua vida de forma tão misericordiosa. Assim, no tempo de angústia, se o povo de Deus chegasse a ter pecados não confessados diante deles, quando fossem torturados pelo temor e angústia, o desespero acabaria com sua fé e eles não conseguiriam ter confiança para pleitear com Deus por seu livramento. Contudo, eles não terão faltas ocultas a revelar. Seus pecados terão sido apagados pelo sangue expiatório de Cristo, e não conseguirão mais se lembrar deles.

Todos aqueles que procuram desculpar ou ocultar seus pecados, e permitem que eles permaneçam nos livros do Céu, sem serem confessados e perdoados, serão vencidos por Satanás. Quanto mais exaltada for a sua profissão e mais honrada a posição que ocupam, mais certa é a vitória do grande adversário.

A história de Jacó é para nós uma certeza de que Deus não rejeita aqueles que foram atraídos ao pecado, mas que retornaram a Ele em verdadeiro arrependimento. Deus ensinou a Seu servo que apenas a graça divina poderia lhe conceder a bênção que tão ardentemente desejava. De modo semelhante acontecerá com aqueles que viverão nos últimos dias. Em nossa fraqueza e indignidade, devemos confiar nos méritos de um Salvador que foi crucificado e ressuscitou. Ninguém jamais perecerá enquanto fizer isso.

A experiência de Jacó é um testemunho do poder da oração perseverante. É agora que temos que aprender essa lição de que devemos viver uma fé inabalável. As maiores vitórias não são aquelas que são ganhas pelo talento, educação, riqueza ou favor dos homens; são aquelas recebidas na sala de audiência de Deus, quando a fé sincera, em agonia, lança mão do braço forte da oração.

Todos aqueles que se apegarem às promessas de Deus, como fez Jacó, e forem fervorosos e perseverantes como ele foi, serão bem-sucedidos como ele.

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 32-33.

A Volta para Casa*

Depois que atravessou o Jordão, "Jacó chegou a salvo à cidade de Siquém, em Canaã" (Gn 33:18). Ali, "por cem peças de prata, comprou dos filhos de Hamor, pai de Siquém, a parte do campo onde tinha armado acampamento. Ali edificou um altar" (Gn 33:19, 20). Foi ali também que cavou o poço ao lado do qual Jesus Se assentou dezessete séculos mais tarde. No calor do meio-dia, o Filho de Jacó, o Salvador, descansou junto a esse poço e falou aos Seus ouvintes, que O escutavam maravilhados, a respeito daquela "fonte de água a jorrar para a vida eterna" (Jo 4:14).

O tempo em que Jacó e seus filhos permaneceram em Siquém acabou em violência e derramamento de sangue. A única filha que ele tinha foi levada à vergonha e tristeza; dois irmãos estavam envolvidos no crime de assassinato; uma cidade inteira foi destruída e seus moradores assassinados em represália ao ato irresponsável de um jovem impetuoso. O início de tudo, o que levou a consequências tão terríveis foi porque a filha de Jacó saiu "para conhecer as mulheres daquela terra" (Gn 34:1), associando-se com os descrentes. Quem busca prazeres entre aqueles que não temem a Deus está atraindo as tentações.

A cruel traição que Simeão e Levi armaram contra os siquemitas foi um terrível pecado. A notícia da vingança encheu de horror o coração de Jacó. Amargurado pelo engano e violência que seus filhos praticaram, ele disse: "Vocês me puseram em grandes apuros, atraindo sobre mim o ódio dos cananeus e ferezeus, habitantes desta terra. Somos poucos, e se eles juntarem suas forças e nos atacarem, eu e a minha família seremos destruídos" (Gn 34:30).

Jacó entendeu que havia motivo para que todos se humilhassem profundamente. A crueldade e a falsidade estavam estampadas no caráter de seus filhos. Os falsos

deuses e a idolatria tinham ganhado terreno, até certo ponto, dentro da sua família.

Enquanto Jacó estava assim, prostrado em angústia, o Senhor lhe ordenou que fosse para o sul, até Betel. A lembrança desse lugar lhe trazia à mente não apenas a visão dos anjos e das promessas da misericórdia de Deus, mas do voto que ele tinha feito ali, reafirmando que o Senhor seria o seu Deus. Decidido a limpar sua casa da contaminação da idolatria, antes de ir para esse lugar sagrado, ele deu instruções a todos: "Livrem-se dos deuses estrangeiros que estão entre vocês, purifiquem-se e troquem de roupa. Venham! Vamos subir a Betel, onde farei um altar ao Deus que me ouviu no dia da minha angústia e que tem estado comigo por onde tenho andado" (Gn 35:2, 3).

Relembrando a Primeira Experiência em Betel

Com profunda emoção, Jacó repetiu a história de sua primeira visita a Betel e de como o Senhor lhe apareceu à noite em visão. Seu coração ficou comovido; seus filhos também foram tocados por um poder que dominou a todos. Ele utilizou o meio mais eficaz a fim de prepará-los para tomarem parte na adoração a Deus quando chegassem a Betel. "Então entregaram a Jacó todos os deuses estrangeiros que possuíam e os brincos que usavam nas orelhas, e Jacó os enterrou ao pé da grande árvore, próximo a Siquém" (Gn 35:4).

Deus fez com que o medo tomasse conta dos habitantes da terra para que não tentassem se vingar do massacre ocorrido em Siquém. Os viajantes chegaram a Betel em segurança. Ali, o Senhor apareceu a Jacó mais uma vez e renovou com ele a promessa da aliança.

De Betel, eram apenas dois dias de viagem até Hebrom, mas essa jornada trouxe muita dor pela morte de Raquel. Duas vezes ele havia trabalhado sete anos, por amor a ela. O amor que tinha por Raquel tornou mais leve o seu trabalho, pois havia sido um amor profundo e duradouro.

Antes de morrer, Raquel lhe deu um segundo filho. Já quase expirando, ela deu o nome de Benoni à criança, "o filho da minha dor", mas o pai preferiu chamá-lo de Benjamim, "o filho da minha mão direita" ou "minha força".

Quando Jacó chegou ao fim de sua viagem, ele "foi visitar seu pai Isaque em Manre, [...], que é Hebrom" (Gn 35:27). Ali permaneceu durante os últimos dias de vida de seu pai. Para Isaque, bastante doente e cego, a bondade e a atenção desse filho que havia ficado tanto tempo longe de casa foi um conforto durante os anos de solidão e perda

de seus entes queridos.

Jacó e Esaú se encontraram junto ao leito de morte de seu pai. Os sentimentos do irmão mais velho estavam completamente mudados. Jacó, muito satisfeito com as bênçãos espirituais da primogenitura, cedeu para o irmão mais velho a herança das riquezas de seu pai – a única herança que Esaú buscava ou apreciava. Não estando mais separados pela inveja ou ódio, eles se despediram e Esaú foi morar no Monte Seir. Deus, que é rico em bênçãos, concedeu a Jacó as bênçãos seculares, além da bênção mais elevada que ele buscava – a bênção espiritual. Essa separação entre Jacó e Esaú fazia parte do plano de Deus com relação a Jacó. Como os dois irmãos eram tão diferentes um do outro quanto à fé que professavam, era melhor que vivessem separados.

Tanto Esaú como Jacó tinham liberdade para viver de acordo com os mandamentos de Deus e receber o Seu favor, mas os dois irmãos seguiram caminhos totalmente diferentes e a vida de cada um deles continuou a se diferenciar cada vez mais uma da outra.

Não houve nenhuma preferência arbitrária da parte de Deus para que Esaú fosse excluído das bênçãos da salvação. Não há outra decisão, a não ser a que é tomada pela própria pessoa, pela qual ela venha a se perder. Deus estabeleceu em Sua Palavra as condições para que todos sejam candidatos à vida eterna – obediência aos Seus mandamentos, por meio da fé em Cristo. Ele apresenta como modelo o caráter que está em harmonia com a Sua lei, e todo aquele que atingir essa norma entrará no reino do Céu. Com relação à nossa salvação final, essa é a única eleição a que a Palavra de Deus faz referência.

Eleita é toda pessoa que opera a própria salvação com temor e tremor, que veste a armadura e combate o bom combate da fé. É escolhido todo aquele que ora fervorosamente, busca as Escrituras, foge da tentação, mantém firme a sua fé e é obediente a toda palavra que sai da boca de Deus. As *provisões* para a redenção são oferecidas a todos; os *resultados* serão desfrutados por aqueles que cumprirem as condições.

Esaú desprezou as bênçãos da aliança. Por sua escolha deliberada, ele se separou do povo de Deus. Jacó escolheu a herança da fé. Ele se esforçou por obter essa herança pela astúcia, traição e falsidade; mesmo assim, Deus permitiu que seu pecado fosse um meio de correção para ele. Jacó nunca se desviou do seu propósito ou renunciou à sua escolha. Jacó saiu um homem diferente daquela noite de luta. Sua autoconfiança foi destruída. Mesmo depois, em lugar da falsidade e do engano, sua vida foi marcada pela

simplicidade e verdade. Os elementos indesejáveis do seu caráter foram consumidos no fogo da fornalha; o verdadeiro ouro da fé revelada em Abraão e Isaque mostrou seu brilho na vida de Jacó.

O pecado de Jacó e a cadeia de acontecimentos que dele se originaram levaram a produzir frutos ainda mais amargos no caráter de seus filhos. Esses filhos desenvolveram graves defeitos. A vida em família revelou os resultados da poligamia. Esse terrível mal faz secar as fontes do amor e sua influência enfraquece os laços mais sagrados. O ciúme das várias mães provocou amargura nos relacionamentos familiares. Os filhos cresceram mal-humorados e insubmissos. A vida do pai foi entristecida pela ansiedade e a dor.

Apesar disso, um deles tinha um caráter totalmente diferente – o filho mais velho de Raquel, José, cuja rara beleza pessoal parecia refletir a beleza interior do seu espírito e do seu coração. Puro, ativo e alegre, o rapaz possuía sinceridade e firmeza moral. Ele dava atenção às instruções de seu pai e tinha prazer em obedecer a Deus. As qualidades que depois o distinguiram no Egito – gentileza, lealdade e veracidade – já estavam evidentes. Depois da morte de sua mãe, ele se apegou mais intimamente ao pai. O coração de Jacó estava ligado a esse filho de sua velhice. Ele "gostava mais de José do que de qualquer outro filho" (Gn 37:3).

Esse carinho pelo filho viria a se tornar a causa de problemas e tristezas. Jacó foi imprudente em demonstrar sua preferência por José, e isso provocou a inveja dos outros filhos. José tentou bondosamente corrigir seus irmãos, mas isso apenas aumentou ainda mais o ódio e o ressentimento. Não suportava ver os irmãos pecando contra Deus e levou o problema ao seu pai.

O Presente e Sonhos

Com profunda emoção, Jacó implorou que não trouxessem vergonha sobre seu nome e, acima de tudo, que não desonrassem a Deus desrespeitando daquela maneira as Suas leis. Envergonhados porque sua maldade tinha sido revelada, os moços pareceram estar arrependidos, mas apenas esconderam os seus verdadeiros sentimentos, que se tornaram mais cruéis ao verem que suas faltas tinham sido expostas.

O presente do pai a José, uma túnica muito cara, usada somente por pessoas importantes, provocou neles a suspeita de que ele pretendia ignorar os filhos mais velhos e conceder o direito de primogenitura para o filho de Raquel.

Certo dia, o rapaz contou a eles um sonho que teve. "Estávamos amarrando os feixes de trigo no campo, quando o meu feixe se levantou e ficou em pé, e os seus feixes se ajuntaram ao redor do meu e se curvaram diante dele" (Gn 37:7).

"Então você vai reinar sobre nós? Quer dizer que você vai nos governar?" (Gn 37:8), exclamaram os seus irmãos irados e cheios de inveja. Pouco tempo depois, ele teve outro sonho, que também contou aos irmãos: "Desta vez o Sol, a Lua e onze estrelas se curvavam diante de mim" (Gn 37:9). O pai, que estava presente, falou em tom de reprovação: "Será que eu, sua mãe, e seus irmãos, viremos a nos curvar até o chão diante de você?" (Gn 37:10). Apesar da aparente severidade de suas palavras, Jacó acreditava que o Senhor estava revelando o futuro a José.

Enquanto o rapaz estava ali, diante dos irmãos, o Espírito de Inspiração fazia o seu rosto brilhar. Não puderam deixar de admirar o irmão, mas odiavam a pureza com que ele reprovava os seus pecados.

Os irmãos tinham que se mudar de um lugar para outro para encontrar pasto para os seus rebanhos. Logo depois desses acontecimentos, os irmãos foram para Siquém. Algum tempo se passou sem que mandassem notícias, e o pai começou a se preocupar com a segurança deles por causa da crueldade que tinham cometido contra os siquemitas. Assim, mandou que José fosse à procura deles. Se Jacó soubesse dos verdadeiros sentimentos de seus filhos para com José, não o teria enviado sozinho até onde estavam.

Com alegria no coração, José se despediu de seu pai, e nenhum dos dois poderia imaginar o que aconteceria até o dia em que viessem a se reencontrar. Quando José chegou a Siquém, seus irmãos e os rebanhos não estavam mais lá. Perguntou a respeito deles, e foi informado de que estavam em Dotã. Ele se apressou, esquecendo o cansaço, tendo em mente aliviar as preocupações de seu pai e encontrar os irmãos a quem ele ainda amava.

Seus irmãos o viram se aproximando, mas, em seu ódio, nem pensaram na longa viagem que ele tinha feito para encontrá-los naquele lugar, no seu cansaço e fome, ou no direito de ser bem recebido e no amor fraternal. Ao olharem para a sua túnica, o símbolo do amor de seu pai, ficaram enfurecidos. "Lá vem aquele sonhador!" (Gn 37:19). A inveja e a vingança dominavam seus sentimentos. "É agora! Vamos matá-lo e jogá-lo num destes poços, e diremos que um animal selvagem o devorou. Veremos então o que será dos seus sonhos" (Gn 37:20).

Rúben não poderia suportar a ideia de assassinar seu irmão e propôs que jogassem José vivo em um poço e o deixassem ali para morrer. Ele pretendia resgatar o irmão secretamente e mandá-lo de volta para seu pai. Depois de convencer todos a aceitarem seu plano, Rúben saiu, temendo que suas reais intenções fossem descobertas.

José chegou sem ter ideia do perigo que corria. Em vez de ser saudado como esperava, ficou aterrorizado com a ira e os olhares de vingança dirigidos a ele. Seus irmãos o agarraram e tiraram sua túnica. Suas zombarias e ameaças revelavam um propósito mortal. Ele implorava que o deixassem, mas se recusavam a ouvi-lo. Aqueles homens cheios de ódio o arrastaram à força até um poço muito fundo que havia por perto, empurraram o irmão para dentro dele e o deixaram ali para morrer.

Vendido como Escravo

Logo se aproximou um grupo de viajantes – uma caravana de ismaelitas a caminho do Egito com suas mercadorias. Judá sugeriu então que vendessem seu irmão em vez de o deixarem a morrer. Assim, ele estaria fora do seu caminho, e não seriam culpados do seu sangue, "afinal", insistiu, "é nosso irmão, é nosso próprio sangue" (Gn 37:27). Todos concordaram, e José foi rapidamente tirado do poço.

Quando ele viu os mercadores, a terrível verdade caiu como um raio sobre ele. Tornar-se um escravo era algo que ele temia mais do que a própria morte. Aterrorizado e em agonia, apelou para cada um de seus irmãos, mas foi em vão. Alguns tiveram pena dele, mas todos achavam que tinham ido longe demais para voltar atrás. José contaria para o pai. Com o coração endurecido pelo ódio, eles o entregaram nas mãos dos mercadores pagãos. A caravana seguiu seu caminho e logo se perdeu de vista.

Rúben voltou ao poço, mas José não estava mais lá. Quando soube o que tinha acontecido com ele, achou que era melhor se unir aos seus irmãos para tentar encobrir o crime que tinham cometido. Mataram um cabrito, mergulharam a túnica de José no sangue do animal e a levaram para seu pai, dizendo que a tinham encontrado no campo. "Achamos isto. Veja se é a túnica de teu filho" (Gn 37:32). Eles não estavam preparados para ver a terrível dor de coração e o sofrimento indescritível que foram obrigados a testemunhar. "É a túnica de meu filho!", disse Jacó. "Um animal selvagem o devorou! José foi despedaçado!" (Gn 37:33). Seus filhos procuraram confortá-lo, mas ele "rasgou suas vestes, vestiu-se de saco e chorou muitos dias por seu filho.[...] 'Chorando descerei à sepultura para junto de meu filho'" (Gn 37:34), clamava em desespero.

Os moços, aterrorizados com o que tinham feito, além de temerem a condenação

de seu pai, tinham ainda que se manter em silêncio sobre sua culpa, que até para eles parecia grande demais.

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 34; 35 e 37.

A Surpreendente História de José*

Enquanto isso, José estava a caminho do Egito, levado pelos donos da caravana que o haviam comprado. Mesmo de longe, o jovem conseguia ver as colinas entre as quais estavam as tendas de seu pai. Chorou amargamente ao pensar em seu amoroso pai, em sua solidão e sofrimento. Ainda soavam em seus ouvidos as palavras dolorosas e os insultos dirigidos a ele diante de suas súplicas desesperadas em Dotã. Com o coração tremente ele olhou para o futuro. Sozinho e sem amigos, qual seria o seu destino naquela terra estranha para onde estava indo? Por algum tempo, José se entregou a uma tristeza e terror incontroláveis.

Ainda assim, essa experiência seria uma bênção para ele. Em poucas horas, ele aprendeu coisas que nem mesmo vários anos poderiam lhe ter ensinado. Seu pai agira de forma errada para com ele, com seu favoritismo e falta de disciplina. Isso deixou seus irmãos irados e provocou a atitude cruel que o separou de seu lar. Havia defeitos em seu caráter que tinham sido estimulados. Ele estava se tornando exigente e cheio de si. Sentia que não estava preparado para lidar com as dificuldades que estavam diante dele na vida cruel e de abandono de um escravo.

Então seus pensamentos se voltaram para o Deus de seu pai. Várias vezes tinha ouvido a história da visão de Jacó quando saiu de sua casa como um exilado e fugitivo. Contaram a ele a respeito das promessas do Senhor a Jacó e como, na hora da necessidade, os anjos vieram para ensinar, confortar e proteger. Tinha aprendido do amor de Deus em dar um Redentor. Todas essas preciosas lições vividamente vieram à tona. José tinha certeza de que o Deus de seus pais seria o seu Deus. Entregou-se completamente ao Senhor ali mesmo e orou para que o Guarda de Israel estivesse com ele em seu exílio.

Todo o seu ser tremeu diante da elevada resolução de se mostrar fiel a Deus, de agir como um súdito do Rei do Céu. Ele enfrentaria as provações em sua vida com coragem e cumpriria fielmente o seu dever. A terrível experiência de um único dia fez com que deixasse de ser uma criança mimada, para se tornar um homem ponderado, corajoso e confiante.

Quando chegou ao Egito, José foi vendido a Potifar, capitão da guarda real. Durante dez anos, foi exposto a tentações em meio à idolatria, rodeado de toda pompa da realeza, da riqueza e cultura da mais alta nação civilizada que existia na época. Mesmo assim, José manteve a sua lealdade a Deus. Estava rodeado de cenas e sons indesejáveis, mas era como se nada visse ou ouvisse. Ele não permitia que seus pensamentos se ocupassem com coisas proibidas. O desejo de alcançar o favor dos egípcios não o fazia abrir mão de seus princípios. Não fazia qualquer esforço para ocultar o fato de que era um adorador de Jeová.

"O Senhor estava com José, de modo que este prosperou." Seu patrão "percebeu que o Senhor estava com ele e que o fazia prosperar em tudo o que realizava" (Gn 39:2, 3). A confiança de Potifar em José aumentava dia a dia e, finalmente, ele o promoveu a seu mordomo, com total controle sobre todos os seus bens. "Assim deixou ele aos cuidados de José tudo o que tinha, e não se preocupava com coisa alguma, exceto com sua própria comida" (Gn 39:6).

O dinamismo, prontidão, zelo e energia de José eram coroados pela bênção divina; mesmo seu senhor idólatra aceitava isso como o segredo de sua prosperidade. Deus era glorificado pela fidelidade de Seu servo. Era seu objetivo que o crente em Deus aparecesse em marcante contraste com os adoradores de ídolos. Assim, a luz da graça celestial resplandeceria em meio às trevas do paganismo.

O capitão chegou a considerar José como um filho, em vez de um escravo. O jovem foi levado a entrar em contato com homens de posição e elevado nível intelectual, adquirindo não apenas conhecimento das ciências, idiomas e negócios, mas também uma educação necessária para ser o futuro primeiro-ministro do Egito.

Tentação Quase Invencível

A esposa do senhor de José tentou induzir o jovem a transgredir a lei de Deus. Ele tinha permanecido incontaminado da corrupção que enchia aquela terra pagã, mas essa tentação, tão repentina, tão forte, tão sedutora – como deveria lidar com ela?

José bem sabia o que a recusa lhe traria. De um lado estavam a cumplicidade, os

favores e as recompensas; do outro, a desgraça, a prisão, e talvez a morte. Toda a sua vida futura dependia da decisão do momento. José seria fiel a Deus? Com inexprimível ansiedade, os anjos olhavam para aquela cena.

A resposta de José revela o poder do princípio religioso. Ele não trairia a confiança de seu senhor na Terra; e, fossem quais fossem as consequências, seria fiel ao seu Senhor no Céu. O primeiro pensamento de José foi em Deus. "Como poderia eu, então, cometer algo tão terrível e pecar contra Deus?", disse ele (Gn 39:9). Os jovens devem sempre se lembrar de que, onde quer que estejam, o que quer que façam, sempre se encontram na presença de Deus. Nada em nossa conduta deixa de ser observado por Ele. Não podemos ocultar nossos caminhos do Altíssimo. Para cada ação há uma testemunha invisível. Cada ato, cada palavra, cada pensamento é tão claramente observado como se houvesse apenas uma pessoa no mundo todo.

José sofreu por manter sua integridade. Sua tentadora se vingou, fazendo com que fosse colocado na prisão. Se Potifar tivesse acreditado na acusação feita por sua esposa, contra José, o jovem hebreu teria perdido a vida, mas a simplicidade e lealdade que tinham caracterizado sua conduta eram prova de sua inocência. Para salvar a reputação da casa de seu senhor, ele sofreu a desonra e a escravidão.

No início, José foi tratado severamente pelos carcereiros. O salmista diz: "Machucaram-lhe os pés com correntes e com ferros prenderam-lhe o pescoço, até cumprir-se a sua predição e a palavra do Senhor confirmar o que dissera" (Sl 105:18, 19).

José na Prisão

O verdadeiro caráter de José brilhou mesmo na prisão. Os anos de serviço fiel que havia prestado foram pagos da maneira mais cruel; porém, ainda assim, não ficou deprimido ou perdeu a confiança. Ele tinha paz e deixou seu caso nas mãos de Deus. Não ficava pensando nas injustiças cometidas contra ele e procurava aliviar as tristezas dos outros. Mesmo na prisão, encontrou um trabalho que poderia fazer. Deus o estava preparando, na escola da aflição, para um propósito maior, e ele não se recusou a receber a disciplina necessária. Aprendeu lições de justiça, simpatia e misericórdia que o prepararam para usar o poder com sabedoria e compaixão.

Aos poucos, José foi ganhando a confiança do carcereiro da prisão, que acabou confiando a ele a guarda de todos os prisioneiros. Sua conduta na prisão – sua integridade, sua simpatia por aqueles que viviam em angústia e sofrimento – abriu o caminho para que se tornasse um homem próspero e honrado no futuro. Quando

inspirados por um motivo justo, toda palavra bondosa falada aos aflitos, todo ato realizado para aliviar os oprimidos e tudo o que for dado aos necessitados resultarão em bênçãos para o doador.

O padeiro-chefe do rei e o copeiro-chefe tinham sido presos por um ato errado que cometeram e ficaram sob a responsabilidade de José. Num dia pela manhã, ele percebeu que pareciam muito tristes e bondosamente perguntou por que estavam daquele jeito. Explicaram que cada um deles havia tido um sonho fora do comum e queriam muito saber qual era o seu significado. "Não são de Deus as interpretações?", disse José. "Contem-me os sonhos" (Gn 40:8).

Depois que cada um contou o sonho que teve, José revelou o seu significado. Em três dias, o copeiro seria reintegrado ao seu cargo e daria o copo nas mãos do Faraó, como fazia antes, mas o padeiro-chefe seria morto por ordem do rei. Nos dois casos aconteceu conforme havia sido predito.

O copeiro do rei tinha demonstrado profunda gratidão por José, pela feliz interpretação do sonho e por muitos atos de bondade e atenção. Por sua vez, José, referindo-se à prisão injusta a que havia sido condenado, suplicou que seu caso fosse levado perante o rei. "Quando tudo estiver indo bem com você", disse ele, "lembre-se de mim e seja bondoso comigo; fale de mim ao Faraó e tire-me desta prisão, pois fui trazido à força da terra dos hebreus, e também aqui nada fiz para ser jogado neste calabouço" (Gn 40:14, 15).

O copeiro-chefe viu que seu sonho tinha se realizado em todos os detalhes; mas quando foi restaurado ao favor real, ele se esqueceu daquele que o havia ajudado. José permaneceu como prisioneiro por mais dois anos. A esperança que tinha começado a arder em seu coração, pouco a pouco foi se apagando, e às outras provações foi acrescentada a mais amarga dor da ingratidão.

Entretanto, a mão divina estava pronta para abrir as portas da prisão. Em uma noite, o rei do Egito teve dois sonhos que indicavam aparentemente o mesmo acontecimento e pareciam estar prevendo uma grande calamidade. Os magos e sábios não puderam dar a interpretação. A perplexidade do rei aumentava e o terror se espalhou por todo o palácio. A agitação geral fez com que o copeiro-chefe se lembrasse do próprio sonho; com ele, veio à sua lembrança o pedido de José e o remorso por seu esquecimento e ingratidão. Imediatamente, ele informou ao rei como seu sonho e o sonho do padeiro-chefe tinham sido interpretados por um escravo hebreu e como as predições haviam se cumprido.

Era humilhante para o Faraó consultar um escravo, mas ele estava disposto a fazer isso para que sua mente perturbada se acalmasse. José foi enviado imediatamente ao palácio; tirou suas roupas de prisioneiro e foi levado à presença do rei.

"O Faraó disse a José: 'Tive um sonho que ninguém consegue interpretar. Mas ouvi falar que você, ao ouvir um sonho, é capaz de interpretá-lo.' Respondeu-lhe José: 'Isso não depende de mim, mas Deus dará ao Faraó uma resposta favorável'" (Gn 41:15, 16). José, modestamente, recusou a honra de possuir sabedoria superior. Somente Deus pode explicar esses mistérios.

O Faraó começou então a relatar seus sonhos: "Sonhei que estava em pé, à beira do Nilo, quando saíram do rio sete vacas, belas e gordas, que começaram a pastar entre os juncos. Depois saíram outras sete, raquíticas, muito feias e magras. Nunca vi vacas tão feias em toda a terra do Egito. As vacas magras e feias comeram as sete vacas gordas que tinham aparecido primeiro. Mesmo depois de havê-las comido, não parecia que o tivessem feito, pois continuavam tão magras como antes. Então acordei. Depois tive outro sonho. Vi sete espigas de cereal, cheias e boas, que cresciam num mesmo pé. Depois delas, brotaram outras sete, murchas e mirradas, ressequidas pelo vento leste. As espigas magras engoliram as sete espigas boas. Contei isso aos magos, mas ninguém foi capaz de explicá-lo" (Gn 41:17-24).

A Interpretação do Sonho do Faraó

"'O Faraó teve um único sonho', disse-lhe José. 'Deus revelou ao Faraó o que Ele está para fazer'" (Gn 41:25). Haveria sete anos de muita fartura. Os campos e hortas produziriam em grande quantidade, como nunca antes. Esse período seria seguido por sete anos de fome. "A fome que virá depois será tão rigorosa que o tempo de fartura não será mais lembrado na terra" (Gn 41:31). "Procure agora o Faraó", disse ele, "um homem criterioso e sábio e coloque-o no comando da terra do Egito. O Faraó também deve estabelecer supervisores para recolher um quinto da colheita do Egito durante os sete anos de fartura. Eles deverão recolher o que puderem nos anos bons que virão e fazer estoques de trigo que, sob o controle do Faraó, serão armazenados nas cidades. Esse estoque servirá de reserva para os sete anos de fome que virão sobre o Egito, para que a terra não seja arrasada pela fome" (Gn 41:33-36).

A interpretação foi racional e coerente. A política recomendada era sólida e não tinha como ser colocada em dúvida. A quem poderia ser confiada a execução desse plano? A preservação da nação dependeria da sabedoria dessa escolha. Por algum tempo, a questão dessa indicação esteve em estudo. Por meio do copeiro-chefe, o

monarca ficou sabendo da sabedoria e prudência demonstradas por José na administração da prisão. Era evidente que ele tinha uma habilidade administrativa superior. Em todo o reino, José foi o único homem dotado de sabedoria para indicar o perigo que ameaçava o país e o preparo necessário que deveria ser feito para enfrentar uma situação como aquela. Não havia ninguém, entre os oficiais do rei, tão bem qualificado para conduzir os negócios da nação naquele momento de crise. "Será que vamos achar alguém como este homem, em quem está o espírito divino?" (Gn 41:38), perguntou o rei aos seus conselheiros.

De Prisioneiro a Primeiro-Ministro

Foi feito então a José o surpreendente anúncio: "Uma vez que Deus lhe revelou todas essas coisas, não há ninguém tão criterioso e sábio como você. Você terá o comando de meu palácio, e todo o meu povo se sujeitará às suas ordens. Somente em relação ao trono serei maior que você. [...] Em seguida o Faraó tirou do dedo o seu anel-selo e o colocou no dedo de José. Mandou-o vestir de linho fino e colocou uma corrente de ouro em seu pescoço. Também o fez subir em sua segunda carruagem real, e à frente os arautos iam gritando: 'Abram caminho!'" (Gn 41:39, 40, 42, 43).

Da prisão, José foi elevado a governador de toda a terra do Egito, uma posição altamente honrada, mas também cercada de perigos. Ninguém pode ocupar uma elevada posição sem estar sujeito ao perigo. A tempestade que não atinge a humilde flor no vale arranca pela raiz a frondosa árvore no topo da montanha. Assim também, aqueles que mantiveram sua integridade na vida humilde que levavam podem ser arrastados pelas tentações que aparecem com o êxito e as honras mundanas. O caráter de José resistiu da mesma forma tanto à prova da adversidade como da prosperidade. Ele era um estrangeiro em terra pagã, separado de sua família, mas acreditava que a mão divina tinha dirigido completamente a sua vida. Com inabalável confiança em Deus, desempenhava fielmente os deveres do cargo que ocupava. A atenção do rei e dos grandes homens do Egito foi dirigida ao verdadeiro Deus, e eles aprenderam a respeitar os princípios revelados na vida de José como adorador de Jeová.

Em seus primeiros anos, José seguiu o seu dever e não a inclinação. A integridade, a simples confiança, a nobre natureza do jovem produziram frutos em seus atos quando homem.

As circunstâncias variadas que encontramos dia a dia são destinadas a provar a nossa fidelidade e a nos qualificar para maiores responsabilidades. Ao se apegar aos princípios, a mente se acostuma a atender às exigências do dever acima do prazer e da

vontade. A mente assim disciplinada não oscila entre o que é certo e o errado como a cana balança ao vento. Pela fidelidade nas pequenas coisas, adquirem forças para serem fiéis nas coisas maiores.

Um caráter reto tem maior valor que o ouro de Ofir. Sem ele, ninguém pode alcançar uma elevada posição. A formação de um caráter nobre representa o trabalho de uma vida inteira. Deus oferece as oportunidades; o êxito depende do uso que fazemos delas.

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 39-41.

José e seus Irmãos*

Sob a direção de José, foram construídos imensos armazéns em toda a terra do Egito para guardar todo o excedente da colheita esperada. Durante os sete anos em que houve comida, a quantidade de grãos armazenados foi muito além do que se poderia calcular.

Então começaram os sete anos de fome, de acordo com a predição de José. "Houve fome em todas as terras, mas em todo o Egito havia alimento. Quando todo o Egito começou a sofrer com a fome, o povo clamou ao Faraó por comida, e este respondeu a todos os egípcios: 'Dirijam-se a José e façam o que ele disser.' Quando a fome já se havia espalhado por toda a terra, José mandou abrir os locais de armazenamento e começou a vender trigo aos egípcios" (Gn 41:54-56).

A fome também atingiu com força o país em que Jacó vivia. Ao ouvir falar da grande provisão feita pelo rei do Egito, dez dos filhos de Jacó viajaram até lá para comprar cereais. Foram encaminhados ao representante do rei e, assim como outros compradores, apresentaram-se diante do governador da terra. "Curvaram-se diante dele com o rosto em terra. [...] José reconheceu os seus irmãos, mas eles não o reconheceram" (Gn 42:6, 8). Seu nome hebreu foi mudado por outro que foi dado pelo rei, e era bem pouca a semelhança entre o primeiro-ministro do Egito e o jovem que eles tinham vendido aos ismaelitas. Quando José viu seus irmãos se curvarem diante dele, seus sonhos e as cenas do passado surgiram vividamente diante dele. Com seu olhar aguçado, logo percebeu que Benjamim não estava entre eles. Será que ele também havia sido vítima da crueldade e traição deles? Decidiu então saber a verdade. "Vocês são espiões!", disse ele. "Vieram para ver onde a nossa terra está desprotegida" (Gn 42:9).

Os irmãos responderam: "Não, meu senhor, teus servos vieram comprar comida. [...] Teus servos são homens honestos, e não espiões" (Gn 42:10, 11). Desejou tirar alguma informação deles, com relação à sua casa, mas sabia o quanto suas declarações poderiam não ser verdadeiras. Ele repetiu a acusação, e eles responderam: "Teus servos eram doze irmãos, todos filhos do mesmo pai, na terra de Canaã. O caçula está agora em casa com o pai, e o outro já morreu" (Gn 42:13).

Afirmando estar em dúvida a respeito da história que eles haviam contado, o governador declarou que eles deveriam permanecer no Egito até que um deles fosse e trouxesse o irmão mais moço. Se não fizessem isso seriam tratados como espiões. Os filhos de Jacó não puderam concordar porque o tempo necessário para tudo isso faria suas famílias passarem fome; e quem entre eles poderia fazer a viagem sozinho, deixando seu irmão na prisão? Isso faria parecer que eles tinham sido mortos ou se tornado escravos. Se Benjamim fosse trazido, seria apenas para acabar tendo a mesma sorte deles. Decidiram ficar e sofrer juntos, em vez de causar mais tristezas ao pai pela perda do único filho que lhe restava. Assim, todos foram lançados na prisão.

Homens Arrependidos

Os filhos de Jacó tinham passado por uma mudança de caráter. Antes, eles eram invejosos, temperamentais, enganadores, cruéis e vingativos; mas, depois que foram provados pelas dificuldades, mostraram-se mais abnegados, leais uns com os outros, dedicados ao seu pai e, mesmo sendo já adultos, estavam sujeitos à sua autoridade.

Os três dias que estiveram presos no Egito foram de amargura e tristeza, ao refletirem sobre seus pecados. Se Benjamim não pudesse ser trazido, sua condenação como espiões parecia certa.

No terceiro dia, José mandou que seus irmãos fossem levados perante ele. Não poderia detê-los por mais tempo. Talvez seu pai e suas famílias já estivessem sofrendo pela falta de alimento. "Eu tenho o temor de Deus. Se querem salvar sua vida", disse ele, "façam o seguinte: Se vocês são homens honestos, deixem um de seus irmãos aqui na prisão, enquanto os demais voltam, levando trigo para matar a fome das suas famílias. Tragam-me, porém, o seu irmão caçula, para que se comprovem as suas palavras e vocês não tenham que morrer" (Gn 42:18-20).

José se comunicava com eles por meio de um intérprete. Não podendo nem de longe imaginar que o governador entendia o que falavam, eles conversavam livremente uns com os outros em sua presença. "Certamente estamos sendo punidos pelo que fizemos a nosso irmão. Vimos como ele estava angustiado quando nos implorava por

sua vida, mas não lhe demos ouvidos; por isso nos sobreveio esta angústia" (Gn 42:21). Rúben, que tinha idealizado um plano para libertar José em Dotã, acrescentou: "Eu não lhes disse que não maltratassem o menino? Mas vocês não quiseram me ouvir! Agora teremos que prestar contas do seu sangue" (Gn 42:22).

José, que entendia tudo o que diziam, não pôde dominar suas emoções. Saiu e chorou. Quando voltou, ordenou que Simeão fosse amarrado diante de seus olhos e novamente levado para a prisão. No tratamento cruel que praticaram contra seu irmão, Simeão foi o instigador e principal mentor do plano.

Antes de permitir que seus irmãos partissem, José deu ordens para que recebessem o suprimento de trigo e também que o dinheiro de cada um fosse escondido na boca do saco. No caminho, um dos irmãos abriu o saco e ficou surpreso ao encontrar sua bolsa com a prata. Os outros ficaram alarmados e disseram: "Que é isto que Deus fez conosco?" (Gn 42:28).

Jacó, muito ansioso, estava aguardando a volta de seus filhos, e quando eles chegaram, todo o acampamento se reuniu animadamente em volta deles enquanto contavam ao pai tudo o que tinha acontecido. O coração de todos eles estava cheio de temor. A conduta do governador egípcio parecia envolver alguma coisa mal-intencionada, e seus temores foram confirmados quando, ao abrirem os sacos, o dinheiro foi encontrado em cada um deles. Em angústia, o idoso pai exclamou: "Vocês estão tirando meus filhos de mim! Já fiquei sem José, agora sem Simeão e ainda querem levar Benjamim. Tudo está contra mim! [...] Meu filho não descerá com vocês; seu irmão está morto, e ele é o único que resta. Se qualquer mal lhe acontecer na viagem que estão por fazer, vocês farão estes meus cabelos brancos descerem à sepultura com tristeza" (Gn 42:36, 38).

Entretanto, a seca continuou, e o suprimento de trigo levado do Egito estava quase se acabando. Mais e mais negra era a sombra da fome que se aproximava. O idoso pai via a necessidade que passavam nos rostos ansiosos de todos no acampamento. Então ele disse: "Voltem e comprem um pouco mais de comida para nós" (Gn 43:2).

Judá respondeu: "O homem nos advertiu severamente: 'Não voltem à minha presença, a não ser que tragam o seu irmão'. Se enviares o nosso irmão conosco, desceremos e compraremos comida para ti. Mas se não o enviares conosco, não iremos, porque foi assim que o homem falou: 'Não voltem à minha presença, a não ser que tragam o seu irmão'" (Gn 43:3-5). Vendo que seu pai começava a ceder, ele disse: "Deixa o jovem ir comigo e partiremos imediatamente, a fim de que tu, nós e nossas crianças

sobrevivamos e não venhamos a morrer'" (Gn 43:8). Ele se ofereceu para ser o responsável por seu irmão e também assumir a culpa para sempre caso deixasse de levar Benjamim de volta ao seu pai.

Jacó não poderia mais se recusar a dar o seu consentimento. Disse aos filhos que levassem ao governador um presente com algumas coisas que o seu país devastado pela fome ainda tinha para oferecer: "Um pouco de bálsamo, um pouco de mel, algumas especiarias e mirra, algumas nozes de pistache e amêndoas. Levem prata em dobro. [...] Peguem também o seu irmão e voltem àquele homem" (Gn 43:11-13). Quando seus filhos estavam prontos para partir para uma viagem tão incerta, o idoso pai se levantou e, erguendo as mãos ao Céu, proferiu esta oração: "Que o Deus todo-poderoso lhes conceda misericórdia diante daquele homem, para que ele permita que o seu outro irmão e Benjamim voltem com vocês" (Gn 43:14).

Viajaram mais uma vez para o Egito e se apresentaram diante de José. Ao olhar para Benjamim, que também era filho de sua mãe, José ficou muito comovido. Conseguiu esconder a emoção, mas ordenou que fossem levados à sua casa para participarem de um almoço com ele. Os irmãos ficaram muito amedrontados, com receio de serem acusados por causa do dinheiro encontrado nos sacos. Imaginavam que tivesse sido colocado de propósito com o objetivo de encontrarem uma razão para que fossem feitos escravos. Como prova de sua inocência, informaram ao administrador da casa que tinham trazido de volta o dinheiro encontrado nos sacos e também mais dinheiro para comprar o alimento; e acrescentaram: "Não sabemos quem pôs a prata em nossa bagagem" (Gn 43:22). "'Fiquem tranquilos', disse o administrador. 'Não tenham medo. O seu Deus e o Deus de seu pai foi quem lhes deu um tesouro em suas bagagens, porque a prata de vocês eu recebi'" (Gn 43:23). Os irmãos ficaram aliviados. Assim que Simeão foi libertado da prisão e se uniu a eles, sentiram que Deus tinha sido verdadeiramente misericordioso com todos.

Os Sonhos se Cumprem Novamente

Quando o governador se encontrou novamente com eles, entregaram a ele os seus presentes e humildemente "curvaram-se diante dele até o chão" (Gn 43:26). De novo seus sonhos lhe vieram à mente. Ele cumprimentou os irmãos e se apressou em perguntar: "Como vai o pai de vocês, o homem idoso de quem me falaram? Ainda está vivo?" "Teu servo, nosso pai, ainda vive e passa bem", foi a resposta. "E se curvaram para prestar-lhe honra." (Gn 43:27, 28). Então olhou para Benjamim e disse: "É este o irmão caçula de quem me falaram?" E acrescentou: "Deus lhe conceda graça, meu filho" (Gn 43:29); mas José ficou muito emocionado ao ver o irmão e não conseguiu dizer mais

nada. “Entrando em seu quarto, chorou” (Gn 43:30).

Quando José conseguiu se recompor, voltou para junto dos irmãos. Pelas leis das classes sociais, os egípcios eram proibidos de comer com pessoas de qualquer outra nação. Por essa razão, foi posta uma mesa separada para os filhos de Jacó, enquanto o governador, devido à sua alta posição, comia sozinho, e os egípcios também tinham mesas separadas. Quando todos se assentaram, os irmãos ficaram surpresos ao ver que foram colocados um após o outro, exatamente de acordo com a idade de cada um. “Então lhes serviram da mesa de José” (v. 34), mas a porção de Benjamim era cinco vezes maior que a de qualquer um deles. Com isso, esperava descobrir se o irmão mais novo era olhado com a mesma inveja e ódio que foram demonstrados a ele. Imaginando ainda que José não compreendia a sua língua, os irmãos conversavam normalmente entre si, dando a ele uma boa oportunidade para conhecer seus verdadeiros sentimentos. José ainda queria provar seus irmãos mais uma vez. Antes de saírem do Egito, ordenou que seu copo de prata fosse colocado no saco de mantimentos do irmão mais novo.

A Prova Final de Arrependimento

Alegremente eles partiram de volta para a casa de seu pai. Simeão e Benjamim foram com eles; seus animais estavam carregados de trigo, e todos achavam que tinham escapado em segurança dos perigos que pareciam cercá-los. No entanto, tinham apenas chegado aos arredores da cidade, quando foram surpreendidos pelo administrador do governador, que bastante irado perguntou a eles: “Por que retribuíram o bem com o mal? Não é esta a taça que meu senhor usa para beber e fazer adivinhações? Vocês cometeram grande maldade!” (Gn 44:4, 5). Eles achavam que essa taça tinha o poder de descobrir qualquer substância venenosa que nela fosse colocada. Taças desse tipo tinham muito valor, pois eram consideradas uma proteção contra o assassinato por envenenamento.

Diante da acusação do administrador, os viajantes responderam: “Por que o meu senhor diz isso? Longe dos seus servos fazer tal coisa! Nós lhe trouxemos de volta, da terra de Canaã, a prata que encontramos na boca de nossa bagagem. Como roubaríamos prata ou ouro da casa do seu senhor? Se algum dos seus servos for encontrado com ela, morrerá; e nós, os demais, seremos escravos do meu senhor” (Gn 44:7-9).

“Concordo”, disse o administrador. “Somente quem for encontrado com ela será meu escravo. Os demais estarão livres” (Gn 44:10).

A busca começou logo em seguida. “Cada um deles descarregou depressa a sua bagagem e abriu-a” (Gn 44:11), e o administrador examinou cada uma delas, começando pela de Rúben, em ordem, até chegar ao mais moço. A taça foi encontrada na bagagem levada por Benjamim.

Os irmãos rasgaram suas roupas com um sentimento de completa desgraça e lentamente retornaram para a cidade. Pela própria promessa que haviam feito, Benjamim estava condenado à escravidão. Eles acompanharam o administrador até o palácio e, ao encontrarem o governador, curvaram-se até o chão diante dele.

“Que foi que vocês fizeram?”, disse ele. “Vocês não sabem que um homem como eu tem poder para adivinhar?” (Gn 44:15). José pretendia saber se realmente tinham se arrependido do seu pecado.

Judá respondeu: “O que diremos a meu senhor? Que podemos falar? Como podemos provar nossa inocência? Deus trouxe à luz a culpa dos teus servos. Agora somos escravos do meu senhor, como também aquele que foi encontrado com a taça” (Gn 44:16).

“Longe de mim fazer tal coisa!”, foi a resposta. “Somente aquele que foi encontrado com a taça será meu escravo. Os demais podem voltar em paz para a casa do seu pai” (Gn 44:17).

O Apelo de Judá

Em profunda angústia, Judá se aproximou do governador. De maneira eloquente, ele descreveu a dor de seu pai pela perda de José e sua dificuldade em permitir que Benjamim fosse com eles ao Egito, por ser ele o único filho de Raquel, o filho a quem Jacó tanto amava.

“Agora, pois, se eu voltar a teu servo, a meu pai, sem levar o jovem conosco, logo que meu pai, que é tão apegado a ele, perceber que o jovem não está conosco, morrerá. Teus servos farão seu velho pai descer seus cabelos brancos à sepultura com tristeza. Além disso, teu servo garantiu a segurança do jovem a seu pai, dizendo-lhe: ‘Se eu não o trouxer de volta, suportarei essa culpa diante de ti pelo resto da minha vida!’ Por isso, agora te peço, por favor, deixa o teu servo ficar como escravo do meu senhor no lugar do jovem e permite que ele volte com seus irmãos. Como poderei eu voltar a meu pai sem levar o jovem comigo? Não! Não posso ver o mal que sobreviria a meu pai” (Gn 44:30-34).

José estava satisfeito. Tinha visto em seus irmãos os frutos do verdadeiro

arrependimento. Deu ordens para que todos se retirassem, exceto aqueles homens. Então, chorando em alta voz, ele exclamou: “Eu sou José! Meu pai ainda está vivo?” (Gn 45:3).

Reconciliação!

Os irmãos de José ficaram sem entender, calados, cheios de medo e espantados. O governador do Egito era o seu irmão José, a quem eles invejavam e teriam matado, mas que acabaram vendendo como escravo! Todos os seus maus-tratos passaram diante deles. Lembraram-se de como odiavam seus sonhos e de tudo o que fizeram para impedir que se cumprissem; porém, nada mais fizeram do que desempenhar o seu papel para que eles se realizassem. Naquele momento em que estavam completamente sob seu poder, sem dúvida ele iria se vingar de tudo o que tinha sofrido.

Ao ver o quanto estavam confusos, ele disse bondosamente: “Cheguem mais perto”. Quando se aproximaram, ele continuou: “Eu sou José, seu irmão, aquele que vocês venderam ao Egito! Agora, não se aflijam nem se recriminem por terem me vendido para cá, pois foi para salvar vidas que Deus me enviou adiante de vocês” (Gn 45:3, 4). Sentindo que já tinham sofrido o suficiente por sua crueldade para com ele, procurou com muita generosidade aliviar seus temores e tirar deles a amargura por continuarem se condenando.

“Deus me enviou à frente de vocês para lhes preservar um remanescente nesta terra e para salvar-lhes a vida com grande livramento! Assim, não foram vocês que me mandaram para cá, mas sim o próprio Deus. Ele me tornou ministro do Faraó, e me fez administrador de todo o palácio e governador de todo o Egito. Voltem depressa a meu pai e digam-lhe: ‘Assim diz o seu filho José: Deus me fez senhor de todo o Egito. Vem para cá, não te demores. Tu viverás na região de Gósen [...] tu, os teus filhos, os teus netos, as tuas ovelhas, os teus bois e todos os teus bens. Eu te sustentarei ali, porque ainda haverá cinco anos de fome. Do contrário, tu, a tua família e todos os teus rebanhos acabarão na miséria’” (Gn 45:7-11). “Então ele se lançou chorando sobre o seu irmão Benjamim e o abraçou, e Benjamim também o abraçou, chorando. Em seguida beijou todos os seus irmãos e chorou com eles. E só depois os seus irmãos conseguiram conversar com ele” (Gn 45:14, 15). Eles confessaram com muita humildade o seu pecado e suplicaram que os perdoasse.

A notícia do que tinha acontecido foi rapidamente levada ao rei. Ele confirmou o convite do governador à sua família, dizendo: “Eu lhes darei o melhor da terra do Egito” (Gn 45:18). Os irmãos de José foram enviados com grande suprimento de alimentos e

de tudo o que necessitavam para trazer todas as famílias e os servos para o Egito.

Os filhos de Jacó voltaram para a casa de seu pai com estas alegres novas: "José ainda está vivo! Na verdade ele é o governador de todo o Egito" (Gn 45:26). No começo, Jacó ficou cheio de espanto; quase não podia acreditar no que ouvia; mas quando viu a longa caravana, com carros e animais, e quando se deu conta de que Benjamim estava junto dele novamente, ficou convencido. Com imensa alegria, exclamou: "Basta! Meu filho José ainda está vivo. Irei vê-lo antes que eu morra" (Gn 45:28).

Mais um ato de humilhação restava para aqueles dez irmãos. Eles confessaram então para o pai o engano e a crueldade que trouxeram tantos anos de amargura à sua vida, e também à deles, durante todo aquele tempo. Jacó nunca poderia imaginar que fossem capazes de cometer um pecado tão vil, mas ele perdoou seus filhos pelo erro cometido e os abençoou.

O pai e seus filhos, com todas as suas famílias, seus rebanhos e o gado, além de outros que faziam parte do acampamento, logo estavam a caminho do Egito. Numa visão à noite, veio a palavra divina: "Não tenha medo de descer ao Egito, porque lá farei de você uma grande nação. Eu mesmo descerei ao Egito com você e certamente o trarei de volta" (Gn 46:3, 4).

A promessa de inumeráveis descendentes, como as estrelas do céu, tinha sido dada a Abraão, mas, até aquela época, o povo escolhido tinha aumentado muito vagarosamente. Naquela época, a terra de Canaã estava sob o domínio de poderosas tribos pagãs que não seriam tiradas de lá até "a quarta geração" (Gn 15:16). Para se tornar um povo numeroso, os descendentes de Israel deveriam ou expulsar os habitantes da terra ou se dispersar entre eles. Se eles se misturassem aos cananeus estavam em perigo de ser atraídos à idolatria. Por outro lado, o Egito oferecia as condições necessárias para o cumprimento do plano divino. Uma região do país, bem regada e fértil estava à disposição deles, proporcionando as condições necessárias e todas as vantagens para o seu rápido crescimento. Permaneceriam como um povo distinto e separado, excluído da participação da idolatria reinante no país.

Quando chegaram ao Egito, todo o povo se encaminhou para a terra de Gósen. José foi para lá em sua carruagem oficial, acompanhado de uma grande comitiva. Apenas um pensamento enchia a sua mente, uma saudade imensa que fazia seu coração vibrar. Ao ver os viajantes se aproximando, o amor cujos sentimentos tinham sido reprimidos por tantos anos não mais poderia ser controlado. Ele desceu de sua carruagem e correu para saudar seu pai. "Assim que o viu, correu para abraçá-lo e, abraçado a ele, chorou

longamente. E Israel disse a José: 'Agora já posso morrer, pois vi o seu rosto e sei que você ainda está vivo'" (Gn 46:29, 30).

José desejava livrar seus irmãos das tentações a que estariam expostos em uma corte pagã; assim, ele os aconselhou a dizer ao Faraó qual era exatamente a sua ocupação. Os filhos de Jacó seguiram esse conselho, sendo cuidadosos também em declarar que tinham vindo para estar apenas por um tempo naquela terra, e não para se tornarem habitantes permanentes, reservando assim a eles o direito de partirem quando desejassem.

O Fim da Vida de Jacó

Não muito tempo depois de ter chegado ao Egito, José levou seu pai para ser apresentado ao Faraó. Jacó era um estranho nas cortes reais, mas, em meio às grandiosas cenas da natureza, manteve sua comunhão com um Governante mais poderoso. Naquele momento, em consciente superioridade, levantou as mãos e abençoou Faraó.

Em sua primeira saudação a José, Jacó falou como se estivesse pronto para morrer, depois de ter colocado um ponto final tão feliz em sua longa ansiedade e tristeza. Ainda seriam concedidos a ele mais dezessete anos na tranquila e afastada terra de Gósen. Esses anos foram um feliz contraste com os anos turbulentos que Jacó tinha vivido até então. Ele viu em seus filhos evidências de verdadeiro arrependimento. Sua família estava rodeada de todas as condições necessárias para o desenvolvimento de uma grande nação. Sua fé se apegou à certeza da promessa de que no futuro seriam levados para viver em Canaã outra vez. Ele mesmo estava cercado de toda demonstração de amor e favor que o primeiro-ministro do Egito poderia lhe conceder.

Jacó Reconhece os Filhos de José

Outra questão importante que necessitava de atenção – os filhos de José deveriam ser formalmente reconhecidos como parte dos filhos de Israel. Ao vir para a sua última visita ao seu pai, José levou consigo Efraim e Manassés. Por meio de sua mãe, esses jovens estavam ligados à mais alta ordem do sacerdócio egípcio e a posição de seu pai abria diante deles os caminhos da riqueza e da honra, caso preferissem se unir aos egípcios. Contudo, era desejo de José que eles se unissem ao povo do seu pai. Com isso, ele demonstrou sua fé na promessa do concerto, renunciando em favor de seus filhos todas as honras que a corte do Egito oferecia para ter um lugar entre as menosprezadas tribos de pastores, às quais foram confiados os oráculos de Deus.

Disse Jacó a José: "Os seus dois filhos que lhe nasceram no Egito, antes da minha vinda para cá, serão reconhecidos como meus; Efraim e Manassés serão meus, como são meus Rúben e Simeão" (Gn 48:5). Deveriam ser reconhecidos como seus e se tornarem chefes de tribos distintas.

Ao se aproximarem, o patriarca os abraçou e os beijou, colocando solenemente as mãos sobre a cabeça deles para abençoá-los. Então ele orou: "Que o Deus a quem serviram meus pais Abraão e Isaque, o Deus que tem sido o meu pastor em toda a minha vida até o dia de hoje, o Anjo que me redimiu de todo o mal, abençoe estes meninos" (Gn 48:15, 16). Não havia nenhuma queixa dos dias do passado. Ele não considerava mais suas provações e tristezas coisas que recaíram sobre ele. Em sua memória guardava apenas as lembranças da misericórdia e amorável bondade de Deus, que estiveram com Jacó durante toda a sua peregrinação.

Todos os filhos de Jacó foram reunidos ao redor de seu leito de morte. "Então Jacó chamou seus filhos e disse: Ajuntem-se a meu lado para que eu lhes diga o que lhes acontecerá nos dias que virão" (Gn 49:1).

Jacó Prediz o Futuro de seus Filhos

O espírito de inspiração repousou sobre Jacó, e em visão profética foi apresentado diante dele o futuro de seus descendentes. Um após outro, os nomes de seus filhos foram mencionados, foi descrito o caráter de cada um, e a história futura da tribo foi também brevemente predita.

Rúben, você é meu primogênito, minha força, o primeiro sinal do meu vigor, superior em honra, superior em poder (Gn 49:3).

Mesmo assim, o terrível pecado de Rúben em Edar fez com que ele se tornasse indigno da bênção da primogenitura. Jacó continuou:

Turbulento como as águas, já não será superior (Gn 49:4).

O sacerdócio foi dado a Levi, tanto o reino quanto a promessa messiânica a Judá, enquanto que a José coube a dupla porção da herança. A tribo de Rúben nunca se sobressaiu em Israel e não foi tão numerosa quanto a de Judá, José ou Dã, e estava entre as primeiras a serem levadas para o cativeiro.

Os próximos foram Simeão e Levi. Eles haviam se unido em seus atos de crueldade para com os siquemitas e tinham sido os maiores culpados na venda de José.

Eu os dividirei pelas terras de Jacó e os dispersarei em Israel (Gn 49:7).

Moisés, em sua última bênção a Israel, antes de entrar em Canaã, não fez referência alguma a Simeão. Na divisão das terras para as tribos, essa tribo recebeu apenas uma pequena parte do que era destinado a Judá, e as famílias que depois se tornaram mais poderosas formaram diversas colônias e se estabeleceram em territórios fora das fronteiras da Terra Santa. Levi também não recebeu nenhuma herança, exceto quarenta e oito cidades. Sua fidelidade, quando as outras tribos se apostataram, assegurou sua indicação para o sagrado serviço do santuário. Dessa maneira, a maldição se transformou em bênção.

Judá, seus irmãos o louvarão, sua mão estará sobre o pescoço dos seus inimigos; os filhos de seu pai se curvarão diante de você. [...]

O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha Aquele a quem ele pertence, e a Ele as nações obedecerão (Gn 49:8-10).

O leão, o rei da selva, é um símbolo bastante apropriado para essa tribo. Dela vieram Davi e o Filho de Davi, Siló, o verdadeiro "Leão da tribo de Judá", a quem todos os poderes finalmente se curvarão e todas as nações honrarão.

Jacó predisse um futuro próspero para a maioria de seus filhos. Então ele falou sobre José, e o coração do pai transbordou ao pedir as bênçãos sobre "a fronte daquele que foi separado de entre os seus irmãos" (Gn 49:26).

José é uma árvore frutífera, árvore frutífera à beira de uma fonte, cujos galhos passam por cima do muro.

Com rancor arqueiros o atacaram, atirando-lhe flechas com hostilidade.

Mas o seu arco permaneceu firme, os seus braços fortes, ágeis para atirar, pela mão do Poderoso de Jacó [...].

As bênçãos de seu pai são superiores às bênçãos dos montes antigos, às delícias das colinas eternas. Que todas essas bênçãos repousem sobre a cabeça de José, sobre a fronte daquele que foi separado de entre os seus irmãos. (Gn 49:22-26).

Jacó era um homem bastante sentimental; seu amor por seus filhos era forte e terno. Perdoou todos os filhos e os amou até o fim. Em sua ternura paternal, ele teria pronunciado apenas palavras de ânimo e esperança, mas o poder de Deus repousou sobre ele e, sob a influência da Inspiração, foi levado a declarar a verdade, mesmo que

fosse dolorosa.

Os últimos anos de Jacó foram de tranquilidade e descanso depois dos dias turbulentos e fatigantes pelos quais ele havia passado. Nuvens negras se acumularam em seu caminho, mas o pôr do sol no fim de seus dias foi claro, e a luz do Céu iluminou seus últimos momentos. Dizem as Escrituras: "Mesmo depois do anoitecer, haverá claridade" (Zc 14:7). "Considere o íntegro, observe o justo; há futuro para o homem de paz" (Sl 37:37).

A Inspiração registra fielmente as falhas de homens bons que se destacaram por terem recebido o favor de Deus. Isso tem dado aos incrédulos um motivo para zombarem da Bíblia. Entretanto, uma das mais fortes evidências da veracidade das Escrituras é que ela não minimiza os fatos nem oculta os pecados de seus grandes personagens. Se a Bíblia tivesse sido escrita por pessoas não inspiradas, certamente teria apresentado seus ilustres personagens de maneira mais elogiosa.

Somos encorajados em nossos esforços para alcançar a justiça quando examinamos onde outros lutaram, pois eles passaram por desânimo e tristezas exatamente como nós. Ao analisarmos as tentações pelas quais eles passaram, percebemos que mesmo assim eles venceram pela graça de Deus. Embora algumas vezes tenham sido vencidos, eles se reergueram e foram abençoados por Deus. Da mesma forma, nós também podemos nos tornar vencedores no poder de Jesus. Por outro lado, o registro da vida de cada um deles pode servir de advertência para nós. Deus vê o pecado em Seus mais favorecidos e lida com suas falhas até com mais severidade que naqueles que têm menos luz e responsabilidade.

Depois do sepultamento de Jacó, os irmãos de José voltaram a ficar com o coração cheio de temor. Tinham consciência da própria culpa e suspeitaram então que José traria sobre eles a punição pelo crime que haviam cometido e que havia sido adiada por tanto tempo. Não ousaram aparecer diante dele pessoalmente, mas enviaram uma mensagem: "Antes de morrer, teu pai nos ordenou que te disséssemos o seguinte: 'Peço-lhe que perdoe os erros e pecados de seus irmãos que o trataram com tanta maldade!' Agora, pois, perdoa os pecados dos servos do Deus de teu pai" (Gn 50:16:17).

Essa mensagem tocou o coração de José e ele chorou. Mais animados, seus irmãos vieram e se prostraram diante dele com estas palavras: "Aqui estamos. Somos teus escravos!" (Gn 50:18). José se entristeceu porque seus irmãos pensavam que ele ainda mantinha o espírito de vingança. "Não tenham medo", disse ele. "Estaria eu no lugar de Deus? Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje

fosse preservada a vida de muitos. Por isso, não tenham medo. Eu sustentarei vocês e seus filhos" (Gn 50:19-21).

Vendo Cristo em José

A vida de José é um exemplo da vida de Cristo. Foi a inveja que motivou os irmãos a venderem José como escravo; esperavam impedir que o irmão se tornasse maior do que eles. Estavam certos de que não mais seriam importunados por seus sonhos, depois de terem eliminado todas as possibilidades de realização. Deus dirigiu suas ações para que viesse a acontecer exatamente o que eles haviam tentado evitar. Igualmente, os sacerdotes e líderes judeus tinham inveja de Cristo. Mataram Jesus para que Ele não Se tornasse rei; mas, ao assim agirem, foi esse mesmo resultado que obtiveram.

Pelo tempo que passou como escravo no Egito, José se tornou o salvador da família de seu pai. Contudo, esse fato não diminuiu a culpa de seus irmãos. Da mesma forma, a crucificação de Cristo por Seus inimigos fez com que Ele Se tornasse o Redentor da humanidade, o Salvador da raça caída e o Governante do mundo todo. O crime de Seus malfeitores foi simplesmente tão hediondo que era como se a mão guiadora de Deus não estivesse dirigindo os acontecimentos.

José foi falsamente acusado e lançado na prisão, por causa de sua lealdade. Da mesma forma, Cristo foi menosprezado e rejeitado não só porque Sua vida era justa e abnegada, mas porque ela era uma reprovação ao pecado. Embora não fosse culpado de falta alguma, Ele foi condenado pelas declarações de falsas testemunhas. A paciência de José diante da injustiça, sua disposição em perdoar e a nobreza de sua generosidade para com seus irmãos desnaturados representam não apenas o sofrimento resignado do Salvador diante do ódio e abuso de homens maus, mas principalmente o Seu perdão a todos que vão a Ele, confessando os seus pecados com humildade.

José viveu para testemunhar o crescimento e a prosperidade de seu povo. Durante todos aqueles anos, sua fé em Deus para levar Israel de volta à Terra da Promessa se manteve inabalável.

Quando percebeu que seu fim estava próximo, seu último ato foi mostrar como sua vida estava ligada à vida de Israel. Suas últimas palavras foram: "Deus certamente virá em auxílio de vocês e os tirará desta terra, levando-os para a terra que prometeu com juramento a Abraão, a Isaque e a Jacó"(Gn. 50:24). Também fez com que os filhos de Israel jurassem solenemente que levariam seus ossos com eles de volta para a terra de Canaã. "Morreu José com a idade de cento e dez anos. E, depois de embalsamado, foi colocado num sarcófago no Egito" (Gn 50:26).

Ao longo dos séculos de lutas que se seguiram, o caixão em que José estava sepultado se tornou um testemunho para Israel de que eles eram peregrinos no Egito. Para eles, aquele caixão era uma lembrança de que deveriam manter suas esperanças na Terra da Promessa, pois o tempo do livramento certamente viria.

---

* Este capítulo é baseado em Gênesis 41:54-56; 42 a 50.

O Líder do Povo de Deus*

Em reconhecimento ao trabalho que José havia prestado a todo o povo do Egito, os filhos de Jacó receberam não somente uma parte do país como sua nova casa, mas ficaram também livres de pagar os impostos e tiveram todo o alimento de que precisaram durante os anos de fome. O rei reconheceu publicamente que foi por causa do Deus de José que o Egito teve tanta comida enquanto outras nações estavam morrendo com a falta de alimento. Ele viu também que a administração de José tinha enriquecido grandemente o reino, e como agradecimento tratou a família de Jacó com muita consideração e o que tinha de melhor.

No entanto, com o passar do tempo, o grande homem que foi usado por Deus para salvar o Egito morreu. "Então subiu ao trono do Egito um novo rei, que nada sabia sobre José" (Êx 1:8). Não que ele não soubesse tudo o que José fez pela nação, mas porque não queria reconhecer o que havia sido feito. Queria de todas as formas que tudo fosse esquecido. "Disse ele ao seu povo: Vejam! O povo israelita é agora numeroso e mais forte que nós. Temos que agir com astúcia, para que não se tornem ainda mais numerosos e, no caso de guerra, aliem-se aos nossos inimigos, lutem contra nós e fujam do país" (Êx 1:9, 10).

Os israelitas "eram férteis, proliferaram, tornaram-se numerosos e fortaleceram-se muito, tanto que encheram o país" (Êx 1:7). Apesar disso, eles tinham se mantido uma raça sem mistura, não tinham nada em comum com os egípcios, nem nos costumes, nem na religião, e o número deles, que aumentava cada vez mais, parecia agora uma ameaça para o rei e seu povo.

Muitos eram não apenas operários habilidosos, mas inteligentes e contribuíram grandemente para o enriquecimento do Egito. O rei precisava de trabalhadores como

eles para a construção de seus grandes palácios e templos. Por isso, ele os comparou com egípcios que haviam se vendido ao reino, bem como tudo o que tinham. Depois, foram colocados encarregados para cuidar deles, "e os sujeitaram a cruel escravidão. Tornaram-lhes a vida amarga, impondo-lhes a árdua tarefa de preparar o barro e fazer tijolos, e executar todo tipo de trabalho agrícola; [...]. Todavia, quanto mais eram oprimidos, mais numerosos se tornavam e mais se espalhavam" (Êx 1:13, 14, 12).

O rei e seus conselheiros esperavam dominar os israelitas com o trabalho duro, fazendo com que diminuíssem em número e mudassem seu espírito independente. Foram dadas ordens às mulheres, cujo trabalho lhes dava oportunidade, para que destruíssem as crianças hebreias do sexo masculino assim que nascessem. Satanás sabia que deveria surgir um libertador entre os israelitas, e, usando o rei para destruir os meninos, esperava frustrar os propósitos divinos. No entanto, as mulheres temiam a Deus e decidiram não obedecer a essa ordem cruel.

O rei, indignado com o fracasso de seu plano, fez uma lei mais agressiva. "O Faraó ordenou a todo o seu povo: 'Lancem ao Nilo todo menino recém-nascido, mas deixem viver as meninas" (Êx 1:22).

Nascido na Pior Época

Enquanto esse decreto estava em pleno vigor, nasceu um menino, filho de Arão e Joquebede, que eram israelitas da tribo de Levi. Os pais, confiantes de que o tempo da libertação de Israel estivesse chegando e que Deus levantaria um libertador para Seu povo, decidiram que seu filhinho não poderia ser sacrificado. A fé em Deus fortaleceu o coração dos pais, "e não temeram o decreto do rei" (Hb 11:23).

A mãe escondeu o filho por três meses. Então, percebendo que não era mais seguro tentar esconder o bebê, preparou um cestinho de junco e passou betume e piche para não entrar água; deitou o bebê ali dentro e colocou o cesto entre os juncos à margem do rio. A irmã do menino, Miriã, ficou por perto, olhando atentamente para ver o que aconteceria com seu irmãozinho.

Estavam ali também outros vigias. A mãe confiou seu filho aos cuidados de Deus, e anjos invisíveis cuidavam do bebê enquanto dormia. Os anjos levaram a filha do Faraó até aquele local. O pequeno cesto despertou a sua curiosidade e, ao olhar para aquele lindo bebê que começou a chorar, seu coração ficou cheio de compaixão; seus sentimentos de simpatia se estenderam à mãe desconhecida que tentou por esse meio salvar a vida de seu precioso filhinho. Ela decidiu que o menino deveria ser salvo; ela o adotaria como seu.

Miriã, percebendo que o menino estava sendo aceito com ternura, arriscou-se a chegar mais perto e disse finalmente: "A senhora quer que eu vá chamar uma mulher dos hebreus para amamentar e criar o menino?" (Êx 2:7). A permissão foi dada.

A irmã correu até sua mãe com a feliz notícia e voltou com ela até onde estava a filha do Faraó. "Leve este menino e amamente-o para mim, e eu lhe pagarei por isso", disse a princesa (Êx. 2:9).

Doze Anos Muito Breves

Deus ouviu a oração daquela mãe. Com profunda gratidão, ela iniciou a alegre tarefa de educar seu filho para Deus. Sabia que em breve deveria entregá-lo à sua "mãe", a filha do rei, para ser rodeado de influências que poderiam afastá-lo de Deus. Esforçou-se por ensinar a ele o temor a Deus e o amor à verdade e à justiça. Mostrou-lhe a loucura e o pecado da idolatria, e o ensinou, desde os primeiros anos a se curvar e a orar ao Deus vivo, que era o único que poderia ouvi-lo e ajudá-lo em qualquer dificuldade.

Ela manteve o menino em sua casa tanto quanto foi possível, mas teve que entregá-lo quando estava com aproximadamente doze anos. Daquela humilde choupana, foi levado para o palácio real, para a filha do Faraó, e ela "o adotou" (Êx 2:10). Mesmo ali, ele não se esquecia das lições aprendidas ao lado de sua mãe. Eram uma proteção contra o orgulho, a incredulidade e o vício que aumentava cada vez mais entre os esplendores da corte.

Toda a vida futura de Moisés e a grande missão que ele cumpriu como líder de Israel são um testemunho da importância da obra realizada por uma mãe cristã. Nenhum outro trabalho pode se igualar a esse. A mãe está lidando com o desenvolvimento da mente e caráter dos filhos, trabalhando não somente para a vida neste mundo, mas para a eternidade. Ela está semeando as sementes que vão brotar e produzir frutos, que podem ser tanto para o bem, como para o mal. Sua obra não é pintar belas formas em uma tela ou fazer esculturas no mármore, mas imprimir na mente humana a imagem divina. As impressões produzidas na mente permanecerão por toda a vida. Os filhos são colocados aos cuidados dos pais para serem ensinados, não para serem herdeiros de um trono de um império na Terra, mas para serem como reis e rainhas para Deus, e assim reinarem por toda a eternidade.

No dia solene do juízo, os registros revelarão que muitos crimes foram cometidos como resultado da ignorância e da negligência daqueles que tinham o dever de guiar os filhos no caminho do bem. Os registros revelarão também que muitos que têm abençoado o mundo com sua mente brilhante, com a verdade e a santidade, devem seu

sucesso a uma mãe cristã que por eles orava.

Na corte de Faraó, Moisés recebeu a melhor educação social, política e militar. O monarca decidiu tornar seu neto adotivo seu sucessor ao trono, e o jovem Moisés foi educado para ocupar essa elevada posição. "Moisés foi educado em toda a sabedoria dos egípcios e veio a ser poderoso em palavras e obras" (At 7:22). Sua habilidade como líder militar fez com que se tornasse o favorito nos exércitos do Egito, e era geralmente respeitado como uma alta personalidade. Satanás tinha sido derrotado em seu propósito. O mesmo decreto que condenava os filhos dos hebreus à morte foi revertido por Deus para possibilitar a educação e preparo do futuro líder de Seu povo.

Os anciãos de Israel foram instruídos por anjos de que o tempo para a sua libertação estava próximo e que Moisés era o homem que Deus usaria para realizar essa obra. Os anjos instruíram Moisés também, revelando-lhe que Jeová o havia escolhido para quebrar o cativeiro de Seu povo. Moisés tinha em mente que deveriam obter sua liberdade em uma batalha e esperava liderar as forças hebreias contra os exércitos do Egito.

Como o Jovem Moisés foi Provado

Pelas leis do Egito, todos aqueles que ocupavam o trono dos faraós deveriam se tornar membros da classe sacerdotal. Moisés, como o mais provável herdeiro, deveria ser formalmente iniciado nos mistérios da religião nacional. Contudo, ele não estava convencido de que deveria participar do culto aos deuses. Foi ameaçado com a perda da coroa e advertido de que poderia ser deserdado pela princesa se persistisse em praticar a fé professada por seu povo. Mesmo assim, ele estava inabalável em sua determinação de não adorar a nenhum outro, senão ao único Deus, o Criador do céu e da Terra. Tentou convencer os sacerdotes e adoradores, mostrando a eles como era sem sentido sua supersticiosa reverência a objetos insensíveis. Por algum tempo, sua resistência foi aceita devido à elevada posição que possuía e pela consideração que o rei e o povo tinham para com ele.

"Pela fé Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha do Faraó, preferindo ser maltratado com o povo de Deus a desfrutar os prazeres do pecado durante algum tempo. Por amor de Cristo, considerou sua desonra uma riqueza maior do que os tesouros do Egito, porque contemplava a sua recompensa" (Hb 11:24-26). Moisés estava preparado para assumir o primeiro posto entre os grandes povos da Terra, para brilhar nas cortes do mais glorioso reino e para empunhar o cetro do poder. Como historiador, poeta, filósofo, general de exércitos e legislador, ninguém se igualava a ele.

Apesar de ter o mundo a seus pés, ele teve força moral para recusar toda riqueza, grandeza e fama, "preferindo ser maltratado com o povo de Deus" (Hb 11:25).

O majestoso palácio de Faraó e o trono foram apresentados como uma forma de sedução a Moisés; mas ele sabia que eram nas formas e costumes das cortes que estavam entronados os prazeres pecaminosos que fazem o povo se esquecer de Deus. Ele olhava para além do lindo palácio, para além da coroa, podendo ver as mais altas honras que os santos do Altíssimo receberão em um reino incontaminado pelo pecado. Pela fé, ele viu uma coroa que jamais se acabará e que o Rei do Céu colocará na cabeça do vencedor. Essa fé o levou a se unir à humilde, pobre e desprezada nação que preferiu obedecer a Deus em vez de servir ao pecado.

Moisés permaneceu na corte do palácio até os quarenta anos. Visitava seus irmãos no cativeiro e os animava com a certeza de que Deus iria agir em favor do seu livramento. Certo dia, ao ver um egípcio ferir um israelita, Moisés lutou contra ele e o matou. A não ser o israelita, ninguém mais testemunhou esse ato, e Moisés imediatamente enterrou o corpo na areia. Ele mostrou que estava pronto para assumir a causa de seu povo e esperava vê-los se erguerem para recuperar sua liberdade. "Ele pensava que seus irmãos compreenderiam que Deus o estava usando para salvá-los, mas eles não o compreenderam" (At 7:25). Ainda não estavam preparados para a liberdade.

No dia seguinte, Moisés viu dois hebreus brigando um com o outro. Um deles, naturalmente, estava errado. Moisés chamou a atenção do ofensor, que no mesmo instante revidou dizendo que ele não tinha direito algum de interferir, e rudemente o acusou pelo crime: "Quem o nomeou líder e juiz sobre nós? Quer matar-me como matou o egípcio?" (Êx 2:14).

O caso logo chegou aos ouvidos do Faraó. Disseram ao rei que esse ato significava muito mais, que Moisés planejava liderar seu povo contra os egípcios, derrubar o governo e assentar-se no trono. O rei determinou que ele deveria morrer imediatamente, mas Moisés, percebendo o perigo que corria, fugiu para a Arábia.

O Senhor o dirigiu nessa caminhada, e ele encontrou um lar na casa de Jetro, o sacerdote e príncipe de Midiã, que também era um adorador de Deus. Passado algum tempo, Moisés se casou com uma das filhas de Jetro; e ali, como guardador de seus rebanhos, ele permaneceu quarenta anos.

Não era a vontade de Deus libertar seu povo por meio da guerra, como Moisés

pensava, mas por Seu grande poder, para que a glória fosse dada a Ele somente. Moisés não estava preparado para a sua grande obra. Ele ainda tinha que aprender a mesma lição de fé que havia sido ensinada a Abraão e a Jacó – não confiar na força nem na sabedoria humana, mas no poder de Deus para cumprir Suas promessas. Na escola da abnegação e das dificuldades, ele deveria aprender a exercer a paciência e a controlar seus instintos. Seu coração deveria estar completamente em harmonia com Deus, antes de ensinar o conhecimento da Sua vontade a Israel e demonstrar um cuidado paternal sobre todos aqueles que necessitassem de seu auxílio.

Às Vezes é Preciso Desaprender

No Egito, Moisés aprendeu muitas coisas que precisava desaprender. As influências do ambiente em que havia crescido tinham deixado profundas impressões em sua mente em desenvolvimento e, até certo ponto, haviam moldado seus hábitos e o caráter. O tempo poderia remover essas impressões. Renunciar ao erro e aceitar a verdade exigiria uma tremenda luta por parte de Moisés. Deus seria o seu Ajudador quando o conflito se tornasse severo demais para a força humana suportar.

"Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida" (Tg 1:5). Entretanto, Deus não comunicará a luz divina aos homens enquanto estiverem satisfeitos em permanecer nas trevas. Para receberem o auxílio divino, eles devem reconhecer sua fraqueza e deficiências; devem concentrar seus pensamentos na grande mudança que Deus deseja realizar neles; devem despertar e se esforçar para manter uma vida de oração sincera e perseverante.

Cercado pelas encostas das altas montanhas, Moisés estava sozinho com Deus. Naquele cenário solene, ele via a majestade do Deus Altíssimo e, em contraste, conseguia compreender quão impotentes eram os deuses do Egito. Ali, seu orgulho e presunção foram esmagados. Os efeitos causados pelo luxo do Egito desapareceram. Moisés se tornou humilde, reverente e "muito paciente, mais do que qualquer outro que havia na Terra" (Nm 12:3), e também forte na fé.

Enquanto os anos se passavam, suas orações por Israel eram elevadas dia e noite. Ali, sob a inspiração do Espírito Santo, ele escreveu o livro de Gênesis. Os longos anos passados na solidão do deserto abençoaram ricamente o mundo em todas as épocas.

O Tempo de Libertação se Aproxima!

"Muito tempo depois, morreu o rei do Egito. Os israelitas gemiam e clamavam debaixo da escravidão; e o seu clamor subiu até Deus. [...] Deus olhou para os israelitas e

viu a situação deles" (Êx 2:23, 25). O tempo para a libertação tinha chegado.

Os propósitos de Deus se cumpririam de tal forma que acabariam com o orgulho humano. O libertador se apresentaria como um humilde pastor, levando somente uma vara em sua mão, mas Deus tornaria aquela vara o símbolo do Seu poder.

Enquanto pastoreava seus rebanhos, certo dia, perto de Horebe, "o Monte de Deus" (Êx 3:1), Moisés viu um arbusto em chamas; queimava, mas não se consumia. Quando se aproximou, uma voz que vinha do fogo o chamou pelo nome. Com os lábios trêmulos, ele respondeu: "Eis-me aqui." Foi avisado para não se aproximar de maneira irreverente: "'Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é terra santa. [...] Eu sou o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó'. Então Moisés cobriu o rosto porque teve medo de olhar para Deus" (Êx 3:4-6).

Com muita reverência por estar diante de Deus, ele continuou ouvindo: "De fato tenho visto a opressão sobre o Meu povo no Egito, tenho escutado o seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei quanto eles estão sofrendo. Por isso desci para livrá-los das mãos dos egípcios e tirá-los daqui para uma terra boa e vasta, onde manam leite e mel [...]. Vá, pois, agora; Eu o envio ao Faraó para tirar do Egito o Meu povo, os israelitas" (Êx 3:7, 8, 10).

Admirado e aterrorizado, Moisés não quis ir e disse: "Quem sou eu para apresentar-me ao Faraó e tirar os israelitas do Egito?" (Êx 3:11).

Moisés pensou na cegueira, na ignorância e na incredulidade de seu povo. Muitos não conheciam quase nada a respeito de Deus. "Quando eu [...] lhes disser: 'O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês', e eles me perguntarem: 'Qual é o nome dEle? Que direi?' Disse Deus a Moisés: 'Eu Sou o que Sou. [...] Eu Sou me enviou a vocês" (Êx 3:13, 14).

Deus ordenou a Moisés que reunisse primeiramente os anciãos de Israel que sofriam havia muito tempo por causa da escravidão e transmitisse a eles a mensagem enviada por Deus. Então ele deveria ir perante o rei e dizer: "O Senhor, o Deus dos hebreus, veio ao nosso encontro. Agora, deixe-nos fazer uma caminhada de três dias, adentrando o deserto, para oferecermos sacrifícios ao Senhor, o nosso Deus" (Êx 3:18).

Moisés foi avisado antecipadamente de que o Faraó iria resistir ao apelo. A coragem do servo de Deus não deveria falhar. O Senhor manifestaria Seu poder. "Por isso estenderei a Minha mão e ferirei os egípcios com todas as maravilhas que realizarei no meio deles. Depois disso ele os deixará sair" (Êx 3:20).

O Senhor declarou: "Quando vocês saírem, não sairão de mãos vazias. Todas as israelitas pedirão às suas vizinhas, e às mulheres que estiverem hospedando em casa, objetos de prata e de ouro, e roupas, que vocês porão em seus filhos e em suas filhas" (Êx 3:21, 22). Os egípcios tinham enriquecido pelo trabalho injustamente exigido dos israelitas, e era justo que recebessem a recompensa pelos anos de trabalho que prestaram. Deus os ajudaria para que os egípcios fossem generosos para com eles. Os pedidos dos escravos seriam atendidos.

Que prova Moisés poderia dar ao seu povo de que tinha sido verdadeiramente enviado por Deus? "E se eles não acreditarem em mim", disse ele, "nem quiserem me ouvir e disserem: 'O Senhor não lhe apareceu'?" (Êx 4:1). A voz lhe disse que jogasse sua vara ao chão. Assim que a jogou, "ela se transformou numa serpente. Moisés fugiu dela" (Êx 4:3). A voz lhe ordenou que a pegasse, e ela se transformou em vara na sua mão. Então a voz lhe disse para colocar a mão no peito, debaixo da roupa. Ele obedeceu e "quando a retirou, ela estava leprosa; parecia neve" (Êx 4:6). Depois lhe disse que colocasse novamente a mão no peito e, quando a tirou, ele viu que estava como a outra. Por meio desses sinais, seu povo e também o Faraó ficariam convencidos de que um Ser mais poderoso do que o rei do Egito certamente estava entre eles.

Moisés Fica Relutante

Cheio de angústia e medo, o servo de Deus alegou que não se expressava bem: "Ó Senhor! Nunca tive facilidade para falar [...]. Não consigo falar bem!" (Êx 4:10).

Moisés pediu que fosse escolhida outra pessoa. Depois que o Senhor prometeu remover todas as dificuldades e que seria bem-sucedido, qualquer outra queixa sobre sua incapacidade revelaria falta de confiança em Deus. Envolvia um receio de que Deus talvez não pudesse capacitá-lo ou de que teria cometido um erro na escolha da pessoa.

Arão, seu irmão mais velho, que tinha usado diariamente a língua dos egípcios, era capaz de se expressar por meio dela perfeitamente. Deus disse a Moisés que Arão viria para se encontrar com ele. As palavras a seguir, ditas pelo Senhor, foram uma ordem incondicional:

"Você falará com ele e lhe dirá o que ele deve dizer. [...] E ele será o seu porta-voz diante do povo. E leve na mão esta vara; com ela você fará os sinais milagrosos" (Êx 4:15-17). Moisés não pôde mais resistir, porque não tinha mais desculpas.

Depois que aceitou a tarefa, Moisés se dedicou a ela de todo o coração, depositando total confiança no Senhor. Deus abençoou sua obediência imediata e ele se tornou

eloquente, cheio de esperança, autoconfiante e devidamente preparado para a maior obra já confiada a um ser humano.

A pessoa adquirirá força e eficiência ao aceitar as responsabilidades que Deus coloca sobre ela. Por mais humilde que seja sua posição ou limitações que possua, aquela que depositar sua confiança na força divina e realizar seu trabalho com fidelidade alcançará a verdadeira grandeza. Sentir as próprias fraquezas já é um indício do reconhecimento da importância da obra a ela designada. Tal pessoa terá em Deus seu conselheiro e sua força.

Lá no fundo, Moisés temia tanto o Faraó quanto os egípcios que haviam projetado sua ira contra ele quarenta anos antes; isso fez com que ficasse com receio de voltar ao Egito. Depois que se dispôs a obedecer à ordem divina, o Senhor lhe revelou que seus inimigos já estavam todos mortos.

No caminho, quando vinha de Midiã, um anjo apareceu a Moisés de maneira assustadora, como se quisesse destruí-lo. Nenhuma explicação foi dada, mas Moisés se lembrou de que não tinha dado a devida importância a uma das ordens divinas. Tinha negligenciado o rito da circuncisão de seu filho mais novo. Essa negligência da parte do líder escolhido de Israel diminuiria a importância das leis e conselhos de Deus diante do povo. Zípora, temendo que o marido fosse morto, realizou ela mesma esse ritual, e o anjo permitiu que Moisés continuasse sua viagem. Sua vida poderia ser preservada unicamente por meio da proteção dos santos anjos. Enquanto ele vivesse na negligência de um dever conhecido, não estaria seguro, pois poderia não ser protegido pelos anjos de Deus.

No tempo de angústia, justamente antes da volta de Cristo, os fiéis serão mantidos e protegidos pela intervenção dos anjos, mas não haverá segurança para a pessoa que transgredir a lei de Deus. Os anjos não podem proteger aqueles que estão desrespeitando qualquer um dos mandamentos divinos.

---

* Este capítulo é baseado em Êxodo 1-4.

As Dez Pragas do Egito*

Instruído por anjos, Arão saiu ao encontro de seu irmão, na solidão do deserto, próximo a Horebe. Ali, Moisés contou a Arão "tudo o que o Senhor lhe tinha mandado dizer, e também falou-lhe de todos os sinais milagrosos que lhe havia ordenado realizar" (Êx 4:28). Juntos seguiram viagem para o Egito, a fim de se reunirem com os anciãos de Israel. "E eles creram. Quando o povo soube que o Senhor decidira vir em seu auxílio, tendo visto a sua opressão, curvou-se em adoração" (Êx 4:31).

Com uma mensagem para o rei, os dois irmãos entraram no palácio dos faraós como embaixadores do Rei dos reis: "Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: 'Deixe o Meu povo ir para celebrar-Me uma festa no deserto'" (Êx 5:1).

"Quem é o Senhor, para que eu Lhe obedeça e deixe Israel sair?", perguntou o monarca. "Não conheço o Senhor, e não deixarei Israel sair" (Êx 5:2).

Em resposta, Moisés e Arão disseram: "O Deus dos hebreus veio ao nosso encontro. Agora, permite-nos caminhar três dias no deserto, para oferecer sacrifícios ao Senhor, o nosso Deus; caso contrário, Ele nos atingirá com pragas ou com a espada" (Êx 5:3).

A ira do rei se acendeu. "Moisés e Arão, por que vocês estão fazendo o povo interromper suas tarefas?", disse ele. "Voltem ao trabalho!" (Êx 5:4). O reino acabou sofrendo grande perda pela interferência desses estrangeiros. Ao pensar nisso, ele acrescentou: "Essa gente já é tão numerosa, e vocês ainda os fazem parar de trabalhar!" (Êx 5:5).

Durante o cativeiro, os israelitas tinham perdido, até certo ponto, o conhecimento

da lei de Deus e, de maneira geral, tinham desrespeitado o sábado. As cobranças feitas por seus encarregados tornaram a observância do sábado aparentemente impossível. Então Moisés mostrou ao povo que a obediência a Deus era a condição para o seu livramento. Os esforços feitos para restaurar a observância do sábado passaram a ser notadas por seus opressores. (Ver Apêndice, Nota 1.)

O rei, profundamente perturbado, suspeitou que os israelitas estivessem armando um plano de revolta no trabalho. Faria com que não restasse nenhum tempo livre para eles planejarem uma rebelião. Imediatamente, adotou medidas para tornar o trabalho mais difícil e acabar com seu espírito de independência. O material de construção mais comum era o tijolo cozido ao sol, e esse era um trabalho que empregava grande número de escravos. Como a palha cortada era misturada com o barro, eram necessárias grandes quantidades dela. O rei ordenou então que a palha não fosse mais fornecida; os próprios trabalhadores tinham que ir procurá-la, e exigiu que fosse feita a mesma quantidade de tijolos.

Os encarregados indicaram oficiais dos próprios israelitas para fiscalizarem o trabalho. Quando a ordem do rei entrou em vigor, o povo se espalhou por toda a terra para juntar as sobras, por não encontrarem mais palha, mas viram que era impossível produzir a mesma quantidade de tijolos de antes. Por não terem conseguido, os oficiais hebreus foram cruelmente espancados.

Esses oficiais foram até a presença do rei para apresentar suas queixas. O Faraó respondeu ao pedido deles com ironia: "Preguiçosos é o que vocês são! Preguiçosos! Por isso andam dizendo: 'Iremos oferecer sacrifícios ao Senhor'" (Êx 5:17). Ele ordenou que voltassem ao trabalho e disse que de forma alguma suas tarefas seriam aliviadas. Ao voltarem, encontraram Moisés e Arão, e protestaram: "O Senhor os examine e os julgue! Vocês atraíram o ódio do Faraó e dos seus conselheiros sobre nós, e lhes puseram nas mãos uma espada para que nos matem" (Êx 5:21).

Moisés ficou angustiado. Os sofrimentos do povo tinham aumentado. Por todo o país jovens e idosos lamentavam em desespero. Todos se uniram para acusá-lo pela mudança desastrosa que acabou piorando todas as suas condições de vida. Com o coração cheio de amargura, Moisés saiu e apresentou o seu clamor diante de Deus: "Senhor, por que maltrataste este povo? Afinal, por que me enviaste? Desde que me dirigi ao Faraó para falar em Teu nome, ele tem maltratado este povo, e Tu de modo algum libertaste o Teu povo!" (Êx 5:22, 23).

A resposta que recebeu foi: "Agora você verá o que farei ao Faraó. Por Minha mão

poderosa, ele os deixará ir; por Minha mão poderosa, ele os expulsará do seu país" (Êx 6:1).

Os anciãos de Israel procuravam animar a fé dos irmãos, pois havia sido muito abalada. Eles repetiam as promessas feitas a seus pais e as palavras proféticas de José que já predizia a libertação de todo o povo da escravidão do Egito. Alguns ouviam e acreditavam. Outros rejeitavam e acabavam perdendo as esperanças. Os egípcios, ao serem informados do que estava sendo divulgado entre os escravos, começaram a zombar de suas expectativas e negavam com desdém o poder de Deus. Com desprezo e cheios de ironia, eles diziam: "Se o seu Deus é justo e misericordioso, e Seu poder é maior do que dos deuses dos egípcios, por que Ele não fez de vocês um povo livre?" Eles adoravam divindades que os israelitas chamavam de deuses falsos; no entanto, eram uma nação rica e poderosa. Diziam que seus deuses os haviam abençoado, ajudando-os a prosperar e dando a eles os israelitas como servos. O próprio Faraó se orgulhava de que o Deus dos hebreus não poderia livrá-los das suas mãos.

Palavras como essas destruíam as esperanças de muitos israelitas. Era verdade que eram escravos, seus filhos tinham sido mortos e a vida deles havia se tornado um fardo; mas continuavam adorando ao Deus do Céu. Certamente Ele não os deixaria assim nesse cativeiro de idólatras. Contudo, aqueles que eram fiéis a Deus compreendiam que era porque Israel tinha se afastado do Senhor, pelo desejo de muitos de se casarem com aqueles que pertenciam às nações pagãs, levando-os assim à idolatria, que o Senhor tinha permitido que se tornassem escravos. Cheios de confiança, asseguravam aos outros que Ele logo acabaria com a escravidão.

Os israelitas ainda não estavam preparados para o livramento. Não tinham fé suficiente em Deus. Muitos se contentavam em viver no cativeiro para não ter que enfrentar as dificuldades ao se mudarem para uma terra estranha; e os costumes de alguns tinham se tornado tão semelhantes aos dos egípcios que preferiam permanecer no Egito. Assim, o Senhor conduziu os acontecimentos para que o espírito tirano do rei do Egito fosse mais amplamente demonstrado e Ele também pudesse Se revelar ao Seu povo. A tarefa de Moisés teria sido muito menos estressante se muitos dos israelitas não tivessem se tornado tão corrompidos, a ponto de não desejarem deixar o Egito. A Bíblia afirma que "eles não lhe deram ouvidos, por causa da angústia e da cruel escravidão que sofriam" (Êx 6:9).

Novamente a mensagem divina veio a Moisés: "Vá dizer ao Faraó, rei do Egito, que deixe os israelitas saírem do país" (Êx 6:11). Desanimado, ele respondeu: "Se os israelitas não me dão ouvidos, como me ouvirá o Faraó?" (Êx 6:12). Ele foi instruído a

levar Arão consigo para falarem com Faraó e novamente dizerem que "tinham ordem para tirar do Egito os israelitas" (Êx. 9:13).

O Egito Ainda Poderia Ser Salvo

Moisés foi informado de que o Faraó não cederia antes que Deus enviasse os juízos sobre o Egito e tirasse Israel por meio de uma surpreendente manifestação do Seu poder. Antes que cada praga caísse, Moisés deveria descrever como seria e quais as consequências, para que o rei pudesse ter a escolha de se livrar dela. Cada castigo rejeitado seria seguido de outro mais severo, até que seu orgulhoso coração se humilhasse, e ele reconhecesse o Criador do céu e da Terra como o Deus vivo e verdadeiro. O Senhor castigaria o povo do Egito por sua idolatria e reduziria ao silêncio o seu orgulho para que outras nações pudessem ouvir a respeito de Seus poderosos atos e tremessem diante deles, e para que Seu povo se afastasse da adoração aos ídolos e Lhe prestasse um culto genuíno.

Mais uma vez, Moisés e Arão entraram na sala do trono do rei do Egito. Ali estavam os dois representantes da raça escravizada, rodeados por altas colunas, adornos reluzentes, belos quadros e esculturas dos deuses pagãos. O rei pediu que realizassem algo sobrenatural como prova de que sua missão era divina. Arão pegou a vara e a lançou diante do Faraó. Ela se tornou uma serpente. O monarca mandou chamar "os sábios e feiticeiros", e "cada um deles jogou ao chão uma vara, e estas se transformaram em serpentes. Mas a vara de Arão engoliu as varas deles" (Êx 7:11, 12). O rei, mais decidido do que nunca, afirmou que seus magos tinham tanto poder quanto Moisés e Arão. Ele acusou os servos do Senhor de serem impostores; porém, pelo poder divino, foi impedido de fazer mal a eles.

As Imitações de Satanás

Na verdade, não foram os feiticeiros que transformaram suas varas em serpentes; mas, por meio da mágica, ajudados pelo grande enganador, eles conseguiram produzir esse efeito. O príncipe do mal possui toda sabedoria e poder de um anjo caído, mas não tem o poder de criar ou dar vida; esse é um atributo conferido somente a Deus. Satanás produziu uma imitação.

Aos olhos humanos, as varas foram transformadas em serpentes. Faraó e sua corte acreditaram que isso tinha acontecido. Embora o Senhor tenha feito com que a serpente verdadeira engolisse as serpentes falsas, Faraó não considerou esse um ato realizado pelo poder de Deus, mas uma espécie de mágica superior à dos seus encantadores.

Faraó procurava alguma desculpa para não aceitar como sendo verdadeiros os prodígios que Deus realizou por meio de Moisés. Satanás deu a ele exatamente o que ele desejava. Fez Moisés e Arão parecerem apenas magos e encantadores e que a mensagem que traziam não merecia ser considerada como vinda de um Ser superior. Assim, a imitação de Satanás fez com que Faraó endurecesse o coração e não ficasse convencido. Satanás esperava também abalar a fé de Moisés e de Arão.

O príncipe do mal sabia muito bem que Moisés prefigurava Cristo, que viria para destruir o reinado do pecado na família humana. Ele sabia que quando Cristo aparecesse, grandes milagres seriam realizados como prova de que Ele tinha sido enviado por Deus.

Ao imitar a obra de Deus, realizada por meio de Moisés, Satanás esperava não somente impedir o livramento de Israel, mas, no futuro, destruir a fé nos milagres de Cristo, fazendo com que parecessem apenas o resultado do poder humano.

As Pragas

Moisés e Arão foram instruídos a ir até a margem do rio na manhã seguinte. Como as cheias do Nilo eram consideradas uma fonte de alimento e riqueza para todo o Egito, o rio era adorado como um deus, e o rei costumava ir diariamente às margens do rio para fazer suas devoções pessoais. Os dois irmãos repetiram novamente a mensagem para ele, e então estenderam a vara e bateram com ela na água. Aquele córrego, que para eles era sagrado, foi transformado em sangue. Os peixes morreram e o rio cheirava mal. Da mesma forma, a água nas casas e nos poços foi transformada em sangue, mas "os magos do Egito fizeram a mesma coisa por meio de suas ciências ocultas. O coração de Faraó se endureceu, [...] deu-lhes as costas e voltou para o seu palácio. Nem assim o Faraó levou isso a sério" (Êx 7:22, 23). Durante sete dias a praga continuou, mas isso não mudou o pensamento do Faraó.

Novamente Arão estendeu a vara, e rãs começaram a sair do rio. Elas se espalharam pelas casas, entraram nos quartos onde dormiam e até dentro dos fornos e amassadeiras. Os egípcios consideravam a rã um animal sagrado e não as destruíram; mas essa praga repugnante e cheia de lodo enchia até o palácio do Faraó, e o rei estava desesperado para tirá-las de lá. Parecia que os magos tinham produzido rãs, mas não conseguiam removê-las.

Quando Faraó viu que não conseguiam, ficou um tanto humilhado. Mandou chamar Moisés e Arão e disse: "Orem ao Senhor para que Ele tire estas rãs de mim e do meu povo; então deixarei o povo ir e oferecer sacrifícios ao Senhor" (Êx 8:8). Eles

pediram ao rei que dissesse quando deveriam orar para que a praga fosse removida. O rei marcou para o dia seguinte, esperando que as rãs desaparecessem por si mesmas; assim sofreu uma grande humilhação por ter que se submeter ao Deus de Israel. A praga continuou até o tempo especificado, e então elas morreram em todo o Egito, mas logo começaram a apodrecer e a poluir o ar.

O Senhor poderia ter feito com que elas retornassem ao pó em um instante, mas não fez isso para que o rei e seu povo não dissessem que era algum tipo de encantamento feito por seus magos. Depois de mortas, eles fizeram grandes montes delas, uma prova de que esse trabalho não havia sido realizado por obra de magia, e que se tratava, na verdade, de um juízo vindo do Deus do Céu.

"Mas quando o Faraó percebeu que houve alívio, obstinou-se em seu coração" (Êx 8:15). Por ordem de Deus, Arão estendeu a mão com a vara, e o pó da terra se tornou em piolhos por toda a terra do Egito. Faraó chamou os magos para fazerem o mesmo, mas eles não conseguiram. Os próprios magos reconheceram: "Isso é o dedo de Deus" (Êx 8:19). Apesar das evidências, o rei ainda permanecia inflexível.

Outro juízo se seguiu. Moscas encheram as casas, e "e em todo o Egito a terra foi arruinada pelas moscas" (Êx 8:24). Essas moscas eram grandes e venenosas, e sua picada era extremamente dolorosa. Como foi predito, essa praga não chegou à terra de Gósen.

Faraó Endurece o Coração

Faraó finalmente deu aos israelitas a permissão para sacrificarem no Egito, mas eles se recusaram. "Isso não seria sensato", respondeu Moisés. [...] "Se oferecermos sacrifícios que lhes pareçam sacrilégio, isso não os levará a nos apedrejar?" (Êx 8:26). Os animais que os hebreus deveriam sacrificar estavam entre aqueles que os egípcios consideravam sagrados. Matar um deles, mesmo que fosse por acidente, era um crime punido com a morte.

Moisés novamente fez a proposta de irem a caminho de três dias ao deserto. O rei concordou e pediu que os servos de Deus intercedessem diante dEle para que a praga fosse removida. Eles prometeram fazer isso, mas o advertiram para que não lidasse com eles tentando enganá-los. A praga cessou, mas o coração rebelde do rei se endureceu, e ele ainda se recusou a ceder.

Um ataque mais terrível se seguiu – uma peste que atingiu todo o gado do Egito. Tanto os animais sagrados como os de carga – vacas, bois e ovelhas, cavalos, camelos e

jumentos – foram destruídos. Foi claramente anunciado que os hebreus estavam livres dessa praga. Faraó, depois que enviou mensageiros à casa dos israelitas, constatou que era realmente verdade: "nenhum animal dos israelitas havia morrido" (Êx 9:7). Ainda assim o rei se recusou a ceder.

A seguir, o Senhor disse a Moisés que tirasse um punhado de cinza de um forno, dando-lhe a seguinte ordem: "Moisés a espalhará no ar, diante do Faraó" (Êx 9:8). As minúsculas partículas se espalharam por toda a terra do Egito, e onde quer que caíssem, produziam bolhas que se arrebentavam em feridas purulentas que "começaram a estourar nos homens e nos animais" (Êx 9:10). Até ali, os sacerdotes e os magos tinham incentivado Faraó em sua obstinação; porém, dessa vez, a praga também os alcançou. Atingidos por uma doença repugnante e dolorosa, eles não conseguiram mais lutar contra o Deus de Israel. Os magos não foram capazes nem de proteger a si mesmos.

O coração do Faraó se endureceu mais ainda. Então o Senhor lhe enviou uma mensagem: "Mandarei desta vez todas as Minhas pragas contra você, contra os seus conselheiros e contra o seu povo, para que você saiba que em toda a Terra não há ninguém como Eu. [...] Mas Eu o mantive em pé exatamente com este propósito: mostrar-lhe o Meu poder" (Êx 9:14, 16). Por Sua providência, Deus dirigiu os acontecimentos para que aquele rei fosse colocado no trono exatamente no tempo indicado para a libertação de Israel.

Embora a misericórdia de Deus tivesse se retirado da vida desse orgulhoso Faraó, sua vida havia sido preservada para que, por meio de sua teimosia, o Senhor pudesse revelar Suas maravilhas no Egito. Foi permitido que o povo sofresse a cruel opressão dos egípcios para que não se enganassem a respeito da degradante influência da idolatria. Por Sua maneira de lidar com o Faraó, o Senhor manifestou Sua ira contra a adoração a outros deuses e Sua determinação para punir a crueldade e a opressão.

Com relação a Faraó, o Senhor declarou: "Mas Eu vou endurecer o coração dele, para não deixar o povo ir" (Êx 4:21). Nenhum poder sobrenatural endureceu o coração do rei; foram as sementes da rebelião por ele semeadas quando rejeitou o primeiro milagre que produziram os seus resultados. Como ele teve a ousadia de continuar cada vez mais firme em sua teimosia, seu coração foi ficando mais e mais endurecido, até o dia em que ele foi chamado para ver o corpo frio e sem vida dos primogênitos.

Como se Desenvolve a Teimosia

Deus nos fala por meio de Seus servos para nos advertir contra o pecado. Se uma pessoa se nega a corrigir os próprios erros, o poder divino não impede os resultados de

seus atos. Tais pessoas estão endurecendo o coração contra a influência do Espírito Santo.

Aquele que cede à tentação uma vez, cederá mais facilmente a segunda vez. Sempre que volta a cometer o mesmo pecado, seu poder de resistência diminui, os olhos ficam cegados e a convicção vai se extinguindo. Deus não opera milagres para impedir as consequências. "Pois o que o homem semear, isso também colherá" (Gl 6:7). Dessa maneira, multidões ouvem com a mais fria indiferença as verdades que anteriormente faziam vibrar seu coração. Semearam a negligência e a resistência à verdade, e é isso o que colhem.

Algumas pessoas acalmam a consciência culpada dizendo para si mesmas: "Posso mudar meu modo errado de agir quando eu quiser." Pensam que, depois de deixarem as influências do grande rebelde, elas conseguirão mudar de líder quando estiverem cercadas pelo perigo. Acontece que isso não se faz tão facilmente. Uma vida de satisfação pecaminosa deformou de tal maneira seu caráter que não têm mais condições de receber a imagem de Jesus. Se nenhuma luz tivesse brilhado em seu caminho, a misericórdia teria agido em seu favor; mas, após a luz ter sido rejeitada por tanto tempo, ela será retirada.

A seguir, Faraó foi ameaçado com uma praga de granizo. "Agora, mande recolher os seus rebanhos [...]. Todos os homens e animais que estiverem nos campos, que não tiverem sido abrigados, serão atingidos pelo granizo e morrerão" (Êx 9:19). Ninguém jamais tinha visto uma tempestade como aquela que estava sendo anunciada. A notícia se espalhou rapidamente, e todos os que creram na palavra do Senhor recolheram seu gado, enquanto os outros que desprezaram o aviso deixaram seus animais no campo. Assim, mesmo em meio ao juízo, a misericórdia de Deus foi manifestada e se pôde ver quantos foram levados a crer em Deus.

A tempestade veio – trovões e granizo misturado com fogo. "Nunca houve uma tempestade de granizo como aquela em todo o Egito, desde que este se tornou uma nação. Em todo o Egito o granizo atingiu tudo o que havia nos campos, tanto homens como animais; destruiu toda a vegetação, além de quebrar todas as árvores" (Êx 9:24, 25). Ruína e desolação marcaram o caminho do anjo destruidor. Somente a terra de Gósen foi poupada.

Faraó Finalmente Cede

Todo o Egito se estremecia diante dos juízos divinos. Faraó mandou chamar rapidamente os dois irmãos e disse: "Desta vez eu pequei. O Senhor é justo; eu e o meu

povo é que somos culpados. Orem ao Senhor! Os trovões de Deus e o granizo já são demais. Eu os deixarei ir; não precisam mais ficar aqui" (Êx 9:27, 28).

Moisés sabia que a luta ainda não tinha terminado. As confissões e as promessas de Faraó não eram resultado de uma mudança radical em seus pensamentos; foram ditas por causa do terror e angústia pelo quais ele passava. Mesmo assim, Moisés prometeu atender ao seu pedido, pois não desejava dar ao Faraó mais nenhuma oportunidade para demonstrar sua teimosia. O profeta saiu ignorando a fúria da tempestade. Faraó e todos os seus conselheiros foram testemunhas do poder de Jeová em preservar a vida de Seu mensageiro. Assim que Moisés saiu da cidade, e ergueu as mãos ao Senhor, os trovões e o granizo cessaram e a chuva parou (Êx 9:29). Assim que o rei se refez de seus temores, seu coração voltou a se rebelar.

Então o Senhor Se propôs a dar uma prova indiscutível da diferença que Ele estabeleceu entre Israel e os egípcios. Todas as nações deveriam saber que os hebreus estavam sob a proteção do Deus do Céu. Moisés avisou o monarca de que seria enviada uma praga de gafanhotos que cobriria toda a terra e comeria toda erva verde que havia restado. Eles encheriam as casas e até o próprio palácio. Disse que essa seria uma calamidade que nem "seus pais nem seus antepassados jamais viram, desde o dia em que se fixaram nesta terra até o dia de hoje" (Êx 10:6).

Os conselheiros de Faraó estavam aterrorizados. O país tinha sofrido grandes perdas com a morte do gado. Muitas pessoas haviam morrido com a chuva de granizo. As florestas tinham sido derrubadas e a colheita estava destruída. Os egípcios estavam perdendo rapidamente tudo o que tinham ganhado com o trabalho dos hebreus. Toda a terra estava ameaçada pela fome. Os príncipes e oficiais se reuniram em volta do rei e insistiram: "Até quando este homem será uma ameaça para nós? Deixa os homens irem prestar culto ao Senhor, o Deus deles. Não percebes que o Egito está arruinado?" (Êx 10:7).

Faraó mandou chamar Moisés e Arão novamente e disse a eles: "Vão e prestem culto ao Senhor, o seu Deus. Mas, digam-me, quem irá?" (Êx 10:8).

Faraó Endurece o Coração Novamente

A resposta foi: "Temos que levar todos: os jovens e os velhos, os nossos filhos e as nossas filhas, as nossas ovelhas e os nossos bois, porque vamos celebrar uma festa ao Senhor" (Êx 10:9).

O rei se enfureceu e gritou: "De forma alguma! Só os homens podem ir prestar

culto ao Senhor, como vocês têm pedido. E Moisés e Arão foram expulsos da presença do Faraó" (Êx 10:11). O Faraó simulava ter profundo interesse no bem-estar do povo e grande cuidado por seus filhos, mas seu verdadeiro interesse era manter as mulheres e crianças para, assim, garantir o retorno dos homens.

Então Moisés estendeu sua vara sobre a terra, e soprou um vento oriental que trouxe os gafanhotos. "Nunca antes houve tantos gafanhotos, nem jamais haverá" (Êx 10:14). Eles encheram o ar até que o céu se escureceu, e devoraram toda a vegetação que restava.

Faraó mandou chamar imediatamente o profeta e disse: "Pequei contra o Senhor, o seu Deus, e contra vocês! [...] Orem ao Senhor, o seu Deus, para que leve esta praga mortal para longe de mim" (Êx 10:16, 17). Assim eles fizeram, e um forte vento ocidental levou os gafanhotos na direção do Mar Vermelho. Apesar de tudo, o teimoso rei ainda se manteve firme em seu propósito.

O povo do Egito estava entrando em desespero, e estavam cheios de temor quanto ao futuro. Toda a nação adorava Faraó como um representante do seu deus; mas muitos estavam convencidos de que ele estava lutando contra Aquele que tornava as forças da natureza em agentes da Sua vontade. Os escravos hebreus estavam ficando cada vez mais confiantes no livramento. Em todo o Egito, havia um temor oculto de que a raça escravizada se levantasse para se vingar de todo mal que tinham recebido. Em todos os lugares o povo se perguntava: "O que acontecerá depois disso?"

De repente, desceu sobre a terra do Egito uma densa escuridão. As trevas eram tantas que poderiam "ser apalpadas" (Êx 10:21). Estava difícil até para respirar. "Ninguém pôde ver ninguém, nem sair do lugar durante três dias. Todavia, todos os israelitas tinham luz nos locais em que habitavam" (Êx 10:23). O Sol e a Lua eram adorados pelos egípcios, mas essas trevas misteriosas atingiram o povo e seus deuses igualmente. (Ver Apêndice, Nota 2.) Por mais terrível que fosse, esse juízo era uma prova da compaixão de Deus e de Seu desejo de não causar destruição. Ele daria tempo ao povo para refletir e se arrepender antes de trazer sobre eles a última e mais terrível das pragas.

No fim do terceiro dia de trevas, Faraó chamou Moisés e concordou em permitir que o povo partisse, contanto que ficassem os rebanhos e o gado. "Nem um casco de animal será deixado", respondeu Moisés firmemente (Êx 10:26). A ira do rei explodiu descontroladamente. "Saia da minha presença!", gritou ele. "Trate de não aparecer nunca mais diante de mim! No dia em que vir a minha face, você morrerá" (Êx 10:28).

Moisés respondeu: “Será como disseste; nunca mais verei a tua face” (Êx 10:29).

“E o próprio Moisés era tido em alta estima no Egito pelos conselheiros do Faraó e pelo povo” (Êx 11:3). O rei não ousava fazer mal a ele, porque o povo o considerava como o único que tinha poder para remover as pragas. Eles desejavam que os israelitas tivessem a permissão para deixar o Egito. O rei e os sacerdotes é que negaram os pedidos de Moisés até o fim.

---

* Este capítulo é baseado em Êxodo 5-10.

A Primeira Páscoa*

Quando Moisés fez o pedido de libertação de Israel ao rei do Egito pela primeira vez, ele advertiu o Faraó de que poderiam cair as mais terríveis pragas. "Israel é o Meu primeiro filho, e Eu já lhe disse que deixe o Meu filho ir para prestar-Me culto. Mas você não quis deixá-lo ir; por isso matarei o seu primeiro filho" (Êx 4:22, 23).

Deus tem um terno cuidado pelos seres formados à Sua imagem. Se a perda de suas colheitas, de seus rebanhos e do gado tivesse levado o Egito ao arrependimento, os filhos não teriam sido atingidos. Como a nação resistiu até as últimas consequências a ordem divina, o golpe final estava pronto para ser dado.

Moisés tinha sido proibido de aparecer novamente na presença do Faraó, sob pena de morte; entretanto, uma vez mais veio diante dele com a terrível mensagem: "Assim diz o Senhor: 'Por volta da meia-noite, passarei por todo o Egito. Todos os primogênitos do Egito morrerão, desde o filho mais velho do Faraó, herdeiro do trono, até o filho mais velho da escrava que trabalha no moinho, e também todas as primeiras crias do gado. Haverá grande pranto em todo o Egito, como nunca houve antes nem jamais haverá. Entre os israelitas, porém, nem sequer um cão latirá contra homem ou animal.' Então vocês saberão que o Senhor faz distinção entre o Egito e Israel" (Êx 11:4-8).

Antes de executar essa sentença, o Senhor deu instruções aos filhos de Israel, por meio de Moisés, a respeito de sua partida do Egito e sobre como poderiam se prevenir contra o juízo que estava para cair. Cada família, sozinha ou reunida com outras, deveria matar um cordeiro ou um cabrito "sem defeito", e com um feixe de hissopo espalhar o sangue "nas laterais e nas vigas superiores das portas das casas" (Ex 12:7) para que o anjo destruidor, ao vir à meia-noite, não entrasse ali. Deveriam comer a

carne assada, com pão sem fermento e ervas amargas, naquela noite, conforme Moisés os orientou: “Cinto no lugar, sandálias nos pés e cajado na mão. Comam apressadamente. Esta é a Páscoa do Senhor” (Êx 12:11).

O Senhor declarou ainda: “Naquela mesma noite passarei pelo Egito e matarei todos os primogênitos, tanto dos homens como dos animais, e executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor! O sangue será um sinal para indicar as casas em que vocês estiverem; quando Eu vir o sangue, passarei adiante. A praga de destruição não os atingirá quando Eu ferir o Egito” (Êx 12:12, 13).

Para celebrar esse grande livramento, Israel deveria realizar a festa da Páscoa todos os anos, por todas as gerações futuras – “É o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou sobre as casas dos israelitas no Egito e poupou nossas casas” (Êx 12:27).

A Páscoa Aponta para Cristo

A Páscoa deveria ser um ato tanto comemorativo como simbólico, que apontava não somente para a libertação da escravidão do Egito, mas para o maior livramento que Cristo iria realizar no futuro, libertando Seu povo do cativeiro do pecado. O cordeiro do sacrifício representa “o Cordeiro de Deus”, em quem está a nossa única esperança de salvação. O apóstolo Paulo assim escreveu: “Pois Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi sacrificado” (1Co 5:7). Não bastava que o cordeiro da Páscoa fosse morto; seu sangue deveria ser aspergido nos portais. Da mesma forma, os méritos do sangue de Cristo devem ser aspergidos em nossa vida. Devemos crer que Ele não somente morreu pelo mundo, mas que morreu por nós, individualmente.

O hissopo simbolizava purificação. “Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me e mais branco do que a neve serei” (Sl 51:7).

O cordeiro deveria ser preparado inteiro; nenhum osso poderia ser quebrado; assim como nenhum osso do Cordeiro de Deus, que morreu por nós, seria quebrado (ver Jo 19:36).

A carne deveria ser comida. Não basta crermos em Cristo para o perdão dos pecados; pela fé, devemos receber constantemente a nutrição espiritual que dEle provém, por meio de Sua Palavra. Cristo disse: “Se vocês não comerem a carne do Filho do homem e não beberem o Seu sangue, não terão vida em si mesmos. Todo aquele que come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna. [...] As palavras que Eu lhes disse são espírito e vida” (Jo 6:53, 54, 63). Os seguidores de Cristo devem receber a Palavra de Deus em si mesmos para que ela se torne a força que lhes move a vida e as

ações. Pelo poder de Cristo devem ser transformados à Sua semelhança e refletir os atributos divinos.

O cordeiro tinha que ser comido com ervas amargas, representando a amargura da escravidão no Egito. Da mesma forma, quando nos alimentamos de Cristo, devemos fazê-lo com arrependimento no coração por nossos pecados. O pão não levedado – pão sem fermento – também tinha um significado. Todos os que receberem vida e nutrição em Cristo devem se afastar do fermento do pecado. Paulo assim escreveu à igreja de Corinto: "Livrem-se do fermento velho, para que sejam massa nova [...]. Por isso, celebremos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da perversidade, mas com os pães sem fermento, os pães da sinceridade e da verdade" (1Co 5:7, 8).

Antes de conseguirem a liberdade, os escravos precisavam demonstrar sua fé no grande livramento. Deveriam colocar o sangue em suas casas e separar-se dos egípcios, cada um com a própria família, e ficar reunidos dentro de suas casas. Todos os que deixassem de seguir as instruções do Senhor perderiam o seu primogênito pela mão do destruidor.

Como a Fé Deve Ser Demonstrada

O povo precisava dar prova de sua fé por meio da obediência. Assim, todos aqueles que esperam ser salvos pelo sangue de Cristo também devem compreender que têm algo a fazer para alcançar a salvação. Necessitamos nos desviar do pecado para a obediência. Somos salvos pela fé, e não pelas obras; porém, nossa fé deve ser demonstrada por meio das obras. Devemos apreciar e utilizar toda ajuda que Deus proveu para nós; precisamos crer e obedecer a todas as reivindicações divinas.

Quando Moisés transmitiu a Israel as providências tomadas por Deus para a sua libertação, "o povo curvou-se em adoração" (Êx 12:27). Muitos dos egípcios foram levados a reconhecer o Deus dos hebreus como o único Deus verdadeiro, e estes pediram para se abrigar nos lares de Israel quando o anjo destruidor passasse por sua terra. Eles foram alegremente recebidos e se comprometeram a servir a Deus e a sair do Egito com Seu povo.

Os israelitas obedeceram às instruções dadas por Deus. Suas famílias foram reunidas, o cordeiro pascal foi morto, a carne foi assada ao fogo, e foram também preparados os pães e as ervas amargas. O pai e sacerdote da casa aspergiu o sangue nos portais. Depressa e em silêncio, o povo comeu o cordeiro pascal. Pais e mães tomavam nos braços seus amados primogênitos, ao pensarem no golpe terrível que estava para

se desencadear naquela noite. A marca do sangue – o sinal da proteção do Salvador – estava em suas portas, e o destruidor não entrou.

À meia-noite, "houve grande pranto no Egito, pois não havia casa que não tivesse um morto". Todo primogênito daquela terra, "desde o filho mais velho de Faraó, herdeiro do trono, até o filho mais velho do prisioneiro que estava no calabouço, e também todas as primeiras crias do gado" tinham sido atingidos (Êx. 12:29-33). O orgulho de cada casa tinha sido derrubado. Gritos e choro enchiam o ar. O rei e seus oficiais estavam apavorados diante de tanto horror. Com a arrogância lançada em terra, Faraó "mandou chamar Moisés e Arão e lhes disse: 'Saiam imediatamente do meio do meu povo, vocês e os israelitas! Vão prestar culto ao Senhor, como vocês pediram [...], e abençoem a mim também'" (Êx 12:31, 32).

---

* Este capítulo é baseado em Êxodo 11; 12:1-32.

Os Israelitas Deixam o Egito*

Antes do amanhecer, o povo de Israel estava a caminho. Durante as pragas, aos poucos, os israelitas tinham se reunido em Gósen. Algumas providências tinham sido tomadas para a necessária organização e controle das multidões que estavam a caminho. Elas já estavam divididas em grupos sob a responsabilidade dos líderes indicados.

Assim partiram, "cerca de seiscentos mil homens a pé, além de mulheres e crianças. Grande multidão de estrangeiros de todo tipo seguiu com eles" (Êx 12:37, 38) – não somente aqueles que estavam motivados pela fé no Deus de Israel, mas também um número muito maior que desejava apenas escapar das pragas. Esse grupo foi um problema constante e um embaraço para Israel.

O povo levou consigo "grandes rebanhos, tanto de bois como de ovelhas e cabras" (Êx 12:38). Antes de deixar o Egito, o povo exigiu uma recompensa pelo trabalho que não foi pago, e os escravos saíram com muitas riquezas que receberam de seus opressores.

"No dia em que se completaram os quatrocentos e trinta anos, todos os exércitos do Senhor saíram do Egito" (Êx 12:41). Os israelitas levaram com eles os ossos de José que, durante os anos sombrios do cativeiro, mantinham viva diante deles a promessa da libertação de Israel.

Em vez de seguirem o caminho direto para Canaã, atravessando o país dos filisteus, o Senhor os conduziu para o sul, rumo às praias do Mar Vermelho. "Pois disse: 'Se eles se defrontarem com a guerra, talvez se arrependam e voltem para o Egito'" (Êx 13:17). Os filisteus os considerariam escravos fugitivos de seus senhores e não pensariam duas

vezes antes de guerrear contra eles. Os israelitas tinham pouco conhecimento de Deus e sua fé nEle ainda era bem pequena; teriam ficado aterrorizados e desanimados. Não tinham armas, não tinham o costume de guerrear e estavam deprimidos devido ao longo período de cativeiro, além da responsabilidade que tinham com as mulheres e os filhos, as ovelhas e o gado. Ao guiá-los pelo caminho do Mar Vermelho, o Senhor demonstrou ser verdadeiramente um Deus de cuidado e amor.

A Coluna de Nuvem

"Os israelitas partiram de Sucote e acamparam em Etã, junto ao deserto. Durante o dia o Senhor ia adiante deles numa coluna de nuvem, para guiá-los no caminho, e de noite, numa coluna de fogo, para iluminá-los, e assim poderiam caminhar de dia e de noite. A coluna de nuvem não se afastava do povo de dia, nem a coluna de fogo, de noite" (Êx 13:20-22). Diz o salmista: "Ele estendeu uma nuvem para lhes dar sombra, e fogo para iluminar a noite" (Sl 105:39; ver também 1Co 10:1, 2). Ela servia de proteção contra o calor abrasador, e sua sombra e umidade proporcionavam um ar refrescante e agradável em meio à aridez e o ar seco do deserto. À noite, tornava-se uma coluna de fogo que iluminava o acampamento e lhes dava a certeza da contínua presença divina.

Viajaram pelo caminho longo e entediante daquela terra deserta. Já estavam ficando cansados de andar por aqueles lugares cheios de montes e vales, e alguns começaram a ficar com medo de serem perseguidos pelos egípcios. A nuvem ia adiante, e eles a seguiam. Então o Senhor orientou Moisés para que eles se desviassem pela encosta de um penhasco rochoso e acampassem junto ao mar. Deus lhe revelou que Faraó viria persegui-los, mas que Deus seria honrado em seu livramento.

Os conselheiros de Faraó disseram ao rei que seus escravos tinham fugido para nunca mais voltar. Os grandes homens do reino, refazendo-se de seus temores, alegaram que as pragas tinham sido o resultado de causas naturais. "O que foi que fizemos? Deixamos os israelitas saírem e perdemos os nossos escravos!", clamavam amargurados (Êx 14:5).

Faraó reuniu suas forças, "mandou aprontar a sua carruagem e levou consigo o seu exército. Levou todos os carros de guerra do Egito, inclusive seiscentos dos melhores desses carros, cada um com um oficial no comando" (Êx 14:6, 7), cavaleiros, capitães e todos os soldados. O próprio rei, acompanhado por grandes homens de seu reino, liderou o exército atacante. Os egípcios temiam que sua submissão forçada ao Deus de Israel tivesse provocado o ridículo diante de outras nações. Se conseguissem sair com grande demonstração de poder e trouxessem de volta os fugitivos, salvariam sua

reputação e recuperariam os serviços e seus escravos.

Os hebreus estavam acampados ao lado do mar, que parecia uma barreira intransponível diante deles, enquanto um monte difícil de subir bloqueava a passagem pelo sul, impedindo que avançassem. De repente, viram ao longe o brilho das armaduras e as carruagens se movendo. O terror tomou conta do coração do povo de Israel. A maioria deles correu para Moisés com suas queixas: "Foi por falta de túmulos no Egito que você nos trouxe para morrermos no deserto? [...] Antes ser escravos dos egípcios do que morrer no deserto" (Êx 14:11, 12).

Na verdade, não havia possibilidade alguma de livramento, a menos que o próprio Deus interviesse; como tinham sido levados àquela situação em obediência à ordem divina, Moisés não temia as consequências. Sua calma conduziu a resposta segura ao povo: "Não tenham medo. Fiquem firmes e vejam o livramento que o Senhor lhes trará hoje, porque vocês nunca mais verão os egípcios que hoje veem. O Senhor lutará por vocês; tão somente acalmem-se" (Êx 14:13, 14).

Pela falta de disciplina e domínio próprio, o povo se tornou violento e irracional. Seus gritos e lamentos eram altos e profundos. Tinham seguido a maravilhosa coluna de nuvem como um sinal de Deus para que avançassem, mas ela não os teria conduzido pelo lado contrário da montanha, por um caminho que não tinha passagem? Como estavam com a mente iludida, o Anjo de Deus parecia ser um sinal de desgraça.

Enquanto o exército egípcio se aproximava, a coluna de nuvem se ergueu majestosamente para o céu, passou sobre os israelitas e desceu para ficar entre eles e o exército do rei. Os egípcios não puderam mais ver o acampamento dos hebreus e foram forçados a parar. Ao se aproximarem as trevas da noite, a coluna de nuvem se tornou em uma grande luz para os hebreus, clareando todo o acampamento.

A esperança retornou ao coração de Israel. O Senhor então falou a Moisés: "Diga aos israelitas que sigam avante. Erga a sua vara e estenda a mão sobre o mar, e as águas se dividirão para que os israelitas atravessem o mar em terra seca" (Êx 14:15, 16).

Assim que Moisés estendeu a vara, as águas se dividiram e Israel entrou pelo meio do mar em terra seca, enquanto as águas se erguiam como um muro de cada lado. A luz vinda da coluna de fogo enviada por Deus iluminava o caminho, mostrando a passagem enorme aberta através das águas.

O Fim do Exército de Faraó

"Os egípcios os perseguiram, e todos os cavalos, carros de guerra e cavaleiros do

Faraó foram atrás deles até o meio do mar. No fim da madrugada, do alto da coluna de fogo e de nuvem, o Senhor viu o exército dos egípcios e o pôs em confusão" (Êx 14:23, 24).

Trovões ecoavam e os relâmpagos riscavam o céu. Os egípcios ficaram confusos e cheios de espanto. Tentaram voltar pelo mesmo caminho até a praia, mas Moisés estendeu sua vara, e os altos muros de água se uniram violentamente, tragando o exército egípcio em suas escuras profundezas.

Ao amanhecer, Israel pôde ver o que restava de seus poderosos inimigos – corpos vestidos com armadura arremessados à praia. Do mais terrível perigo, Jeová trouxe completo livramento, e o coração deles se voltou para o Senhor em gratidão e fé. O Espírito de Deus repousou sobre Moisés e ele dirigiu o povo em um cântico triunfante de gratidão, o primeiro e um dos mais sublimes que a humanidade já conheceu.

As mulheres de Israel deram início ao cântico. Miriã, a irmã de Moisés, ia à frente, guiando-as com tamborim e danças. Por todo o deserto e pelo mar soavam as alegres palavras do coro, e as montanhas ecoavam e ressoavam as palavras de seu cântico de louvor: "Cantem ao Senhor, pois triunfou gloriosamente" (Êx 15:21).

Esse cântico não pertence ao povo judeu somente. Ele aponta para o futuro, para a destruição de todos os inimigos da justiça e para a vitória final do Israel de Deus. O profeta de Patmos viu a multidão vestida de branco, "os que tinham vencido", em pé sobre "algo semelhante a um mar de vidro misturado com fogo", segurando "harpas que lhes haviam sido dadas por Deus, e cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro" (Ap 15:2, 3).

Ao nos libertar da escravidão do pecado, Deus realizou um livramento muito maior que o dos israelitas no Mar Vermelho. Assim como eles, devemos louvar ao Senhor com o coração e com a nossa voz, pois "grandes e maravilhosas são as Tuas obras" (Ap 15:3) para com os filhos dos homens! Que compaixão, que amor incomparável o Senhor nos mostrou ao nos unir a Ele para que nos tornássemos um especial tesouro para o próprio Deus! Que sacrifício fez nosso Redentor para que pudéssemos ser chamados filhos de Deus!

Os Remidos Cantarão

"Quem Me oferece sua gratidão", diz o Criador, "honra-Me" (Sl 50:23). Todos os habitantes do Céu se unem em louvor a Deus. Vamos todos aprender o cântico dos anjos agora para que possamos cantá-lo quando nos unirmos ao Seu grandioso coral.

Deus levou os hebreus para a fortaleza das montanhas junto ao mar para que pudesse manifestar Seu poder e derrubar completamente, de maneira inconfundível, o orgulho de seus opressores. Ele escolheu esse meio para provar a fé do povo de Israel e fortalecer sua confiança nEle. Se o povo tivesse ficado para trás quando Moisés ordenou que avançassem, Deus jamais teria aberto o caminho no mar para eles. Foi "pela fé" que "o povo atravessou o Mar Vermelho como em terra seca" (Hb 11:29). Ao descerem marchando para dentro das águas, mostraram que acreditavam na ordem de Deus proferida por Moisés. Então o Poderoso de Israel dividiu o mar para preparar um caminho para os seus pés.

Muitas vezes, a vida fica cercada de perigos, e parece difícil cumprir nossos deveres. A imaginação nos leva à beira da ruína. Nessas horas, nós podemos ouvir claramente a voz de Deus nos dizendo: "Avancem!" Devemos obedecer à Sua ordem, mesmo que nossos olhos não consigam enxergar através da escuridão e que sintamos as ondas geladas batendo em nossos pés. Aqueles que decidem só obedecer quando todas as sombras de incerteza desaparecerem e não houver mais perigo algum de fracasso ou derrota, nunca, absolutamente, vão obedecer; mas a fé insiste corajosamente em avançar. O caminho pelo qual Deus nos guia pode se estender através do deserto ou passar pelo meio do mar, mas é um caminho seguro.

---

* Este capítulo é baseado em Êxodo 12:34-51; 13-15.

Israel Enfrenta Dificuldades*

Do Mar Vermelho, o povo de Israel iniciou sua jornada mais uma vez, guiado pela coluna de nuvem. Todos estavam cheios de alegria pelo novo sentimento de liberdade que desfrutavam e porque todo o descontentamento que havia entre eles agora havia sido acalmado.

No entanto, por três dias durante a viagem, não conseguiam encontrar água. As reservas que trouxeram com eles tinham se acabado. Não havia nada para aliviar sua terrível sede, enquanto se arrastavam extremamente cansados sobre as planícies que ardiam com o calor do sol. Moisés, que estava familiarizado com aquela região, sabia o que outros ignoravam: em Mara, o local mais próximo onde ficavam fontes, as águas eram impróprias para o uso. Com tristeza no coração, ele ouviu os gritos de alegria: "Água! Água!", ecoando pelo acampamento. Homens, mulheres e crianças se apressaram alegremente para chegar ao oásis. De repente, ouviu-se um grito de angústia da multidão – a água era amarga!

Em seu desespero, o povo culpou Moisés, sem se lembrar de que a presença de Deus naquela nuvem misteriosa o havia guiado, assim como a eles também. Moisés fez o que eles se esqueceram de fazer; clamou fervorosamente pela ajuda de Deus. O Senhor "lhe indicou um arbusto. Ele o lançou na água, e esta se tornou boa" (Êx 15:25). Ali Deus fez uma promessa a Israel: "Se vocês derem atenção ao Senhor, o seu Deus, e fizerem o que Ele aprova, se derem ouvidos aos Seus mandamentos e obedecerem a todos os Seus decretos, não trarei sobre vocês nenhuma das doenças que Eu trouxe sobre os egípcios, pois Eu sou o Senhor que os cura" (Êx 15:26).

De Mara, o povo foi para Elim, onde encontrou "doze fontes de água e setenta palmeiras" (Êx 15:27). Ali acamparam por vários dias. Quando fez um mês que tinham

saído do Egito, as provisões de alimento que levaram começaram a acabar. Como seria possível alimentar um número tão grande de pessoas? Até os líderes e anciãos do povo se juntaram para se queixar contra os representantes de Deus: "Quem dera a mão do Senhor nos tivesse matado no Egito! Lá nos sentávamos ao redor das panelas de carne e comíamos pão à vontade, mas vocês nos trouxeram a este deserto para fazer morrer de fome toda essa multidão!" (Êx 16:3).

Por enquanto, eles ainda não estavam passando fome, mas temiam pelo futuro. Em sua imaginação, viam seus filhos morrendo de fome. O Senhor permitiu que as dificuldades os cercassem e que as provisões de alimentos fossem acabando para que o seu coração se voltasse para Aquele que tinha sido o seu Libertador. Se pedissem socorro a Ele em sua necessidade, ainda lhes concederia provas de Seu amor e cuidado. Era um pecado e falta de fé pensarem que eles ou seus filhos poderiam morrer de fome.

Era necessário que encontrassem dificuldades e suportassem provações. Deus os estava tirando de um estado de corrupção e vergonha para ocuparem uma honrosa posição entre as nações e estarem em condições de receber sagradas responsabilidades. Se tivessem mantido a fé nEle, diante de tudo o que havia sido feito pelo povo, teriam suportado com bom ânimo as dificuldades, a falta de alimento e até mesmo um grande sofrimento. Eles se esqueceram da bondade e do poder de Deus ao libertá-los da escravidão. Esqueceram-se de como seus filhos tinham sido poupados quando o anjo destruidor matou os primogênitos do Egito. Esqueceram-se também da grande demonstração do poder divino diante do Mar Vermelho. Esqueceram-se ainda de que seus inimigos, ao tentarem persegui-los, tinham sido todos submersos pelas águas do mar.

Em vez de dizerem: "Deus fez grandes coisas por nós; éramos escravos, mas Ele está fazendo de nós uma grande nação", falavam somente das dificuldades que encontravam na viagem e de quando terminaria sua cansativa peregrinação.

Nestes dias em que vivemos, Deus deseja que Seu povo examine as provações pelas quais passou o antigo Israel para que aprenda como deve se preparar para a Canaã celestial. Muitos olham para os israelitas daquele tempo e se admiram de sua incredulidade. Acham que não teriam sido assim tão ingratos. Quando sua fé é testada, mesmo diante de pequenas provações, não demonstram ter mais fé ou paciência que o antigo Israel. Eles se queixam da maneira como Deus decidiu purificá-los. Embora suas necessidades presentes sejam supridas, muitos vivem em constante medo de que a pobreza recaia sobre eles e que seus filhos venham a sofrer. Em vez de os obstáculos os levarem a buscar a ajuda de Deus, afastam-se dEle, permitindo que a ansiedade e o

descontentamento os dominem.

Por que somos ingratos e cheios de desconfiança? Jesus é nosso amigo. Todo o Céu está interessado em nosso bem-estar. A ansiedade e o temor entristecem o Espírito de Deus. Não é a vontade de Deus que Seu povo se sobrecarregue de cuidados.

Nosso Senhor não nos diz que não há perigos em nosso caminho, mas nos mostra um refúgio que nunca falha. Ele convida o cansado e o que está sobrecarregado de cuidados: "Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o Meu jugo e aprendam de Mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas" (Mt 11:28, 29). Em vez de viver murmurando e nos queixando, a expressão do nosso coração deveria sempre ser: "Bendiga o Senhor a minha alma! Não esqueça nenhuma de Suas bênçãos!" (Sl 103:2).

Deus conhecia todas as necessidades de Israel. Ele disse ao seu líder: "Eu lhes farei chover pão do Céu!" (Êx 16:4). Foram dadas instruções para que o povo juntasse uma porção para cada dia e juntasse em dobro no sexto dia, para que fosse mantida a sagrada observância do sábado.

Moisés deu à congregação a certeza de que suas necessidades seriam atendidas, que o Senhor daria a eles "carne para comer ao entardecer e pão à vontade pela manhã", e acrescentou: "Quem somos nós? Vocês não estão reclamando de nós, mas do Senhor" (Êx 16:8). Eles deveriam saber que o Altíssimo era o seu Líder, e não somente Moisés.

No fim do dia, o acampamento foi rodeado de vários bandos de codornizes, o suficiente para alimentar toda a multidão. Pela manhã, havia sobre o solo do deserto uma pequena substância redonda: "Era branco como semente de coentro" (Êx 16:31). Eles o chamaram de "maná". Então Moisés disse: "Este é o pão que o Senhor lhes deu para comer" (Ex 16:15). Os israelitas viram que havia alimento em grande quantidade para todos. "O povo saía recolhendo o maná nas redondezas, e o moía num moinho manual ou socava-o num pilão; depois cozinhava o maná e com ele fazia bolos." "[...] tinha gosto de bolo de mel" (Nm 11:7, 8; Êx 16:31).

Foi dito aos israelitas que juntassem um gômer [aproximadamente três litros] por dia, para cada pessoa, e que não deixassem nada para a manhã seguinte. A quantidade para o dia deveria ser recolhida pela manhã, pois tudo o que ficasse no solo derreteria com o calor do sol. "Quem tinha recolhido muito não teve demais, e não faltou a quem tinha recolhido pouco" (Êx 16:18).

O Sábado Foi Honrado

No sexto dia, o povo colhia dois gômeres para cada pessoa. Os líderes perguntaram a Moisés por que estavam fazendo aquilo. Sua resposta foi: "Foi isso que o Senhor ordenou: 'Amanhã será dia de descanso, sábado consagrado ao Senhor. Assem e cozinhem o que quiserem. Guardem o que sobrar até a manhã seguinte'" (Ex 16:23). Assim eles fizeram e viram que o alimento não se deteriorou. "'Comam hoje', disse Moisés, 'pois hoje é o sábado do Senhor. Hoje, vocês não o encontrarão no terreno'" (Êx 16:25).

Deus ordena que Seu santo dia seja observado hoje de maneira tão sagrada como foi no tempo de Israel. Devemos fazer do dia anterior ao sábado um dia de preparação a fim de que tudo esteja pronto para as horas sagradas. Não devemos permitir que nossas ocupações venham a invadir esse tempo sagrado de forma alguma. Deus aconselhou que se deve cuidar dos doentes nesse dia; que o trabalho que for preciso ser feito para proporcionar a eles conforto é uma obra de misericórdia e não uma transgressão do sábado; mas todo trabalho desnecessário deve ser evitado. O trabalho que é negligenciado até o início do sábado deve ficar sem ser feito até o pôr do sol desse dia.

Os israelitas testemunhavam um milagre triplo para impressionar a sua mente com relação à santidade do sábado: porção dobrada da quantidade do maná caía no sexto dia; no sétimo dia o maná não caía; e a porção necessária para o sábado se conservava fresca e pura.

O Sábado Antes do Sinai

Dentro do contexto em que Deus fez cair o maná, temos provas claras de que o sábado não se originou quando a lei foi dada no Sinai. Antes de os israelitas chegarem ao Sinai, compreendiam que Deus esperava que guardassem o sábado. A cada sexta-feira, quando eles recolhiam porção dobrada do maná como preparação para o sábado, a natureza sagrada do dia de repouso era fixada em sua mente. Quando alguns deles saíram no sábado para colher o maná, o Senhor perguntou: "Até quando vocês se recusarão a obedecer aos Meus mandamentos e às Minhas instruções?" (Êx 16:28).

"Os israelitas comeram maná durante quarenta anos, [...] até chegarem às fronteiras de Canaã" (Êx 16:35). Durante quarenta anos, foram diariamente lembrados do infalível e terno amor de Deus. O Senhor deu a eles "o pão dos Céus. Os homens comeram o pão dos anjos" (Sl 78:24, 25) – isto é, o alimento que foi providenciado para eles, pelos anjos. Eram ensinados cada dia que estavam tão amparados em suas

necessidades como se estivessem rodeados pelos ondulantes campos de trigo das férteis planícies de Canaã.

O maná era o símbolo dAquele que foi enviado por Deus para dar vida ao mundo. O próprio Senhor Jesus disse: "Eu sou o Pão da vida. Os seus antepassados comeram o maná no deserto, mas morreram. Todavia, aqui está o pão que desce do Céu [...]. Se alguém comer deste pão, viverá para sempre. Este pão é a Minha carne, que Eu darei pela vida do mundo" (Jo 6:48-51).

Depois que partiram do deserto de Sim, os israelitas se acamparam em Refidim. Lá não havia água. Então, mais uma vez, eles não confiaram na providência de Deus. O povo foi se queixar a Moisés. "Dê-nos água para beber", gritavam irados. "Por que você nos tirou do Egito: Foi para matar de sede a nós, aos nossos filhos e aos nossos rebanhos?" (Êx 17:2, 3). Quando a necessidade de alimentos foi suprida com abundância, eles se lembraram, cheios de vergonha, da sua incredulidade e prometeram confiar no Senhor no futuro; mas fracassaram na primeira prova de fé. A coluna de nuvem que os guiava parecia esconder um terrível mistério. "Quem Moisés pensava que era?" "Qual era o seu objetivo ao tirá-los do Egito?" Tinham o coração cheio de suspeita e desconfiança. No auge da indignação, os israelitas ameaçaram apedrejar Moisés.

Água da Rocha

Em angústia, Moisés clamou ao Senhor: "Que farei com esse povo?" (Êx 17:4). O Senhor lhe ordenou então que chamasse os anciãos de Israel, pegasse a vara com a qual tinha realizado maravilhas no Egito e passasse à frente do povo. Então o Senhor lhe disse: "Eu estarei à sua espera no alto da rocha do monte Horebe. Bata na rocha, e dela sairá água para o povo beber" (Êx 17:5, 6). Ele obedeceu, e as águas brotaram em uma corrente viva que supriu todo o acampamento. Em Sua grande misericórdia, o Senhor fez da vara o Seu instrumento para libertar o povo.

Era o Filho de Deus que, velado pela coluna de nuvem, estava ao lado de Moisés e fez jorrar a fonte de água viva. Toda a congregação viu a glória do Senhor; mas, se a coluna de nuvem tivesse sido removida, teriam sido mortos pelo grande esplendor dAquele que nela Se ocultava.

A incredulidade do povo era tremendamente ofensiva e Moisés tinha medo de que os juízos divinos recaíssem sobre eles. Ele deu àquele lugar o nome de Massá, "tentação", e Meribá, "contenda", que ficou como um marco para que o pecado deles fosse lembrado.

A Guerra Contra Amaleque

Um novo perigo ameaçava os israelitas. Por terem murmurado tanto contra o Senhor, Ele permitiu que fossem atacados por seus inimigos. Os amalequitas saíram contra eles e atacaram os mais fracos e cansados que tinham ficado para trás. Moisés deu ordens a Josué para que escolhesse um grupo de soldados de várias tribos e os guiasse na luta contra o inimigo, enquanto ele estaria em um monte mais próximo com a vara de Deus em sua mão. Assim, no dia seguinte, Josué e seus soldados atacaram o inimigo, enquanto Moisés, Arão e Hur ficaram na colina, observando a batalha lá do alto. Com os braços estendidos para o céu e segurando a vara de Deus em sua mão direita, Moisés orava para que os exércitos de Israel vencessem. Eles perceberam que, enquanto as mãos de Moisés estavam estendidas para cima, Israel estava vencendo; mas, quando ele baixava os braços, o inimigo vencia. Como Moisés estava ficando muito cansado, Arão e Hur seguraram seus braços até o pôr do sol, quando o inimigo foi derrotado.

O ato de Moisés foi muito significativo, pois mostra que Deus tinha o destino de Israel em suas mãos. Enquanto mantivessem sua confiança no Senhor, Ele lutaria por eles, ajudando-os a vencer seus inimigos. Por outro lado, sempre que deixassem de se apegar ao Senhor e passassem a confiar em si mesmos, ficariam fracos e o inimigo prevaleceria contra eles.

A força divina deve ser combinada com o esforço humano. Moisés sabia que Deus não lutaria em favor de Israel enquanto o povo permanecesse inativo. Durante todo o tempo em que o grande líder intercedia junto ao Senhor, Josué e seus bravos soldados faziam todos os esforços para derrotar o inimigo de Israel e de Deus.

Pouco antes de sua morte, Moisés enviou ao povo este solene apelo: "Lembrem-se do que os amalequitas lhes fizeram no caminho, quando vocês saíram do Egito. Quando vocês estavam cansados e exaustos, eles se encontraram com vocês no caminho e eliminaram todos os que ficaram para trás; não tiveram temor de Deus. [...] Vocês farão com que os amalequitas sejam esquecidos debaixo do céu. Não se esqueçam!" (Dt 25:17-19). Com relação a esse povo ímpio, o Senhor declarou: "O Senhor fará guerra contra os amalequitas de geração em geração!" (Êx 17:16).

Os amalequitas não ignoravam o caráter de Deus e Sua suprema autoridade, mas decidiram desafiar o Seu poder. As maravilhas realizadas por Moisés diante dos egípcios se tornou assunto de zombaria entre eles. Fizeram um voto, diante de seus deuses, de que destruiriam os hebreus e se vangloriavam, dizendo que Israel não tinha forças suficientes para enfrentá-los. Eles não tinham recebido nenhuma ameaça dos

israelitas. A agressão que fizeram não foi motivada por qualquer provocação por parte dos israelitas. Foi para desafiar a Deus que procuraram destruir Seu povo. Os amalequitas eram pecadores insubordinados já por muito tempo. Em Sua misericórdia, Deus os chamava ao arrependimento apesar de tudo; mas, quando os homens de Amaleque atacaram as fileiras cansadas e indefesas de Israel, selaram o destino de sua nação. Sobre todos aqueles que amam e temem a Deus, Ele estende Sua mão como um escudo protetor; cuidem para não ferir essa mão, pois ela maneja a espada da justiça.

Jetro, o sogro de Moisés, que morava não muito longe do lugar onde estavam acampados, decidiu visitar os hebreus e levar consigo a esposa de Moisés e seus dois filhos. Moisés, o grande líder, saiu alegremente para se encontrar com eles e os trouxe para a sua tenda.

O Sábio Conselho de Jetro

Pouco depois que chegou ao acampamento, Jetro viu quão pesadas eram as responsabilidades que Moisés levava. Traziam a ele não só questões de interesses e deveres com relação ao povo, mas também todas as controvérsias que surgiam entre eles. Moisés lhe disse: "Toda vez que alguém tem uma questão, esta me é trazida, e eu decido entre as partes, e ensino-lhes os decretos e leis de Deus" (Êx 18:16). Jetro se opôs a essa situação, dizendo: "O que você está fazendo não é bom. Você e seu povo ficarão esgotados, pois essa tarefa lhe é pesada demais. Você não pode executá-la sozinho" (Êx 18:17, 18). Ele aconselhou Moisés a nomear pessoas capazes, tementes a Deus, como chefes de mil, outros como chefes de cem, de cinquenta e de dez. Esses homens deveriam julgar questões de menor importância, enquanto os casos mais difíceis e importantes deveriam ainda ser levados a Moisés. Esse conselho foi aceito, e trouxe não somente alívio a Moisés, mas contribuiu para que fosse estabelecida uma ordem mais perfeita entre o povo.

O fato de ter sido escolhido para instruir outros não levou Moisés a concluir que ele mesmo não necessitava de instrução. O líder escolhido de Israel ouviu com atenção as sugestões do piedoso e sábio sacerdote de Midiã e adotou o plano por ele proposto.

De Refidim, o povo continuou sua jornada seguindo para onde se movia a coluna de nuvem. A rota que fizeram os levou através de áridas planícies, íngremes encostas e desfiladeiros rochosos. Então se depararam como o Monte Sinai que se erguia diante deles com solene majestade. A coluna de nuvem repousou sobre o seu cume, e o povo espalhou suas tendas pela planície. Ali seria sua morada durante quase um ano. À noite, a coluna de fogo lhes dava a certeza da proteção divina e, enquanto dormiam

profundamente, o pão do Céu caía suave por todo o acampamento.

Ali, Israel deveria receber a mais maravilhosa revelação que Deus já fez à humanidade. Ali, o Senhor reuniu Seu povo para que pudesse impressionar os israelitas e fazê-los entender a santidade de Seus mandamentos, declarando de viva voz Sua santa lei. Grandes e radicais mudanças deveriam ocorrer neles, pois as influências degradantes da escravidão e da idolatria tinham deixado suas marcas nos hábitos e no caráter do povo de Israel. Deus estava agindo para erguê-los a um nível moral mais elevado, transmitindo a eles o conhecimento de Si mesmo.

---

* Este capítulo é baseado em Êxodo 15:22-27; 16-18.

A Lei no Monte Sinai*

Pouco tempo depois que os israelitas acamparam no Sinai, Moisés foi chamado ao monte para se encontrar com Deus. Israel seria levado a um íntimo e especial relacionamento com o Altíssimo – para se organizar como igreja e como nação sob o governo de Deus.

"Vocês viram o que fiz ao Egito e como os transportei sobre asas de águias e os trouxe para junto de Mim. Agora, se Me obedecerem fielmente e guardarem a Minha aliança, vocês serão o Meu tesouro pessoal dentre todas as nações. Embora toda a Terra seja Minha, vocês serão para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Êx 19:4-6).

Moisés retornou ao acampamento e repetiu a mensagem divina aos anciãos de Israel. A resposta deles foi: "Faremos tudo o que o Senhor ordenou" (Êx 19:8). Assim, eles fizeram um concerto solene com Deus e se comprometeram a aceitá-Lo como seu Soberano, tornando-se plenamente submissos à Sua autoridade.

Deus pretendia fazer da ocasião em que pronunciaria Sua lei uma cena de inspiradora e admirável grandeza. Tudo o que estivesse ligado ao serviço de Deus deveria ser considerado com a maior reverência. O Senhor disse a Moisés: "Vá ao povo e consagre-o hoje e amanhã. Eles deverão lavar as suas vestes e estar prontos no terceiro dia, porque nesse dia o Senhor descerá sobre o Monte Sinai, à vista de todo o povo" (Êx 19:10, 11). Todos deveriam ocupar o seu tempo em solene preparação para comparecer diante de Deus. Eles e suas roupas deveriam estar livres de impureza. Deveriam se dedicar à reflexão pessoal, jejum e oração para que seu coração pudesse ser purificado de todo pecado.

Na manhã do terceiro dia, o topo do Monte Sinai estava coberto por uma pesada nuvem, que ia descendo cada vez mais escura e compacta até que ele foi totalmente envolvido em trevas e terrível mistério. Então se ouviu um som como o de trombeta, convocando o povo para se encontrar com Deus. Relâmpagos iluminavam a densa escuridão e os trovões ecoavam entre as montanhas ao redor. "O Monte Sinai estava coberto de fumaça, pois o Senhor tinha descido sobre ele em chamas de fogo. [...] todo o monte tremia violentamente" (Êx 19:18). Os filhos de Israel tremeram de medo e caíram prostrados diante do Senhor. Até Moisés exclamou: "Estou apavorado e trêmulo!" (Hb 12:21).

A seguir, cessaram os trovões; a trombeta parou de tocar; a terra estava quieta. Houve um período de solene silêncio e então se ouviu a voz de Deus falando através da densa escuridão que O envolvia no monte, rodeado por Seus anjos. Nesse monte, o Senhor proclamou Sua lei.

"Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão" (Êx 20:2). Aquele que os havia tirado do Egito, que abriu o mar para que passassem e derrotou Faraó com seu exército – era Ele quem estava proclamando Sua lei.

Deus honrou os hebreus ao fazer deles os guardiães e defensores da Sua lei, mas eles deveriam considerá-la um depósito sagrado para todo o mundo. Os preceitos dos Dez Mandamentos são adaptados ao modo de vida das pessoas em todos os lugares e foram dados para instrução e governo de todos. São dez leis curtas, abrangentes e cheias de autoridade, que combinam o nosso dever para com Deus e para com o próximo, todos baseados no grande e fundamental princípio do amor: "'Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento' e 'ame o seu próximo como a si mesmo'" (Lc 10:27). Nos Dez Mandamentos, esses princípios são aplicados à nossa vida.

(1) "Não terás outros deuses além de Mim" (Êx 20:3). Qualquer coisa que acariciamos, que tenda a minimizar o nosso amor a Deus ou venha a interferir no culto que deve ser prestado somente a Ele, fazemos disso um deus.

(2) "Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no Céu, na Terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto" (Êx 20:4).

A Lei e o Comportamento Humano

Muitas nações pagãs diziam que suas imagens eram apenas símbolos por meio dos

quais adoravam a Divindade, mas Deus declarou que tal culto é pecado. A intenção de representar o Eterno por meio de objetos materiais rebaixa nossos conceitos de Deus. Nossa mente é atraída para a criatura e não para o Criador. Quando os conceitos a respeito de Deus são rebaixados, da mesma forma o homem também é degradado.

"Eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso" (Êx 20:5). A íntima relação de Deus com Seu povo é representada pela relação que há no casamento. Sendo que a idolatria é o adultério espiritual, o desagrado de Deus contra ela é bem apropriadamente chamado de ciúme.

"Castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que Me desprezam" (Êx 20:5). Os filhos não são punidos pela culpa de seus pais, a não ser que participem dos seus pecados. Mesmo assim, por herança e exemplo, os filhos se tornam participantes dos pecados de seus pais. Más tendências, apetite pervertido e moral corrompida, assim como as enfermidades físicas e a degeneração são passadas de pai para filho até a terceira e quarta geração.

"Mas trato com bondade até mil gerações aos que Me amam e obedecem aos Meus mandamentos" (Êx 20:6). Para aqueles que são fiéis em Seu serviço, Deus promete misericórdia, não somente até a terceira e quarta geração, como a ira dirigida àqueles que O desprezam, mas a milhares de gerações.

(3) Não tomarás em vão o nome do Senhor, o teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o Seu nome em vão" (Êx 20:7).

Esse mandamento nos proíbe de usar o nome de Deus de maneira descuidada. Ao mencionar Deus impensadamente na conversação comum e pela frequente repetição irrefletida de Seu nome, nós O desonramos. "Santo e temível é o Seu nome!" (Sl 111:9). Devemos pronunciá-lo com reverência e solenidade.

(4) "Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou" (Êx 20:8-11).

O sábado não é apresentado como uma nova instituição, mas como um tempo que foi estabelecido desde a criação. Ao apontar para Deus como Aquele que fez os céus e a

Terra, distingue o verdadeiro Deus dos falsos deuses. Assim, o sábado é um sinal de nossa lealdade a Ele. O quarto mandamento é o único entre os dez que traz tanto o nome como o título do Legislador, o único que mostra por autoridade de quem a lei foi dada. Portanto, ele contém o selo de Deus.

O Senhor nos deu seis dias para trabalhar, e Ele pede que façamos nosso trabalho nesses seis dias. Atos necessários e de misericórdia são permitidos no sábado. Os doentes e os que sofrem precisam receber os cuidados de que necessitam; mas todo trabalho desnecessário deve ser estritamente evitado. Para santificar o sábado, não devemos nem mesmo permitir que nossa mente se fixe nas coisas do mundo. O mandamento inclui todos aqueles que estão dentro das nossas "portas". Os que fazem parte da família devem deixar de lado suas ocupações diárias durante as horas sagradas. Todos devem se unir para prestar a Ele um culto voluntário em Seu santo dia.

(5) Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá" (Êx 20:12). Os pais têm o direito a um grau de amor e respeito que a nenhuma outra pessoa devem ser dados. Rejeitar a legítima autoridade dos pais é rejeitar também a autoridade de Deus. O quinto mandamento requer que os filhos não somente respeitem, sejam submissos e obedeçam aos seus pais, mas que deem a eles amor e ternura, aliviem suas preocupações, tenham respeito pelo seu nome, cuidem deles e os confortem na velhice. Pede também que seja dado o devido respeito aos pastores e àqueles a quem Ele deu autoridade.

(6) "Não matarás" (Êx 20:13). Todos os atos de injustiça que de alguma forma abreviam a vida; o espírito de ódio e vingança ou a condescendência com qualquer sentimento que leve à prática de atos ofensivos em relação aos outros (até mesmo desejar intimamente o mal de alguém, pois "qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento" (Mt 5:22); negligenciar o cuidado de um necessitado, de maneira egoísta; condescendência própria ou excesso de trabalho que venha a prejudicar a saúde – todas essas coisas, em maior ou menor grau, são uma forma de transgressão do sexto mandamento.

(7) "Não adulterarás" (Êx 20:14). A lei de Deus requer pureza não somente na vida exterior, mas também quanto às intenções e emoções secretas do coração. Cristo, que ensinou de maneira mais abrangente nossos deveres para com a lei de Deus, declarou que um mau pensamento ou um olhar é verdadeiramente tão pecado quanto o ato ilícito.

(8) "Não furtarás" (Êx 20:15). Essa é uma proibição que condena o sequestro de

pessoas e o tráfico de escravos, guerras de conquista, furto e roubo. Exige estrita integridade nos mínimos detalhes da vida. Proíbe negócios duvidosos e requer o pagamento justo de dívidas e salários. Toda tentativa de obter vantagem pela ignorância, fraqueza ou infelicidade de outros é registrada como fraude nos livros do Céu.

(9) "Não darás falso testemunho contra o teu próximo" (Êx 20:16). Toda intenção de enganar se constitui uma falsidade. Um olhar, um movimento da mão, uma expressão do rosto podem representar uma falsidade tão eficaz quanto o que se diz por palavras. É falsidade até mesmo a declaração de fatos feita de forma enganosa para induzir ao erro. Toda tentativa de prejudicar a reputação do nosso próximo, pela difamação, calúnia ou injúria, e até mesmo a ocultação intencional da verdade para prejudicar outros se constitui em transgressão do nono mandamento.

(10) "Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença" (Êx 20:17). O décimo mandamento atinge a própria raiz de todos os pecados; proíbe o desejo egoísta, do qual nasce o ato pecaminoso. A pessoa que se recusa a ceder até mesmo a um desejo pecaminoso com relação a alguma coisa que pertença a outro não será culpada de ter cometido um ato ilícito para com ninguém.

Deus proclamou Sua lei com demonstrações do Seu poder e glória para que Seu povo jamais se esquecesse daquela cena. Ele desejava mostrar a todos a santidade e a imutabilidade da Sua lei.

A Lei do Amor

Ao ser apresentada a grande regra da justiça de Deus diante do povo, as pessoas puderam compreender, como nunca antes, quão ofensivo é o pecado e quão grande era a sua culpa à vista de um Deus santo. Eles clamaram a Moisés: "Fala tu mesmo conosco, e ouviremos. Mas que Deus não fale conosco, para que não morramos" (Êx 20:19). O líder respondeu: "Não tenham medo! Deus veio prová-los, para que o temor de Deus esteja em vocês e os livre de pecar" (Êx 20:20).

Com a mente cegada e pervertida pela escravidão e o paganismo, o povo não estava preparado para compreender completamente a amplitude dos princípios dos dez preceitos dados por Deus. Foram assim acrescentadas algumas instruções como ilustração e aplicação dos princípios expressos nos Dez Mandamentos. Essas leis foram chamadas de "juízos", porque os juízes deveriam julgar de acordo com essas normas. Diferente dos Dez Mandamentos, elas foram entregues particularmente a Moisés.

A primeira dessas leis estava relacionada aos servos. Um hebreu não poderia ser vendido para ser escravo por toda a vida. Seu período de trabalho era limitado a seis anos; no sétimo ano deveria ser posto em liberdade. Era permitido ter escravos que não fossem israelitas, mas sua vida e a própria pessoa eram estritamente guardadas. O assassino de um escravo deveria ser punido; um ferimento causado a um escravo por seu senhor, ainda que fosse a perda de um dente, dava ao escravo o direito à liberdade.

Os israelitas deveriam cuidar para não manter o espírito de crueldade, como aquele pelo qual tinham sofrido sob as ordens dos capatazes egípcios. A lembrança de sua amarga experiência no cativeiro deveria fazer com que se colocassem no lugar do servo, e assim demonstrassem amor e misericórdia.

Os direitos das viúvas e órfãos eram especialmente preservados. Se os maltratarem, "e eles clamarem a Mim", diz o Senhor, "Eu certamente atenderei ao seu clamor. Com grande ira matarei vocês à espada; suas mulheres ficarão viúvas e seus filhos, órfãos" (Êx 22:23, 24). Os estrangeiros que se unissem a Israel deveriam ser protegidos do mal e da opressão. "Não oprima o estrangeiro. Vocês sabem o que é ser estrangeiro, pois foram estrangeiros no Egito" (Êx 23:9).

Era proibido cobrar juros de empréstimos feitos aos pobres. As vestes ou o cobertor de um homem pobre, que tivessem sido tomados como garantia, deveriam ser restituídos ao anoitecer. Os juízes eram advertidos a não perverterem a justiça, atuando em favor de uma causa falsa ou recebendo suborno. A mentira e a calúnia eram proibidas, e os atos de bondade deveriam ser praticados mesmo para com inimigos pessoais.

Novamente o povo foi lembrado da sagrada obrigação que todos tinham para com o sábado. Foram designadas festas anuais, quando todos os homens da nação deveriam se reunir perante o Senhor, levando suas ofertas de gratidão e as primícias de Sua generosidade nas colheitas. O objetivo de todos esses regulamentos foi declarado: "Vocês serão Meu povo santo" (Êx 22:31).

Essas leis deveriam ser registradas por Moisés e guardadas cuidadosamente como fundamentos da lei nacional e, assim como os dez preceitos, eram a condição para o cumprimento das promessas de Deus a Israel.

Então foi dada esta mensagem ao povo: "Eis que envio um Anjo à frente de vocês para protegê-los por todo o caminho e fazê-los chegar ao lugar que preparei. Prestem atenção e ouçam o que Ele diz. Não se rebelem contra Ele" (Êx 23:20, 21). Cristo na

coluna de nuvem e de fogo foi o seu Líder. Ao mesmo tempo em que havia símbolos ou "tipos" que apontavam para a vinda de um Salvador, havia também um Salvador presente, que dava as ordens a Moisés para que ele as transmitisse ao povo, e que foi posto diante deles como único canal de bênção.

Como Foi Feita a "Antiga Aliança"

"Quando Moisés se dirigiu ao povo", depois que desceu do monte, "e transmitiu-lhes todas as palavras e ordenanças do Senhor, eles responderam em uníssono: 'Faremos tudo o que o Senhor ordenou'" (Êx 24:3).

Então eles reafirmaram o concerto. Moisés construiu um altar ao pé do monte e, ao lado dele, ergueu doze colunas, "representando as doze tribos de Israel" (Êx 24:4), como testemunho de sua aceitação da aliança. A seguir, "Moisés leu o Livro da Aliança para o povo" (Êx 24:7). Todos tinham a liberdade de escolher se concordariam com as condições da aliança. Eles ouviram a lei de Deus sendo proclamada, e seus princípios foram aplicados a várias situações para que pudessem saber o quanto essa aliança envolvia. Mais uma vez o povo respondeu unanimemente: "Faremos fielmente tudo o que o Senhor ordenou" (Êx 24:7). "Quando Moisés terminou de proclamar todos os mandamentos da Lei a todo o povo, levou sangue [...] e aspergiu o próprio livro e todo o povo, dizendo: 'Este é o sangue da aliança que Deus ordenou que vocês obedeçam" (Hb 9:19, 20).

"Moisés, Arão, Nadabe, Abiú e setenta autoridades de Israel subiram e viram o Deus de Israel, sob cujos pés havia algo semelhante a um pavimento de safira, como o Céu em seu esplendor" (Êx 24:9, 10). Os setenta anciãos deveriam ajudar Moisés a governar Israel, e Deus pôs o Seu Espírito sobre eles. Eles não viram Deus como Ele é, mas viram a glória de Sua presença. Ficaram meditando em Sua glória, pureza e misericórdia até que pudessem se aproximar dEle.

Moisés e "Josué, seu auxiliar" foram chamados para se encontrar com Deus. O líder indicou Arão e Hur para que, auxiliados pelos anciãos, dirigissem o povo em seu lugar. Moisés esperou ser chamado à sala de audiência do Altíssimo. Sua paciência e obediência foram provadas, mas ele não abandonou seu posto. Até mesmo esse servo favorecido de Deus não poderia se aproximar de Sua presença imediatamente e suportar Sua glória. Durante seis dias, ele deveria dedicar sua vida a Deus, examinando o coração pela meditação e oração.

No sétimo dia, que era o sábado, Moisés foi chamado para dentro da nuvem. "Moisés entrou na nuvem [...]. E permaneceu no monte quarenta dias e quarenta

noites" (Êx 24:18).

Deus Exalta os Escravos

Durante todo o tempo em que ficou no monte, Moisés recebeu instruções para a construção de um santuário no qual a presença divina se manifestaria de modo especial. "E farão um santuário para Mim, e Eu habitarei no meio deles", foi a ordem de Deus (Êx 25:8). Pela terceira vez a guarda do sábado foi ordenada. "Isso será um sinal perpétuo entre Mim e os israelitas", o Senhor declarou, "a fim de que saibam que Eu sou o Senhor, que os santifica. [...] Quem fizer algum trabalho nesse dia será eliminado do meio do seu povo" (Êx 31:17, 13, 14).

A partir de então, o povo foi honrado com a permanente presença de seu Rei. "E habitarei no meio dos israelitas e serei o seu Deus. [...] E o lugar será consagrado pela Minha glória" (Êx 29:45, 43).

Depois de terem sido uma raça de escravos por tanto tempo, os israelitas foram exaltados acima de todos os povos, tornando-se o tesouro pessoal do Rei dos reis. Deus os separou do mundo, fez deles os guardiães da Sua lei e, por meio deles, era Seu propósito preservar na Terra o conhecimento de Si mesmo.

Assim, a luz do Céu deveria resplandecer em um mundo em trevas. Uma voz apelando a todos os povos para saírem da idolatria e servirem ao Deus vivo seria ouvida. Se os israelitas fossem fiéis no cumprimento da responsabilidade a eles confiada, Deus seria a sua defesa e Ele os exaltaria acima de todas as outras nações.

---

* Este capítulo é baseado em Êxodo 19-24.

O Bezerro de Ouro*

Enquanto esteve no monte, a ausência de Moisés causou um clima de espera e apreensão para Israel. O povo aguardava ansiosamente a sua volta. Como estavam acostumados a representações materiais da divindade no Egito, foi difícil para eles confiar em um Ser invisível e passaram a depender de Moisés para sustentar sua fé. Agora estavam sem ele. As semanas foram se passando, e Moisés não voltava. Para muitos no acampamento, parecia que seu líder teria desertado ou que havia sido consumido pelo fogo devorador.

Durante o período de espera, tiveram tempo para meditar na lei de Deus, de acordo com tudo o que tinham ouvido, e preparar o coração para receber novas revelações que Ele poderia fazer. Se tivessem procurado obter uma compreensão mais clara das ordens dadas por Deus e, de coração humilde, O buscassem, teriam sido protegidos contra a tentação. Mas logo se tornaram descuidados, indiferentes e sem consideração para com as leis; isso aconteceu especialmente com a "mistura de gente", aqueles que saíram do Egito com eles. Estavam impacientes para retomar logo o caminho para a terra que manava leite e mel. Essa boa terra foi prometida a eles sob a condição de obediência, mas se esqueceram desse compromisso. Alguns sugeriram que a melhor opção era voltar para o Egito; mas, quer seguissem para Canaã ou voltassem para o Egito, a maior parte do povo decidiu não mais esperar por Moisés.

Os que pertenciam à "mistura de gente" foram os primeiros a começar a reclamar e demonstrar sua impaciência, e foram os líderes da apostasia. Entre as coisas que os egípcios tinham como símbolos de suas divindades estava o boi ou o bezerro. Por sugestão daqueles que praticaram a idolatria no Egito, foi feito um bezerro para ser adorado. O povo desejava ter alguma imagem para representar Deus e que fosse à

frente deles em lugar de Moisés. Os grandes prodígios realizados no Egito e no Mar Vermelho tinham por objetivo firmar sua fé em um Deus invisível, todo-poderoso e o grande Ajudador de Israel. O desejo do povo por alguma manifestação visível de Sua presença foi atendido com a presença da coluna de nuvem e de fogo, e pela revelação de Sua glória no Monte Sinai. Mesmo com a nuvem de Sua presença diante deles, ainda assim voltaram o coração para a idolatria no Egito.

Na ausência de Moisés, a autoridade legal tinha sido concedida a Arão, e uma multidão se reuniu ao redor de sua tenda. A nuvem, disseram eles, estava permanentemente no monte, e não mais iria guiá-los em suas viagens. Queriam ter uma imagem em seu lugar. Conforme tinham sugerido, se resolvessem voltar ao Egito, teriam o favor dos egípcios ao levarem uma imagem à frente deles como seu deus. (Ver Apêndice, Nota 3.)

Em vez de Líder, Servo

Arão foi fraco ao contestar o pedido do povo. Sua indecisão e timidez naquele momento crítico apenas fizeram com que as pessoas se tornassem mais decididas ainda. Um delírio cego e irracional pareceu tomar conta da multidão. Alguns permaneceram fiéis à sua aliança com Deus, mas a maioria deles se uniu na apostasia. Alguns, que se arriscaram a denunciar a construção da imagem como idolatria, foram espancados e, por fim, acabaram perdendo a vida.

Arão também temeu por sua segurança e, em vez de se posicionar nobremente em honra a Deus, ele se rendeu às exigências da multidão. Por conta própria, eles trouxeram seus ornamentos e, com isso, ele moldou um bezerro à semelhança dos deuses do Egito.

O povo exclamava: "Eis aí os seus deuses, ó Israel, que tiraram vocês do Egito!" (Êx 32:4). Arão não apenas permitiu tamanho insulto a Jeová, ele fez ainda mais: Ao ver a satisfação do povo com o bezerro de ouro, construiu um altar diante dele e anunciou: "Amanhã haverá uma festa dedicada ao Senhor. Na manhã seguinte, ofereceram holocaustos e sacrifícios de comunhão. O povo se assentou para comer e beber, e levantou-se para se entregar à farra" (Êx 32:5, 6).

Uma religião que permite ao povo se entregar aos prazeres egoístas e sensuais agrada tanto às multidões hoje como nos dias de Israel. Ainda existem Arões fracos e complacentes na igreja, que cedem aos desejos daqueles que não são convertidos, induzindo-os assim ao pecado.

Promessa Quebrada

Apenas poucos dias haviam se passado desde que os hebreus estiveram trementes diante do Monte Sinai e ouviram as palavras do Senhor: "Não terás outros deuses além de Mim" (Êx 20:3). A glória de Deus ainda pairava sobre o topo do monte, à vista da congregação; mas "fizeram um bezerro, adoraram um ídolo de metal. Trocaram a Glória deles pela imagem de um boi que come capim" (Sl 106:19, 20).

No monte, Moisés foi avisado da apostasia que estava ocorrendo no acampamento. "Desça", o Senhor disse a Moisés, "porque o seu povo, que você tirou do Egito, corrompeu-se. Muito depressa se desviaram daquilo que lhes ordenei" (Êx 32:7, 8).

A aliança de Deus com Seu povo tinha sido quebrada, e Ele declarou a Moisés: "Deixe-Me agora, para que a Minha ira se acenda contra eles, e Eu os destrua. Depois farei de você uma grande nação" (Êx 32:10). O povo de Israel, especialmente aquela "multidão mista", estaria sempre inclinada a se rebelar contra Deus, a se queixar de seu líder e a entristecê-lo com sua incredulidade e obstinação. Por seus pecados, já tinham perdido o favor de Deus.

Se Deus resolvesse destruir Israel, quem poderia pleitear por eles? Moisés viu um fundo de esperança onde parecia haver somente o desânimo e a fúria divina. As palavras ditas por Deus: "Deixe-Me agora", ele entendeu não como uma proibição, mas sim como uma oportunidade para interceder pelo caso deles; se ele suplicasse fervorosamente, Deus pouparia Seu povo.

Deus deu a entender que iria rejeitar Seu povo. Falou deles a Moisés como "seu povo, que você tirou do Egito". Moisés negou que a liderança de Israel pertencesse a ele. Não eram dele, mas de Deus – "*Teu* povo, que tiraste do Egito com grande poder e forte mão". Moisés ainda insistiu: "Por que diriam os egípcios: 'Foi com intenção maligna que Ele os libertou, para matá-los nos montes'?" (Êx 32:11, 12).

Durante os poucos meses desde que Israel havia deixado o Egito, a notícia de seu maravilhoso livramento tinha se espalhado por todas as nações ao redor. O pavor repousava sobre esses povos pagãos. Todos observavam para ver o que o Deus de Israel ia fazer por Seu povo. Se fossem destruídos, seus inimigos triunfariam. Os egípcios alegariam que suas acusações eram verdadeiras – em vez de levar Seu povo ao deserto para sacrificar, Ele fez com que fossem sacrificados. A destruição do povo a quem Ele tanto exaltou, traria difamação ao Seu nome. Que imensa responsabilidade têm aqueles que são altamente honrados por Deus de tornar o Seu nome um louvor aqui na Terra!

Enquanto Moisés intercedia por Israel, o Senhor ouviu as suas súplicas e atendeu à sua abnegada oração. Deus provou o amor de Seu servo por aquele povo ingrato, e Moisés resistiu nobremente à prova. A prosperidade do povo escolhido de Deus era mais importante para ele do que se tornar o pai de uma poderosa nação. Deus Se agradou de sua fidelidade, de sua integridade e confiou a ele a grande responsabilidade de guiar Israel à Terra Prometida.

Quando Moisés e Josué desceram do monte e se aproximaram do acampamento, viram o povo gritando e dançando ao redor de seu ídolo – era uma cena de verdadeira orgia pagã, uma imitação das festas idólatras do Egito. Quão diferente era do solene e reverente culto dedicado a Deus! Moisés ficou desolado. Acabava de sair da presença da glória de Deus e não estava preparado para aquela abominável demonstração da degradada condição de Israel. Para demonstrar o horror com que viu tamanha ofensa cometida, atirou as tábuas de pedra ao chão, e elas se quebraram diante de todo o povo, mostrando com isso que eles tinham quebrado a sua aliança com Deus e, assim, Deus estava quebrando a Sua aliança com eles também.

Moisés Castiga os Transgressores

Moisés pegou o ídolo e o atirou no fogo. A seguir, ele o reduziu a pó e espalhou na corrente de água que descia do monte. Assim, ele mostrou a completa inutilidade do deus que eles estavam adorando.

O grande líder convocou seu irmão culpado de permitir tão grande pecado. Arão tentou se defender ao relatar os clamores do povo, alegando que, se não tivesse feito conforme pediram, teria sido morto. "Eles me disseram: 'Faça para nós deuses que nos conduzam, pois não sabemos o que aconteceu com esse Moisés, o homem que nos tirou do Egito.' Então eu disse a eles: 'Quem tiver enfeites de ouro, traga-os para mim.' O povo trouxe-me o ouro, eu o joguei no fogo e surgiu esse bezerro!'" (Êx 32:23, 24). Ele queria levar Moisés a acreditar que tinha acontecido um milagre, que o ouro havia se transformado em um bezerro por um poder sobrenatural. Suas desculpas de nada adiantaram. Foi tratado, com justiça, como o principal culpado.

O próprio Arão, "que fora consagrado ao Senhor" (Sl 106:16), tinha feito o ídolo e anunciara a festa. Ele não conseguiu impedir os idólatras de desafiar o Céu. Ele não se abalou ao proclamarem diante da imagem fundida: "Eis aí os seus deuses, ó Israel, que tiraram vocês do Egito" (Êx 32:4). Ele tinha estado com Moisés no monte e lá pôde contemplar a glória do Senhor. Havia sido ele que transformara aquela glória na imagem de um bezerro. Deus havia confiado a ele o governo do povo na ausência de

Moisés, mas ele permitira a rebelião. “O Senhor irou-Se contra Arão a ponto de querer destruí-lo” (Dt 9:20). Sua vida foi poupada em resposta à fervorosa intercessão de Moisés; Arão se arrependeu de seu grande pecado, e foi restaurado ao favor de Deus.

Como Arão Estimulou a Rebelião

Se Arão tivesse tido a coragem de permanecer do lado direito, poderia ter evitado a apostasia. Se tivesse se mantido firme em sua lealdade a Deus e lembrado o povo da solene aliança que tinha feito com Ele, o mal teria sido evitado. Sua tolerância em atender aos desejos do povo fez com que os israelitas se aventurassem a ir mais longe no pecado do que jamais poderiam imaginar.

Para se justificar, Arão tentou responsabilizar o povo por sua fraqueza em ceder ao pedido deles; mesmo assim, enchiam-se de admiração por sua bondade e paciência. O espírito condescendente de Arão e o desejo de agradar o povo cegaram seus olhos para que não visse a enormidade da ofensa por ele permitida. Suas decisões custaram a vida de milhares. Em contraste, estava a conduta de Moisés. Ao executar fielmente os juízos de Deus, demonstrava que o bem-estar de Israel era mais precioso para ele do que a prosperidade, a honra ou a vida.

Deus deseja que Seus servos provem sua lealdade a Ele ao repreenderem fielmente o pecado, por mais doloroso que seja esse ato. Aqueles que são honrados por terem recebido uma missão divina não devem se exaltar ou negligenciar os deveres desagradáveis, mas realizar a obra de Deus com inabalável fidelidade.

Se não fosse imediatamente reprimida, a rebelião permitida por Arão se desencadearia em verdadeira atrocidade e levaria a nação à ruína. O mal deveria ser eliminado com total severidade. Moisés convocou o povo e disse: “Quem é pelo Senhor, junte-se a mim” (Êx 32:26). Aqueles que não se uniram aos outros em apostasia deveriam ficar à direita; os que eram culpados, mas que se arrependeram, ficaram à esquerda. Foi constatado que a tribo de Levi não havia tomado parte no culto idólatra. Entre as demais tribos havia um grande número que expressou seu arrependimento. Uma multidão, a maior parte daquela “mistura de gente” continuou em rebelião. Em nome do “Senhor, o Deus de Israel”, Moisés ordenou àqueles que se mantiveram livres da idolatria que empunhassem suas espadas e matassem a todos os que persistiam na rebelião. “E naquele dia morreram cerca de três mil dentre o povo” (Êx 32:28). Os líderes da rebelião foram eliminados, porém os que se arrependeram foram poupados.

As pessoas devem ser cuidadosas quanto à maneira de julgar e condenar os outros. Quando Deus ordena que executem a sentença que Ele deu com relação ao pecado, o

Senhor deve ser obedecido. Aqueles que realizaram esse ato doloroso demonstraram, ao cumprirem essa ordem, sua indignação contra a rebelião e a idolatria. O Senhor honrou a fidelidade por eles demonstrada ao fazer uma menção especial à tribo de Levi.

A justiça contra os traidores deveria ser executada para a manutenção do governo divino. Até mesmo nisso a misericórdia de Deus foi demonstrada: Ele deu liberdade de escolha e oportunidade de arrependimento a todos. Somente aqueles que persistiram na rebelião é que foram eliminados.

Por que a Punição

Era necessário que esse pecado fosse punido para que se tornasse uma advertência às nações vizinhas quanto ao desagrado de Deus pela idolatria. Dali em diante, toda vez que os israelitas condenassem a idolatria, seus inimigos lançariam sobre eles a acusação de que o povo que alegava ter Jeová como seu Deus tinha feito um bezerro de ouro e o adorado em Horebe. Embora fossem obrigados a reconhecer essa triste verdade, Israel poderia apontar para o terrível destino dos transgressores como prova de que seu pecado não tinha sido desculpado.

O amor, não menos que a justiça, exigia que fosse aplicada a pena. Deus remove aqueles que decidem continuar em rebelião para que não levem outros à ruína. Ao poupar a vida de Caim, Deus demonstrou o resultado de permitir que o pecado fique sem punição. Sua vida e tudo o que ensinou aos outros levou ao estado de corrupção que determinou a destruição do mundo inteiro pelo dilúvio. A história do povo antediluviano é um testemunho de que a grande paciência de Deus e as restrições feitas por Ele não refrearam a sua maldade.

Assim aconteceria no Sinai. Se a transgressão não fosse punida, os mesmos resultados seriam vistos outra vez. A Terra teria se tornado tão corrompida como nos dias de Noé. Grandes males teriam se seguido, maiores ainda que aqueles que ocorreram por ter sido poupada a vida de Caim. Foi pela misericórdia de Deus que milhares sofreram o castigo para que não houvesse a necessidade de executar os juízos sobre milhões. Para salvar a muitos, Ele teve que punir uns poucos.

Além do mais, como o povo havia rejeitado a proteção divina, toda a nação ficou exposta ao poder dos inimigos. Logo teriam caído como presa de seus poderosos adversários. Foi necessário, para o bem de Israel, que esse pecado fosse punido o mais rápido possível.

Não foi demonstrada menos misericórdia aos próprios pecadores que foram

eliminados, impedidos assim de seguir o seu mau caminho. Se a vida deles tivesse sido poupada, o mesmo espírito que os levou a se rebelarem contra Deus teria resultado em ódio e conflitos entre eles mesmos. Acabariam se destruindo uns aos outros.

Amor Semelhante ao de Cristo

Quando o povo começou a entender quão grande era a sua culpa, encheu-se de temor, receando que todos os ofensores fossem eliminados. Então Moisés prometeu interceder por eles diante de Deus mais uma vez.

"Vocês cometeram um grande pecado", disse ele. "Mas agora subirei ao Senhor, e talvez possa oferecer propiciação pelo pecado de vocês" (Êx 32:30). Em sua confissão diante de Deus, ele disse: "Ah, que grande pecado cometeu este povo! Fizeram para si deuses de ouro. Mas agora, eu Te rogo, perdoa-lhes o pecado; se não, risca-me do Teu livro que escreveste" (Êx 32:31, 32).

Na oração de Moisés, nossa mente é dirigida para os registros celestiais, nos quais estão inscritos os nomes de todos, e os seus atos fielmente registrados, quer sejam bons, quer sejam maus. O livro da vida contém os nomes de todos os que entregaram a vida a Deus. Se qualquer um desses continuou obstinadamente no pecado, endurecendo o coração contra a influência de Seu Santo Espírito, no juízo, seu nome será apagado do livro da vida.

Se o povo de Israel fosse rejeitado pelo Senhor, Moisés preferiria que não apenas o nome deles fossem apagados, mas também o seu; ele não suportaria ver os juízos de Deus caírem sobre aqueles que tinham sido tão miraculosamente libertos por Sua graça. A intercessão de Moisés por Israel ilustra a mediação de Cristo em favor dos pecadores. O Senhor não permitiu que Moisés carregasse a culpa do transgressor, como Cristo fez, e Ele respondeu a Moisés: "Riscarei do Meu livro todo aquele que pecar contra Mim" (Êx 32:33).

Em profunda tristeza, o povo sepultou os seus mortos. Três mil caíram ao fio da espada; pouco depois, uma praga invadiu o acampamento; e então veio até eles a mensagem de que a presença divina não mais os acompanharia em sua jornada: "Eu não irei com vocês, pois vocês são um povo obstinado, e Eu poderia destruí-los no caminho." Então Deus ordenou a Moisés que dissesse aos israelitas: "Agora tirem os seus enfeites, e Eu decidirei o que fazer com vocês" (Êx 33:3, 5). Em penitência e humilhação, "do monte Horebe em diante, os israelitas não usaram mais nenhum enfeite" (Êx 33:6).

Por ordem divina, a tenda que tinha servido como local temporário de culto foi levada para "fora do acampamento". Essa era mais uma prova de que Deus tinha retirado deles a Sua presença. O povo sentiu profundamente essa repreensão. Para as multidões que tinham a consciência pesada, parecia que uma grande calamidade estava sendo anunciada.

Apesar de tudo, não foram deixados sem esperança. A tenda foi armada fora do acampamento, e Moisés a chamou de "Tenda do Encontro" (Êx 33:7). Todos os que se sentiam verdadeiramente arrependidos e desejavam voltar para o Senhor eram orientados a ir até lá para confessarem os seus pecados e buscarem Sua misericórdia. Quando retornavam às suas tendas, Moisés entrava na Tenda do Encontro. O povo aguardava por algum sinal de que suas intercessões por eles fossem aceitas. Quando a coluna de nuvem desceu e permaneceu à entrada do tabernáculo, o povo chorou de alegria. "Todos prestavam adoração em pé, cada qual na entrada de sua própria tenda" (Êx 33:10).

A Necessária Ajuda de Deus

Moisés tinha aprendido que, para liderar o povo com êxito, ele deveria contar com a ajuda de Deus. Suplicou pela certeza da presença divina com eles: "Se me vês com agrado, revela-me os Teus propósitos, para que eu Te conheça e continue sendo aceito por Ti. Lembra-Te de que esta nação é o Teu povo" (Êx 33:13).

O Senhor respondeu: "Eu mesmo o acompanharei, e lhe darei descanso" (Ex 33:14). Ainda assim, Moisés não estava satisfeito. Ele orou para que o favor de Deus fosse restabelecido ao Seu povo e que o sinal visível de Sua presença continuasse a guiá-los em sua viagem: "Se não fores conosco, não nos envies. Como se saberá que eu e o Teu povo podemos contar com o Teu favor, se não nos acompanhares?" (Êx 33:15, 16).

Então o Senhor disse a Moisés: "Farei o que Me pede, porque tenho Me agradado de você e o conheço pelo nome." O profeta ainda não parou de suplicar. Ele fez um pedido que nenhum ser humano Lhe tinha feito antes: "Peço-Te que me mostres a Tua glória" (Êx 33:17, 18).

Moisés Vê a Glória de Deus

Em resposta ao pedido de Moisés, palavras cheias de graça foram pronunciadas: "Diante de você farei passar toda a Minha bondade" (Êx 33:19). Moisés foi chamado novamente para ir ao alto do monte. Então, a mão que fez o mundo, aquela mão "que transporta montanhas sem que elas o saibam" (Jó 9:5), tirou essa criatura do pó e o

colocou na fenda da rocha, enquanto a glória de Deus e toda a Sua bondade passavam diante dele.

Para Moisés, essa experiência foi a certeza de que tudo aquilo era infinitamente de maior valor para ele do que toda a sabedoria do Egito ou todas as suas realizações como estadista ou chefe militar. Nenhum poder, habilidade ou conhecimento terrenos pode tomar o lugar da permanente presença de Deus.

Moisés ficou sozinho na presença do Eterno e não teve medo, pois sua vida estava em harmonia com a vontade de seu Criador. "Se eu acalentasse o pecado no coração, o Senhor não me ouviria" (Sl 66:18). Todavia, "o Senhor confia os Seus segredos aos que O temem, e os leva a conhecer a Sua aliança" (Sl 25:14).

A Divindade passou por Moisés e proclamou sobre Si: "Senhor, Senhor, Deus compassivo e misericordioso, paciente, cheio de amor e de fidelidade, que mantém o Seu amor a milhares e perdoa a maldade, a rebelião e o pecado. Contudo, não deixa de punir o culpado" (Êx 34:6, 7).

"Imediatamente Moisés prostrou-se com o rosto em terra, e O adorou" (Êx 34:8). O Senhor bondosamente prometeu renovar Seu favor a Israel e fazer maravilhas como jamais tinham sido feitas "na presença de nenhum outro povo do mundo" (Êx 34:10). Durante todo esse tempo, assim como no princípio, Moisés foi miraculosamente sustentado. Por ordem de Deus, ele preparou duas tábuas de pedra e as levou com ele ao topo do monte; e uma vez mais o Senhor "escreveu nas tábuas as palavras da aliança: os Dez Mandamentos" (Êx 34:28, ver Apêndice, Nota 4).

O rosto de Moisés resplandecia com uma luz deslumbrante quando ele desceu do monte. Tanto Arão como o povo "tiveram medo de aproximar-se dele" (Êx 34:30). Ao ver como estavam com medo, transmitiu a eles a promessa de reconciliação com Deus. Ouviram em sua voz todo o amor e simpatia e, finalmente, um dos homens teve coragem para se aproximar dele. Muito admirado e sem conseguir falar, ele apontou silenciosamente para o rosto de Moisés e então para o Céu. O grande líder entendeu o que ele queria dizer. Conscientes de sua culpa, não poderiam suportar a luz celestial que os teria enchido de alegria se tivessem sido obedientes a Deus.

Moisés cobriu o rosto com um véu e continuou fazendo isso todas as vezes que voltava ao acampamento, depois de estar em comunhão com Deus.

Pela presença dessa brilhante luz, Deus tinha por objetivo impressionar Israel com o exaltado caráter de Sua lei e com a glória do evangelho revelado por meio de Cristo.

Enquanto Moisés estava no monte, Deus lhe apresentou não somente as tábuas da lei, mas também o plano da salvação. Ele viu o sacrifício de Cristo prefigurado em todos os tipos e símbolos da era judaica; e a luz celestial que irradiava do Calvário era nada menos do que a glória da lei de Deus que também brilhava no rosto de Moisés.

A glória que refletia no semblante de Moisés é uma prova de que, quanto mais íntima for a nossa comunhão com Deus e mais claro o conhecimento que temos de Seus preceitos, mais plenamente estaremos em harmonia com a imagem divina.

Assim como Moisés, o intercessor de Israel, escondeu o seu rosto, Cristo, o divino Mediador, também escondeu Sua divindade na humanidade quando veio à Terra. Se Ele tivesse vindo revestido do esplendor do Céu, seres humanos pecadores não suportariam a glória de Sua presença. Por isso, Ele Se humilhou e veio "à semelhança de homem pecador" (Rm 8:3), para que pudesse alcançar a raça caída e reerguê-la.

---

* Este capítulo é baseado em Êxodo 32-34.

O Ódio de Satanás Pela Lei de Deus

O primeiro esforço de Satanás para derrubar a lei de Deus – que ele iniciou entre os seres sem pecado no Céu – pareceu, por algum tempo, estar funcionando. Milhares de anjos foram seduzidos. O aparente triunfo de Satanás resultou em derrota e perda, separação de Deus e expulsão do Céu.

Quando o conflito foi reiniciado na Terra, parecia que Satanás havia obtido vantagem de novo. Por causa da transgressão, o homem se tornou seu prisioneiro. Parecia então estar aberto o caminho para Satanás estabelecer um reino independente e desafiar a autoridade não apenas de Deus, mas de Seu Filho. O plano da salvação permitiu que o homem voltasse a viver em harmonia com Deus.

Mais uma vez, Satanás foi derrotado; e, mais uma vez, ele recorreu ao engano com a esperança de converter a derrota em vitória. Procurou retratar Deus como injusto por ter permitido que nossos primeiros pais transgredissem a Sua lei. "Sendo que Deus sabia qual seria o resultado, por que Ele permitiu que Suas criaturas fossem colocadas à prova e trouxessem sofrimento e morte?" Os filhos de Adão, voluntariamente, deram ouvidos ao tentador e reclamaram contra o único Ser que poderia salvá-los do poder destruidor de Satanás.

Ainda hoje, muitas pessoas repetem a mesma queixa de revolta contra Deus. Não percebem que, se Deus privasse os seres humanos da liberdade de escolha, Ele os tornaria nada mais do que robôs. Assim como os habitantes de todos os outros mundos, nós devemos passar pela prova da obediência, mas nunca sermos colocados em uma posição em que seja necessário cedermos ao mal. Nenhuma tentação ou prova é permitida além do que somos capazes de suportar.

Com o crescimento da população, quase o mundo todo se uniu em rebelião. Era

como se Satanás tivesse conseguido sair vitorioso mais uma vez; porém, a Terra foi purificada de toda a sua contaminação moral por meio do dilúvio.

Por que Deus Escolheu Israel

Assim diz o profeta: "Ainda que se tenha compaixão do ímpio, ele não aprenderá a justiça; [...] e não vê a majestade do Senhor" (Is 26:10). Foi assim após o dilúvio. Os habitantes da Terra se rebelaram contra o Senhor. Era a segunda vez que o mundo rejeitava a aliança com Deus. Tanto o povo que viveu antes do dilúvio como os descendentes de Noé rejeitaram a autoridade divina. Deus então fez uma aliança com Abraão e escolheu para Si um povo a fim de que este se tornasse o guardador da Sua lei.

Satanás começou a armar suas ciladas para seduzir e destruir esse povo. Os filhos de Jacó foram tentados a se casar com pessoas idólatras e a adorar seus ídolos. Entretanto, a fidelidade de José foi um testemunho da verdadeira fé. Satanás lutou para apagar essa luz por meio da inveja dos irmãos de José, fazendo com que ele fosse vendido como escravo, mas a vontade de Deus prevaleceu.

Ao se manter fiel a Deus, tanto na casa de Potifar como na prisão, José foi educado e preparado para ocupar o cargo de primeiro-ministro da nação. Sua influência foi sentida em toda a terra do Egito e o conhecimento do verdadeiro Deus se espalhou amplamente até os lugares mais distantes. Os sacerdotes idólatras ficaram alarmados. Instigados por Satanás, em sua hostilidade para com o Deus do Céu, usaram de todos os meios para apagar essa luz.

Depois que Moisés fugiu do Egito, a idolatria voltou a prevalecer. Ano após ano, as esperanças dos israelitas iam se acabando. O povo e o rei zombavam do Deus de Israel. Esse espírito de oposição foi aumentando até o ponto em que se revelou por meio do confronto entre o Faraó e Moisés. Quando o líder hebreu se apresentou diante do rei com a mensagem enviada pelo "Senhor, o Deus de Israel", não foi por desconhecer o verdadeiro Deus, mas o desafio ao Seu poder que o inspirou a perguntar: "Quem é o Senhor, para que eu Lhe obedeça [...]? Não conheço o Senhor, e não deixarei Israel sair" (Êx 5:2). Do início ao fim, a oposição de Faraó foi motivada pelo ódio e o desafio.

Nos dias de José, o Egito tinha sido um refúgio para Israel. Deus foi honrado pela bondade demonstrada ao Seu povo, e então Aquele que é misericordioso e compassivo deu tempo para que cada juízo por Ele enviado realizasse a sua obra. Os egípcios tiveram a prova do poder de Jeová e todos os que quisessem poderiam se submeter a Deus e escapar de Seus juízos. A obstinação do rei apenas resultou no avanço do conhecimento do verdadeiro Deus e levou muitos egípcios a se entregarem a Ele.

A grande idolatria dos egípcios e sua crueldade durante a última parte da peregrinação dos hebreus em suas terras deveria ter feito os israelitas se afastarem da idolatria e os levado a fugir para o Deus de seus pais em busca de refúgio. Satanás cegou a mente deles, levando-os a imitar as práticas de seus senhores pagãos.

Ao chegar o tempo da libertação de Israel, Satanás se propôs a manter aquele povo, mais de dois milhões de pessoas, na ignorância, superstição, cegueira e escravidão para que pudesse apagar de sua mente a lembrança de Deus.

Quando Moisés realizou os prodígios diante do rei, Satanás tentou contrafazê-los e resistir à vontade de Deus. Isso apenas preparou o caminho para maiores demonstrações de Seu poder e de Sua glória.

Deus "fez o Seu povo sair cheio de júbilo, e Seus escolhidos com cânticos alegres [...] para que obedecessem aos Seus decretos e guardassem as Suas leis" (Sl 105:43, 45).

Durante o cativeiro no Egito, muitos israelitas tinham perdido grande parte do que conheciam sobre a lei de Deus e misturaram os princípios da lei com os costumes e tradições pagãos. O Senhor os levou até o Sinai e, de lá, Ele proclamou Sua lei.

Até mesmo enquanto Deus proclamava Sua lei no Sinai, Satanás estava preparando suas armadilhas para levar o povo a pecar. Ao conduzi-los à idolatria, destruiria o significado e a importância de todo o culto. Afinal, como pode o homem adorar aquilo que é representado por uma obra criada por ele mesmo? Se dessa maneira o povo se esquecesse de seu relacionamento com Deus e se prostrasse diante desses objetos repulsivos e insensíveis, então as más paixões do coração não teriam restrições e Satanás poderia controlá-los sem nenhum limite.

Ali mesmo, junto ao Sinai, Satanás deu início ao seu plano para abolir a lei de Deus, levando avante a mesma obra que havia começado no Céu. Durante os quarenta dias em que Moisés esteve no monte com Deus, Satanás ficou instigando a dúvida, a apostasia e a rebelião. Quando o líder do povo saiu da presença da glória divina com a lei à qual eles tinham prometido obedecer, encontrou o povo da aliança ajoelhado em adoração diante de uma imagem de ouro.

Satanás planejou destruir todo o povo. Como demonstraram estar completamente corrompidos, Satanás acreditava que o Senhor se afastaria deles. Assim estaria garantida a extinção da semente de Abraão, destinada a preservar o conhecimento do Deus vivo, da qual deveria vir a verdadeira Semente que deveria vencer Satanás. Entretanto, o grande rebelde mais uma vez foi derrotado. Enquanto aqueles que se

colocaram ao lado de Satanás foram eliminados, o povo, humilhado e arrependido, foi misericordiosamente perdoado. Todo o Universo foi testemunha das cenas do Sinai; todos viram o contraste entre o governo de Deus e o de Satanás.

O Verdadeiro Sinal de Lealdade

A reivindicação divina quanto à reverência e adoração acima de todos os deuses dos idólatras está baseada no fato de que Ele é o Criador. Assim diz o profeta Jeremias: "Mas o Senhor é o Deus verdadeiro [...]. Foi Deus quem fez a Terra com o Seu poder, firmou o mundo com a Sua sabedoria e estendeu os céus com o Seu entendimento. [...] Esses homens são todos estúpidos e ignorantes; cada ourives é envergonhado pela imagem que esculpiu. Suas imagens esculpidas são uma fraude, elas não têm fôlego de vida. São inúteis, são objetos de zombaria. Quando vier o julgamento delas, perecerão" (Jr 10:10, 12, 14, 15). O sábado, como um memorial do poder criador de Deus, aponta para Ele como Aquele que fez o Céu e a Terra. É uma testemunha constante de Sua grandeza, sabedoria e amor. Se o sábado tivesse sido sempre observado como um tempo sagrado, nunca teria existido um ateu ou um idólatra.

O sábado se originou no Éden; é tão antigo como o próprio mundo e foi observado por todos os patriarcas, desde a criação. Quando a lei foi proclamada no Sinai, as primeiras palavras do quarto mandamento foram: "Lembra-te do dia de sábado para santificá-lo" (Êx 20:8), mostrando que o sábado não foi colocado como dia de guarda nessa época. Ele nos aponta para a sua origem na criação. O objetivo de Satanás era derrubar esse grande memorial. Se os homens pudessem ser levados a se esquecer de seu Criador, não fariam esforços para resistir ao poder do mal e Satanás os faria seus prisioneiros.

O ódio de Satanás para com a lei de Deus o levou a fazer guerra contra cada um dos Dez Mandamentos. O desprezo à autoridade dos pais logo conduz para a desobediência à autoridade de Deus; por isso, Satanás tem se esforçado para diminuir a obrigação imposta pelo quinto mandamento. Em muitas nações pagãs, os pais eram abandonados ou mortos assim que se tornassem incapazes de cuidar de si mesmos. A mãe era tratada com pouco respeito e, quando o marido morria, tinha que se submeter à autoridade do filho mais velho. Moisés ordenou a obediência dos filhos e filhas; mas, ao Israel se afastar do Senhor, o quinto mandamento, assim como os outros, passou a ser desrespeitado.

Satanás "foi homicida desde o princípio" (Jo 8:44), e assim que conseguiu dominar a raça humana, não somente tentou os homens a se odiarem e matarem uns aos

outros, mas tornou a violação do sexto mandamento uma parte de sua religião.

As nações pagãs foram levadas a crer que os sacrifícios humanos eram necessários para que eles conseguissem o favor de seus deuses, e os atos mais terríveis de crueldade foram cometidos sob as várias formas de idolatria. Entre elas estava o costume de fazer seus filhos passarem pelo fogo diante de seus ídolos. Quando um deles saía sem danos, o povo acreditava que suas ofertas tinham sido aceitas. Consideravam que aquele que tinha conseguido se livrar era favorecido pelos deuses. Esse filho passava a receber uma série de benefícios e era muito respeitado a partir de então. Por mais terríveis que fossem os seus crimes, nunca recebia qualquer punição. Por outro lado, se um filho fosse queimado ao passar pelo fogo, sua sorte estava selada; a ira dos deuses somente seria aplacada tirando a vida da vítima. Em tempos de grande apostasia essas horríveis práticas pecaminosas chegaram a ser praticadas pelos israelitas.

A transgressão do sétimo mandamento também foi praticada logo no início, em nome da religião. Ritos sexuais pervertidos e baixos se tornaram parte do culto pagão. Os próprios deuses eram representados como sendo impuros, e seus adoradores davam rédeas às mais baixas paixões. As festas religiosas eram caracterizadas por atos de impureza praticados abertamente.

A poligamia foi um dos pecados que trouxeram a ira de Deus sobre o mundo antediluviano. Ainda assim, após o dilúvio, a poligamia se tornou generalizada. Por meio de esforços calculados, Satanás buscava perverter a instituição do casamento, enfraquecer suas obrigações e minimizar a sua santidade. Não existia maneira mais segura pela qual ele pudesse desfigurar a imagem de Deus no ser humano e abrir as portas para o sofrimento e a imoralidade.

Deus Vencerá a Batalha

Multidões dão ouvidos aos enganos de Satanás e se colocam em oposição a Deus. Mesmo em meio à operação do mal, os propósitos de Deus avançam para o seu cumprimento. O Senhor está revelando sua justiça e benevolência a todos os seres inteligentes por Ele criados. Toda a raça humana se tornou transgressora da lei de Deus. Ainda assim, pelo sacrifício de Seu filho, todos podem se voltar para Deus. Por meio da graça de Cristo, são capacitados a obedecer à lei do Pai. Ao longo dos séculos, Deus tem reunido um povo que, conforme Ele afirma, "tem a Minha lei no coração" (Is 51:7).

A maneira como Deus lida com a rebelião irá desmascarar a obra que tem continuado encoberta por tanto tempo. Os resultados de se colocar de lado os preceitos

divinos estarão inequívocos diante de todos os seres inteligentes criados. A lei de Deus será reivindicada. Na presença de todo o Universo como testemunha, o próprio Satanás confessará a justiça do governo de Deus e a imparcialidade da Sua lei.

Os terrores do Sinai deveriam representar as cenas do juízo para o povo. O som da trombeta convocava Israel para se encontrar com Deus. A voz do Arcanjo e a trombeta de Deus convocarão os vivos e os mortos de toda a Terra para estarem diante da presença de seu Juiz. No grande dia do juízo, Cristo virá "na glória de Seu Pai, com Seus anjos" (Mt 16:27). Todas as nações estarão reunidas diante de Sua presença.

Quando Cristo vier em glória com Seus santos anjos, toda a Terra será iluminada com a extraordinária luz de Sua presença. "Nosso Deus vem! Certamente não ficará calado! À Sua frente vai um fogo devorador, e, ao Seu redor, uma violenta tempestade. Ele convoca os altos Céus e a Terra, para o julgamento de Seu povo" (Sl 50:3, 4). "Isso acontecerá quando o Senhor Jesus for revelado lá dos Céus, com os Seus anjos poderosos, em meio às chamas flamejantes. Ele punirá os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus" (2Ts 1:7, 8).

Quando Moisés saiu da presença divina, no monte, o Israel culpado não suportava a luz que glorificava o seu rosto. Muito menos os pecadores poderão olhar para o Filho de Deus quando Ele aparecer na glória de Seu Pai, rodeado por todos os Seus santos anjos, para executar o juízo sobre os transgressores da Sua lei e aqueles que rejeitaram a obra de expiação feita por Ele. "Então os reis da Terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos" – se esconderão "em cavernas e entre as rochas das montanhas" e dirão às montanhas e às rochas: "Caiam sobre nós e escondam-nos da face dAquele que está assentado no trono. [...] Pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?" (Ap 6:15-17).

Satanás tem defendido que bons resultados poderiam vir com a transgressão, mas ficará constatado que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6:23). "'Pois certamente vem o dia, ardente como uma fornalha. Todos os arrogantes e todos os malfeitores serão como palha, e aquele dia, que está chegando, ateará fogo neles', diz o Senhor dos Exércitos. 'Não sobrará raiz ou galho algum'" (Ml 4:1).

Em meio à tempestade do juízo divino, os filhos de Deus não terão motivos para temer. "O Senhor será um refúgio para o Seu povo, uma fortaleza para Israel" (Jl 3:16).

O grande plano da redenção tem o propósito de trazer o mundo de volta ao favor de Deus. Tudo o que foi perdido pelo pecado será restaurado. Não somente a raça

humana será restaurada, mas toda a Terra, para se tornar o lar eterno daqueles que foram obedientes. Então se cumprirá o propósito original de Deus na criação. “Os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para sempre; sim, para todo o sempre” (Dn 7:18).

Os sagrados mandamentos de Deus, aos quais Satanás demonstrou toda a sua oposição, agressividade e procurou destruir, serão honrados por todo o Universo sem pecado. “Assim o Soberano, o Senhor, fará nascer a justiça e o louvor diante de todas as nações” (Is 61:11).

A Habitação de Deus em Israel*

A ordem foi dada a Moisés enquanto ele estava no monte com Deus: "E farão um santuário para Mim, e Eu habitarei no meio deles" (Êx 25:8). Ele recebeu todas as orientações necessárias para a construção do tabernáculo. Por causa de sua apostasia, os israelitas não tinham mais direito à bênção da presença divina; contudo, quando foram aceitos por Deus novamente, o grande líder levou avante a ordem divina.

O próprio Deus entregou a Moisés o projeto para o santuário, com instruções quanto ao seu tamanho, forma, os materiais a serem empregados e cada peça dos móveis que deveria conter. Os lugares santos, feitos à mão, eram uma "representação do verdadeiro", "cópias das coisas que estão nos Céus" (Hb 9:23), uma representação em miniatura do templo celestial onde Cristo, o nosso grande Sumo Sacerdote, deveria ministrar em favor do pecador. Deus deu a Moisés uma visão do santuário celestial e ordenou que fizesse tudo de acordo com o modelo que lhe foi apresentado.

Para a construção do santuário, foi necessária uma grande quantidade dos mais preciosos materiais. No entanto, o Senhor aceitava apenas aqueles que eram ofertados voluntariamente.

Todo o povo respondeu ao apelo. "E todos os que estavam dispostos, cujo coração os impeliu a isso, trouxeram uma oferta ao Senhor para a obra da Tenda do Encontro. [...] Todos os que se dispuseram, tanto homens como mulheres, trouxeram joias de ouro de todos os tipos: broches, brincos, anéis e ornamentos" (Êx 35:21, 22).

Enquanto o santuário estava sendo construído, homens, mulheres e crianças continuaram trazendo suas ofertas até que os responsáveis pelo trabalho acharam que

já tinham muito mais do que poderiam usar. "Então Moisés ordenou que fosse feita esta proclamação em todo o acampamento: 'Nenhum homem ou mulher deverá fazer mais nada para ser oferecido ao santuário'" (Êx 36:6). A dedicação, zelo e liberalidade dos israelitas são um exemplo digno de ser imitado. Todos os que amam o culto a Deus manifestarão o mesmo espírito de sacrifício na preparação de uma casa onde o Senhor possa se encontrar com eles. Deveríamos doar o necessário para a realização do trabalho de forma espontânea, para que os construtores possam dizer como aqueles que construíam o tabernáculo: "Não tragam mais ofertas!"

O tabernáculo era pequeno, com não mais de vinte metros de comprimento e seis de largura e seis de altura. No entanto, era uma estrutura magnífica. A madeira era de acácia, menos sujeita a se deteriorar que qualquer outra que pudesse ser encontrada na região do Sinai. As paredes eram feitas de tábuas verticais, com encaixes de prata, e sustentadas firmemente por colunas e armações para encaixe. Revestidas de ouro, davam a aparência de ouro maciço.

Dois Compartimentos, Duas Fases

O edifício era dividido em dois compartimentos por um belo véu, e outro véu semelhante vedava a entrada do primeiro compartimento. Eram confeccionados nas mais belas cores – azul, púrpura e escarlata – com querubins trabalhados em fios de ouro e prata que representavam a hoste angélica.

A tenda sagrada estava rodeada por um espaço descoberto, chamado de pátio. A entrada ficava na extremidade oriental, fechada por cortinas de bela confecção, mas inferiores às do santuário. O edifício podia ser visto pelo povo do lado de fora. No pátio, próximo à entrada, ficava o altar de bronze para as ofertas queimadas, ou holocaustos. Sobre esse altar eram queimados todos os sacrifícios feitos com fogo ao Senhor, e suas pontas eram aspergidas com o sangue expiatório. Entre o altar e a porta do tabernáculo estava a pia, que também era de cobre, feita com os espelhos que tinham sido ofertas voluntárias doadas pelas mulheres de Israel. Na pia, os sacerdotes deveriam lavar as mãos e os pés, toda vez que entravam no tabernáculo sagrado ou se aproximavam do altar para oferecer uma oferta queimada ao Senhor. No primeiro compartimento do tabernáculo, o lugar santo, estavam a mesa dos pães da presença – também chamados de pães da proposição –, o candelabro e o altar de incenso. A mesa dos pães ficava do lado norte; era revestida de ouro puro. Nessa mesa, a cada sábado, os sacerdotes colocavam doze pães, em duas pilhas. No lado sul ficava o candelabro com sete lâmpadas. Os braços do candelabro eram decorados com flores artisticamente trabalhadas, todas confeccionadas em uma só peça de ouro maciço. As lâmpadas nunca

eram apagadas todas ao mesmo tempo, para que o ambiente ficasse iluminado dia e noite.

Bem em frente ao véu que separava o lugar santo do lugar santíssimo, e local da presença de Deus, estava o altar de incenso, todo revestido de ouro. Toda manhã e toda tarde, o sacerdote deveria queimar incenso sobre o altar; no grande Dia da Expiação, suas pontas eram tocadas com sangue da oferta pelo pecado e também era aspergido com sangue. O fogo desse altar tinha sido aceso pelo próprio Deus. Dia e noite o santo incenso espalhava seu perfume por esses compartimentos sagrados, e também poderia ser sentido do lado de fora, ao redor do tabernáculo.

Além do véu interior, estava o santo dos santos, o ponto central da cerimônia simbólica da expiação e intercessão, o elo de ligação entre o Céu e a Terra. Nesse compartimento estava a arca, revestida de ouro por dentro e por fora, contendo as duas tábuas de pedra com os Dez Mandamentos. Era chamada "a arca do testemunho" ou "arca da aliança", por serem os Dez Mandamentos a base da aliança feita entre Deus e Israel.

A cobertura da arca era chamada de propiciatório. Era feita de uma peça de ouro maciço, com dois querubins sobre ela, um de cada lado, também de ouro maciço. A posição dos querubins, com o rosto voltado um para o outro, e olhando reverentemente para baixo, na direção da arca, representava a reverência que a hoste celestial tem para com a lei de Deus e o seu interesse no plano da redenção.

Na parte de cima do propiciatório estava o *shekinah,* a manifestação da presença divina. Quando necessário, mensagens divinas eram comunicadas ao sumo sacerdote por uma voz que vinha de dentro da nuvem.

A lei de Deus, que estava dentro da arca, era a grande regra de justiça e juízo. Essa lei condenava o transgressor à morte; mas, acima da lei, estava o propiciatório. Por meio da obra expiatória, era concedido o perdão ao pecador arrependido. "O amor e a fidelidade se encontrarão; a justiça e a paz se beijarão" (Sl 85:10).

Pálido Reflexo da Glória Celestial

Linguagem alguma é capaz de descrever a glória do cenário apresentado dentro do santuário. As paredes revestidas de ouro que refletiam a luz vinda do candelabro dourado; a mesa e o altar de incenso, que brilhavam com o ouro, além do segundo véu, a arca sagrada, e sobre ela o santo *shekinah,* a manifestação da presença de Jeová – tudo era nada mais que um pálido reflexo das glórias do templo de Deus no Céu, o grande

centro da obra realizada em favor da nossa redenção.

A construção do tabernáculo foi realizada em aproximadamente meio ano. Quando foi finalizada, Moisés examinou todo o trabalho dos construtores "e viu que tinham feito tudo como o Senhor tinha ordenado. Então Moisés os abençoou" (Êx 39:43). O povo de Israel se juntou ao redor para ver a sagrada obra construída. A coluna de nuvem se moveu e parou sobre o santuário, "e a glória do Senhor encheu o tabernáculo" (Êx 40:34). Houve uma revelação da majestade divina e, por algum tempo, nem mesmo Moisés pôde entrar ali. Com profunda emoção, o povo contemplou admirado o sinal de que Deus havia aceitado a obra das suas mãos. Um solene temor repousava sobre todos. A alegria que sentiam em seu coração transbordava em lágrimas. Deus havia consentido em ir morar com eles.

Nos dias de Abraão, o sacerdócio era considerado um direito do filho mais velho. A partir dessa época, em lugar do filho mais velho, o Senhor aceitou a tribo de Levi para realizar a obra do santuário. No entanto, somente a Arão e seus filhos era permitido servir como reais sacerdotes diante do Senhor; os demais que pertenciam à tribo eram encarregados das responsabilidades do tabernáculo e de seu mobiliário.

Os sacerdotes usavam uma vestimenta especial. A veste do sacerdote comum era de linho branco, tecida em uma só peça, amarrada à cintura por um cinto branco, também de linho, bordado em azul, púrpura e vermelho. Na cabeça, usava um turbante de linho, ou mitra, completando seu traje exterior. Os sacerdotes deveriam deixar seus sapatos no pátio, antes de entrarem no santuário, e também lavar as mãos e os pés antes de iniciarem as solenidades no tabernáculo. Dessa maneira, ficava clara a lição de que aqueles que se aproximassem da presença de Deus deveriam remover toda contaminação.

As vestes do sumo sacerdote foram feitas com muita dedicação e cuidado, usando tecidos, metais e pedras de grande valor. Assim representavam a elevada posição que ocupava. Além do traje de linho usado pelo sacerdote comum, ele usava uma vestimenta azul, também confeccionada em uma só peça. Em toda a volta, a barra era decorada com campainhas de ouro e romãs nas cores azul, púrpura e escarlate. O éfode, uma veste mais curta, era preso por um cinto com as mesmas cores. O éfode não tinha mangas e em suas ombreiras bordadas em ouro eram colocadas duas pedras de ônix, que traziam os nomes das doze tribos de Israel.

Sobre o éfode estava o peitoral, colocado sobre os ombros e preso por um cordão azul. As bordas eram formadas de várias pedras preciosas, as mesmas que formam os

doze fundamentos da cidade de Deus. O Senhor declarou: "Toda vez que Arão entrar no Lugar Santo, levará os nomes dos filhos de Israel sobre o seu coração no peitoral de decisões, como memorial permanente perante o Senhor" (Êx 28:29). Assim, Cristo, o grande Sumo Sacerdote, ao pleitear, com Seu sangue, em favor do pecador, traz sobre o coração o nome de todo crente arrependido.

À direita e à esquerda do peitoral havia duas grandes pedras conhecidas como Urim e Tumim. Quando levavam questões perante o Senhor para serem decididas, se a pedra da direita ficasse iluminada, era um sinal do consentimento ou aprovação de Deus e, se uma nuvem cobrisse a pedra à esquerda, era prova de negação ou reprovação.

Todas as coisas ligadas à roupa e às vestes dos sacerdotes tinham por objetivo impressionar o povo com a santidade de Deus e a pureza requerida daqueles que iam à Sua presença.

Prefiguração das Coisas Celestiais

Não somente o santuário, mas o ministério dos sacerdotes eram uma "cópia e sombra daquele que está nos Céus" (Hb 8:5). O ministério consistia de duas partes: um ministério diário e outro anual. O ministério diário era realizado no altar dos holocaustos, no pátio do tabernáculo e no lugar santo; o ministério anual era realizado no lugar santíssimo.

Nenhum olho mortal, a não ser o do sumo sacerdote, deveria ver o compartimento interno do santuário. Somente uma vez ao ano, o sumo sacerdote poderia entrar ali. Em reverente silêncio o povo aguardava a sua volta, elevando em seu coração fervorosas orações pelas bênçãos divinas. Diante do propiciatório, o sacerdote fazia a expiação por Israel, e Deus, na nuvem de glória, encontrava-Se com ele. Se o sumo sacerdote demorasse mais do que de costume, o povo se enchia de temor por causa dos próprios pecados ou por causa do próprio sacerdote, pois ele poderia ter sido morto pela glória do Senhor.

O Ministério Diário

Toda manhã e toda tarde, um cordeiro de um ano era queimado sobre o altar, simbolizando a consagração diária da nação e sua constante dependência do sangue expiatório de Cristo. Somente "uma oferta sem mácula" poderia ser um símbolo da perfeita pureza de Jesus, que Se ofereceria como "um cordeiro sem mancha e sem defeito" (1Pe 1:19). O apóstolo Paulo diz: "Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este

é o culto racional de vocês" (Rm 12:1). Aqueles que O amam de todo o coração desejarão prestar a Ele o melhor serviço de sua vida e buscarão colocar toda a força de seu ser em harmonia com a vontade divina.

Quando o sacerdote oferecia o incenso, era levado mais diretamente à presença de Deus do que em qualquer outro ato do ministério diário. A glória de Deus, que se manifestava sobre o propiciatório, ficava parcialmente visível no primeiro compartimento. Ao oferecer o incenso perante o Senhor, o sacerdote olhava na direção da arca e, quando a glória divina descia sobre o propiciatório, enchia o lugar santíssimo, ou muitas vezes os dois compartimentos, e o sacerdote tinha que ir para a porta do tabernáculo. Assim como o sacerdote olhava com fé para o propiciatório, que ele não poderia ver, o povo de Deus hoje deve dirigir suas orações a Cristo, o grande Sumo Sacerdote que intercede em seu favor no santuário celestial.

O incenso representa os méritos e a intercessão de Cristo, Sua perfeita justiça que, pela fé, é atribuída ao Seu povo, e é somente ela que torna aceitável a Deus o culto de seres pecadores. Deveriam se aproximar de Deus por meio do sangue e do incenso – símbolos que apontavam para o grande Mediador, por meio de quem unicamente a misericórdia e a salvação poderiam ser concedidas ao pecador arrependido.

Quando os sacerdotes entravam no lugar santo pela manhã e à tarde, o sacrifício diário estava pronto para ser oferecido sobre o altar, no pátio. Essa era uma ocasião de grande interesse; os adoradores reunidos junto ao tabernáculo deveriam examinar o coração e confessar os seus pecados. Suas petições subiam com a nuvem de incenso, enquanto, pela fé, recebiam os méritos do Salvador prometido, representado pelo sacrifício expiatório. Tempos depois, quando os judeus foram espalhados como escravos em terras distantes, ainda voltavam o rosto para Jerusalém na hora do sacrifício e elevavam suas orações ao Deus de Israel. Os cristãos veem nesse costume um exemplo para a oração da manhã e da noite. Deus contempla com grande prazer aqueles que se curvam pela manhã e à noite para buscar o perdão e apresentar os pedidos de bênçãos de que necessitam.

Os pães da presença eram uma oferta perpétua, que faziam parte do sacrifício diário. Estavam sempre na presença do Senhor (Êx 25:30), como reconhecimento da dependência de Deus, tanto para o alimento físico como para o espiritual, recebidos somente pela mediação de Cristo. Deus alimentou Israel com o pão do Céu, e ainda dependiam de Sua generosidade, tanto para o alimento físico como para as bênçãos espirituais. O maná e o pão da presença apontavam para Cristo, o Pão vivo. Ele mesmo disse: "Eu sou o Pão vivo que desceu do Céu" (Jo 6:51). Os pães eram removidos cada

sábado e substituídos por pães novos.

A parte mais importante do ministério diário era a cerimônia em favor daquele que pecou. O pecador arrependido trazia a sua oferta à porta do tabernáculo e, colocando a mão sobre a cabeça da vítima, confessava seus pecados, transferindo-os assim, de maneira simbólica, para a vítima inocente que seria sacrificada. Depois o animal era morto pelas mãos de seu dono, então o sacerdote levava o sangue até o lugar santo e o aspergia diante do véu, atrás do qual estava a arca contendo a lei que o pecador transgrediu. Com essa cerimônia, por meio do sangue, o pecado era transferido simbolicamente para o santuário. Em alguns casos, o sangue não era levado para o lugar santo (ver Apêndice, Nota 5), mas a carne era comida pelo sacerdote, conforme a orientação de Moisés, que disse: "Foi-lhes dada para retirar a culpa da comunidade" (Lv 10:17). As duas cerimônias simbolizavam a transferência do pecado do pecador arrependido para o santuário.

Essa cerimônia era realizada dia após dia, em todos os dias do ano. À medida que os pecados de Israel eram transferidos para o santuário, os lugares santos ficavam contaminados, e era necessária uma cerimônia especial para removê-los. Deus ordenou que fosse feita uma obra de expiação, ou purificação, para cada um dos compartimentos sagrados, assim como pelo altar, para "purificá-lo e santificá-lo das impurezas dos israelitas" (Lv 16:19).

Uma vez ao ano, no grande dia da expiação, o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo para realizar a purificação do santuário. Ele levava dois bodes para a porta do tabernáculo e lançava sortes sobre eles, "uma para o Senhor e a outra para Azazel" [ou bode emissário] (Lv 16:8). O bode sobre o qual caía a primeira sorte deveria ser morto como oferta pelos pecados do povo. O sacerdote levava o sangue para dentro do véu e o aspergia sobre o propiciatório. "Assim fará propiciação pelo lugar santíssimo por causa das impurezas e das rebeliões dos israelitas, quaisquer que tenham sido os seus pecados. Fará o mesmo em favor da Tenda do Encontro" (Lv 16:16).

"Então colocará as duas mãos sobre a cabeça do bode vivo e confessará todas as iniquidades e rebeliões dos israelitas, todos os seus pecados, e os porá sobre a cabeça do bode. Em seguida enviará o bode para o deserto aos cuidados de um homem designado para isso. O bode levará consigo todas as iniquidades deles para um lugar solitário" (Lv 16:21, 22). Até que o bode fosse enviado, o povo não deveria se considerar livre do fardo de seus pecados. Todo o Israel ficaria esperando, de coração humilde e contrito, enquanto era realizada a obra da expiação. Todo trabalho precisava ser deixado e a congregação inteira deveria passar o dia em solene humilhação diante de Deus, com

oração, jejum e profundo exame de coração.

Verdades Ensinadas pelo Dia da Expiação

Essa cerimônia anual ensinava importantes verdades a respeito da obra de expiação. Nas ofertas pelo pecado, apresentadas durante o ano, um substituto seria aceito em lugar do pecador, mas o sangue da vítima não fazia a expiação completa pelo pecado. Provia apenas o meio pelo qual o pecado era transferido para o santuário. Pela oferta do sangue, o pecador confessava a culpa de sua transgressão e expressava fé nAquele que tiraria o pecado do mundo. Mesmo assim, o pecador não estava inteiramente livre da condenação da lei. No dia da expiação, o sumo sacerdote, após ter oferecido um sacrifício pela congregação, dirigia-se ao lugar santíssimo com o sangue e o aspergia sobre o propiciatório, que estava acima das tábuas da lei.

Dessa forma eram satisfeitas as reivindicações da lei que exigia a vida do pecador. Então, em sua posição de mediador, o sacerdote tomava sobre si os pecados e, ao sair do santuário, levava com ele todo o peso da culpa de Israel. Colocava suas mãos sobre a cabeça do bode emissário e confessava "todas as iniquidades e rebeliões dos israelitas, todos os seus pecados" (Lv 16:21). Quando o bode era enviado dali, esses pecados eram considerados separados do povo para sempre. Essa cerimônia era realizada como uma "cópia e sombra daquele que está nos Céus" (Hb 8:5).

O Santuário Celestial

O santuário terrestre era "uma ilustração para os nossos dias" do local em que as ofertas e sacrifícios são oferecidos; esses dois lugares santos eram "cópias das coisas que estão nos céus" (Hb 9:9, 23). Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, "serve no santuário, no verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem" (Hb 8:2).

O apóstolo João recebeu uma visão do templo de Deus no Céu. Nessa visão, viu que "diante dEle estavam acesas sete lâmpadas de fogo". Ele viu um anjo "que trazia um incensário de ouro. [...] A ele foi dado muito incenso para oferecer com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro diante do trono" (Ap 4:5; 8:3). O profeta teve permissão para ver o primeiro compartimento do santuário celestial. Novamente, "foi aberto o santuário de Deus nos Céus", e ele olhou para além do véu, no santo dos santos. Ali, ele viu "a arca da Sua aliança" (Ap 11:19), representada pelo recipiente sagrado construído por Moisés para conter a lei de Deus.

Paulo declara que "o tabernáculo e todos os utensílios das suas cerimônias", quando completos, são "cópias das coisas que estão nos Céus" (Hb 9:21, 23). João diz que viu o

santuário no Céu. Aquele santuário em que Jesus ministra em nosso favor é o grande santuário original. O santuário construído por Moisés era uma cópia do santuário celestial.

O santuário terrestre e todo o seu cerimonial tinham por objetivo ensinar as importantes verdades relacionadas ao santuário celestial e à obra realizada em prol da redenção do homem.

Depois de Sua ascensão, nosso Salvador deveria iniciar Sua obra como nosso Sumo Sacerdote. "Pois Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; Ele entrou nos Céus, para agora se apresentar diante de Deus em nosso favor" (Hb 9:24).

O ministério sacerdotal de Cristo consistia de duas grandes divisões, cada uma ocupando um período de tempo e tendo um lugar distinto no santuário celestial. O ministério terrestre, um símbolo do ministério celestial, consistia de duas divisões – o serviço diário e o anual – e a cada um era destinado um compartimento do tabernáculo.

Quando subiu ao Céu, Cristo ficou diante da presença de Deus para interceder, com Seu sangue, em favor daqueles que creram e se arrependeram. Como símbolo da Sua intercessão, no serviço diário, o sacerdote aspergia o sangue do sacrifício no lugar santo, em favor do pecador.

Embora o sangue de Cristo tenha o poder de libertar o pecador arrependido da condenação da lei, isso não apaga o pecado que fica registrado no santuário até a expiação final. Da mesma forma, nos cerimoniais simbólicos do santuário terrestre, o sangue da oferta removia o pecado do penitente, mas ele permanecia no santuário até o dia da expiação.

No grande dia do juízo final, os mortos serão "julgados segundo o que estava registrado nos livros" (Ap 20:12). Então os pecados de todos aqueles que se arrependeram serão eliminados dos livros do Céu. Assim, o santuário está livre, ou purificado, do registro do pecado. Nos serviços simbólicos do santuário terrestre, essa grande obra realizada para apagar os pecados era representada pelas cerimônias do dia da expiação, a purificação do santuário pela remoção dos pecados que o contaminavam.

Na expiação final, os pecados daqueles que se arrependeram serão apagados dos registros do Céu, para nunca mais ser lembrados. Assim também, no cerimonial simbólico, os pecados eram levados para o deserto e separados para sempre da

congregação.

Como Satanás é o único responsável por todos os pecados que causaram a morte do Filho de Deus, a justiça exige que ele sofra a punição final. A obra de Cristo para a redenção de homens e mulheres e para a purificação do Universo da contaminação do pecado estará encerrada quando os pecados forem colocados sobre Satanás, que receberá a condenação final. Igualmente, o ciclo anual do cerimonial simbólico também se encerrava com a purificação do santuário e confissão dos pecados sobre a cabeça do bode emissário.

Nos serviços do tabernáculo, o povo era ensinado todos os dias a respeito das grandes verdades relacionadas à morte de Cristo e Seu ministério no santuário celestial. Uma vez ao ano, a mente de todos era levada a contemplar os acontecimentos finais do grande conflito entre Cristo e Satanás, a purificação final do Universo tanto do pecado como de pecadores.

---

* Este capítulo é baseado em Êxodo 25-40; Levítico 4; 16.

O Pecado de Nadabe e Abiú*

Depois da dedicação do tabernáculo, os sacerdotes foram consagrados à sua sagrada função. Essas cerimônias duraram sete dias; no oitavo dia, Arão ofereceu os sacrifícios que Deus ordenou, e revelou a Sua glória de maneira surpreendente – fogo desceu do céu e consumiu a oferta que estava sobre o altar. Em uma só voz, o povo se ergueu em aclamações de louvor e adoração, curvando-se com o rosto em terra.

Pouco tempo depois, uma terrível calamidade caiu sobre a família de Arão, o sumo sacerdote. Seus dois filhos pegaram cada um o seu incensário e queimaram incenso neles, como cheiro suave perante o Senhor. Eles transgrediram a ordem de Deus ao utilizarem "fogo profano". Pegaram o fogo comum e não o fogo sagrado provido pelo próprio Deus. Por causa desse pecado, desceu fogo do Senhor e os devorou diante de todo o povo.

Abaixo de Moisés e Arão, Nadabe e Abiú eram os que ocupavam posição mais elevada em Israel. Assim como os setenta anciãos, eles haviam sido honrados de modo especial pelo Senhor por terem recebido permissão para contemplar a Sua glória no monte. Tudo isso tornou o pecado deles mais grave. As pessoas que recebem maior luz e, como os príncipes de Israel, sobem o monte, recebendo o privilégio de manter comunhão com Deus na luz de Sua glória, não devem pensar que podem pecar sem sofrer as consequências e que Deus não irá punir com rigor o seu pecado. Grandes privilégios requerem santidade e integridade à altura da luz recebida. Grandes bênçãos jamais dão permissão para pecar.

Nadabe e Abiú não foram ensinados a ter domínio próprio. A falta de firmeza de seu pai o levou a ser desleixado com a disciplina dos filhos. Permitiu que seus filhos

seguissem a própria vontade. Eles se acostumaram tanto a fazer o que bem entendiam que nem mesmo o desempenho da função mais sagrada teve o poder de interromper seus hábitos errados. Eles não compreenderam a necessidade da estrita obediência às ordens de Deus. A equivocada tolerância de Arão para com seus filhos os levou a se tornarem alvos dos juízos divinos.

Obediência Parcial não é Aceita

Deus não aceita uma obediência parcial. Não era o bastante que nessa hora solene, *quase* tudo estivesse de acordo com as Suas instruções. Ninguém se engane em pensar que qualquer uma das ordens de Deus não seja tão essencial ou que Ele aceitará outra coisa no lugar daquilo que determinou. Deus não pôs em Sua Palavra ordem alguma que possamos obedecer ou desobedecer, de acordo com a nossa vontade, e não sofrer as consequências.

"Então Moisés disse a Arão e a seus filhos Eleazar e Itamar: 'Não andem descabelados, nem rasguem as roupas em sinal de luto, senão vocês morrerão [...], porquanto o óleo da unção do Senhor está sobre vocês'" (Lv 10:6, 7). O grande líder lembrou ao seu irmão as palavras do Senhor: "À vista de todo o povo glorificado serei" (Lv 10:3). Arão ficou em silêncio. A morte de seus filhos por tão terrível pecado – ele percebeu que aquele pecado era o resultado da negligência dele mesmo ao seu dever – esmagava de angústia o coração do pai. Ele não deveria deixar transparecer, por qualquer demonstração de tristeza, que simpatizava com o pecado. A congregação não poderia ser levada a achar que a falha estava com Deus.

O Senhor desejava ensinar Seu povo a reconhecer a justiça de Suas correções para que outros também temessem. Deus reprova aquela falsa simpatia que tenta desculpar o pecado. Aqueles que erram não conseguem entender a enormidade de sua transgressão e, sem o poder do Espírito Santo para convencê-los, ficam quase cegos em relação ao seu pecado. Os servos de Cristo têm o dever de mostrar aos que erram o perigo que correm. Muitos são levados à ruína como resultado dessa falsa e enganosa simpatia.

Nadabe e Abiú jamais teriam cometido aquele pecado fatal se antes não estivessem sob o efeito do vinho que tomavam livremente. Por sua intemperança, não estavam mais qualificados para o desempenho da função sagrada. Tinham a mente confusa e as percepções morais tão adormecidas que não conseguiam fazer a diferença entre o sagrado e o comum. Deus fez então uma advertência a Arão e aos seus dois filhos vivos: "Você e seus filhos não devem beber [...] antes de entrar na Tenda do Encontro, senão

vocês morrerão" (Lv 10:9). O uso de bebidas alcoólicas impede as pessoas de compreenderem a santidade das coisas sagradas ou o valor das exigências feitas por Deus. Todos aqueles que ocupavam posições de responsabilidade deveriam ser muito temperantes a fim de manter a mente clara e distinguir entre o certo e o errado.

A mesma obrigação repousa sobre todo seguidor de Cristo. "Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus" (1Pe 2:9). Quando se faz uso das bebidas alcoólicas, os resultados são os mesmos do caso daqueles sacerdotes de Israel. A mente perde a sensibilidade para o pecado e o coração fica insensível, até que a distinção entre o sagrado e o comum perca a sua importância e não faça mais diferença. "Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus" (1Co 10:31). Uma séria e terrível advertência é dirigida à igreja de Cristo em todos os tempos: "Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; pois o santuário de Deus, que são vocês, é sagrado" (1Co 3:17).

---

* Este capítulo é baseado em Levítico 10:1-11.

A Graça de Cristo e a Nova Aliança

Ao serem criados, Adão e Eva tinham conhecimento da lei de Deus. Estavam familiarizados com suas exigências, e seus princípios estavam escritos em seu coração. Quando caíram em pecado, a lei não foi mudada, mas Deus deu a eles a promessa de um Salvador. As ofertas sacrificais apontavam para a morte de Cristo como a grande oferta pelo pecado.

A lei de Deus foi transmitida de pai para filho por meio de sucessivas gerações, mas foram poucos os que lhe obedeceram. O mundo se tornou tão mau que foi necessário purificá-lo de sua corrupção por meio do dilúvio. Noé ensinou os Dez Mandamentos aos seus descendentes. Como o homem novamente se afastou de Deus, o Senhor escolheu Abraão, de quem Ele declarou: "Abraão Me obedeceu e guardou Meus preceitos, Meus mandamentos, Meus decretos e Minhas leis" (Gn 26:5). Deus lhe deu o ritual da circuncisão, uma prática que deveria ser mantida como um sinal de que permaneceriam separados da idolatria e obedeceriam à lei de Deus. A falha dos descendentes de Abraão em cumprir esse compromisso foi a causa de sua escravidão no Egito. Pela influência de suas relações com os idólatras e por sua submissão forçada aos egípcios, os princípios divinos se tornaram ainda mais corrompidos com os ensinos depravados do paganismo. Foi por esse motivo que o Senhor desceu na nuvem sobre o Sinai e proclamou Sua lei em tão grande majestade para que todo o povo ouvisse.

Mesmo então, Ele não confiou Sua lei à memória de um povo que tão facilmente poderia esquecê-la, mas a escreveu em tábuas de pedra. Deus não parou ao dar a eles os Dez Mandamentos. Ordenou a Moisés que escrevesse juízos e leis, dando instruções detalhadas sobre o que Ele requeria. Essas instruções apenas ampliavam os princípios dos Dez Mandamentos, de maneira mais específica, para proteger sua santidade.

Se os descendentes de Abraão tivessem se mantido fiéis à aliança, que tinha a circuncisão como um sinal, não haveria necessidade de proclamar a lei no Sinai ou gravá-la em tábuas de pedra.

O sistema sacrifical também foi pervertido. Por meio dos longos contatos com os idólatras, Israel tinha misturado muitos costumes pagãos à sua forma de adoração; assim, o Senhor deu ao povo instruções precisas a respeito do serviço sacrifical. Toda a lei cerimonial foi dada a Moisés, e ele a escreveu em um livro. A lei dos Dez Mandamentos foi escrita pelo próprio Deus, nas tábuas de pedra, e guardadas dentro da arca da aliança.

Duas Leis: a Moral e a Cerimonial

Muitos confundem esses dois sistemas utilizando textos que falam da lei cerimonial para provar que a lei moral foi abolida, mas essa é uma distorção da Bíblia. O sistema cerimonial consistia de símbolos que apontavam para Cristo, para o Seu sacrifício e sacerdócio. Os hebreus deveriam cumprir o ritual da lei cerimonial com seus sacrifícios e ordenanças até que o tipo encontrasse o antítipo – o símbolo se tornasse realidade – na morte de Cristo. Então deveria cessar todo o sistema de ofertas sacrificais. É essa lei que Cristo "removeu, pregando-a na cruz" (Cl 2:14).

Referindo-se à lei dos Dez Mandamentos, o salmista escreveu: "A Tua Palavra, Senhor, para sempre está firmada nos Céus" (Sl 119:89). O próprio Cristo afirma: "Não pensem que vim abolir a Lei. [...] Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra" (Mt 5:17, 18). Aqui Jesus ensina que os preceitos da lei de Deus serão mantidos enquanto os céus e a Terra existirem.

Com relação à lei proclamada no Sinai, Neemias diz: "Tu desceste ao Monte Sinai; dos céus lhes falaste. Deste-lhes *ordenanças* justas, *leis* verdadeiras, *decretos e mandamentos* excelentes" (Ne 9:13). Paulo, "o apóstolo dos gentios", declara: "De fato, a lei é santa, o mandamento é santo, justo e bom" (Rm 7:12).

Embora a morte de Cristo tenha colocado um fim à lei dos tipos e sombras, não diminuiu a obrigação para com a lei moral. O próprio fato de que foi necessário Cristo morrer para que se tornasse possível a expiação da transgressão dessa lei prova que ela é imutável.

Cristo, o Mediador da Nova Aliança

Alguns afirmam que Cristo veio para abolir o Antigo Testamento. Apresentam a

religião dos hebreus como nada mais que meras formas e cerimônias. Isso é um erro. Ao longo de todos os séculos após a queda, “Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo” (2Co 5:19). Cristo era o fundamento e o centro do sistema sacrifical. Desde que nossos primeiros pais pecaram, o Senhor entregou o mundo nas mãos de Cristo para que, por Sua obra como Mediador, redimisse a humanidade perdida e confirmasse a autoridade da lei de Deus. Toda a comunicação entre o Céu e a raça caída tem sido feita por meio de Cristo. Foi o Filho de Deus que fez a promessa da redenção a nossos primeiros pais. Adão, Noé, Abraão, Isaque, Jacó e Moisés compreenderam a abrangência do evangelho. Esses homens santos dos tempos passados mantinham comunhão com o Salvador que viria ao nosso mundo em forma humana.

Cristo foi o guia dos hebreus no deserto, o Anjo que ia adiante deles, encoberto pela coluna de nuvem. Foi Ele quem deu a lei a Israel. (Ver Apêndice, Nota 6.) Em meio à glória que desceu sobre o Sinai, Cristo proclamou os Dez Mandamentos da lei de Seu Pai. Foi Ele que deu a lei a Moisés, gravada em tábuas de pedra.

Cristo falou ao Seu povo por meio dos profetas. O apóstolo Pedro declara que os profetas “que falaram da graça destinada a vocês investigaram e examinaram, procurando saber o tempo e as circunstâncias para os quais apontava *o Espírito de Cristo* que neles estava, quando lhes predisse os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam àqueles sofrimentos” (1Pe 1:10, 11). É a voz de Cristo que nos fala por meio do Antigo Testamento. “O testemunho de Jesus é o espírito de profecia” (Ap 19:10).

Enquanto esteve pessoalmente na Terra, Jesus direcionou a mente do povo para o Antigo Testamento. “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a Meu respeito” (Jo 5:39). Naquela época, os livros do Antigo Testamento eram a única parte existente da Bíblia.

A lei cerimonial foi dada por Cristo. Mesmo depois que ela deixou de ser observada, o grande apóstolo Paulo declarou ser ela gloriosa e digna de seu divino Originador. A nuvem de incenso que subia ao Céu com as orações de Israel representa a Sua justiça, pois é apenas por meio dela que a oração do pecador se torna aceitável a Deus. A vítima sangrando sobre o altar testemunhava de um Redentor que um dia viria. Assim, ao longo de séculos de trevas e apostasia, a fé foi mantida viva no coração humano até a vinda do Messias prometido.

Jesus era a Luz do mundo antes de vir à Terra em forma humana. O primeiro raio

de luz que penetrou nas trevas do pecado veio de Cristo, e dEle vem todo raio da luz celestial que brilha sobre os moradores da Terra.

Desde que o Salvador derramou Seu sangue e voltou para o Céu "para [...] Se apresentar diante de Deus em nosso favor" (Hb 9:24), uma luz tem brilhado da cruz do Calvário e do santuário celestial. O evangelho de Cristo dá sentido à lei cerimonial. À medida que novas verdades são reveladas, podemos ver de forma mais intensa o caráter e os propósitos de Deus. Cada novo raio de luz proporciona uma compreensão mais clara do plano da redenção. Encontramos nova beleza e força na Palavra inspirada e estudamos suas páginas com interesse cada vez maior.

Não era o propósito de Deus que Israel levantasse um muro de separação entre eles e seus semelhantes. O coração do Amor Infinito circundava todos os habitantes da Terra, procurando Se revelar a eles e torná-los participantes de Seu amor e de Sua graça. Sua bênção foi concedida ao povo escolhido para que pudesse abençoar outros.

Abraão não se excluiu do povo que vivia ao seu redor. Manteve relações de amizade com os reis das nações vizinhas e, por meio dele e de sua influência, o Deus do Céu foi revelado.

Deus Se manifestou ao povo do Egito por meio de José. Por que o Senhor desejou exaltar José de forma tão grandiosa entre os egípcios? Ele o colocou no palácio do rei para que a luz do Céu brilhasse longe e perto. José foi um representante de Cristo. Os egípcios deveriam ver em seu benfeitor o amor de seu Criador e Redentor. Por meio de Moisés, Deus também fez brilhar uma luz ao lado do trono do maior reino da Terra para que todos pudessem ter o conhecimento do Deus vivo e verdadeiro.

Quando Israel foi libertado do Egito, o conhecimento do poder de Deus se espalhou por toda a parte. Séculos após o êxodo, os sacerdotes filisteus ainda lembravam o povo das pragas do Egito e os advertia a não se oporem ao Deus de Israel.

Por que Deus Escolheu Israel

Deus chamou os filhos de Israel para Se revelar por meio deles a todos os habitantes da Terra. Para esse propósito, Ele ordenou que se conservassem como um povo diferente das nações idólatras ao seu redor.

Tanto naquela época quanto hoje era muito importante que o povo de Deus se mantivesse puro e incontaminado. Deus não desejava que Seu povo se excluísse do mundo e assim deixasse de exercer sua influência sobre os outros. Foi seu coração perverso e incrédulo que os levou a esconder a luz, em vez de permitir que ela brilhasse

entre os povos ao seu redor, fechando-se em seu orgulhoso exclusivismo como se o amor e o cuidado de Deus fossem somente deles.

A aliança da graça foi feita a princípio no Éden. Após a queda do homem, Deus prometeu que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente. Essa aliança oferecia a todos o perdão e a graça auxiliadora de Deus para obedecer, por meio da fé em Cristo. Prometia também a vida eterna sob a condição de fidelidade à lei de Deus. Assim, os patriarcas receberam a esperança da salvação, por intermédio dessa aliança feita com Ele.

Deus renovou essa mesma aliança com Abraão, ao lhe fazer a promessa: "Por meio dela, todos os povos da Terra serão abençoados" (Gn 22:18). Abraão creu em Cristo para perdão dos pecados. Foi essa fé que lhe foi atribuída como justiça. A aliança com Abraão mantinha também a autoridade da lei de Deus. O testemunho de Deus a respeito de Seu servo foi: "Abraão Me obedeceu e guardou Meus preceitos, Meus mandamentos, Meus decretos e Minhas leis" (Gn 26:5). Embora essa aliança tenha sido feita com Adão e renovada com Abraão, não poderia ser confirmada até a morte de Cristo. Ela existia pela promessa feita por Deus; foi aceita pela fé, porém, ao ser garantida por Cristo, foi chamada de "a nova aliança". A lei de Deus foi a base de Sua aliança, que era simplesmente um pacto para levar os pecadores a viverem novamente em harmonia com a vontade divina, colocando-os onde poderiam obedecer à lei de Deus.

A outra aliança – chamada nas Escrituras de "a antiga aliança" – foi feita no Sinai, entre Deus e Israel, e foi confirmada pelo sangue de um sacrifício. A aliança feita com Abraão, confirmada por meio do sangue de Cristo, é chamada de "segunda aliança", ou "nova aliança", porque o sangue pelo qual foi selada foi derramado depois do sangue da primeira aliança.

Se a aliança feita com Abraão oferecia a promessa da redenção, por que foi feita outra aliança no Sinai? Durante os anos de cativeiro, o povo havia perdido grande parte do conhecimento que tinha de Deus e dos princípios da aliança feita com Abraão. Quando os libertou do Egito, o propósito de Deus era revelar a eles o Seu poder e misericórdia para que fossem levados a amá-Lo e confiar nEle. Ele os ligou a Si ao libertá-los do cativeiro.

Na verdade, eles não compreendiam muito bem a santidade de Deus, a imensa maldade de seu coração, sua completa incapacidade para obedecer à lei de Deus por si mesmos e a necessidade de um Salvador.

Deus deu a eles a Sua lei com a promessa de lhes conceder grandes bênçãos sob a condição de obediência: "Agora, se Me obedecerem fielmente e guardarem a Minha aliança, [...] serão para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Êx 19:5, 6). O povo não compreendia quão maldoso era o seu coração e que, sem Cristo, era impossível guardar a lei de Deus. Achando que conseguiriam se manter fiéis pela própria força, o povo declarou: "Faremos fielmente tudo o que o Senhor ordenou" (Êx 24:7). Sem duvidar, eles entraram em aliança com Deus. Contudo, poucas semanas se passaram até quebrarem sua aliança e se curvarem em adoração ao bezerro de ouro. Ao reconhecerem seu pecado e a necessidade de perdão, foram levados a sentir a necessidade do Salvador revelado na aliança feita com Abraão e simbolizado pelas ofertas sacrificais. Estavam preparados para valorizar as bênçãos da nova aliança.

A Nova Aliança e a Justificação pela Fé

As condições da antiga aliança eram: obedeça e viva: "Maldito quem não puser em prática as palavras desta lei" (Dt 27:26). A nova aliança foi estabelecida com "melhores promessas", promessas de perdão e da graça divina, para mudar o coração e levá-los a viver em harmonia com a lei de Deus. "'Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias', declara o Senhor: '*Porei a Minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações*. [...] Porque Eu lhes perdoarei a maldade e não Me lembrarei mais dos seus pecados'" (Jr 31:33, 34).

A mesma lei que foi gravada em tábuas de pedra é escrita pelo Espírito Santo nas tábuas do coração quando aceitamos a justiça de Cristo. Seu sangue expia os nossos pecados. Sua obediência é aceita em nosso favor. Então, pela graça de Cristo, andaremos como Ele andou. Por meio do profeta, Ele declarou a respeito de Si mesmo: "Tenho grande alegria em fazer a Tua vontade, ó Meu Deus; a Tua lei está no fundo do Meu coração" (Sl 40:8).

O apóstolo Paulo apresenta a relação entre a fé e a lei na nova aliança de uma forma bem clara: "Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5:1). "Anulamos então a lei pela fé? De maneira nenhuma! Ao contrário, confirmamos a lei" (Rm 3:31). "Porque, aquilo que a lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne, Deus o fez, enviando Seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da lei fossem plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rm 8:3, 4).

Começando com a primeira promessa evangélica e perpassando pela era patriarcal

e judaica até o presente, podemos ver que os propósitos de Deus no plano da redenção têm se desenvolvido pouco a pouco. As nuvens foram removidas, o nevoeiro e as sombras desapareceram, e Jesus, o Redentor do mundo, é revelado. Aquele que proclamou a lei no Sinai é o mesmo que pregou o sermão no monte. Os grandes princípios do amor a Deus são apenas uma repetição do que Ele disse por meio de Moisés. O Instrutor é o mesmo, tanto nos tempos do Antigo como do Novo Testamento.

Terríveis Reclamações*

O sistema de governo de Israel era muito bem organizado; impressionante por ser simples e completo. Deus era o centro do governo, o governante de Israel. Moisés estava na posição de chefe para administrar a lei em Seu nome. Depois, um concílio de setenta homens foi escolhido para auxiliar Moisés nos negócios gerais da nação. Vieram em seguida os sacerdotes, que consultavam o Senhor no santuário. Chefes ou príncipes governavam as tribos. Abaixo deles foram colocados os "chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez" (Dt 1:15).

O acampamento dos hebreus foi separado em três grandes divisões. No centro ficava o tabernáculo, a morada do Rei invisível. Em torno dele ficavam os sacerdotes e levitas. Ao redor ficavam acampadas todas as outras tribos.

Para cada tribo foi determinada uma posição. Deveriam marchar e acampar ao lado de sua bandeira, como o Senhor tinha ordenado (ver Nm 2:2, 17). A grande multidão que acompanhou os israelitas quando saíram do Egito deveria ficar nos limites do acampamento e seus filhos estavam excluídos da comunidade até a terceira geração (ver Dt 23:7, 8).

Ordem absoluta e regras de higiene rigorosas foram impostas. Essas leis eram essenciais para preservar a saúde de um grupo tão grande de pessoas. Era necessário manter perfeita ordem e pureza. Deus declarou: "Pois o Senhor, o seu Deus, anda pelo seu acampamento para protegê-los e entregar-lhes os seus inimigos. O acampamento terá que ser santo" (Dt 23:14).

Em todas as viagens de Israel, "a arca da aliança do Senhor foi à frente deles [...] para encontrar um lugar para descansarem" (Nm 10:33). Com suas trombetas de prata,

os sacerdotes foram instruídos por Moisés para darem sinais que serviriam de comunicação com o povo. Era o dever dos líderes de cada companhia dar instruções claras sobre cada movimento conforme eram indicados pelas trombetas.

Deus é um Deus de ordem. Tudo o que está ligado ao Céu está em perfeita ordem; estrita disciplina marca os movimentos de todos os anjos. O sucesso somente pode ser alcançado por meio de ações harmoniosas e bem ordenadas. Deus não exige menos de nós hoje do que exigiu do povo de Israel naqueles dias.

O próprio Deus dirigiu os israelitas em suas viagens. A descida da coluna de nuvem indicava o local em que deveriam acampar; e enquanto tivessem que ficar acampados, a nuvem permanecia parada sobre o tabernáculo. Quando fosse a hora de continuar a viagem, ela subia bem alto e ficava acima da tenda sagrada.

Havia uma distância de apenas onze dias de viagem entre o Sinai e Cades, nas fronteiras de Canaã. Esperando entrar rapidamente na terra, os exércitos de Israel começaram a marchar outra vez quando a nuvem deu sinal para seguirem em frente. Quantas bênçãos poderiam esperar, agora que tinham oficialmente sido reconhecidos como o povo escolhido do Altíssimo?

Muitos relutaram para deixar o lugar em que ficaram acampados por tanto tempo. O cenário estava tão associado com a presença de Deus e dos santos anjos que parecia muito sagrado para que fosse deixado para trás com certa indiferença, ou mesmo com alegria. Ao sinal das trombetas, todos olharam ansiosos para ver em que direção a nuvem seguiria. Quando ela se moveu em direção ao oriente, onde podiam ver apenas grupos de montanhas isoladas e negras, um sentimento de tristeza e dúvida surgiu no coração de muitos.

Ao seguirem viagem, o caminho se tornou mais difícil. Seu percurso passava por barrancos e terras sem vida, "terra árida e cheia de covas, terra de seca e de trevas, terra pela qual ninguém passa e onde ninguém vive" (Jr 2:6). A caminhada era lenta e difícil, e as multidões não estavam preparadas para suportar os perigos e incômodos do caminho.

O Povo Exige Carne

Depois de três dias de viagem, as reclamações foram ouvidas abertamente. Elas tiveram origem com a "mistura de gente", e muitos deles não paravam de procurar defeitos na maneira como Moisés os guiava, apesar de saberem que ele estava seguindo a nuvem. O descontentamento é contagioso, e logo se espalhou pelo acampamento.

Começaram a clamar, pedindo carne para comer. Muitos dos egípcios que estavam entre eles tinham se acostumado a uma dieta bem variada e eles foram os primeiros a se queixar.

Deus poderia ter dado carne como deu o maná, mas era Seu propósito dar a eles o alimento mais adaptado às suas necessidades. O apetite pervertido deveria ser posto em uma condição mais saudável, a fim de que pudessem usar o alimento originalmente dado à família humana, os frutos da terra, que Deus deu a Adão e Eva no Éden. Por essa razão, os israelitas foram privados de comer carne.

Satanás tentou os israelitas a considerar essa restrição como injusta e cruel. Viu que a satisfação de cada desejo do apetite pode levar à sensualidade e por esse meio o povo poderia ser submetido ao seu controle com mais facilidade. Desde o tempo em que induziu Eva a comer do fruto proibido, ele tem levado muitos a pecarem por meio do apetite. A intemperança no comer e no beber prepara o caminho para o desrespeito a todos os deveres morais.

Deus tirou os israelitas do Egito para que pudessem viver na terra de Canaã como um povo puro, santo e feliz. Se estivessem dispostos a negar o apetite, a fraqueza e a doença nunca seriam conhecidas no meio deles. Seus descendentes teriam possuído forças físicas, mentais e espirituais, claras percepções da verdade e do dever, discernimento aguçado e juízo equilibrado.

Diz o salmista: "Deliberadamente puseram Deus à prova, exigindo o que desejavam comer. Duvidaram de Deus, dizendo: 'Poderá Deus preparar uma mesa no deserto? [...] Conseguirá também dar-nos de comer? Poderá suprir de carne o Seu povo?' O Senhor os ouviu e enfureceu-Se; com fogo atacou Jacó, e Sua ira levantou-Se contra Israel" (Sl 78:18-21). Eles tinham sido testemunhas da majestade, do poder e da misericórdia de Deus, e sua incredulidade e descontentamento trouxeram sobre eles uma culpa ainda maior. Tinham se comprometido a obedecer à Sua autoridade. A murmuração dos israelitas se transformou em rebelião; por isso, tinham que receber castigo imediato para que Israel fosse preservado do caos e da ruína. "Fogo da parte do Senhor queimou entre eles e consumiu algumas extremidades do acampamento" (Nm 11:1). Os mais culpados entre os que reclamavam foram mortos pelo relâmpago da nuvem.

Exigências e Rebelião

Aterrorizado, o povo implorou a Moisés que intercedesse junto ao Senhor em seu favor. Moisés atendeu o pedido, e o fogo se apagou. Em vez de levar os sobreviventes a se humilharem e se arrependerem, esse terrível juízo pareceu apenas fazer com que

murmurassem ainda mais. De todos os lados se via o povo reunido à porta de suas tendas, chorando e lamentando. "Um bando de estrangeiros que havia no meio deles encheu-se de gula, e até os próprios israelitas tornaram a queixar-se, e diziam: 'Ah, se tivéssemos carne para comer! Nós nos lembramos dos peixes que comíamos de graça no Egito, e também dos pepinos, das melancias, dos alhos-porós, das cebolas e dos alhos. Mas agora perdemos o apetite; nunca vemos nada, a não ser esse maná!'" (Nm 11:4-6). Apesar das dificuldades, não havia um só que estivesse fraco em todas as tribos.

Moisés ficou desanimado. Em seu amor pelo povo, tinha orado para que seu nome fosse riscado do livro da vida em vez de eles serem destruídos, e agora essa era a sua recompensa. Eles o culpavam por todas as dificuldades que tinham, e até por sofrimentos imaginários. Em sua angústia, foi tentado a descrer de Deus. Sua oração era quase uma queixa: "Por que trouxeste esse mal sobre o Teu servo? [...] [Por] que colocaste sobre os meus ombros a responsabilidade de todo esse povo? [...] Eles ficam se queixando [...]: 'Dê-nos carne para comer!' Não posso levar todo esse povo sozinho; essa responsabilidade é grande demais para mim" (Nm 11:11, 13, 14).

O Senhor não apenas atendeu à oração de Moisés, mas também o orientou a escolher setenta homens que possuíssem bom senso e experiência para dividir com eles suas responsabilidades. A influência desses homens ajudaria a acabar com a rebelião, embora, com o tempo, graves males pudessem resultar da promoção que receberam. Eles nunca teriam sido escolhidos se Moisés tivesse manifestado uma fé que correspondesse às provas do poder e bondade de Deus que ele tanto testemunhou. Se ele tivesse confiado mais em Deus, o Senhor o teria guiado continuamente e concedido forças para enfrentar cada dificuldade.

Moisés anunciou a indicação dos setenta anciãos. As instruções do grande líder a esses homens que foram escolhidos poderiam servir como modelo de integridade para juízes e legisladores dos tempos atuais: "Atendam as demandas de seus irmãos e julguem com justiça, não só as questões entre os seus compatriotas, mas também entre um israelita e um estrangeiro. Não sejam parciais no julgamento! Atendam tanto o pequeno como o grande. Não se deixem intimidar por ninguém, pois o veredito pertence a Deus" (Dt 1:16, 17).

"O Senhor desceu na nuvem e lhe falou, e tirou do Espírito que estava sobre Moisés e o pôs sobre as setenta autoridades. Quando o Espírito veio sobre elas, profetizaram, mas depois nunca mais tornaram a fazê-lo" (Nm 11:25). Assim como os discípulos no Dia do Pentecostes, eles foram cheios do "poder do Alto" (Lucas 24:49). Foi a vontade

do Senhor honrar aqueles homens na presença da congregação para que a confiança neles fosse estabelecida.

Um vento forte soprou do mar e trouxe então bandos de codornizes, "e as fez cair por todo o acampamento, a uma altura de noventa centímetros, espalhando-as em todas as direções num raio de um dia de caminhada" (Nm 11:31).

Durante todo aquele dia e aquela noite e durante todo o dia seguinte, o povo saiu e recolheu o alimento que, por meio de um milagre, havia sido enviado a eles. Conseguiram pegar grandes quantidades. Tudo o que não necessitavam para uso naquele momento, eles secaram para conservar. Assim, o estoque de comida foi suficiente para o mês inteiro, conforme a promessa.

Deus deu ao povo algo que não era para o seu bem porque eles insistiram em seu desejo. Então eles sofreram as consequências. O povo comeu sem limites e sua glutonaria foi imediatamente punida. "E Ele o feriu com uma praga terrível" (Nm 11:33). Os mais culpados entre eles foram feridos logo que provaram o alimento cobiçado.

Em Hazerote, o próximo local em que acamparam depois de partirem de Taberá, uma prova ainda mais amarga esperava por Moisés. Arão e Miriã ocupavam uma posição de grande honra e liderança em Israel. Ambos participaram com Moisés na libertação dos hebreus. Miriã, dotada com os dons da poesia e da música, liderou as mulheres de Israel no cântico e na dança junto às praias do Mar Vermelho. No coração do povo e nas honras do Céu, ela estava apenas abaixo de Moisés e Arão.

Quando foram indicados os setenta anciãos, Moisés não consultou Miriã nem Arão, e eles ficaram com ciúmes. Acharam que sua posição e autoridade tinham sido menosprezadas. Consideravam-se participantes do cargo de liderança tanto quanto Moisés e acharam desnecessária a indicação de outros auxiliares.

O Pecado da Inveja

Moisés compreendeu a própria fraqueza e fez de Deus seu conselheiro. Arão, porém, julgava-se superior, confiava menos em Deus e fracassou na questão do culto idólatra no Sinai. Miriã e Arão, cegados pela inveja e ambição, disseram: "Será que o Senhor tem falado apenas por meio de Moisés? [...] Também não tem Ele falado por meio de nós?" (Nm 12:2).

Miriã encontrou motivos para queixa em acontecimentos que tinham sido dirigidos especialmente por Deus. Ela não aprovava o casamento de Moisés. Foi uma

ofensa para sua família e para o orgulho da nação israelita ele ter escolhido uma mulher de outra nação, em vez de escolher uma esposa entre os hebreus. Ela tratava Zípora com um desprezo que mal conseguia disfarçar.

Embora fosse chamada de "mulher cusita", a esposa de Moisés era midianita e, portanto, descendente de Abraão. Ela era diferente dos hebreus por ter a pele um pouco mais escura. Mesmo não sendo israelita, Zípora adorava o verdadeiro Deus. Era tímida, acanhada e bastante sensível diante do sofrimento. Por essa razão, quando estava a caminho do Egito, Moisés concordou que ela retornasse para Midiã.

Quando Zípora voltou para junto do marido no deserto, viu que as responsabilidades de Moisés estavam sugando suas forças e desabafou essa preocupação com Jetro. Então Jetro deu conselhos ao genro para que este não ficasse sobrecarregado. Essa era a principal razão da antipatia de Miriã por Zípora. Ela considerava a esposa de Moisés como sendo a causa do suposto descaso manifestado a ela e a Arão. Se Arão tivesse permanecido firme pelo que é certo, poderia ter impedido o mal; mas, em vez de mostrar a Miriã sua má conduta, passou a demonstrar simpatia para com seus sentimentos e a compartilhar de seus ciúmes.

Moisés suportou as acusações dos irmãos em silêncio e sem se queixar. Moisés "era um homem muito paciente, mais do que qualquer outro que havia na Terra" (Nm 12:3), e é por isso que ele recebeu sabedoria e orientações divinas mais do que os outros.

Deus escolheu Moisés. Miriã e Arão, por causa de suas murmurações, foram culpados de deslealdade não somente para com o líder escolhido, mas para com o próprio Deus. "Então o Senhor desceu numa coluna de nuvem e, pondo-se à entrada da Tenda, chamou Arão e Miriã" (Nm 12:5). O pedido que fizeram para receber o dom profético não foi negado, mas uma comunicação mais próxima foi concedida a Moisés. Com *ele* Deus falava face a face. "'Por que não temeram em criticar Meu servo Moisés?' Então a ira do Senhor acendeu-se contra eles, e Ele os deixou" (Nm 12:8:9). Como prova do desagrado de Deus, Miriã ficou leprosa; "sua aparência era como a da neve" (Nm 12:10). Arão foi poupado, mas recebeu uma severa repreensão por meio do castigo de Miriã. Com o orgulho esmagado até o pó, Arão confessou seu pecado e suplicou que sua irmã não viesse a morrer por causa daquela doença repugnante e mortal.

Em resposta às orações de Moisés, Miriã foi curada da lepra, mas ficou excluída do acampamento durante sete dias. Toda a multidão permaneceu em Hazerote, aguardando a sua volta.

Essa manifestação do desagrado do Senhor tinha por objetivo reprimir o crescente espírito de descontentamento e rebelião. A inveja é uma das características mais satânicas que podem existir no coração humano. Foi a inveja que no princípio causou a discórdia no Céu, e a condescendência com esse sentimento tem produzido males incalculáveis no mundo.

A Bíblia nos ensina a não fazermos acusações contra aqueles a quem Deus chamou para serem Seus embaixadores. "Não aceite acusação contra um presbítero, se não for apoiada por duas ou três testemunhas" (1Tm 5:19). Aquele que pôs sobre os homens a pesada responsabilidade de serem líderes e instrutores de Seu povo responsabilizará o povo pela maneira como trata Seus servos. O juízo que recaiu sobre Miriã deveria ser uma repreensão para todos os que cedem ao sentimento de inveja e murmuração contra aqueles a quem Deus confiou a responsabilidade de levar avante a Sua obra.

---

* Este capítulo é baseado em Números 10-12.

Doze Espiões em Canaã*

Os israelitas estavam acampados em Cades, no deserto de Parã, que não ficava distante das fronteiras da Terra Prometida. Ali, o povo propôs que fossem enviados espiões para verificar como era o país. Moisés apresentou o pedido diante do Senhor e Ele deu permissão. Os homens foram escolhidos e Moisés disse para irem e observarem como era o país, se o povo era forte ou fraco, poucos ou muitos; que observassem também como era o solo, se era fértil, e trouxessem alguns frutos da terra.

Eles foram e examinaram toda a terra, voltando depois de quarenta dias. A notícia da volta dos espiões foi recebida com grande alegria. O povo correu ao encontro dos mensageiros que tinham escapado a salvo dos perigos de sua arriscada missão. Os espiões trouxeram várias espécies de frutos para provar a fertilidade do solo. Trouxeram um cacho de uvas tão grande que teve que ser carregado por dois homens. Também trouxeram figos e romãs nela produzidos abundantemente.

O povo ouvia com atenção enquanto o relatório era apresentado a Moisés. "Entramos na terra à qual você nos enviou", os espiões começaram, "onde manam leite e mel com fartura! Aqui estão alguns frutos dela" (Nm 13:27). O povo ficou entusiasmado; estavam ansiosos por obedecer à voz do Senhor, subir e tomar posse da terra o mais rápido possível.

No entanto, todos os espiões, com exceção de dois deles, descreveram com exagero os perigos encontrados na terra, transmitindo ao povo os sentimentos de incredulidade que tinham no coração, cheios de desânimo plantado por Satanás. A descrença desses espiões lançou uma sombra escura sobre o povo. O extraordinário poder de Deus, tantas vezes demonstrado em favor da nação escolhida, foi esquecido. O povo não parou para pensar na forma maravilhosa que o Senhor havia usado para

libertá-los de seus opressores, como Ele abrira o caminho através do mar e destruíra os exércitos inimigos de Faraó que os perseguiam. Deixaram Deus fora da questão como se tivessem que depender somente do poder humano.

Em sua descrença, eles repetiram o erro já cometido antes, quando murmuraram contra Moisés e Arão. "É esse, então, o fim de todas as nossas grandes esperanças?", diziam eles. Acusaram seus líderes de enganar o povo e trazer grande angústia sobre Israel.

Lamentos de agonia se ergueram em meio às vozes do povo que murmurava confuso. Mantendo-se em defesa da palavra de Deus com coragem, Calebe fez tudo o que estava ao seu alcance para desfazer a má influência de seus companheiros infiéis. Ele não disse nada contra o que os outros disseram; os muros eram altos e os cananeus muito fortes. Apenas fez o povo lembrar que Deus havia prometido a terra a Israel. "Subamos e tomemos posse da terra", insistiu Calebe. "É certo que venceremos!" (Nm 13:30).

Os dez o interromperam e começaram a descrever os obstáculos. "Não podemos atacar aquele povo", disseram, "é mais forte do que nós. [...] Todos os que vimos são de grande estatura. [...] Parecíamos gafanhotos" (Nm 13:31-33).

Revolta e Motim Declarado

Ao escolherem o caminho errado, esses homens se opuseram com muita teimosia não apenas a Calebe e Josué, mas a Moisés e ao próprio Deus. Eles distorceram a verdade para manter sua má influência. É uma terra que "devora os que nela vivem", disseram. Essa informação não era apenas negativa, mas mentirosa. Os espiões disseram que o país era frutífero e que o povo era de grande estatura, o que seria impossível se o clima fosse realmente tão ruim que "devorava os moradores".

Revolta e motim declarado foram o resultado imediato. O povo parecia ter perdido a razão. Amaldiçoaram Moisés e Arão, esquecendo-se de que o Anjo da presença de Deus, encoberto pela coluna de nuvem, estava testemunhando toda aquela demonstração terrível de ira. Não demorou muito e os sentimentos se voltaram contra Deus: "'Por que o Senhor está nos trazendo para esta terra? Só para nos deixar cair à espada? Nossas mulheres e nossos filhos serão tomados como despojo de guerra.' [...] E disseram uns aos outros: 'Escolheremos um chefe e voltaremos para o Egito'" (Nm 14:3, 4). Assim eles estavam acusando não somente Moisés, mas o próprio Deus de os enganar, prometendo uma terra que não conseguiriam conquistar.

Calebe e Josué tentaram acalmar o tumulto. Correram para o meio do povo, e suas vozes penetrantes foram ouvidas acima da tempestade de reclamações cheias de revolta: "A terra que percorremos em missão de reconhecimento é excelente. Se o Senhor Se agradar de nós, Ele nos fará entrar nessa terra, onde manam leite e mel com fartura, e a dará a nós. Somente não sejam rebeldes contra o Senhor. E não tenham medo do povo da terra, pois nós os devoraremos como se fossem pão. A proteção deles se foi, mas o Senhor está conosco. Não tenham medo deles!" (Nm 14:7-9).

Pela aliança com Deus, a terra estava garantida a Israel. O relatório falso dado pelos espiões infiéis foi aceito. Todo o povo foi enganado. Os traidores tinham feito a sua obra. Se fossem apenas os dois homens que trouxessem as más notícias, e os outros dez os animassem a possuir a terra em nome do Senhor, o povo teria aceitado o conselho dos dois e não dos outros dez, por causa de sua perversa incredulidade.

Em sua rebelião, o povo quis apedrejar Calebe e Josué. Perderam a razão e se lançaram contra eles com gritos enlouquecidos, quando, de repente, as pedras caíram de suas mãos e eles começaram a tremer de medo. Deus interveio. A glória de Sua presença, como uma luz flamejante, iluminou o tabernáculo. Ninguém ousou prosseguir. Os espiões que trouxeram as más notícias se agacharam cheios de terror e correram para suas tendas.

Moisés se levantou e entrou no tabernáculo. Então o Senhor declarou a ele: "Eu os ferirei com praga e os destruirei, mas farei de você uma nação maior e mais forte do que eles" (Nm 14:12). Mais uma vez, Moisés suplicou em favor de seu povo: "Mas agora, que a força do Senhor se manifeste, segundo prometeste: 'O Senhor é muito paciente e grande em fidelidade.' [...] Segundo a Tua grande fidelidade, perdoa a iniquidade deste povo, como a este povo tens perdoado desde que saíram do Egito até agora" (Nm 14:17-19).

O Senhor prometeu poupar Israel da destruição imediata; mas, por causa de sua incredulidade e covardia, Ele não poderia exercer Seu poder para vencer os inimigos. Portanto, em Sua misericórdia, ordenou que voltassem para o Mar Vermelho.

Em sua rebelião, o povo tinha exclamado: "Quem dera tivéssemos morrido no Egito! Ou neste deserto!" (Nm 14:2). Agora a sua oração seria atendida. "Diga-lhes: Juro pelo Meu nome, declara o Senhor, que farei a vocês tudo o que pediram: Cairão neste deserto os cadáveres de todos vocês, de vinte anos para cima, que foram contados no recenseamento e que se queixaram contra Mim. [...] Mas, quanto aos seus filhos, sobre os quais vocês disseram que seriam tomados como despojo de guerra, Eu os farei entrar

para desfrutarem a terra que vocês rejeitaram" (Nm 14:28, 29, 31). E quanto a Calebe, Ele declarou: "Mas, como o Meu servo Calebe tem outro espírito e Me segue com integridade, Eu o farei entrar na terra que foi observar, e seus descendentes a herdarão" (Nm 14:24). Assim como os espiões passaram quarenta dias em sua jornada de reconhecimento naquela terra, o povo de Israel vaguearia pelo deserto durante quarenta anos.

Falso Arrependimento

Quando Moisés transmitiu ao povo a decisão divina, eles souberam que sua punição era justa. Os dez espiões infiéis, feridos pela praga enviada por Deus, morreram diante dos olhos de todo o Israel e, diante do que aconteceu a eles, o povo entendeu qual seria a sua condenação.

Pareciam então que tinham se arrependido com sinceridade, mas eles estavam mais tristes pelo resultado de sua má conduta do que pelo sentimento de ingratidão e desobediência que demonstraram. Quando viram que o Senhor não mudou a sentença que tinha dado, seu espírito rebelde se revelou novamente e disseram que não voltariam mais para o deserto. Ao ordenar que voltassem, Deus estava testando sua aparente submissão e provou que ela não era real. Seu coração não estava mudado, e eles precisavam apenas de um pretexto para darem início a outra rebelião semelhante. Se tivessem ficado sinceramente tristes pelo pecado no momento em que ele lhes foi apontado, a sentença não teria sido pronunciada; mas eles ficaram tristes apenas pelo castigo que receberam. Sua tristeza não era uma demonstração de arrependimento sincero e não podia liberá-los do castigo.

O povo passou aquela noite se lamentando; no entanto, pela manhã resolveu se redimir de sua covardia. Quando Deus ordenou que se levantassem e conquistassem a terra, eles se recusaram; e agora, ao mandar que se retirassem daquele lugar, continuaram sendo rebeldes.

Deus havia lhes dado o privilégio e o dever de entrar na terra de Canaã no tempo por Ele indicado; porém, devido à sua desobediência, essa permissão tinha sido negada. Diante da proibição divina, Satanás os instigou a fazer a mesma coisa que haviam se recusado quando Deus ordenou, levando-os a se rebelarem pela segunda vez. "Pecamos contra o Senhor. Nós subiremos e lutaremos, conforme tudo o que o Senhor, o nosso Deus, ordenou" (Dt 1:41). Ficaram terrivelmente cegados por causa de sua transgressão. O Senhor nunca ordenou que "subissem e lutassem". Não era Seu propósito que tomassem posse da Terra Prometida pela guerra, mas pela obediência

estrita às Suas ordens.

"Pecamos", disseram eles, reconhecendo que a falta estava neles, e não em Deus, a quem acusaram com crueldade de ter deixado de cumprir Suas promessas. Embora essa confissão não significasse um verdadeiro arrependimento, serviu para confirmar a justiça de Deus.

O Senhor ainda age de modo semelhante para que Seu nome seja glorificado, ao levar as pessoas a reconhecerem Sua justiça. Deus usa a oposição e os obstáculos para revelar as obras das trevas. Mesmo que aqueles que instigam o mal não estejam totalmente mudados, as confissões são feitas para vindicar a honra do nome de Deus e justificar os fiéis que reprovam tais ações, que sofrem oposição e são caluniados. Assim acontecerá quando a ira de Deus for derramada no fim dos tempos. Cada pecador será levado a ver e reconhecer que sua condenação é justa.

A Rebelião Piora a Situação

Desprezando a sentença divina, os israelitas se prepararam para conquistar Canaã. Achavam-se preparados para a luta. Contrariando a ordem de Deus e a solene proibição de seus líderes, eles saíram para enfrentar os exércitos do inimigo.

Moisés correu até eles para dar a advertência: "Por que vocês estão desobedecendo à ordem do Senhor? Isso não terá sucesso! Não subam, porque o Senhor não está com vocês. Vocês serão derrotados pelos inimigos" (Nm 14:41, 42).

Os cananeus ouviram falar do poder misterioso que parecia estar guardando esse povo e convocaram um exército poderoso para expulsar os invasores. O exército atacante não tinha líder. Nenhuma oração foi feita para que Deus lhes desse a vitória. Mesmo não sendo capacitados para a guerra, esperavam acabar com os inimigos com um ataque surpresa. Presunçosamente desafiaram o inimigo que não ousou atacá-los.

Os cananeus se reuniram em um planalto rochoso, onde se poderia chegar apenas por meio de desfiladeiros perigosos e subidas íngremes. O número imenso de hebreus apenas tornou a derrota mais terrível. Grandes rochas vinham rolando com um barulho estrondoso, deixando em seu caminho um rastro de sangue dos mortos. Aqueles que conseguiram chegar ao topo do monte, exaustos com a escalada, foram expulsos com grandes perdas. O exército de Israel foi completamente derrotado.

Os inimigos de Israel, que esperavam com temor a aproximação do poderoso exército, encheram-se de confiança para enfrentá-los. Tudo o que ouviram a respeito das coisas maravilhosas que Deus fizera em favor de Seu povo passaram a considerar

como falsas. Para eles, não havia mais razão para temerem. Essa primeira derrota de Israel encheu os cananeus de coragem e determinação e tornou a conquista da terra muito mais difícil.

Israel não teve escolha, a não ser recuar e fugir de seus adversários vitoriosos, e ir para o deserto sabendo que uma geração inteira morreria ali.

---

* Este capítulo é baseado em Número 13 e 14.

Corá Lidera uma Rebelião*

Os juízos que caíram sobre os israelitas acalmaram as murmurações e a revolta por algum tempo, mas o espírito de rebelião ainda estava no coração do povo. Armaram então uma conspiração planejada com cuidado para tirar a autoridade dos líderes indicados pelo próprio Deus.

Corá, o líder desse movimento, primo de Moisés, era um homem de habilidade e influência. Ficou descontente com seu cargo e desejava exercer a função digna de sacerdote. Por algum tempo, Corá se opôs à autoridade de Moisés e Arão em segredo, pois não ousava se rebelar abertamente. Então ele desenvolveu um plano audacioso para derrubar tanto a autoridade civil como a religiosa. Datã e Abirão, dois príncipes, aderiram aos seus planos ambiciosos e combinaram dividir as honras do sacerdócio com Corá.

O sentimento que havia entre o povo favorecia os objetivos de Corá. Na amargura de sua frustração, as dúvidas, a inveja e o ódio que sentiam antes voltaram, e eles começaram a criticar o paciente líder mais uma vez. Esqueceram-se de que estavam sob a direção divina, de que a presença de Cristo ia adiante deles e que Moisés recebia dEle todas as instruções.

Não querendo aceitar a sentença de morrerem no deserto, passaram a acreditar que não era Deus, e sim Moisés que havia pronunciado esse castigo. Embora os sinais do desagrado de Deus para com a rebelião anterior fossem recentes, a lição não foi levada a sério.

Aquele que lê os segredos do coração, deu ao Seu povo o aviso e as instruções necessárias para que não fosse enganado por esses homens mal-intencionados. Os

israelitas viram os juízos de Deus caírem sobre Miriã por causa de sua inveja e queixas contra Moisés. O Senhor declarou: "Com ele falo face a face. [...] Por que não temeram criticar meu servo Moisés?" (Nm 12:8). Essas instruções não foram dadas a Arão e Miriã somente, mas a todo Israel.

Corá e seus companheiros que participavam da conspiração estiveram entre aqueles que subiram ao monte com Moisés e viram a glória divina. Mas abrigaram em seu coração uma tentação leve, a princípio, até que sua mente passou a ser controlada por Satanás. De início, falavam em segredo uns com os outros sobre o seu descontentamento, e depois com os dirigentes de Israel. Por fim, acabaram realmente acreditando que estavam agindo motivados por seu zelo para com Deus.

Conseguiram convencer duzentos e cinquenta príncipes. Com o apoio desses homens influentes, eles se sentiram confiantes de que poderiam melhorar muito a administração de Moisés e Arão.

O ciúme deu lugar à inveja, e a inveja à rebelião. Enganaram a si mesmos e uns aos outros pensando que Moisés e Arão tinham, por eles mesmos, assumido os cargos que ocupavam, que esses dois líderes tinham se exaltado ao assumirem o sacerdócio e o governo. Diziam que eles não eram mais santos que o povo e que isso seria o suficiente para estarem no mesmo nível de seus irmãos que também eram favorecidos com a presença e proteção de Deus.

O Método de Corá: Elogiar o Povo

Corá e seus companheiros apelaram para o apoio da congregação. Declararam ser um erro dizer que as queixas do povo tinham trazido a ira de Deus sobre eles. Diziam que o povo não tinha cometido nenhum erro, pois desejavam apenas fazer valer os seus direitos. Afirmavam que Moisés era um governador autoritário, que considerava o povo pecador, sendo que eles eram um povo santo.

Aqueles que deram ouvidos a Corá passaram a acreditar que suas dificuldades teriam sido evitadas se Moisés tivesse agido de maneira diferente. Concluíram que tinham sido expulsos de Canaã em consequência da má administração de Moisés e de Arão. Se Corá fosse o seu líder e os animasse, estimulando suas boas ações sem ficar apontando seus pecados, eles teriam uma jornada bem melhor. Em vez de ficarem vagueando pelo deserto, teriam seguido para a Terra Prometida.

O sucesso de Corá ao falar com o povo aumentou a sua confiança. Afirmava que Deus o havia autorizado a fazer uma mudança no governo antes que fosse tarde

demais.

Acusação Injusta

Muitos não aceitaram as acusações de Corá contra Moisés. Lembravam-se de como esse líder trabalhava de forma paciente e abnegada por todos, e a consciência os perturbava. Assim, Corá viu que era necessário encontrar alguma atitude egoísta da parte do líder. Fez novamente a antiga acusação de que ele os havia levado até ali para morrerem no deserto a fim de ficar com todos os seus bens.

Assim que o movimento ganhou força suficiente para garantir uma luta aberta, Corá acusou Moisés e Arão publicamente de roubarem a autoridade. "Basta!", disseram os conspiradores. "A assembleia toda é santa, cada um deles é santo, e o Senhor está no meio deles. Então, por que vocês se colocam acima da assembleia do Senhor?" (Nm 16:3).

Moisés não tinha suspeitado dessa trama planejada cuidadosamente "e, quando ouviu isso, prostrou-se com o rosto em terra" (Nm 16:4), apresentando a Deus uma súplica silenciosa. Levantou-se depois calmo e forte. Tinha acabado de receber a orientação divina. "Pela manhã o Senhor mostrará quem Lhe pertence e fará aproximar-se dEle aquele que é santo, o homem a quem Ele escolher" (Nm 16:5). Aqueles que pretendiam ser sacerdotes deveriam vir cada um com seu incensário e oferecer incenso no tabernáculo. Até mesmo os sacerdotes Nadabe e Abiú tinham sido destruídos por ousarem oferecer "fogo estranho", desrespeitando a ordem divina. Entretanto, Moisés desafiou seus acusadores a levar a questão perante Deus, caso desejassem se arriscar a seguir em frente com isso.

Em uma conversa particular com Corá e seus companheiros levitas, Moisés disse: "Não lhes é suficiente que o Deus de Israel os tenha separado do restante da comunidade de Israel e os tenha trazido para junto de Si a fim de realizarem o trabalho do tabernáculo do Senhor [...]? Ele trouxe você e todos os seus irmãos levitas para junto dEle, e agora vocês querem também o sacerdócio? É contra o Senhor que você e todos os seus seguidores se ajuntaram! Quem é Arão para que se queixem contra ele?" (Nm 16:9-11).

Datã e Abirão não tinham assumido uma atitude tão ousada como Corá, e Moisés os chamou para comparecerem diante dele, a fim de ouvir as acusações que tinham contra ele. Cheios de arrogância, recusaram-se a reconhecer sua autoridade: "Não lhe basta nos ter tirado de uma terra onde manam leite e mel para matar-nos no deserto? E ainda quer se fazer chefe sobre nós? Além disso, você não nos levou a uma terra onde

manam leite e mel, nem nos deu uma herança de campos e vinhas. Você pensa que pode cegar os olhos destes homens? Nós não iremos!" (Nm 16:13, 14).

Assim, eles declararam que não mais se submeteriam a ser guiados como homens cegos, ora para Canaã, ora para o deserto, de acordo com os ambiciosos planos de Moisés. Eles o retrataram como o pior tirano e usurpador de todos. Também o responsabilizaram por sua expulsão de Canaã.

Moisés não procurou se defender. Apelou solenemente a Deus, na presença da congregação, e implorou que Ele fosse o seu juiz.

A Grande Prova

No dia seguinte, os duzentos e cinquenta príncipes, liderados por Corá, apresentaram-se com seus incensários, enquanto o povo estava reunido do lado de fora, aguardando o resultado. Não foi Moisés que os reuniu para ver a derrota de Corá e seu grupo. Os rebeldes, em sua presunção cega, convocaram o povo para testemunhar sua vitória. Grande parte da congregação se posicionou ao lado de Corá.

Corá se retirou da assembleia para se reunir com Datã e Abirão, quando Moisés, acompanhado dos setenta anciãos, desceu com um último aviso aos homens que tinham se recusado a ir até ele. Sob a direção de Deus, Moisés disse ao povo: "Afastem-se das tendas desses ímpios! Não toquem em nada do que pertence a eles, senão vocês serão eliminados por causa dos pecados deles" (Nm 16:26). O povo obedeceu, pois o sentimento de aproximação de um juízo repousava sobre todos. Os chefes dos rebeldes se viram abandonados por aqueles que tinham enganado, mas permaneceram cada qual com sua família à porta de suas tendas, em desafio à ordem divina.

Moisés então declarou para que toda a congregação ouvisse: "Assim vocês saberão que o Senhor me enviou para fazer todas essas coisas e que isso não partiu de mim. Se estes homens tiverem morte natural, [...] então o Senhor não me enviou. Mas, se o Senhor fizer acontecer algo totalmente novo, e a terra abrir a sua boca e os engolir, junto com tudo o que é deles, e eles descerem vivos ao Sheol [sepultura], então vocês saberão que estes homens desprezaram o Senhor" (Nm 16:28-30).

Assim que ele acabou de falar, a terra se abriu e os rebeldes caíram vivos no abismo, com tudo o que possuíam, e "pereceram, desaparecendo do meio da assembleia" (Nm 16:33). O povo fugiu, condenando-se como participantes do pecado.

Os juízos ainda não tinham terminado. Desceu fogo da nuvem e consumiu os duzentos e cinquenta príncipes que tinham oferecido incenso. Esses homens não

foram destruídos com os líderes dos conspiradores. Foi permitido que vissem o seu fim e tivessem a oportunidade de se arrepender. Como eles concordavam com os rebeldes, acabaram partilhando de sua condenação.

A congregação inteira teve sua culpa, pois, em maior ou menor grau, todos demonstraram alguma simpatia para com eles. Aqueles que se permitiram ser enganados ainda tiveram tempo de se arrepender.

Jesus, o Anjo que ia adiante dos hebreus, estava procurando salvá-los da destruição. Os juízos de Deus tinham vindo muito perto, como um apelo para se arrependerem. Se aceitassem a liderança divina poderiam ser salvos. Contudo, sua rebelião não foi curada. Naquela noite, eles voltaram aterrorizados para suas tendas, mas não arrependidos.

Tinham sido elogiados por Corá até acreditarem que eram um povo muito bom, injustiçado e maltratado por Moisés. Alimentaram a esperança de que uma nova ordem de coisas estivesse para ser estabelecida, na qual a reprovação seria substituída pelo elogio, e a ansiedade e o conflito pela comodidade. Os homens que morreram tinham proferido palavras agradáveis e demonstrado grande interesse e amor por eles, e o povo concluiu que, de alguma forma, Moisés tinha sido a causa da destruição deles.

Os israelitas se propuseram a matar Moisés e Arão. Aquela noite de prova não foi passada em arrependimento e confissão, mas em encontrar um meio para rejeitar as evidências de que eram os maiores pecadores. Eles ainda alimentavam ódio contra os homens designados por Deus e se uniram para resistir à autoridade deles.

"No dia seguinte, toda a comunidade de Israel começou a queixar-se contra Moisés e Arão, dizendo: 'Vocês mataram o povo do Senhor'" (Nm 16:41). E estavam a ponto de agir violentamente contra seus fiéis e abnegados líderes.

O Amor de Moisés por Israel

A glória divina apareceu na nuvem sobre o tabernáculo, e uma voz falou a Moisés: "Saia do meio dessa comunidade para que Eu acabe com eles imediatamente" (Nm 16:45).

Nessa terrível crise, Moisés se demorou, demonstrando o interesse de um verdadeiro pastor pelo rebanho ao seu cuidado. Suplicou que Deus não destruísse o povo que Ele mesmo havia escolhido.

Entretanto, o responsável por executar o juízo já tinha saído; a praga estava

fazendo sua obra de morte. Por orientação de seu irmão, Arão pegou um incensário, foi para o meio da congregação e "fez expiação por eles. Arão se pôs entre os mortos e os vivos, e a praga cessou" (Nm 16:47, 48), mas não até que catorze mil e setecentas pessoas fossem mortas.

O povo então não teve outra saída a não ser crer na indesejável verdade de que deveria morrer no deserto. "Nós morreremos!", exclamaram eles. "Estamos perdidos, estamos todos perdidos!" (Nm 17:12). Eles confessaram que tinham pecado, rebelando-se contra seus líderes, e que Corá e seus companheiros tiveram uma punição justa da parte de Deus.

Não existem ainda hoje os mesmos males que originaram a ruína de Corá? O orgulho e a ambição estão espalhados por toda a parte, abrindo as portas para a inveja e luta pelo poder. As pessoas estão longe de Deus e sendo arrastadas para as fileiras de Satanás sem perceber. Assim como Corá e seus companheiros, muitos pensam, planejam e trabalham tão desesperadamente para se engrandecer e conquistar a simpatia de outros, que estão prontos a deturpar a verdade, caluniando e traindo os servos do Senhor. Ao repetirem seus atos de falsidade, acabam acreditando que tudo é verdade.

Os hebreus não estavam dispostos a se submeter às orientações e restrições do Senhor. Não aceitavam ser corrigidos e reprovados. Esse era o segredo de suas murmurações contra Moisés. Ao longo de toda a história da igreja, os servos de Deus têm enfrentado o mesmo espírito.

A rejeição da luz obscurece a mente e endurece o coração, tornando mais fácil dar o próximo passo no pecado e rejeitar uma luz ainda mais clara, até que os hábitos errados acabam se firmando. Aquele que prega a Palavra de Deus e condena o pecado, muitas vezes é visto com ódio por outras pessoas. Para acalmar a consciência com mentiras, os que alimentam o ciúme, que se sentem ofendidos, semeiam a discórdia na igreja e enfraquecem as mãos daqueles que trabalham para o seu crescimento.

Os invejosos e os críticos procuram deturpar cada avanço feito por aqueles a quem Deus chamou para liderar Sua obra. Foi assim no tempo de Lutero, dos irmãos Wesley e de outros reformadores. Assim é hoje também.

Corá e seus companheiros rejeitaram a luz até que se tornaram tão cegos que as mais surpreendentes manifestações do poder divino não foram suficientes para convencê-los; atribuíam todas elas a fontes humanas ou satânicas. O povo fez o

mesmo. Embora estivessem diante da mais convincente prova do desagrado de Deus, atribuíam Seus juízos a Satanás, afirmando que Moisés e Arão causaram a morte de homens bons e santos. Cometeram o pecado contra o Espírito Santo. "Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem", disse Cristo, "será perdoado; mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado" (Mt 12:32). É por meio do Espírito Santo que Deus Se comunica conosco, e aqueles que rejeitam essa ação como sendo de origem satânica, cortam o canal de comunicação entre eles e o Céu.

Se rejeitamos a obra do Espírito, não há mais o que Deus possa fazer por nós. Ficamos desligados de Deus e o pecado não tem remédio para curar a si mesmo. "Deixem-no só!" (Os 4:17), é a ordem divina. Então, "já não resta sacrifício pelos pecados, mas tão somente uma terrível expectativa de juízo e de fogo intenso que consumirá os inimigos de Deus" (Hb 10:26, 27).

---

* Este capítulo é baseado em Número 16 e 17.

Quarenta Anos no Deserto

Por quase quarenta anos o povo de Israel esteve longe de tudo e de todos no imenso e distante deserto. Na rebelião de Cades, eles rejeitaram a Deus, e durante aquele tempo Deus os rejeitou. Como tinham provado ser infiéis à Sua aliança, não deveriam receber o sinal dessa aliança, o rito da circuncisão. O desejo de voltarem à terra do cativeiro mostrou que eram indignos da liberdade; e a Páscoa, criada para comemorar a libertação do cativeiro não deveria ser celebrada.

No entanto, o serviço do tabernáculo continuou sendo realizado, como uma prova de que Deus não havia abandonado Seu povo por completo. Pelo cuidado divino, suas necessidades ainda eram supridas. "Pois o Senhor, o seu Deus, os tem abençoado em tudo o que vocês têm feito. Ele cuidou de vocês em sua jornada por este grande deserto. Nestes quarenta anos o Senhor, o seu Deus, tem estado com vocês, e não lhes tem faltado coisa alguma" (Dt 2:7). Deus cuidou de Israel mesmo durante todos esses anos em que foram obrigados a viver na solidão do deserto: "Deste o Teu bom Espírito para instruí-los. [...] No deserto, [...] as roupas deles não se gastaram nem os seus pés ficaram inchados" (Ne 9:20, 21).

O deserto serviu como um instrumento para educar a geração que crescia, enquanto se preparava para entrar na Terra Prometida. Moisés disse a eles: "Assim como um homem disciplina o seu filho, da mesma forma o Senhor, o seu Deus, os disciplina", "para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos Seus mandamentos ou não. Assim, Ele [...] os deixou passar fome. Mas depois os sustentou com maná, que nem vocês nem os seus antepassados conheciam, para mostrar-lhes que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca do Senhor" (Dt 8:5, 2, 3).

"Em toda a aflição do Seu povo Ele também Se afligiu, e o Anjo da Sua presença os salvou. Em Seu amor e em Sua misericórdia Ele os resgatou; foi Ele que sempre os levantou e os conduziu nos dias passados" (Is 63:9).

A revolta de Corá resultou na morte de catorze mil pessoas de Israel. Casos isolados de rebelião revelaram o mesmo espírito de desrespeito para com a autoridade divina.

Numa ocasião, um daqueles que pertenciam à "mistura de gente" que subiu do Egito com Israel saiu da área destinada aos estrangeiros no acampamento e entrou na área dos israelitas, declarando ter direito de armar sua tenda ali. Surgiu uma discussão entre ele e um israelita, e o caso foi levado aos juízes, que decidiram contra o estrangeiro.

Enfurecido com essa decisão, ele amaldiçoou o juiz e blasfemou contra o nome de Deus. Foi levado à presença de Moisés imediatamente. O homem foi colocado sob guarda até que fosse conhecida a vontade de Deus. O próprio Deus pronunciou a sentença. Por determinação divina, o homem que blasfemou foi conduzido para fora do acampamento e apedrejado. Aqueles que foram testemunhas do seu pecado colocaram as mãos sobre a cabeça dele, testificando dessa maneira, a verdade da acusação contra ele. Então eles atiraram as primeiras pedras, e o povo que estava por perto se uniu a eles na execução da sentença. [Ver Lv 24:14; Dt 17:7.]

Punição aos Transgressores

Se o pecado desse homem tivesse ficado sem punição, outros seriam influenciados a praticá-lo e, como resultado, muitas vidas acabariam sendo sacrificadas.

As pessoas que subiram do Egito com os israelitas diziam adorar o verdadeiro Deus, que tinham renunciado à idolatria, mas assim mesmo estavam de certa forma corrompidos pela idolatria e irreverência. Eles espalhavam pelo acampamento suas práticas idólatras e reclamações contra Deus.

Não muito tempo depois, um deles transgrediu o sábado. O anúncio de que o Senhor deserdaria Israel tinha despertado o espírito de rebelião. Alguém do povo, irado por ser excluído de Canaã e decidido a mostrar seu desafio à lei de Deus, ousou transgredir o quarto mandamento, saindo para pegar lenha no sábado. Durante o tempo em que passaram no deserto, foi estritamente proibido fazer fogo no sétimo dia. A proibição não deveria continuar na terra de Canaã, mas no deserto não era necessário usar o fogo para aquecer. Isso representava uma transgressão deliberada e voluntária do quarto mandamento – não por ignorância, mas por presunção.

Moisés levou o caso perante o Senhor e foi dada esta orientação: “O homem terá que ser executado. Toda a comunidade o apedrejará fora do acampamento” (Nm 15:35). Os pecados de blasfêmia e de transgressão voluntária do sábado recebiam a mesma punição, pois revelavam uma atitude de desprezo para com a autoridade de Deus.

Muitos rejeitam o sábado declarando que ele não passa de uma instituição judaica e insistem que, se ele tivesse que ser observado, a pena de morte deveria ser usada para punir a transgressão desse mandamento. A blasfêmia recebia a mesma punição que a transgressão do sábado. Embora Deus não castigue mais a transgressão de Sua lei por meio de punições terrenas, no juízo final, a morte será o destino daqueles que violam os Seus sagrados mandamentos.

Ao longo dos quarenta anos no deserto, o povo era lembrado da guarda do sábado, cada semana, pelo milagre do maná. Deus usou o profeta para declarar: “Profanaram os Meus sábados” (Ez 20:13-24). Isso está registrado entre as razões pelas quais a primeira geração foi excluída da Terra Prometida.

Quando terminou o período de peregrinação, “a comunidade de Israel chegou ao deserto de Zim e ficou em Cades” (Nm 20:1). Ali, Miriã morreu e foi sepultada. A trajetória desde a cena de alegria nas praias do Mar Vermelho até a sepultura no deserto, que colocou um fim à longa vida de peregrinação de Miriã, representa também a história de vida de milhões que saíram do Egito com grandes esperanças. O pecado tirou a taça de bênçãos de seus lábios. Será que a próxima geração aprenderia a lição?

O Fracasso de Moisés*

A corrente de águas vivas que serviu para refrescar Israel no deserto fluiu primeiramente da rocha que Moisés feriu em Horebe. Em todas as suas peregrinações, onde quer que houvesse necessidade, um milagre fazia a água jorrar ao lado do acampamento.

Era Cristo que proporcionava a refrescante corrente de água para Israel. "E beberam da mesma bebida espiritual; pois a bebiam da Rocha espiritual que os acompanhava, e essa Rocha era Cristo" (1Co 10:4). Ele era a fonte de todas as bênçãos físicas e espirituais. "Não tiveram sede quando Ele os conduziu através dos desertos; Ele fez a água fluir da rocha para eles; fendeu a rocha e a água jorrou" (Is 48:21). "E jorrou água, que escorreu como um rio pelo deserto" (Sl 105:41).

Assim como águas vivificantes fluíam da rocha ferida, também Cristo, "castigado por Deus", "traspassado por causa das nossas transgressões", "esmagado por causa de nossas iniquidades" (Is 53:4, 5), a torrente de salvação, flui em favor de uma raça perdida. Da mesma forma que a rocha foi ferida uma vez, "assim também Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos" (Hb 9:28). Nosso Salvador não deveria ser sacrificado uma segunda vez. Para aqueles que buscam as bênçãos de Sua graça, é necessário somente pedi-las em nome de Jesus; então fluirá novamente o sangue doador da vida, simbolizado pela água viva que fluía para Israel.

Pouco antes de os hebreus chegarem a Cades, a corrente viva que por tantos anos jorrou ao lado do acampamento secou. O Senhor iria prová-los para ver se confiariam em Sua providência ou revelariam a mesma incredulidade de seus antepassados.

Eles já podiam avistar as colinas de Canaã; estavam a uma pequena distância de

Edom, o caminho pelo qual deveriam ir a Canaã. Deus deu a direção a Moisés: "E diga ao povo: 'Vocês estão passando pelo território de seus irmãos, os descendentes de Esaú. [...] Eles terão medo de vocês. [...] Vocês lhes pagarão com prata a comida que comerem e a água que beberem'" (Dt 2:4-6).

Essas orientações seriam suficientes para explicar por que foi cortado o seu suprimento de água; logo iriam passar por uma região bem regada e fértil, um caminho que os levaria direto para a terra de Canaã. O fato de a miraculosa corrente de água secar deveria ter sido encarado como motivo de alegria, um sinal de que a sua a peregrinação no deserto tinha terminado. Entretanto, o povo parecia ter perdido toda a esperança de que Deus os levaria para Canaã e começaram a clamar pelas bênçãos do deserto.

A água parou de correr antes de chegarem a Edom. Tinham então a oportunidade de andar um pouco mais pela fé, e não pela vista. Contudo, a primeira prova revelou o mesmo espírito demonstrado por seus antepassados. Esqueceram-se da mão que por tantos anos havia suprido suas necessidades. Em vez de se voltarem para Deus em busca de auxílio, reclamavam em desespero: "Quem dera tivéssemos morrido quando os nossos irmãos caíram mortos perante o Senhor!" (Nm 20:3) – referiam-se à rebelião de Corá.

Moisés e Arão foram até a porta do tabernáculo e se curvaram com o rosto em terra. Moisés então recebeu a mensagem: "Pegue a vara, e com o seu irmão Arão reúna a comunidade e diante desta fale àquela rocha, e ela verterá água. Vocês tirarão água da rocha" (Nm 20:8).

Os dois irmãos eram já idosos. Havia muito tempo suportavam a rebelião de Israel. Então Moisés perdeu a paciência. "Escutem, rebeldes", ele exclamou, "será que teremos que tirar água desta rocha para lhes dar?" (Nm 20:10). Em vez de falar à rocha, como Deus lhe ordenou, ele a feriu duas vezes com a vara.

A água jorrou em abundância, mas um grande erro foi cometido. Moisés falou demonstrando grande irritação: "Escutem, rebeldes", disse ele. Essa acusação era verdadeira, mas a verdade não deve ser dita com ira e impaciência. Quando ele mesmo decidiu acusá-los, ofendeu o Espírito de Deus. Estava evidente a sua falta de domínio próprio. Isso deu motivo para o povo questionar se a sua conduta no passado tinha sido dirigida por Deus. Encontraram agora a desculpa que procuravam para rejeitar as reprovações que Deus tinha enviado por meio de Seu servo.

Falta de Confiança em Deus

Moisés demonstrou falta de confiança em Deus. Quando disse: "Será que temos que tirar água desta rocha para lhes dar?", perguntou como se o Senhor não fosse cumprir o que havia prometido. "Vocês não confiaram em Mim para honrar Minha santidade à vista dos israelitas" (Nm 10:12), disse o Senhor aos dois irmãos. Quando faltou água, sua fé na promessa de Deus foi abalada pela rebelião do povo. A primeira geração foi condenada a morrer no deserto por causa da sua incredulidade. Será que essa geração também seria condenada?

Cansados e desanimados, Moisés e Arão não fizeram esforço algum para se opor ao sentimento do povo. Poderiam ter colocado a questão diante do povo de maneira que conseguissem suportar a prova. Poderiam ter acalmado a murmuração antes de pedir a Deus que agisse no lugar deles. Quantos males teriam sido evitados!

A rocha, um símbolo de Cristo, tinha sido ferida uma vez, assim como Cristo também deveria ser oferecido uma vez. Moisés deveria somente falar à rocha, assim como temos apenas que pedir as bênçãos em nome de Jesus. Ao ferir a rocha pela segunda vez, Moisés destruiu o significado desse belo símbolo de Cristo. Mais que isso, Moisés e Arão assumiram um poder que pertence somente a Deus. Os líderes de Israel deveriam ter aproveitado a ocasião para impressionar o povo quanto à reverência para com Deus e lhes fortalecer a fé em Seu poder e em Sua bondade. Quando exclamaram irados: "*Será que temos* que tirar água desta rocha para lhes dar?", eles se colocaram no lugar de Deus, como se todo o poder estivesse com eles. Moisés perdeu de vista o seu Auxiliador todo-poderoso e, ao agir por si mesmo, sem a força divina, manchou o registro de sua vida com uma demonstração de fraqueza humana. O homem que poderia ter permanecido firme e abnegado até o fim de sua carreira foi vencido.

Dessa vez, Deus não pronunciou nenhum juízo sobre aqueles que tanto provocaram Moisés e Arão; toda a reprovação caiu sobre os líderes. Moisés e Arão sentiram-se ofendidos e perderam de vista o fato de que a murmuração do povo não era contra eles, mas contra Deus. Ao olharem para si mesmos, caíram no pecado sem perceber e não conseguiram levar as pessoas a ver a grande ofensa que tinham cometido contra Deus.

"O Senhor, porém, disse a Moisés e a Arão: 'Como vocês não confiaram em Mim para honrar Minha santidade à vista dos israelitas, vocês não conduzirão esta comunidade para a terra que lhes dou'" (Nm 20:12). Eles morreriam antes de atravessar o Jordão. Eles não pecaram de forma voluntária ou premeditada; tinham sido vencidos por uma tentação inesperada, e o seu arrependimento foi imediato e sincero. O Senhor

aceitou o seu arrependimento, mas, por causa do mal que seu pecado poderia causar entre o povo, Ele não poderia remover a punição.

Moisés então disse ao povo que, por ter deixado de dar a glória devida a Deus, ele não poderia guiá-los à Terra Prometida. Pediu que refletissem sobre a severa punição que ele havia recebido e pensassem em como Deus considerava as murmurações do povo, cada vez que um simples homem era acusado por eles por causa dos juízos que recaíram sobre si mesmos devido aos pecados que cometiam. Moisés contou aos israelitas como havia suplicado a Deus que voltasse atrás na sentença dada, mas seu pedido havia sido negado.

Em todas as suas jornadas, ao se queixarem das dificuldades pelo caminho, Moisés dizia a eles: "As suas murmurações não são contra nós, e sim contra o Senhor". "Não fui eu, mas sim Deus, que os libertou." Com as palavras precipitadas – "Será que *teremos* que tirar água?" – Moisés praticamente admitiu as acusações feitas pelo povo. Portanto, seu erro foi confirmá-los em sua incredulidade e justificar suas murmurações. O Senhor tiraria para sempre essa impressão de sua mente impedindo Moisés de entrar na Terra Prometida. Ali estava a prova definitiva de que seu líder não era Moisés, mas o poderoso Anjo de quem o Senhor disse: "Eis que envio um Anjo à frente de vocês para protegê-los por todo o caminho e fazê-los chegar ao lugar que preparei. Prestem atenção e ouçam o que Ele diz. [...], pois nEle está o Meu nome" (Êx 23:20, 21).

Deus não Age com Parcialidade

"Todavia, por causa de vocês, o Senhor irou-Se contra mim" (Dt 3:26), disse Moisés. Toda a congregação sabia da transgressão. Se Deus a tivesse passado por alto, o povo teria pensado que a impaciência de um líder, sob grande provocação, poderia ser desculpada. Quando foi declarado que Moisés e Arão não poderiam entrar em Canaã por causa daquele único pecado, o povo entendeu que Deus não age com parcialidade.

Nos tempos futuros, todos deveriam ver que o Deus do Céu é imparcial, que jamais justifica o pecado. A bondade e o amor de Deus O movem a lidar com o pecado como um mal que é fatal à paz e felicidade do Universo.

Deus perdoou o povo por transgressões maiores, mas não poderia proceder da mesma forma com o pecado dos líderes e dos liderados. Moisés tinha sido honrado por Ele acima de qualquer outra pessoa na Terra. O fato de ter sido abençoado com tão grande luz e conhecimento tornava o seu pecado ainda mais grave. A fidelidade do passado não anula um ato errado sequer. Maior luz e maiores privilégios recebidos

somente tornam a falta menos desculpável e a punição mais severa.

O pecado de Moisés foi um pecado comum. O salmista diz que ele "falou sem refletir" (Sl 106:33). De acordo com o julgamento humano, pode parecer algo pequeno, mas se Deus tratou com tanta severidade esse pecado em Seu servo mais fiel e honrado, Ele não o desculpará em outros. O espírito de exaltação própria e a tendência de culpar outros desagrada a Deus. Quanto mais importante for a posição que a pessoa ocupa, maior é a necessidade de cultivar a paciência e a humildade.

Se aqueles que ocupam posições de responsabilidade tomam para si as honras devidas a Deus, Satanás conquista uma vitória. Todo impulso ligado à nossa natureza e toda tendência do coração necessitam estar, momento a momento, sob a direção do Espírito de Deus. Portanto, quanto maior for a luz que recebemos, quanto mais desfrutamos o favor divino, cada vez mais humildemente devemos andar diante do Senhor, suplicando com fé que Ele dirija cada motivo, cada desejo que temos.

As responsabilidades colocadas sobre Moisés foram muito grandes. Poucas pessoas serão tão provadas como ele foi. Mesmo assim, isso não desculpa o pecado dele. Não importa quão grande seja a pressão que sofremos, a transgressão é um ato nosso. Não está em nenhum poder da terra nem do inimigo e seus anjos obrigar qualquer pessoa a praticar o mal. Por mais severa ou inesperada que seja a tentação, Deus provê o auxílio, e nós podemos vencer por Sua força.

---

* Este capítulo é baseado em Números 20:1-13.

Por que a Demora?*

O acampamento de Israel em Cades estava bem próximo das fronteiras de Edom, e tanto Moisés como o povo desejavam muito seguir pelo caminho que atravessava esse país para chegarem à Terra Prometida. Então enviaram uma mensagem ao rei edomita:

"Assim diz o teu irmão Israel: [...] Agora estamos em Cades, cidade da fronteira do teu território. Deixa-nos atravessar a tua terra. Não passaremos por nenhuma plantação ou vinha, nem beberemos água de poço algum. Passaremos pela estrada do rei e não nos desviaremos nem para a direita nem para a esquerda, até que tenhamos atravessado o teu território" (Nm 20:14-17).

A esse pedido feito com toda cortesia, o rei edomita enviou uma resposta ameaçadora: "Vocês não poderão passar por aqui; se tentarem, nós os atacaremos com a espada" (Nm 20:18).

Os líderes de Israel enviaram um segundo pedido para o rei, com uma promessa: "Iremos pela estrada principal; se nós e os nossos rebanhos bebermos de tua água, pagaremos por ela. Queremos apenas atravessar a pé, e nada mais" (Nm 20:19).

"Vocês não poderão atravessar" (Nm 20:20), foi a resposta. Bandos armados de edomitas já estavam de prontidão em pontos estratégicos, e os hebreus estavam proibidos de recorrer à força. Eles deveriam fazer a longa jornada ao redor da terra de Edom.

Se o povo tivesse confiado em Deus, o Capitão do exército do Senhor os teria guiado através de Edom. Os habitantes da terra, em vez de reagir com hostilidade,

teriam atendido a esse pedido. Como os israelitas não agiram conforme a ordem dada por Deus, perderam a grande oportunidade. Quando estavam prontos para fazer o pedido ao rei, ele foi recusado. Por todo o tempo, desde que saíram do Egito, Satanás esteve sempre em atividade, lançando obstáculos em seu caminho a fim de não herdarem Canaã. Por sua incredulidade, abriram várias vezes a porta para dar oportunidade a ele.

Quando Deus diz a Seus filhos para avançarem, Satanás os induz a desagradar ao Senhor pela hesitação e demora. Ele procura despertar o espírito de briga, murmuração ou incredulidade e assim privá-los das bênçãos que Deus deseja conceder. Os servos de Deus devem estar sempre prontos. Qualquer demora de sua parte é um tempo a mais para Satanás agir e os derrotar.

Os edomitas eram descendentes de Abraão e Isaque. Por amor a esses Seus dois servos, Deus lhes deu o Monte Seir por herança. Eles não deveriam ser perturbados, a menos que se colocassem além da Sua misericórdia por causa dos seus pecados. Os hebreus tinham o dever de destruir completamente os moradores de Canaã, que tinham enchido a medida de sua iniquidade; mas os edomitas ainda poderiam se arrepender e era necessário que fossem tratados com misericórdia. Deus manifesta compaixão antes de decretar os juízos.

Os israelitas foram proibidos até mesmo de se vingar da afronta recebida quando lhes recusaram permissão de passar por suas terras. Não deveriam esperar possuir qualquer parte da terra de Edom. Deus lhes prometeu uma grande herança, mas precisavam entender que eles não eram os únicos que tinham direitos na terra e excluir todos os outros. Precisavam cuidar para não fazer injustiça aos edomitas. Poderiam negociar com eles, pagando por tudo o que recebessem. Como um estímulo para confiarem em Deus e obedecer à Sua palavra, eram lembrados: “O Senhor, o seu Deus os tem abençoado [...]; não lhes tem faltado coisa alguma” (Dt 2:7). Seu Deus era rico em recursos. Deveriam exemplificar o princípio: “Ame cada um o seu próximo como a si mesmo” (Lv 19:18).

Se tivessem passado por Edom como era o plano de Deus, a passagem teria se tornado uma bênção para os edomitas. Teriam se familiarizado com o povo de Deus e Seu culto, e teriam visto como o Deus de Jacó fez prosperar aqueles que O amavam e O temiam. A incredulidade de Israel impediu que tudo isso acontecesse. Eles teriam que atravessar o deserto novamente e saciar sua sede na fonte miraculosa, da qual não mais necessitariam caso tivessem somente confiado nEle.

A Morte de Arão

Assim, todo o povo de Israel voltou, seguindo em sua jornada por terras secas que pareciam muito mais cansativas depois de terem contemplado à distância a paisagem verdejante das colinas e vales de Edom. Olhando da cordilheira para o sombrio deserto se eleva o Monte Hor, cujo topo deveria ser o local da morte de Arão e de seu sepultamento. Quando os israelitas chegaram a essa montanha, Deus ordenou a Moisés:

"Leve Arão e seu filho Eleazar para o alto do Monte Hor. Tire as vestes de Arão e coloque-as em seu filho Eleazar, pois Arão será reunido aos seus antepassados" (Nm 20:25, 26). Juntos, esses dois homens já bem idosos e o jovem subiram a montanha. Moisés e Arão estavam com a cabeça branca. Sua vida longa e cheia de acontecimentos tinha sido marcada pelas mais sérias provações e maiores honras jamais conferidas a qualquer homem. Todas as suas habilidades tinham sido desenvolvidas, exaltadas e dignificadas pela comunicação com o Infinito. Seu rosto evidenciava grande capacidade intelectual, firmeza, fortes afeições e nobreza de propósitos.

Moisés e Arão passaram muitos anos lutando contra inúmeros perigos, mas chegara o tempo em que deveriam se separar. Andavam bem devagar, pois cada momento que passavam na companhia um do outro era precioso. A subida era íngreme e exaustiva e, ao pararem frequentemente para descansar, conversavam sobre o futuro. O cenário de suas peregrinações no deserto se estendia diante deles. Na planície abaixo estavam acampadas as vastas hostes de Israel, por quem esses homens escolhidos haviam dedicado a melhor parte de sua vida e tinham feito grandes sacrifícios. Em algum lugar, além das montanhas de Edom, estava o caminho que conduzia à Terra Prometida, a terra cujas bênçãos Moisés e Arão não iriam desfrutar. Uma tristeza solene se estampava em seu rosto ao se lembrarem do que os havia impedido de entrar na terra prometida a seus pais.

O trabalho de Arão por Israel estava concluído. Quarenta anos antes, com a idade de oitenta e três anos, Deus o havia chamado para se unir a Moisés em sua desafiadora missão. Tinha sustentado as mãos do grande líder quando os exércitos hebreus entraram na batalha contra Amaleque. Teve o privilégio de subir o Monte Sinai e contemplar a glória divina. O Senhor o havia honrado com a santa consagração de sumo sacerdote e o mantivera na sagrada função pelas terríveis manifestações do juízo divino na destruição de Corá e seus seguidores. Quando seus dois filhos foram mortos por desrespeitarem a expressa ordem divina, ele não se rebelou e nem mesmo se queixou. No entanto, o registro de sua vida tão nobre ficou manchado quando ele se

rendeu aos clamores do povo e fez o bezerro de ouro no Sinai e quando se uniu a Miriã ao criticar Moisés. Tanto ele quanto Moisés ofenderam a Deus em Cades, desobedecendo à ordem de falar à rocha para que dela jorrasse água.

Arão trazia os nomes das tribos de Israel em seu peito. Ele comunicava ao povo a vontade de Deus. Entrava no lugar santíssimo no dia da expiação, mas "nunca sem sangue" (Hb 9:7), como mediador de Israel. Foi a exaltada natureza da sagrada função como representante de nosso grande Sumo Sacerdote que tornou tão grande o pecado de Arão em Cades.

Com profunda tristeza, Moisés removeu de Arão as santas vestes e as colocou sobre Eleazar, seu sucessor, por determinação divina. Foi negado a Arão o privilégio de oficiar como sacerdote de Deus em Canaã por causa de seu pecado em Cades – de oferecer o primeiro sacrifício naquela bela terra. Moisés deveria continuar guiando o povo até as fronteiras de Canaã, mas não entraria ali. Se esses servos de Deus tivessem suportado a prova, diante da rocha em Cades, sem murmurar, quão diferente teria sido o seu futuro! Um ato errado jamais pode ser desfeito. Por vezes, o trabalho de uma vida inteira não é capaz de recuperar o que se perdeu em um simples momento de tentação ou de negligência.

Quando o povo olhou ao seu redor, para a vasta congregação, viu que quase todos os adultos que saíram do Egito tinham morrido no deserto. Todos tiveram um mau pressentimento ao se lembrarem da sentença pronunciada contra Moisés e Arão. Alguns tinham conhecimento dos objetivos dessa misteriosa jornada ao topo do Monte Hor, e sua preocupação com os líderes aumentava com as amargas lembranças e acusações contra si mesmos.

Lições da Morte de Arão

Moisés e Eleazar foram vistos descendo vagarosamente a encosta da montanha. As vestes sacerdotais estavam sobre Eleazar, mostrando que ele seria o sucessor de seu pai na função sagrada. Quando o povo se reuniu, Moisés disse que Arão tinha morrido em seus braços no alto do Monte Hor e que eles o haviam sepultado lá. A congregação rompeu em choro e lamentação. "Toda a nação de Israel pranteou por ele durante trinta dias" (Nm 20:29).

As Escrituras trazem apenas um simples registro: "Ali Arão morreu e foi sepultado, e o seu filho Eleazar foi o seu sucessor como sacerdote" (Dt 10:6). Em marcante contraste, nos dias de hoje, as cerimônias fúnebres de pessoas de alta posição são muitas vezes oportunidades para demonstrações extravagantes de luxo. Quando Arão

morreu, só estavam dois de seus amigos mais próximos para assistir ao seu funeral. Aquela sepultura solitária esteve para sempre oculta da vista de Israel. Deus não é honrado com o exibicionismo e gastos extravagantes feitos ao devolver o corpo ao pó.

A morte de Arão fez com que Moisés se lembrasse de que seu fim estava próximo. Ele sentiu profundamente a perda daquele que por tantos anos partilhou de suas alegrias e tristezas. Moisés teria que continuar sua obra sozinho, mas ele sabia que Deus era seu amigo, e nEle se apoiou com mais força ainda.

Pouco depois de partirem do Monte Hor, os israelitas sofreram uma derrota na batalha contra Arade, um dos reis cananeus. Como buscaram ajuda em Deus, o auxílio divino foi concedido a eles e os inimigos foram destruídos. Em vez de motivar a gratidão, essa vitória fez com que o povo ficasse orgulhoso e confiante em si mesmo.

Eles continuaram sua jornada em direção ao sul, através de um vale muito quente, sem sombra ou qualquer vegetação. Estavam cansados e com sede. Novamente não conseguiram suportar a prova de fé e paciência. Ao pensarem somente no lado sombrio das circunstâncias que enfrentavam, separaram-se mais ainda de Deus. Perderam de vista o fato de que se não tivessem murmurado quando a água parou de jorrar em Cades, teriam poupado toda a jornada ao redor de Edom. Eles se iludiam em seu orgulho, dizendo que já teriam tomado posse da Terra Prometida se Deus e Moisés não tivessem interferido.

Depois de tornarem a situação muito mais difícil do que era o intuito de Deus, passaram a alimentar amargos pensamentos com relação à maneira com que o Senhor lidava com eles, e acabaram ficando descontentes com tudo. O Egito parecia mais desejável que a liberdade e a terra para a qual Deus os estava conduzindo.

O que Acontece na Incredulidade

"Mas o povo ficou impaciente no caminho e falou contra Deus e contra Moisés, dizendo: 'Por que vocês nos tiraram do Egito para morrermos no deserto? Não há pão! Não há água! E nós detestamos esta comida miserável!'" (Nm 21:4, 5).

Moisés apresentou diante do povo o grande pecado que cometiam. Somente o poder de Deus os tinha preservado "pelo imenso e pavoroso deserto, por aquela terra seca e sem água, de serpentes e escorpiões venenosos. Ele tirou água da rocha para vocês" (Dt 8:15). Em todo o caminho eles tinham encontrado água, o pão do Céu, paz e segurança debaixo da sombra da nuvem durante o dia e da coluna de fogo à noite. Anjos cuidaram deles ao subirem as montanhas cheias de rochas ou ao atravessarem os

caminhos difíceis do deserto. Entre eles, não havia nenhum que estivesse fraco. Seus pés não incharam nas longas jornadas nem as suas roupas se desgastaram. Deus fechara a boca das feras selvagens e dos répteis venenosos da floresta e do deserto diante deles.

A Mão Protetora de Deus é Removida

Protegidos pelo poder divino, não conseguiram ver os incontáveis perigos que os rodeava. Em sua falta de fé, só esperavam a morte, e então o Senhor permitiu que a morte viesse até eles. As serpentes venenosas que infestavam o deserto eram chamadas de serpentes ardentes porque sua picada causava uma inflamação violenta e morte rápida. Quando a mão de Deus foi retirada, um grande número de pessoas foi atacado por essas criaturas venenosas.

Em quase todas as tendas havia pessoas agonizando ou mortas. Muitas vezes, o silêncio da noite era quebrado por gritos de dor que significavam novas vítimas. Todos estavam ocupados em cuidar dos sofredores ou tentando proteger aqueles que ainda não tinham sido picados. Comparadas ao sofrimento que passavam naquela hora, as provações e dificuldades anteriores pareciam nunca ter existido.

O povo foi então até Moisés com suas confissões e súplicas: "Pecamos quando falamos contra o Senhor e contra você" (Nm 21:7). Pouco tempo antes, eles o haviam acusado de ser o causador de todas as suas angústias e aflições. Assim que tiveram que enfrentar uma dificuldade de verdade, correram para ele como o único capaz de interceder por eles diante de Deus. "Ore pedindo ao Senhor que tire as serpentes do meio de nós" (Nm 21:7).

Deus ordenou a Moisés que fizesse uma serpente de bronze e a erguesse no meio do povo. Todos os que tinham sido picados deveriam olhar para ela e encontrariam alívio. Foi enviada a todo povo a alegre notícia de que todos os que fossem picados poderiam olhar para a serpente e viver. Muitos já tinham morrido, e, quando Moisés levantou a serpente sobre a vara, alguns não acreditaram que, se apenas lançassem um olhar para o símbolo de metal, estariam curados; e morreram em sua incredulidade.

Muitos, entretanto, tiveram fé na provisão feita por Deus. Pais, mães, irmãos e irmãs estavam ansiosamente ocupados em ajudar os amigos sofredores, já quase à morte, para que conseguissem fixar o olhar desfalecido na serpente. Embora fracos e agonizantes, se pudessem olhar tão somente uma única vez, seriam curados.

Símbolo do Salvador

A serpente de bronze levantada no deserto tinha como objetivo ensinar a Israel uma importante lição. Eles não poderiam salvar a si mesmos dos efeitos do veneno em suas feridas; somente Deus poderia curá-los. Eles deveriam demonstrar sua fé na provisão feita por Ele. Deveriam olhar para viver. Ao olhar para a serpente, eles demonstravam sua fé. Sabiam que não havia dom algum na serpente em si, mas ela era um símbolo de Cristo.

Antes disso, muitos levavam ofertas a Deus e achavam que assim estavam fazendo a expiação pelos próprios pecados. O Senhor desejava ensinar a eles que seus sacrifícios não tinham mais poder que a serpente de bronze, mas o propósito era dirigir a mente deles a Cristo, a grande oferta pelo pecado.

"Da mesma forma como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nEle crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3:14, 15). Todos os que já viveram na Terra sentiram a picada mortal daquela "antiga serpente, chamada o Diabo ou Satanás" (Ap 12:9). Os efeitos fatais do pecado podem ser removidos somente pela provisão feita por Deus. Os israelitas salvaram sua vida porque acreditaram na palavra de Deus e confiaram no meio provido para a sua cura. Da mesma forma, o pecador pode olhar para Cristo e viver, receber o perdão por meio da fé em Seu sacrifício expiatório. Cristo tem poder e o dom para curar o pecador arrependido.

Embora os pecadores não possam se salvar, eles ainda têm algo a fazer para garantir a salvação. "Quem vier a Mim", diz Cristo, "Eu jamais rejeitarei" (Jo 6:37). Devemos *ir a Ele*; e quando nos arrependemos, devemos crer que Ele nos aceita e perdoa. A fé é um dom de Deus, mas a disposição para exercitá-la é nossa. A fé é a mão pela qual o pecador se apodera do oferecimento da graça e da misericórdia divinas.

Muitos têm se apegado à ideia de que poderiam fazer algo para se tornarem dignos das bênçãos. Eles olham para si mesmos e duvidam de que Jesus é o todo-suficiente Salvador. Não devemos pensar que nossos próprios méritos nos salvarão. Cristo é a nossa única esperança de salvação.

Ao olharmos para a maldade de nosso coração, não devemos ficar com medo de não ter um Salvador ou que Ele não tenha misericórdia de nós. É nesse momento que Jesus está nos convidando a irmos até Ele para sermos salvos.

Muitos israelitas não reconheceram o auxílio vindo por meio do remédio indicado pelo Céu. Eles sabiam que sem a ajuda divina a morte era certa, mas continuaram a

lamentar até os olhos ficarem embaçados, quando poderiam ter conseguido a cura instantânea. Ao olharmos para a nossa desamparada condição sem Cristo, não devemos nos entregar ao desânimo, mas confiar inteiramente nos méritos de um Salvador crucificado e ressurreto. Olhe e viva. Jesus salvará a todos que forem a Ele.

Nenhum daqueles que confiam nos méritos de Cristo perecerá.

Muitos vagueiam nos labirintos da filosofia em busca de razões que jamais encontrarão, e ao mesmo tempo rejeitam as provas que Deus teve o prazer de lhes conceder. Deus dá prova suficiente na qual a fé deve se basear, e se essa prova não for aceita, a mente será deixada em trevas. Se aqueles que foram picados pelas serpentes tivessem parado para duvidar e questionar antes de decidirem olhar, teriam morrido. É nosso dever olhar, e o olhar da fé nos concederá vida.

---

* Este capítulo é baseado em Números 20:14-29; 21:1-9.

A Conquista de Basã*

Depois de passarem para o sul de Edom, os israelitas partiram para o norte em direção à Terra Prometida. O caminho agora era formado por uma planície grande e elevada, refrescada por uma brisa suave – uma agradável mudança do vale seco em que estavam. Eles seguiam viagem, felizes e cheios de esperança. Deus disse: "Não perturbem os moabitas nem os provoquem à guerra, pois não darei a vocês parte alguma da terra deles, pois já entreguei a região de Ar aos descendentes de Ló" (Dt 2:9). A mesma ordem foi repetida com relação aos amonitas, que também eram descendentes de Ló.

O povo de Israel logo chegou ao país dos amorreus. Esse povo forte e guerreiro tinha cruzado o Jordão, lutando contra os moabitas e conquistando parte de seu território. O caminho para o Jordão estava dentro desse território, e Moisés enviou uma mensagem amigável a Seom, o rei amorreu: "Deixa-nos passar pela tua terra [...]. Por prata nos venderás tanto a comida que comermos como a água que bebermos. Apenas deixa-nos passar a pé" (Dt 2:27, 28).

A resposta foi um decidido não, e todos os exércitos dos amorreus foram convocados para combater os invasores. Esse imenso exército aterrorizou os israelitas. No que diz respeito à habilidade na guerra, os inimigos tinham vantagem. Do ponto de vista humano, os amorreus rapidamente colocariam um fim em Israel.

Moisés manteve o olhar fixo na coluna de nuvem. Essa evidência da presença de Deus ainda estava com eles. Ao mesmo tempo, ele instruiu o povo a fazer tudo o que o poder humano seria capaz para se preparar para a guerra. O inimigo estava confiante de que exterminaria os israelitas. Entretanto, o Dono de toda a Terra enviou esta mensagem a Israel: "Vão agora e atravessem o ribeiro do Arnom. Vejam que Eu

entreguei em suas mãos o amorreu Seom, rei de Hesbom, e a terra dele. Comecem a ocupação, entrem em guerra contra ele. Hoje mesmo começarei a infundir pavor e medo de vocês em todos os povos debaixo do céu. Quando ouvirem da fama de vocês, tremerão e ficarão angustiados" (Dt 2:24).

Amor Revelado às Nações Ímpias

Essas nações nas fronteiras de Canaã teriam sido poupadas se não tivessem se levantado contra o povo de Israel em desafio à palavra de Deus. O Senhor prometeu a Abraão: "Na quarta geração, os seus descendentes voltarão para cá, porque a maldade dos amorreus ainda não atingiu a medida completa" (Gn 15:16). Deus os poupou durante quatrocentos anos a fim de lhes dar prova inequívoca de que Ele era o único verdadeiro Deus. Os amorreus conheciam todos os milagres operados por Deus para tirar Israel do Egito. Eles poderiam ter conhecido a verdade, mas rejeitaram a luz e se apegaram a seus ídolos.

Quando o Senhor conduziu Seu povo às fronteiras de Canaã pela segunda vez, essas nações pagãs receberam outra prova de Seu poder. Viram que Deus estava com Israel na vitória sobre o rei Arade e os cananeus, e no milagre operado para salvar aqueles à beira da morte por causa da picada das serpentes. Em todas as suas viagens e acampamentos os israelitas não fizeram mal algum ao povo ou às suas propriedades. Ao chegarem à fronteira dos amorreus, Israel pediu permissão para passar pelo país, prometendo observar as mesmas regras que tinham observado em suas relações com outras nações. Quando o rei amorreu recusou o pedido, e cheio de arrogância reuniu seus exércitos para a batalha, a taça de sua iniquidade ficou cheia, e Deus exerceria Seu poder para derrotá-los.

Os israelitas cruzaram o rio Arnom e avançaram contra o inimigo. Travou-se um combate, e os exércitos de Israel venceram. Logo tomaram posse do país dos amorreus. O Capitão do exército do Senhor derrotou os inimigos de Seu povo. Ele teria feito o mesmo trinta e oito anos antes, se Israel tivesse confiado nEle.

O exército de Israel avançou cheio de ânimo e logo chegou em um país que colocaria à prova sua coragem e fé em Deus. Diante deles estava o poderoso reino de Basã, cheio de grandes cidades de pedra que até hoje atraem a admiração do mundo – "Foram sessenta. [...] Todas elas eram fortificadas com muros altos, portas e trancas. Além delas havia muitas cidades sem muros" (Dt 3:4, 5). As casas eram construídas de enormes pedras negras; eram tão imensas que era impossível que essas construções fossem conquistadas por qualquer força que viesse contra elas. Era um país repleto de

cavernas desertas e fortalezas rochosas. Os habitantes, descendentes de uma raça de gigantes, tinham altura e força maravilhosas, e eram tão conhecidos por sua violência e crueldade que se tornaram o terror de todas as nações vizinhas. Ogue, o rei, destacava-se por sua altura mesmo em meio a uma nação de gigantes.

A coluna de nuvem se moveu para frente, e o exército hebreu avançou para Edrei, onde o rei gigante o aguardava. Ogue tinha habilmente escolhido o local da batalha. A cidade de Edrei ficava à beira de um platô grande e elevado que se erguia da planície, e era coberto de rochas pontiagudas. A cidade só podia ser alcançada através de trilhas estreitas, íngremes e difíceis de subir. Em caso de derrota, suas forças poderiam se refugiar naquele deserto de rochas, onde seria impossível de serem seguidas pelos estrangeiros.

Moisés Confiou em Deus

Certo da vitória, o rei saiu com seu imenso exército para a planície aberta. Quando os hebreus viram aquele gigante de gigantes que se sobressaía entre os soldados de seu exército, quando viram a fortaleza aparentemente inconquistável que servia de trincheira para milhares de soldados se esconderem, o coração de muitos tremeu de medo. Mesmo assim, Moisés estava calmo e firme; o Senhor tinha dito a respeito do rei de Basã: "Não tenha medo dele, pois Eu o entreguei em suas mãos, com todo o seu exército, e dei-lhe também a terra dele. Você fará com ele como fez com Seom, rei dos amorreus, que habitava em Hesbom" (Dt 3:2).

Nem poderosos gigantes, nem cidades muradas, nem fortalezas rochosas poderiam resistir ao Capitão do exército do Senhor. O Senhor liderou o exército, e o Senhor venceu em favor de Israel. O rei gigante e seu exército foram destruídos, e os israelitas logo tomaram posse do país inteiro. Assim, aquele povo estranho, que tinha se rendido à idolatria abominável, foi exterminado da Terra.

O Erro Fatal de Israel

Muitos se lembravam dos eventos que quase quarenta anos antes condenaram Israel à longa peregrinação pelo deserto. O relato dos espiões a respeito da Terra Prometida estava correto em muitos aspectos. As cidades eram muradas e muito grandes, e eram habitadas por gigantes. Agora, eles podiam ver o erro fatal da geração passada em não confiar no poder de Deus. Isso os havia impedido de entrar de imediato na boa terra.

Deus tinha prometido ao povo que, se eles obedecessem à Sua voz, Ele iria à frente

e lutaria por eles. O Senhor expulsaria os habitantes da terra. Contudo, Israel tinha que avançar contra os inimigos e lutar contra exércitos bem treinados e preparados para resistir a eles.

A geração passada tinha fracassado. Agora, a prova era muito mais severa do que quando Deus ordenou que Israel avançasse pela primeira vez. As dificuldades aumentaram muito desde que o povo se recusou a avançar quando lhe foi dada a ordem.

Deus ainda coloca Seu povo à prova. Se ele fracassa, o Senhor o leva novamente para o mesmo ponto, e na segunda vez a prova é ainda mais severa do que na primeira.

O Deus poderoso de Israel é nosso Deus. NEle podemos confiar e, se obedecermos às Suas ordens, Ele operará em nosso favor assim como fez por Seu povo antigo. Algumas vezes, o caminho estará tão bloqueado por obstáculos, aparentemente insuperáveis, que desencorajará aqueles que cedem ao desânimo; mas Deus diz: "Avante!" As dificuldades que enchem nosso coração de terror desaparecerão à medida que avançarmos no caminho da obediência em humilde confiança em Deus.

---

* Este capítulo é baseado em Deuteronômio 2; 3:1-11.

Balaão Tenta Amaldiçoar Israel*

Preparando-se para invadir Canaã o mais rápido possível, os israelitas acamparam ao lado do Jordão acima do local em que esse rio deságua no Mar Morto, exatamente na margem oposta à planície de Jericó, nas fronteiras de Moabe. Os moabitas não tinham sido incomodados por Israel, embora tivessem observado com grande apreensão tudo o que havia acontecido nos países vizinhos. Os amorreus, que os tinham forçado a bater em retirada, haviam sido conquistados pelos hebreus. Israel agora dominava o território que os amorreus haviam tomado de Moabe. Os exércitos de Basã tinham caído diante do misterioso poder envolto na coluna de nuvem, e os hebreus ocupavam as gigantescas fortalezas.

Os moabitas não ousavam arriscar um ataque contra Israel, mas assim como fez Faraó, decidiram usar de feitiçaria para combater a obra de Deus. O povo de Moabe tinha forte ligação com os midianitas, e Balaque, o rei de Moabe, garantiu a cooperação deles contra Israel por meio da mensagem: "Essa multidão devorará tudo o que há ao nosso redor, como o boi devora o capim do pasto" (Nm 22:4). Balaão, o midianita, era conhecido por ter poderes sobrenaturais, e sua fama chegou à terra de Moabe. Assim, mensageiros foram enviados para conseguirem que lançasse seus encantamentos e adivinhações contra Israel.

Os embaixadores logo deram início à longa viagem. Ao encontrarem Balaão, transmitiram a ele a mensagem do rei: "Um povo que saiu do Egito cobre a face da terra e se estabeleceu perto de mim. Venha agora lançar uma maldição contra ele, pois é forte demais para mim. Talvez então eu tenha condições de derrotá-lo e de expulsá-lo da terra. Pois sei que aquele que você abençoa é abençoado, e aquele que você amaldiçoa é amaldiçoado" (Nm 22:5, 6).

No passado, Balaão tinha sido um profeta de Deus, mas havia apostatado e se entregado à cobiça. Quando os mensageiros lhe transmitiram a mensagem, ele sabia muito bem que seu dever era recusar as recompensas de Balaque e dispensar os embaixadores. Mesmo assim, ele se arriscou ao não se afastar da tentação e insistiu para que os embaixadores ficassem com ele aquela noite, declarando que não poderia dar resposta até que pedisse o conselho do Senhor. Balaão sabia que sua conduta não poderia prejudicar Israel, mas seu orgulho foi exaltado com as palavras: "Aquele que você abençoa é abençoado, e aquele que você amaldiçoa é amaldiçoado" (Nm 22:6). A sedução pelos valiosos presentes provocaram a cobiça e, ao mesmo tempo em que professava obedecer à vontade de Deus, procurava satisfazer os desejos de Balaque.

À noite, o anjo do Senhor apareceu a Balaão com a mensagem: "Não vá com eles. Você não poderá amaldiçoar este povo, porque é povo abençoado" (Nm 22:12).

Porta Aberta para Satanás

Pela manhã, Balaão despediu os mensageiros, mas não contou a eles o que o Senhor tinha dito. Irado por suas visões de riqueza e honra desaparecerem, exclamou: "Voltem para a sua terra, pois o Senhor não permitiu que eu os acompanhe" (Nm 22:13).

Balaão amava "o salário da injustiça" (2Pe 2:15). O pecado da cobiça tinha destruído sua integridade. Por meio desse único pecado, Satanás conquistou o controle completo sobre ele. O tentador apresenta lucros e honras mundanas para desviar as pessoas do serviço de Deus. Assim, muitos são convencidos a deixar o caminho da integridade completa. Um passo errado torna o próximo mais fácil, e eles se tornam cada vez mais imprudentes. Farão as coisas mais terríveis ao se entregarem ao domínio da cobiça e à sede por poder. Muitos se gabam de serem capazes de deixar de lado a integridade completa por um tempo e mudar de atitude quando bem quiserem. Eles estão se emaranhando na armadilha de Satanás, e raramente escapam.

Quando os mensageiros contaram a Balaque sobre a resposta negativa do profeta, eles não deram a entender que Deus o tinha proibido. Supondo que a demora de Balaão significava apenas conseguir uma recompensa mais valiosa, o rei enviou príncipes em maior número e mais dignos do que os primeiros, com a autoridade de aceitar quaisquer condições que Balaão exigisse. A mensagem urgente de Balaque foi: "Que nada o impeça de vir a mim, porque o recompensarei generosamente e farei tudo o que você me disser. Venha, por favor, e lance para mim uma maldição contra este povo" (Nm 22:16, 17).

Em resposta, Balaão declarou ser muito honesto, íntegro e que nenhuma quantia

de ouro ou prata poderia convencê-lo a agir contra a vontade de Deus. No entanto, desejava atender ao pedido do rei. Embora Deus já tivesse revelado a Sua vontade, ele insistiu que os mensageiros ficassem para que ele pudesse consultar a Deus mais uma vez.

À noite, o Senhor apareceu a Balaão e disse: "Visto que esses homens vieram chamá-lo, vá com eles, mas faça apenas o que Eu lhe disser" (Nm 22:20). Até esse ponto o Senhor permitiria que Balaão seguisse a própria vontade, pois estava determinado em assim fazer. Ele escolheu o próprio caminho e então tentou conseguir a aprovação do Senhor.

Hoje, milhares seguem um caminho semelhante. Seu dever está revelado de forma clara na Bíblia ou indicado pelas circunstâncias e pela razão; mas, como as evidências são contrárias aos seus desejos, eles as colocam de lado e apenas parecem buscar a Deus para saber o seu dever. Fazem orações longas e fervorosas para receber luz. Entretanto, com Deus não se brinca. Ele muitas vezes permite que tais pessoas sigam os próprios desejos e sofram o resultado. "O Meu povo não quis ouvir-Me [...]. Por isso os entreguei ao seu coração obstinado, para seguirem os seus próprios planos" (Sl 81:11, 12). Quando alguém vê claramente o dever, não tome a liberdade de ir a Deus em oração para ser dispensado de o cumprir.

A Jumenta "Enxerga" Mais do que o Profeta

Incomodados com a demora de Balaão e na expectativa de outra resposta negativa, os mensageiros de Moabe deram início à viagem de volta para seu país sem mais consultá-lo. Toda desculpa para atender ao pedido de Balaque tinha sido removida. Balaão estava decidido a conseguir a recompensa. Com a jumenta que costumava montar, partiu com pressa, ansioso para conquistar o cobiçado prêmio.

No entanto, "o Anjo do Senhor pôs-se no caminho para impedi-lo de prosseguir" (Nm 22:22). Balaão não viu o mensageiro divino, mas o animal viu e se desviou da estrada para o campo. Com pancadas cruéis, Balaão trouxe a jumenta de volta para o caminho. Outra vez, em um lugar estreito entre duas paredes, o anjo apareceu. A jumenta, procurando evitar a figura ameaçadora, apertou o pé de seu dono contra a parede. Balaão não sabia que Deus estava bloqueando o caminho. Ficou furioso e surrou sem dó o animal, forçando-o a continuar.

Novamente, "num lugar estreito, onde não havia espaço para desviar-se, nem para a direita nem para a esquerda" (Nm 22:26), o anjo apareceu, e a pobre jumenta, tremendo de terror, deitou-se debaixo de Balaão. A raiva de Balaão não teve limites, e

com uma vara ele espancou o animal com mais crueldade ainda do que antes. Deus abriu então a boca do animal, e "por uma jumenta [...] que falou com voz humana" Ele "refreou a insensatez do profeta" (2Pe 2:16). "Que foi que eu lhe fiz", disse a jumenta, "para você bater em mim três vezes?" (Nm 22:28).

Furioso, Balaão respondeu ao animal como se falasse com um ser racional: "Você me fez de tolo! Quem dera eu tivesse uma espada na mão; eu a mataria agora mesmo" (Nm 22:29).

Os olhos de Balaão foram então abertos, e ele viu o anjo de Deus parado empunhando uma espada pronto para o matar. Aterrorizado, "Balaão inclinou-se e prostrou-se, rosto em terra" (Nm 22:31). Disse o anjo: "Eu vim aqui para impedi-lo de prosseguir porque o seu caminho me desagrada. A jumenta me viu e se afastou de mim por três vezes. Se ela não se afastasse, certamente eu já o teria matado; mas a jumenta eu teria poupado" (Nm 22:32-33).

Balaão devia a sua vida ao pobre animal que ele tinha tratado de forma tão cruel. O homem que afirmava ser um profeta do Senhor estava tão cego pela cobiça e ambição que não pôde enxergar o anjo de Deus visível ao seu animal. "O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes" (2Co 4:4). Quantos se apressam para caminhos proibidos, transgredindo as leis divinas, e não conseguem enxergar que Deus e Seus anjos estão contra eles! Assim como Balaão, eles ficam com raiva daqueles que querem impedir a sua ruína.

"O justo cuida bem dos seus rebanhos, mas até os atos mais bondosos dos ímpios são cruéis" (Pv 12:10). Poucos percebem como deveriam o grande pecado de maltratar os animais, ou deixá-los a sofrer pela falta de cuidados. Os animais foram criados para nos servir, mas não temos o direito de lhes causar dor com tratamento rude.

Aqueles que maltratam um animal porque ele está sob o seu domínio são ao mesmo tempo covardes e tiranos. Muitos não se dão conta de que a sua crueldade um dia será conhecida, pois os pobres animais mudos não a podem revelar. Se os olhos dessas pessoas se abrissem, elas veriam um anjo de Deus em pé como testemunha para testificar contra elas no tribunal celestial. Aproxima-se o dia em que um juízo será pronunciado contra aqueles que maltratam as criaturas de Deus.

Balaão não Consegue Amaldiçoar Israel

Ao ver o mensageiro de Deus, Balaão exclamou aterrorizado: "Pequei. Não percebi que estavas parado no caminho para me impedires de prosseguir. Agora, se o que estou

fazendo te desagrada, eu voltarei" (Nm 22:34). O Senhor permitiu que ele prosseguisse viagem, mas o poder divino controlaria as suas palavras. Deus daria evidências a Moabe de que os hebreus estavam sob a proteção do Céu, e Ele fez isso ao mostrar o quão impotente era Balaão para proferir uma maldição contra o povo.

O rei de Moabe, informado da chegada de Balaão, saiu para encontrá-lo. Ao expressar admiração pela demora de Balaão diante das ricas recompensas que o aguardavam, o profeta respondeu: "Seria eu capaz de dizer alguma coisa? Direi somente o que Deus puser em minha boca" (Nm 22:38). Balaão lamentou muito essa restrição, pois temia que suas intenções não se realizassem.

O rei, com os principais homens do reino, escoltou Balaão "aos lugares altos de Baal", onde ele podia ver o acampamento hebreu. Mal sabiam os israelitas o que estava acontecendo tão perto deles! Quão pouco sabiam do cuidado de Deus, estendido sobre eles de dia e de noite!

Balaão tinha algum conhecimento das ofertas de sacrifício dos hebreus e esperava que, ao oferecer sacrifícios ainda melhores, ele garantiria o sucesso de seus projetos malignos. Foram construídos sete altares, e ele ofereceu um sacrifício em cada um. Depois, foi sozinho para um "lugar alto" para se encontrar com Deus.

O rei ficou ao lado do sacrifício com os nobres e príncipes de Moabe, aguardando a volta do profeta. Finalmente ele voltou, e o povo aguardou as palavras que paralisariam para sempre aquele estranho poder em favor dos odiados israelitas. Balaão disse:

"Balaque trouxe-me de Arã,

o rei de Moabe buscou-me nas montanhas do oriente.

'Venha, amaldiçoe a Jacó para mim', disse ele,

'venha, pronuncie ameaças contra Israel!

"Como posso amaldiçoar a quem Deus não amaldiçoou? [...]

"Quem pode contar o pó de Jacó

ou o número da quarta parte de Israel?

Morra eu a morte dos justos,

e seja o meu fim como o deles!" (Nm 23:7-10).

Olhando Balaão para o acampamento de Israel, ficou impressionado com a evidência de sua prosperidade. Disseram-lhe que os israelitas eram uma multidão rude, desorganizada, que infestava o país em bandos desordeiros, uma peste e terror às nações vizinhas. No entanto, o que ele viu era justamente o oposto de tudo isso. Ele viu a grande extensão e perfeita organização de seu acampamento, sendo tudo caracterizado pela disciplina e ordem. Balaão viu o favor com que Deus olhava a Israel, e como o Seu povo escolhido era diferente dos outros. Eles não deveriam ficar no mesmo nível das outras nações, mas ser exaltados acima de todas elas. Eles deveriam ser "um povo que vive separado e não se considera como qualquer nação" (Nm 23:9). De que maneira impressionante essa profecia se cumpriu na história posterior de Israel! Através de todos os anos, eles permaneceram como um povo distinto.

Balaão Vê o Favor de Deus por Israel

Balaão viu o crescimento e a prosperidade do verdadeiro Israel de Deus até o fim dos tempos, o favor especial do Altíssimo por aqueles que O amam e temem. Viu-os amparados por Seu braço ao entrarem no vale escuro da sombra da morte. Ele os observou saindo de seus túmulos, cheios de glória, honra e imortalidade. Contemplou os resgatados, alegrando-se na glória infinita da Terra renovada. Ao ver a coroa de glória em cada fronte e a vida eterna de felicidade, proferiu a oração solene: "Morra eu a morte dos justos, e seja o meu fim como o deles!" (Nm 23:10).

Se Balaão estivesse disposto a aceitar a luz dada por Deus, teria cortado toda ligação com Moabe. Teria se voltado para Deus em arrependimento profundo. Na verdade, Balaão amava o salário da injustiça.

Balaque esperava uma maldição que caísse como uma praga que enfraquecesse Israel, e exaltado exclamou: "Que foi que você me fez? Eu o chamei para amaldiçoar meus inimigos, mas você nada fez senão abençoá-los!" (Nm 23:11). Balaão afirmou ter falado com cuidadosa atenção para com a vontade de Deus as palavras que foram forçadas aos seus lábios pelo poder divino. "Será que não devo dizer o que o Senhor põe em minha boca?" (Nm 23:12).

Balaão Tenta Outra Vez

Balaque concluiu que o espetáculo impressionante apresentado pelo vasto acampamento dos hebreus havia intimidado Balaão de tal forma que ele não ousou praticar sua magia contra eles. O rei decidiu levar o profeta para algum ponto onde ele pudesse ver apenas uma pequena parte do acampamento. Mais uma vez foram construídos sete altares, e oferecidos os mesmos sacrifícios como da primeira vez. O rei

e seus príncipes ficaram ao lado dos sacrifícios, enquanto Balaão saiu para se encontrar com Deus. O profeta recebeu mais uma mensagem divina sobre a qual ele não tinha poder algum para mudar ou ignorar.

Quando apareceu, Balaque perguntou: "O que o Senhor disse?" (Nm 23:17). A resposta encheu de terror o coração do rei e dos príncipes:

"Deus não é homem para que minta, [...]

Recebi uma ordem para abençoar;

Ele abençoou, e não o posso mudar.

"Nenhuma desgraça se vê em Jacó, nenhum sofrimento em Israel.

O Senhor, o seu Deus, está com eles; o brado de aclamação do Rei está no meio deles" (Nm 23:19-21).

O grande mágico tinha tentado usar seu poder de encantamento; mas, enquanto Israel estivesse sob a proteção divina, nenhum povo ou nação, mesmo auxiliado por todo o poder de Satanás, seria capaz de vencê-los. O mundo inteiro ficaria admirado diante da obra maravilhosa de Deus em favor de Seu povo – que um homem fosse de tal maneira controlado pelo poder divino a ponto de, em vez de amaldiçoar, pronunciar ricas e preciosas promessas em forma de bela poesia. No futuro, quando Satanás inspirasse homens maus a caluniar e destruir o povo de Deus, essa história serviria para animá-los e fortalecer a sua fé no Senhor.

O rei de Moabe, desanimado e angustiado, exclamou: "Não os amaldiçoe nem os abençoe!" (Nm 23:25), e decidiu tentar mais uma vez. Levou Balaão para o Monte Peor, onde havia um templo dedicado ao culto imoral de Baal. Ali, eles ofereceram a mesma quantidade de sacrifícios, mas Balaão nem mesmo ousou praticar sua magia. Olhando para as tendas de Israel, a mensagem divina veio aos seus lábios:

"Quão belas são as suas tendas, ó Jacó,

As suas habitações, ó Israel!

Como vales estendem-se, como jardins que margeiam rios [...].

"O seu rei será maior do que Agague; O seu reino será exaltado. [...]

"Sejam abençoados os que os abençoarem,

e amaldiçoados os que os amaldiçoarem!" (Nm 24:5-9).

Balaão profetizou que o rei de Israel seria maior do que Agague. Esse era o nome dado aos reis dos amalequitas, que nessa época era uma nação muito poderosa. Se Israel permanecesse fiel a Deus, venceria todos os seus inimigos. O rei de Israel era o Filho de Deus. Seu trono um dia seria estabelecido na Terra e Seu poder seria exaltado acima de todos os reinos terrestres.

Balaão Perde Tudo o que Tentou Ganhar

Balaque foi tomado pela frustração, medo e raiva. Ficou indignado por Balaão ter lhe dado uma mínima esperança de uma resposta positiva. Considerou com desdém a atitude oportunista e enganadora do profeta, e exclamou cheio de ira: "Agora, fuja para a sua casa! Eu disse que lhe daria generosa recompensa, mas o Senhor o impediu de recebê-la" (Nm 24:11). Balaão respondeu que o rei tinha sido avisado desde o início de que ele poderia falar apenas a mensagem de Deus.

Antes de voltar para o seu povo, Balaão proferiu uma bela profecia a respeito do Redentor do mundo e da destruição final dos inimigos de Deus:

"Eu O vejo, mas não agora; eu O avisto, mas não de perto.

Uma estrela surgirá de Jacó; um cetro se levantará de Israel.

Ele esmagará as frontes de Moabe e o crânio de todos os descendentes de Sete" (Nm 24:17).

Ele concluiu predizendo a destruição completa de Moabe e Edom, de Amaleque e dos quenitas, não deixando assim ao rei moabita nenhum raio de esperança.

Frustradas as esperanças por riqueza e honras, e ciente de que tinha trazido sobre si o desagrado de Deus, Balaão voltou da missão que ele próprio tinha escolhido. O poder controlador do Espírito de Deus o deixou, e ele foi dominado pela cobiça. Estava pronto para fazer qualquer coisa a fim de ganhar a recompensa prometida por Balaque. Balaão sabia que a prosperidade de Israel dependia de sua obediência a Deus. Não existia meio de derrotar os israelitas a não ser levando-os a pecar.

Ele voltou para Moabe e apresentou seus planos ao rei – separar os filhos de Israel de Deus, induzindo-os à idolatria. Se eles pudessem ser levados a participar do culto imoral oferecido a Baal e Astarote, seu Protetor onipotente Se tornaria seu inimigo, e eles seriam presa fácil das nações guerreiras e cruéis ao seu redor. O rei aceitou o plano,

e Balaão ficou para ajudar a colocá-lo em ação.

Balaão testemunhou o sucesso de seu plano diabólico. Viu cair a maldição de Deus sobre o Seu povo e milhares sofrerem sob o Seu juízo. A justiça divina que puniu o pecado em Israel não permitiu que os tentadores escapassem. Na guerra de Israel contra os midianitas, Balaão foi morto. Ele pressentiu que seu fim estava próximo ao exclamar: "Morra eu a morte dos justos, e seja o meu fim como o deles!" (Nm 23:10). Na verdade, ele não escolheu viver a vida do justo; morreu com os inimigos de Deus.

O fim de Balaão foi semelhante ao de Judas. Os dois tentaram unir o serviço de Deus à cobiça por riquezas e fracassaram por completo. Balaão reconhecia o verdadeiro Deus; Judas acreditava em Jesus. Balaão esperava fazer do serviço a Jeová uma escada pela qual ganharia riquezas e honras mundanas. Judas esperava, pela sua ligação com Cristo, garantir riquezas e posição no reino terrestre que pensava que o Messias estava prestes a estabelecer. Tanto Balaão como Judas receberam grande luz, mas um único pecado acariciado envenenou todo o caráter e causou sua destruição.

Pouco a pouco, um pecado acariciado degradará o caráter. A condescendência com um mau hábito que seja derruba as defesas da mente e abre caminho para Satanás nos desviar. O único caminho seguro é orar, assim como fazia Davi: "Meus passos seguem firmes nas Tuas veredas; os meus pés não escorregaram" (Sl 17:5).

---

* Este capítulo é baseado em Números 22-24.

Balaão Leva Israel a Pecar*

Com fé renovada em Deus os vitoriosos exércitos de Israel voltaram de Basã e estavam confiantes na conquista imediata de Canaã. Apenas o rio Jordão os separava da Terra Prometida. Do outro lado do rio viam uma rica planície regada por riachos e sombreada por palmeiras com seus frutos. Na extremidade ocidental estavam as torres e os palácios de Jericó, "a cidade das palmeiras".

No lado oriental do Jordão havia uma planície com vários quilômetros de largura e que se estendia por um longo trecho às margens do rio. Esse vale protegido era de clima tropical. Ali, os israelitas acamparam e encontraram um lugar agradável de descanso nos bosques de acácia.

Em meio a esse cenário atraente, eles encontrariam um mal mais mortal do que os exércitos de homens armados ou de animais selvagens do deserto. Aquele país, repleto de vantagens naturais, tinha sido contaminado por seus habitantes. No culto público a Baal, as cenas mais degradantes entravam em ação. Por todos os lados havia lugares conhecidos pela idolatria e pela imoralidade sexual. Até mesmo os nomes sugeriam a perversão.

A mente dos israelitas se acostumou com os pensamentos degradantes que eram constantemente sugeridos. A vida de comodidade produziu um efeito desmoralizante, e eles se afastaram de Deus para uma condição na qual seriam presa fácil da tentação.

Durante o período em que ficaram acampados ao lado do Jordão, Moisés se dedicou aos preparativos para a ocupação de Canaã. O grande líder ficou completamente empenhado em seu trabalho. Todavia, esse período de tranquilidade se mostrou o mais tentador ao povo. Antes que muitas semanas se passassem, sua

história foi manchada pelos desvios mais terríveis da virtude e integridade.

Mulheres midianitas começaram a entrar discretamente no acampamento. Essas mulheres tinham como objetivo induzir os hebreus a transgredir a lei de Deus e levá-los à idolatria. Elas esconderam esses objetivos com o disfarce da amizade.

Por sugestão de Balaão, o rei de Moabe anunciou uma grande festa em honra aos seus deuses. Em segredo, ficou combinado que Balaão convenceria os israelitas a participar. Eles o consideravam um profeta de Deus, e assim Balaão não teve muita dificuldade para conseguir o que pretendia. Um grande número de pessoas se uniu a ele para testemunhar as festividades. Atraídos pela música e pela dança, seduzidos pela beleza das mulheres dedicadas ao culto pagão, eles abriram mão de sua lealdade a Jeová. O vinho lhes enfraqueceu os sentidos e derrubou as barreiras do domínio próprio. Desrespeitando a consciência por meio de ações indecentes, renderam-se à idolatria. Ofereceram sacrifícios nos altares pagãos e participaram de rituais degradantes.

O veneno se espalhou como uma infecção mortal pelo acampamento de Israel. Aqueles que teriam conquistado seus inimigos na batalha, foram vencidos pelas ciladas das mulheres pagãs. Os príncipes e os líderes estavam entre os primeiros a transgredir, e eram tantos os culpados entre o povo que a apostasia se tornou nacional. "Israel se juntou à adoração a Baal-Peor" (Nm 25:3). Quando Moisés se deu conta do mal, os israelitas não apenas estavam participando do culto sensual no Monte Peor, como também praticavam os rituais pagãos dentro do acampamento de Israel. O idoso líder se encheu de indignação, e a ira de Deus foi despertada.

As práticas pecaminosas fizeram aos israelitas aquilo que todos os encantamentos de Balaão não puderam fazer – elas os separaram de Deus. Uma terrível praga caiu sobre o acampamento, e por causa dela milhares morreram. Deus ordenou que os líderes em apostasia fossem mortos, e essa ordem foi obedecida imediatamente. Os corpos foram expostos diante de todo Israel para que a congregação, vendo que os líderes tinham sido tratados com severidade, pudesse ter uma profunda percepção da aversão de Deus ao seu pecado. Todos entenderam que o castigo era justo, e com lágrimas e humilhação o povo confessou seu pecado.

Enquanto choravam diante de Deus à porta do tabernáculo, Zinri, um dos nobres de Israel, entrou no acampamento acompanhado de uma prostituta midianita e a levou para sua tenda. Nunca o vício foi tão ousado ou mais obstinado. Zinri mostrava seu pecado "como Sodoma" (Is 3:9) e ainda se gloriava em sua vergonha.

Os sacerdotes e líderes estavam curvados ao chão em sinal de tristeza e humilhação, rogando ao Senhor que poupasse Seu povo, quando esse príncipe em Israel exibiu seu pecado à vista da congregação, como que a desafiar a vingança de Deus e zombar dos juízes da nação. Fineias, filho de Eleazar, o sumo sacerdote, levantou-se, e apanhando uma lança "seguiu o israelita até o interior da tenda" (Nm 25:8) e matou os dois. Logo depois disso, a praga cessou. O sacerdote que executou o juízo divino foi honrado perante todo Israel.

Fineias Intercede pelos Israelitas

Fineias "desviou a Minha ira de sobre os israelitas" (Nm 25:11), foi a mensagem divina. "Ele foi zeloso pelo seu Deus e fez propiciação pelos israelitas" (Nm 25:13).

Os juízos enviados sobre Israel destruíram os sobreviventes da vasta multidão que, quase quarenta anos antes, haviam recebido a sentença de que "iriam morrer no deserto". Durante o acampamento nas planícies do Jordão, "nenhum deles estava entre os que foram contados por Moisés e pelo sacerdote Arão quando contaram os israelitas no deserto do Sinai. [...] Nenhum deles sobreviveu, exceto Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num" (Nm 26:64, 65).

Deus enviou Seus juízos sobre Israel por ter cedido às seduções dos midianitas, mas os tentadores não escapariam da ira da justiça divina. "Vingue-se dos midianitas pelo que fizeram aos israelitas", foi a ordem de Deus a Moisés. "Depois disso você será reunido aos seus antepassados." Mil homens foram escolhidos de cada uma das tribos e enviados sob a liderança de Fineias. "Lutaram então contra Midiã, conforme o Senhor tinha ordenado a Moisés, e mataram todos os homens. Entre os mortos estavam os cinco reis de Midiã. Também mataram à espada Balaão, filho de Beor" (Nm 31:1-8).

Esse foi o fim daqueles que tramaram contra o povo de Deus. Quando os homens "planejam contra a vida dos justos", o Senhor "fará cair sobre eles os seus crimes, e os destruirá por causa dos seus pecados" (Sl 94:21, 23).

Homens Fortes Vencidos por Mulheres

Quando os hebreus transgrediram a lei de Deus cedendo à tentação, ficaram sem defesa. Quando o povo de Deus é fiel aos Seus mandamentos, "não há magia que possa contra Jacó, nem encantamento contra Israel" (Nm 23:23). Por isso, Satanás exerce todas as suas artimanhas para atraí-los ao pecado. Se aqueles que professam ser guardadores da lei de Deus transgridem seus mandamentos, eles se tornam incapazes de enfrentar os inimigos.

Os israelitas que não puderam ser vencidos pela guerra ou pelos encantamentos de Midiã foram vítimas de suas prostitutas. Esse é o poder que uma mulher, a serviço de Satanás, exerce para destruir vidas. “Muitas foram as suas vítimas; os que matou são uma grande multidão” (Pv 7:26). José foi tentado da mesma forma. Sansão traiu a sua força, entregando-a nas mãos dos filisteus também pela mesma armadilha . Aqui Davi tropeçou. Salomão, o mais sábio dos reis, tornou-se escravo da paixão e sacrificou sua integridade ao mesmo poder fascinante.

Satanás tem estudado com diabólica intensidade durante milhares de anos, e ao longo de sucessivas gerações tem trabalhado para destruir os príncipes de Israel pelas mesmas tentações tão bem-sucedidas em Baal-Peor. Ao nos aproximarmos do fim do tempo, nas fronteiras da Canaã celestial, Satanás intensificará seus esforços para impedir o povo de Deus de entrar na boa terra. Ele preparará tentações para aqueles que exercem o ministério sagrado. Se puder levá-los a poluir a mente, poderá destruir muitos outros por intermédio deles. Por meio de amizades mundanas, dos encantos da beleza, da busca por prazer, de diversões, de festas ou bebidas, ele tenta o povo de Deus a transgredir o sétimo mandamento.

Aqueles que desonrarem a imagem de Deus e mancharem o templo do próprio corpo não terão limites para praticar qualquer desonra a Deus que satisfaça o desejo do coração depravado. É impossível ao escravo da paixão perceber a sagrada obrigação imposta pela lei de Deus, apreciar a obra da expiação, ou dar o devido valor à vida. Bondade, pureza, verdade, reverência para com Deus e amor pelas coisas sagradas – tudo isso é consumido pelo fogo da imoralidade. O coração se torna um deserto sombrio e desolado. Seres formados à imagem de Deus são arrastados ao nível dos animais.

Os Perigos da Amizade com os Ímpios

Levando os seguidores de Cristo a se associarem com descrentes e se unirem a eles em diversões, Satanás é mais bem-sucedido em induzi-los ao pecado. Deus exige de Seu povo hoje uma distinção tão grande do mundo nos costumes, hábitos e princípios da mesma forma que exigiu de Israel no passado. As advertências que fez aos hebreus para não se misturarem com os descrentes não eram mais explícitas do que as que proíbem os cristãos de se conformarem ao espírito e costumes dos descrentes. Não é ser rígido demais excluir a companhia daqueles que exercem influência para nos desviar de Deus. Ao mesmo tempo em que oramos: “Não nos deixes cair em tentação” (Mt 6:13), devemos nos afastar da tentação tanto quanto possível.

Quando os israelitas estavam em uma situação de comodidade e segurança, foram atraídos pelo pecado. A comodidade e a condescendência consigo mesmos deixaram a fortaleza do coração sem proteção, e pensamentos pervertidos encontraram passagem livre. Os traidores dentro dos muros destruíram as fortalezas do princípio e atraíram Israel ao poder de Satanás. É assim que Satanás busca arruinar as pessoas. Um longo processo de preparação, desconhecido ao mundo, ocorre no coração antes de o cristão cometer pecado aberto. A mente não desce de uma só vez da pureza e santidade para a depravação, corrupção e crime. Ao alimentar pensamentos impuros, o pecado uma vez odiado se torna prazeroso.

Não podemos andar nas ruas de nossas cidades sem nos deparar com notícias surpreendentes de crimes, apresentadas em algum romance ou a serem representadas em algum teatro. A atitude dos que são imorais e pervertidos é mantida diante do povo por meio de jornais e revistas, e tudo que pode estimular a paixão lhe é apresentado em forma de histórias empolgantes. Ouvem tanto sobre o crime e, com tanto interesse se demoram nessas coisas, que a consciência fica endurecida.

Muitas diversões comuns entre aqueles que professam ser cristãos levam aos mesmos resultados daquelas praticadas pelos pagãos no passado. Por meio do teatro, Satanás tem operado durante séculos para excitar a paixão e exaltar o vício. Ele emprega o teatro, a dança e o jogo para abrir a porta à satisfação sensual. Em todo ajuntamento por prazer em que se alimenta o orgulho ou se satisfaz o apetite, onde a pessoa é levada a se esquecer de Deus e a perder de vista os interesses eternos, ali está Satanás amarrando suas correntes ao redor da vítima.

Como Vencer a Tentação

O coração deve ser renovado pela graça divina. Todo aquele que busca desenvolver um caráter virtuoso longe da graça de Cristo está construindo uma casa sobre a areia movediça. Com certeza, ela será destruída em meio às tempestades cruéis da tentação. A oração de Davi deve ser a súplica de toda pessoa: "Cria em mim um coração puro, ó Deus, e renova dentro de mim um espírito estável" (Sl 51:10).

No entanto, temos uma obra a fazer a fim de resistir à tentação. Aqueles que não querem ser presas das artimanhas de Satanás devem guardar bem as avenidas do coração; evitar ler, ver ou ouvir qualquer coisa que sugira pensamentos impuros. Isso exigirá oração fervorosa e vigilância constante. A influência permanente do Espírito Santo atrairá a mente para cima e levará a pensar em coisas puras e santas. "Como pode o jovem manter pura a sua conduta? Vivendo de acordo com a Tua palavra."

“Guardei no coração”, diz o salmista, “a Tua palavra para não pecar contra Ti” (Sl 119:9, 11).

O pecado de Israel em Bete-Peor trouxe os juízos de Deus sobre a nação. Os mesmos pecados podem não ser punidos de forma tão imediata hoje, mas a natureza determinou punições terríveis, punições que virão sobre cada transgressor mais cedo ou mais tarde. Esses pecados, mais do que quaisquer outros, têm causado a terrível degradação física e moral de nossa raça e o peso da doença e miséria com que o mundo é amaldiçoado. As pessoas podem ser bem-sucedidas em esconder seu pecado dos outros, mas colherão o resultado em forma de sofrimento, doença ou morte. Além desta vida há o julgamento. “Aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus” (Gl 5:21), mas terão sua parte com Satanás e os anjos maus no “lago de fogo”, que “é a segunda morte” (Ap 20:14).

---

* Este capítulo é baseado em Números 25.

A Lei de Deus a uma Nova Geração*

O Senhor anunciou a Moisés que tinha chegado o tempo para tomar posse de Canaã. Enquanto o idoso profeta contemplava a Terra Prometida, com profundo fervor suplicou: "Ó Soberano Senhor, Tu começaste a mostrar ao Teu servo a Tua grandeza e a Tua mão poderosa! Que Deus existe no céu ou na terra que possa realizar as Tuas obras e os Teus feitos poderosos? Deixa-me atravessar, eu Te suplico, e ver a boa terra do outro lado do Jordão, a bela região montanhosa e o Líbano!" (Dt 3:24-25).

A resposta foi: "Basta! [...] Não me fale mais sobre isso. Suba ao ponto mais alto do Pisga e olhe para o norte, para o sul, para o leste, e para o oeste. Veja a terra com os seus próprios olhos, pois você não atravessará o Jordão" (Dt 3:26-27).

Sem reclamar, Moisés se submeteu à ordem de Deus. Sua grande preocupação agora era com Israel. Com o coração transbordando, ele proferiu a oração: "Que o Senhor, o Deus que a todos dá vida, designe um homem como líder desta comunidade para conduzi-los [...], para que a comunidade do Senhor não seja como ovelhas sem pastor" (Nm 27:16, 17).

A resposta veio: "Chame Josué, filho de Num, homem em quem está o Espírito, e imponha as mãos sobre ele. Faça-o apresentar-se ao sacerdote Eleazar e a toda a comunidade e o comissione na presença deles. Dê-lhe parte da sua autoridade para que toda a comunidade de Israel lhe obedeça" (Nm 27:18-20).

Josué, um homem de sabedoria, habilidade e fé, foi escolhido para ser o sucessor de Moisés. Ele foi escolhido de forma muito solene para ser o líder de Israel. As palavras do Senhor a respeito de Josué foram transmitidas por meio de Moisés à congregação:

"Toda a comunidade dos israelitas seguirá suas instruções" (Nm 27:21).

Moisés ficou em pé diante do povo para dar suas últimas advertências e admoestações; seu rosto estava iluminado com uma santa luz. Tinha os cabelos brancos por causa da idade, mas o corpo estava ereto e os olhos eram claros e fortes. Com profundo sentimento, descreveu o amor e a misericórdia do Protetor todo-poderoso.

"Perguntem de um lado ao outro do céu: Já aconteceu algo tão grandioso ou já se ouviu algo parecido? Que povo ouviu a voz de Deus falando do meio do fogo, como vocês ouviram, e continua vivo? Ou que deus decidiu tirar uma nação do meio de outra para lhe pertencer, com provas, sinais, maravilhas e lutas, com mão poderosa e braço forte, e com feitos temíveis e grandiosos, conforme tudo o que o Senhor fez por vocês no Egito, como vocês viram com os seus próprios olhos?" (Dt 4:32-34).

"Mas foi porque o Senhor os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados. Por isso Ele os tirou com mão poderosa e os redimiu da terra da escravidão, do poder do faraó, rei do Egito. Saibam, portanto, que o Senhor, o seu Deus, é Deus; Ele é o Deus fiel, que mantém a aliança e a bondade por mil gerações daqueles que O amam e obedecem aos Seus mandamentos" (Dt 7:8, 9).

O povo de Israel muitas vezes se sentiu impaciente e rebelde por causa da longa peregrinação pelo deserto, mas essa demora para tomar posse de Canaã não foi culpa de Deus. Ele lamentava mais do que eles por não poder levá-los de imediato à Terra Prometida e mostrar Seu grande poder diante de todas as nações. Por causa de sua falta de confiança em Deus, eles não estavam preparados para entrar em Canaã. Se seus pais tivessem obedecido pela fé às orientações de Deus, seguido Suas instruções, teriam há muito tempo se estabelecido em Canaã, como povo próspero, santo e feliz. Essa demora desonrou a Deus e desmereceu a Sua glória à vista das nações ao redor.

Moisés disse: "Eu lhes ensinei decretos e leis, como me ordenou o Senhor, o meu Deus, para que sejam cumpridos na terra na qual vocês estão entrando para dela tomar posse. Vocês devem obedecer-lhes e cumpri-los, pois assim os outros povos verão a sabedoria e o discernimento de vocês. Quando eles ouvirem todos estes decretos dirão: 'De fato esta grande nação é um povo sábio e inteligente'" (Dt 4:5, 6).

Ele desafiou a multidão hebreia: "Pois, que grande nação tem um Deus tão próximo como o Senhor, o nosso Deus, sempre que O invocamos?" (Dt 4:7). As leis que Deus deu ao Seu povo antigo eram mais sábias, melhores e mais humanas do que aquelas das

nações mais civilizadas da Terra. As leis de Deus trazem a marca divina.

Essas palavras devem ter comovido muito o coração dos filhos de Israel ao se lembrarem de que Moisés, aquele que descrevia as bênçãos da boa terra de forma tão maravilhosa, tinha sido, por causa de seu pecado, impedido de participar da herança de seu povo:

"Mas a terra em que vocês, atravessando o Jordão, vão entrar para dela tomar posse, é terra de montes e vales, que bebe chuva do céu." "Uma boa terra, cheia de riachos e tanques de água, de fontes que jorram nos vales e nas colinas; terra de trigo e cevada, videiras e figueiras, de romãzeiras, azeite de oliva e mel; terra onde não faltará pão e onde não terão falta de nada; terra onde as rochas têm ferro e onde vocês poderão extrair cobre das colinas." "É uma terra da qual o Senhor, o seu Deus, cuida; os olhos do Senhor, o seu Deus, estão continuamente sobre ela, do início ao fim do ano" (Dt 11:11; 8:7-9; 11:12).

"O Senhor, o seu Deus, os conduzirá à terra que jurou aos seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó, dar a vocês, terra com grandes e boas cidades que vocês não construíram, com casas cheias de tudo o que há de melhor, de coisas que vocês não produziram, com cisternas que vocês não cavaram, com vinhas e oliveiras que vocês não plantaram. Quando isso acontecer, e vocês comerem e ficarem satisfeitos, tenham cuidado! Não esqueçam o Senhor." "Tenham o cuidado de não esquecer a aliança que o Senhor, o seu Deus, fez com vocês [...]. Pois o Senhor, o seu Deus, é Deus zeloso; é fogo consumidor." (Dt 6:10-12; 4:23, 24). Se fizessem mal à vista do Senhor, então, disse Moisés: "Vocês serão rapidamente eliminados da terra, da qual estão tomando posse ao atravessar o Jordão" (Dt 4:26).

Moisés completou o trabalho de escrever todas as leis, decretos e ordenanças que Deus tinha lhe dado e as regras a respeito do sistema de sacrifícios. O livro que continha essas coisas foi guardado por segurança ao lado da arca.

Bênçãos Condicionais

O grande líder ainda estava com muito receio de que o povo se afastasse de Deus. Por meio de um belo e emocionante discurso, ele apresentou ao povo as bênçãos que seriam deles se obedecessem, e as maldições que resultariam da transgressão:

"Se vocês obedecerem fielmente ao Senhor, o seu Deus, e seguirem cuidadosamente todos os Seus mandamentos que hoje lhes dou, [...] vocês serão abençoados na cidade e serão abençoados no campo. Os filhos do seu ventre serão abençoados, como também

as colheitas da sua terra e os cordeiros dos seus rebanhos. A sua cesta e a sua amassadeira serão abençoadas. [...] O Senhor enviará bênçãos aos seus celeiros e a tudo o que as suas mãos fizerem" (Dt 28:1-8).

"Entretanto, se vocês não [...] seguirem cuidadosamente todos os Seus mandamentos e decretos que hoje lhes dou, todas estas maldições cairão sobre vocês e os atingirão: [...] Vocês serão motivo de horror e objeto de zombaria e de riso para todas as nações para onde o Senhor os levar. [...] Então o Senhor os espalhará pelas nações, de um lado ao outro da terra. [...] No meio daquelas nações vocês não encontrarão repouso, nem mesmo um lugar de descanso para a sola dos pés. Lá o Senhor lhes dará coração desesperado, olhos exaustos de tanto esperar, e alma ansiosa. Vocês viverão em constante incerteza, cheios de terror, dia e noite, sem nenhuma segurança na vida. De manhã dirão: 'Quem me dera fosse noite!' E de noite: 'Ah, quem me dera fosse dia!'" (Dt 28:15, 37, 64-67).

Pelo Espírito de inspiração, olhando através dos séculos, Moisés descreveu as cenas terríveis da ruína final de Israel como nação, e a destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos. Os horríveis sofrimentos do povo, séculos mais tarde, durante o cerco de Jerusalém por Tito, foram descritos em detalhes: "Ela sitiará todas as cidades da sua terra, até que caiam os altos muros fortificados em que vocês confiam. Sitiará todas as suas cidades, em toda a terra. [...] Vocês comerão o fruto do seu próprio ventre, a carne dos filhos e filhas. [...] Nada lhe sobrará devido aos sofrimentos que o seu inimigo lhe infligirá durante o cerco" (Dt 28:52, 53, 55).

"A mulher mais gentil e delicada entre vocês, tão delicada e gentil que não ousaria encostar no chão a sola do pé, será mesquinha com o marido a quem ama e com o filho e a filha [...] que gerar. Pois a intenção dela é comê-los secretamente durante o cerco e no sofrimento que o seu inimigo infligirá a vocês em suas cidades" (Dt 28:56, 57).

Moisés terminou com estas palavras impressionantes: "Hoje invoco os céus e a terra como testemunhas contra vocês, de que coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a maldição. Agora escolham a vida, para que vocês e os seus filhos vivam, e para que vocês amem o Senhor, o seu Deus, ouçam a Sua voz e se apeguem firmemente a Ele. Pois o Senhor é a sua vida, e Ele lhes dará muitos anos na terra que jurou dar aos seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó" (Dt 30:19, 20).

A fim de gravar essas verdades de forma ainda mais profunda na mente de todos, o grande líder as expressou em sagrada poesia. O povo recebeu ordem para memorizar essa história poética e ensiná-la aos filhos e aos netos, para que jamais fosse esquecida.

No futuro, quando os filhos perguntassem: "O que significam estes preceitos, decretos e ordenanças que o Senhor, o nosso Deus, ordenou a vocês?" Os pais, então, deveriam repetir a história, relatando a maneira graciosa com que Deus os havia tratado – como o Senhor tinha agido para libertá-los a fim de que pudessem obedecer à Sua lei: "O Senhor nos ordenou que obedecêssemos a todos estes decretos e que temêssemos o Senhor, o nosso Deus, para que sempre fôssemos bem-sucedidos e que fôssemos preservados em vida, como hoje se pode ver. E, se nós nos aplicarmos a obedecer a toda esta lei perante o Senhor, o nosso Deus, conforme Ele nos ordenou, esta será a nossa justiça" (Dt 6:20-25).

---

* Este capítulo é baseado em Deuteronômio 3 a 6; 28.

A Morte de Moisés*

Misturada com Seu amor e misericórdia, em todo o procedimento de Deus com Seu povo, há a mais notável evidência de Sua justiça estrita e imparcial. O grande Governador das nações declarou que Moisés não conduziria Israel à boa terra. Nem as súplicas mais fervorosas do servo de Deus puderam reverter Sua sentença. Mesmo assim, Moisés fielmente tentou preparar a congregação para entrar na herança prometida. Por ordem de Deus, Moisés e Josué foram ao tabernáculo, enquanto a coluna de nuvem veio e ficou sobre a porta. Ali, de maneira muito solene, o povo foi confiado aos cuidados de Josué. A obra de Moisés como líder de Israel estava terminada.

Ainda assim, ele se esqueceu de si mesmo em seu interesse pelo povo. Na presença da multidão, Moisés, em nome de Deus, dirigiu estas palavras de santa animação ao seu sucessor: "Seja forte e corajoso, pois você conduzirá os israelitas à terra que lhes prometi sob juramento, e Eu mesmo estarei com você" (Dt 31:23). Em seguida, ele se dirigiu aos anciãos e oficiais do povo, dando-lhes a ordem solene de obedecerem fielmente às instruções que lhes tinha dado da parte de Deus.

Ao olhar o povo para aquele homem idoso, que logo seria retirado deles, lembraram-se ainda com mais gratidão de sua ternura paternal, de seus sábios conselhos e de seu trabalho incansável. Com amargura, eles se lembraram de que o mau comportamento deles havia incitado Moisés a cometer o pecado pelo qual deveria morrer.

Deus não queria que eles dificultassem a vida de seu futuro líder como fizeram com a de Moisés. Deus fala com Seu povo pelas bênçãos que lhes dá, e quando elas não recebem o devido valor, fala ao povo pela retirada dessas bênçãos.

Naquele mesmo dia Moisés recebeu a ordem: "Suba [...] até o monte Nebo [...], e contemple Canaã, a terra que dou aos israelitas como propriedade. Ali, na montanha que você tiver subido, você morrerá e será reunido aos seus antepassados" (Dt 32:49, 50). Moisés deveria partir para uma nova e misteriosa missão. Deveria sair para entregar a vida nas mãos do Criador. Ele sabia que iria morrer sozinho; nenhum amigo terrestre receberia permissão para dar apoio a Moisés em suas últimas horas. Havia um mistério e um espanto em torno dessa cena, fazendo com que sentisse um aperto no coração. A prova mais severa para Moisés era ser separado do povo com quem sua vida estivera unida por tanto tempo. Com fé inabalável, ele confiou a si mesmo e ao seu povo ao amor e à misericórdia de Deus.

A Última Bênção de Moisés

Pela última vez Moisés se apresentou à congregação do povo de Israel. Mais uma vez o Espírito de Deus repousou sobre ele e, usando a linguagem mais bela e tocante, pronunciou uma bênção sobre cada uma das tribos, finalizando com uma bênção especial sobre todas elas:

"O Deus eterno é o seu refúgio,

E para segurá-lo estão os braços eternos. [...]

Somente Israel viverá em segurança; a fonte de Jacó está segura numa terra de trigo e de vinho novo, onde os céus gotejam orvalho.

Como você é feliz, Israel!

Quem é como você, povo salvo pelo Senhor?

Ele é o seu abrigo, o seu ajudador." Dt 33:27-29

Moisés saiu da congregação, e em silêncio e sozinho subiu o "monte Nebo, ao topo do Pisga" (Dt 34:1). No solitário pico do monte, Moisés ficou em pé e contemplou com visão clara a paisagem diante de si.

Longe, a oeste, estavam as águas azuis do Mar Mediterrâneo. Ao norte, o Monte Hermom se erguia em direção ao céu. Mais além estava Basã, cenário da vitória de Israel. Ao sul ficava o deserto, onde os israelitas tinham vagueado por tanto tempo.

A sós, Moisés relembrou sua vida de privação e sofrimento desde que havia deixado as honras da corte e de um reino que poderia ter sido seu no Egito para arriscar seu futuro ao lado do povo escolhido de Deus. Ele se lembrou dos longos anos no deserto

com os rebanhos de Jetro, o aparecimento do Anjo na sarça ardente e o chamado para libertar Israel. Viu de novo os grandes milagres do poder de Deus manifestados em favor do povo escolhido e Sua paciente misericórdia durante os anos de peregrinação e rebelião. De todos os adultos do vasto exército que deixou o Egito, apenas dois foram achados dignos de entrar na Terra Prometida. Sua vida de provação e sacrifício parecia ter sido quase em vão.

No entanto, sabia ter recebido de Deus essa missão e trabalho. Quando foi chamado pela primeira vez para tirar Israel do cativeiro, ele teve receio de assumir essa responsabilidade, mas não rejeitou o dever. Mesmo na ocasião em que o Senhor propôs liberá-lo e destruir o rebelde Israel, Moisés não pôde aceitar. Ele tinha recebido evidências especiais do favor de Deus; tinha alcançado uma rica experiência na comunhão com o amor de Deus durante a permanência no deserto. Sentiu ter feito uma sábia decisão ao preferir suportar a aflição junto ao povo de Deus em vez de desfrutar por algum tempo os prazeres do pecado.

Ao recordar sua experiência, uma ação errada manchava o registro. Se aquela transgressão pudesse ser apagada, sentia que estaria pronto para morrer. A ele foi garantido que o arrependimento e a fé no Sacrifício prometido eram tudo o que Deus exigia, e mais uma vez Moisés confessou seu pecado e suplicou o perdão em nome de Jesus.

Ali, Moisés teve uma vista panorâmica da Terra Prometida – não uma vista vaga, incerta e ofuscada pela distância, mas clara, distinta e bela para a sua visão deslumbrada. Naquele cenário, Moisés a contemplou não como se encontrava naquele momento, mas como se tornaria com a bênção de Deus. Havia montanhas revestidas de cedros, colinas acinzentadas pelos olivais e que exalavam o perfume das vinhas, grandes planícies verdejantes que brilhavam com suas flores e com seus frutos abundantes, palmeiras, campos ondulantes de trigo e cevada, vales ensolarados ao som melodioso dos riachos e do cântico dos pássaros, belas cidades e lindos jardins, lagos ricos "na abundância dos mares", rebanhos a pastarem nas colinas e em meio às rochas os tesouros acumulados da abelha silvestre. Era na verdade uma terra como a que ele, inspirado pelo Espírito de Deus, tinha descrito a Israel.

Moisés Antevê a História de Israel

Moisés viu o povo escolhido em Canaã; cada uma das tribos em seu respectivo território. Teve uma visão de sua história – a longa e triste história de sua apostasia e punição. Viu-os espalhados entre as nações, a glória deixar Israel, sua bela cidade em

ruínas e o povo levado cativo para terras estrangeiras. Viu-os de volta à terra de sua herança, e por fim trazidos sob o domínio de Roma.

Recebeu permissão para ver o primeiro advento de nosso Salvador. Viu Jesus como um bebê em Belém. Ouviu as vozes do coro angelical entoar o alegre cântico de louvor a Deus e paz na Terra. No céu da noite, Moisés viu a estrela a guiar os homens sábios do Oriente até Jesus, e uma grande luz lhe inundou a mente ao recordar as palavras proféticas: "Uma estrela surgirá de Jacó; um cetro se levantará de Israel" (Nm 24:17). Testemunhou a vida humilde de Cristo em Nazaré, Seu ministério de amor e simpatia e os milagres que realizaria. Viu-O ser rejeitado por uma nação orgulhosa e incrédula. Espantado, ele ouviu a arrogante exaltação da lei de Deus, ao mesmo tempo em que desprezavam e rejeitavam Aquele por quem a lei tinha sido dada. Viu Jesus no Monte das Oliveiras Se despedindo com lágrimas nos olhos da cidade que Ele amava.

Quando Moisés assistiu a rejeição final por parte daquele povo por quem tinha trabalhado, orado e se sacrificado, por quem esteve disposto a ter o próprio nome riscado do livro da vida, ao ouvir as terríveis palavras: "Eis que a casa de vocês ficará deserta" (Mt 23:38), seu coração ficou muito angustiado. Lágrimas de amargura rolaram dos seus olhos, compartilhando da tristeza do Filho de Deus.

Moisés Vê a Crucifixão e a Terra Renovada

Moisés seguiu o Salvador ao Getsêmani. Viu a agonia no jardim, a traição, a zombaria e açoites, e a crucifixão. Viu que assim como ele mesmo tinha levantado a serpente de bronze no deserto, o Filho de Deus deveria ser levantado, para "que todo o que nEle crer tenha a vida eterna" (Jo 3:15). Mágoa, indignação e horror encheram o coração de Moisés ao testemunhar a hipocrisia e ódio satânico da nação judaica contra o Redentor.

Ouviu o grito de agonia de Cristo: "Meu Deus! Meu Deus! Por que Me abandonaste?" (Mc 15:34). Viu-O deitado no túmulo novo de José. As trevas do desespero pareciam envolver o mundo. Moisés olhou novamente e viu Jesus sair como vencedor e subir ao Céu, escoltado por anjos em adoração e liderando uma multidão de cativos resgatados da sepultura.

Moisés contemplou os discípulos de Jesus ao saírem para levar o Seu evangelho ao mundo. Apesar de Israel "segundo a carne" ter fracassado em ser a luz do mundo, apesar de terem perdido as Suas bênçãos como povo escolhido, ainda assim Deus não desprezou os filhos de Abraão. Todos os que por meio de Cristo se tornassem filhos da fé seriam contados como descendentes de Abraão, herdeiros das promessas da aliança.

Assim como Abraão, eles eram chamados para tornar conhecidos ao mundo a lei de Deus e o evangelho de Seu Filho. Moisés viu a luz do evangelho brilhar por meio dos discípulos de Jesus e milhares nas terras estrangeiras aceitarem a fé. Ele se alegrou com o crescimento e a prosperidade de Israel.

Agora outra cena passou diante dele. Foi mostrado a Moisés de que maneira Satanás levaria os judeus a rejeitarem a Cristo enquanto professavam honrar a lei de Seu Pai. Agora viu o mundo sob um engano semelhante, declarando aceitar a Cristo enquanto rejeita a lei de Deus. Ouviu o grito furioso dos sacerdotes e anciãos: "Fora", "Crucifica-O, crucifica-O". Então ouviu dos professos ensinadores cristãos o protesto: "Fora com a lei!"

Viu o sábado ser pisado e ser substituído por outro dia de adoração. Moisés se encheu de espanto e horror. Como podiam aqueles que confiavam em Cristo colocar de lado a lei que é o fundamento de Seu governo no Céu e na Terra? Com alegria, Moisés viu a lei de Deus ainda honrada e exaltada por uns poucos fiéis. Viu a última grande luta dos poderes terrestres para destruir aqueles que guardam a lei de Deus. Ouviu Deus proferir, de Sua santa habitação, o concerto de paz entre Ele e os que guardaram a Sua lei. Contemplou a segunda vinda de Cristo em glória, os justos mortos ressuscitarem para a vida imortal, e os santos vivos trasladados sem ver a morte, e juntos subirem com cânticos de alegria para a cidade de Deus.

Ainda outra cena se abriu diante de seus olhos – a Terra livre da maldição, mais linda do que a boa Terra da Promessa que havia pouco lhe tinha sido apresentada. Ali não havia pecado, e a morte não podia entrar. Com inexplicável alegria, Moisés contemplou a cena, um livramento ainda mais glorioso do que jamais poderia imaginar em suas esperanças mais radiantes. O Israel de Deus finalmente entrava na boa terra depois que as peregrinações terrestres haviam passado para sempre.

Sua visão volta à realidade e seus olhos repousam sobre a terra de Canaã ao longe. Então, como um guerreiro cansado, ele se deita para descansar. "Moisés, o servo do Senhor, morreu ali, em Moabe, como o Senhor dissera. Ele o sepultou em Moabe, no vale que fica diante de Bete-Peor, mas até hoje ninguém sabe onde está localizado seu túmulo" (Dt 34:5, 6). Se o povo soubesse onde se localizava o seu túmulo, muitos teriam corrido perigo de cometer idolatria com o seu corpo sem vida. Por essa razão, o local foi mantido em segredo. Anjos de Deus enterraram o corpo de Seu servo fiel e vigiaram o túmulo solitário.

Ele não deveria ficar por muito tempo no túmulo. O próprio Cristo, com os anjos

que sepultaram Moisés, desceu do Céu para chamar o santo que dormia. Satanás exultou por ter sido bem-sucedido em levar Moisés a pecar e assim se colocar sob o domínio da morte. O grande adversário declarou que a sentença divina: "Porque você é pó, e ao pó voltará" (Gn 3:19), dava a ele posse dos mortos. O poder da sepultura nunca tinha sido quebrado até então, e ele reclamava como seus cativos todos os que se achavam no túmulo, para nunca serem libertados.

Ao se aproximarem do túmulo o Príncipe da vida e os seres resplandecentes, Satanás ficou apreensivo pelo seu domínio. Ele se levantou para contestar a invasão do território que alegava ser seu. Declarou que até mesmo Moisés não tinha sido capaz de guardar a lei de Deus. Moisés havia tomado para si a glória devida a Jeová, o mesmo pecado que fez com que ele fosse banido do Céu, e por essa transgressão estava sob o seu domínio. O maior dos traidores repetiu as acusações originais que fez, que Deus foi injusto com ele.

Cristo poderia tê-lo lembrado da obra cruel que seus enganos haviam realizado no Céu, causando a ruína de um grande número de seus habitantes. Poderia ter apontado as mentiras ditas no Éden que levaram Adão a pecar e trouxeram a morte à raça humana. Poderia ter lembrado Satanás de que tinha sido obra dele ainda tentar Israel a reclamar e a se rebelar, esgotando a tolerante paciência de seu líder, e ainda o surpreendendo em um momento de descuido no pecado pelo qual caiu sob o poder da morte. No entanto, Cristo confiou tudo isso ao Seu Pai, dizendo: "O Senhor o repreenda!" (Jd 9). O Salvador não entrou em discussão com Seu adversário, mas naquele momento, ali mesmo, iniciou a obra de quebrar o poder de Satanás e de trazer o morto à vida. Ali estava uma prova da supremacia de Jesus. A presa foi tirada de Satanás; os justos mortos viveriam outra vez. Moisés saiu do túmulo glorificado, e subiu com seu Libertador à Cidade de Deus.

Deus excluiu Moisés de Canaã para ensinar uma lição que jamais devemos esquecer – que o Senhor exige obediência estrita e que todos devem cuidar para não tomar para si a glória que é devida a seu Criador. Ele não poderia atender ao pedido de Moisés para partilhar a herança de Israel, mas Ele não Se esqueceu, nem abandonou o Seu servo. No topo do Pisga, Deus chamou Moisés para uma herança muito mais gloriosa do que a Canaã terrestre.

No monte da transfiguração, Moisés estava presente com Elias, que tinha sido transladado. Assim, a oração de Moisés finalmente se cumpriu. Ele estava na "boa montanha", dentro da herança de seu povo, dando testemunho dAquele em quem todas as promessas de Israel estavam centralizadas. Essa é a última cena revelada aos

olhos mortais na história desse homem tão honrado pelo Céu.

---

* Este capítulo é baseado em Deuteronômio 31 a 34.

Atravessando o Jordão*

Somente depois de seu líder ter sido retirado deles é que Israel percebeu de fato o valor de seus sábios conselhos, de sua ternura paternal e de sua fé inabalável.

Moisés estava morto, mas sua influência permaneceria viva. Mesmo depois de o sol desaparecer atrás das colinas, sua luz ainda ilumina o pico das montanhas. Da mesma forma, as obras dos santos e bons iluminam o mundo muito tempo depois de sua morte. "O justo jamais será abalado; para sempre se lembrarão dele" (Sl 112:6).

Embora os israelitas estivessem cheios de tristeza por sua grande perda, não foram deixados sozinhos. A coluna de nuvem repousava sobre o tabernáculo durante o dia e a coluna de fogo à noite. Deus ainda estava disposto a ser seu guia e auxiliador, se eles andassem no caminho de Seus mandamentos.

Josué era agora o reconhecido líder de Israel. Corajoso, persistente, destituído de interesses egoístas e, acima de tudo, inspirado por uma fé viva em Deus – esse era o caráter do homem divinamente escolhido para liderar os exércitos de Israel. Ele tinha ocupado o posto de primeiro-ministro de Moisés, e por sua fidelidade sincera e despretensiosa, firmeza quando outros vacilaram e determinação para manter a verdade em meio ao perigo, deu prova de sua capacidade para ser o sucessor de Moisés.

Josué olhou para a obra diante dele com grande ansiedade, mas a certeza dada por Deus removeu seus temores: "Assim como estive com Moisés, estarei com você; nunca o deixarei, nunca o abandonarei. [...] Você conduzirá este povo para herdar a terra que prometi sob juramento aos seus antepassados." "Todo lugar onde puserem os pés Eu darei a vocês" (Js 1:5, 6, 3).

"Somente seja forte e muito corajoso! Tenha o cuidado de obedecer a toda a lei que o Meu servo Moisés lhe ordenou [...]. Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite." "Não se desvie dela, nem para a direita nem para a esquerda [...]. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido" (Js 1:7, 8).

A primeira mensagem de Deus para Josué tinha sido: "Agora, pois, você e todo este povo preparem-se para atravessar o rio Jordão e entrar na terra que Eu estou para dar aos israelitas" (Js 1:2). Josué sabia que não importava o que Deus ordenasse, Ele providenciaria os meios para Seu povo cumprir. Nessa fé, o corajoso líder imediatamente deu início aos preparativos para avançarem.

Em frente ao acampamento israelita estava a fortificada cidade de Jericó, a chave de todo o país. Ela apresentaria um grande obstáculo a Israel. Assim, Josué enviou dois jovens como espiões para tirar informações sobre a população, os recursos e a resistência dos muros e portões. Os habitantes da cidade, aterrorizados e cheios de suspeita, estavam em alerta, e os mensageiros correram grande perigo, mas foram preservados por Raabe, uma mulher de Jericó, sob o risco de perder a própria vida. Como recompensa à sua bondade, eles prometeram que a protegeriam quando a cidade fosse tomada.

O Povo de Jericó Fica Apavorado

Os espiões voltaram com a notícia: "Sem dúvida o Senhor entregou a terra toda em nossas mãos; todos estão apavorados por nossa causa" (Js 2:24). Em Jericó lhes disseram: "Temos ouvido como o Senhor secou as águas do Mar Vermelho perante vocês quando saíram do Egito, e o que vocês fizeram a leste do Jordão com Seom e Ogue, os dois reis amorreus que vocês aniquilaram. Quando soubemos disso, o povo desanimou-se completamente, e por causa de vocês todos perderam a coragem, pois o Senhor, o seu Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra" (Js 2: 10, 11).

Imediatamente foram dadas ordens para o povo se preparar para avançar. O povo deveria levar um suprimento de comida para três dias, e o exército deveria estar pronto para a batalha. Partindo do acampamento, a multidão desceu à margem do Jordão. Todos sabiam que sem o auxílio divino não poderiam esperar atravessar o rio. Naquela época do ano, a neve que derretia das montanhas tinha aumentado o volume do Jordão a tal ponto de fazê-lo transbordar, sendo impossível atravessá-lo. Era da vontade de Deus que a travessia do Jordão fosse miraculosa.

Por instrução divina, Josué ordenou que o povo abandonasse seus pecados e se

livrasse de toda impureza exterior, “pois amanhã”, ele disse, “o Senhor fará maravilhas entre vocês” (Js 3:5). A “arca da aliança” deveria ir à frente. Ela deveria ser retirada pelos sacerdotes de seu lugar ao centro do acampamento e levada em direção ao rio.

“Assim saberão que o Deus vivo está no meio de vocês e que certamente expulsará de diante de vocês os cananeus [...]. Vejam, a arca da aliança do Soberano de toda a terra atravessará o Jordão à frente de vocês” (Js 3:10, 11).

No momento indicado, iniciou-se o movimento para a frente, com a arca abrindo caminho, carregada aos ombros dos sacerdotes. Um espaço vazio de aproximadamente novecentos metros separava a arca do povo. Todos observavam com profundo interesse os sacerdotes avançarem para a margem do Jordão. Viram a arca sagrada se mover com firmeza em direção ao rio agitado e violento até os sacerdotes mergulharem os pés na água. De repente, a correnteza do lado de cima parou de correr, enquanto a correnteza do lado de baixo escoou totalmente, e o leito do rio ficou descoberto.

Os sacerdotes avançaram para o meio do canal, e ali ficaram em pé, enquanto toda a multidão desceu e atravessou para o outro lado. O poder que segurou as águas do Jordão era o mesmo que tinha aberto o Mar Vermelho para a geração passada quarenta anos antes. Depois que todo o povo passou, a arca foi levada para a margem ocidental. Os sacerdotes mal colocaram “os pés em terra seca” (Js 4:18) e as águas represadas foram soltas, em uma poderosa inundação, no canal natural do rio.

Enquanto os sacerdotes que carregavam a arca ainda estavam no meio do Jordão, doze homens, um de cada tribo, pegaram cada um uma pedra do leito do rio onde os sacerdotes estavam em pé e levaram para o lado ocidental. Essas pedras deveriam formar um monumento no primeiro lugar de acampamento além do rio, conforme disse Josué: “Para que todos os povos da terra saibam que a mão do Senhor é poderosa e para que vocês sempre temam o Senhor, o seu Deus” (Js 4:24).

Esse milagre foi uma segurança para Israel da presença e proteção contínua de Deus, demonstrando que Ele agiria em seu favor por intermédio de Josué assim como havia feito por meio de Moisés. O Senhor declarou a Josué antes da travessia do Jordão: “Hoje começarei a exaltá-lo à vista de todo o Israel, para que saibam que estarei com você como estive com Moisés” (Js 3:7).

Quando a notícia de que Deus tinha segurado as águas do Jordão para os filhos de Israel chegou aos reis dos amorreus e dos cananeus, o coração deles tremeu de medo.

Para os cananeus, para todo Israel e para o próprio Josué, ali estava uma prova definitiva de que o Deus vivo, o Rei do Céu e da Terra, estava com Seu povo. Ele não os deixaria nem os desampararia.

Os hebreus montaram seu primeiro acampamento em Canaã a uma pequena distância do Jordão. A suspensão da Páscoa e do rito da circuncisão tinha sido uma prova do desagrado do Senhor pelo desejo do povo de voltar para a terra da escravidão e por quebrar a aliança. Agora, porém, os anos de rejeição tinham terminado. O sinal da aliança foi restaurado. O rito da circuncisão foi realizado naqueles que tinham nascido no deserto. O Senhor declarou a Josué: "Hoje removi de vocês a humilhação sofrida no Egito" (Js 5:9).

As nações pagãs tinham zombado do Senhor e de Seu povo porque os hebreus haviam fracassado em tomar posse de Canaã logo depois de deixarem o Egito. Seus inimigos triunfaram por Israel vaguear por tanto tempo no deserto, e em tom de gozação declararam que o Deus dos hebreus não era capaz de conduzi-los à Terra Prometida. O Senhor, porém, manifestou de forma clara e direta Seu poder e favor em abrir o Jordão diante de Seu povo, e seus inimigos não mais poderiam zombar deles.

Eles celebraram a Páscoa, e "um dia depois de comerem do produto da terra, o maná cessou. Já não havia maná para os israelitas, e naquele mesmo ano eles comeram do fruto da terra de Canaã" (Js 5:12). Os longos anos de peregrinação no deserto chegaram ao fim. Os pés de Israel estavam finalmente pisando na Terra Prometida.

---

* Este capítulo é baseado em Josué 1 a 5:12.

A Queda Miraculosa de Jericó*

Os hebreus entraram em Canaã, mas ainda não a haviam conquistado. Ela era habitada por um povo poderoso e pronto para se opor à invasão de seu território. Seus cavalos e carros de batalha de ferro, seu conhecimento do local e seu preparo para a guerra lhes davam grande vantagem. Além disso, o país era guardado por "cidades grandes, com muros que vão até o céu" (Dt 9:1). No conflito que tinham à frente, Israel poderia esperar por sucesso unicamente na certeza de uma força que não lhe pertencia.

A grande e rica cidade de Jericó estava localizada apenas a uma pequena distância de seu acampamento em Gilgal. Protegida por fortalezas maciças, essa orgulhosa cidade desafiava o Deus de Israel. Jericó era dedicada especialmente a Astarote, a deusa da Lua. Ali se reuniam todos os aspectos mais imorais e degradantes na religião dos cananeus. Com os terríveis resultados de seu pecado em Bete-Peor ainda vivos na memória, o povo de Israel apenas pôde olhar para essa cidade pagã com repugnância e horror.

Josué considerou a invasão de Jericó como o primeiro passo para a conquista de Canaã. Retirando-se do acampamento para meditar e orar, Josué avistou um impressionante guerreiro armado "empunhando uma espada". À pergunta de Josué: "Você é por nós, ou por nossos inimigos?", o guerreiro respondeu: "Venho na qualidade de Comandante do exército do Senhor" (Js 5:13-14). O misterioso estranho era Cristo, o exaltado Ser. Cheio de temor e respeito, Josué caiu sobre o seu rosto e O adorou. Então, ouviu esta promessa: "Saiba que entreguei nas suas mãos Jericó, seu rei e seus homens de guerra" (Js 6:2), e recebeu instruções para conquistar a cidade.

Em obediência à ordem divina, Josué convocou os exércitos de Israel. Não deveriam

fazer nenhum ataque, mas apenas caminhar ao redor da cidade, carregando a arca de Deus e tocando trombetas. A arca de Deus, rodeada pelo brilho da glória divina, era carregada por sacerdotes vestidos nos trajes especiais para exercer sua sagrada função. O exército de Israel os seguia. Essa era a comitiva que circundou a cidade condenada.

Não se ouvia som algum, a não ser os passos daquela grande multidão e o toque solene das trombetas, ecoando pelas colinas e ressoando pelas ruas de Jericó.

Admirados e alarmados, os vigias reportaram tudo às autoridades. Quando viram aquela multidão poderosa marchar ao redor da cidade uma vez por dia, com a arca sagrada e os sacerdotes assistentes, o mistério da cena aterrorizou o coração dos sacerdotes e do povo. De novo inspecionaram suas fortes defesas, certos de que elas seriam capazes de resistir ao mais forte ataque. Muitos ridicularizavam a ideia de que qualquer mal lhes pudesse acontecer por meio daquelas demonstrações incomuns. Outros ficavam aterrorizados ao observar a marcha a cada dia. Eles se lembravam de que no passado o Mar Vermelho se abrira perante esse povo, e que uma passagem tinha acabado de ser aberta para eles no rio Jordão.

O Método Simples de Deus

Durante seis dias Israel fez o circuito da cidade. Chegou o sétimo dia, e assim que surgiu o primeiro raio de luz, Josué convocou os exércitos do Senhor. Dessa vez, eles deveriam marchar sete vezes ao redor de Jericó, e ao forte toque das trombetas deveriam gritar bem alto, pois Deus lhes entregaria a cidade.

O imenso exército marchou de forma solene ao redor dos muros. Tudo estava em silêncio, a não ser pelo som cadenciado da marcha. Os vigias em cima dos muros observavam cada vez com mais temor ao terminar o primeiro circuito e em seguida vir o segundo, depois o terceiro, o quarto, o quinto e o sexto. Qual poderia ser o objetivo desses movimentos misteriosos?

Eles não tiveram que esperar muito. Ao término da sétima volta, a longa procissão parou. As trombetas, que por algum tempo tinham estado em silêncio, agora soaram em um toque tão forte que sacudiu a própria terra. Os muros de pedra sólida, com suas torres e defesas maciças, tremeram e se desprenderam de seu alicerce, e com um estrondo se despedaçaram no chão. Os habitantes de Jericó ficaram paralisados de terror. Os exércitos de Israel entraram e conquistaram a cidade.

Os israelitas não conseguiram a vitória por si mesmos. A cidade e tudo o que nela havia deveriam ser dedicados como sacrifício a Deus porque eram as primícias da terra.

Na conquista de Canaã, os israelitas não deveriam lutar por si mesmos, nem buscar riquezas ou exaltação própria, mas a glória de Jeová, seu Rei. A ordem tinha sido dada: "Fiquem longe das coisas consagradas, não se apossem de nenhuma delas, para que não sejam destruídos. Do contrário trarão destruição e desgraça ao acampamento de Israel" (Js 6:18).

Todos os habitantes e todos os seres vivos foram mortos. Apenas a fiel Raabe com seus familiares foram poupados em cumprimento à promessa feita pelos espiões. Os palácios e os templos da cidade, suas magníficas mansões com toda a luxuosa mobília, ricas cortinas e caro vestuário, foram queimados. Aquilo que não pudesse ser destruído pelo fogo, "toda a prata, todo o ouro e todos os utensílios de bronze e de ferro" (Js 6:19), deveria ser dedicado ao serviço do tabernáculo. Jericó nunca deveria ser reconstruída como fortaleza. Ameaças de juízos foram lançadas a qualquer um que pretendesse refazer os muros que o poder divino tinha derrubado.

A destruição final do povo de Jericó foi um cumprimento das ordens antes dadas a respeito dos habitantes de Canaã: "Quando o Senhor, o seu Deus, as tiver dado a vocês, e vocês as tiverem derrotado, então vocês as destruirão totalmente." "Nas cidades das nações que o Senhor, o seu Deus, lhes dá por herança, não deixem vivo nenhum ser que respira" (Dt 7:2, 20:16).

Para muitos, essas ordens parecem contrárias ao espírito de amor e misericórdia demonstrado em outras partes da Bíblia. Na verdade, essas foram instruções de sabedoria e bondade infinitas. Deus estava prestes a estabelecer Israel em Canaã. Eles não apenas deveriam ser os herdeiros da verdadeira religião, mas responsáveis por espalhar seus princípios ao redor do mundo. Os cananeus tinham se entregado às degradações do paganismo, e era necessário que o país fosse limpo de qualquer coisa que viesse a impedir o cumprimento dos propósitos graciosos de Deus.

Os habitantes tinham recebido várias oportunidades de arrependimento. Quarenta anos antes, os juízos enviados sobre o Egito haviam testificado do poder do Deus de Israel. A derrota de Midiã, Gileade e Basã tinha agora mostrado que Jeová era superior a todos os deuses. Sua aversão à impureza havia sido demonstrada nos juízos enviados sobre Israel por participar dos rituais abomináveis de Baal-Peor. Os habitantes de Jericó sabiam de todos esses eventos. Embora eles tenham se recusado a obedecer, muitos partilhavam da convicção de Raabe de que o Deus de Israel "é Deus em cima nos Céus e embaixo na Terra" (Js 2:11). Assim como o povo antediluviano, os cananeus viviam apenas para blasfemar do Céu e contaminar a Terra. Tanto o amor quanto a justiça exigiam que esses rebeldes a Deus e inimigos da humanidade fossem destruídos.

"Pela fé caíram os muros de Jericó" (Hb 11:30). O Comandante do exército do Senhor Se comunicou apenas com Josué, e não com o restante da congregação. Cabia a eles crer ou duvidar das palavras de Josué. Não poderiam ver o exército de anjos que os acompanhava sob a liderança do Filho de Deus. Eles bem poderiam ter pensado: "Que ridículo, marchar todo dia em volta dos muros da cidade, tocando trombetas de chifres de carneiro. Isso não pode fazer nada contra aquelas fortalezas enormes." Entretanto, Deus desejava impressionar a mente do povo com o fato de que a sua força não estava na sabedoria ou poder humanos, mas unicamente no Deus de sua salvação. O Senhor fará grandes coisas por aqueles que confiam nEle. Se eles puserem sua inteira confiança nEle e Lhe obedecerem fielmente, Deus ajudará Seus filhos fiéis em toda emergência.

Derrota em Ai

Logo depois da queda de Jericó, Josué se preparou para atacar Ai, uma cidade pequena em meio às colinas a poucos quilômetros a oeste do Vale do Jordão. Espiões relataram que havia poucos habitantes, e pouca força seria necessária para conquistá-la.

A grande vitória que Deus concedeu aos israelitas fez com que eles confiassem em si mesmos. Fracassaram em perceber que apenas o auxílio divino poderia garantir a eles o sucesso. Até mesmo Josué fez seus planos para a conquista de Ai sem buscar o conselho de Deus.

Os israelitas começaram a olhar para os seus inimigos com desdém. Esperavam uma vitória fácil e pensaram que três mil homens seriam suficientes para conquistar o lugar. Marcharam quase até a porta da cidade, apenas para encontrar uma forte resistência. Tomados pelo pânico diante do grande número de inimigos bem preparados à sua frente, fugiram em confusão ladeira abaixo. Os cananeus "perseguiram os israelitas desde a porta da cidade [...] e os feriram na descida". Apesar de o prejuízo ter sido pequeno no que diz respeito a números – trinta e seis homens mortos – a derrota foi desanimadora. "O povo desanimou-se completamente" (Js 7:5).

Josué reconheceu nessa derrota uma expressão do desagrado de Deus. Angustiado e apreensivo, com as autoridades de Israel, "rasgou as vestes, prostrou-se, rosto em terra, diante da arca do Senhor, cobrindo de terra a cabeça, e ali permaneceu até a tarde" (Js 7:6).

"Ah, Soberano Senhor", clamou, "por que fizeste este povo atravessar o Jordão? Foi para nos entregar nas mãos dos amorreus e nos destruir? [...] Que poderei dizer, Senhor, agora que Israel foi derrotado por seus inimigos? Os cananeus e os demais

habitantes desta terra saberão disso, nos cercarão e eliminarão o nosso nome da terra. Que farás, então, pelo Teu grande nome?" (Js 7:7-9).

A resposta foi: "Levante-se! Por que você está aí prostrado? Israel pecou. Violou a aliança que Eu lhe ordenei". Esse era um momento para ação imediata e decidida, e não para desespero e lamentação. Havia um pecado secreto no acampamento, e ele deveria ser descoberto e removido. "Não estarei mais com vocês, se não destruírem do meio de vocês o que foi consagrado à destruição" (Js 7:10, 12).

Nação Afetada pelo Pecado de uma Família

Um dos escolhidos para executar os juízos de Deus havia desobedecido à Sua ordem. E a nação foi responsabilizada pela culpa do transgressor: "Apossou-se de coisas consagradas, roubou-as, escondeu-as e as colocou junto de seus bens" (Js 7:11). A sorte deveria ser lançada para detectar o culpado. Isso levou algum tempo, deixando a questão em dúvida para que o povo sentisse a sua responsabilidade e fosse levado a examinar o coração e se humilhasse perante Deus.

De manhã bem cedo, Josué reuniu o povo, e deu início à cerimônia solene e impressionante. Passo a passo a investigação prosseguiu. Mais e mais perto se aproximava a terrível prova. Foi indicada primeiro a tribo, depois a família, então a casa, a seguir o homem, e o dedo de Deus apontou Acã, filho de Carmi, da tribo de Judá, como o perturbador de Israel.

Em seguida, de modo solene, Josué ordenou que Acã admitisse a verdade. Esse homem miserável fez uma confissão detalhada do crime: "É verdade que pequei contra o Senhor, o Deus de Israel. O que fiz foi o seguinte: quando vi entre os despojos uma bela capa feita na Babilônia, dois quilos e quatrocentos gramas de prata e uma barra de ouro de seiscentos gramas, eu os cobicei e me apossei deles. Estão escondidos no chão da minha tenda, com a prata por baixo" (Js 7:20, 21). Mensageiros retiraram a terra do lugar indicado, e "lá estavam escondidas as coisas, com a prata por baixo. Retiraram-nas da tenda e as levaram a Josué [...] e as puseram perante o Senhor" (Js 7:22, 23).

"Por que você nos causou esta desgraça?", disse Josué. "Hoje o Senhor lhe causará desgraça". Por ter sido o povo responsabilizado pelo pecado de Acã e sofrido suas consequências, todos deveriam tomar parte em sua punição. "E todo o Israel o apedrejou" (Js 7:25). No livro de Crônicas está escrita a sua memória: "O filho de Carmi foi Acar. Ele causou desgraça a Israel ao violar a proibição de se apossar das coisas consagradas" (1Cr 2:7).

Acã cometeu esse pecado em desafio às advertências mais diretas e solenes e às manifestações mais grandiosas do poder de Deus. O fato de que a vitória de Israel tinha sido alcançada unicamente pelo poder divino, de que eles não tomaram Jericó pela força de si mesmos, deu peso solene à ordem que os proibia de participar dos despojos. Deus havia destruído aquela fortaleza; e a cidade, com tudo o que nela estava, deveria ser dedicada somente a Ele.

Acã Não se Arrepende

Entre os milhões de israelitas, apenas um homem tinha ousado transgredir a ordem de Deus. A cobiça de Acã foi despertada por aquela rica capa de Sinear. Mesmo estando face a face com a morte, ele a chamou de "bela capa feita na Babilônia" (Js 7:21). Ele se apossou do ouro e da prata dedicados ao tesouro do Senhor; roubou de Deus os primeiros frutos da terra de Canaã. Raramente a transgressão do décimo mandamento é repreendida. No entanto, as lições da história de Acã revelam a enormidade desse pecado, e seus terríveis resultados.

Acã nutriu a cobiça por riquezas até que isso se tornou um hábito, prendendo-o em algemas quase impossíveis de serem quebradas. O pensamento de trazer desastre sobre Israel o teria enchido de horror, mas suas percepções estavam tão amortecidas pelo pecado que, ao chegar a tentação, ele caiu como presa fácil.

Nós somos proibidos de cobiçar, assim como Acã foi proibido de pegar os despojos de Jericó. Somos advertidos: "Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro" (Mt 6:24). "Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância" (Lc 12:15); "Entre vocês não deve haver nem sequer menção [...] de cobiça" (Ef 5:3). Temos como exemplo o terrível fim de Acã, de Judas, de Ananias e Safira. Antes de todos esses, temos o exemplo de Lúcifer. Apesar de todas essas advertências, a cobiça está por toda a parte.

Em todo lugar podemos ver seu rastro pegajoso. Ela cria discórdia na família; provoca a inveja e o ódio do pobre contra o rico; inspira o rico a oprimir o pobre. Esse mal não existe apenas no mundo, mas também na igreja. Mesmo ali é comum encontrar o egoísmo, a cobiça, a negligência da caridade e o roubo a Deus "nos dízimos e nas ofertas". Muitos frequentam regularmente os cultos da igreja, enquanto entre os seus bens estão escondidos lucros ilegais, coisas que Deus amaldiçoou. Por uma "bela capa feita na Babilônia", multidões sacrificam a sua esperança do Céu. O clamor dos pobres e sofredores não é atendido; a luz do evangelho é desviada de seu caminho; a prática contradiz o discurso cristão. O cobiçoso que se chama de cristão continua a ajuntar tesouros. "Pode um homem roubar de Deus? Contudo vocês estão Me

roubando" (Ml 3:8), diz o Senhor.

A Diferença entre a Confissão Genuína e a Forçada

Por causa do pecado de uma só pessoa o desagrado de Deus recairá sobre a igreja até que a transgressão seja descoberta e removida. A influência mais temida pela igreja não é a dos oponentes diretos, infiéis e blasfemos, mas a dos incoerentes que impedem as bênçãos do Deus de Israel e causam o enfraquecimento de Seu povo. Com arrependimento profundo e exame de coração, cada um procure descobrir os pecados secretos que têm afastado a presença de Deus.

Acã viu os exércitos de Israel retornarem de Ai derrotados e desanimados, mesmo assim não se apresentou e confessou seu pecado. Viu Josué e as autoridades curvados em terra, com uma tristeza profunda demais para expressar em palavras. Ainda assim permaneceu em silêncio. Ouviu o anúncio de que um grande crime tinha sido cometido e ouviu até mesmo, de forma clara, de que crime se tratava, mas seus lábios estavam fechados. Ele se encheu de terror ao ver sua tribo ser apontada, em seguida sua família e sua casa! Ainda assim não fez confissão alguma até que o dedo de Deus apontou para ele. Quando já não poderia mais esconder seu pecado, admitiu a verdade.

Há uma grande diferença entre admitir fatos após serem comprovados e confessar pecados conhecidos apenas por nós mesmos e Deus. A confissão de Acã serviu apenas para mostrar que seu castigo era justo. Seu arrependimento não foi sincero, não houve tristeza pelo pecado, nem mudança de propósito, nem aversão ao mal.

Da mesma forma, o culpado confessará quando estiver diante do tribunal de Deus, depois de cada caso ter sido decidido ou para vida ou para morte. Um terrível senso da medonha expectativa do juízo arrancará de cada culpado o reconhecimento de seu pecado. Tais confissões, porém, não podem salvar o pecador.

Quando os registros do Céu forem abertos, o Juiz não declarará ao pecador a sua culpa, mas lançará um olhar penetrante e convincente, e cada ação, cada atitude tomada na vida, será vividamente gravada na memória do malfeitor. Os pecados por tanto tempo escondidos dos olhos humanos serão então proclamados ao mundo inteiro.

---

* Este capítulo é baseado em Josué 5:13-15; 6; 7.

As Bênçãos e as Maldições*

Após a execução da sentença de Acã, Josué recebeu ordem para reunir todos os homens de guerra para atacar Ai mais uma vez. O poder de Deus estava com Seu povo e logo conquistaram a cidade.

O povo estava ansioso para se estabelecer em Canaã. Eles ainda não tinham casas ou terras para suas famílias e, para consegui-las, precisavam expulsar os cananeus. Um dever maior, porém, exigia sua atenção. Eles deveriam renovar a aliança de lealdade a Deus.

As últimas orientações de Moisés incluíam instruções para oferecer um culto especial nos montes Ebal e Gerizim, em Siquém, para o reconhecimento da lei de Deus. Assim, em obediência, homens, "mulheres, crianças, e os estrangeiros que viviam no meio deles" (Js 8:35) partiram de Gilgal e marcharam pelo país de seus inimigos até o vale de Siquém, próximo do centro daquela terra. Apesar de estarem cercados por inimigos não conquistados, "o terror de Deus caiu [...] sobre as cidades ao redor" (Gn 35:5), e os hebreus não foram atacados ou ameaçados.

Ali, tanto Abraão como Jacó haviam armado suas tendas. Ali, Jacó comprou o campo em que as tribos deveriam sepultar o corpo de José. Ali também estava o poço que Jacó cavou.

O local escolhido era ideal para ser o teatro no qual aquela cena impressionante deveria ser representada. O lindo vale, com campos verdes pontilhados de bosques de oliveiras, regados de riachos que brotavam de fontes vivas e enfeitado de flores silvestres, apresentava-se como um convite entre as colinas secas. Ebal e Gerizim ficavam em lados opostos no vale, mas quase se aproximavam um do outro. O sopé de

ambos os montes parecia formar um púlpito natural. Cada palavra dita em um era claramente ouvida no outro. Os lados da montanha ficavam um pouco para trás, oferecendo assim espaço para a grande congregação.

Um monumento de pedras grandes foi construído no Monte Ebal. Nessas pedras, preparadas com antecedência com uma cobertura de argamassa, Josué escreveu a lei – não apenas os Dez Mandamentos proferidos no Sinai e gravados em tábuas de pedra, mas também a lei transmitida por Moisés e escrita em um livro. Além desse monumento, ele construiu um altar de pedras não cortadas e nele ofereceu sacrifícios ao Senhor. Por causa da transgressão da lei de Deus, Israel merecia receber com justiça a Sua ira, e eles a teriam sentido imediatamente, se não fosse pela expiação de Cristo, representada pelo altar de sacrifício.

Seis tribos ficaram no Monte Gerizim, as outras em Ebal, e os sacerdotes com a arca ocuparam o vale entre os montes. Na presença da enorme congregação, Josué leu as bênçãos que seriam recebidas por meio da obediência à lei de Deus. Todas as tribos em Gerizim responderam: "Amém". Ele, então, leu as maldições, e as tribos em Ebal de igual maneira concordaram, unindo-se milhares e milhares de vozes para a resposta solene. A seguir, foi feita a leitura da lei de Deus, como também dos estatutos e dos juízos entregues por Moisés.

No Sinai, Israel havia recebido a lei da boca de Deus, e seus sagrados mandamentos, escritos com a Sua mão, foram guardados em segurança na arca. Agora, ela tinha sido escrita mais uma vez em um local onde todos poderiam ler por si mesmos as condições da aliança que deveria prevalecer enquanto tivessem a posse da terra de Canaã. Não fazia muitas semanas desde que Moisés tinha lido todo o livro de Deuteronômio em discurso ao povo; entretanto, Josué de novo leu a lei.

Não apenas os homens de Israel, mas todas as mulheres e as crianças ouviram a leitura da lei, pois era importante que elas também soubessem de seu dever. Moisés ordenou: "Ao final de cada sete anos, [...] quando todo o Israel vier apresentar-se ao Senhor, o seu Deus, no local que Ele escolher, vocês lerão esta lei perante eles para que a escutem. Reúnam o povo, homens, mulheres e crianças, e os estrangeiros que morarem nas suas cidades, para que ouçam e aprendam a temer o Senhor, o seu Deus, e sigam fielmente todas as palavras desta lei. Os seus filhos, que não conhecem esta lei, terão que ouvi-la e aprender a temer o Senhor, o seu Deus, enquanto vocês viverem na terra da qual tomarão posse quando atravessarem o Jordão" (Dt 31:10-13).

Devemos Estudar a Bíblia com Perseverança

Satanás está sempre em atividade. Ele se esforça para perverter o que Deus falou, para obscurecer a compreensão e levar as pessoas ao pecado. Deus está constantemente procurando proteger as pessoas, para que Satanás não consiga usar seu poder enganador contra elas. Deus Se permitiu falar Ele mesmo com o povo usando a própria voz, escrevendo com a própria mão a lei viva confiada à humanidade como um guia perfeito. Por estar Satanás tão pronto a desviar nossas afeições das promessas e exigências do Senhor, é necessário ser perseverante para fixá-las firmemente na mente.

Os fatos e as lições da história bíblica devem ser apresentados em linguagem simples e adaptados ao entendimento dos jovens. Os pais podem atrair o interesse dos filhos para a variedade de conhecimento encontrado nas páginas sagradas. Eles mesmos devem estar interessados. Aqueles que desejam que seus filhos amem e reverenciem a Deus devem falar de Sua bondade, Sua majestade e Seu poder, conforme estão revelados em Sua Palavra e nas obras da criação.

Cada capítulo e cada verso da Bíblia é uma mensagem de Deus para nós. Se estudada e obedecida, ela guiará o povo de Deus, assim como o povo de Israel foi guiado, pela coluna de nuvem durante o dia e pela coluna de fogo à noite.

---

* Este capítulo é baseado em Josué 8.

Enganados*

De Siquém, os israelitas voltaram para o acampamento em Gilgal. Ali, um grupo estranho os visitou, dizendo que vinham de um país distante. Pela aparência que tinham, isso parecia ser verdade. As roupas estavam velhas e gastas, as sandálias remendadas, a comida embolorada e os couros que serviam como vasilhas de vinho estavam rachados e amarrados, como que consertados às pressas durante a viagem.

Em seu país "distante" – que afirmavam ficar bem longe da Palestina – eles ouviram das maravilhas que Deus havia realizado e foram enviados para fazer uma aliança com Israel. Os hebreus tinham sido avisados para não fazer qualquer tipo de aliança com os idólatras de Canaã, e surgiu uma dúvida na mente dos líderes a respeito da veracidade das palavras dos estranhos.

"Talvez vocês vivam perto de nós", disseram. A essa pergunta, os visitantes responderam: "Somos seus servos". Quando Josué lhes perguntou diretamente: "Quem são vocês? De onde vocês vêm?", eles continuaram: "Este nosso pão estava quente quando o embrulhamos em casa no dia em que saímos de viagem para cá. Mas vejam como agora está seco e esmigalhado. Estas vasilhas de couro que enchemos de vinho eram novas, mas agora estão rachadas. E as nossas roupas e sandálias estão gastas por causa da longa viagem (Js 9:7, 8, 12, 13).

Os hebreus "não consultaram o Senhor. Então Josué fez um acordo de paz com eles, garantindo poupar-lhes a vida, e os líderes da comunidade o confirmaram com juramento" (Js 9:14, 15). A aliança foi estabelecida. Três dias depois, Israel descobriu a verdade. "Souberam que eram vizinhos e que viviam perto deles" (Js 9:16). Os gibeonitas recorreram ao engano para salvar a vida.

Os israelitas ficaram ainda mais indignados quando, depois de três dias de viagem, eles chegaram às cidades dos gibeonitas, próximas ao centro do país. Entretanto, os príncipes se recusaram a quebrar a aliança, apesar de ter sido conseguida por meio do engano, pois "haviam feito um juramento em nome do Senhor, o Deus de Israel" e os filhos de Israel "não os atacaram" (Js 9:18). Os gibeonitas se comprometeram a renunciar à idolatria e a aceitar o culto a Jeová. Assim, a preservação de sua vida não foi uma transgressão da ordem de Deus para destruir os idólatras cananeus.

Apesar de a aliança ter sido estabelecida pelo engano, não deveria ser desconsiderada. Nenhuma consideração de lucro, vingança ou interesse próprio pode, de qualquer maneira, afetar a natureza de um juramento ou compromisso. "Quem poderá subir o monte do Senhor?" E "entrar no seu Santo Lugar?" Aquele "que mantém a sua palavra, mesmo quando sai prejudicado" (Sl 24:3; 15:4).

Como os Gibeonitas se Tornaram Escravos

Permitiu-se que os gibeonitas vivessem, mas ficaram como escravos ligados ao santuário para fazerem todo o trabalho servil. "Mas naquele dia [Josué] fez dos gibeonitas lenhadores e carregadores de água para a comunidade e para o altar do Senhor" (Js 9:27). Os gibeonitas aceitaram essas condições com gratidão, alegres por manterem a vida sob qualquer circunstância. "Estamos agora nas suas mãos", disseram a Josué. "Faça conosco o que lhe parecer bom e justo" (Js 9:25).

Gibeom, a maior cidade desse povo, "era tão importante como uma cidade governada por um rei; [...] e todos os seus homens eram bons guerreiros" (Js 10:2). Uma prova clara do terror que os israelitas causaram aos habitantes de Canaã está no fato de que o povo de uma cidade poderosa como essa tenha recorrido a um meio de escape tão humilhante para salvar a vida.

Os gibeonitas, porém, teriam se saído melhor se tivessem abordado Israel de forma honesta. O engano trouxe a eles apenas desgraça e escravidão. Deus tinha tomado providências para que todos os que renunciassem ao paganismo e se unissem a Israel também recebessem as bênçãos da aliança. Com poucas exceções, tal povo poderia usufruir os mesmos favores e privilégios concedidos a Israel.

Os gibeonitas poderiam ter sido recebidos nessas condições. Para os cidadãos daquela cidade real, em que "todos os seus homens eram bons guerreiros" (Js 10:2), foi uma grande humilhação se tornarem lenhadores e carregadores de água. Assim, em todas as suas gerações, sua condição de escravos testificaria de que Deus odeia a falsidade.

O Longo Dia de Josué

A submissão de Gibeom encheu os reis de Canaã de pavor. Eles imediatamente deram passos para se vingar daqueles que fizeram paz com os invasores. Cinco dos reis cananeus se aliaram para atacar Gibeom. Os gibeonitas estavam despreparados para se defender e enviaram uma mensagem para Josué em Gilgal: "Não abandone os seus servos. Venha depressa! Salve-nos! Ajude-nos, pois todos os reis amorreus que vivem nas montanhas se uniram contra nós!" (Js 10:6). O perigo ameaçava não apenas o povo de Gibeom, mas também Israel. Aquela cidade controlava as passagens para a Palestina central e do sul, e Israel deveria conservá-la a fim de conquistar o território.

Os gibeonitas, cercados pelos inimigos, ficaram com medo de que Josué rejeitasse seu apelo por causa do engano que praticaram. Como eles se submeteram a Israel e aceitaram o culto a Deus, Josué sentiu-se obrigado a protegê-los. Então o Senhor o encorajou: "Não tenha medo desses reis", foi a mensagem divina, "Eu os entreguei nas suas mãos. Nenhum deles conseguirá resistir a você." "Josué partiu de Gilgal com todo o seu exército, inclusive com os seus melhores guerreiros" (Js 10:8, 7).

Mal os reis aliados tinham reunido seus exércitos ao redor da cidade quando Josué os atacou. O imenso exército fugiu dos hebreus pela garganta da montanha acima, para Bete-Horom, e do topo desceram correndo o precipício do outro lado. Ali, uma violenta chuva de granizo caiu sobre eles. "O Senhor lançou sobre eles grandes pedras de granizo, que mataram mais gente do que as espadas dos israelitas" (Js 10:11).

Enquanto os amorreus fugiam em pânico, Josué olhou do alto e viu que o dia seria curto demais para cumprir sua missão. Se não fossem derrotados, os inimigos voltariam para lutar outra vez. "Josué exclamou ao Senhor, na presença de Israel: 'Sol, pare sobre Gibeom! E você, ó lua, sobre o vale de Aijalom!' O sol parou, e a lua se deteve, até a nação vingar-se dos seus inimigos. [...] O sol parou no meio do céu e por quase um dia inteiro não se pôs" (Js 10:12, 13).

Antes do anoitecer, a promessa de Deus a Josué se cumpriu. O inimigo foi entregue em suas mãos. Os eventos daquele dia permaneceram por muito tempo na memória de Israel. "Nunca antes nem depois houve um dia como aquele, quando o Senhor atendeu a um homem. Sem dúvida o Senhor lutava por Israel!" (Js 10:14). "O sol e a lua pararam em suas moradas, diante do reflexo de Tuas flechas voadoras, diante do lampejo de Tua lança reluzente. Com ira andaste a passos largos por toda a terra e com indignação pisoteaste as nações. Saíste para salvar o Teu povo" (Hc 3:11-13).

Josué recebeu a promessa de que Deus derrotaria esses inimigos de Israel; no

entanto, esforçou-se o máximo que pôde como se o sucesso dependesse unicamente dos exércitos de Israel. Ele fez tudo o que a força humana poderia fazer, e então suplicou com fé pelo auxílio divino. O segredo do sucesso é a união do poder divino com o esforço humano. O homem que ordenou: "Sol, pare sobre Gibeom! E você, ó lua, sobre o vale de Aijalom!" (Js 10:12) é o mesmo homem que se curvou em terra durante horas em oração em Gilgal. As pessoas de oração são pessoas de poder.

Esse poderoso milagre é uma prova de que a criação está sob o controle do Criador. Nesse milagre, todos os que exaltam a natureza acima do Deus da natureza são repreendidos.

Pela própria vontade, Deus convoca as forças da natureza para derrotar a força de Seus inimigos – "relâmpagos e granizo, neve e neblina, vendavais que cumprem o que Ele determina" (Sl 148:8). Sabemos de uma batalha maior que será travada nas cenas finais da história da Terra, quando "O Senhor abriu o Seu arsenal e trouxe para fora as armas da Sua ira" (Jr 50:25).

João, o revelador, descreve a destruição que ocorrerá quando "uma forte voz que vinha do trono", anunciar: "Está feito!" Ele diz: "Caíram sobre os homens, vindas do céu, enormes pedras de granizo, de cerca de trinta e cinco quilos cada" (Ap 16:17, 21).

---

* Este capítulo é baseado em Josué 9 e 10.

Enfim, no Lar*

A vitória em Bete-Horom foi seguida pela conquista do sul de Canaã. “Josué conquistou a região toda, incluindo a serra central, o Neguebe, a Sefelá e as vertentes. [...] Também subjugou todos esses reis e conquistou suas terras numa única campanha, pois o Senhor, o Deus de Israel, lutou por Israel” (Js 10:40, 42).

As tribos do norte da Palestina, aterrorizadas pelo sucesso dos exércitos de Israel, entraram agora em aliança contra eles. “Saíram com todas as suas tropas, um exército imenso” (Js 11:4). Esse exército era muito maior do que qualquer outro que os israelitas tinham encontrado em Canaã – “tão numeroso como a areia da praia, além de um grande número de cavalos e carros. Todos esses reis se uniram e acamparam junto às águas de Merom, para lutar contra Israel” (Js 11:4, 5).

Mais uma vez Josué recebeu uma mensagem de ânimo: “Não tenha medo deles, porque amanhã a esta hora os entregarei todos mortos a Israel” (Js 11:6).

Perto do lago Merom Josué atacou o acampamento dos reis aliados, “e o Senhor os entregou nas mãos de Israel, que os derrotou e os perseguiu [...] sem deixar sobrevivente algum” (Js 10:8). Ao comando de Deus, os carros de guerra foram queimados e os cavalos aleijados, fazendo com que ficassem inutilizados para a batalha. Os israelitas não deveriam confiar em carros de guerra ou cavalos, mas “no nome do Senhor seu Deus”.

As cidades foram tomadas uma por uma, e Hazor, a capital de todos os reinos da aliança, foi queimada. A guerra continuou por vários anos; mas, ao terminar, Josué dominava Canaã. “E a terra teve descanso da guerra” (Js 11:23).

O poder dos cananeus tinha sido quebrado, mas eles não tinham sido completamente expulsos. Josué, porém, deveria continuar a guerra. O território inteiro, tanto as partes já conquistadas como as que ainda tinham que ser dominadas, deveria ser repartido entre as tribos. Cada tribo tinha o dever de conquistar por completo a própria herança. Se o povo se mostrasse fiel a Deus, Ele expulsaria seus inimigos diante deles.

A localização de cada tribo era escolhida por sorteio. O próprio Moisés tinha determinado as fronteiras do território, conforme deveria ser dividido entre as tribos, e havia indicado um príncipe de cada tribo para auxiliar na distribuição. Os levitas receberam por herança quarenta e oito cidades em várias partes do país.

Calebe Pede o Lugar mais Difícil

Calebe e Josué foram os únicos dos doze espiões que tinham apresentado um bom relatório da Terra Prometida, animando o povo a se levantar e se apossar dela no nome do Senhor. Calebe agora lembra Josué da promessa feita naquela ocasião, como recompensa por sua fidelidade: "Certamente a terra em que você pisou será uma herança perpétua para você e para os seus descendentes, porquanto você foi inteiramente fiel ao Senhor, o meu Deus" (Js 14:9). Calebe, portanto, pediu que lhe fosse dado Hebrom. Ali tinha sido o lar de Abraão, Isaque e Jacó. Eles estavam enterrados na caverna de Macpela.

Hebrom era a sede dos temidos enaquins, cuja aparência impressionante havia aterrorizado os espiões e destruído a coragem de todo Israel. Esse era o lugar que Calebe, confiando na força de Deus, escolheu por herança.

"Pois bem, o Senhor manteve-me vivo, como prometeu", disse ele. "E foi há quarenta e cinco anos que ele disse isso a Moisés [...]. Por isso aqui estou hoje, com oitenta e cinco anos de idade! Ainda estou tão forte como no dia em que Moisés me enviou; tenho agora tanto vigor para ir à guerra como tinha naquela época. Dê-me, pois, a região montanhosa que naquela ocasião o Senhor me prometeu. Na época, você ficou sabendo que os enaquins lá viviam com suas cidades grandes e fortificadas; mas, se o Senhor estiver comigo, eu os expulsarei de lá, como Ele prometeu" (Js 14:10-12).

O pedido de Calebe foi imediatamente concedido. "Josué abençoou Calebe, filho de Jefoné, e lhe deu Hebrom por herança", "pois ele foi inteiramente fiel ao Senhor, o Deus de Israel" (Js 14:13, 14). Calebe creu na promessa de Deus de que Ele lhes daria a posse de Canaã. Havia suportado a longa peregrinação pelo deserto, participado dos desapontamentos e do trabalho dos culpados. Não reclamou, mas exaltou a

misericórdia de Deus em mantê-lo vivo no deserto quando seus irmãos foram mortos. Ele não pediu um território já conquistado, mas um lugar que, mais do que todos, os espiões tinham julgado ser impossível de conquistar. O corajoso e velho guerreiro queria dar ao povo um exemplo que honraria a Deus e animaria as tribos a conquistarem o território que a geração anterior tinha considerado inconquistável.

Confiando que Deus estaria com ele, Calebe "expulsou de Hebrom os três [...] descendentes de Enaque" (Js 15:14). Em seguida, tendo conquistado a terra para si e para a sua casa, não se estabeleceu a fim de aproveitar sua herança, mas continuou a buscar novas conquistas para o benefício da nação e para a glória de Deus.

Os covardes e rebeldes haviam morrido no deserto, mas os espiões justos comeram das uvas de Escol. [Escol foi o lugar em que, quarenta anos antes, os espiões tinham cortado o cacho de uvas que precisou ser carregado em uma vara por dois homens. Ver Números 13:23.] Os descrentes tinham visto seus temores se concretizarem. Haviam declarado ser impossível herdar Canaã, e de fato não a herdaram. Aqueles que confiaram na força do Poderoso Auxiliador entraram na boa terra. Pela fé os antigos heróis "conquistaram reinos, [...] escaparam do fio da espada; da fraqueza tiraram força, tornaram-se poderosos na batalha e puseram em fuga exércitos estrangeiros." "Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (Hb 11:33, 34; 1Jo 5:4).

Outro pedido revelou um espírito totalmente diferente de Calebe. Os filhos de José, da tribo de Efraim e a metade da tribo de Manassés, exigiram uma porção dupla de terra. A porção que receberam era a mais rica do território, incluindo a planície fértil de Sarom. Entretanto, muitas das principais cidades do vale ainda estavam sob o domínio dos cananeus, e as tribos não queriam enfrentar a tarefa e o perigo de conquistar sua herança. Desejavam uma porção adicional de território já conquistado. A tribo de Efraim era uma das maiores de Israel, bem como a que o próprio Josué pertencia. "Por que nos deste apenas um quinhão, uma só porção de herança?", disseram. "Somos um povo numeroso" (Js 17:14).

A resposta do inflexível líder foi: "Se vocês são tão numerosos, e se os montes de Efraim têm pouco espaço para vocês, subam, entrem na floresta e limpem o terreno para vocês na terra dos ferezeus e dos refains" (Js 17:15).

A resposta revelou o real motivo da reclamação. Faltava-lhes fé e coragem para expulsar os cananeus. "Os montes não são suficientes para nós; além disso todos os cananeus que vivem na planície possuem carros de ferro" (Js 17:16).

Se os efraimitas tivessem a coragem e fé de Calebe, inimigo algum permaneceria em seu caminho. Com firmeza, Josué confrontou o desejo que tinham de evitar a dificuldade e o perigo: "Vocês são numerosos e poderosos", disse. "Embora os cananeus possuam carros de ferro e sejam fortes, vocês poderão expulsá-los" (Js 17:17, 18). Com a ajuda de Deus, eles não precisavam ter medo dos carros de ferro.

Agora o tabernáculo deveria ser removido de Gilgal para sua localização permanente, em Siló, uma pequena cidade no território de Efraim, perto do centro do país e de fácil acesso para todas as tribos. Ali, parte do território tinha sido dominada, de forma que os adoradores não seriam atacados. "Toda a comunidade dos israelitas reuniu-se em Siló e ali armou a Tenda do Encontro" (Js 18:1).

A arca permaneceu em Siló por trezentos anos até que, por causa dos pecados da casa de Eli, ela foi capturada pelos filisteus.

Siló se Torna uma Advertência

O serviço do santuário foi transferido para o templo em Jerusalém, e Siló foi arruinada. Muito tempo depois, Deus usou o destino de Siló como uma advertência a Jerusalém. "Portanto, vão agora a Siló", declarou o Senhor a Jeremias, "o Meu lugar de adoração, onde primeiro fiz uma habitação em honra ao Meu nome, e vejam o que Eu lhe fiz por causa da impiedade de Israel, o Meu povo. [...] Eu farei a este templo que leva o Meu nome, no qual vocês confiam, o lugar de adoração que dei a vocês e aos seus antepassados, o mesmo que fiz a Siló" (Jr 7:12, 14).

"Quando terminaram de dividir a terra" (Js 19:49), Josué apresentou seu pedido. Ele não pediu um grande território, mas uma simples cidade, Timnate-Sera, "a porção que resta". O conquistador, em vez de ser o primeiro a escolher os despojos conquistados, esperou até que os mais humildes dentre o povo tivessem sido servidos para então apresentar seu pedido.

Cidades de Refúgio

Das cidades destinadas aos levitas, seis foram escolhidas como cidades de refúgio, "para onde poderá fugir quem tiver matado alguém sem intenção. Elas serão locais de refúgio [...], a fim de que alguém acusado de assassinato não morra antes de apresentar-se para julgamento perante a comunidade" (Nm 35:11, 12). Foi necessário tomar essa misericordiosa providência porque a responsabilidade de punir o assassino recaía sobre o parente mais próximo ou sobre o herdeiro imediato da vítima. Nos casos em que se provava a culpa, não era preciso esperar pelo julgamento dos juízes. O vingador poderia

perseguir o criminoso e matá-lo onde quer que fosse encontrado. O Senhor não aboliu esse costume, mas tomou providências para garantir a segurança daqueles que tirassem a vida por acidente.

As cidades de refúgio poderiam ser alcançadas dentro de meio dia de viagem a partir de qualquer ponto do território. As estradas que levavam até elas eram mantidas sempre em bom estado. Havia placas com a palavra *Refúgio* em letras nítidas e legíveis, para que o fugitivo não se demorasse nem por um momento. O assassino deveria receber um julgamento justo pelas devidas autoridades e receber a proteção da cidade de refúgio somente se fosse inocente de assassinato intencional. O culpado era entregue ao vingador. Após a morte do sumo sacerdote, porém, todos os que estivessem refugiados nas cidades estavam livres para voltar para casa.

No julgamento por assassinato, o acusado não deveria ser condenado pelo depoimento de apenas uma testemunha, mesmo que a evidência da culpa fosse forte. "Quem matar uma pessoa terá que ser executado como assassino mediante depoimento de testemunhas. Mas ninguém será executado mediante o depoimento de apenas uma testemunha" (Nm 35:30). Foi Cristo quem deu por intermédio de Moisés essas instruções a Israel e, quando esteve pessoalmente na Terra como Grande Mestre, Ele repetiu a lição de que o depoimento de uma só pessoa não deve livrar ou condenar. A opinião de uma única pessoa não deve resolver questões em debate. "Qualquer acusação seja confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas" (Mt 18:16).

Nenhuma expiação ou resgate poderia livrar uma pessoa que se provou ser culpada. "Não aceitem resgate pela vida de um assassino; ele merece morrer. Certamente terá que ser executado." "Não profanem a terra onde vocês estão. O derramamento de sangue profana a terra, e só se pode fazer propiciação em favor da terra em que se derramou sangue, mediante o sangue do assassino que o derramou" (Nm 35:31, 33). A segurança e pureza da nação exigiam que o pecado de assassinato fosse punido com rigor.

As cidades de refúgio eram um símbolo do refúgio provido por Cristo. Ao derramar o próprio sangue, o Salvador providenciou um retiro seguro para os transgressores da lei de Deus. Eles podem fugir para lá em busca de segurança contra a segunda morte. Poder algum pode tirar das Suas mãos os que nEle buscam perdão.

A pessoa que fugia para a cidade de refúgio não poderia se demorar. Não havia tempo para dizer adeus aos queridos. O cansaço era esquecido, ignoravam-se as dificuldades. O fugitivo não ousava diminuir o passo até que estivesse seguro dentro

dos limites da cidade.

A perda de tempo e o descuido poderiam roubar dos fugitivos a sua única chance de vida. Assim, a demora e a indiferença podem resultar na destruição da vida. Satanás, o grande adversário, persegue cada transgressor da santa lei de Deus, e todos os que não buscarem abrigo no refúgio eterno serão presa do destruidor.

O prisioneiro que em qualquer ocasião saísse da cidade de refúgio se tornava alvo fácil do vingador do sangue. Assim, hoje, não basta que os pecadores *creiam* em Cristo para obter o perdão do pecado; pela fé e obediência, eles devem *permanecer* nEle.

Uma Guerra Civil Evitada

Duas tribos, Gade e Rúben, assim como a metade da tribo de Manassés, haviam recebido sua herança antes de cruzar o Jordão. As vastas planícies e ricas florestas de Gileade e Basã tinham atrativos que não se encontravam na própria Canaã. As duas tribos e meia, com o desejo de se estabelecer ali, comprometeram-se em enviar a sua cota de homens armados para acompanhar seus irmãos além do Jordão e participar das batalhas até que eles também tivessem recebido sua herança. Quando as dez tribos entraram em Canaã, quarenta mil dos "homens das tribos de Rúben, de Gade e da metade da tribo de Manassés [...] preparados para a guerra passaram perante o Senhor, rumo à planície de Jericó" (Js 4:12, 13). Eles lutaram corajosamente durante anos ao lado de seus irmãos. Por se unirem a eles nos conflitos, também partilharam dos despojos. Voltaram "para casa com as riquezas que juntaram: grandes rebanhos, prata, ouro, bronze e ferro, e muitas roupas" (Js 22:8). Tudo isso deveria ser dividido com os que haviam permanecido com as famílias e os rebanhos.

Com o coração apreensivo, Josué observou parte do povo israelita partir, sabendo quão fortes seriam as tentações em sua vida isolada e peregrina para cair nos costumes das tribos pagãs que viviam nas fronteiras de seu território.

Enquanto Josué e outros líderes ainda estavam inquietos com pressentimentos preocupantes, notícias estranhas chegaram até eles. Ao lado do Jordão, as duas tribos e meia tinha construído um grande altar semelhante ao altar de sacrifício em Siló. Sob pena de morte, a lei de Deus proibia o estabelecimento de qualquer outro ponto de adoração além do santuário, pois isso desviaria o povo da fé verdadeira.

Foi decidido que deveriam ser enviados representantes para obter das duas tribos e meia uma explicação de sua atitude. Foram escolhidos dez príncipes, um de cada tribo. O líder era Fineias, que se distinguiu por seu zelo nos acontecimentos em Peor.

Certos de que seus irmãos eram culpados, os representantes se dirigiram a eles com ásperas repreensões. Fazendo com que se lembrassem de como os juízos tinham caído sobre Israel por terem se unido a Baal-Peor. Fineias declarou aos filhos de Gade e Rúben que se não estivessem dispostos a viver naquela terra sem um altar de sacrifício, eles seriam bem-vindos em participar das posses e privilégios das tribos do outro lado do rio.

Em resposta, os acusados explicaram que não tinham intenção de oferecer sacrifícios naquele altar, mas mantê-lo como uma testemunha de que, apesar de separados pelo rio, eles pertenciam à mesma fé de seus parentes em Canaã. Temeram que nos anos futuros seus filhos pudessem ser excluídos, como que não fazendo parte de Israel. Aquele altar, construído à semelhança do altar do Senhor em Siló, serviria de testemunha de que seus construtores também eram adoradores do Deus vivo.

Com grande felicidade os representantes aceitaram a explicação, e o povo se uniu em alegria e louvor a Deus.

As tribos de Gabe e de Rúben colocaram uma inscrição no altar explicando o propósito de ter sido construído. Disseram: "Um Testemunho Entre Nós de que o Senhor é Deus" (Js 22:34). Dessa forma, eles tentaram evitar futuros desentendimentos e remover uma possível fonte de tentação.

Como Evitar Conflitos Desnecessários

Muitas vezes, surgem sérias dificuldades de um simples desentendimento, e sem a prática da cortesia e paciência, podem ocorrer sérios resultados. As dez tribos decidiram agir pronta e rigidamente; mas em vez de perguntar com educação a respeito dos fatos relacionados ao caso, foram aos irmãos com reprovação e condenação. Se o povo de Gade e Rúben tivessem retrucado no mesmo espírito, uma guerra poderia ter sido o resultado. Ao mesmo tempo em que é importante tratar o pecado com firmeza, é igualmente importante evitar o julgamento ríspido e a suspeita infundada.

A censura e a repreensão nunca recuperaram alguém que estivesse em uma posição de erro, mas muitos são dessa forma afastados do caminho direito e levados a endurecer o coração contra a convicção da verdade. Uma abordagem mansa e cortês pode salvar os que erram.

Embora buscassem promover com sinceridade a causa da verdadeira religião, os rubenitas foram julgados falsamente e repreendidos com severidade. Mesmo assim, eles ouviram com cortesia e paciência as acusações antes de procurarem se defender e,

então, explicaram detalhadamente suas motivações e provaram sua inocência.

Mesmo sob falsa acusação, os que estão com a razão podem se manter calmos e sensatos. Deus sabe a verdade a respeito de todas as coisas que as pessoas compreendem ou interpretam mal, e podemos com segurança deixar nosso caso em Suas mãos. Ele defenderá a causa daqueles que confiarem nEle.

Um pouco antes de Sua crucifixão, Cristo orou para que Seus discípulos fossem um assim como Ele é um com o Pai, para que o mundo pudesse crer que Deus O havia enviado. Essa oração comovente atravessa os séculos, mesmo até os nossos dias. Embora não devamos sacrificar um princípio sequer da verdade, deve ser nosso constante objetivo alcançar esse estado de unidade. Jesus disse: "Com isso todos saberão que vocês são Meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros" (Jo 13:35).

---

* Este capítulo é baseado em Josué 10:40-43; 11; 14 a 22.

Últimas Palavras de Josué*

Quando as guerras e conquistas terminaram, Josué foi para o retiro tranquilo de seu lar em Timnate-Sera. “Passado muito tempo, depois que o Senhor concedeu a Israel descanso de todos os inimigos ao redor, Josué [...] convocou todo o Israel, com as autoridades, os líderes, os juízes e os oficiais” (Js 23:1, 2).

Sentindo os efeitos da velhice e percebendo que seu trabalho em breve terminaria, Josué ficou muito preocupado com o futuro de seu povo. “Vocês mesmos viram”, disse ele, “tudo o que o Senhor, o seu Deus, fez com todas essas nações por amor a vocês; foi o Senhor, o seu Deus, que lutou por vocês” (Js 23:3). Apesar de os cananeus terem sido dominados, eles ainda tinham uma boa parte da terra prometida a Israel, e Josué insistiu para que o povo não se esquecesse da ordem do Senhor de expulsar aquelas nações idólatras.

Todas as tribos já tinham ido embora para os seus lares, o exército tinha se dispersado, e recomeçar a guerra parecia uma tarefa difícil e duvidosa. Josué, no entanto, declarou: “O Senhor, o seu Deus, as expulsará da presença de vocês. Ele as empurrará de diante de vocês, e vocês se apossarão da terra delas, como o Senhor lhes prometeu. Façam todo o esforço para obedecer e cumprir tudo o que está escrito no Livro da Lei de Moisés, sem se desviar, nem para a direita nem para a esquerda” (Js 23:5, 6).

Deus tinha fielmente cumprido a promessa feita a eles. “Vocês sabem, lá no fundo do coração e da alma”, disse ele, “que nenhuma das boas promessas que o Senhor, o seu Deus, lhes fez deixou de cumprir-se. Todas se cumpriram; nenhuma delas falhou” (Js 23:14).

Assim como Deus havia cumprido Suas promessas, Ele também cumpriria as Suas ameaças. “Mas, assim como cada uma das boas promessas do Senhor, o seu Deus, se cumpriu, também o Senhor fará cumprir-se em vocês todo o mal com que os ameaçou [...]. Se violarem a aliança [com] o Senhor [...], a ira do Senhor se acenderá contra vocês, e vocês logo desaparecerão da boa terra que Ele lhes deu” (Js 23:15, 16).

Em toda a maneira de Deus tratar as Suas criaturas, Ele tem mantido os princípios da justiça, revelando o pecado em seu verdadeiro caráter – demonstrando que seu resultado certo é a miséria e a morte. Nunca houve nem nunca haverá perdão incondicional do pecado. Tal perdão encheria de espanto o Universo dos seres não caídos. Deus fielmente apontou os resultados do pecado, e se essas advertências não fossem verdadeiras, como poderíamos ter certeza de que Suas promessas se cumpririam?

Antes da morte de Josué, os líderes e os representantes das tribos se reuniram mais uma vez em Siquém. Nenhum outro lugar, em todo o território conquistado, possuía tantas recordações sagradas. Ali estavam os montes Ebal e Gerizim, as testemunhas silenciosas dos votos que agora se reuniam para renovar na presença do líder prestes a morrer. Deus tinha dado a eles uma terra pela qual não trabalharam, cidades que não construíram e vinhedos e olivais que não plantaram. Josué recordou a história de Israel uma vez mais, relembrando as obras maravilhosas de Deus para que todos tivessem a oportunidade de sentir Seu amor e misericórdia e pudessem servi-Lhe “com integridade e fidelidade” (Js 24:14).

Por ordem de Josué, a arca tinha sido trazida de Siló. Esse símbolo da presença de Deus aprofundaria a impressão que ele desejava produzir no povo. Depois de apresentar a bondade de Deus para com Israel, ele os convidou a escolher a quem serviriam. Até certo ponto, eles ainda adoravam ídolos às escondidas, e Josué tentou naquele momento levá-los à decisão de banir esse pecado de Israel. “Se, porém, não lhes agrada servir ao Senhor”, disse ele, “escolham hoje a quem irão servir” (Js 24:15). Josué não queria constrangê-los a servir a Deus, mas desejava que tomassem essa decisão por livre vontade. Servir ao Senhor apenas pela esperança de recompensa ou por medo da punição era algo inaceitável. A hipocrisia e o mero culto formal seriam mais ofensivos a Deus do que a apostasia declarada.

A Importância da Escolha Certa

O idoso líder insistiu para que o povo considerasse o que ele tinha lhes apresentado. Se lhes parecia mal servir ao Senhor, a fonte do poder e de bênçãos, que

escolhessem naquele dia a quem iriam servir – "aos deuses que os seus antepassados serviram", do meio de quem Abraão foi chamado a sair, "ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra vocês estão vivendo" (Js 24:15).

Essas últimas palavras representaram uma forte repreensão a Israel. Os deuses dos amorreus não tinham sido capazes de proteger seus adoradores. Por causa de seus pecados degradantes, aquela nação ímpia havia sido destruída, e a boa terra que uma vez possuíram tinha sido entregue ao povo de Deus. Que tolice para Israel escolher os deuses que os amorreus serviram e que foi a razão de serem destruídos!

"Mas, eu e a minha família", declarou Josué, "serviremos ao Senhor" (Js 24:15). O povo sentiu o mesmo zelo santo que inspirou o coração do líder, e responderam sem hesitar: "Longe de nós abandonar o Senhor para servir outros deuses!" (Js 24:16).

No entanto, antes que pudessem fazer qualquer reforma duradoura, deveriam sentir sua completa incapacidade de obedecer por si mesmos a Deus. Enquanto confiassem na justiça própria, seria impossível conseguir o perdão; não poderiam atender às exigências da lei perfeita de Deus, e em vão se comprometiam a servir-Lhe. Somente pela fé em Cristo poderiam garantir o perdão do pecado e receber força para obedecer à lei de Deus. Deveriam confiar totalmente nos méritos do prometido Salvador.

Com profunda seriedade repetiram o juramento de lealdade: "Serviremos ao Senhor, o nosso Deus, e Lhe obedeceremos" (Js 24:24).

"Naquele dia Josué fez um acordo com o povo em Siquém, e lhe deu decretos e leis. [...] Depois Josué despediu o povo, e cada um foi para a sua propriedade" (Js 24:25, 28).

Sua missão estava cumprida. Ele "foi inteiramente fiel ao Senhor". O mais nobre testemunho em favor de seu caráter como líder é a história da geração que viveu sob a influência de seu trabalho: "Israel serviu ao Senhor durante toda a vida de Josué e dos líderes que lhe sobreviveram e que sabiam de tudo o que o Senhor fizera em favor de Israel"(Js 24:31).

---

* Este capítulo é baseado em Josué 23 e 24.

A Bênção dos Dízimos e Ofertas

No sistema hebreu, um décimo de todos os ganhos do povo era separado para financiar o culto público a Deus. "Todos os dízimos [...] pertencem ao Senhor; são consagrados ao Senhor" (Lv 27:30).

O sistema dos dízimos não surgiu com os hebreus. Desde os tempos mais antigos o Senhor declarava que o dízimo era dEle. Abraão devolveu dízimos a Melquisedeque, sacerdote de Deus (Gn 14:20). Jacó prometeu ao Senhor: "De tudo o que me deres certamente Te darei o dízimo" (Gn 28:22). Deus é a fonte de toda bênção recebida por Suas criaturas, e a Ele devemos a nossa gratidão.

O Senhor declara: "Tanto a prata quanto o ouro Me pertencem" (Ag 2:8). Deus é quem nos dá força para adquirir riquezas. Em reconhecimento de que todas as coisas provêm dEle, o Senhor determinou que Lhe devolvêssemos uma parte de Seus abundantes dons.

"Todos os dízimos [...] pertencem ao Senhor." A forma de expressão aqui usada é a mesma encontrada na lei do sábado. "O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus" (Êx 20:10). Deus reservou uma porção especial de nosso tempo e de nossos recursos, e não podemos, sem culpa, usar tanto um quanto outro para servir aos nossos interesses.

O dízimo era dedicado exclusivamente aos levitas, que foram separados para o serviço do santuário. No entanto, o dízimo não deveria de forma alguma ser o limite das contribuições para fins religiosos. O tabernáculo, assim como o templo mais tarde, foi todo construído com ofertas voluntárias; e a fim de financiar as manutenções necessárias e outras despesas, Moisés determinou que periodicamente cada pessoa contribuísse com meio siclo para "o serviço da Tenda do Encontro" (ver Êx 30:12-16). De tempos em tempos, o povo trazia ofertas pelo pecado e ofertas de gratidão a Deus.

Além disso, provisões generosas eram feitas para os pobres.

Era sempre lembrado ao povo que Deus era o verdadeiro proprietário de seus campos, rebanhos e gado. Que Ele lhes enviava a luz do sol e a chuva para o plantio e a colheita, e que Ele os havia feito mordomos de Seus bens.

Quando os israelitas se reuniam no tabernáculo, carregados com os primeiros frutos do campo, do pomar e do vinhedo, eles reconheciam publicamente a bondade de Deus. Quando o sacerdote aceitava as doações, o ofertante dizia: "O meu pai era um arameu errante", e descrevia a permanência no Egito e a aflição de que Deus libertou Israel. "Ele nos trouxe a este lugar e nos deu esta terra, terra onde manam leite e mel. E agora trago os primeiros frutos do solo que Tu, ó Senhor, me deste" (Dt 26:5, 9, 10).

O Segredo da Prosperidade

Diz Salomão, o sábio: "Há quem dê generosamente, e vê aumentar suas riquezas; outros retêm o que deveriam dar, e caem na pobreza" (Pv 11:24). O apóstolo Paulo ensina a mesma lição no Novo Testamento: "Aquele que semeia pouco, também colherá pouco, e aquele que semeia com fartura, também colherá fartamente. [...] Deus é poderoso para fazer que lhes seja acrescentada toda a graça, para que em todas as coisas, em todo o tempo, tendo tudo o que é necessário, vocês transbordem em toda boa obra" (2Co 9:6-8).

A intenção de Deus era que Israel fosse portador de luz para toda a Terra. O Senhor determinou que a propagação da luz e da verdade na Terra dependeria do testemunho e das ofertas daqueles que têm recebido o dom celestial. Ele poderia ter feito dos anjos os representantes de Sua verdade, mas em Seu amor e sabedoria, Ele chamou homens e mulheres para se tornarem Seus colaboradores, escolhendo-os para fazer essa obra.

Nos dias de Israel, os dízimos e as ofertas voluntárias eram necessários para manter o serviço divino. Deveria o povo de Deus dar menos hoje? Cristo estabeleceu o princípio de que nossas ofertas a Deus devem ser proporcionais à luz e aos privilégios que temos recebido. "A quem muito foi dado, muito será exigido" (Lc 12:48). "Vocês receberam de graça; deem também de graça" (Mt 10:8). Diante do sacrifício sem igual do glorioso Filho de Deus, não deveríamos expressar nossa gratidão por meio de ofertas mais generosas?

Quando a obra do evangelho se expande, é exigido maior apoio financeiro a fim de sustentá-la, assim como aconteceu no passado. Isso aumenta ainda mais a importância da lei dos dízimos e das ofertas em nossos dias. Se o povo de Deus sustentasse a Sua

causa de forma mais liberal por meio das ofertas voluntárias, Ele seria honrado e muito mais pessoas seriam alcançadas para Cristo.

O plano de Moisés para arrecadar recursos para a construção do tabernáculo foi muito bem-sucedido. Ele não fez uma grande festa. Não convidou o povo para cenas de alegria, dança e diversão. Tampouco fez sorteios ou rifas. O Senhor instruiu Moisés a aceitar as ofertas de todos os que doassem não só de vontade própria, mas com gratidão. As ofertas vieram em tão grande quantidade que Moisés pediu que o povo parasse de trazer doações, pois eles tinham dado mais do que poderia ser usado.

Deus nos fez Seus administradores. O Senhor diz: "Honrarei aqueles que Me honram" (1Sm 2:30). "Deus ama quem dá com alegria" (2Co 9:7), e quando Seu povo Lhe trouxer dons e ofertas com o coração agradecido, e "não com pesar ou por obrigação", Sua bênção o acompanhará, assim como Ele prometeu.

O Cuidado de Deus Pelos Pobres

Para ajudar o povo a se reunir para o serviço religioso com mais facilidade, como também para arrecadar recursos para socorrer os pobres, Deus exigiu um segundo dízimo de todo o lucro. A respeito do primeiro dízimo, o Senhor declarou: "Dou aos levitas todos os dízimos em Israel" (Nm 18:21). O segundo dízimo, por um período de dois anos deveria ser levado ao local em que o santuário estava localizado. Depois de apresentarem uma oferta de gratidão a Deus e separar uma porção para o sacerdote, os ofertantes deveriam usar o que restava para oferecer uma festa religiosa em que o levita, o estrangeiro, o órfão e a viúva pudessem participar.

A cada terceiro ano, o segundo dízimo deveria ser usado em casa, hospedando levitas e os pobres. Esse dízimo proporcionaria recursos para a prática da caridade e da hospitalidade.

Outra providência foi tomada em favor dos pobres. Depois do reconhecimento dos direitos de Deus, não existe nada que mais caracterize as leis dadas por Moisés do que um espírito liberal, amoroso e hospitaleiro demonstrado para com o pobre. Embora Deus tenha prometido abençoar Seu povo, Ele declarou que sempre haveria pobres na Terra. Naquele tempo, assim como hoje, as pessoas poderiam enfrentar problemas, enfermidades e perda de propriedades; porém, enquanto o povo de Israel seguiu as instruções de Deus, não houve mendigos entre eles nem qualquer pessoa sofrendo por falta de comida.

A lei de Deus dava ao pobre o direito a uma certa parte dos frutos da terra. Uma pessoa que estivesse passando fome tinha a liberdade de entrar no campo, no pomar ou na vinha do vizinho para conseguir alimento.

Todos os frutos que ficavam no campo, pomar ou vinha após a colheita pertenciam

aos pobres. “Quando vocês estiverem fazendo a colheita de sua lavoura”, disse Moisés, “e deixarem um feixe de trigo para trás, não voltem para apanhá-lo. [...] Quando sacudirem as azeitonas das suas oliveiras, não voltem para colher o que ficar nos ramos. [...] E quando colherem as uvas da sua vinha, não passem de novo por ela. Deixem o que sobrar para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva. Lembrem-se de que vocês foram escravos no Egito; por isso lhes ordeno que façam tudo isso” (Dt 24:19-22; ver também Lv 19:9, 10).

A Misericórdia de Deus Pelos Pobres

Cada sétimo ano uma provisão especial era feita em favor do pobre. Na época do plantio, que ocorria após a colheita; o povo não deveria semear. Não deveria podar a vinha na primavera e não deveria colher nada, quer do campo ou da vinha. A produção desse ano deveria ficar à disposição do estrangeiro, do órfão e da viúva, e mesmo dos animais do campo (Êx 23:10, 11; Lv 25:5).

Se por acaso no sexto ano a terra produzisse apenas o suficiente para suprir as necessidades do povo, como fariam para sobreviver durante o ano em que não faziam a colheita? A promessa de Deus oferecia uma grande provisão: “Saibam que Eu lhes enviarei a Minha bênção no sexto ano”, disse o Senhor, “e a terra produzirá o suficiente para três anos. Quando vocês estiverem plantando no oitavo ano, comerão ainda da colheita anterior e dela continuarão a comer até a colheita do nono ano” (Lv 25:21, 22).

O ano sabático deveria ser uma bênção tanto para a terra quanto para o povo. O solo, ficando em descanso por uma estação, produziria muito mais depois. O povo estava livre do trabalho pesado do campo. Todos desfrutavam mais lazer, oportunidade de restaurar a condição física, mais tempo para a meditação e o estudo dos ensinos do Senhor e para a instrução de sua família.

No ano sabático, os escravos hebreus deveriam ser libertados. “E, quando o fizer, não o mande embora de mãos vazias. Dê-lhe com generosidade dos animais do seu rebanho e do produto da sua eira e do seu tanque de prensar uvas. Dê-lhe conforme a bênção que o Senhor, o seu Deus, lhe tem dado” (Dt 15:13, 14).

O salário do trabalhador deveria ser pago prontamente: “Paguem-lhe o seu salário diariamente, antes do pôr do sol, pois ele é necessitado e depende disso” (Dt 24:15).

Instruções especiais também foram dadas sobre como tratar escravos fugitivos: “Se um escravo refugiar-se entre vocês, não o entreguem nas mãos do seu senhor. Deixem-no viver no meio de vocês [...] e em qualquer cidade que ele escolher. Não o oprimam”

(Dt 23:15, 16).

Para os pobres, o sétimo ano era um ano de cancelamento de dívidas. Os hebreus deveriam emprestar dinheiro sem juros aos irmãos necessitados. Era proibido tirar proveito dos pobres: “Se alguém do seu povo empobrecer e não puder sustentar-se, ajudem-no como se faz ao estrangeiro e ao residente temporário, para que possa continuar a viver entre vocês. Não cobrem dele juro algum, mas temam o seu Deus, para que o seu próximo continue a viver entre vocês. Vocês não poderão exigir dele juros nem emprestar-lhe mantimento visando lucro” (Lv 25:35-37). Se a dívida não fosse quitada até o ano do cancelamento, o dinheiro emprestado não poderia ser mais recuperado. “Se houver algum israelita pobre, [...] não endureçam o coração, nem fechem a mão para com o seu irmão pobre. [...] Cuidado! Que nenhum de vocês alimente este pensamento ímpio: ‘O sétimo ano, o ano do cancelamento das dívidas, está se aproximando, e não quero ajudar o meu irmão pobre’. Ele poderá apelar para o Senhor contra você, e você será culpado desse pecado.” “Sempre haverá pobres na Terra. Portanto, Eu lhe ordeno que abra o coração para o seu irmão israelita, tanto para o pobre como para o necessitado de sua terra”, “e emprestem-lhe liberalmente o que ele precisar” (Dt 15:7, 9, 11 e 8).

Ninguém precisa ficar com medo de que sua generosidade o levará à pobreza. “Vocês emprestarão a muitas nações”, disse Deus, “mas de nenhuma tomarão emprestado. Vocês dominarão muitas nações, mas por nenhuma serão dominados” (Dt 15:6).

Evitando Extremos de Riqueza ou Pobreza

Depois de “sete vezes sete anos” vinha o grande ano de libertação – o jubileu. “Então façam soar a trombeta [...] por toda a terra de vocês. Consagrem o quinquagésimo ano e proclamem libertação por toda a terra a todos os seus moradores. Este lhes será um ano de jubileu, quando cada um de vocês voltará para a propriedade da sua família e para o seu próprio clã” (Lv 25:9, 10).

“No décimo dia do sétimo mês; no Dia da Expiação” (Lv 25:9), soava a trombeta do jubileu, convidando todos os filhos de Jacó a darem as boas-vindas ao ano de libertação.

Como no ano sabático, a terra não deveria ser semeada ou ceifada, e tudo o que fosse produzido era considerado propriedade de direito dos pobres. Os escravos hebreus que não tivessem recebido a liberdade no ano sabático, nesse ano deveriam ser libertados.

O que distinguia em especial o ano do jubileu era o retorno de toda a propriedade de terra à família do proprietário original. Ninguém tinha a liberdade de negociar sua terra. Tampouco deveria vendê-la, a menos que a pobreza o forçasse a fazer isso. Quando a pessoa ou qualquer um de seus parentes desejasse resgatar a propriedade, o comprador não poderia se recusar a vendê-la de volta. Se não fosse resgatada, a propriedade voltava ao proprietário original ou aos herdeiros no ano do jubileu.

O Senhor declarou a Israel: "A terra não poderá ser vendida definitivamente, porque ela é Minha, e vocês são apenas estrangeiros e imigrantes" (Lv 25:23). Deus era o dono legítimo, o proprietário original. A mente de todos deveria ser impressionada com o fato de que os pobres têm o mesmo direito dos ricos a um lugar no mundo de Deus.

Nosso misericordioso Criador tomou providências como essas para amenizar o sofrimento, para trazer algum raio de esperança, fazer brilhar alguma centelha de luz na vida dos desafortunados e necessitados.

Grandes males resultariam do acúmulo contínuo de riquezas por parte de uma classe e de pobreza por outra. O senso de desigualdade despertaria as paixões da classe mais pobre. Haveria um sentimento de aflição e desespero que tenderia a desmoralizar a sociedade e abrir a porta aos crimes de toda espécie. As regras que Deus estabeleceu tinham como objetivo promover a igualdade social. O ano sabático e o jubileu corrigiriam em grande parte as coisas que tinham dado errado na ordem social e política da nação.

Essas regras, feitas para abençoar os ricos da mesma forma que os pobres, serviam para limitar a ganância e cultivar um espírito nobre de bondade. Incentivando a boa vontade entre todas as classes, elas promoviam a estabilidade do governo.

Todos nós estamos ligados um ao outro na grande teia da humanidade. Aquilo que pudermos fazer para o bem de outros refletirá em bênçãos a nós mesmos. A lei da dependência mútua atinge todas as classes da sociedade. Os pobres não dependem mais dos ricos do que os ricos dos pobres. Enquanto uma classe pede para participar das bênçãos que Deus concedeu aos vizinhos mais ricos, a outra classe precisa do serviço fiel, da força do cérebro, ossos e músculos, que são os recursos dos pobres.

O Plano de Deus para Resolver Problemas Sociais

Muitas pessoas defendem com grande entusiasmo que todos nós deveríamos repartir de igual maneira as bênçãos materiais recebidas. Contudo, essa nunca foi a

intenção do Criador. As diferentes condições de vida são um dos meios usados por Deus para desenvolver o caráter. Ele quer que todos os que têm bens materiais se considerem administradores de Seus recursos, que Ele lhes confiou para abençoar os necessitados.

Cristo disse que sempre haverá pessoas pobres entre nós. O coração do Redentor se compadece de Seus filhos terrestres mais humildes. Ele nos diz que eles são Seus representantes na Terra, colocados entre nós para despertar em nosso coração o amor que Ele sente pelos sofredores e oprimidos. Ele considera todo ato de crueldade ou negligência praticado contra eles como sendo praticado contra Ele mesmo.

Se a lei que Deus fez para abençoar os pobres tivesse continuado a ser seguida, quão diferente seria a condição moral, espiritual e econômica do mundo hoje! A grande pobreza que agora vemos espalhada por todo lugar não existiria.

Os princípios que Deus estabeleceu evitariam os terríveis males que resultam da opressão dos pobres pelos ricos e da suspeita e do ódio dos ricos pelos pobres. Ao mesmo tempo em que esses princípios impediriam que uma pessoa ajuntasse riquezas, eles também impediriam a ignorância e a pobreza de milhares de pessoas, cujo trabalho mal pago é o meio usado para acumular grandes fortunas. Esses princípios solucionariam de forma pacífica os problemas que hoje ameaçam o mundo com atitudes ilegais e com derramamento de sangue.

As Festas Anuais*

O povo de Israel estava rodeado de tribos violentas e guerreiras, ansiosas para se apoderar de suas terras. No entanto, três vezes ao ano, todas as pessoas que tivessem condições de viajar deveriam deixar suas casas e ir ao lugar onde era realizada a assembleia, próximo ao centro do país. O que poderia impedir que essas casas desprotegidas fossem atacadas pelos inimigos e destruídas pelo fogo e pela espada? O que evitaria uma invasão que poderia levar Israel ao cativeiro?

Deus prometeu ser o protetor de Seu povo. "Expulsarei nações de diante de você e ampliarei o seu território. Quando você subir três vezes por ano para apresentar-se ao Senhor, o seu Deus, ninguém cobiçará a sua terra" (Êx 34:24).

A primeira festa, a Páscoa, era comemorada no mês de Abibe, o primeiro mês do ano judaico, que corresponde ao fim do mês de março e início de abril. O frio do inverno tinha passado, a temporada de chuva acabado e toda a natureza se alegrava com o frescor e a beleza da primavera. O pasto verde cobria as colinas e os vales, e as flores silvestres enfeitavam os campos. A lua, já quase cheia, tornava as noites bastante agradáveis.

Por toda a terra, grupos de viajantes seguiam rumo a Jerusalém. Pastores, criadores de gado, pescadores do Mar da Galileia, fazendeiros e filhos dos profetas das escolas sagradas – todos se dirigiam para o lugar onde a presença de Deus era revelada. Muitos iam a pé. As caravanas se tornavam muito grandes até chegarem à cidade santa.

A alegria da natureza despertava o louvor no coração de Israel. O povo cantava lindos salmos hebraicos que exaltavam a glória e a majestade de Jeová. Ao som da trombeta e dos címbalos, erguiam-se centenas de vozes em ações de graças, formando

um grande coral:

“Alegrei-me quando me disseram: ‘Vamos à casa do Senhor!’” (Sl 122:1).

Ao olharem ao redor e verem as colinas onde os pagãos havia muito tempo ofereciam seus sacrifícios, os filhos de Israel cantavam:

“Levanto os meus olhos para os montes e pergunto: De onde me vem o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra” (Sl 121:1, 2).

Quando alcançavam o topo das colinas e contemplavam a cidade santa, olhavam com reverente temor para a multidão de adoradores que se dirigia para o templo. Ao ouvirem as trombetas dos levitas anunciando o início do culto sagrado, eles se inspiravam naquele momento e cantavam:

“Grande é o Senhor, e digno de todo louvor na cidade do nosso Deus. Seu santo monte, belo e majestoso,é a alegria de toda a Terra. Como as alturas do Zafom é o monte Sião, a cidade do grande Rei” (Sl 48:1, 2).

“Abram as portas da justiça para mim, pois quero entrar para dar graças ao Senhor” (Sl 118:19).

Todas as casas de Jerusalém ficavam de portas abertas para receber os viajantes, e a hospedagem era oferecida gratuitamente. Como não havia acomodações para todos, muitos armavam suas barracas onde tivesse algum espaço na cidade e nas colinas ao redor.

A Páscoa era festejada no décimo quarto dia do mês, à tarde. As cerimônias solenes e impressionantes comemoravam a libertação do cativeiro no Egito e apontavam para o sacrifício futuro que libertaria da escravidão do pecado. Quando o Salvador deu Sua vida no Calvário, o significado da Páscoa foi cumprido, e teve início a celebração da Ceia do Senhor, como um memorial do mesmo acontecimento que até aquele momento era simbolizado pela Páscoa.

O Significado das Festas

Logo após a Páscoa, começavam os sete dias de comemoração da Festa dos Pães Asmos. As primícias, ou seja, os primeiros frutos da colheita do ano, eram apresentados ao Senhor no segundo dia da festa. O sacerdote agitava um feixe de cereal diante do altar de Deus em reconhecimento de que tudo pertencia a Ele. A colheita não poderia ser feita até que essa cerimônia fosse realizada.

Cinquenta dias depois de oferecer os primeiros frutos, ocorria o Pentecostes, a festa da ceifa. Como uma expressão de gratidão pelo grão, dois pães assados com fermento eram apresentados a Deus. O Pentecostes era comemorado por apenas um dia.

No sétimo mês era comemorada a Festa dos Tabernáculos, ou da colheita. Com essa festa o povo reconhecia as ricas bênçãos de Deus derramadas sobre os frutos do pomar, das oliveiras e das vinhas. Essa era a última grande festa do ano que reunia todo o povo. A colheita estava nos celeiros; os frutos, o azeite e o vinho estavam armazenados, e o povo então trazia ofertas de gratidão a Deus.

Essa festa era uma ocasião de grande felicidade. Acontecia justamente após o grande Dia da Expiação, quando o povo tinha a certeza de que seus pecados estavam perdoados. Em paz com Deus, com a colheita terminada e tranquilos porque os trabalhos do novo ano ainda não tinham começado, o povo podia dedicar todo o tempo às festividades sagradas e alegres do momento. Todas as famílias deveriam fazer o máximo possível para participar das celebrações e hospedar com alegria os servos, os levitas, os estrangeiros e os pobres.

Assim como a Páscoa, a Festa dos Tabernáculos comemorava acontecimentos passados. Como lembrança de sua peregrinação no deserto, o povo deveria deixar suas casas e se abrigar em cabanas ou caramanchões, cobertos com “folhagens das tamareiras, galhos frondosos e salgueiros” (Lv 23:40).

Nessas reuniões anuais, o coração de idosos e jovens era motivado no serviço de Deus. Ao mesmo tempo em que pessoas de diferentes lugares do país se encontravam ali, os laços que os uniam a Deus e uns aos outros eram fortalecidos. Assim como Israel comemorava o livramento realizado por Deus em favor de seus antepassados e como Ele miraculosamente os tinha preservado durante suas viagens depois que saíram do Egito, devemos também recordar com gratidão os meios que Ele providenciou para nos tirar das trevas para a preciosa luz de Sua graça e verdade.

Aqueles que moravam distante do tabernáculo passavam mais de um mês por ano viajando para assistir às festas anuais. Esse exemplo de devoção deveria nos ajudar a compreender a importância do culto religioso, a necessidade de colocar nossos interesses seculares e egoístas abaixo daqueles que são espirituais e eternos. Perdemos muito quando deixamos de nos reunir e animar uns aos outros no serviço de Deus. Todos nós somos filhos de um mesmo Pai, e dependemos uns dos outros para sermos felizes. Quando cultivadas de forma correta, as nossas afinidades sociais nos unem em

simpatia e compaixão para com outras pessoas e nos trazem felicidade.

A Festa dos Tabernáculos apontava não somente para a peregrinação no deserto, mas para o futuro, o grande dia da colheita final. O Senhor enviará Seus ceifeiros para juntar o joio em feixes para ser lançado no fogo e colher o trigo para o Seu celeiro. Nesse tempo, os ímpios serão destruídos. Eles serão "como se nunca tivessem existido" (Ob 16). Todas as vozes se unirão em alegre louvor a Deus no Universo inteiro.

Quando aqueles que foram resgatados pelo Senhor estiverem reunidos em segurança na Canaã celestial, libertos para sempre da escravidão do pecado, eles "exultarão com alegria indizível e gloriosa" (1Pe 1:8). Então a grande obra de Cristo estará terminada, e os pecados eliminados para sempre.

"E os que o Senhor resgatou voltarão. Entrarão em Sião com cânticos de alegria;
duradoura alegria coroará sua cabeça. [...] E a tristeza e o suspiro fugirão" (Is 35:10).

---

* Este capítulo é baseado em Levítico 23.

Os Libertadores de Israel*

Satisfeitas com o território já conquistado, as tribos de Israel perderam o entusiasmo e pararam de guerrear. "Quando Israel se tornou forte, impôs trabalhos forçados aos cananeus, mas não os expulsou completamente" (Jz 1:28).

De Sua parte, o Senhor cumpriu fielmente as promessas que fez a Israel. Cabia a eles finalizar o trabalho de expulsar os habitantes daquela terra. No entanto, deixaram de fazer o que deveriam ter feito. Em suas negociações com os cananeus, não obedeceram à ordem do Senhor e deixaram de cumprir a condição sob a qual foi prometida a eles a posse de Canaã.

No Sinai, Deus os advertiu contra a idolatria: "Não se curvem diante dos deuses deles, nem lhes prestem culto, nem sigam as suas práticas. Destruam-nos totalmente e quebrem as suas colunas sagradas" (Êx 23:24). Enquanto fossem obedientes, Deus dominaria seus inimigos: "Mandarei adiante de vocês o Meu terror, que porá em confusão todas as nações que vocês encontrarem. [...] Causarei pânico entre os heveus, os cananeus e os hititas para expulsá-los de diante de vocês. Não os expulsarei num só ano, pois a terra se tornaria desolada e os animais selvagens se multiplicariam, ameaçando vocês. Eu os expulsarei aos poucos, até que vocês sejam numerosos o suficiente para tomarem posse da terra. [...] Não façam aliança com eles nem com seus deuses. Não deixem que esses povos morem na terra de vocês, senão eles os levarão a pecar contra Mim, porque prestar culto aos deuses deles será uma armadilha para vocês" (Êx 23:27-33).

Deus colocou Seu povo em Canaã para deter a onda de imoralidade, a fim de que esse mal não se espalhasse pelo mundo. Ele daria em suas mãos nações maiores e mais poderosas que os cananeus. "E vocês despojarão nações maiores e mais fortes do que

vocês. [...] O seu território se estenderá do deserto do Líbano e do Rio Eufrates ao Mar Ocidental" (Dt 11:23, 24). Eles preferiram a comodidade e a satisfação própria. Deixaram escapar as oportunidades para terminar de conquistar a terra, e por muitas gerações foram perturbados pelos sobreviventes desses povos idólatras, que eram como "farpas em seus olhos e espinhos em suas costas" (Nm 33:55).

Os israelitas "misturaram-se com as nações e imitaram as suas práticas". Uniram-se em casamento com os cananeus, e a idolatria se espalhou como praga por toda a terra. "Sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios. [...] E a terra foi profanada pelo sangue deles. [...] Por isso acendeu-se a ira do Senhor contra o Seu povo e Ele sentiu aversão por Sua herança" (Sl 106:35, 37-40).

Até morrer a geração que recebeu instruções de Josué, a idolatria não avançou tanto, mas os pais prepararam o caminho para a apostasia de seus filhos. Os hábitos simples cultivados pelos hebreus mantinham a sua saúde física, mas o seu relacionamento com os pagãos levou-os à condescendência com o apetite e às paixões, que pouco a pouco foram enfraquecendo suas forças morais. Por causa de seus pecados, os israelitas foram separados de Deus e não conseguiram mais vencer seus inimigos. Assim, eles foram dominados pelas próprias nações que deveriam ter destruído.

"Abandonaram o Senhor, o Deus dos seus antepassados, que os havia tirado do Egito" (Jz 2:12). "Eles O irritaram com os altares idólatras; com os seus ídolos Lhe provocaram ciúmes". Portanto, o Senhor "abandonou o tabernáculo de Siló, a tenda onde habitava entre os homens. Entregou o símbolo do Seu poder ao cativeiro, e o seu esplendor nas mãos do adversário" (Sl 78:58, 60, 61).

Mesmo assim, Deus não desamparou completamente o Seu povo. Houve sempre um grupo de pessoas que se mantiveram fiéis ao Senhor; e de tempos em tempos Ele chamava homens fiéis e valentes para acabar com a idolatria e livrar os israelitas de seus inimigos. Quando o libertador morria, e o povo ficava sem ter alguém que os guiasse, pouco a pouco voltavam para os seus ídolos. Assim, a história de apostasias e de severas punições, de confissões e de livramento, sempre se repetia.

A Triste História da Contínua Apostasia

O rei da Mesopotâmia, o rei de Moabe, e depois deles os filisteus e cananeus de Hazor, liderados por Sísera, tornaram-se um por um os perseguidores de Israel. Otoniel, Sangar, Eúde, Débora e Baraque foram levantados como libertadores de seu povo. Apesar disso, "de novo os israelitas fizeram o que o Senhor reprova, e durante sete anos Ele os entregou nas mãos dos midianitas" (Jz 6:1).

Os midianitas tinham sido quase destruídos pelos israelitas nos dias de Moisés, mas desde aquela época haviam se tornado mais numerosos e poderosos. Estavam sedentos por vingança; e, quando a proteção do Senhor foi retirada de Israel, chegou então a oportunidade. Toda a nação sofreu com a destruição que causaram. Como uma praga de gafanhotos, eles se espalharam por toda a região. Chegavam assim que os cereais nos campos começavam a amadurecer e ficavam até que os últimos frutos da terra fossem colhidos. Saqueavam toda a colheita dos campos, roubavam e maltratavam os moradores da terra. Assim, os israelitas que moravam em regiões abertas eram obrigados a buscar refúgio em fortalezas ou mesmo encontrar abrigo nas cavernas entre as montanhas. Essa opressão continuou por sete anos. Então, como o povo em sua angústia confessou seus pecados, Deus levantou mais uma vez um líder para lutar por eles.

Deus chamou a Gideão para que libertasse seu povo. Nessa ocasião, ele estava ocupado em separar o trigo. Com medo de bater o trigo onde todos o vissem, foi até um local próximo à prensa de vinho. A época da colheita das uvas ia demorar, e ninguém ainda estava dando atenção às vinhas. Enquanto Gideão trabalhava escondido ali, pensava com tristeza na condição de Israel e o que poderia ser feito para acabar com a opressão.

O Chamado de Gideão

Inesperadamente, o "Anjo do Senhor" apareceu e disse a Gideão estas palavras: "O Senhor está com você, poderoso guerreiro" (Jz 6:12).

"'Ah, Senhor', Gideão respondeu, 'se o Senhor está conosco, por que aconteceu tudo isso? Onde estão todas as Suas maravilhas que os nossos pais nos contam: [...] Mas agora o Senhor nos abandonou e nos entregou nas mãos de Midiã'" (Jz 6:13).

O Mensageiro do Céu respondeu: "Com a força que você tem, vá libertar Israel das mãos de Midiã. Não sou Eu quem o está enviando?" (Jz 6:14).

Gideão desejava ter algum sinal de que Aquele que estava falando com ele era o Anjo da Aliança, que tinha realizado tantos atos poderosos em favor de Israel no passado. Foi correndo para a sua tenda e, com o pouco alimento que tinha, preparou um cabrito e pães sem fermento, depois os trouxe e colocou diante dEle. Então o Anjo lhe disse: "Apanhe a carne e os pães sem fermento, ponha-os sobre esta rocha e derrame o caldo" (Jz 6:20). Gideão obedeceu à ordem e recebeu o sinal que desejava: com o cajado na mão, o Anjo tocou a carne e os pães sem fermento. Uma chama subiu da rocha e consumiu o sacrifício. Depois o Anjo desapareceu.

O pai de Gideão, Joás, que partilhava da apostasia de seus compatriotas, tinha construído um grande altar a Baal, em Ofra. O Senhor ordenou a Gideão que destruísse esse altar e construísse um altar a Deus sobre a rocha onde antes a oferta havia sido consumida. Ali, ele deveria oferecer outra vez sacrifício ao Senhor. A oferta de sacrifício a Deus era apresentada pelos sacerdotes e deveria ser oferecida sobre o altar em Siló; mas Aquele que estabeleceu o ritual do sacrifício tinha poder para mudar as condições exigidas. Gideão deveria declarar guerra à idolatria antes de sair para batalhar contra os inimigos de seu povo.

Gideão realizou o trabalho em segredo. Fez tudo em uma noite, com a ajuda de seus servos. Os moradores de Ofra ficaram furiosos quando chegaram para prestar seu culto a Baal na manhã seguinte. Joás, que ficou sabendo da visita do Anjo, defendeu o filho. "Vocês vão defender a causa de Baal? Estão tentando salvá-lo? Quem lutar por ele será morto pela manhã!" (Jz 6:31). Se Baal não foi capaz de defender seu próprio altar, como seus adoradores poderiam confiar nele para protegê-los?

Então desistiram de todo o mal que pensaram fazer contra Gideão. Quando ele fez soar a trombeta de guerra, os moradores de Ofra foram os primeiros a se reunir para defender sua causa. Mensageiros foram enviados à tribo de Manassés, sua própria tribo, e também às tribos de Aser, Zebulom e Naftali, e todos atenderam ao chamado.

Como Ter Certeza?

Gideão orou: "Quero saber se vais libertar Israel por meu intermédio, como prometeste. Vê, colocarei uma porção de lã na eira. Se o orvalho molhar apenas a lã e todo o chão estiver seco, saberei que tu libertarás Israel por meu intermédio, como prometeste" (Jz 6:36, 37). Pela manhã, a lã estava úmida, enquanto a terra estava seca. Então surgiu uma dúvida porque a lã absorve a umidade do ar; o teste poderia não ser decisivo. Assim, ele pediu o sinal contrário. Seu pedido foi atendido: "Somente a lã estava seca; o chão estava todo coberto de orvalho" (Jz 6:40).

Cheio de confiança, Gideão liderou seu exército para lutar contra os invasores. "Os midianitas, os amalequitas e todos os outros povos que vinham do leste haviam se instalado no vale" (Jz 7:12). Todo o exército sob o comando de Gideão contava apenas com trinta e dois mil homens. Com o grande exército inimigo diante de seus olhos, veio ainda a palavra do Senhor: "Você tem gente demais, para Eu entregar Midiã nas suas mãos. A fim de que Israel não se orgulhe contra Mim, dizendo que a sua própria força o libertou, anuncie, pois, ao povo que todo aquele que estiver tremendo de medo poderá ir embora do monte Gileade" (Jz 7:2, 3). Aqueles que não estavam dispostos a enfrentar

o perigo e as dificuldades não contribuiriam para aumentar a força dos exércitos de Israel.

Gideão ficou surpreso com a declaração de que seu exército era grande demais. O Senhor viu o orgulho e a incredulidade no coração de Seu povo. Animados com os apelos feitos por Gideão, os homens prontamente haviam se alistado para lutar, mas muitos se encheram de medo quando viram o exército dos midianitas. Se Israel tivesse vencido, esses homens teriam tomado a glória para si, em vez de atribuírem a vitória a Deus.

Apenas Trezentos Homens

Gideão obedeceu à ordem do Senhor e, muito preocupado, viu mais de dois terços de seu exército voltar para casa. Mais uma vez, a palavra do Senhor veio a ele: "Ainda há gente demais. Desça com eles à beira d'água, e Eu separarei os que ficarão com você. Se Eu disser: 'Este irá com você, ele irá; mas, se Eu disser: Este não irá com você, ele não irá" (Jz 7:4).

O povo foi levado para perto da água, esperando atacar o inimigo o mais rápido possível. Alguns, apressados, pegaram um pouco de água na mão e a beberam enquanto andavam; mas quase todos se ajoelharam e vagarosamente beberam a água. Aqueles que tomaram água com as mãos eram apenas trezentos entre os dez mil. Esses foram os escolhidos; todos os demais receberam permissão para voltar para casa.

Aqueles que estavam mais preocupados em atender às próprias necessidades em tempos de perigo não eram homens em quem se poderia confiar em uma emergência. Os trezentos homens escolhidos, além de possuírem coragem e domínio próprio, eram também homens de fé. Eles não se contaminaram com a idolatria. Deus poderia dirigi-los e, por meio deles, realizar o livramento de Israel. Deus é mais honrado pelo caráter daqueles que O servem do que por grandes números.

O exército israelita estava no topo de uma colina, observando o vale onde os invasores estavam acampados, "numerosos como nuvens de gafanhotos. Assim como não se pode contar a areia da praia, também não se podia contar os seus camelos" (Jz 7:12). Gideão tremeu ao pensar no combate que aconteceria na manhã seguinte. Então o Senhor disse a ele para que descesse ao acampamento dos midianitas. Lá, ele ouviria alguma coisa para ficar mais animado.

Aguardando ali, na escuridão e em silêncio, ele ouviu um soldado contar um sonho ao seu companheiro: "'Tive um sonho', dizia ele. 'Um pão de cevada vinha rolando

dentro do acampamento midianita, e atingiu a tenda com tanta força que ela tombou e se desmontou'" (Jz 7:13). O outro respondeu com palavras que mexeram com o coração do ouvinte escondido: "Não pode ser outra coisa senão a espada de Gideão, filho de Joás, o israelita. Deus entregou os midianitas e todo o acampamento nas mãos dele" (Jz 12:14).

Gideão reconheceu a voz de Deus falando por meio daqueles estrangeiros midianitas. Ao voltar até onde estavam os poucos homens sob seu comando, ele disse: "Levantem-se! O Senhor entregou o acampamento midianita nas mãos de vocês" (Jz 7:15).

Plano Simples para o Combate

Com a orientação de Deus, foi feito um plano de ataque. Os trezentos homens foram divididos em três companhias. Cada um deles recebeu uma trombeta e uma tocha que deveria ficar escondida dentro de um jarro de barro. Eles ficaram posicionados de tal maneira que poderiam se aproximar do acampamento midianita de várias direções. No meio da noite, ao sinal da trombeta de guerra de Gideão, as três companhias tocaram suas trombetas. Então, quebrando os jarros e balançando as tochas acesas, correram na direção do inimigo com o poderoso grito de guerra: "Pelo Senhor e por Gideão!" (Jz 7:18).

O exército que dormia despertou. De todos os lados, os soldados viram a luz das tochas brilhando no escuro. Ouviram o som das trombetas com o grito de guerra vindo de todas as direções. Pensando que estavam sendo atacados por uma força esmagadora, os midianitas entraram em pânico. Com gritos ferozes de alarme, fugiram desesperados e, confundindo os próprios companheiros com os inimigos, começaram a matar uns aos outros.

Ao se espalhar a notícia da vitória, milhares de soldados israelitas que haviam voltado para casa retornaram e se uniram em perseguição ao inimigo que fugia. Gideão enviou mensageiros à tribo de Efraim pedindo que interceptassem os soldados que fugiam. Enquanto isso, com seus trezentos, exaustos, mas ainda em perseguição, Gideão atravessou o rio atrás daqueles que já tinham passado para a outra margem. Gideão surpreendeu Zeba e Salmuna, os dois príncipes que tinham escapado com quinze mil homens. Ele dispersou o exército por completo e os líderes foram capturados e mortos.

Nessa batalha, morreram cento e vinte mil invasores. O poder dos midianitas foi quebrado. Eles nunca mais conseguiram fazer guerra contra Israel. Não há palavras que

possam descrever o terror das nações vizinhas quando souberam que meios simples foram utilizados para vencer o poder de um povo ousado e guerreiro.

O líder que Deus escolheu para derrotar os midianitas não era um príncipe, um sacerdote ou levita. Ele se considerava o menos importante da casa de seu pai. Gideão não confiava em si mesmo e tinha o desejo de seguir a direção do Senhor. Deus escolhe aqueles a quem Ele melhor pode usar. "A humildade antecede a honra" (Pv 15:33). O Senhor os tornará fortes, unindo sua fraqueza ao Seu poder; e sábios, ligando sua falta de conhecimento à Sua sabedoria.

Poucos são os que podem receber uma grande responsabilidade ou sucesso sem que acabem se esquecendo de sua dependência de Deus. Por isso, ao escolher instrumentos para a Sua obra, o Senhor não leva em conta aqueles que o mundo considera grandes, talentosos e brilhantes. Muitos são orgulhosos e sentem-se capazes para agir sem o conselho de Deus.

A confiança em Deus e a obediência à Sua vontade são tão essenciais na batalha espiritual quanto foram para Gideão e Josué ao lutarem contra os cananeus. Deus está disposto a agir da mesma forma hoje pelos interesses de Seu povo e a realizar grandes coisas por meio de instrumentos frágeis. Deus é "capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos" (Ef 3:20).

Quando os homens de Israel foram convocados para lutar contra os midianitas, a tribo de Efraim tinha ficado para trás. Gideão não enviou a eles nenhuma convocação especial, e tomaram isso como uma desculpa para não se unirem aos seus irmãos. Ao chegar a notícia da vitória de Israel aos efraimitas, eles ficaram cheios de inveja por não terem participado.

Após a extraordinária derrota dos midianitas, os homens de Efraim se juntaram ao combate e ajudaram a completar a vitória. No entanto, ficaram com inveja e muito irados, como se Gideão tivesse seguido a própria vontade e decisão. Eles não conseguiram ver a mão de Deus na vitória de Israel, demonstrando com isso que eram indignos de ser escolhidos como Seus instrumentos especiais. Ao voltarem com os troféus da vitória, repreenderam Gideão com grande ira: "Por que você nos tratou dessa forma? Por que não nos chamou quando foi lutar contra Midiã?" (Jz 8:1).

Gideão Demonstra Humildade

"Que é que eu fiz, em comparação com vocês?", disse Gideão. "O *resto* das uvas de Efraim não são melhores do que toda a colheita de Abiezer? Deus entregou os líderes

midianitas Orebe e Zeebe nas mãos de vocês. O que pude fazer não se compara com o que vocês fizeram!" (Jz 8:2, 3). A resposta humilde de Gideão acalmou a ira dos homens de Efraim, e eles voltaram em paz para casa. Gideão demonstrou um espírito de cortesia que raramente é visto.

Em gratidão pelo livramento dos midianitas, o povo de Israel propôs a Gideão que se tornasse seu rei. Isso era uma transgressão direta dos princípios da teocracia. Deus era o Rei de Israel, e colocar um homem no trono seria uma rejeição da soberania divina. Gideão reconheceu esse fato. Sua resposta revela quão verdadeiros e nobres eram os seus motivos: "'Não reinarei sobre vocês', respondeu-lhes Gideão, 'nem meu filho reinará sobre vocês. O Senhor reinará sobre vocês'" (Jz 8:23).

Mesmo assim, Gideão caiu em outro erro que trouxe desgraça à sua família e a todo o Israel. Muitas vezes, o período de inatividade que vem após uma grande batalha é mais perigoso do que o tempo de conflito. Gideão estava exposto a esse perigo. Um sentimento de inquietação caiu sobre ele. Em vez de esperar pela orientação divina, começou ele mesmo a fazer os planos.

Como recebeu ordem para oferecer sacrifício sobre a rocha, onde o anjo apareceu, Gideão concluiu que tinha sido indicado como sacerdote. Sem esperar pela aprovação divina, decidiu instituir um sistema de culto semelhante ao que era realizado no tabernáculo. Com o forte sentimento popular a seu favor, ele não encontrou dificuldade em executar seu plano. Diante do seu pedido, todas as joias de ouro tomadas dos midianitas foram entregues a Gideão como sua participação no despojo. O povo juntou também outros materiais valiosos e vestes ricamente adornadas que pertenciam aos príncipes de Midiã. Com esses materiais, Gideão fez um éfode e um peitoral semelhante àqueles que eram usados pelo sumo sacerdote. Sua atitude se tornou uma cilada para ele mesmo, para sua família e também para Israel. Aquele culto não autorizado levou muitas pessoas a se afastarem do Senhor para servir aos ídolos. Depois da morte de Gideão, um grande número de pessoas, incluindo alguns da família do próprio Gideão, uniram-se a essa forma de apostasia. O povo se desviou de Deus por meio do mesmo homem que uma vez acabou com a idolatria.

Aqueles que ocupam cargos importantes podem levar outros a se desviarem. Até os mais sábios erram; os mais fortes podem vacilar e tropeçar. Nossa única segurança está em confiar no caminho indicado por Aquele que disse: "Segue-Me!"

Depois da morte de Gideão, o povo de Israel aceitou seu filho ilegítimo, Abimeleque, como rei. Este, para se manter no poder, assassinou todos os filhos legítimos de Gideão,

com exceção de Jotão, que se escondeu. A atitude cruel de Israel ao lidar com a casa de Gideão era o que se poderia esperar de um povo que demonstrava tamanha ingratidão para com Deus.

Mais Apostasia e Sofrimento

Quando Abimeleque morreu, o governo dos juízes que temiam a Deus ajudou a impedir a idolatria por algum tempo. Não muito tempo depois, o povo voltou a copiar as práticas pagãs daqueles que viviam ao seu redor. A apostasia trouxe rapidamente o seu castigo. Os amonitas conquistaram as tribos do lado oriental de Israel e, do outro lado do Jordão, invadiram o território de Judá e de Efraim. No lado oeste, os filisteus subiram da planície onde viviam, ao lado do mar, queimando e saqueando tudo por onde passavam. Israel parecia estar abandonado sob o poder de inimigos cruéis.

Mais uma vez, o povo buscou a ajuda dAquele a quem tinham abandonado e insultado. "Então os israelitas clamaram ao Senhor, dizendo: 'Temos pecado contra Ti, pois abandonamos o nosso Deus e prestamos culto aos baalins!'" (Jz 10:10). Contudo, o povo não estava arrependido porque tinha desonrado a Deus transgredindo a Sua santa lei, mas porque seus pecados tinham trazido sofrimento. O verdadeiro arrependimento nos leva a nos afastar do mal de uma vez por todas.

O Senhor respondeu ao povo por meio de Seus profetas: "Quando os egípcios, os amorreus, os amonitas, os filisteus, os sidônios, os amalequitas e os amonitas os oprimiram, e vocês clamaram a Mim, Eu os libertei das mãos deles. Mas vocês Me abandonaram e prestaram culto a outros deuses. Por isso, não os livrarei mais. Clamem aos deuses que vocês escolheram. Que eles os livrem na hora do aperto!" (Jz 10:11-14).

Os israelitas então se humilharam diante de Deus. "Eles se desfizeram dos deuses estrangeiros que havia entre eles e prestaram culto ao Senhor" (Jz 10:16). O coração amoroso do Senhor "não pôde mais suportar o sofrimento de Israel" (Jz 10:16). Oh, quão grande é a misericórdia de nosso Deus! Assim que o povo abandonou os pecados que os afastou da Sua presença, Ele ouviu suas orações e começou a agir imediatamente em seu favor. Ele levantou um libertador, na pessoa de Jefté, que guerreou contra os amonitas e destruiu completamente o seu poder. Naquela época, Israel tinha sofrido sob a opressão de seus inimigos por dezoito anos; porém, uma vez mais o povo se esqueceu da lição ensinada por meio do sofrimento.

Como o povo voltou para os seus maus caminhos, o Senhor permitiu que fossem perturbados por seus poderosos inimigos, os filisteus. Por muitos anos, eles foram constantemente perseguidos e, por vezes, vencidos por essa nação cruel e guerreira.

Eles se misturaram com esses idólatras, unindo-se com eles nos prazeres e nos cultos, até parecerem ser os mesmos, tanto no espírito quanto nos interesses. Então esses falsos amigos de Israel se tornaram seus piores inimigos e procuraram destruí-los a qualquer custo.

A Bíblia ensina de forma muito clara que não pode haver harmonia entre o povo de Deus e o mundo. Satanás age por meio dos ímpios, sob o disfarce de uma aparente amizade, para induzir o povo de Deus ao pecado. Quando sua defesa é removida, então Satanás leva seus agentes a se voltarem contra o povo, a fim de destruí-lo.

---

* Este capítulo é baseado em Juízes 6-8; 10.

O Mais Forte e Mais Fraco dos Homens*

Em meio à apostasia generalizada, os fiéis adoradores de Deus continuaram a suplicar a Ele que libertasse Israel. Embora aparentemente não fossem atendidos, nos primeiros anos da opressão dos filisteus, nasceu um menino, por meio do qual Deus planejava derrubar a força daqueles poderosos inimigos.

"O Anjo do Senhor" apareceu à esposa de Manoá, que não podia engravidar, com a mensagem de que ela teria um filho, e por meio dele Deus começaria a livrar Israel. O Anjo deu instruções com relação aos hábitos dela e também sobre como deveria cuidar da criança: "Todavia, tenha cuidado, não beba vinho nem outra bebida fermentada, e não coma nada impuro" (Jz 13:4). O Anjo também proibiu que o filho usasse esses alimentos. Disse ainda que o cabelo do menino não deveria ser cortado, pois o filho seria consagrado a Deus como nazireu desde o nascimento.

A Importância da Instrução Pré-natal

Com medo de cometer algum erro, o marido orou: "Senhor, eu Te imploro que o Homem de Deus que enviaste volte para nos instruir sobre o que fazer com o menino que vai nascer" (Jz 13:8).

Quando o Anjo apareceu novamente, Manoá perguntou: "Como devemos criar o menino? O que ele deverá fazer?" (Jz 13:12). As instruções anteriores foram repetidas – "Sua mulher terá que seguir tudo o que eu lhe ordenei. [...] Terá que obedecer a tudo o que lhe ordenei" (Jz 13:13, 14).

Para garantir que o filho prometido estivesse preparado para essa importante obra, os hábitos da mãe e do filho necessitavam de regras que deveriam ser seguidas com cuidado. Os hábitos da mãe influenciam o filho para o bem ou para o mal. A mãe deve

ser controlada por princípios, praticar a temperança e a renúncia de si mesma se deseja que o filho se desenvolva da melhor forma. Conselheiros descuidados talvez digam que a mãe deve satisfazer todos os seus desejos e vontades; mas, por ordem de Deus, a mãe tem a solene obrigação de exercer o domínio próprio.

Os pais, assim como as mães, partilham dessa responsabilidade. Se os pais são intemperantes, muitas vezes os filhos têm falta de força física e de capacidade mental e moral. Os alcoólatras e fumantes podem transmitir a tendência para o vício, as impurezas do sangue e doenças nervosas para os filhos. Aqueles que não controlam seus instintos, muitas vezes deixam aos filhos como herança seus desejos impuros e doenças transmissíveis pelos maus hábitos que cultivaram. Cada geração tem a tendência de se degenerar mais e mais. Os pais são grandemente responsáveis pelas enfermidades de milhares que nascem mudos, cegos, doentes ou com problemas mentais.

Muitos dão pouca importância à influência pré-natal, mas a instrução enviada do Céu àqueles pais hebreus revela como esse assunto é considerado por nosso Criador.

Os pais que desejam deixar uma boa herança aos filhos devem ter cuidadosa disciplina e formar hábitos corretos. As instruções dadas por Deus eram de que o futuro juiz e libertador de Israel jamais deveria, mesmo na idade adulta, usar vinho ou bebida forte. As lições de temperança, renúncia e domínio próprio devem ser ensinadas desde a primeira infância.

Alimentos Limpos e Imundos

A distinção entre alimentos limpos e imundos se baseava em princípios de saúde. Em grande parte, a vitalidade impressionante que caracterizou o povo judeu por milhares de anos se deve à observância desses princípios. Alimentos estimulantes e de difícil digestão prejudicam a saúde e, em muitos casos, levam ao alcoolismo. A verdadeira temperança nos ensina a dispensar todas as coisas nocivas e a usar com sabedoria aquilo que é saudável. Poucos se conscientizam do quanto seus hábitos alimentares influenciam sua saúde, seu caráter, sua utilidade enquanto vivem neste mundo e seu futuro eterno. O corpo deve ser servo da mente, e não o inverso.

A Força de Sansão e a Fidelidade a Deus

Quando chegou a hora, a promessa divina feita a Manoá se cumpriu com o nascimento de Sansão. À medida que o menino crescia, todos viam que ele tinha uma força física fora do comum. Conforme Sansão e seus pais bem sabiam, ele não era forte

assim por causa de sua forma física, mas sim por ser nazireu, cujo símbolo era o cabelo comprido, sem nunca ter sido cortado. Se Sansão tivesse obedecido às orientações divinas, sua história teria sido mais nobre e mais feliz. Foi o relacionamento com os idólatras que perverteu seus bons costumes.

Como Zorá, a sua cidade natal, ficava próxima ao território filisteu, Sansão se misturou e fez amizade com eles. Uma jovem que morava na cidade filisteia de Timnate conquistou o coração de Sansão e ele decidiu se casar com ela. Seus pais, tementes a Deus, tentaram convencê-lo a desistir da ideia, mas a sua única resposta era: "É ela que me agrada" (Jz 14:3). Por fim, o casamento foi realizado.

Quando se tornou adulto, época em que, mais do que todos os outros, deveria ter sido fiel a Deus, Sansão se uniu aos inimigos de Israel. Não procurou saber se glorificaria melhor a Deus ao se casar com aquela que escolheu como esposa. Deus prometeu dar sabedoria a todos os que buscam honrá-Lo em primeiro lugar. Não há nenhuma promessa para aqueles que decidem agradar a si mesmos.

Como é comum para as pessoas deixar as emoções falarem mais alto ao escolherem o marido ou a esposa! Não pedem o conselho de Deus nem têm em mente a Sua glória. Satanás busca constantemente exercer o seu poder sobre o povo de Deus, levando-os a se unirem aos seus súditos. Para conseguir isso, ele se esforça para despertar sentimentos impuros no coração.

O Senhor instruiu o Seu povo a não se unir àqueles que não têm o Seu amor no coração. "Que harmonia entre Cristo e Belial? Que há de comum entre o crente e o descrente? Que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos?" (2Co 6:15, 16).

Em sua festa de casamento, Sansão entrou em íntimo contato com aqueles que odiavam o Deus de Israel. A esposa o traiu antes do fim da festa. Furioso com a traição, Sansão a abandonou por algum tempo e voltou sozinho para sua casa em Zorá. Mais tarde, quando se acalmou, voltou para a esposa apenas para descobrir que ela já estava casada com outro. Para se vingar, ele destruiu todos os campos e vinhas dos filisteus. Isso fez com que eles a assassinassem, mesmo sabendo que as ameaças que fizeram a ela é que a levaram a enganar Sansão e dar início a toda aquela tragédia.

Sansão já tinha demonstrado a força extraordinária que possuía ao matar sozinho um leão novo e mais trinta homens de Ascalom. Então, irado com o bárbaro assassinato de sua esposa, atacou os filisteus e os feriu "sem dó nem piedade" (Jz 15:8). Em busca de um lugar seguro, ele se retirou para uma caverna da "rocha de Etã", em

Judá.

Os filisteus o perseguiram; e, com muito medo, os habitantes de Judá traiçoeiramente concordaram em entregá-lo aos inimigos. Três mil homens de Judá saíram para capturá-lo. Sansão permitiu que eles o amarrassem com duas cordas novas e o levassem até o acampamento dos inimigos, em meio a demonstrações de grande alegria. Contudo, "o Espírito do Senhor apossou-Se dele" (Jz 15:14). Sansão arrebentou as fortes cordas novas como se fossem fios de linho queimados no fogo. Então, agarrando a primeira arma que tinha ao alcance de sua mão, a queixada de um jumento, atacou os filisteus deixando mil homens mortos no campo.

Se os israelitas tivessem se disposto a se unir a Sansão e completar a vitória, teriam se livrado de seus opressores. No entanto, ficaram desanimados e rejeitaram a tarefa que Deus ordenou que realizassem para expulsar aquele povo idólatra. Tinham se unido a eles em suas práticas pervertidas. Eles humildemente se submeteram à vergonhosa opressão da qual poderiam ter escapado se tivessem obedecido a Deus. Mesmo quando o Senhor levantava um libertador para eles, muitas vezes o abandonavam e se uniam aos seus inimigos.

Casamento Malsucedido

Depois da vitória de Sansão, os israelitas o elegeram seu juiz, e ele governou Israel por vinte anos. Sansão tinha desobedecido à ordem de Deus ao tomar como esposa uma moça que pertencia à tribo dos filisteus, e novamente se aventurou a ir até eles – seus inimigos mortais – para satisfazer suas paixões. Confiando em sua grande força, ele foi a Gaza visitar uma prostituta. Os habitantes da cidade souberam que ele estava lá e estavam sedentos por vingança. Seu inimigo estava trancado, com segurança, dentro dos muros da cidade mais potente e fortificada de seu território. Estavam certos de que tinham capturado sua presa e aguardavam somente o amanhecer para comemorar sua vitória.

À meia-noite, Sansão acordou. A voz da consciência o acusava, e Sansão se encheu de remorso ao se lembrar de que tinha quebrado o voto de nazireu. A misericórdia de Deus não o havia abandonado. A tremenda força que tinha serviu novamente para livrá-lo. Ele foi até o portão da cidade, arrancou-o do lugar e o carregou para o alto da colina a caminho de Hebrom.

Ele não se arriscou a ficar entre os filisteus, mas continuou a buscar os prazeres sensuais que o estavam levando à ruína. "Ele se apaixonou por uma mulher do vale de Soreque" (Jz 16:4), não muito distante de sua terra natal. O nome dela era Dalila, "a

consumidora". As vinhas de Soreque eram também uma tentação para o inconstante nazireu que se deixou vencer pelo uso do vinho, quebrando, portanto, outro laço que o ligava à pureza e a Deus. Os filisteus decidiram levá-lo à ruína por meio de Dalila.

Não ousaram tentar prendê-lo enquanto ele ainda tivesse grande força, mas estavam decididos a saber qual era o segredo do poder que ele possuía. Assim, subornaram Dalila para que ela descobrisse qual era o segredo e revelá-lo a eles.

Uma Mulher Frágil Domina um Homem Forte

Enquanto a traidora ficava fazendo perguntas a Sansão, ele a enganava, dizendo que se tornaria fraco como os outros homens se certas coisas lhe acontecessem. Quando ela as colocava em prática, descobria que tinha sido enganada. Então ela o acusava de falsidade dizendo: "Como você pode dizer que me ama, se não confia em mim? Esta é a terceira vez que você me fez de boba e não contou o segredo da sua grande força" (Jz 16:15). Por três vezes Sansão teve a mais clara prova de que os filisteus tramavam com aquela que tanto o atraía para destruí-lo, mas ele tratava o caso como brincadeira e cegamente deixava de lado seus temores.

Dia após dia, um poder que ele não conseguia dominar o mantinha ao lado de Dalila. Finalmente ela o venceu, e Sansão contou o segredo: "'Jamais se passou navalha em minha cabeça', disse ele, 'pois sou nazireu, desde o ventre materno. Se fosse rapado o cabelo da minha cabeça, a minha força se afastaria de mim, e eu ficaria tão fraco quanto qualquer outro homem'" (Jz 16:17).

Sem perder tempo, Dalila enviou um mensageiro aos chefes dos filisteus, insistindo com eles para que viessem sem demora. Enquanto o guerreiro dormia, os filisteus cortaram suas pesadas tranças. Então Dalila o chamou: "Sansão, os filisteus o estão atacando!" (Jz 16:20). Ele despertou de repente e achou que poderia usar sua força como antes, mas seus braços sem força se recusaram a lhe obedecer. Ele não sabia "que o Senhor o tinha deixado" (Jz 16:20). Dalila começou a importuná-lo e a causar dor nele para provar se ainda tinha força, pois os filisteus não se atreveram a se aproximar dele até se convencerem totalmente de que seu poder tinha desaparecido. Então eles agarraram Sansão, furaram seus olhos e o levaram para Gaza. Ali, ele foi preso com correntes e obrigado a fazer trabalhos forçados.

Que mudança! Fraco, cego, preso, humilhado e condenado a realizar o trabalho mais humilhante! Deus teve muita paciência com ele; mas, depois de ir tão longe no pecado, a ponto de revelar seu segredo, o Senhor Se afastou de Sansão. Não havia poder especial em seu cabelo comprido, mas aquele era um sinal de lealdade para com Deus.

Quando desprezou esse símbolo e o trocou pela satisfação das paixões, as bênçãos representadas por ele foram retiradas por Deus.

No sofrimento e na humilhação, servindo de motivo de gozação para os filisteus, Sansão aprendeu mais sobre sua fraqueza do que jamais soubera antes. As aflições pelas quais passou o levaram ao arrependimento. À medida que seu cabelo crescia, pouco a pouco sua força também voltava. Seus inimigos, vendo-o como um prisioneiro acorrentado e indefeso, não o consideravam mais uma ameaça.

Trágica Vitória

Os filisteus, cheios de orgulho, desafiavam o Deus de Israel. Para comemorar a vitória, foi marcada uma festa em homenagem ao deus Dagom, o deus-peixe. Multidões de adoradores filisteus encheram o grande templo e se aglomeravam nas galerias próximas ao teto. O cenário era de grande celebração e alegria.

Então, como troféu de coroação do poder do deus Dagom, Sansão foi levado para o templo. O povo e os governantes zombaram de seu estado deplorável e adoraram o deus que havia derrotado "o devastador de sua terra". Depois de algum tempo, como se estivesse cansado, Sansão pediu permissão para descansar junto às duas colunas centrais que sustentavam o teto do templo.

Em silêncio, ele então orou a Deus: "Ó soberano Senhor, lembra-te de mim! Ó Deus, eu Te suplico, dá-me forças, mais uma vez, e faze com que eu me vingue dos filisteus" (Jz 16:28). Com essas palavras, ele abraçou as duas colunas com seus braços fortes, e exclamou: "Que eu morra com os filisteus!" Então ele se curvou, e o teto desabou, destruindo de uma só vez toda aquela grande multidão. "Assim, na sua morte, Sansão matou mais homens do que em toda a sua vida" (Jz 16:30).

O ídolo e seus adoradores, sacerdotes e camponeses, guerreiros e nobres, foram todos sepultados sob as ruínas do templo de Dagom. Entre eles estava o corpo daquele que Deus havia escolhido para ser o libertador de Seu povo.

As notícias foram levadas até a terra de Israel, e os parentes de Sansão recuperaram o corpo de seu falecido herói sem qualquer oposição. Eles "o sepultaram entre Zorá e Estaol, no túmulo de Manoá, seu pai" (Jz 16:31).

Como é triste e terrível o registro de uma vida que poderia ter sido inteiramente de louvor a Deus e glória para a nação! Se Sansão tivesse sido leal ao chamado divino, teria cumprido o propósito de Deus para ele. Como Sansão cedeu à tentação, sua missão de dominar os inimigos de Israel foi cumprida em meio à derrota, escravidão e morte.

Fisicamente, Sansão foi o homem mais forte da Terra, mas no domínio de si mesmo, na integridade e firmeza, foi um dos mais fracos. Aquele que é dominado por suas paixões se torna uma pessoa fraca. A verdadeira grandeza é medida pela força dos sentimentos que dominamos e não por aqueles que nos dominam.

Aqueles que são provados enquanto cumprem seu dever podem estar certos de que Deus os guardará; mas, quando se colocarem sob o poder da tentação de forma voluntária, mais cedo ou mais tarde, eles certamente cairão. Satanás ataca os nossos pontos fracos e trabalha com os nossos defeitos de caráter para conseguir dominar toda a nossa vida. Ele sabe que, se esses defeitos forem nutridos, será bem-sucedido.

Apesar disso, ninguém precisa se dar por vencido. Todo aquele que realmente desejar receberá auxílio. Anjos de Deus, que sobem e descem pela escada que Jacó viu em visão, ajudarão todos os que escolherem subir até mesmo ao mais alto Céu.

---

* Este capítulo é baseado em Juízes 13-16.

O Chamado de Samuel*

Elcana, um levita do Monte Efraim, era um homem rico e influente, que amava e temia ao Senhor. Sua esposa, Ana, era uma mulher muito piedosa e de grande fé.

Eles não podiam ter filhos; assim, Elcana se casou com uma segunda esposa. Essa decisão, motivada pela falta de fé em Deus, não trouxe felicidade à sua casa. Nasceram filhos e filhas, mas a alegria e a beleza da sagrada instituição do casamento foram deformadas, destruindo a paz na família.

Penina, a nova esposa, era ciumenta, rude, orgulhosa e arrogante. Para Ana, parecia não haver mais esperança, e a vida se tornou um fardo muito pesado para ela. Mesmo assim, enfrentava a sua dor com mansidão e sem reclamar.

Em Siló, os serviços de Elcana como levita não eram obrigatórios. Ainda assim, ele viajava para lá com a família para adorar e oferecer sacrifícios durante as festas anuais. Mesmo durante as festividades sagradas, o espírito de intolerância continuava presente na família. Depois de apresentar as ofertas de gratidão, de acordo com o costume, toda a família se reunia para uma festa solene e alegre. Elcana dava à mãe de seus filhos uma porção para ela e para cada um de seus filhos e filhas; para Ana, ele dava uma porção dupla, demonstrando que sua afeição por ela era como se ela tivesse lhe dado um filho. Então a segunda esposa, ardendo em ciúmes, dizia ter a preferência por ter sido muito abençoada por Deus, e zombava de Ana por ser uma mulher sem filhos.

Isso acontecia todos os anos, sempre que iam ao templo, até que Ana não pôde mais suportar. Chorando descontroladamente, ela saiu da festa. Em vão seu marido tentava confortá-la: "Ana, por que você está chorando? Por que não come? Por que está

triste? Será que eu não sou melhor para você do que dez filhos?" (1Sm 1:8).

Ana não fez acusação alguma. Ela se dirigiu a Deus com o fardo que não podia dividir com nenhum amigo na Terra. Com muito fervor, ela suplicou que o Senhor lhe concedesse a preciosa dádiva de um filho para o criar e educar para Ele. Ela também fez um voto, prometendo que, se o seu pedido fosse atendido, dedicaria seu filho a Deus desde o nascimento.

Ana se aproximou da entrada do tabernáculo e, angustiada, "chorou muito e orou ao Senhor" (1Sm 1:10). Naqueles tempos de apostasia, essas cenas de adoração eram raras. Eli, o sumo sacerdote, observava Ana e imaginou que ela talvez tivesse bebido muito vinho. Pensando que lhe daria uma merecida bronca, disse com firmeza: "Até quando você continuará embriagada? Abandone o vinho!" (1Sm 1:14).

Mesmo surpresa e ofendida, Ana respondeu com gentileza: "Não se trata disso, meu senhor. Sou uma mulher muito angustiada. Não bebi vinho nem bebida fermentada; eu estava derramando minha alma diante do Senhor. Não julgues tua serva uma mulher vadia; estou orando aqui até agora por causa de minha grande angústia e tristeza" (1Sm 1:15, 16).

O sumo sacerdote ficou profundamente comovido, pois era homem de Deus. Assim, em vez de repreendê-la, pronunciou uma bênção: "Vá em paz, e que o Deus de Israel lhe conceda o que você pediu" (1Sm 1:17).

Ana Entrega o Filho ao Senhor

Ana recebeu a dádiva que pediu com tanto fervor ao Senhor. Ao olhar para o filho, ela o chamou de Samuel – "Eu o pedi ao Senhor" (1Sm 1:20). Assim que o menino cresceu o suficiente para se separar da mãe, Ana cumpriu o seu voto. Ele era seu único filho, a dádiva especial do Céu, mas ela o recebeu como um tesouro consagrado a Deus e não deixaria de devolver ao Doador o que Lhe pertencia.

Ana foi com o esposo para Siló e apresentou sua preciosa dádiva ao sacerdote dizendo: "Era este menino que eu pedia, e o Senhor concedeu-me o pedido. Por isso, agora, eu o dedico ao Senhor. Por toda a sua vida será dedicado ao Senhor" (1Sm 1:27, 28). Eli, que era um pai muito tolerante, sentiu-se surpreso e humilhado ao ver o grande sacrifício dessa mãe que se separava de seu único filho para dedicá-lo ao serviço de Deus. Ele se sentiu culpado por seu amor egoísta, e em humildade e reverência se curvou diante do Senhor e O adorou. O coração de Ana estava cheio de alegria e louvor e transbordava de gratidão a Deus.

De Siló, Ana voltou para sua casa em Ramá, deixando Samuel com Eli, a fim de ser educado para o serviço na casa de Deus. Desde os primeiros anos, ela ensinou ao filho que ele pertencia ao Senhor. Todos os dias ela orava especificamente por Samuel. A cada ano, ela lhe fazia uma túnica para uso no serviço do santuário. Ao ir com o esposo para adorar em Siló, entregava ao menino essa lembrança de seu amor. Cada fibra da pequena túnica era tecida com uma oração para que ele se mantivesse puro, nobre e verdadeiro. Suplicava fervorosamente para que ele alcançasse a grandeza apreciada pelo Céu, que honrasse a Deus e abençoasse os seus semelhantes.

Que grande recompensa Ana conquistou! Como seu exemplo nos motiva a sermos fiéis! Toda mãe recebe muitas oportunidades. A rotina humilde dos deveres que as mães consideram cansativos e desagradáveis deveria ser vista como uma obra digna e nobre. À luz do sol e nas sombras, ela pode facilitar o caminho dos filhos em direção às alturas gloriosas do Céu. Somente quando procura seguir a Cristo em sua vida é que a mãe pode formar o caráter de seus filhos de acordo com o modelo divino. Toda mãe deve sempre ir ao Salvador com a oração: "Ensina-nos como deveremos educar nosso filho e o que deveremos fazer por ele." Ela receberá a sabedoria necessária.

"O menino Samuel crescia na presença do Senhor" (1Sm 2:21). A juventude de Samuel não estava livre das más influências ou de exemplos marcados pelo pecado. Os filhos de Eli não temiam a Deus nem honravam ao seu pai, mas Samuel procurava evitar a companhia deles e não imitava seus maus caminhos. Ele se esforçava constantemente para se tornar o que Deus desejava que ele fosse.

A beleza do caráter de Samuel conquistou o amor paterno do sacerdote já bastante idoso. Samuel era amável, generoso, obediente e atencioso. Eli, aflito por ver os caminhos errados em que seus filhos andavam, foi confortado e abençoado pela presença dessa criança que a ele foi confiada. Nenhum pai jamais amou seu filho ou filha mais profundamente do que Eli amou esse jovem. Cheio de ansiedade e remorso pelo comportamento imoral dos próprios filhos, Eli se voltou para Samuel em busca de conforto.

A cada ano, Samuel recebia responsabilidades mais importantes. Quando ainda era criança, Eli colocou sobre ele um éfode de linho como sinal de sua consagração para o serviço do santuário. Mesmo sendo levado para trabalhar no tabernáculo ainda muito jovem, Samuel tinha deveres a cumprir de acordo com a sua capacidade. Nem sempre eram deveres agradáveis, mas ele os realizava com boa vontade. O menino se considerava um servo de Deus e o seu trabalho como o trabalho de Deus. Seus esforços eram aceitos porque eram motivados por seu amor a Deus e pelo desejo sincero de

fazer a Sua vontade. Assim, Samuel se tornou cooperador do Senhor do Céu e da Terra.

Fidelidade nas Pequenas Coisas

Cumprir cada dever como algo a ser feito para o Senhor traz beleza ao trabalho mais humilde e une os obreiros da Terra aos seres santos que realizam a vontade de Deus no Céu. A fidelidade nas pequenas coisas, nos pequenos atos realizados com dedicação e nas pequenas ações de bondade alegrarão os caminhos da vida. Quando nossa obra na Terra chegar ao fim, descobriremos que os pequenos deveres fielmente cumpridos exerceram uma influência para o bem que jamais será esquecida.

Os jovens de hoje podem se tornar tão preciosos aos olhos de Deus como foi Samuel. Ao manterem a integridade cristã, podem exercer uma grande influência para tornar o mundo melhor. Deus tem uma obra para cada um deles. Ninguém jamais alcançou maiores resultados para Deus e em favor da humanidade do que os que podem ser alcançados hoje por aqueles que forem fiéis à missão que Deus lhes confiou.

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 1; 2:1-11.

Eli e Seus Filhos Rebeldes*

Eli, sacerdote e juiz em Israel, tinha grande influência sobre as tribos de Israel. No entanto, não governava bem a própria casa. Era um pai complacente, que não corrigia os maus hábitos e as inclinações dos filhos. Para não entrar em conflito com eles, permitia que seguissem os próprios caminhos.

O sacerdote e juiz de Israel tinha recebido orientações quanto ao dever de instruir e controlar os filhos que Deus havia colocado sob a sua responsabilidade. Eli recuou diante do dever, porque teria que ir contra a vontade deles, o que geraria conflito e o levaria a puni-los. Permitiu que seus filhos fizessem o que bem entendessem e não deu atenção à responsabilidade que tinha de prepará-los para o serviço para Deus e para os deveres da vida.

O pai acabou obedecendo aos filhos. Eles não foram ensinados desde o início a entender e apreciar o caráter de Deus nem a santidade da Sua lei. Estavam familiarizados com o santuário e o serviço nele realizado desde a infância, mas haviam perdido todo o respeito pela santidade daquela função e o seu significado. Eli não corrigiu o desrespeito que demonstravam pelos serviços solenes realizados no templo e, quando chegaram à idade adulta, seu coração estava repleto do veneno da dúvida e da rebeldia.

Mesmo sendo totalmente incapazes, foram nomeados como sacerdotes no santuário para ministrar perante Deus. Esses homens infiéis levaram seu desrespeito e sua rebelião ao serviço de culto a Deus. Os sacrifícios que apontavam para a morte de Cristo deveriam manter no povo a fé na vinda do Redentor prometido. Por isso era necessário que os sacerdotes seguissem estritamente as instruções do Senhor com relação ao trabalho que deveriam realizar. Nas ofertas pacíficas, apenas a gordura

deveria ser queimada no altar. Uma porção do sacrifício era reservada aos sacerdotes, mas a maior parte era devolvida ao ofertante para comer com os amigos em uma comemoração relacionada à oferta de sacrifício. Essa celebração encheria o coração de todos com gratidão e fé e dirigiria os pensamentos para o grande Sacrifício que tiraria o pecado do mundo.

Como não estavam satisfeitos com a parte das ofertas pacíficas que recebiam, os filhos de Eli exigiram uma porção a mais. Eles viam nesses sacrifícios uma oportunidade para enriquecer à custa do povo. Não somente exigiam mais do que tinham direito, mas se recusavam a esperar até que a gordura fosse queimada como oferta a Deus. Escolhiam a porção que mais os agradava e, quando era negada, ameaçavam pegá-la à força.

Esse ato de irreverência tirou todo significado sagrado do serviço sacrifical, e o povo os via "tratando com desprezo a oferta do Senhor". Não reconheciam mais nesse símbolo o grande Sacrifício pelo qual deveriam esperar. "O pecado desses jovens era muito grande à vista do Senhor" (1Sm 2:17).

Esses sacerdotes infiéis desonraram a sua função sagrada com práticas imorais e degradantes. Muitos estavam indignados com a atitude corrupta de Hofni e Fineias e deixaram de frequentar o lugar de adoração. A impiedade, a imoralidade e até mesmo a idolatria se espalharam de modo assustador.

Eli cometeu um grande erro ao permitir que seus filhos ocupassem a função de sacerdotes. Justificava os erros que cometiam encontrando uma desculpa ou outra e ficou completamente cegado diante de seus pecados. A situação chegou a um ponto em que ele não pôde mais fazer vista grossa aos crimes dos próprios filhos. O povo reclamava das más ações deles e o sumo sacerdote não ousou ficar em silêncio por mais tempo. Seus filhos viam a dor que causavam ao pai, mas o coração deles estava endurecido. Ouviam suas amorosas advertências, mas não se impressionavam nem mudavam seu mau comportamento. Se Eli tivesse tratado seus filhos rebeldes de acordo com a lei, eles teriam sido punidos com a morte. Com medo de tomar qualquer atitude que trouxesse desonra e condenação sobre seus filhos, ele os manteve nos cargos de confiança mais sagrados. Permitiu que corrompessem o culto oferecido a Deus e prejudicassem a causa da verdade a tal ponto que os anos não poderiam apagar. Entretanto, Deus tomou o caso em Suas mãos.

A Infidelidade Conduz à Ruína

"E veio um homem de Deus a Eli e lhe disse: Assim diz o Senhor: [...] 'Por que você

honra seus filhos mais do que a Mim, deixando-os engordar com as melhores partes de todas as ofertas feitas por Israel, o Meu povo?' Portanto, o Senhor, o Deus de Israel, declara: 'Prometi à sua família e à linhagem de seu pai, que ministrariam diante de Mim para sempre.' Mas agora o Senhor declara: 'Longe de Mim tal coisa! Honrarei aqueles que Me honram, mas aqueles que Me desprezam serão tratados com desprezo. [...] Levantarei para Mim um sacerdote fiel, que agirá de acordo com o Meu coração e o Meu pensamento. Edificarei firmemente a família dele, e ele ministrará sempre perante o Meu rei ungido'" (1Sm 2:27, 29, 30, 35).

Aqueles cujo amor cego pelos filhos os levam a satisfazer os seus desejos egoístas, não repreendendo o pecado nem corrigindo o erro, mostram claramente que honram seus filhos rebeldes mais do que a Deus. Eli deveria ter tentado em primeiro lugar corrigir o mal com medidas suaves; mas, se estas não resolvessem, deveria ter disciplinado o erro com atitudes mais severas. Nós somos tão responsáveis pelos males que poderíamos ter impedido por meio da autoridade paterna ou pastoral, como se nós mesmos os tivéssemos praticado.

Eli não levou em conta as faltas e os pecados dos filhos quando eram crianças, achando que, com o tempo, eles abandonariam suas más tendências. Hoje, muitos cometem o mesmo erro. Incentivam as más tendências em seus filhos com a desculpa: "Eles são muito pequenos para serem castigados. Vamos esperar que fiquem maiores e aí poderemos dialogar e nos entender." Assim os filhos crescem com traços de caráter que serão para eles uma maldição por toda a vida.

Não há infelicidade maior para os lares do que permitir que os jovens sigam os próprios caminhos. Logo perdem todo respeito para com os pais, toda consideração por sua autoridade e são escravizados por Satanás. A influência de uma família descontrolada é desastrosa para a sociedade. Gera uma onda de males que afeta outras famílias, as comunidades e os governos.

A vida familiar de Eli era imitada por milhares de lares em Israel. As ações falam mais alto do que as palavras mais positivas que declaram santidade. Os males que resultam da infidelidade por parte dos pais são grandes em qualquer circunstância, mas eles são dez vezes maiores nas famílias daqueles que têm o dever de ensinar o povo.

Agentes Eficazes de Satanás

Quando as pessoas usam seu chamado sagrado para encobrir prazeres egoístas e sensuais, elas se tornam agentes eficazes de Satanás. Como Hofni e Fineias, fazem com que as pessoas tratem "com desprezo a oferta do Senhor". Elas podem praticar suas

más ações em segredo por algum tempo; porém, quando seu verdadeiro caráter é finalmente exposto, a fé do povo fica a tal ponto abalada, que o resultado é muitas vezes a falta de confiança naqueles que ensinam a Palavra de Deus. A mensagem daquele que serve fielmente a Cristo é recebida com descrença, e surge a pergunta: "Será que esse homem é igual àquele que imaginávamos ser tão santo e na verdade era tão pervertido?"

A repreensão que Eli fez aos filhos apresenta estas palavras solenes e terríveis: "Se um homem pecar contra outro homem, os juízes poderão intervir em seu favor; mas se pecar contra o Senhor, quem intercederá por ele?" (1Sm 2:25). Se os seus crimes tivessem prejudicado somente pessoas, o juiz poderia ter feito a reconciliação estabelecendo a pena e exigindo a restituição; dessa forma, os ofensores poderiam ser perdoados. No entanto, os pecados dos filhos de Eli estavam tão entrelaçados com seu ministério como sacerdotes do Altíssimo, e a obra de Deus foi tão profanada e desonrada diante do povo, que nenhuma expiação poderia ser aceita em favor deles. O próprio pai, embora sendo ele mesmo o sumo sacerdote, não ousou interceder por eles; não podia defendê-los da ira de um Deus santo. De todos os pecadores, os mais culpados são aqueles que menosprezam os meios que o Céu providenciou para a nossa redenção, pois estão "crucificando de novo o Filho de Deus, sujeitando-O à desonra pública" (Hb 6:6).

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 2:12-36.

Castigo à Vista*

Deus deixou de Se comunicar com o sumo sacerdote Eli e seus filhos. A presença do Espírito Santo Se afastou deles por causa dos pecados que haviam cometido. Todavia, o menino Samuel continuou fiel a Deus, e sua primeira missão como profeta do Senhor foi comunicar a mensagem de reprovação à família de Eli.

"Certa noite, Eli, cujos olhos estavam ficando tão fracos que já não conseguia mais enxergar, estava deitado em seu lugar de costume. A lâmpada de Deus ainda não havia se apagado, e Samuel estava deitado no santuário do Senhor, onde se encontrava a arca de Deus. Então o Senhor chamou Samuel" (1Sm 3:2-4).

Pensando ser a voz de Eli, o menino correu até a cama do sacerdote e lhe disse: "Estou aqui; o senhor me chamou?" Eli respondeu: "Não o chamei; volte e deite-se" (1Sm 3:5).

Por três vezes Samuel foi chamado e três vezes ele respondeu da mesma forma. Então Eli compreendeu que o misterioso chamado era a voz de Deus. O Senhor deixara de falar com o servo que Ele tinha escolhido, o homem de cabelos brancos, para falar com uma criança. Apenas isso, por si só, já era uma amarga, mas merecida repreensão a Eli e a sua família.

Nem a inveja e nem o ciúme abalaram o coração de Eli. Disse a Samuel que respondesse: "Fala, Senhor, pois o Teu servo está ouvindo" (1Sm 3:9).

Samuel ouviu novamente a voz e respondeu: "Fala, pois o Teu servo está ouvindo" (1Sm 3:10).

“E o Senhor disse a Samuel: ‘Vou realizar em Israel algo que fará tinir os ouvidos de todos os que ficarem sabendo. Nessa ocasião executarei contra Eli tudo o que falei contra sua família, do começo ao fim. Pois Eu lhe disse que julgaria sua família para sempre, por causa do pecado dos seus filhos, do qual ele tinha consciência; seus filhos se fizeram desprezíveis, e ele não os puniu. [...] Jamais se fará propiciação pela culpa da família de Eli mediante sacrifício ou oferta” (1Sm 3:11-14).

Samuel ficou com muito medo e espantado ao receber uma mensagem tão terrível. Pela manhã, ele fez seus deveres como de costume, mas sentia um grande peso em seu coração. O Senhor não ordenou que falasse sobre a terrível condenação; assim, ele não disse nada. Ficou com muito medo de que o sacerdote lhe fizesse alguma pergunta que o obrigasse a revelar os juízos divinos contra aquele a quem ele amava e respeitava. Eli tinha certeza de que a mensagem dizia respeito a alguma grande calamidade que viria sobre ele e sua família. Chamou Samuel e pediu que relatasse fielmente o que o Senhor lhe revelara. O jovem obedeceu, e o idoso sacerdote humildemente se curvou em submissão à terrível sentença. “Ele é o Senhor, que faça o que Lhe parecer melhor” (1Sm 3:18).

Última Oportunidade

Apesar de tudo, Eli não se arrependeu de verdade. Não abandonou o seu pecado. Ano após ano, o Senhor adiava os juízos que tinha anunciado. Eli poderia ter feito muito para reparar os erros do passado, mas o idoso sacerdote não tomou nenhuma atitude que ajudasse a corrigir os males que contaminavam o santuário do Senhor e levavam milhares à ruína em Israel. Diante da paciência de Deus, Hofni e Fineias endureceram o coração e se tornaram ainda mais ousados.

Eli comunicou a toda a nação as mensagens de advertência e reprovação à sua família. Dessa forma, ele esperava desfazer a má influência de seus erros no passado. Contudo, assim como os sacerdotes, o povo não deu atenção às advertências. As nações vizinhas também se tornaram mais ousadas em sua idolatria e crimes. Não tinham nenhum sentimento de culpa por seus pecados, como teriam sentido se os israelitas tivessem permanecido leais. Foi necessário, portanto, que Deus interferisse para que Seu nome continuasse sendo honrado.

“Nessa época os israelitas saíram à guerra contra os filisteus. Eles acamparam em Ebenézer, e os filisteus em Afeque” (1Sm 4:1). Os israelitas fizeram isso sem pedir o conselho de Deus, sem o consentimento do sacerdote ou do profeta. “Os filisteus dispuseram suas forças em linha para enfrentar Israel, e, intensificando-se o combate,

Israel foi derrotado pelos filisteus, que mataram cerca de quatro mil deles no campo de batalha" (1Sm 4:2). Quando o exército voltou para o acampamento desfalcado e desanimado, "as autoridades de Israel perguntaram: 'Por que o Senhor deixou que os filisteus nos derrotassem?'" (1Sm 4:3). Não viam que era por causa de seus pecados que aquela terrível calamidade aconteceu.

Então os israelitas disseram: "Vamos a Siló buscar a arca da aliança do Senhor, para que Ele vá conosco e nos salve das mãos de nossos inimigos" (1Sm 4:3). O Senhor não dera ordem nem permissão para que a arca fosse com o exército. Mesmo assim, eles estavam certos da vitória e deram um grande grito de alegria quando a arca foi levada ao acampamento pelos filhos de Eli.

Os filisteus achavam que a arca era o deus de Israel e disseram: "'O que significam todos esses gritos no acampamento dos hebreus?' Quando souberam que a arca do Senhor tinha sido levada para o acampamento, os filisteus ficaram com medo e disseram: 'Deuses chegaram ao acampamento. Ai de nós! [...] São os deuses que feriram os egípcios com toda espécie de pragas, no deserto. Sejam fortes, filisteus! Sejam homens, ou vocês se tornarão escravos dos hebreus, assim como eles foram escravos de vocês. Sejam homens e lutem!'" (1Sm 4:6-9).

Os filisteus atacaram com grande fúria, causando um grande massacre. Trinta mil homens foram mortos, e a arca de Deus foi levada. Os dois filhos de Eli morreram enquanto lutavam para defendê-la.

Essa foi a calamidade mais terrível que poderia acontecer a Israel. A arca de Deus estava nas mãos do inimigo. O símbolo da presença e do poder do Senhor foi levado. Em tempos passados, aconteciam vitórias milagrosas sempre que ela aparecia. O símbolo visível do Deus altíssimo repousava sobre ela no lugar santíssimo do santuário. Dessa vez, não trouxe a vitória que esperavam, causando grande tristeza em todo o Israel.

A lei de Deus, que estava dentro da arca, era o símbolo da Sua presença; porém, eles mostraram desprezo para com os mandamentos e entristeceram o Espírito do Senhor, que Se retirou do meio deles. Quando o povo deixou de fazer a vontade de Deus, não mais obedecendo à Sua lei, conforme Ele revelou, a arca se tornou pouco mais que uma caixa comum para eles. Olhavam para a arca como as nações idólatras olhavam para seus deuses. Transgrediram a lei que estava guardada dentro dela, pois a sua adoração à arca os levou à falsidade e à idolatria.

Notícias Trágicas e a Morte de Eli

Quando o exército saiu para a batalha, Eli ficou em Siló. Ele aguardava com grande preocupação o resultado do conflito, "pois em seu coração temia pela arca de Deus" (1Sm 4:13). Dia após dia, ele ficava assentado do lado de fora do portão do tabernáculo, ao lado da estrada, esperando ansiosamente a chegada do mensageiro que traria notícias do campo de batalha.

Finalmente um homem da tribo de Benjamim, "com as roupas rasgadas e terra na cabeça" (1Sm 4:12), correu até a cidade e repetiu as notícias da derrota para a multidão que aguardava impaciente. Os gritos de choro e de tristeza chegaram até Eli, que estava ao lado do tabernáculo. O mensageiro foi até onde ele estava e disse: "Israel fugiu dos filisteus, e houve uma grande matança entre os soldados. Também os seus dois filhos, Hofni e Fineias, estão mortos, e a arca de Deus foi tomada" (1Sm 4:17). Eli podia suportar tudo, por mais terrível que fosse, pois esperava que isso acontecesse. No entanto, quando o mensageiro acrescentou: "e a arca de Deus foi tomada", uma expressão de extrema angústia tomou conta de seu rosto. O pensamento de que o seu pecado tinha desonrado a Deus e feito com que Ele retirasse a Sua presença de Israel foi mais do que ele podia suportar. Eli caiu para trás, "quebrou o pescoço e morreu" (1Sm 4:18).

A esposa de Fineias era fiel ao Senhor. A morte de seu sogro e de seu esposo, e, acima de tudo, a notícia de que a arca de Deus havia sido tomada, provocaram a sua morte também. Ela sentiu que a última esperança de Israel tinha desaparecido. Deu o nome de Icabode, ou "Inglório", ao filho que nasceu nessa hora de tanto sofrimento. Já quase morrendo, ela repetia com tristeza as palavras: "'A glória se foi de Israel!' porque a arca de Deus foi tomada" (1Sm 4:21).

Apesar de tudo, o Senhor não rejeitou Seu povo completamente e usou a arca para castigar os filisteus. A presença divina, embora invisível, acompanharia a arca para aterrorizar e destruir os transgressores da Sua santa lei. Os maus poderiam vencer por algum tempo, enquanto viam Israel ser castigado, mas viria o tempo em que eles também deveriam enfrentar a condenação de um Deus santo, que odeia o pecado.

Deuses Pagãos não Resistem à Arca de Deus

Comemorando sua vitória, os filisteus levaram a arca para Asdode e a deixaram no templo do deus Dagom. Eles imaginavam que o poder que acompanhava a arca passaria para eles e que, unido ao poder de Dagom, seria impossível serem derrotados.

Quando entraram no templo no dia seguinte, viram uma cena que os deixou

aterrorizados. Dagom estava caído diante da arca do Senhor. Os sacerdotes ergueram o ídolo com toda a reverência e o colocaram de volta no lugar.

Na manhã seguinte, porém, eles o encontraram quebrado, de forma muito estranha, caído diante da arca. A parte de cima desse ídolo era semelhante a um homem e a de baixo parecia um peixe. Todas as partes que se pareciam com o homem tinham sido quebradas, ficando inteiro só o corpo do peixe. Os sacerdotes e o povo ficaram horrorizados; acharam que isso era um mau sinal, anunciando a destruição que viria sobre eles e seus ídolos, diante do Deus dos hebreus. Tiraram a arca do templo e a colocaram em outro local, onde permaneceria sozinha.

Os moradores de Asdode foram atingidos por uma doença muito dolorosa e mortal. Quando se lembraram das pragas que caíram no Egito, disseram que era porque a arca estava entre eles e por isso estavam sofrendo tanto. Decidiram então levar a arca para Gate, mas a praga foi para lá também. Então os moradores da cidade a enviaram para Ecrom. Nesse lugar, o povo a recebeu aterrorizado e gritando: "Eles trouxeram a arca do Deus de Israel para cá a fim de matar a nós e a nosso povo" (1Sm 5:10). A obra do destruidor continuou até que "o clamor da cidade subiu até o Céu" (1Sm 5:12).

Como estavam com medo de ficar com a arca por mais tempo perto de suas casas, o povo a colocou em um campo aberto. Uma praga de ratos invadiu a terra e destruiu toda a colheita nos campos e nos celeiros. Completa destruição ameaçava toda a nação.

A arca ficou na terra dos filisteus por sete meses. Os israelitas não fizeram esforço algum para recuperá-la, mas os filisteus estavam ansiosos para se livrar dela. Em vez de ser uma fonte de poder, ela se tornou um pesadelo e uma grande maldição para eles. Os filisteus não sabiam o que fazer com a arca. O povo apelou aos líderes da nação, sacerdotes e adivinhos e perguntou: "O que faremos com a arca do Senhor? Digam-nos com o que devemos mandá-la de volta a seu lugar." Eles foram aconselhados a devolvê-la juntamente com uma oferta de grande valor. "Então", disseram os sacerdotes, "vocês serão curados" (1Sm 6:2, 3).

A Arca é Enviada a Bete-Semes

Por causa de uma superstição bastante comum que existia entre eles, os líderes filisteus recomendaram ao povo que fizesse imitações das pragas que os afligiam – "cinco tumores de ouro e cinco ratos de ouro, de acordo com o número de governantes filisteus, porquanto", eles disseram, "a mesma praga atingiu vocês e todos os seus governantes" (1Sm 6:4).

Aqueles homens sábios reconheciam que um poder misterioso acompanhava a arca, mas não aconselharam o povo a abandonar a idolatria para servir ao Senhor. Eles ainda odiavam o Deus de Israel, embora os juízos que o Senhor tinha lhes enviado os obrigassem a se submeter à Sua autoridade. Essa forma de submissão não salva o pecador. Devemos entregar o coração a Deus – ele deve ser dominado pela graça divina – para que Deus aceite o nosso arrependimento.

Como é grande a paciência de Deus para com os pecadores! Milhares de bênçãos, que nem mesmo foram notadas, caíram no caminho de pessoas ingratas e rebeldes. Ao se recusarem a ouvir a voz de Deus por meio das obras que Ele criou e pelos avisos e conselhos de Sua Palavra, Ele foi forçado a falar a elas por meio de Seus juízos.

Os sacerdotes e adivinhos insistiram com o povo para que não fizessem como Faraó e os egípcios e acabassem trazendo maiores sofrimentos sobre eles. Esses líderes religiosos apresentaram um plano que foi aceito por todos. A arca e os objetos feitos de ouro, que eles tinham enviado como oferta para reparar a culpa, foram colocados em um carro novo, para evitar qualquer perigo de contaminação. Duas vacas com cria que nunca tinham usado o jugo foram amarradas ao carro. Os bezerros ficaram presos no curral e eles soltaram as vacas para irem pelo caminho que desejassem. Se a arca fosse devolvida aos israelitas dessa maneira, pelo caminho de Bete-Semes, a cidade que ficava mais próxima dos levitas, os filisteus aceitariam isso como prova de que o Deus de Israel teria causado esse grande mal a eles. "Mas, se ela não for", eles disseram, "então saberemos que não foi a Sua mão que nos atingiu e que isso aconteceu conosco por acaso" (1Sm 6:9).

Quando as vacas foram soltas, elas largaram seus bezerros e se dirigiram para a estrada que levava direto a Bete-Semes. Mesmo não sendo guiados por mãos humanas, os animais seguiram por esse caminho. A presença divina acompanhou a arca com segurança até o lugar exato a que ela deveria chegar.

Os homens de Bete-Semes estavam fazendo a colheita no vale "e, quando viram a arca, alegraram-se muito. A carroça chegou ao campo de Josué, de Bete-Semes, e ali parou ao lado de uma grande rocha. Então cortaram a madeira da carroça e ofereceram as vacas como holocausto ao Senhor" (1Sm 6:13, 14). Os filisteus seguiram a arca "até a fronteira de Bete-Semes" (1Sm 6:12) e viram como foi recebida. A praga cessou e eles se convenceram de que as calamidades que caíram sobre eles haviam sido castigos enviados pelo Deus de Israel.

Pior que os Filisteus

O povo de Bete-Semes espalhou rapidamente a notícia de que a arca estava com eles, e muitos moradores das regiões ao redor se reuniram para celebrar sua volta. Eles ofereceram sacrifícios e, se os adoradores tivessem se arrependido de seus pecados, Deus os teria abençoado. Embora comemorassem a volta da arca como sendo um bom sinal, não tinham a verdadeira noção de sua santidade. Permitiram que ela ficasse no campo de colheita. Como ficavam olhando a todo instante para a arca sagrada, começaram a imaginar de onde poderia vir o poder especial que ela possuía. Por fim, não suportando mais a curiosidade, eles removeram os tecidos que a cobriam e se aventuraram a abri-la.

Israel tinha sido ensinado a olhar para a arca com respeito e reverência. Somente uma vez ao ano o sumo sacerdote tinha permissão para olhar para a arca de Deus. Mesmo os filisteus, que eram pagãos, não se atreveram a remover sua cobertura. Anjos do Céu, invisíveis aos olhos humanos, sempre a acompanhavam em todas as suas viagens. A ousadia e a irreverência do povo de Bete-Semes foi imediatamente castigada. Muitos morreram na hora.

Esse castigo não levou aqueles que sobreviveram a se arrepender de seu pecado, mas apenas a olhar para a arca com medo e superstição. Ansiosos para ficar livres da presença da arca, os moradores de Bete-Semes enviaram uma mensagem ao povo de Quiriate-Jearim, pedindo que a levassem embora. O povo desse lugar recebeu a arca sagrada com muita alegria e a colocou na casa de Abinadabe, um levita. Esse homem escolheu seu filho Eleazar para cuidar dela, e nesse lugar ela ficou por muitos anos.

Toda a nação reconheceu o chamado de Samuel para ser profeta. Ele provou sua fidelidade ao transmitir fielmente os avisos divinos à família de Eli, por mais doloroso e difícil que esse dever tenha sido para ele. “O Senhor estava com ele e fazia com que todas as suas palavras se cumprissem. Todo o Israel, desde Dã até Berseba, reconhecia que Samuel estava confirmado como profeta do Senhor” (1Sm 3:19, 20).

Samuel visitou as cidades e aldeias em todo o país, pois esperava que o povo convertesse o seu coração ao Deus de seus pais, e seus esforços trouxeram bons resultados. Depois de sofrer com a opressão de seus inimigos por vinte anos, todo o povo de Israel “buscava ao Senhor com súplicas”. Samuel os aconselhou: “Se vocês querem voltar-se para o Senhor de todo o coração, livrem-se então dos deuses estrangeiros e das imagens de Astarote, consagrem-se ao Senhor e prestem culto somente a Ele” (1Sm 7:2, 3). A religião prática era ensinada nos dias de Samuel da mesma maneira que Cristo ensinou mais tarde quando esteve na Terra.

O arrependimento é o primeiro passo que todos aqueles que desejam voltar para Deus devem dar. Devemos nos humilhar diante de Deus e jogar fora todos os nossos ídolos. Quando fizermos tudo o que pudermos, o Senhor nos mostrará a Sua salvação.

Samuel se Torna Juiz

Uma grande assembleia foi realizada em Mispá, e ali eles fizeram um jejum solene. Com profunda humildade de coração, o povo confessou seus pecados e concedeu a Samuel a autoridade de juiz.

Os filisteus acharam que essa reunião era um conselho de guerra e decidiram fazer com que os israelitas se dispersassem antes que seus planos chegassem a se concretizar. As notícias da aproximação dos filisteus causaram grande terror em Israel. O povo suplicou a Samuel: "Não pares de clamar por nós ao Senhor, o nosso Deus, para que nos salve das mãos dos filisteus" (1Sm 7:8).

Enquanto Samuel oferecia um cordeiro em sacrifício, os filisteus se aproximavam cada vez mais para a batalha. Então o Senhor todo-poderoso, que tinha dividido o Mar Vermelho e aberto o caminho para Israel passar através do Jordão, revelou Seu poder novamente. Uma terrível tempestade caiu sobre o exército que avançava, e aquela terra ficou coberta de corpos dos poderosos guerreiros, espalhados por toda a parte.

Os israelitas ficaram com muito medo, mas estavam cheios de esperança. Quando viram que seus inimigos estavam mortos, compreenderam que Deus os tinha perdoado. Embora não estivessem preparados para a batalha, eles pegaram as armas dos filisteus mortos e perseguiram o restante do exército que estava fugindo. Os israelitas ganharam essa vitória no mesmo campo onde vinte anos antes tinham sido derrotados pelos filisteus, quando os sacerdotes foram mortos e a arca de Deus foi tomada. Os filisteus foram derrotados tão completamente que entregaram todas as fortalezas que tinham tomado de Israel e evitaram entrar em conflito com eles por muitos anos. Outras nações seguiram o exemplo dos filisteus, e assim os israelitas desfrutaram paz até o fim do governo de Samuel como juiz.

Para que eles nunca mais se esquecessem desses acontecimentos, Samuel ergueu uma grande pedra como lembrança. Ele lhe deu o nome de Ebenézer, "a pedra da ajuda", e disse ao povo: "Até aqui o Senhor nos ajudou" (1Sm 7:12).

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 3-7.

As Escolas dos Profetas

Deus ordenou que os hebreus contassem aos filhos a maneira como Ele cuidou de seus antepassados. Deveriam sempre falar de Suas poderosas obras e da promessa da vinda de um Redentor. As ilustrações e símbolos fixavam as lições na memória de maneira que não fossem esquecidas. A mente ainda jovem era ensinada a ver Deus nas cenas da natureza e nas palavras da revelação. As estrelas, as árvores e as flores, as montanhas, os riachos, tudo falava do Criador. O culto no santuário e as mensagens dos profetas eram a revelação de Deus.

Essa foi a educação recebida por Moisés na terra de Gósen, a que Samuel recebeu de sua mãe Ana, de Davi, em Belém, de Daniel antes de ser separado de seus pais pelo cativeiro, de Cristo em Nazaré. Foi por meio dessa educação que o menino Timóteo aprendeu com sua avó Loide e sua mãe Eunice (2Tm 1:5; 3:15).

As escolas dos profetas ofereciam mais recursos para a instrução dos jovens. Se um deles desejasse se aprofundar mais na verdade para se tornar mestre em Israel, essas escolas estavam abertas para ele. Samuel fundou as escolas dos profetas para servir de barreira contra a corrupção que se espalhava por toda a parte, proporcionar bem-estar moral e espiritual aos jovens e promover a prosperidade da nação com líderes e conselheiros qualificados. Ele reuniu jovens que eram consagrados, inteligentes e estudiosos. Esses eram chamados de filhos dos profetas. Os instrutores possuíam grande conhecimento das verdades divinas e muitos deles tinham desfrutado a comunhão com Deus e recebido o Seu Espírito.

Nos dias de Samuel existiam duas dessas escolas – em Ramá e em Quiriate-Jearim. As outras foram fundadas algum tempo depois.

Os alunos se mantinham cultivando o solo ou fazendo algum trabalho manual. Em

Israel era considerado um crime permitir que as crianças crescessem sem conhecer a importância do trabalho útil. Toda criança aprendia alguma profissão, mesmo se ela tivesse que ser educada para exercer a função sagrada no santuário. Muitos mestres religiosos se mantinham com um trabalho manual. Muito tempo depois, no tempo dos apóstolos, Paulo e Áquila também ganharam o sustento fazendo tendas.

A lei de Deus, a história sagrada, a música sagrada e a poesia eram as principais matérias estudadas nessas escolas. O método de ensino era diferente do que é ensinado hoje nas escolas de Teologia, onde muitos alunos se formam conhecendo menos sobre Deus e as verdades religiosas do que quando entram. Nessas escolas, o objetivo de todo estudo era aprender sobre a vontade de Deus e o dever do homem para com Ele. Na história sagrada os alunos seguiam as pegadas de Deus. Grandes verdades apresentadas pelos símbolos do santuário eram trazidas à mente e, pela fé, eles podiam compreender o objetivo central de todo aquele sistema cerimonial – o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Os alunos eram ensinados não somente a orar, mas também a se aproximar de seu Criador, ter fé nEle e a entender e obedecer aos ensinos de Seu Espírito. A presença do Espírito de Deus era constantemente revelada por meio da profecia e do cântico sagrado.

O Edificante Ensino da Música

A música foi feita para dirigir os pensamentos para tudo o que é puro e nobre, e despertar a devoção e a gratidão a Deus. Quantos hoje usam esse dom para a exaltação própria em vez de glorificar a Deus! Dessa forma, o amor à música se torna uma das ferramentas mais poderosas de Satanás para desviar a mente do dever e das coisas eternas.

A música faz parte da adoração a Deus nas cortes do Céu, e em nossos cânticos de louvor devemos tentar nos aproximar o máximo possível da harmonia do coro celestial. Cantar se torna um ato de adoração tanto quanto a oração. O coração deve sentir a mensagem a ser transmitida pelo cântico para dar a ele a expressão correta.

Há muitas lições que os educadores de hoje podem aprender com as escolas antigas dos hebreus. O verdadeiro sucesso na educação depende da fidelidade com que cada um executa o plano apresentado pelo Criador.

O verdadeiro objetivo da educação é restaurar a imagem de Deus no ser humano. O pecado quase apagou essa imagem. O grande objetivo da vida é levar a humanidade de

volta à perfeição com que foi criada no princípio. Ao educar os jovens, é tarefa dos pais e professores cooperarem com o plano de Deus. Cada habilidade adquirida, cada dom que nos foi concedido pelo Criador deve ser usado para a Sua glória e para a edificação de outros.

Se esse princípio recebesse a atenção que ele merece, haveria uma mudança radical em alguns métodos de ensino atuais. Em vez de apelar para o orgulho e a ambição egoísta, os professores procurariam despertar o amor pela bondade, verdade e beleza. O aluno não tentaria ser melhor que os outros, mas cumprir o propósito do Criador e ser mais semelhante a Ele. Em vez de ser atraído para o desejo de exaltação própria, que atrofia e degenera a mente, o aluno seria direcionado ao Criador.

"O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, *e o conhecimento do Santo* é entendimento" (Pv 9:10). Transmitir esse conhecimento e moldar o caráter de acordo com ele deve ser o objetivo do trabalho realizado pelo professor. Por isso, o salmista afirma: "A minha língua cantará a Tua Palavra, pois todos os Teus mandamentos são justos" e "ganho entendimento por meio dos Teus preceitos" (Sl 119:172, 104). É por meio da Bíblia e do livro da natureza que podemos conhecer a Deus.

Aos poucos, a mente se adapta aos assuntos estudados. Se ela estiver ocupada somente com as coisas comuns, vai ficar atrofiada e fraca. Se a mente não for treinada para lidar com problemas difíceis, acabará perdendo quase todo o seu poder de desenvolvimento. A Bíblia, como nenhum outro livro, contém o verdadeiro poder para a educação. Ela veio direto da fonte pura da verdade eterna, e a mão divina preservou sua pureza ao longo dos séculos. Ela ilumina o passado mais distante, onde a pesquisa humana tenta em vão penetrar. Somente nela podemos encontrar a história da nossa raça sem a mancha do preconceito ou do orgulho humano. Nela estão registradas as lutas, as derrotas e as vitórias dos maiores homens que este mundo já conheceu. Nela, a cortina que nos separa do mundo invisível se ergue e podemos contemplar o conflito entre as forças contrárias do bem e do mal, desde que o pecado entrou neste mundo até o triunfo final da justiça e da verdade. Tudo isso é nada mais que uma revelação do caráter de Deus. O estudante é levado a manter comunhão com a mente infinita. Um estudo assim não deixará de aumentar e renovar as forças mentais.

A Bíblia revela os princípios que são a base da sociedade e uma proteção para a família. Se fosse estudada e obedecida, a Palavra de Deus daria ao mundo homens e mulheres de caráter forte e firme, de grande percepção e bom senso – pessoas que seriam uma bênção para o mundo.

Toda verdadeira ciência é uma interpretação da mensagem escrita pela mão de Deus no mundo material. As pesquisas científicas trazem apenas as provas mais recentes da sabedoria e do poder de Deus. Se forem corretamente entendidos, tanto o livro da natureza como a Palavra escrita, nos levarão a conhecer melhor a Deus e sempre nos ensinarão algo a respeito das leis sábias e úteis por meio das quais Ele trabalha.

Os professores devem imitar o exemplo do grande Mestre, que tirava ilustrações da natureza para simplificar Seus ensinos e fixá-los de maneira mais profunda na mente de Seus ouvintes. Os pássaros nos galhos frondosos, as flores no vale, as árvores altas, terras férteis, o grão germinando, o solo árido, o pôr do sol iluminando o céu com seus raios dourados – tudo servia de ilustração para as Suas lições. Ele unia as obras do Criador com as palavras de vida que transmitia ao povo.

A Religião Promove Saúde e Felicidade

Toda a natureza nos fala do amor do Criador. Este mundo não é só tristeza e miséria. "Deus é amor" está escrito em cada botão que desabrocha, nas pétalas de cada flor e em cada haste da vegetação. Há flores nos espinhos, e há espinhos escondidos nas rosas. Todas as coisas na natureza são uma prova do desejo que Deus tem de fazer Seus filhos felizes. Quando Ele proíbe alguma coisa não é para mostrar Sua autoridade. O Senhor deseja o melhor para os Seus filhos e não pede que abandonem coisa alguma que seja para o bem deles.

A ideia de que a religião não promove a saúde ou a felicidade é um dos erros mais perigosos. A Bíblia nos diz: "O temor do Senhor conduz à vida: quem O teme pode descansar em paz, livre de problemas" (Pv 19:23). As palavras de sabedoria "são vida para quem as encontra e saúde para todo o seu ser" (Pv 4:22).

A verdadeira religião nos leva a viver em harmonia com as leis de Deus: física, mental e moral. Ela nos ensina o domínio próprio, a serenidade, a temperança. A religião enobrece a mente, refina o gosto e santifica a capacidade de julgamento. A fé no amor de Deus e a confiança de que Ele dirige todas as coisas alivia a carga gerada pela ansiedade e pelos cuidados da vida. Enche o coração de alegria e de felicidade, não importando se a pessoa é rica ou pobre. A religião colabora para promover a saúde, prolongar a vida e aumentar a alegria que desfrutamos em todas as suas bênçãos. Ela abre diante de nós uma fonte de felicidade que nunca se acaba. Não há alegria verdadeira que possa ser encontrada no caminho proibido por Aquele que sabe o que é melhor para nós.

Podemos aprender muito ao estudar tanto a educação física como a religiosa que era praticada nas escolas dos hebreus. Há uma íntima relação entre a mente e o corpo. Para alcançar um padrão moral e intelectual elevado, devemos obedecer às leis que governam o nosso corpo físico.

Assim como foi nos dias do povo de Israel, hoje também todo jovem deve aprender e se dedicar a alguma forma de trabalho manual. Moços e moças deveriam aprender a trabalhar, mesmo se eles tivessem a certeza de que nunca necessitariam recorrer ao trabalho manual para se sustentarem. Sem o exercício físico, ninguém pode ter boa saúde. A disciplina de um trabalho realizado regularmente é essencial para manter a mente ativa e forte, como também um caráter nobre.

Todo estudante deveria dedicar uma parte de cada dia para realizar um trabalho físico. Isso protegeria os jovens de muitos males e práticas degradantes que normalmente são o resultado de viver na preguiça, sem ter o que fazer. E essa é uma atitude que está de acordo com o objetivo principal da educação.

Se os jovens pudessem sentir a bondade e o amor que o Pai do Céu tem por eles, a dignidade e honra que deseja lhes conceder – a ponto de se tornarem filhos e filhas de Deus – milhares se afastariam decididamente dos objetivos egoístas e dos prazeres que atraíram a sua atenção até o momento. Eles aprenderiam a odiar o pecado, não para receber uma recompensa ou por medo do castigo, mas pelo sentimento de ser algo verdadeiramente mau.

Deus não pede aos jovens que deixem de ter suas aspirações. Por Sua graça, devem estabelecer seus alvos bem mais elevados do que os meros interesses terrenos e egoístas – tão altos quanto o Céu é mais alto que a Terra.

A educação iniciada nesta vida continuará na vida futura. "Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que O amam" (1Co 2:9). Na vida futura, seremos completamente felizes e abençoados. Somente a eternidade pode revelar o futuro glorioso que homens e mulheres restaurados à imagem de Deus podem alcançar.

O Primeiro Rei*

Israel tinha um sistema de governo que era administrado em nome de Deus. O trabalho de Moisés, dos setenta anciãos, dos príncipes e juízes era simplesmente garantir que as leis dadas por Deus fossem cumpridas. Eles não tinham autoridade para criar novas leis. Essa foi a condição para que Israel existisse como nação.

O Senhor sabia que Israel um dia desejaria ter um rei, mas não mudou os princípios sobre os quais a nação foi fundada. O rei deveria ser um representante do Altíssimo e Deus era o líder da nação (ver Apêndice, Nota 7).

No início, quando os israelitas se estabeleceram em Canaã, a nação prosperou sob o governo de Josué. Entretanto, a interação com outras nações causou uma mudança. O povo adotou muitos costumes de seus vizinhos pagãos e não deram mais valor ao privilégio que tinham de ser o povo escolhido de Deus. Foram atraídos pela pompa e luxo dos reis pagãos e se cansaram da simplicidade de seu governo. A inveja se espalhou entre as tribos. As brigas internas enfraqueceram a nação. Tinham que enfrentar constantemente as invasões de seus inimigos pagãos, e o povo passou a crer que as tribos deveriam estar unidas sob um forte governo central. Queriam se libertar do governo de seu Soberano divino. O pedido para que fossem governados por um rei se espalhou por todo o Israel.

Durante a administração de Samuel a nação havia prosperado, a ordem tinha sido restaurada, a religiosidade promovida e o espírito de descontentamento afastado por algum tempo. Quando ficou mais velho, o profeta indicou seus dois filhos para trabalharem como seus auxiliares. Os moços ficaram em Berseba como juízes entre o povo que morava próximo à fronteira, no sul do país.

Os dois mostraram não ser dignos, pois “se tornaram gananciosos, aceitavam suborno e perverteram a justiça” (1Sm 8:3). Eles não procuraram imitar a vida pura e altruísta de seu pai. Ele foi, até certo ponto, bastante tolerante com seus filhos e o resultado foi visto de forma clara no caráter que revelavam.

Isso deu ao povo um motivo para insistir na mudança que fazia muito tempo desejavam em segredo. “Por isso, todas as autoridades de Israel reuniram-se e foram falar com Samuel em Ramá. E disseram-lhe: ‘Tu já estás idoso, e teus filhos não andam em teus caminhos; escolhe agora um rei para que nos lidere, à semelhança das outras nações” (1Sm 8:4, 5). Se Samuel soubesse da má conduta de seus filhos, ele os teria removido imediatamente, mas não era isso que o povo queria. Samuel viu que o verdadeiro motivo era o descontentamento e o orgulho. Não fizeram nenhuma queixa contra Samuel. Todos reconheciam que ele tinha governado com honestidade e sabedoria. O idoso profeta não fez nenhuma censura, mas levou o caso ao Senhor, em oração, e buscou o conselho dEle somente.

O Senhor Adverte Israel

O Senhor disse a Samuel: “Atenda a tudo o que o povo está lhe pedindo; não foi a você que rejeitaram; foi a Mim que rejeitaram como rei. Assim como fizeram comigo desde o dia em que os tirei do Egito, até hoje, abandonando-Me e prestando culto a outros deuses, também estão fazendo com você” (1Sm 8:7, 8).

O tempo de maior prosperidade de Israel foi quando o povo reconheceu o Senhor como seu Rei, quando acreditaram que as leis e o governo que Ele estabeleceu eram superiores aos de outras nações. Ao se afastarem da lei de Deus, os hebreus deixaram de ser o povo que o Senhor desejava fazer deles. Então culparam o governo de Deus por todos os males que resultaram das coisas erradas que fizeram.

O Senhor permitiu que o povo fizesse o que escolheu, pois se recusou a ser guiado por Seu conselho. Quando as pessoas decidem seguir seu próprio caminho, Ele muitas vezes concede o que desejam para que possam compreender o quanto estavam erradas. Qualquer desejo do coração que seja contrário à vontade de Deus acabará se tornando em maldição em vez de bênção.

Deus orientou Samuel para que atendesse ao pedido do povo, mas deveria adverti-los de que o Senhor não aprovava a ideia e dizer a eles também qual seria o resultado dessa escolha. Ele apresentou fielmente diante do povo os encargos que o rei colocaria sobre eles e o contraste entre essa forma de opressão e a liberdade e prosperidade que possuíam. O rei imitaria a vida de pompa e luxo de outros monarcas. Seria necessária a

arrecadação de impostos caros sobre suas propriedades. O rei exigiria para seu serviço os melhores moços dentre o povo. Eles se tornariam cocheiros, cavaleiros e mensageiros para irem à frente dele. Deveriam encher as fileiras de *seu* exército e ele exigiria que cultivassem *seus* campos, fizessem *suas* colheitas e fabricassem instrumentos de guerra para o *seu* serviço. Para manter o palácio real, ele exigiria o melhor de suas terras. Ele tomaria "para servi-lo" os melhores servos e o melhor gado. Além de tudo isso, o rei exigiria um dízimo de toda a renda, dos lucros de seu trabalho ou dos produtos do solo, "e vocês se tornarão escravos dele", concluiu o profeta. "Vocês clamarão, [...] e o Senhor não os ouvirá" (1Sm 8:11-18). Depois que a monarquia fosse estabelecida, eles não poderiam depor seu governo quando bem entendessem.

O Povo Rejeita a Deus como Rei

O povo deu então a resposta: "Não! Queremos ter um rei. Seremos como todas as outras nações; um rei nos governará, e sairá à nossa frente para combater em nossas batalhas" (1Sm 8:19, 20).

"Como as outras nações." Ser diferente das outras nações nesse sentido era um privilégio. Deus havia separado os israelitas de todos os outros povos para fazer deles Seu tesouro especial. Mesmo assim, eles desejavam imitar os pagãos! Quando aqueles que afirmam ser o povo de Deus se afastam do Senhor, seu maior desejo é alcançar as honras do mundo. Muitos insistem em que, ao se unirem com as pessoas do mundo e viverem de acordo com os seus costumes, podem exercer maior influência sobre os descrentes. Todos aqueles que seguem esse caminho separam-se da Fonte de sua força. Ao fazerem amizade com o mundo, passam a ser inimigos de Deus.

Samuel ouviu o povo com profunda tristeza. O Senhor disse a ele: "Dê-lhes um rei" (1Sm 8:22). O profeta apresentou fielmente a advertência, e eles a rejeitaram. Com dor no coração, ele se retirou para preparar a grande mudança no governo.

A vida de pureza e devoção de Samuel, sem qualquer forma de egoísmo, foi uma repreensão tanto para os sacerdotes que só pensavam neles mesmos, como para a congregação de Israel, orgulhosa e imoral. O trabalho realizado por Samuel tinha a aprovação do Céu. Ele foi honrado pelo Redentor do mundo, e sob Sua direção governou a nação hebreia. O povo, cansado de sua religiosidade, desprezou sua humilde autoridade e o rejeitou para dar lugar a um homem que os governasse como rei.

Podemos ver, no caráter de Samuel, uma semelhança com o caráter de Cristo. Foi a santidade de Cristo que provocou contra Ele os sentimentos e as atitudes mais cruéis por parte de pessoas falsas que se diziam fiéis a Deus. Os judeus esperavam por um

Messias que os libertasse da opressão de seus inimigos, mas continuavam praticando os mesmos pecados que os levavam a ser dominados por eles. Se Cristo tivesse aceitado e elogiado a demonstração de religiosidade dessas pessoas, elas O teriam aceitado como seu rei, mas não suportavam as repreensões destemidas que Ele fazia sobre seus hábitos errados. Tem sido assim em todas as épocas no mundo. Quando são repreendidos pelo exemplo daqueles que odeiam o pecado, os falsos cristãos se tornam agentes de Satanás para perseguir os fiéis.

Deus decidiu que Ele mesmo escolheria o rei de Israel. O escolhido foi Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamim.

"Sem igual entre os israelitas" (1Sm 9:2). Como uma pessoa de porte nobre e digno, alto e de boa aparência, dava a impressão de que tinha nascido para governar. Saul não possuía nenhuma das altas qualidades que constituem a verdadeira sabedoria. Não tinha aprendido a dominar seus impetuosos impulsos. Nunca havia sentido o poder renovador da graça divina.

Saul era filho de um chefe rico, mas realizava os trabalhos humildes de um lavrador. Certa vez, quando alguns dos animais de seu pai se perderam nas montanhas, Saul foi com um servo procurá-los. Como não estavam longe de Ramá, a casa de Samuel, o servo sugeriu que perguntassem ao profeta a respeito dos animais que estavam desaparecidos.

Ao se aproximarem da cidade, souberam que seria realizada uma cerimônia religiosa e que o profeta tinha acabado de chegar. O culto a Deus era realizado em todo o país. Como não havia cerimônias no tabernáculo, os sacrifícios foram oferecidos por algum tempo em outros lugares. As cidades dos sacerdotes e levitas, aonde o povo ia para receber instrução, foram escolhidas para a realização dessas cerimônias. Eram escolhidos normalmente os pontos mais altos nessas cidades como o lugar do sacrifício, por isso eram chamados de "lugares altos".

O Rei é Revelado a Samuel

Saul foi recebido pelo próprio profeta no portão da cidade. Deus revelou a Samuel que naquela hora o homem escolhido como rei de Israel apareceria na frente dele. Assim que se encontraram, o Senhor disse a Samuel: "Este é o homem de quem lhe falei; ele governará o Meu povo" (1Sm 9:17).

Depois de dar a Saul a certeza de que os animais perdidos tinham sido encontrados, Samuel insistiu com ele para que ficasse e assistisse à festa, e ao mesmo tempo deu a

entender o grande futuro que estava diante dele. “A quem pertencerá tudo o que é precioso em Israel, senão a você e a toda a família de seu pai?” (1Sm 9:20). O pedido para que fosse escolhido um rei tinha se tornado um assunto de grande interesse para toda a nação; mas, com muita humildade, Saul respondeu: “Acaso não sou eu um benjamita, da menor das tribos de Israel, e não é o meu clã o mais insignificante de todos os clãs da tribo de Benjamim? Por que estás me dizendo tudo isso?” (1Sm 9:21).

Samuel levou o estranho para o local da assembleia. Por determinação do profeta, o lugar de honra foi dado a Saul, e o melhor prato da festa foi servido a ele. Quando as cerimônias terminaram, Samuel levou o hóspede para a própria casa e conversou com ele, apresentando-lhe os grandes princípios sob os quais o governo de Israel tinha sido estabelecido, procurando assim prepará-lo para o importante cargo que ocuparia.

Quando Saul partiu para a casa de seu pai na manhã seguinte, o profeta saiu junto com ele. Depois que atravessaram a cidade, Samuel mandou que o servo fosse à frente. Então ele disse a Saul que ficasse um pouco mais para receber uma mensagem que Deus havia enviado para ele. “Samuel apanhou um jarro de óleo, derramou-o sobre a cabeça de Saul e o beijou, dizendo: ‘O Senhor o ungiu como líder da herança dEle’” (1Sm 10:1). Garantiu a Saul que ele seria capacitado pelo Espírito de Deus para o cargo que o esperava. “O Espírito do Senhor se apossará de você, [...] e será um novo homem. [...] Faça o que achar melhor, pois Deus está com você” (1Sm 10:6, 7).

Ao seguir Saul o seu caminho, todas as coisas aconteceram conforme predisse o profeta. Em Gibeá, sua cidade, um grupo de profetas que voltava do “lugar alto” cantava em louvor a Deus músicas de flauta e de harpa, um instrumento de cordas e um tamborim. Assim que Saul se aproximou, o espírito do Senhor desceu sobre ele também, e ele se uniu ao cântico de louvor e profetizou com eles. Falou de forma espontânea e com grande sabedoria, unindo-se fervorosamente a eles no culto de adoração. Aqueles que o conheciam exclamaram admirados: “O que aconteceu ao filho de Quis? Saul também está entre os profetas?” (1Sm 10:11).

O Espírito Santo realizou uma grande mudança nele. A luz da santidade divina brilhou nas trevas do coração natural. Ele se viu como era diante de Deus. Viu a beleza da santidade. Foi chamado para iniciar uma luta contra o pecado e compreendeu que nesse conflito a sua força deveria vir inteiramente de Deus. O plano da salvação, que antes lhe parecia vago e incerto, foi aberto diante dele e ele pôde compreender. O Senhor o abençoou, concedendo a ele coragem e sabedoria para assumir esse cargo elevado.

Saul é Aclamado Rei

A unção de Saul como rei não foi divulgada para toda a nação. A escolha de Deus deveria ser revelada publicamente por meio do lançamento de sorte. Para esse fim, Samuel convocou o povo de Mispá. Foi feita uma oração para pedir a direção divina, e então foi realizada a cerimônia solene de lançar sorte. Em silêncio, a multidão aguardava a escolha. Uma por uma, a sorte ia indicando a tribo, a família e a casa; e então Saul, o filho de Quis, foi indicado como a pessoa escolhida.

Saul não estava presente na assembleia; pois, ao sentir o peso da grande responsabilidade que estava para cair sobre si, ele se retirou às escondidas. Foi levado de volta para a congregação que observou com orgulho que ele tinha um porte real e formas nobres, "os mais altos só chegavam aos seus ombros". Samuel exclamou: "Vocês veem o homem que o Senhor escolheu? Não há ninguém como ele entre todo o povo." Em resposta, ouviu-se um grito de alegria alto e longo da multidão: "Viva o rei!" (1Sm 10:23, 24).

Samuel apresentou então ao povo "o direito do reino", declarando os princípios sobre os quais o governo monárquico se baseava. O rei não deveria agir como um monarca absoluto, mas manter seu poder em obediência à vontade do Altíssimo. Esse discurso foi registrado em um livro. Embora a nação tivesse desprezado a advertência dada por Samuel, o fiel profeta ainda se esforçava o máximo possível para preservar a liberdade do povo.

Enquanto a maioria do povo estava pronta para declarar Saul como seu rei, havia um grande grupo que não concordava. Ser escolhido como rei um homem da tribo de Benjamim, a menor tribo de Israel – ignorando tanto Judá como Efraim, as tribos maiores e mais poderosas – era uma afronta que eles não poderiam aceitar. Aqueles que mais insistiram para que tivessem um rei foram os mesmos que se recusaram a aceitar o homem escolhido por Deus.

Saul voltou a Gibeá, deixando Samuel à frente do governo como antes. Não tentou usar a força para receber seu direito ao trono. Pacificamente, voltou aos seus deveres no campo, deixando apenas com Deus o estabelecimento de sua autoridade.

Pouco tempo depois, os amonitas invadiram o território que ficava a leste do Jordão e ameaçaram a cidade de Jabes-Gileade. Os habitantes procuraram manter a paz oferecendo o pagamento de tributo aos amonitas. O rei sanguinário não concordou a não ser sob a condição de arrancar o olho direito de cada um deles.

Imediatamente, foram enviados mensageiros para buscar ajuda das tribos que viviam a oeste do Jordão. Saul, ao voltar à noite do campo, ouviu que o povo lamentava em alta voz e falava de uma grande calamidade. Quando ele soube da história vergonhosa e das ameaças, todas as suas forças adormecidas se despertaram. "O Espírito de Deus apoderou-se dele. [...] Apanhou dois bois, cortou-os em pedaços e, por meio dos mensageiros, enviou os pedaços a todo o Israel, proclamando: 'Isto é o que acontecerá aos bois de quem não seguir Saul e Samuel'" (1Sm 11:6, 7).

Trezentos e trinta mil homens se reuniram sob o comando de Saul. Marchando rapidamente, Saul e seu exército atravessaram o Jordão e chegaram próximo a Jabes "na alta madrugada". Dividindo o exército em três companhias, ele atacou o acampamento dos amonitas àquela hora da manhã, quando não suspeitavam do perigo e estavam menos prevenidos. Diante do pânico que se seguiu, eles foram derrotados em um grande massacre. "Aqueles que sobreviveram se dispersaram de tal modo que não ficaram dois juntos" (1Sm 11:11).

A prontidão e bravura de Saul, bem como as suas habilidades como general eram qualidades que o povo de Israel desejava em um monarca para que pudessem enfrentar as outras nações. Eles o saudaram como seu rei e atribuíram a honra da vitória às forças humanas, esquecendo-se de que, sem a bênção especial de Deus, todos os seus esforços teriam sido em vão. Alguns propuseram matar aqueles que no início se recusaram a reconhecer a autoridade de Saul. O rei interferiu dizendo: "Hoje ninguém será morto, pois neste dia o Senhor trouxe libertação a Israel" (1Sm 11:13). Em vez de considerar a vitória como sua, ele deu glória a Deus. Em vez de querer se vingar, demonstrou o espírito de perdão. Essa é uma prova inquestionável de que a graça de Deus habita no coração.

Samuel propôs então que fosse convocada uma assembleia nacional em Gilgal para confirmar a entrega do reino a Saul. Isso foi feito. "Ali ofereceram sacrifícios de comunhão ao Senhor, e Saul e todos os israelitas tiveram momentos de grande alegria" (1Sm 11:15).

Naquela planície, repleta de lembranças que traziam tantas emoções, estavam ali, em pé, Samuel e Saul; e quando cessaram as aclamações de boas-vindas ao rei, o idoso profeta pronunciou suas palavras de despedida como líder da nação.

Samuel tinha apresentado antes os princípios que deveriam governar tanto o rei como o povo, e ele desejava acrescentar às suas palavras o peso do exemplo dele mesmo. Desde menino, ele estivera ligado à obra do Senhor, e durante sua longa vida

tivera sempre um único objetivo – a glória de Deus e o maior bem de Israel.

Por causa do seu pecado, Israel havia perdido a fé em Deus e a convicção que tinham de Seu poder e sabedoria para governar a nação – perderam a confiança em Sua habilidade para manter Sua causa. Antes de conseguir encontrar a verdadeira paz, deveriam reconhecer e confessar o pecado do qual se tornaram culpados.

Samuel descreveu novamente toda a história de Israel, desde o dia em que Deus os tirou do Egito. O Rei dos reis havia lutado por eles em todas as suas batalhas. Muitas vezes, os pecados dos israelitas tinham mantido o povo sob o poder de seus inimigos; mas, assim que se desviavam de seus maus caminhos, a misericórdia de Deus levantava um libertador. O Senhor enviou Gideão e Baraque, "e Jefté e Samuel e os libertou das mãos dos inimigos que os rodeavam, de modo que vocês viveram em segurança". Quando estavam ameaçados de perigo declararam: "'Não! Escolha um rei para nós', embora o Senhor fosse o Rei", disse o profeta (1Sm 12:11, 12).

Em humilhação, o povo confessou o seu pecado, o próprio pecado do qual tinham sido culpados. "Ora ao Senhor, o teu Deus, em favor dos teus servos, para que não morramos, pois a todos os nossos pecados acrescentamos o mal de pedir um rei" (1Sm 12:19).

Samuel não deixou o povo desanimado, pois isso os teria impedido de fazer qualquer esforço para viver uma vida melhor. Se vissem a Deus como um Deus severo e não como um Deus perdoador estariam expostos a muitas tentações. "Não tenham medo", foi a mensagem dada por Deus por meio de Seu servo. "De fato, vocês fizeram todo esse mal. Contudo, não deixem de seguir o Senhor, mas sirvam o Senhor de todo o coração. Não se desviem, [...] o Senhor não os rejeitará, pois o Senhor teve prazer em torná-los o Seu próprio povo" (1Sm 12:20-22).

Samuel não disse nenhuma palavra de reprovação pela ingratidão com que Israel pagou sua longa vida de dedicação. Ao contrário, confirmou o seu incansável interesse por eles. "E longe de mim esteja pecar contra o Senhor, deixando de orar por vocês. Também lhes ensinarei o caminho que é bom e direito. Somente temam ao Senhor e sirvam-nO fielmente de todo o coração; e considerem as grandes coisas que Ele tem feito por vocês" (1Sm 12:23, 24).

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 8-12.

O Terrível Erro de Saul*

Depois da assembleia realizada em Gilgal, Saul dispensou o exército que havia convocado para derrotar os amonitas. Esse foi um grave erro. Seu exército estava cheio de esperança e coragem por causa da recente vitória. Se ele tivesse continuado a batalha contra os outros inimigos de Israel imediatamente, poderia ter promovido um ataque poderoso em favor da liberdade da nação.

Enquanto isso, os filisteus estavam ativos. Eles tomaram posse de algumas fortalezas nas colinas em Israel e depois se instalaram bem no centro do país. Durante o longo período de opressão, os filisteus procuraram se fortalecer proibindo os israelitas de trabalhar como ferreiros, assim não poderiam fazer armas de guerra. Depois, mesmo em tempo de paz, os hebreus ainda se submetiam a fazer esse trabalho para as tropas dos filisteus. Desmotivados pelo longo período de opressão, acabaram se acomodando. Assim, os homens de Israel, em grande parte, não se preocuparam em providenciar para eles as armas de guerra. Os israelitas poderiam obter arcos e funda, mas nenhum deles possuía lança ou espada, somente Saul e seu filho Jônatas.

Somente no segundo ano do reinado de Saul foi feita uma tentativa para dominar os filisteus. O primeiro ataque foi comandado por Jônatas, que venceu as primeiras tropas dos filisteus em Geba. Enfurecidos, os inimigos se prepararam para um ataque imediato a Israel. Saul declarou guerra pelo som da trombeta e convocou todos os homens de guerra da nação, incluindo as tribos que estavam do outro lado do Jordão, para se reunirem em Gilgal.

Os filisteus reuniram um exército imenso em Micmás – "trinta mil carros de guerra, seis mil condutores de carros e tantos soldados quanto a areia da praia" (1Sm 13:5). Saul e seu exército em Gilgal ficaram assombrados diante das forças poderosas

que teriam que enfrentar na batalha. Muitos ficaram tão apavorados que não ousaram participar desse encontro. Outros se esconderam em cavernas e entre as rochas que eram comuns nessa região. Ao se aproximar o momento do encontro dos dois exércitos, as deserções aumentaram e aqueles que não se retiraram estavam apavorados.

Quando Saul foi ungido como rei, recebeu instruções específicas de Samuel sobre o que deveria fazer num momento como esse: "Vá na minha frente até Gilgal. Depois eu irei também, para oferecer holocaustos e sacrifícios de comunhão, mas você deve esperar sete dias, até que eu chegue e lhe diga o que fazer" (1Sm 10:8).

Desencorajado pelas Circunstâncias

Dia após dia Saul esperava, mas sem motivar o povo e inspirar a confiança em Deus. Antes que o tempo indicado pelo profeta tivesse passado completamente, ele mesmo ficou desanimado diante das circunstâncias difíceis que o cercavam. Em vez de preparar o povo para a cerimônia que Samuel viria realizar, ele começou a duvidar. Buscar a Deus por meio do sacrifício era uma das cerimônias mais solenes. Deus ordenava que Seu povo examinasse seu coração e se arrependesse de seus pecados para que suas ofertas fossem aceitas e Ele pudesse abençoar seus esforços na conquista do inimigo. Saul estava ficando impaciente, e o povo, em vez de confiar em Deus para obter ajuda, estava buscando o rei para que os guiasse e os dirigisse.

Mesmo assim, o Senhor ainda cuidava de Seu povo e não o abandonou. Ele permitiu que passassem por situações difíceis para se convencerem da loucura que era confiar na força humana e de que deveriam se voltar para Ele como sua única fonte de apoio. Chegou o tempo em que Saul deveria ser provado. Ele dependeria de Deus e pacientemente esperaria, conforme tinha sido ordenado, demonstrando assim que Deus poderia confiar nele como líder de Seu povo, mesmo em situações difíceis? Ou abandonaria os princípios e mostraria que não era digno de sua sagrada responsabilidade? O rei de Israel ouviria o Rei dos reis? Levaria seus soldados amedrontados a voltarem sua atenção para Aquele em quem estão a força e o livramento eternos?

Cada vez mais impaciente, ele aguardava a chegada de Samuel, culpando a ausência do profeta pela angústia e deserção de seu exército. Chegou o dia esperado, mas o homem de Deus não apareceu. A providência divina deteve Seu servo. Achando que deveria fazer alguma coisa para acalmar o povo, Saul decidiu convocar a assembleia e oferecer o sacrifício para buscar a ajuda divina. As instruções dadas por Deus eram de

que somente os sacerdotes poderiam apresentar os sacrifícios diante dEle. Mas Saul ordenou: "Tragam-me o holocausto e os sacrifícios de comunhão" (1Sm 13:9), e então ele se aproximou do altar e ofereceu o sacrifício.

A Presunção de Saul

"Quando terminou de oferecê-lo, Samuel chegou, e Saul foi saudá-lo" (1Sm 13:10). Samuel viu de imediato que Saul havia violado as claras instruções que ele lhe tinha dado. Se Saul tivesse cumprido as condições para alcançar a ajuda divina que foi prometida, o Senhor teria realizado um maravilhoso livramento em favor de Israel. Saul estava tão satisfeito consigo mesmo que saiu para se encontrar com o profeta esperando aprovação para o que tinha feito e não uma crítica.

Samuel lhe perguntou: "O que você fez?", e Saul deu suas desculpas por ter tomado tal liberdade. "Quando vi que os soldados estavam se dispersando e que não tinhas chegado no prazo estabelecido, e que os filisteus estavam reunidos em Micmás, pensei: 'Agora os filisteus me atacarão em Gilgal, e eu não busquei o Senhor.' Por isso senti-me obrigado a oferecer o holocausto."

"Disse Samuel: 'Você agiu como tolo, desobedecendo ao mandamento que o Senhor, o seu Deus, lhe deu; se você tivesse obedecido, Ele teria estabelecido para sempre o seu reinado sobre Israel. Mas agora o seu reinado não permanecerá; o Senhor procurou um homem segundo o Seu coração e o designou líder de Seu povo'. [...] Então Samuel partiu de Gilgal e foi a Gibeá de Benjamim" (1Sm 13:11-15).

Ou Israel deixaria de ser o povo de Deus, ou a monarquia e a nação deveriam ser governadas pelo poder divino. Em Israel, nenhuma monarquia poderia prosperar se não reconhecesse a autoridade de Deus em todas as coisas.

Nesse tempo de prova, o erro de Saul revelou que ele não estava preparado para ser o representante de Deus e de Seu povo. Ele desencaminharia Israel. Sua vontade, e não a vontade de Deus, é que dominaria. Por ele ter fracassado, os planos de Deus deveriam ser cumpridos por outro que ocuparia o seu lugar. O trono de Israel deveria ser confiado a alguém que governasse o povo de acordo com a vontade do Céu.

A Razão do Erro Lamentável de Saul

Saul caiu no desagrado de Deus, mas não estava disposto a humilhar seu coração em verdadeiro arrependimento. Ele não ignorava a derrota de Israel quando Hofni e Fineias levaram a arca de Deus para o acampamento; e mesmo sabendo de tudo isso, mandou buscar a arca sagrada e o sacerdote que a acompanhava. Ele esperava assim

reunir o exército que tinha se dispersado e entrar na batalha contra os filisteus. Então poderia agir sem a interferência de Samuel e se livrar das inoportunas críticas e reprovações do profeta.

O Espírito Santo tinha sido concedido a Saul para lhe dar sabedoria e tornar seu coração mais calmo. No entanto, como foi teimoso em continuar no erro! Seu espírito impulsivo, que não foi educado para aceitar a submissão nos primeiros anos de vida, estava sempre pronto a se rebelar contra a autoridade divina. As pessoas não podem passar anos corrompendo as faculdades que Deus lhes deu e, mais tarde, quando decidirem mudar, encontrar essas faculdades renovadas e disponíveis para seguir um caminho totalmente contrário.

Os esforços de Saul para reunir seus soldados fracassaram. Com seu exército reduzido a seiscentos homens, ele se retirou para a fortaleza de Geba, ao sul de um vale profundo e acidentado, poucas milhas ao norte de Jerusalém. O exército filisteu estava acampado ao norte desse vale, em Micmás, e dali enviaria tropas em várias direções para devastar o país.

Jônatas é Honrado

Deus permitiu que a crise chegasse a esse ponto para repreender Saul e ensinar a Seu povo uma lição de humildade e fé. Por causa do pecado de Saul, ao oferecer ele mesmo o sacrifício, o Senhor não lhe daria a honra de vencer os filisteus. Jônatas, o filho do rei, um homem que temia ao Senhor, foi o escolhido. Movido pela direção divina, propôs um plano ao seu escudeiro para que fizessem um ataque secreto ao acampamento inimigo. "Talvez", ele insistiu, "o Senhor aja em nosso favor, pois nada pode impedir o Senhor de salvar, seja com muitos ou com poucos" (1Sm 14:6).

O escudeiro, que era também um homem de fé e oração, apoiou o plano. Juntos, saíram às escondidas do acampamento, para que ninguém os impedisse. Com oração fervorosa ao Guia de Israel, combinaram um sinal que os ajudaria a decidir o que fazer. Descendo pelo desfiladeiro que separava os dois exércitos, eles abriram caminho, silenciosamente, embaixo do penhasco, praticamente protegidos pelas rochas do vale. Ao se aproximarem da fortaleza, ficaram à vista de seus inimigos, que zombaram deles dizendo: "Vejam, os hebreus estão saindo dos buracos onde estavam escondidos. [...] Subam até aqui e lhes daremos uma lição" (1Sm 14:11, 12), e isso queria dizer que iriam punir os dois israelitas por se atreverem a ir até lá. Esse desafio era o sinal que Jônatas e seu companheiro tinham combinado como prova de que o Senhor estaria com eles nessa tentativa de ataque.

Escolhendo um caminho secreto e difícil, os dois guerreiros foram para o topo de uma rocha considerada impossível de ser escalada, e que não era fortemente guardada pelos inimigos. Assim, eles penetraram no acampamento do inimigo e mataram as sentinelas que, dominadas pela surpresa e pelo medo, não ofereceram resistência.

Anjos do Céu protegiam Jônatas e seu escudeiro; anjos lutavam ao seu lado, e os filisteus caíram diante deles. A terra tremia como se uma multidão com carros e cavaleiros estivesse se aproximando. Jônatas reconheceu os sinais da ajuda divina, e até os filisteus entenderam que Deus estava agindo para o livramento de Israel. Grande temor tomou conta do exército. Na confusão, os filisteus começaram a se matar uns aos outros.

Logo os rumores da batalha chegaram ao acampamento de Israel. As sentinelas do rei informaram que havia grande confusão entre os filisteus, e com grande baixa no número de soldados. Vendo que os filisteus estavam recuando, Saul levou seu exército até o local para se unir ao ataque. Os hebreus que tinham desertado para o lado do inimigo acabaram se voltando contra eles. Grande número deles também saiu de seus esconderijos. Enquanto os filisteus fugiam, o exército de Saul destruía os fugitivos.

Novamente Saul Age sem Pensar

Decidido a tirar o máximo de vantagem, impulsivamente o rei proibiu os soldados de comerem por um dia inteiro. "Maldito seja todo o que comer antes do anoitecer, antes que eu tenha me vingado de meus inimigos!" (1Sm 14:24). A vitória tinha sido ganha sem o conhecimento ou a cooperação de Saul, mas ele esperava receber as honras pela completa destruição do exército vencido. A ordem para proibir que os soldados se alimentassem mostrou que o rei era indiferente às necessidades de seu povo quando essas necessidades entravam em conflito com seu desejo de exaltação pessoal. Em suas palavras, seu objetivo não era "que o Senhor vingue Seus inimigos", mas que "*eu* tenha me vingado de *meus* inimigos".

O povo havia passado o dia todo envolvido na guerra e estava fraco por falta de alimento. Assim que passaram as horas de restrição, eles avançaram sobre o que sobrou dos inimigos e devoraram carne com sangue, transgredindo dessa maneira a lei que proibia comer sangue.

Jônatas não tinha ouvido a ordem do rei e, durante as horas de batalha daquele dia, sem saber de nada, desobedeceu comendo um pouco de mel quando passava por um bosque. Saul tinha declarado que qualquer um que transgredisse essa proibição seria punido com a morte. Embora Jônatas não fosse culpado de pecado voluntário e Deus

tivesse trazido o livramento por meio dele, o rei declarou que a sentença deveria ser executada. "Que Deus me castigue com todo rigor, caso você não morra, Jônatas!" (1Sm 14:44).

A Vida de Jônatas é Salva

Saul não poderia exigir para si a honra da vitória, mas ele esperava ser homenageado por seu zelo e por forçar a santidade de seu voto. Os soldados se recusaram a permitir que a sentença fosse executada. Desafiando a ira do rei, declararam: "Será que Jônatas, que trouxe esta grande libertação para Israel, deve morrer? Nunca! Juramos pelo nome do Senhor: Nem um só cabelo de sua cabeça cairá ao chão, pois o que ele fez hoje foi com o auxílio de Deus" (1Sm 14:45).

O livramento de Jônatas foi uma severa repreensão ao ato precipitado do rei. Saul teve um pressentimento de que as maldições que havia pronunciado recairiam sobre a cabeça dele mesmo. Ele voltou para casa, deprimido e insatisfeito.

Aqueles que estão mais prontos a dar desculpas para seu pecado são muitas vezes os mais severos ao condenar outros. Assim como Saul, muitos se recusam a ver a causa do seu problema em si mesmos quando se convencem de que o Senhor não está com eles. Consentem no julgamento cruel ou reprovação de outros que são melhores do que eles.

Aqueles que buscam a exaltação própria são colocados em situações em que seu verdadeiro caráter é revelado. Foi isso que aconteceu no caso de Saul. As honras reais eram mais importantes para ele do que a justiça, a misericórdia ou a generosidade. Assim, o povo foi levado a ver o seu erro. Tinham trocado o profeta piedoso, devotado, cujas orações haviam trazido tantas bênçãos, por um rei que orou rogando uma grande maldição sobre eles. Se os soldados de Israel não tivessem interferido, Jônatas, o seu libertador, teria morrido por decreto do rei. Depois disso, quantas dúvidas o povo deve ter guardado ao ser guiado por Saul! Quanta amargura trazia para eles o pensamento de que Saul tinha sido colocado no trono por sua própria escolha!

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 13 e 14.

Saul é Rejeitado*

Os erros de Saul ainda podiam ser reparados. O Senhor deu a ele outra oportunidade para aprender uma lição de fé incondicional em Sua palavra e de obediência às Suas ordens.

Quando Samuel o repreendeu em Gilgal, ele achou que tinha sido tratado injustamente e deu suas desculpas pelo erro cometido. Samuel amava Saul como se fosse seu filho, mas Saul se ofendeu por Samuel ter lhe chamado a atenção e desde aquele tempo evitava ao máximo se encontrar com ele.

Então o Senhor enviou Seu servo com outra mensagem para Saul: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: 'Castigarei os amalequitas pelo que fizeram a Israel, atacando-o quando saía do Egito. Agora vão, ataquem os amalequitas e consagrem ao Senhor para destruição tudo o que lhes pertence. Não os poupem; matem homens, mulheres, crianças, recém-nascidos, bois, ovelhas, camelos e jumentos'" (1Sm 15:2, 3). Por meio de Moisés, o Senhor havia pronunciado a sentença sobre os amalequitas. A história da crueldade desse povo contra Israel foi registrada com a ordem: "Vocês farão que os amalequitas sejam esquecidos debaixo do Céu. Não se esqueçam!" (Dt 25:19).

Durante quatrocentos anos, Deus havia adiado a execução dessa sentença, mas os amalequitas não se arrependeram de seus pecados. Havia chegado o momento de executar a sentença por tanto tempo adiada.

Para nosso Deus misericordioso, o castigo é um ato estranho: "'Juro pela minha vida', palavra do Soberano, o Senhor, 'que não tenho prazer na morte dos ímpios, antes tenho prazer em que eles se desviem dos seus caminhos e vivam'" (Ez 33:11). O Senhor é "Deus compassivo e misericordioso, paciente, cheio de amor e de fidelidade. [...]

Perdoa a maldade, a rebelião e o pecado. Contudo, não deixa de punir o culpado" (Êx 34:6, 7). Ele não tem prazer na vingança, mas executará o juízo sobre os transgressores de Sua lei. Ele é obrigado a fazer isso para proteger a população da Terra da corrupção total e da ruína. Para salvar alguns, devem ser eliminados aqueles que têm o coração endurecido pelo pecado.

Ao exigir que o juízo fosse executado, a misericórdia divina não era esquecida. Os amalequitas deveriam ser destruídos, mas os queneus, que viviam entre eles, seriam poupados. Esse povo, embora não estivesse totalmente livre da idolatria, adorava a Deus e mantinha boas relações de amizade com Israel.

Nova Chance

Ao receber as ordens para lutar contra os amalequitas, Saul declarou guerra imediatamente. Assim que os soldados de Israel foram convocados para a batalha, eles se reuniram sob sua bandeira. Os israelitas não deveriam receber as honras da vitória, nem os despojos de seus inimigos; deveriam participar da guerra apenas como um ato de obediência a Deus. O propósito de Deus era que todas as nações vissem a condenação desse povo que havia desafiado Sua soberania.

"E Saul atacou os amalequitas [...]. Capturou vivo Agague, rei dos amalequitas. [...] Mas Saul e o exército pouparam Agague e o melhor das ovelhas e dos bois, os bezerros gordos e os cordeiros. Pouparam tudo o que era bom, mas tudo o que era desprezível e inútil destruíram por completo" (1Sm 15:7-9).

Essa vitória despertou novamente o orgulho de Saul, e esse foi o seu maior perigo. Diante da ambição de tornar ainda maiores as honras do seu retorno triunfal, ele se aventurou a imitar os costumes das nações vizinhas e poupou a vida de Agague. O povo separou o que havia de melhor dos rebanhos, do gado e dos animais de carga justificando seu pecado com a desculpa de que os animais seriam oferecidos em sacrifício ao Senhor. Na verdade, eles pretendiam sacrificar esses animais no lugar daqueles que já possuíam.

A arrogância e a falta de consideração de Saul para com a vontade de Deus provaram que ele não era digno de confiança para reinar como representante do Senhor. Enquanto Saul e seu exército marchavam de volta para Israel desfrutando as emoções da vitória, havia grande angústia na casa de Samuel. Ele recebeu uma mensagem do Senhor: "Arrependo-Me de ter posto Saul como rei, pois ele Me abandonou e não seguiu as Minhas instruções" (1Sm 15:11). O profeta chorou e orou a noite toda pedindo que a sentença fosse retirada.

O arrependimento de Deus não é como o arrependimento humano. O arrependimento humano significa uma mudança de atitude. O arrependimento de Deus envolve uma mudança das circunstâncias e das relações. As pessoas podem mudar sua relação com Deus cumprindo as condições para receber o favor divino, ou podem ser colocadas fora de Sua graça por causa dos atos que elas mesmas praticam. A desobediência de Saul mudou seu relacionamento com Deus, mas as condições de aceitação da parte de Deus não mudaram. Ele "não muda como sombras inconstantes" (Tg 1:17).

Com muita tristeza, o profeta saiu na manhã seguinte para se encontrar com o rei que desobedecia constantemente às ordens divinas. Samuel ainda tinha a esperança de que Saul se arrependesse e Deus o aceitasse novamente. Humilhado por sua desobediência, Saul foi se encontrar com Samuel com a mentira na ponta dos lábios: "O Senhor te abençoe! Eu segui as instruções do Senhor" (1Sm 15:13).

Quando o profeta lhe fez diretamente a pergunta: "Então que balido de ovelhas é esse que ouço com meus próprios ouvidos? Que mugido de bois é esse que estou ouvindo?" Saul respondeu: "Os soldados os trouxeram dos amalequitas; eles pouparam o melhor das ovelhas e dos bois para sacrificarem ao Senhor, o teu Deus, mas destruímos totalmente o restante" (1Sm 15:14, 15). Para se defender, Saul estava disposto a culpar o povo pelo pecado da desobediência que ele mesmo havia cometido.

A mensagem da rejeição de Saul foi transmitida a todo o exército de Israel quando ainda estavam cheios de orgulho pela vitória que era atribuída ao heroísmo e à liderança de seu rei como grande general, pois Saul não deu nenhum crédito a Deus pelo êxito de Israel nesse combate. Quando o profeta viu a prova da rebelião de Saul, se encheu de indignação por Saul ter levado Israel ao pecado. Com um sentimento de tristeza e ira ao mesmo tempo, disse a Saul: "Fique quieto! Eu lhe direi o que o Senhor me falou esta noite. [...] Embora pequeno aos seus próprios olhos, você não se tornou líder das tribos de Israel? O Senhor o ungiu como rei sobre Israel" (1Sm 15:16, 17). Ele repetiu a ordem do Senhor para destruir Amaleque e perguntou a razão da desobediência do rei.

Saul Comprova sua Rebelião

Saul continuava se justificando: "Mas eu obedeci ao Senhor! Cumpri a missão que o Senhor me designou. Trouxe Agague, o rei dos amalequitas, mas exterminei os amalequitas. Os soldados tomaram ovelhas e bois do despojo, o melhor do que estava consagrado a Deus para destruição, a fim de os sacrificarem ao Senhor seu Deus, em

Gilgal" (1Sm 15:20, 21).

Com palavras solenes, o profeta pronunciou a sentença irrevogável: "Acaso tem o Senhor tanto prazer em holocaustos e em sacrifícios quanto em que se obedeça à Sua palavra? A obediência é melhor do que o sacrifício, e a submissão é melhor do que a gordura de carneiros. Pois a rebeldia é como o pecado da feitiçaria, e a arrogância como o mal da idolatria. Assim como você rejeitou a palavra do Senhor, Ele o rejeitou como rei" (1Sm 15:22, 23).

"Pequei", Saul exclamou, ao ouvir essa terrível sentença. "Violei a ordem do Senhor e as instruções que tu me deste. Tive medo dos soldados e os atendi" (1Sm 15:24). Atemorizado, Saul reconheceu sua culpa, mas continuou culpando seus soldados.

Não foi a tristeza pelo pecado, mas o medo do castigo que levou o rei de Israel a suplicar: "Agora imploro, perdoa o meu pecado e volta comigo, para que eu adore o Senhor" (1Sm 15:25). Se o arrependimento de Saul fosse verdadeiro, ele teria confessado seu pecado publicamente; mas a sua principal preocupação era manter sua autoridade e a fidelidade do povo. Ele desejava ter a honra da presença de Samuel para fortalecer sua influência.

"Não voltarei com você", foi a resposta do profeta. "Você rejeitou a palavra do Senhor, e o Senhor o rejeitou como rei de Israel!" (1Sm 15:26). Quando Samuel se virou para sair, o rei, na angústia do medo, agarrou-se ao manto do profeta para fazê-lo voltar, mas o manto se rasgou nas mãos dele. Ao ver isso, o profeta declarou: "O Senhor rasgou de você, hoje, o reino de Israel, e o entregou a alguém que é melhor que você" (1Sm 15:28).

Um ato de justiça, severo e terrível, ainda precisava ser realizado. Samuel ordenou que o rei dos amalequitas fosse trazido diante dele. Agague, criminoso e implacável, veio pela ordem do profeta, pensando que tinha passado o perigo de morte. "Samuel, porém, disse: 'Assim como a sua espada deixou mulheres sem filhos, também sua mãe, entre as mulheres, ficará sem seu filho.' E Samuel despedaçou Agague perante o Senhor, em Gilgal" (1Sm 15:33). Depois disso, Samuel voltou para Ramá.

Deus Fez Todo o Possível para Ajudar Saul

Quando chamado para ocupar o trono, Saul tinha pouco conhecimento, pouca experiência e graves defeitos de caráter. Ainda assim, o Senhor concedeu a ele o Espírito Santo e o colocou onde poderia desenvolver as qualidades que um governante de Israel necessitava. Se continuasse sendo humilde, toda boa qualidade se

desenvolveria, enquanto as más tendências perderiam o seu poder. Essa é a obra que o Senhor está disposto a fazer por todos aqueles que se consagram a Ele. Conhecerão seus defeitos de caráter, e Ele dará forças para que corrijam seus erros.

Quando assumiu o trono, Saul era humilde e não confiava tanto em si mesmo, mas o sucesso o tornou cheio de confiança própria. O valor e a habilidade militar que ele demonstrou no livramento de Jabes-Gileade despertou o entusiasmo de toda a nação. No início, ele atribuía a glória a Deus; mas, com o passar do tempo, começou a tomar a glória para si. Ele perdeu de vista a dependência de Deus e seu coração se desviou do Senhor. Essa atitude preparou o caminho para o pecado da presunção que cometeu em Gilgal. A mesma autoconfiança cega o levou a rejeitar a repreensão de Samuel. Se ele estivesse disposto a confessar seu erro, essa amarga experiência teria se tornado uma forma de proteção no futuro. Se o Senhor tivesse Se separado totalmente de Saul naquela época, não teria falado com ele novamente por meio do profeta, confiando-lhe uma tarefa para que pudesse corrigir os erros do passado.

Quando Saul continuou a se justificar insistentemente, ele rejeitou o único meio que Deus usaria para salvá-lo de si mesmo. Em Gilgal, a cerimônia religiosa que realizou em oposição direta à ordem de Deus somente o colocou mais longe ainda da ajuda que Ele estava disposto a lhe conceder. Na batalha contra Amaleque, o Senhor não Se agradou de uma obediência parcial. Deus nunca nos deu a liberdade de nos esquivarmos de obedecer aos Seus mandamentos.

A Obediência, Fruto da Fé

"A obediência é melhor do que o sacrifício" (1Sm 15:22). Sem a paciência, a fé e um coração obediente, as ofertas de sacrifício eram sem qualquer valor. Quando Saul propôs oferecer sacrifício daquilo que Deus ordenou que fosse destruído, estava demonstrando total desprezo pela autoridade divina. O sacrifício teria sido um insulto ao Céu. No entanto, muitos estão seguindo uma conduta semelhante. Apresentam a Deus sua adoração por meio de uma religião formal, recusando-se, ao mesmo tempo, a crer e a obedecer a um ou a outro mandamento do Senhor. Ele não pode aceitar aqueles que continuam a transgredir, voluntariamente, ainda que seja um de Seus mandamentos.

"Pois a rebeldia é como o pecado da feitiçaria, e a arrogância como o mal da idolatria" (1Sm 15:23). Os que se opõem ao governo de Deus já fizeram aliança com o maior dos apóstatas dos rebeldes. Ele fará com que todas as coisas apareçam sob uma falsa luz. Como nossos primeiros pais, aqueles que se encontram sob o seu poder de

encantamento veem apenas os grandes benefícios que receberão pela transgressão.

Muitos que estão sendo levados por Satanás dessa maneira enganam a si mesmos ao acreditar que estão a serviço de Deus. Nos dias de Cristo, os escribas e líderes judeus que demonstravam ser muito zelosos pela honra do nome de Deus crucificaram Seu Filho. Esse mesmo espírito ainda existe no coração daqueles que fazem a própria vontade, porque vivem contrariando a vontade de Deus.

A presunção fatal de Saul deve ser atribuída à magia satânica. Em sua desobediência à ordem divina ele foi tão verdadeiramente inspirado por Satanás como são aqueles que praticam a feitiçaria; e, quando foi repreendido, juntou a arrogância à rebelião. Ele não teria causado maior ofensa ao Espírito de Deus caso tivesse se unido abertamente aos idólatras.

No caso de Saul, Deus deu a Israel um rei de acordo com a vontade deles, conforme declarou o próprio profeta Samuel: "Agora, aqui está o rei que vocês escolheram, aquele que vocês pediram" (1Sm 12:13). Sua aparência física também estava de acordo com o que pensavam a respeito da dignidade real. Sua bravura e habilidade para liderar os exércitos eram as qualidades que consideravam como as mais prováveis para garantir o respeito de outras nações. Eles não pediram um rei que tivesse nobreza de caráter, que amasse e temesse a Deus. Não estavam procurando seguir a vontade divina, mas a própria vontade. Portanto, Deus deu a eles o rei que desejavam – um rei que tinha um caráter que era o reflexo deles mesmos.

Se Saul tivesse confiado em Deus, o Senhor estaria com ele. Quando Saul escolheu agir sozinho, sem depender de Deus, o Senhor foi obrigado a deixá-lo de lado. Então Ele chamou para ocupar o trono "um homem segundo o Seu coração" (1Sm 13:14) – um homem que confiaria em Deus e seria guiado por Seu Espírito; um homem que, quando pecasse, aceitaria a repreensão e a correção.

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 15.

Davi é Ungido Rei*

No vigor da adolescência, Davi cuidava de seus rebanhos enquanto pastavam nas colinas ao redor de Belém. O simples pastorzinho cantava as canções compostas por ele mesmo e a música de sua harpa acompanhava suavemente a bela melodia de sua voz juvenil. O Senhor estava preparando Davi para a tarefa que desejava lhe confiar alguns anos depois.

"O Senhor disse a Samuel: 'Até quando você irá se entristecer por causa de Saul? Eu o rejeitei como rei de Israel. Encha um chifre com óleo e vá a Belém; Eu o enviarei a Jessé. Escolhi um de seus filhos para fazê-lo rei. [...] Você irá ungir para Mim aquele que Eu indicar.' Samuel fez o que o Senhor disse. Quando chegou a Belém, as autoridades da cidade foram encontrar-se com ele, tremendo de medo, e perguntaram: 'Vens em paz?' Respondeu Samuel: 'Sim, venho em paz" (1Sm 16:1, 3-5). As autoridades aceitaram o convite para o sacrifício, e Samuel chamou Jessé e seus filhos. Toda a família de Jessé estava presente, menos Davi, o filho mais novo, que ficou cuidando das ovelhas.

Antes de participarem do banquete de sacrifício, Samuel começou a fazer a inspeção profética dos filhos de Jessé, todos de aparência nobre e bela. Eliabe era o mais velho e o que mais se parecia com Saul, por sua altura e beleza. Quando Samuel olhou para as suas formas de verdadeiro príncipe, pensou: "Com certeza é este que o Senhor quer ungir" (1Sm 16:6), e aguardou a permissão divina para ungi-lo.

Eliabe não temia ao Senhor. Seria um governante orgulhoso, severo e exigente. A ordem do Senhor a Samuel foi: "Não considere a sua aparência nem sua altura, pois Eu o rejeitei. O Senhor não vê como o homem: o homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração" (1Sm 16:7). Podemos aprender do engano de Samuel como é inútil julgar as pessoas pela beleza do rosto, pela aparência de nobreza ou estatura. Os pensamentos

de Deus com relação às Suas criaturas estão muito acima da nossa mente limitada. Ao submeterem sua vontade a Deus, Seus filhos ocuparão o lugar para o qual estão qualificados e capacitados, a fim de realizarem a obra que Ele colocou em suas mãos.

Chamado para o Banquete

Eliabe passou pela inspeção do profeta, e os seis irmãos que participavam da cerimônia passaram um após outro pelo profeta para que ele os observasse. Entretanto, o Senhor não escolheu nenhum deles. Com tristeza e pesar, Samuel olhou para o último dos moços. Perplexo e confuso, ele perguntou: "'Estes são todos os filhos que você tem?' Jessé respondeu: 'Ainda tenho o caçula, mas ele está cuidando das ovelhas.' Samuel disse: 'Traga-o aqui; não nos sentaremos para comer enquanto ele não chegar'" (1Sm 16:11).

O pastorzinho solitário ficou surpreso com a chegada inesperada do mensageiro que anunciou que o profeta viera de Belém e havia mandado chamá-lo. Por que o profeta e juiz de Israel desejaria vê-lo? Sem demora, ele saiu para atender ao chamado.

"Ele era ruivo, de belos olhos e boa aparência." Quando Samuel viu o belo, forte e simples pastor, o Senhor lhe disse: "É este! Levante-se e unja-o" (1Sm 16:12). Davi provou ser corajoso e fiel trabalhando como pastor, e Deus então o escolheu para ser o capitão de Seu povo. "Samuel apanhou o chifre cheio de óleo e o ungiu na presença de seus irmãos, e, a partir daquele dia, o Espírito do Senhor apoderou-se de Davi" (1Sm 16:13). Com o coração aliviado, o profeta voltou para Ramá.

A cerimônia da unção de Davi foi realizada em segredo. Foi para ele uma indicação do grande destino que o aguardava, pois em meio a todos os perigos que enfrentaria nos anos a seguir, esse conhecimento iria inspirá-lo a se manter fiel aos planos que Deus desejava realizar por meio dele.

A grande honra concedida a Davi não o tornou orgulhoso. Humilde e simples como era antes de ser ungido, o menino pastor voltou às colinas para cuidar de seus rebanhos. Com nova inspiração, ele compunha suas músicas e tocava sua harpa.

Diante de Davi se abria um cenário de grande e variada beleza. Ele viu o sol inundando o céu de luz, "como um noivo que sai de seu aposento e se lança em sua carreira com a alegria de um herói" (Sl 19:5). Havia altos cumes dos montes que pareciam alcançar o céu. Deus estava além do azul. A luz do dia iluminando a floresta e as montanhas, as campinas e os ribeiros, traziam à sua mente uma visão do Autor "de toda boa dádiva" (Tg 1:17). As revelações que recebia diariamente do caráter de Seu

criador enchiam o coração do jovem poeta de adoração e alegria. Sua capacidade mental e seu coração se desenvolviam cada vez mais, e ele mantinha uma comunhão mais íntima com Deus. Sua mente penetrava em temas sempre mais profundos para inspirar novos cânticos e despertar a música que ele fazia sair de sua harpa. Sua voz melodiosa enchia o ar como uma resposta ao cântico dos anjos no Céu.

Quem pode avaliar os resultados daqueles anos de trabalho árduo, quando ele vagueava entre as colinas solitárias de Belém? Os salmos do suave cantor de Israel reavivariam para sempre o amor e a fé no coração do povo de Deus, levando-o para mais perto do coração amoroso dAquele em que vivem e se movem todas as Suas criaturas.

Davi estava se preparando para ocupar uma elevada posição entre os mais nobres da Terra. Uma compreensão mais clara a respeito de Deus se abria diante de sua mente. Temas complicados eram esclarecidos, as dificuldades eram solucionadas, o que parecia confuso se harmonizava, os obstáculos eram vencidos. Cada raio de uma nova luz inspirava os mais doces cânticos de devoção para a glória de Deus e do Redentor. Ao ver o amor de Deus nos acontecimentos de sua vida, o coração de Davi pulsava na mais fervorosa adoração e gratidão a Ele. Sua voz ecoava na mais vibrante melodia; dedilhava sua harpa com a mais exultante alegria. Então o menino pastor avançava dia a dia, adquirindo maiores conhecimentos, pois o Espírito do Senhor estava sobre ele.

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 16:1-13.

Davi Enfrenta Golias*

Quando o rei Saul percebeu que tinha sido rejeitado por Deus, ele se encheu de amargura, revolta e desespero. Ele não entendia claramente qual era o seu pecado, nem procurou fazer uma reforma em sua vida. Não afastava de sua mente o pensamento de que era uma injustiça de Deus tirar o reinado de seus descendentes. Tinha um medo constante de que a ruína viesse sobre sua família. Não aceitou com humildade a punição dada por Deus. Seu coração orgulhoso entrou em desespero, a ponto de quase chegar à loucura.

Seus conselheiros recomendaram que procurasse um bom músico, na esperança de que a música suave de um instrumento acalmasse seu espírito perturbado. Davi, que tocava harpa com grande habilidade, foi levado perante o rei. Sua música inspirada pelo Céu teve o efeito desejado. A nuvem escura que cobria a mente de Saul logo desapareceu.

Sempre que necessário, Davi era chamado de volta para tranquilizar a mente do rei que vivia atormentado por seus pensamentos. Embora Saul demonstrasse que gostava de Davi e de sua música, o jovem pastor tinha uma sensação de alívio quando voltava do palácio do rei para as pastagens dos campos e colinas onde morava.

Davi era cada vez mais abençoado por Deus e querido pelos homens. Esteve na corte do rei e viu as responsabilidades que envolviam a realeza. Compreendeu alguns dos mistérios que via no caráter do primeiro rei de Israel. Ele sabia que em sua vida pessoal a família de Saul estava longe de ser feliz. Essas coisas perturbavam seus pensamentos, mas ele voltava a tocar a sua harpa e dela tirava os acordes que dirigiam sua mente ao Autor de todo bem, fazendo desaparecer as nuvens negras que pareciam escurecer o seu futuro.

Um Educador Especial para Davi

Assim como Moisés foi preparado para cumprir a sua missão, o Senhor também estava educando o filho de Jessé para se tornar o guia de Seu povo escolhido. Animais predadores se escondiam nas colinas solitárias e nas grutas por onde Davi pastoreava seus rebanhos. Era comum aparecer leões ou ursos, ferozes e famintos, para atacar os rebanhos. Davi estava armado apenas com sua funda e o cajado de pastor, mas protegia seu rebanho com muita coragem. Ao descrever esses ataques algum tempo depois, ele disse: "Quando aparece um leão ou um urso e leva uma ovelha do rebanho, eu vou atrás dele, dou-lhe golpes e livro a ovelha de sua boca. Quando se vira contra mim, eu o pego pela juba e lhe dou golpes até matá-lo" (1Sm 17:34, 35). Essa experiência desenvolveu sua coragem, força e fé.

Quando Israel declarou guerra contra os filisteus, três filhos de Jessé se uniram ao exército sob o comando de Saul, mas Davi ficou em casa. Passado algum tempo, ele foi visitar o acampamento. Seu pai pediu que levasse uma mensagem e um presente para seus irmãos mais velhos. No entanto, Jessé não sabia que o exército de Israel estava em perigo e que um anjo conduzia Davi para salvar seu povo.

Assim que Davi se aproximou do exército, Israel e os filisteus estavam se posicionando para a batalha, exército contra exército. Golias, o maior soldado dos filisteus, passou à frente e, com ofensas, zombou de Israel e desafiou o exército a escolher um de seus homens para lutar contra ele. Quando soube que o gigante os desafiava todos os dias, sem que aparecesse alguém para fazer calar o presunçoso filisteu, Davi se encheu de zelo, no desejo de defender a honra do nome de Deus.

O exército de Israel estava desanimado. Os soldados diziam uns aos outros: "Vocês viram aquele homem? Ele veio desafiar Israel" (1Sm 17:25).

Envergonhado e indignado, Davi exclamou: "Quem é esse filisteu incircunciso para desafiar os exércitos do Deus vivo?" (1Sm 17:26).

Mesmo sendo pastor de ovelhas, Davi tinha demonstrado ousadia, coragem e força raramente vistas. A vinda secreta de Samuel à casa de seu pai havia despertado suspeitas na mente de seus irmãos quanto ao verdadeiro objetivo da visita. Ficaram com ciúmes de Davi.

Assim, Eliabe considerou a pergunta de Davi como uma crítica à covardia dele mesmo por não tentar fazer algo para calar o gigante. O irmão mais velho exclamou furioso: "Por que você veio até aqui? Com quem deixou aquelas poucas ovelhas no

deserto? Sei que você é presunçoso e que o seu coração é mau; você veio só para ver a batalha." Davi respondeu com respeito, mas também com firmeza: "O que fiz agora? Será que não posso nem mesmo conversar?" (1Sm 17:28, 29).

Davi é Levado Perante o Rei

As palavras de Davi foram repetidas ao rei, que chamou o jovem para ir à sua presença. O jovem pastor lhe disse: "Ninguém deve ficar com o coração abatido por causa desse filisteu; teu servo irá e lutará com ele." Saul tentou conversar com Davi para fazê-lo mudar de ideia, mas o rapaz não se convenceu. "'O Senhor que me livrou das garras do leão e das garras do urso me livrará das mãos desse filisteu.' Diante disso Saul disse a Davi: 'Vá, e que o Senhor esteja com você'" (1Sm 17:32, 37).

Por quarenta dias o exército de Israel havia tremido diante dos desafios do gigante filisteu. Sua cabeça estava protegida por um capacete de bronze, ele usava uma couraça de metal que pesava cinco mil ciclos [57 quilos] e uma caneleira de bronze sobre as pernas. A couraça era feita de placas de bronze sobrepostas, como as escamas de um peixe, de tal forma que nenhuma flecha conseguia penetrar na armadura. O gigante carregava uma enorme lança, também de bronze. "A haste de sua lança era parecida com uma lançadeira de tecelão, e sua ponta de ferro pesava sete quilos e duzentos gramas. Seu escudeiro ia à frente dele" (1Sm 17:7).

De manhã e à tarde, Golias desafiava o acampamento de Israel, dizendo: "Escolham um homem para lutar comigo. Se ele puder lutar e vencer-me, nós seremos seus escravos; todavia, se eu o vencer e o puser fora de combate, vocês serão nossos escravos e nos servirão. [...] Eu desafio hoje as tropas de Israel" (1Sm 17:8-10).

O rei tinha pouca esperança de que Davi seria bem-sucedido em sua corajosa tentativa. Então deu ordens para que vestissem o jovem com a sua armadura. O pesado capacete de bronze foi posto em sua cabeça e a couraça de malha sobre seu corpo; a espada do rei foi colocada do lado. Equipado com toda aquela armadura, ele começou a caminhar na direção de Golias, mas logo voltou. Os espectadores ficaram preocupados pensando que Davi tinha resolvido não arriscar sua vida. Contudo, não era nisso que o corajoso rapaz estava pensando. Ao retornar, tirou a armadura do rei e, no lugar dela, pegou apenas o seu cajado e uma simples funda que usava como pastor. Escolheu cinco pedras lisas do ribeiro, colocou-as na bolsa que levava do lado, e com a funda na mão avançou em direção ao filisteu. .O gigante caminhou ousadamente com grandes passos em direção a ele, esperando encontrar o guerreiro mais poderoso de Israel. Seu escudeiro ia à frente dele como se nada pudesse detê-lo. Ao se aproximar um pouco

mais, viu apenas um rapaz, pouco mais que um garoto. O corpo saudável e em forma, desprotegido da armadura, era algo que impressionava. Mesmo assim, era marcante o contraste entre o tamanho do jovem e as enormes proporções do filisteu.

Golias Menospreza o Jovem Davi

Golias ficou surpreso e furioso. "Por acaso sou um cão", ele exclamou, "para que você venha contra mim com pedaços de pau?" Lançou terríveis maldições sobre Davi e gritou com total desprezo: "Venha aqui, e darei sua carne às aves do céu e aos animais do campo!" (1Sm 17:43, 44).

Davi não perdeu a coragem. Foi em frente e disse ao adversário: "Você vem contra mim com espada, com lança e com dardos, mas eu vou contra você em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou. Hoje mesmo o Senhor o entregará nas minhas mãos, eu o matarei e cortarei a sua cabeça. Hoje mesmo darei os cadáveres do exército filisteu às aves do céu e aos animais selvagens, e toda a terra saberá que há Deus em Israel. Todos os que estão aqui saberão que não é por espada ou por lança que o Senhor concede a vitória; pois a batalha é do Senhor, e Ele entregará todos vocês em nossas mãos" (1Sm 17:45-47).

Essas palavras, pronunciadas em alta voz, soaram pelo ar e foram ouvidas com clareza por milhares de soldados. Mais irado ainda, Golias empurrou para trás o capacete que protegia a testa em direção ao jovem. "Quando o filisteu começou a vir na direção de Davi, este correu para a linha de batalha para enfrentá-lo. Tirando uma pedra de seu alforje, arremessou-a com a atiradeira e atingiu o filisteu na testa, de tal modo que ela ficou encravada, e ele caiu, dando com o rosto no chão" (1Sm 17:48, 49).

Os dois exércitos tinham certeza de que Davi seria morto. Quando a pedra voou pelo ar indo direto para o alvo, viram o poderoso guerreiro tremer, levantar as mãos como se de repente tivesse ficado completamente cego. O gigante cambaleou, e como uma grande árvore tombou ferido ao chão.

Davi não esperou nem mais um instante. Saltou sobre o corpo caído do filisteu e pegou a espada de Golias com as duas mãos. Levantou-a no ar, e a cabeça do prepotente filisteu rolou de seu corpo. Um grito de vitória ecoou por todo acampamento de Israel.

Os filisteus bateram em retirada aterrorizados, e os hebreus vitoriosos saíram em perseguição aos seus inimigos que fugiram "até as portas de Ecrom". "Quando os israelitas voltaram da perseguição aos filisteus, levaram tudo o que havia no acampamento deles" (1Sm 17:52, 53).

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 16:14-23; 17.

A Fuga de Davi*

Depois que Golias foi morto, Saul ordenou que Davi morasse com ele no palácio, e não permitiu que voltasse para a casa de seu pai. Então "surgiu tão grande amizade entre Jônatas e Davi que Jônatas tornou-se o seu melhor amigo" (1Sm 18:1). Jônatas e Davi fizeram um acordo para serem unidos como irmãos, e o filho do rei "tirou o manto que estava vestindo e o deu a Davi, com sua túnica, e até sua espada, seu arco e seu cinturão" (1Sm 18:4). Mesmo assim, Davi manteve sua simplicidade e conquistou a simpatia do povo e também de toda a família real. Estava claro que ele era muito abençoado por Deus.

Saul reconhecia que o reino estaria mais seguro se tivesse ao seu lado alguém que recebesse instrução do Senhor. A presença de Davi poderia ser uma proteção para Saul quando saísse com ele para a guerra.

A mão de Deus uniu Davi a Saul. O cargo que Davi ocupava no palácio lhe daria a oportunidade de aprender a arte de governar e de ganhar a confiança da nação. As dificuldades que ele passou por causa da agressividade demonstrada por Saul o levaram a sentir o quanto dependia de Deus. A amizade de Jônatas também fazia parte do plano divino para proteger a vida daquele que seria o futuro líder de Israel.

Certa vez, quando Saul e Davi retornavam da batalha contra os filisteus, "as mulheres saíram de todas as cidades de Israel ao encontro do rei Saul com cânticos e danças, com tamborins, com músicas alegres e instrumentos de três cordas." Um grupo cantava: "Saul matou milhares", enquanto o outro respondia: "E Davi, dezenas de milhares" (1Sm 18:6, 7). O rei ficou furioso porque Davi foi mais exaltado do que ele. Em vez de dominar os sentimentos de inveja, ele exclamou: "Atribuíram a Davi dezenas de milhares, mas a mim apenas milhares. O que mais lhe falta senão o reino?" (1Sm

18:8).

O desejo de Saul pela exaltação pessoal era um sentimento que controlava todas as suas ações e pensamentos. Ele avaliava o que era certo ou errado de acordo com a aceitação popular. A ambição de Saul era ser sempre o primeiro entre os mais queridos pelo povo. Tinha certeza de que Davi queria conquistar o coração do povo e assumir o trono.

A Inveja Entra no Coração de Saul

Saul permitiu que o pecado da inveja entrasse em seu coração e envenenasse toda a sua vida. O rei de Israel estava colocando a sua vontade contra a vontade do Ser Infinito. Permitiu que as emoções controlassem suas decisões até ser totalmente dominado pela ira. Tinha acessos de raiva, momentos em que estava pronto para matar qualquer um que ousasse se opor à sua vontade. Depois desses ataques de loucura, caía em um estado de desânimo e depressão, e o remorso tomava conta de sua mente.

Ele gostava muito de ouvir Davi tocar a harpa, e isso parecia afastar o mau espírito por algum tempo. Um dia, enquanto Davi estava tocando uma música suave e cantando louvores a Deus, Saul, de repente, atirou uma lança contra ele. Deus poupou a vida de Davi, e ele conseguiu fugir do rei enfurecido.

Cada vez mais aumentava o ódio de Saul contra Davi, e o rei ficava atento a qualquer oportunidade para tirar sua vida, mas nenhum de seus planos contra o ungido do Senhor deu certo. Davi confiava nAquele que é poderoso para livrar. "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (Pv 9:10), e a oração de Davi era que pudesse andar de maneira perfeita diante de Deus.

Em pouco tempo, o povo percebeu que Davi era uma pessoa competente. Administrava os negócios sob sua responsabilidade com sabedoria e habilidade. Os conselhos dados por ele podiam ser seguidos com segurança, enquanto muitas vezes as decisões de Saul não eram confiáveis.

Saul tinha medo de Davi, pois todos viam que o Senhor estava com ele. O rei sentia que a vida de Davi era uma constante repreensão para ele. Em contraste, ele mesmo revelava ter um caráter inferior. A inveja tornava a vida de Saul miserável e infeliz. Que grande dano esse mau traço de caráter tem causado em nosso mundo! A inveja é fruto do orgulho e, se ficar guardada no coração, dará lugar ao ódio e, finalmente, levará ao assassinato.

O rei estava atento, esperando encontrar algum motivo que servisse de desculpa

para tirar a vida de Davi e não parecer culpado diante da nação pelo mau ato cometido. Ele armou uma cilada para Davi, insistindo para que este liderasse a guerra contra os filisteus com maior intensidade ainda, e prometeu a filha mais velha da família real em casamento, como recompensa. A humilde resposta de Davi a essa proposta foi: "Quem sou eu, e o que é minha família ou o clã de meu pai em Israel, para que eu me torne genro do rei?" (1Sm 18:18). Entretanto, o rei revelou sua falta de sinceridade fazendo com que a princesa se casasse com outro.

Mical, a filha mais nova de Saul, foi oferecida a Davi com a condição de que apresentasse provas de ter matado certo número de inimigos. "O plano de Saul era que Davi fosse morto pelos filisteus" (1Sm 18:25), mas Davi retornou vitorioso da batalha para se tornar genro do rei. "Mical o amava", porém o rei estava muito irado porque tinha mais certeza ainda de que esse era o homem que o Senhor dissera ser melhor do que ele e que reinaria em seu lugar. Não conseguindo mais esconder seus sentimentos, o rei ordenou aos seus oficiais que tirassem a vida daquele a quem tanto odiava.

Jônatas disse mais uma vez ao rei tudo o que Davi tinha feito para manter a honra e a vida da nação, e a culpa terrível que cairia sobre qualquer um que assassinasse aquele que Deus tinha usado para dispersar seus inimigos. A consciência do rei foi tocada e ele disse: "Juro pelo nome do Senhor que Davi não será morto" (1Sm 19:6). Davi voltou a trabalhar para Saul e o serviu diretamente como antes.

Davi Lidera o Exército à Vitória

Mais uma vez a nação declarou guerra aos filisteus, e Davi liderou o exército contra os inimigos. Os hebreus conseguiram uma grande vitória, e o povo fez grandes elogios à sabedoria e ao heroísmo de Davi. Isso despertou novamente o ódio que Saul guardava contra ele. Enquanto o jovem tocava sua harpa, enchendo o palácio com a suave harmonia da sua música, a ira de Saul se acendeu novamente e ele arremessou um dardo contra Davi, mas o anjo do Senhor desviou a arma que certamente o teria matado. Davi escapou e fugiu para sua própria casa. Saul enviou espiões para o prenderem na manhã seguinte, com a ordem de darem um fim à sua vida.

Mical informou Davi das intenções de seu pai. Insistiu com ele para que fugisse e o fez descer pela janela para conseguir escapar. Ele fugiu para a casa de Samuel em Ramá, onde o profeta recebeu o fugitivo. Foi ali, entre as colinas, que o honrado servo do Senhor continuou a sua missão. Um grupo de profetas que estava com ele procurou saber cuidadosamente qual era a vontade de Deus e com respeito ouviam as instruções dadas por Samuel. Davi aprendeu lições preciosas com o mestre de Israel. Essa relação

de Davi com Samuel despertou o ciúme do rei, pois ele temia que o profeta influenciasse a ascensão de seu rival ao trono. O rei enviou oficiais para levar Davi até Gibeá, onde pretendia matá-lo.

Deus Impede o Mal

Os mensageiros do rei partiram com o objetivo de tirar a vida de Davi, mas Alguém maior que Saul os comandava. Barrados por anjos invisíveis, eles começaram a falar e a profetizar sobre acontecimentos futuros e proclamavam a glória de Jeová. Assim, Deus revelou Seu poder para impedir o mal.

Muito irado, Saul enviou outro grupo de mensageiros. Estes foram dominados pelo Espírito de Deus e se uniram ao primeiro grupo para profetizar. O rei enviou um terceiro grupo, mas novamente influenciados pelo mesmo Espírito, também profetizaram.

Saul decidiu então ir ele mesmo até lá. Assim que Davi estivesse ao seu alcance, pretendia matá-lo com as próprias mãos, fossem quais fossem as consequências.

Um anjo do Senhor o encontrou e o poderoso Espírito de Deus o dominou. Ele continuou seu caminho orando a Deus, profetizando e cantando louvores. Quando chegou à casa do profeta em Ramá, tirou as roupas exteriores que indicavam sua posição social e ficou deitado na presença de Samuel e de seus alunos sob a influência do Espírito divino. O povo se reuniu para ver aquela cena estranha, e esse fato ocorrido com o rei foi muito comentado em todos os lugares ao redor.

Saul garantiu a Davi que estava em paz com ele, mas Davi não acreditava que o rei tivesse mudado de ideia. Ele deseja muito ver seu amigo Jônatas mais uma vez. Certo de que Jônatas era inocente, procurou-o e fez um apelo comovente a ele: "O que foi que eu fiz? Qual é o meu crime? Qual foi o pecado que cometi contra seu pai para que ele queira tirar a minha vida?" (1Sm 20:1).

Jônatas acreditava que seu pai tinha desistido de tirar a vida de Davi. "Nem pense nisso", respondeu Jônatas; "você não será morto! Meu pai não fará coisa alguma sem antes me avisar, seja importante ou não. Por que ele iria esconder isso de mim? Não é nada disso!" (1Sm 20:2).

Depois daquela demonstração impressionante do poder de Deus, Jônatas não podia acreditar que seu pai faria mal a Davi. Afinal, seria um ato de rebelião contra Deus.

Davi se Esconde de Saul

Mesmo assim, Davi não estava convencido e disse a Jônatas: "Eu juro pelo nome do Senhor e por sua vida que estou a um passo da morte" (1Sm 20:3).

Na época da lua nova, era celebrada uma festa sagrada em Israel. Todos esperavam que Davi e Jônatas participassem do banquete do rei. Davi ficou com medo de ir e montou um plano com Jônatas. Ele iria visitar seus irmãos em Belém. Ao voltar, ficaria escondido em um campo, não muito longe da sala do banquete, ausentando-se da presença do rei por três dias. Jônatas observaria as reações de Saul. Se o rei não demonstrasse nenhuma irritação, Davi poderia voltar para a corte em segurança.

No segundo dia, ao ver que o lugar de Davi estava vago, o rei perguntou: "'Por que o filho de Jessé não veio para a refeição, nem ontem nem hoje?' Jônatas respondeu: 'Davi me pediu, com insistência, permissão para ir a Belém. E ele disse: 'Deixe-me ir, pois nossa família oferecerá um sacrifício na cidade, e meu irmão ordenou que eu estivesse lá. Se conto com a sua simpatia, deixe-me ir ver meus irmãos.' Por isso ele não veio à mesa do rei'" (1Sm 20:27-29).

Quando Saul ouviu a resposta de Jônatas, ficou furioso. Disse que, enquanto Davi estivesse vivo, Jônatas não se tornaria rei. Mandou chamar Davi imediatamente para que fosse morto. Jônatas mais uma vez apelou em favor de seu amigo: "Por que ele deve morrer? O que ele fez?" (1Sm 20:32). Isso o enfureceu. Com uma ira satânica, Saul atirou contra o próprio filho a lança que desejava usar para matar Davi.

O príncipe ficou muito triste e ofendido. Saiu da presença de seu pai e foi ao local combinado, onde Davi deveria saber das intenções do rei para com ele. Eles choraram amargamente. Essa tenebrosa obsessão do rei lançou uma sombra sobre os jovens, e a dor que sentiam era intensa demais para que pudesse ser expressa. As últimas palavras de Jônatas a Davi, quando se separaram, foi: "Vá em paz, pois temos jurado um ao outro, em nome do Senhor, quando dissemos: 'O Senhor para sempre é testemunha entre nós e entre nossos descendentes'" (1Sm 20:42).

Davi se apressou para chegar a Nobe. O tabernáculo tinha sido levado de Siló para esse local, e ali Aimeleque ministrava como sacerdote. Ele olhou surpreso para Davi, que chegou correndo e que parecia estar sozinho. Perguntou então o que o havia levado até ali. Desesperado e com medo de ser descoberto, Davi recorreu ao engano. Disse ao sacerdote que tinha sido enviado pelo rei em uma missão secreta.

Fé Abalada

Nessa situação, Davi demonstrou falta de fé em Deus, e seu pecado resultou na morte do sumo sacerdote. Se ele tivesse falado a verdade, Aimeleque saberia o que fazer para poupar sua vida. Deus ordena que Seu povo fale a verdade, mesmo diante do maior perigo.

Doegue, chefe dos pastores de Saul, estava cumprindo seus votos no templo. Quando viu esse homem, Davi decidiu encontrar outro lugar em que pudesse se esconder. Pediu uma espada para Aimeleque, mas ele lhe disse que não tinha nada, a não ser a espada de Golias, que era guardada como relíquia no tabernáculo. Davi respondeu: "Não há outra melhor; dê-me essa espada" (1Sm 21:9).

Davi fugiu dali e foi procurar Aquis, rei de Gate, pois achou que estaria mais seguro entre os inimigos de seu povo do que nas terras dominadas por Saul. Disseram a Aquis que Davi era o homem que havia matado o maior guerreiro filisteu poucos anos antes. Davi, que procurava um lugar seguro entre os inimigos de Israel, corria grande perigo. Então, fingindo estar louco, ele enganou os inimigos e conseguiu escapar.

O primeiro erro de Davi foi não confiar em Deus quando estava em Nobe, e o seu segundo erro foi enganar Aquis. No momento em que teve que enfrentar provações, sua fé foi abalada, e a fraqueza humana veio à tona. Para ele, todo mundo parecia ser um espião ou traidor. Ao ser caçado e perseguido, a dúvida e a angústia quase o fizeram perder de vista seu Pai celestial.

Todo fracasso dos filhos de Deus ocorre por causa de sua falta de fé. Quando as sombras nos envolvem, devemos olhar para cima; há luz além da escuridão. Davi não deveria ter perdido a confiança em Deus. Ele era o ungido do Senhor. Se deixasse de pensar na situação difícil em que se encontrava e meditasse no poder e na majestade de Deus, teria encontrado paz mesmo em meio às sombras da morte.

Davi buscou abrigo e segurança nas montanhas de Judá. Fugiu para a caverna de Adulão, um local em que com poucos homens poderia se defender até mesmo de um grande exército. "Quando seus irmãos e a família de seu pai souberam disso, foram até lá para encontrá-lo" (1Sm 22:1). A família de Davi não se sentia segura sabendo que a qualquer momento as suspeitas injustas de Saul poderiam se voltar contra eles por causa de sua relação com Davi. Eles agora sabiam que tinham se tornado conhecidos em todo o Israel, e que Deus tinha escolhido Davi como o futuro rei de Seu povo. Acreditavam que estariam mais seguros com ele.

Na caverna de Adulão, a família estava unida em harmonia e amor. O filho de Jessé

podia agora compor suas melodias e tocar sua harpa. Tinha provado a amarga tristeza da desconfiança por parte de seus irmãos, e a harmonia que tomou o lugar dessa discórdia trouxe alegria ao coração daquele que se sentia exilado em sua terra.

Muitos tinham perdido a confiança no rei que governava Israel, pois podiam ver que não era mais dirigido pelo Espírito do Senhor. "Também se juntaram a ele todos os que estavam em dificuldades, os endividados e os descontentes; e ele se tornou o líder deles. Havia cerca de quatrocentos homens com ele" (1Sm 22:2). Ali, Davi era dono de um pequeno reino, comandado por ele, onde a ordem e a disciplina prevaleciam. Estava longe de se sentir seguro, pois sempre tinha provas de que o rei não tinha abandonado o objetivo de assassiná-lo.

Quando chegou o aviso de perigo por meio de um profeta do Senhor, Davi fugiu de seu esconderijo e foi para o bosque de Herete. Deus estava dando a Davi a oportunidade de fazer um curso de disciplina a fim de prepará-lo para se tornar um sábio general e um rei justo e bondoso.

Saul estava preparando uma emboscada para Davi e seu plano era capturá-lo na caverna de Adulão. Quando descobriu que Davi tinha deixado aquele esconderijo, o rei ficou furioso. A fuga de Davi era um mistério para Saul. Haveria traidores em seu acampamento que informavam o filho de Jessé sobre seus planos?

Terrível Massacre

Saul disse aos seus conselheiros que havia uma conspiração contra ele, e os subornou com ricos presentes e promessas de altos cargos no reino para revelarem quem entre seu povo teria passado informações a Davi. Doegue, o edomita, tornou-se o informante. Movido pela ambição e pela cobiça, como também por causa do ódio que sentia pelo sacerdote que havia reprovado seus pecados, Doegue falou sobre a visita de Davi a Aimeleque, de tal forma que acendeu a ira de Saul contra o homem de Deus. Enlouquecido de raiva, Saul declarou que toda a família do sacerdote deveria morrer. Não somente Aimeleque, mas todos os membros da família – "oitenta e cinco homens que usavam a túnica de linho" – foram mortos por ordem do rei, pelas mãos de Doegue. Saul fez tudo isso sob o domínio de Satanás.

Esses atos encheram de terror todo o Israel. O rei, aquele que eles tinham escolhido, havia cometido essa terrível afronta. A arca estava com eles, mas os sacerdotes foram todos mortos à espada. O que aconteceria a seguir?

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 18-22.

A Grandeza do Coração de Davi*

Um dos filhos de Aimeleque, chamado Abiatar, neto de Aitube, escapou e fugiu para junto de Davi. Ele contou a Davi que Saul tinha matado os sacerdotes do Senhor. Então Davi disse a Abiatar: "Naquele dia, quando o edomita Doegue estava ali, eu sabia que ele não deixaria de informar a Saul. Sou responsável pela morte de toda a família de seu pai. Fique comigo, não tenha medo; o homem que está atrás de sua vida também está atrás da minha. Mas você estará a salvo comigo" (1Sm 22:22, 23).

O corajoso grupo de Davi se retirou para o deserto de Zife, ainda perseguido pelo rei. Nesse momento, com tão pouca esperança em seu caminho, Davi recebeu a visita inesperada de Jônatas. Esses dois amigos contaram suas diferentes experiências um ao outro. Jônatas alegrou o coração de Davi, dizendo: "Não tenha medo, [...] meu pai não porá as mãos em você. Você será rei de Israel, e eu lhe serei o segundo em comando. Até meu pai sabe disso" (1Sm 23:17). O fugitivo ficou muito animado. "Os dois fizeram um acordo perante o Senhor. Então, Jônatas foi para casa, mas Davi ficou em Horesa" (1Sm 23:18).

Os zifeus mandaram um recado para Saul, em Gibeá, dizendo que eles sabiam onde Davi estava se escondendo e que levariam o rei até lá. Davi, avisado sobre as intenções deles, mudou de lugar, escondendo-se nas montanhas entre Maom e o Mar Morto.

Outra vez Saul recebeu uma mensagem: "Olhe! Davi está no deserto de En-Gedi." "Então Saul tomou três mil de seus melhores soldados de todo o Israel e partiu à procura de Davi e seus homens, perto dos rochedos dos Bodes Selvagens" (1Sm 24:2). Davi tinha somente seiscentos homens com ele. Numa caverna afastada, o filho de Jessé esperou pela orientação de Deus sobre o que fazer.

À medida que Saul subia as montanhas, entrou sozinho exatamente na mesma caverna em que Davi e seu grupo estavam escondidos. Quando os homens de Davi viram isso, insistiram com seu líder para que matasse Saul. Agora, o rei estava sob seu poder – prova certa de que o próprio Deus tinha posto o inimigo em suas mãos para que eles o pudessem destruir. Davi foi tentado a concordar com esse ponto de vista, mas a voz da consciência lhe disse: "Não toque no ungido do Senhor."

Os homens de Davi lembraram seu comandante das palavras de Deus: "'Entregarei nas suas mãos o seu inimigo para que você faça com ele o que quiser.' Então Davi foi com muito cuidado e cortou uma ponta do manto de Saul" (1Sm 24:4).

Saul se levantou e saiu da caverna para continuar a busca, quando ouviu algo que o deixou assustado: "Ó rei, meu senhor!" (1Sm 24:8). Quem estava falando com ele? O filho de Jessé, o homem que ele tanto queria matar. Davi se curvou. Então disse ao rei: "Hoje o rei pode ver com seus próprios olhos como o Senhor o entregou em minhas mãos na caverna. Alguns insistiram que eu o matasse, mas eu o poupei, pois disse: 'Não erguerei a mão contra meu senhor, pois ele é o ungido do Senhor'. Olha, meu pai, olha para este pedaço de teu manto em minha mão! Cortei a ponta de teu manto, mas não te matei. Agora entende e reconhece que não sou culpado de fazer-te mal ou de rebelar-me. Não te fiz mal algum, embora estejas à minha procura para tirar-me a vida" (1Sm 24:10, 11).

Saul ficou muito emocionado ao perceber que estivera completamente sob o poder do homem a quem ele tentava matar. Com espírito manso, respondeu: "'É você, meu filho Davi?' E chorou em alta voz. 'Você é mais justo do que eu', disse a Davi. 'Você me tratou bem, mas eu o tratei mal. [...] Quando um homem encontra um inimigo e o deixa ir sem fazer-lhe mal? O Senhor o recompense com o bem, pelo modo como você me tratou hoje. Agora tenho certeza de que você será rei e de que o reino de Israel será firmado em suas mãos'" (1Sm 24:16, 17; 19, 20). Davi fez um juramento a Saul de que ele não eliminaria os seus descendentes.

Quando Saul voltou para casa, Davi permaneceu nas montanhas, pois não podia confiar nas palavras do rei.

Depois que homens mal-intencionados fazem e dizem coisas más contra os servos do Senhor, o Espírito do Senhor trabalha com eles e, às vezes, eles humilham o coração diante daqueles que queriam destruir. Quando voltam a abrir a porta para o mal, o velho ódio é despertado e eles voltam a fazer as mesmas coisas das quais se arrependeram. Satanás pode usar essas pessoas com um poder muito maior que antes,

porque elas pecaram contra maior luz.

Arrependidos de Ter Pedido um Rei

"Samuel morreu, e todo o Israel se reuniu e o pranteou; e o sepultaram onde tinha vivido, em Ramá" (1Sm 25:1). Um grande e bom profeta, um nobre juiz tinha falecido. Desde sua juventude, Samuel tinha vivido em Israel com pureza de coração. Apesar de o rei ser Saul, Samuel havia exercido uma influência mais poderosa que ele, porque foi descrito como alguém de fidelidade e devoção.

O povo viu o erro que havia cometido ao desejar um rei a fim de que não fossem diferentes das nações ao redor. Muitos olharam assustados para a condição da sociedade, que rapidamente se tornava corrompida pela maldade. Israel tinha motivos para chorar, pois Samuel, o profeta do Senhor, estava morto.

A nação perdera aquele a quem o povo estava acostumado a procurar para apresentar suas grandes dificuldades – aquele que intercedia constantemente diante de Deus pelos maiores interesses do povo. Suas orações lhes davam um sentimento de segurança, porque "a oração de um justo é poderosa e eficaz" (Tg 5:16). O rei parecia quase um louco. A justiça estava corrompida e a ordem tinha se transformado em confusão.

O pensamento de todos se encheu de amargura ao olharem para o lugar silencioso em que Samuel descansava. Lembraram-se de sua loucura ao rejeitá-lo como governador, pois ele tinha uma ligação tão forte com o Céu que parecia ligar todo o Israel ao trono de Jeová. Samuel tinha lhes ensinado a amar e a obedecer a Deus, mas agora estava morto. O povo sentiu estar abandonado à vontade de um rei ligado a Satanás e que os separaria de Deus e do Céu.

Davi sabia que a morte de Samuel tinha quebrado outra barreira que impedia as ações de Saul. Ele se sentiu menos seguro do que quando o profeta vivia. Então fugiu para o deserto de Parã. Com o pensamento de que o profeta estava morto e de que o rei era seu inimigo, cantou, naquelas regiões solitárias:

"O seu protetor se manterá alerta, sim, o protetor de Israel não dormirá; [...].

O Senhor protegerá a sua saída e a sua chegada, desde agora e para sempre" (Salmo 121:3-8).

O Fazendeiro Mesquinho

Davi e seus homens protegeram os rebanhos de um homem rico chamado Nabal.

Esse homem tinha muitas posses em Parã. Nabal era mal-humorado e tinha um caráter mesquinho.

Estava na época de tosar as ovelhas, um período de hospitalidade. Davi e seus homens precisavam de mantimentos, e o filho de Jessé enviou dez jovens para falar com Nabal, instruindo-os a cumprimentá-lo em nome de seu mestre: "Muita paz para o senhor e sua família! E muita prosperidade para tudo o que é seu! Sei que você está tosquiando suas ovelhas. Quando os seus pastores estavam conosco, nós não os maltratamos, e durante todo o tempo em que estiveram em Carmelo [não o Monte Carmelo, mas um lugar no território de Judá] não se perdeu nada que fosse deles. Pergunte a eles, e eles lhe dirão. [...] Por favor, dê a nós, seus servos, e a seu filho Davi o que puder" (1Sm 25:6-8).

Quando esse homem rico recebeu o pedido para separar parte de sua fartura para socorrer às necessidades dos homens que lhe prestaram um serviço tão valioso, a resposta de Nabal revelou seu caráter: "Quem é Davi? Quem é esse filho de Jessé? Hoje em dia muitos servos estão fugindo de seus senhores. Por que deveria eu pegar meu pão e minha água, e a carne do gado que abati para meus tosquiadores, e dá-los a homens que vêm não se sabe de onde?" (1Sm 25:10, 11).

Davi ficou furioso. Ele decidiu castigar o homem que negou o que era seu direito e não apenas o havia prejudicado, mas insultado. Esse ato impulsivo se parecia mais com o caráter de Saul do que com o de Davi. O filho de Jessé ainda tinha que aprender a ser paciente.

A Sábia Esposa de Nabal

Sem consultar o marido, Abigail preparou um grande suprimento de comida e o enviou sem demora aos cuidados dos servos. Enquanto isso, ela mesma se colocou a caminho para se encontrar com Davi. Quando Abigail viu Davi, "desceu depressa do jumento e prostrou-se perante Davi, rosto em terra. Ela caiu a seus pés e disse: 'Meu senhor, a culpa é toda minha. Por favor, permite que tua serva te fale; ouve o que ela tem a dizer'" (1Sm 25:23, 24). Abigail falou com Davi com tanto respeito que parecia que estava falando com um rei em seu trono. Com palavras bondosas, tentou acalmar a raiva que Davi sentia. Cheia da sabedoria e do amor de Deus, deixou claro que a atitude mal-educada de seu marido não foi planejada, mas era simplesmente o impulso de uma personalidade infeliz e egoísta. Assim, apresentou o rico suprimento como uma oferta de paz aos homens de Davi. Ela disse: "O Senhor certamente fará um reino duradouro para ti, que travas os combates do Senhor. E em toda a tua vida, nenhuma culpa se ache

em ti" (1Sm 25:28). Abigail quis dizer que Davi deveria lutar nos combates do Senhor; ele não deveria buscar vingança por prejuízos pessoais, mesmo que fosse perseguido como um traidor. Continuou: "Quando o Senhor tiver feito a meu senhor todo o bem que prometeu e te tiver nomeado líder sobre Israel, meu senhor não terá no coração o peso de ter derramado sangue desnecessariamente, nem de ter feito justiça com tuas próprias mãos" (1Sm 25:30, 31).

Como o perfume de uma flor, a bondade de Abigail se revelou em seu rosto, palavra e ação. O Espírito de Deus habitava em seu coração. Suas palavras, temperadas com graça, carregavam a influência celestial. Davi tremeu ao refletir nas suas intenções precipitadas. "Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus" (Mt 5:9). Quem dera existissem muito mais pessoas como essa mulher de Israel, que acalmassem sentimentos de ira, evitassem intenções precipitadas de se realizar e impedissem grandes desgraças por palavras de calma sabedoria.

A raiva de Davi passou por causa do poder da influência e dos argumentos de Abigail. Ele se convenceu de que tinha perdido o controle do próprio espírito. Com coração humilde, aceitou a repreensão, em harmonia com suas próprias palavras: "Fira-me o justo com amor leal e me repreenda, mas não perfume a minha cabeça o óleo do ímpio, pois a minha oração é contra as práticas dos malfeitores" (Sl 141:5). Ele agradeceu e a abençoou por ter lhe dado bons conselhos. Quão poucos se sentem agradecidos por receber uma repreensão e abençoam os que tentam evitar que sigam um mau caminho.

Remorso e Medo Tiram a Vida de Nabal

Quando Abigail voltou para casa, encontrou Nabal e seus convidados numa festa em que havia bebida alcoólica. Então, na manhã seguinte, ela contou ao marido o que tinha acontecido ao se encontrar com Davi. Quando ele se deu conta de quão perto da morte sua loucura o havia levado, ficou paralisado, horrorizado e desmaiou, sem forças. Dez dias depois, morreu. No meio de sua diversão, Deus disse a ele, como ao homem rico da parábola: "Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida" (Lc 12:20).

Depois de algum tempo, Davi se casou com Abigail. Ele já era casado com uma mulher, mas o costume das nações de sua época havia deturpado sua percepção do certo e do errado. Durante toda a sua vida, Davi sentiu os terríveis resultados de se casar com muitas mulheres.

Os zifeus, na esperança de ganhar o favor do rei, novamente informaram onde Davi estava escondido. Mais uma vez, Saul convocou seu exército e os liderou na busca

por Davi. Espiões amigos trouxeram uma mensagem ao filho de Jessé. Com apenas alguns de seus homens, Davi saiu para descobrir onde estava o inimigo.

Já estava escuro quando Davi e seus homens chegaram ao acampamento do rei e seu exército. Sem serem percebidos, viram o acampamento em silêncio, dormindo. Davi perguntou: "Quem descerá comigo ao acampamento de Saul?" (1Sm 26:6). Abisai respondeu imediatamente: "Irei com você" (1Sm 26:6).

Escondidos na sombra das colinas, Davi e Abisai entraram no acampamento. Eles foram até Saul, que estava dormindo. Perto de sua cabeça tinha uma lança fincada no chão e um jarro de água. Abner, o comandante do exército, estava deitado ao seu lado, e vários outros soldados dormiam em volta deles, em sono profundo. Abisai ergueu sua lança. "Hoje Deus entregou o seu inimigo nas suas mãos. Agora deixe que eu crave a lança nele até o chão, com um só golpe; não precisarei de outro" (1Sm 26:8). Ele esperou receber permissão, mas, em vez disso, ouviu o cochicho: "Não o mate! Quem pode levantar a mão contra o ungido do Senhor e permanecer inocente? Juro pelo nome do Senhor, [...] o Senhor mesmo o matará; [...] ou ele irá para a batalha e perecerá. O Senhor me livre de levantar a mão contra o Seu ungido. Agora, vamos pegar a lança e o jarro com água que estão perto da cabeça dele, e vamos embora" (1Sm 26:9-11). "Ninguém os viu, ninguém percebeu nada e ninguém acordou [...], pois um sono pesado vindo do Senhor havia caído sobre eles" (1Sm 26:12).

Quando Davi estava a uma distância segura do acampamento, gritou para Abner: "'Você é homem, não é? Quem é como você em Israel? Por que você não protegeu o rei, seu senhor? Alguém foi até aí para matá-lo. Não é bom isso que você fez! Juro pelo Senhor que todos vocês merecem morrer, pois não protegeram o seu rei, o ungido do Senhor. Agora, olhem! Onde estão a lança e o jarro de água do rei, que estavam perto da cabeça dele?' Saul reconheceu a voz de Davi e disse: 'É você, meu filho Davi?' Davi respondeu: 'Sim, ó rei, meu senhor.' E acrescentou: 'Por que meu senhor está perseguindo este seu servo? O que eu fiz, e de que mal sou culpado?'" (1Sm 26:15-18).

Novamente o Rei Saul Confessa seu Erro

Mais uma vez, o rei admitiu: "Pequei! Volte, meu filho Davi! Como hoje você considerou preciosa a minha vida, não lhe farei mal de novo. Tenho agido como um tolo e cometi um grande erro" (1Sm 26:21).

Davi respondeu: "Aqui está a lança do rei. Venha um de seus servos pegá-la" (1Sm 26:22). Mesmo Saul prometendo: "Não lhe farei mal de novo", Davi manteve uma distância segura.

Ao irem embora, Saul disse: "Seja você abençoado, meu filho Davi; você fará muitas coisas e em tudo será bem-sucedido" (1Sm 26:25). Contudo, o filho de Jessé não tinha nenhuma esperança de que o rei continuasse pensando assim por muito tempo.

Davi queria muito fazer as pazes com Saul. Parecia que ele acabaria se tornando vítima do ódio do rei. Com seiscentos homens sob o seu comando, ele foi até Aquis, rei de Gate.

Davi chegou à conclusão de que Saul concretizaria a intenção de assassinato sem buscar o conselho de Deus. Mesmo no período em que Saul planejava destruí-lo, o Senhor trabalhava para garantir o trono para Davi. Considerando as aparências, as pessoas interpretam os sofrimentos e as provas que Deus permite como algo que só vai lhes causar prejuízo. Davi considerou as aparências e não as promessas de Deus. Duvidou de que um dia assumiria o trono. Grandes problemas tinham desgastado sua fé e esgotado sua paciência.

O Senhor não mandou Davi buscar a proteção dos filisteus, os piores inimigos de Israel. Perdendo toda a confiança em Saul e em seus servos, Davi recorreu à misericórdia dos inimigos de seu povo. Deus tinha ordenado que fincasse sua bandeira na terra de Judá; mas, por falta de fé, ele abandonou o posto do dever.

Mais um Erro de Davi

Os filisteus tinham mais medo de Davi do que de Saul. Colocando-se sob a proteção dos filisteus, Davi revelou a fraqueza do seu povo. Assim, encorajou esses decididos inimigos a oprimirem Israel. Davi tinha sido ungido para defender o povo de Deus. O Senhor não quer que Seus servos animem os ímpios revelando as fraquezas de Seu povo.

Além disso, os israelitas tiveram a impressão de que ele tinha procurado os pagãos para servir a seus deuses. Por meio dessa atitude, muitas pessoas foram levadas a nutrir preconceito por Davi. Ele fez tudo o que Satanás queria que fizesse. Davi não abandonou o culto a Deus nem a devoção à Sua causa, mas sacrificou a confiança nEle em troca de segurança pessoal.

O rei dos filisteus recebeu Davi com simpatia. O rei o admirava e ficou satisfeito por ter um hebreu buscando sua proteção. Davi trouxe sua família e todos os seus pertences; assim, seus homens fizeram a mesma coisa. Ao que tudo indicava, ele tinha ido para morar definitivamente na terra da Filístia. Isso agradou a Aquis, que prometeu proteger os israelitas fugitivos.

A pedido de Davi, o rei gentilmente lhe concedeu Ziclague para ser seu território. Em uma cidade separada para o seu uso, Davi e seus homens podiam adorar a Deus com mais liberdade do que em Gate, onde os rituais pagãos poderiam se tornar uma fonte de mal.

Enquanto viveu nessa cidade isolada, Davi guerreou contra os gesuritas, gersitas e amalequitas e não deixou ninguém vivo para levar a notícia a Gate. Ele deu a entender a Aquis que estava lutando contra a própria nação, os homens de Judá. Por meio dessas mentiras, ele ganhou a confiança dos filisteus, pois o rei disse: "Ele se tornou tão odiado por seu povo, os israelitas, que será meu servo para sempre" (1Sm 27:12). Davi não seguiu o conselho de Deus quando praticou o engano.

"Naqueles dias os filisteus reuniram suas tropas para lutar contra Israel. Aquis disse a Davi: 'Saiba que você e seus soldados me acompanharão no exército'" (1Sm 28:1). Davi deu ao rei uma resposta evasiva: "Então tu saberás o que teu servo é capaz de fazer" (1Sm 28:2). Aquis deu sua palavra, prometendo colocar Davi em uma posição importante na corte filisteia.

Ainda que a fé de Davi tivesse vacilado um pouco nas promessas de Deus, ele se lembrava de que Samuel o havia ungido rei de Israel. Relembrou a misericórdia de Deus ao protegê-lo de Saul e decidiu que não trairia sua responsabilidade sagrada. Mesmo que o rei de Israel buscasse tirar a sua vida, ele não uniria suas forças aos inimigos do seu povo.

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 22:20-23; 23 a 27.

Saul Tira a Própria Vida*

"Os filisteus se reuniram, vieram e acamparam em Suném" (1Sm 28:4), ao mesmo tempo em que Saul e suas forças acamparam a uns poucos quilômetros, no pé do Monte Gilboa. Saul se sentiu sozinho e indefeso, porque Deus o havia abandonado. Ao olhar ao redor para o exército filisteu, "teve medo; ficou apavorado" (1Sm 28:5).

Saul achava que Davi aproveitaria essa oportunidade para se vingar dos prejuízos que havia sofrido. O rei estava muito angustiado. Ele ficou tão obstinado em destruir o homem escolhido por Deus que acabou colocando a nação em grande perigo. Preocupado em perseguir Davi, havia se esquecido de defender o próprio reino. Os filisteus, tirando vantagem do descuido do rei, invadiram o território israelita até chegar ao coração do país. Enquanto Satanás insistia com Saul para destruir Davi, o mesmo espírito de ódio inspirou os filisteus a tentar arruinar Saul. Muitas vezes, Satanás influencia alguém não consagrado para começar uma briga na igreja e, então, tirando vantagem da divisão do povo de Deus, instiga seus agentes para levá-los à destruição.

No dia seguinte, Saul tinha que lutar contra os filisteus. O sentimento de que algo ruim estava para acontecer tomou conta de seu coração. Saul desejava receber instruções, mas mesmo buscando o conselho de Deus, "Este não lhe respondeu nem por sonhos nem por Urim nem por profetas" (1Sm 28:6).

O Senhor jamais se afasta daqueles que O buscam com sinceridade. Por que então Se afastou de Saul, deixando-o sem resposta? O rei tinha rejeitado o conselho de Samuel, o profeta; havia expulsado do país Davi, o escolhido de Deus, e matado os sacerdotes do Senhor. Como poderia esperar resposta, uma vez que havia cortado os

meios de comunicação que o Céu tinha indicado? Saul não queria o perdão nem fazer as pazes com Deus, mas apenas se livrar dos inimigos. Separou-se de Deus pela rebelião. A única maneira de voltar era confessando e abandonando os seus erros.

"Então Saul disse aos seus auxiliares: 'Procurem uma mulher que invoca espíritos, para que eu a consulte'" (1Sm 28:7). O Senhor tinha proibido qualquer tentativa de comunicação com os mortos, e qualquer pessoa que praticasse essa arte maligna era sentenciada à morte. Saul havia mandado matar todos os feiticeiros e todas as pessoas que se comunicavam com os mortos. Naquele momento, desesperado, ele recorreu ao que tinha condenado como abominação.

Uma mulher que tinha um espírito do mal morava em um esconderijo em En-Dor. Ela havia prometido a Satanás que faria tudo o que ele quisesse e, em troca, o príncipe do mal lhe revelava segredos.

À noite, fingindo ser outra pessoa, acompanhado de dois de seus homens, Saul procurou a feiticeira. Oh, que cena triste! O rei de Israel levado cativo por Satanás! As únicas condições para Saul ser rei de Israel eram confiar em Deus e obedecer à Sua vontade. Se ele tivesse cumprido essas condições, seu reino estaria livre de perigo. Deus seria seu guia; o Todo-Poderoso, seu escudo. Apesar de sua rebelião e teimosia quase silenciarem a voz de Deus a falar à sua consciência, ele ainda tinha a oportunidade de se arrepender. Quando Saul, encarando o perigo, buscou a Satanás, cortou o último laço que o ligava ao Criador. Colocou-se por completo sob o controle do poder satânico que por anos o havia levado à beira da destruição.

Protegidos pela escuridão da noite, Saul e seus companheiros passaram pelos exércitos filisteus em segurança. Cruzaram o topo da montanha em direção à casa solitária da feiticeira de En-Dor. Mesmo disfarçado, a altura incomum de Saul e sua postura de rei revelavam que ele não era um soldado qualquer. Os presentes caros que ele ofereceu confirmaram as suspeitas da mulher. Em resposta ao seu pedido, a mulher disse: Saul "eliminou os médiuns e os que consultam os espíritos da terra de Israel. Por que você está preparando uma armadilha contra mim, que me levará à morte?" (1Sm 28:9). Então "Saul jurou-lhe pelo Senhor: 'Juro pelo nome do Senhor que você não será punida por isso'" (1Sm 28:10). E quando ela disse: "'Quem devo fazer subir?' [...] Ele respondeu: 'Samuel'" (1Sm 28:11).

Depois de fazer os rituais de magia, ela disse: "'Vejo um ser que sobe do chão. [...] Um ancião vestindo um manto está subindo'. Então Saul ficou sabendo que era Samuel, inclinou-se e prostrou-se, rosto em terra" (1Sm 28:13, 14).

Não foi o profeta de Deus que apareceu. Samuel não estava presente naquela caverna de espíritos do mal. Para Satanás, foi tão fácil assumir a forma de Samuel como, mais tarde, foi assumir a forma de anjo de luz ao tentar a Cristo no deserto.

A mensagem do pretenso profeta para Saul foi: "'Por que você me perturbou, fazendo-me subir?' Respondeu Saul: 'Estou muito angustiado. Os filisteus estão me atacando e Deus Se afastou de mim. Ele já não responde nem por profetas nem por sonhos; por isso te chamei para me dizeres o que fazer'" (1Sm 28:15).

Quando Samuel ainda estava vivo, Saul havia desprezado seu conselho. Agora, para se comunicar com o embaixador do Céu, ele havia procurado a mensageira do inferno! Saul havia se colocado por completo sob o poder de Satanás. O único prazer do inimigo de Deus é fazer as pessoas infelizes e destruí-las e, assim, aproveitou ao máximo a oportunidade para arrasar o rei infeliz. Supostamente da boca de Samuel, veio a terrível resposta: "O Senhor se afastou de você e Se tornou seu inimigo. [...] O Senhor fez o que predisse por meu intermédio: rasgou de Suas mãos o reino e o deu a seu próximo, a Davi. Porque você não obedeceu ao Senhor nem executou a grande ira dEle contra os amalequitas, Ele lhe faz isso hoje. O Senhor também entregará o exército de Israel nas mãos dos filisteus" (1Sm 28:16-19).

Satanás havia instigado Saul a encontrar justificativas para desprezar as repreensões e advertências de Samuel. No entanto, havia se voltado contra ele, apontando para a enormidade de seu pecado e para a impossibilidade de perdão com a intenção de levá-lo à angústia extrema. Satanás não poderia ter feito coisa melhor para levar o rei ao desespero e à destruição.

Saul estava fraco por causa do jejum, aterrorizado e com a consciência pesada. Seu corpo balançava como uma árvore em meio à tempestade e caiu estendido ao chão.

A feiticeira ficou muito assustada. O rei de Israel estava caído como morto na sua frente. Ela implorou para que ele comesse alguma coisa, insistindo que ele a atendesse e não viesse a morrer, já que ela tinha arriscado a própria vida para atender ao seu pedido. Saul cedeu. Então a mulher serviu carne de bezerro gordo e pão preparado rapidamente.

Que cena! Na rústica caverna da feiticeira, na presença da mensageira de Satanás, o homem que tinha sido ungido por Deus como rei de Israel sentou-se para comer, preparando-se para a batalha mortal do dia.

Ao consultar o espírito das trevas, Saul buscou a própria destruição. Deprimido e

desesperado, não era capaz de animar seu exército a ser corajoso. Não era capaz de dirigir os pensamentos de Israel para ver Deus como seu auxiliador. Dessa forma, a adivinhação maligna que anunciou apenas desgraças contribuiu para que os eventos preditos se cumprissem.

O Triste Fim do "Ungido do Senhor"

Os exércitos de Israel e dos filisteus se enfrentaram num combate mortal. Embora a terrível cena na caverna de En-Dor tivesse acabado com todas as esperanças de Saul, ele lutou com a coragem de um herói. No entanto, isso foi em vão. "Os israelitas foram postos em fuga e muitos caíram mortos no monte Gilboa" (1Sm 31:1). Saul viu seus soldados caírem mortos à sua volta e seus três filhos abatidos pela espada. Ele mesmo estava ferido e não conseguia mais nem lutar nem fugir. Era impossível escapar. Então, decidido a não ser levado vivo pelos filisteus, Saul tirou a própria vida se jogando sobre sua espada.

Assim, o primeiro rei de Israel morreu, com a culpa do suicídio em seu coração. Sua vida tinha sido um fracasso, e ele faleceu em desonra e desespero.

As notícias da derrota se espalharam por toda a parte, aterrorizando todo o Israel. O povo fugiu das cidades e os filisteus as invadiram sem precisar lutar. O reinado de Saul, independente de Deus, quase levou seu povo à destruição total.

No dia seguinte, os filisteus encontraram os corpos de Saul e de seus três filhos. Eles cortaram a cabeça de Saul e pegaram suas armas. Enviaram a cabeça e as armas impregnadas de sangue ao país dos filisteus como um troféu de vitória "para proclamarem a notícia nos templos de seus ídolos e entre o seu povo" (1Sm 31:9). Assim, a glória da vitória foi atribuída ao poder de deuses falsos e o nome de Jeová foi desonrado.

Em Bete-Seã, os corpos de Saul e de seus filhos foram pendurados em correntes, para serem comidos por aves de rapina. Lembrando do livramento que receberam por meio de Saul na época feliz dos primeiros anos de seu reinado, homens corajosos de Jabes-Gileade expressaram sua gratidão tirando dali os corpos do rei e dos príncipes, dando a eles um funeral digno. A nobre ação realizada quarenta anos antes garantiu que Saul e seus filhos fossem sepultados por mãos gentis e piedosas naquele momento escuro de derrota e desonra.

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 28; 31.

Espiritismo Antigo e Moderno

O registro bíblico sobre a visita de Saul à mulher de En-Dor confunde muitos estudantes da Bíblia. Alguns se posicionam dizendo que Samuel realmente esteve lá. A Bíblia apresenta muitas provas para concluir o contrário.

Se Samuel estivesse no Céu, ele teria que ter sido chamado de lá, ou por Deus ou por Satanás. Ninguém pode acreditar, nem sequer por um momento, que Satanás tenha poder para chamar um profeta do Céu para honrar os rituais de magia de uma feiticeira. Também não é possível concluir que Deus tenha enviado Samuel para a caverna da feiticeira, pois o Senhor já havia se recusado a falar com Saul por meio de sonhos, de Urim, ou dos profetas.

A própria mensagem revela sua origem. Seu propósito não era levar Saul ao arrependimento, mas induzi-lo à destruição. Essa não é a obra de Deus, mas de Satanás. Além disso, a Bíblia aponta para a decisão de Saul de consultar a feiticeira como uma das razões de ele ter sido rejeitado por Deus: "Saul morreu dessa forma porque foi infiel ao Senhor; não foi obediente à palavra do Senhor e chegou a consultar uma médium em busca de orientação, em vez de consultar o Senhor. Por isso o Senhor o entregou à morte e deu o reino a Davi, filho de Jessé" (1Cr 10:13, 14). Saul não se comunicou com Samuel, o profeta de Deus, mas com Satanás. O inimigo não tinha poder para apresentar o verdadeiro Samuel, mas uma falsificação que lhe serviu para praticar o engano.

Antigamente, a feitiçaria e a bruxaria eram baseadas na crença de que era possível se comunicar com os mortos. Aqueles que praticavam essa arte maligna diziam que ficavam sabendo de eventos futuros por intermédio do espírito dos mortos. "Quando disserem a vocês: 'Procurem um médium ou alguém que consulte os espíritos e

murmure encantamentos, pois todos recorrem a seus deuses e aos mortos em favor dos vivos', respondam: 'À lei e aos mandamentos!' Se eles não falarem conforme esta palavra, vocês jamais verão a luz" (Is 8:19, 20).

Acreditava-se que os deuses dos pagãos eram espíritos de heróis mortos que tinham ressuscitado como deuses. Assim, a religião dos pagãos era uma forma de adoração aos mortos. Falando da apostasia dos israelitas, o salmista diz: "Sujeitaram-se ao jugo de Baal-Peor e comeram sacrifícios oferecidos a ídolos mortos" (Sl 106:28), ou seja, oferecidos aos mortos.

Em quase todo sistema do paganismo, acreditava-se que os mortos revelavam sua vontade aos seres humanos, e que também lhes davam conselhos, quando consultados. A prática de conversar com seres que dizem ser espíritos dos mortos tem se espalhado muito, até mesmo em lugares que seguem o cristianismo. Seres espirituais às vezes aparecem em forma de amigos falecidos, contam experiências pessoais de sua vida e fazem coisas que eles costumavam fazer enquanto estavam vivos. Dessa maneira, levam as pessoas a acreditar que seus amigos falecidos são anjos. Para muitos, a palavra deles tem mais valor do que a Palavra de Deus.

Muitos consideram o espiritismo como uma brincadeira e seus fenômenos como truques. É verdade que, muitas vezes, truques têm passado como verdade, mas também existem evidências impressionantes do poder sobrenatural. Muitos que hoje rejeitam o espiritismo como uma forma de enganação humana serão levados a aceitá-lo quando se depararem com manifestações que não conseguem explicar.

Tanto o espiritismo moderno quanto a antiga bruxaria têm como base fundamental a comunicação com os mortos. Eles se baseiam na primeira mentira que Satanás usou para enganar Eva no Éden: "Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, [...] vocês, como Deus serão" (Gn 3:4, 5). Firmados nesse engano, tanto um como o outro tem sua origem no pai da mentira.

Deus disse: "Os mortos nada sabem; [...] nunca mais terão parte em nada do que acontece debaixo do sol" (Ec 9:5, 6). "Quando o espírito deles se vai, eles voltam ao pó; naquele mesmo dia acabam-se os seus planos" (Sl 146:4). O Senhor falou a Israel: "Voltarei o Meu rosto contra quem consulta espíritos e contra quem procurar médiuns para segui-los, prostituindo-se com eles. Eu o eliminarei do meio do seu povo" (Lv 20:6).

Os "espíritos familiares" não eram espíritos dos mortos, mas de anjos maus, os mensageiros de Satanás. O salmista, falando de Israel, disse que eles "sacrificaram seus

filhos e suas filhas aos demônios" (Sl 106:37), e, no próximo verso, ele explica que eles os sacrificaram "aos ídolos de Canaã" (Sl 106:38). No suposto culto aos mortos, estavam, na verdade, adorando demônios.

Revelada a Identidade do Espiritismo

O espiritismo moderno é um renascimento da bruxaria e da adoração aos demônios que Deus condenou há muito tempo. A Bíblia profetizou que isso aconteceria, dizendo que "nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios" (1Tm 4:1). Nos últimos dias aparecerão falsos instrutores (2Pe 2:1-2). Mestres espíritas se recusam a admitir que Cristo é o Filho de Deus. O amado João fala sobre esses mestres: "Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo: aquele que nega o Pai e o Filho. Todo o que nega o Filho também não tem o Pai" (1Jo 2:22, 23). Negando a Cristo, o espiritismo nega também o Pai; e a Bíblia declara que essa é a manifestação do anticristo.

O espiritismo encanta e atrai as multidões por causa de seu suposto poder de revelar o futuro. Deus nos revelou, em Sua Palavra, todos os grandes eventos do futuro que precisamos saber. Satanás quer abalar nossa confiança em Deus, instigar-nos a buscar um conhecimento que Deus sabiamente não nos apresentou. Ele quer nos fazer rejeitar o que o Senhor revelou em Sua Santa Palavra.

Muitos ficam inquietos quando não conseguem saber o que vai acontecer. Não suportam a incerteza do futuro e se recusam a esperar para ver a salvação de Deus. Abrem as portas para sentimentos de rebeldia e correm para cá e para lá em desespero, tentando conseguir informações que Deus não revelou. Se eles confiassem em Deus e perseverassem na oração, receberiam o conforto divino.

Essa pressa para descobrir o futuro demonstra falta de fé em Deus, e Satanás inspira confiança em seu poder para predizer acontecimentos futuros. Muitas vezes, devido à grande experiência que adquiriu ao longo de muitas eras, ele consegue prever alguns eventos futuros com certa precisão com a intenção de enganar pessoas mal orientadas e colocá-las sob seu poder.

O próprio Deus é a luz do Seu povo. Ele os convida a manter, pela fé, os olhos fixos nas glórias que a visão humana ainda não consegue enxergar. Essas pessoas recebem luz do trono do Céu e não têm desejo algum de procurar os mensageiros de Satanás.

A mensagem do demônio para Saul não tinha a intenção de corrigi-lo, mas de levá-

lo ao desespero e à destruição. É muito mais comum ver o tentador usando elogios para atrair as pessoas à ruína. Menosprezam a verdade e aceitam a impureza. O espiritualismo afirma que não existe morte, nem pecado, nem julgamento, nem punição. O desejo é a lei suprema, e os homens prestam contas somente a si mesmos. Essa visão derruba as barreiras que Deus construiu para proteger a verdade, a pureza e a reverência, e muitos são atraídos para o pecado por conta disso.

Deus está guiando Seu povo para longe das abominações do mundo, para que eles possam guardar Sua lei. Por essa razão, a ira do "acusador dos nossos irmãos" (Ap 12:10) não tem limites. "O diabo desceu até vocês! Ele está cheio de fúria, pois sabe que lhe resta pouco tempo" (Ap 12:12). Satanás está decidido a destruir o povo de Deus e privá-los de sua herança. A advertência: "Vigiem e orem para que não caiam em tentação" (Mc 14:38) nunca foi tão necessária quanto nos dias de hoje.

A Dura Prova de Davi*

Davi e seus homens não participaram do combate entre Saul e os filisteus, apesar de terem marchado com os filisteus para o campo de batalha. Enquanto os dois exércitos se preparavam para se enfrentar, o filho de Jessé ficou muito angustiado. Aquis esperava que ele lutasse ao lado dos filisteus. Poderia ele abandonar seu posto e se retirar do campo, demonstrando com isso ingratidão e traição a Aquis, aquele que o havia protegido? Tal atitude faria com que ficasse mal falado e deixaria os inimigos mais ameaçadores do que Saul quando com muita raiva.

Mesmo assim, nem por um momento sequer ele pensou em lutar contra Israel e trair o seu país – tornando-se inimigo de Deus e de Seu povo. Isso o excluiria para sempre do trono de Israel. Se Saul fosse morto na guerra, muitos o culpariam por sua morte.

Teria sido muito melhor se Davi tivesse procurado abrigo nas grandes fortalezas de Deus, as montanhas, do que com os inimigos declarados de Seu povo. O Senhor, em Sua grande compaixão, não castigou Seu servo, abandonando-o em sua aflição e nervosismo. Mesmo tendo se desviado do caminho da completa integridade e se desapegado do poder divino, ainda era o propósito de seu coração ser fiel a Deus. Anjos do Senhor influenciaram os príncipes filisteus a protestar contra a presença de Davi e seus homens no exército e sua participação na guerra que se aproximava.

“O que estes hebreus fazem aqui?” (1Sm 29:3), gritaram os príncipes filisteus, amontoando-se ao redor de Aquis. Ele respondeu: “Este é Davi, que era oficial de Saul, rei de Israel. Ele já está comigo há mais de um ano e, desde o dia em que deixou Saul, nada fez que mereça desconfiança” (1Sm 29:3).

De Volta para Ziclague

Os príncipes insistiram com raiva: "Mande embora este homem para a cidade que você lhe designou. Ele não deve ir para a guerra conosco, senão se tornará nosso adversário durante o combate. Qual seria a melhor maneira de recuperar a boa vontade de seu senhor, senão à custa da cabeça de nossos homens? Não é ele o Davi de quem cantavam em suas danças: 'Saul abateu seus milhares, e Davi, suas dezenas de milhares'?" (1Sm 29:4, 5). Eles não acreditavam que Davi lutaria contra seu povo. No calor da guerra, ele poderia causar maior prejuízo aos filisteus do que todo o exército de Saul.

Aquis chamou Davi e disse: "Juro, pelo nome do Senhor, que você tem sido leal. [...] Desde o dia em que você veio a mim, nunca desconfiei de você, mas os governantes não o aprovam. Agora, volte e vá em paz! Não faça nada que desagrade os governantes filisteus" (1Sm 29:6, 7). Assim, Davi foi libertado da armadilha em que estava preso.

Depois de uma viagem de três dias, Davi e seu grupo de seiscentos homens chegaram a Ziclague, seu lar filisteu. Porém, eles avistaram um cenário de destruição. Os amalequitas tinham se vingado das invasões de Davi em seu território e atacaram a cidade de surpresa, enquanto estava desprotegida. Eles a roubaram e queimaram. Depois, foram embora, levando todas as mulheres e crianças como prisioneiras e muitos objetos.

Horrorizados e espantados, Davi e seus homens olhavam em silêncio para as ruínas ainda em chamas. Então um terrível sentimento de perda tomou conta do coração daqueles guerreiros acostumados com a guerra. "Então Davi e seus soldados choraram em alta voz até não terem mais forças" (1Sm 30:4).

Nesse momento, Davi colhia, mais uma vez, os tristes resultados de sua falta de fé que o levou a se colocar entre os inimigos de Deus e de Seu povo. Os seguidores de Davi se voltaram contra ele, como se ele fosse a causa de toda aquela desgraça. Os amalequitas ficaram com raiva de Davi depois que ele os atacou. Davi confiou demais na segurança que sentia em meio aos filisteus e deixou a cidade sem proteção. Enlouquecidos pela tristeza e raiva, seus soldados ameaçaram apedrejá-lo.

Davi é Tentado a Desanimar

Tudo o que Davi mais amava na Terra lhe foi tirado. Saul o havia expulsado do país; os amalequitas tinham destruído sua cidade; suas mulheres e seus filhos haviam se tornado prisioneiros; e seus amigos o haviam ameaçado de morte.

Naquele momento de extremo desespero, Davi buscou a ajuda de Deus com profunda sinceridade. Ele "fortaleceu-se no Senhor" (1Sm 30:6), ao se lembrar das muitas provas do cuidado de Deus. "Quando estiver com medo, confiarei em Ti" (Sl 56:3), era isso que seu coração dizia. Ainda que ele não conseguisse ver nenhuma saída para seus problemas, Deus lhe mostraria o que fazer.

Mandando chamar o sacerdote Abiatar, Davi "perguntou ao Senhor: 'Devo perseguir esse bando de invasores? Irei alcançá-los?' E o Senhor respondeu: 'Persiga-os; é certo que você os alcançará e conseguirá libertar os prisioneiros'" (1Sm 30:8).

Davi e seus soldados saíram imediatamente atrás dos inimigos em fuga. Eles marcharam tão rápido que duzentos dos homens ficaram tão cansados que tiveram que parar para descansar. Davi continuou com os quatrocentos homens que restaram.

Avançando, eles encontraram um escravo egípcio que parecia estar quase morrendo de fraqueza e fome. Quando foi alimentado, voltou à vida. Ele tinha sido abandonado pelas forças invasoras para morrer ali. Depois de receber de Davi a promessa de que não seria morto nem entregue ao seu mestre, ele concordou em levar os homens até o acampamento inimigo.

Ao se aproximarem do acampamento, viram uma cena de bebedeira e folia. Os homens do exército vitorioso estavam "espalhados pela região, comendo, bebendo e festejando os muitos bens que haviam tomado da terra dos filisteus e de Judá" (1Sm 30:16). Davi ordenou ataque imediato. Os amalequitas foram surpreendidos e ficaram totalmente confusos. A batalha continuou até quase todos os inimigos morrerem. "Davi recuperou tudo o que os amalequitas tinham levado, incluindo suas duas mulheres. Nada faltou: nem jovens, nem velhos, nem filhos, nem filhas, nem bens, nem qualquer outra coisa que fora levada. Davi recuperou tudo" (1Sm 30:18, 19).

Se não fosse o poder de Deus, os amalequitas teriam matado todas as pessoas de Ziclague. Eles decidiram poupar os prisioneiros com a intenção de aumentar seu triunfo levando para casa um grande número de pessoas para venderem como escravos. Sem querer, eles cumpriram o propósito de Deus, guardando as pessoas que foram levadas como prisioneiras para serem devolvidas aos seus maridos e pais.

Combate ao Mal

Com grande alegria, os guerreiros vencedores começaram a marchar de volta para casa. O soldado mais egoísta e indisciplinado dos quatrocentos homens sugeriu que os soldados que não tinham participado da batalha não recebessem sua parte dos

despojos. Davi não concordou nem permitiu que isso acontecesse. Ele disse: "Não, meus irmãos! Não façam isso com o que o Senhor nos deu. [...] A parte de quem ficou com a bagagem será a mesma de quem foi à batalha. Todos receberão partes iguais" (1Sm 30:23, 24).

Davi e seus homens capturaram grandes rebanhos e gados que pertenciam aos amalequitas, que foram chamados de "despojos de Davi" (1Sm 30:20). Voltando para Ziclague, ele enviou presentes de seus despojos às autoridades de Judá, à sua tribo. Davi se lembrou de todos os que ajudaram e sustentaram seus seguidores e a ele na época em que se escondiam nas montanhas, depois que havia sido forçado a fugir para salvar a vida.

Enquanto Davi e seus soldados trabalhavam para reconstruir suas casas, aguardavam ansiosos para receber notícias da guerra entre Israel e os filisteus. De repente, um mensageiro entrou na cidade, "com as roupas rasgadas e terra na cabeça" (2Sm 1:2). Ele foi imediatamente levado até Davi, curvando-se diante dele, como se Davi fosse um príncipe poderoso de quem buscava auxílio. O mensageiro contou a ele não apenas sobre a derrota e morte de Saul, mas sobre a morte de Jônatas. Entretanto, o mensageiro foi além do simples relato dos fatos. Ele quis garantir honra para si mesmo como sendo o responsável pela morte do rei. Com ar de orgulho, o homem contou que tinha encontrado o rei de Israel ferido e o havia matado, atendendo seu pedido. Então entregou a Davi a coroa e os braceletes de ouro de Saul. Ele tinha certeza de que receberia uma grande recompensa pelo que tinha feito.

Davi Fica Triste por Saul

"Davi rasgou suas vestes; e os homens que estavam com ele fizeram o mesmo. E se lamentaram, chorando e jejuando até o fim da tarde, por Saul e por seu filho Jônatas, pelo exército do Senhor e pelo povo de Israel, porque muitos haviam sido mortos à espada" (2Sm 1:11, 12).

Depois que passou o primeiro choque das terríveis notícias, Davi voltou a pensar no estranho que tinha trazido as notícias e no crime de que ele era culpado, segundo suas próprias palavras. "'De onde você é?' E ele respondeu: 'Sou filho de um estrangeiro, sou amalequita'. Davi lhe perguntou: 'Como você não temeu levantar a mão para matar o ungido do Senhor?'" (2Sm 1:13, 14). Duas vezes Davi havia se recusado a levantar a mão contra aquele que tinha sido consagrado a governar Israel pela ordem de Deus. Contudo, o amalequita acusou a si mesmo de um crime digno de morte. Davi disse: "Você é responsável por sua própria morte. Sua boca testemunhou contra você, quando

disse: 'Matei o ungido do Senhor'" (2Sm 1:16).

A tristeza que Davi sentiu pela morte de Saul era sincera e profunda, demonstrando a grandiosidade de seu nobre caráter. Ele não se alegrou com a derrota de seu inimigo. A barreira que o impedia de assumir o trono de Israel tinha sido retirada, mas isso não lhe trouxe nenhuma alegria. De toda a história de vida de Saul, ele apenas se lembrava de sua nobreza e realeza. O nome de Saul estava ligado ao de Jônatas, que tinha sido um amigo verdadeiro e abnegado.

Davi expressou os sentimentos do seu coração em forma de canção, que, mais tarde, tornou-se uma preciosidade à nação de Israel e ao povo de Deus ao longo das eras futuras. Ver 2 Samuel 1:19-27.

---

* Este capítulo é baseado em 1 Samuel 29; 30; 2 Samuel 1.

Davi é Coroado Rei*

A morte de Saul acabou com os perigos que tinham feito Davi fugir de sua terra. Agora, o caminho estava livre para ele voltar. “Davi perguntou ao Senhor: ‘Devo ir para uma das cidades de Judá?’ O Senhor respondeu que sim, e Davi perguntou para qual delas. ‘Para Hebrom’, respondeu o Senhor” (2Sm 2:1).

Imediatamente, Davi e seus seguidores se prepararam para obedecer. Quando a caravana entrou na cidade, os homens de Judá já estavam esperando para dar as boas-vindas a Davi como futuro rei de Israel. Sem perder tempo, providências foram tomadas para sua coroação. “E ali ungiram Davi rei da tribo de Judá” (2Sm 2:4). Nenhum esforço foi feito para estabelecer sua autoridade sobre as outras tribos.

Quando Davi ficou sabendo da atitude corajosa dos homens de Jabes-Gileade, recolhendo os corpos de Saul e Jônatas e dando a eles um funeral digno, enviou a mensagem: “O Senhor os abençoe pelo seu ato de lealdade, dando sepultura a Saul, seu rei. Seja o Senhor leal e fiel para com vocês. Também eu firmarei minha amizade com vocês, por terem feito essa boa ação” (2Sm 2:5, 6).

Os filisteus não ficaram aborrecidos com a decisão de Judá de fazer de Davi seu rei. Eles achavam que teriam vantagens agora que Davi tinha recebido mais poder, pois tinham sido bondosos com ele. O reinado de Davi não estaria livre de problemas.

Deus escolheu Davi para ser rei de Israel. No entanto, o povo de Judá mal tinha aceitado sua autoridade quando o filho de Saul, chamado Is-Bosete, foi coroado rei em um trono rival em Israel. Is-Bosete era um representante fraco e incompetente da casa de Saul, ao contrário de Davi, que era extremamente qualificado. Abner, o principal responsável por levar Is-Bosete ao poder real, era o homem mais ilustre de Israel. Ele

sabia que o Senhor tinha indicado Davi para ocupar o trono, mas ele não queria que o filho de Jessé assumisse o reino.

Abner era ambicioso e não tinha princípios. Saul o havia influenciado a detestar o homem que Deus escolhera para reinar sobre Israel. Seu ódio cresceu por causa da forte repreensão que Davi havia lhe dado quando o jarro de água e a lança do rei foram tirados de perto dele enquanto dormia.

Decidido a criar divisão em Israel para que ele mesmo pudesse ser exaltado, Abner usou Is-Bosete, o representante do rei anterior, para promover suas ambições egoístas. Sabia que o exército não tinha se esquecido das primeiras batalhas bem-sucedidas sob o comando de Saul. Determinado, esse líder rebelde continuou a colocar seus planos em prática.

Primeiro, ele escolheu a cidade de Maanaim, do outro lado do Jordão, para ser a residência real. Ali foi realizada a coroação de Is-Bosete. Seu reinado abrangia todo o Israel, exceto Judá. Por dois anos, o filho de Saul desfrutou as honras de rei, em sua capital afastada. Abner se preparou para uma guerra violenta, pois tinha a intenção de estender seu poder sobre Judá também. E "houve uma violenta batalha naquele dia, e Abner e os soldados de Israel foram derrotados pelos soldados de Davi" (2Sm 2:17).

Abner renunciou porque ficou com raiva do incompetente Is-Bosete. Depois se ofereceu para servir a Davi, levando consigo todas as tribos de Israel. Davi aceitou a proposta. Contudo, o fato de Davi ter aceitado receber Abner, um guerreiro tão famoso, provocou ciúmes em Joabe, o comandante principal do exército de Davi. Havia uma vingança de sangue entre esses dois homens. Durante a guerra entre Israel e Judá, Abner havia matado Asael, irmão de Joabe. Então Joabe cruelmente preparou uma emboscada e assassinou Abner.

Quando Davi soube desse ataque traiçoeiro, ele falou bem alto: "Eu e o meu reino, perante o Senhor, somos para sempre inocentes do sangue de Abner, filho de Ner. Caia a responsabilidade pela morte dele sobre a cabeça de Joabe" (2Sm 3:28, 29). Por causa da condição instável em que o reino se encontrava e do poder dos assassinos, Davi não pôde punir o crime adequadamente, mas demonstrou publicamente seu abalo e reprovação. Como o pranteador principal, o rei acompanhou o caixão que levava o corpo de Abner. Junto à sepultura, cantou um lamento que foi uma forte repreensão aos assassinos:

"Por que morreu Abner como morrem os insensatos? [...]

Você caiu como quem cai perante homens perversos" (2 Samuel 3:33, 34).

A homenagem de Davi a alguém que tinha sido um grande inimigo seu conquistou a admiração de todo o Israel. "Todo o povo e todo o Israel reconheceram que o rei não tivera participação no assassinato de Abner, filho de Ner" (2Sm 3:37). Em particular aos seus conselheiros e assistentes de confiança, o rei reconheceu sua incapacidade de castigar os assassinos como ele desejava. Ele os colocou sob a justiça de Deus. "Que o Senhor retribua ao malfeitor de acordo com as suas más obras!" (2Sm 3:39)

Quando ouviu "que Abner havia morrido em Hebrom, Is-Bosete, filho de Saul, perdeu a coragem, e todo o Israel ficou alarmado" (2Sm 4:1). Pouco depois, outro ato de traição completou a queda do poder rival já enfraquecido. Is-Bosete foi assassinado por dois de seus capitães. Eles cortaram sua cabeça e a levaram depressa para o rei de Judá, esperando assim ganhar seu favor.

Davi Castiga os Assassinos de seu Inimigo

Davi não queria esse tipo de ajuda para estabelecer seu poder. Ele contou aos assassinos o que aconteceu com o homem que se orgulhou de ter matado Saul. Ele disse mais: "'Muito mais agora, que homens ímpios mataram um inocente em sua própria casa e em sua própria cama! Vou castigá-los e eliminá-los da face da terra porque vocês fizeram correr o sangue dele!' Então Davi deu ordem a seus soldados, e eles os mataram" (2Sm 4:11, 12).

Depois da morte de Is-Bosete, houve um desejo geral entre os líderes de Israel para que Davi se tornasse rei de todas as tribos. Eles disseram: "Eras tu quem liderava Israel em suas batalhas. E o Senhor te disse: 'Você pastoreará Israel, o Meu povo, e será o seu governante'" (2Sm 5:2). "Então todas as autoridades de Israel foram ao encontro do rei Davi em Hebrom; o rei fez um acordo com eles em Hebrom perante o Senhor" (2Sm 5:3). Assim, por meio da direção de Deus, o caminho foi aberto para ele chegar ao trono.

A mudança no sentimento do povo foi decisiva. A revolução foi pacífica e digna, em harmonia com o trabalho que faziam. Quase meio milhão de pessoas, os antigos súditos de Saul, lotou Hebrom e seus arredores. O dia da coroação foi marcado. Davi – o homem que tinha sido expulso da corte de Saul, que havia fugido para as montanhas e campinas e para as cavernas da terra para preservar a vida – estava prestes a receber a maior honra que os seres humanos podem dar a alguém. Sacerdotes e anciãos, oficiais e soldados com lanças e capacetes brilhantes e estrangeiros vindos de longas distâncias se levantavam para testemunhar a coroação.

Davi estava vestido com o manto real. O sumo sacerdote colocou o óleo sagrado em sua testa, pois a unção anterior, feita por Samuel, havia sido profética em relação ao que aconteceria na nomeação do rei. O tempo tinha chegado, e Davi foi consagrado à sua função como representante de Deus. O cetro foi posto em suas mãos. O juramento de seu justo domínio foi escrito, e o povo apresentou seus compromissos de fidelidade. Israel tinha um rei indicado por Deus.

Aquele que havia esperado pelo Senhor com paciência viu as promessas de Deus se cumprirem. Davi "foi se tornando cada vez mais poderoso, pois o Senhor, o Deus dos Exércitos estava com ele" (2Sm 5:10).

---

* Este capítulo é baseado em 2 Samuel 2 a 5:5.

O Reinado de Davi*

A trinta quilômetros de Hebrom foi escolhido o local da futura capital do reino. Antigamente esse lugar era chamado de Salém. Oitocentos anos antes, tinha sido a casa de Melquisedeque, o sacerdote do Altíssimo. Essa cidade ficava quase no centro do país e era protegida por montanhas. Na divisa entre Benjamim e Judá, ficava perto de Efraim e era de fácil acesso às outras tribos.

Para conseguir esse local, os hebreus precisavam expulsar de lá os últimos cananeus, que ocupavam um local fortificado nas montanhas de Sião e Moriá. Essa fortaleza se chamava Jebus, e seus habitantes eram conhecidos como jebuseus. Por séculos, todos achavam que Jebus jamais poderia ser conquistada. Ela foi cercada e conquistada sob o comando de Joabe e, como recompensa, ele foi posto como comandante principal dos exércitos de Israel. Jebus se tornou a capital nacional e seu nome pagão foi mudado para Jerusalém.

Hirão, rei de Tiro, ofereceu-se para ajudar Davi a construir um palácio em Jerusalém. Mandou embaixadores de Tiro, acompanhados por arquitetos e operários e materiais caros.

Sob o comando de Davi, a força de Israel aumentava cada vez mais, o que provocou a inimizade dos filisteus. Eles invadiram o país novamente e se posicionaram não muito longe de Jerusalém. Davi com seus homens de guerra se retiraram para a fortaleza de Sião. "Davi perguntou ao Senhor: 'Devo atacar os filisteus? Tu os entregarás nas minhas mãos?' O Senhor lhe respondeu: 'Vá, Eu os entregarei nas suas mãos'" (2Sm 5:19).

Imediatamente Davi os atacou, venceu e tomou os deuses deles, que eles tinham

levado para garantir a vitória. Frustrados por causa da derrota, os filisteus reuniram um exército maior ainda e voltaram ao combate. Mais uma vez, Davi pediu orientação a Deus, e o grande EU SOU assumiu o comando dos exércitos de Israel.

Deus instruiu a Davi: "Não ataque pela frente, [...] ataque-os em frente das amoreiras. Assim que você ouvir um som de passos por cima das amoreiras, saia rapidamente, pois o Senhor saiu à sua frente para ferir o exército filisteu" (2Sm 5:23, 24). Se Davi tivesse escolhido seus próprios caminhos, como fez Saul, ele não teria sido bem-sucedido. Mas ele agiu conforme o Senhor mandou, e "derrotaram o exército filisteu por todo o caminho, desde Gibeom até Gezer. Assim a fama de Davi espalhou-se por todas as terras, e o Senhor fez com que todas as nações o temessem" (1Cr 14:16, 17).

A Arca é Levada para Jerusalém

Agora que Davi estava estabelecido no trono, ele se dedicou a cumprir um propósito que já tinha em seu coração – levar a arca de Deus para Jerusalém. Era apropriado para a capital da nação ser honrada com a arca, o sinal da Presença divina.

Davi tinha a intenção de fazer da ocasião uma cena de grande alegria e impressionante apresentação. O povo correspondeu alegremente. O sumo sacerdote, os príncipes e os líderes das tribos se reuniram em Quiriate-Jearim. Davi estava radiante de santo zelo. A arca foi retirada da casa de Abinadabe e posta numa carruagem nova, levada por bois, enquanto dois dos filhos de Abinadabe a acompanhavam.

O povo de Israel a seguia com aclamações e cânticos de alegria; a multidão de vozes se unia em melodia, junto com o som dos instrumentos musicais. "Davi e todos os israelitas iam cantando [...] perante o Senhor, ao som de [...] harpas, liras, tamborins, chocalhos e címbalos" (2Sm 6:5). Com alegria solene, a grande comitiva seguia seu caminho por entre as colinas e vales em direção à Cidade Santa.

Contudo, "quando chegaram à eira de Nacom, Uzá esticou o braço e segurou a arca de Deus, porque os bois haviam tropeçado. A ira do Senhor acendeu-se contra Uzá por seu ato de irreverência [...] e ele morreu ali mesmo, ao lado da arca de Deus" (2Sm 6:6, 7). A alegre comitiva se encheu de terror. Davi ficou muito abalado e, em seu coração, questionou a justiça de Deus. Por que Deus enviara aquele terrível castigo para mudar a alegria em dor e tristeza? Davi deixou a arca onde estava, sentindo que seria perigoso mantê-la por perto. Encontraram um lugar para ela próximo dali, na casa de Obede-Edom.

Deus Exige Obediência Completa

O fim de Uzá foi um castigo divino por ter desobedecido a uma ordem muito clara. Ninguém, a não ser os sacerdotes, os descendentes de Arão, poderia tocar na arca, ou mesmo olhar para ela, a menos que estivesse coberta. A ordem divina com relação aos utensílios sagrados era: "Os coatitas virão carregá-los. Mas não tocarão nas coisas sagradas; se o fizerem, morrerão" (Nm 4:15). Os sacerdotes deveriam cobrir a arca, e então os coatitas poderiam levantá-la pelas varas presas às argolas de cada lado da arca. Eles tinham que carregar a arca "nos ombros" (Nm 7:9). O que tinha acontecido era uma desconsideração indesculpável das orientações do Senhor.

Davi e seu povo se empenharam em uma obra sagrada com alegria e disposição de coração, mas não agiram de acordo com as orientações do Senhor. Os filisteus, que não conheciam nada sobre a lei de Deus, haviam colocado a arca numa carruagem quando a devolveram para Israel. Já os israelitas tinham uma revelação clara da vontade de Deus sobre essas questões, e sua negligência desonrou o Senhor. Uma vez que a lei de Deus tinha sido ignorada, Uzá perdeu em parte o senso de sua santidade. Com pecados não confessados em seu coração, em face da proibição divina, ele se atreveu a tocar o símbolo da presença de Deus. O Senhor não pode aceitar uma obediência dividida ou falta de atenção para com Seus mandamentos. A morte de Uzá, levando o povo ao arrependimento, pôde evitar o castigo de milhares.

Bênçãos Àqueles que Amam ao Senhor

Sentindo que seu coração não estava completamente em paz com Deus, e diante do que acontecera com Uzá, Davi teve medo da arca, de que algum pecado trouxesse castigos sobre ele. Obede-Edom recebeu bem o símbolo sagrado como a promessa do favor de Deus às pessoas que obedecem. Todo o Israel observava o que aconteceria com sua casa. "E o Senhor o abençoou e a toda a sua família" (2Sm 6:11). Davi foi levado a compreender a santidade da lei de Deus e a necessidade de obediência total como nunca antes.

No fim de três meses, ele decidiu fazer uma nova tentativa de transportar a arca; e, dessa vez, foi bem cuidadoso para cumprir as orientações do Senhor. Novamente uma grande multidão se reuniu em volta da casa de Obede-Edom. Com reverente cuidado, a arca foi colocada sobre os ombros dos homens indicados por Deus, e a grande comitiva partiu com coração temeroso. Por ordem de Davi, ofereceram-se sacrifícios. Então, a alegria substituiu o medo e o terror. O rei tirou o manto real e se vestiu com simples roupas de linho, como as dos sacerdotes (algumas vezes, essa roupa era usada por outras pessoas além dos sacerdotes). Nesse serviço sagrado, Davi ocupou seu lugar

perante Deus no mesmo nível que seus súditos. Jeová deveria ser o único alvo de reverência.

Outra vez, a música da harpa e corneta, trompete e címbalo subiu em direção ao Céu, com a melodia de muitas vozes. Então Davi "foi dançando [...] perante o Senhor" (2Sm 6:14), no ritmo da música.

A dança de Davi em reverente alegria diante de Deus tem sido usada para justificar a dança moderna. Em nossos dias, a dança está associada à folia e diversão. A moral é sacrificada pelo prazer, Deus não é o alvo dos pensamentos e a oração é desprezada. Os cristãos não devem buscar diversões que enfraquecem o amor pelas coisas sagradas. A música e a dança em alegre louvor a Deus na ocasião em que a arca foi transportada não tinha a mínima semelhança com a influência desmoralizante da dança moderna. Uma exaltava o santo nome de Deus, a outra é um instrumento de Satanás para fazer as pessoas esquecerem e desonrarem a Deus.

A comitiva triunfante se aproximou da capital. Nesse momento, uma explosão de cânticos solicitou que os vigias sobre os muros abrissem os portais da Cidade Santa:

"Abram-se, ó portais; abram-se, ó portas antigas, para que o Rei da glória entre."

Um grupo de cantores e instrumentistas perguntou:

"Quem é o Rei da glória?"

Do outro grupo, veio a resposta:

"O Senhor forte e valente, o Senhor valente nas guerras."

Então, milhares de vozes unidas formaram um grande coro de triunfo:

"Abram-se, ó portais; abram-se, ó portas antigas, para que o Rei da glória entre."

De novo se ouviu: "Quem é esse Rei da glória?" Então a voz da grande multidão, como o "som de muitas águas" (Ap 19:6), foi ouvida em resposta vibrante:

"O Senhor dos Exércitos; Ele é o Rei da glória!" (Salmo 24:7-10).

Assim, os portais se abriram por completo e, com respeito e reverência, a arca foi colocada na tenda preparada para ela. Quando a cerimônia terminou, o próprio rei pronunciou uma bênção sobre o seu povo.

Até então, essa comemoração tinha sido o evento mais sagrado do reinado de Davi.

Quando os últimos raios do sol poente banhavam o santuário em santa luz, o coração do rei se ergueu em gratidão a Deus, pois o abençoado símbolo de Sua presença agora estava muito perto do trono de Israel.

Havia alguém que tinha visto a cena de alegria com outros olhos, bem diferentes. "Entrando a arca do Senhor na Cidade de Davi, Mical, filha de Saul, observava de uma janela. E, ao ver o rei Davi dançando e celebrando perante o Senhor, ela o desprezou em seu coração" (2Sm 6:16). Ela saiu para encontrá-lo e despejou uma tempestade de palavras amargas, rudes e cruéis:

"Como o rei de Israel se destacou hoje, tirando o manto na frente das escravas de seus servos, como um homem vulgar!" (2Sm 6:20).

Davi sentiu o desprezo de Mical pelo serviço de Deus e respondeu: "Foi perante o Senhor [...], Aquele que me escolheu em lugar de seu pai ou de qualquer outro da família dele, quando me designou soberano sobre o povo do Senhor, sobre Israel; perante o Senhor celebrarei e me rebaixarei ainda mais, e me humilharei aos meus próprios olhos. Mas serei honrado por essas escravas que você mencionou" (2Sm 6:21, 22). A repreensão de Deus seguiu à de Davi: Por causa de seu orgulho e arrogância, "até o dia de sua morte, Mical [...] jamais teve filhos" (2Sm 6:23).

A Nação é Livrada da Idolatria

A remoção da arca causou uma impressão duradoura na mente do povo de Israel, despertando novamente seu zelo por Jeová. Davi tentou tornar essas impressões ainda mais profundas. Fez da música uma parte regular no culto religioso e compôs salmos para o povo cantar enquanto viajavam para as festas a cada ano. A influência dessas coisas acabou libertando a nação da idolatria. Muitos dos povos vizinhos começaram a pensar bem do Deus de Israel que tinha feito coisas tão grandes em favor de Seu povo.

Davi construiu um palácio para si, e sentiu que não era apropriado para a arca de Deus ser abrigada em uma tenda. Ele decidiu construir um templo para ela, belo o bastante para mostrar o quanto Israel apreciava a contínua presença de Jeová, seu Rei. Quando contou seus planou para o profeta Natã, recebeu a resposta: "Faze o que tiveres em mente, pois o Senhor está contigo" (2Sm 7:3).

Naquela mesma noite, a palavra do Senhor veio a Natã, transmitindo uma mensagem para o rei: "Eu, o Senhor, lhe estabelecerei uma dinastia. [...] Escolherei um dos seus filhos para sucedê-lo. [...] Será ele quem construirá um templo em honra ao Meu nome, e Eu firmarei o trono dele para sempre" (2Sm 7:11-13).

Deus explicou o motivo por que Davi não deveria construir o templo: "Você matou muita gente e empreendeu muitas guerras. Por isso não construirá um templo em honra ao Meu nome [...]. Mas você terá um filho que será um homem de paz, e Eu farei com que ele tenha paz com todos os inimigos ao redor dele. Seu nome será Salomão [pacífico], e eu darei paz e tranquilidade a Israel durante o reinado dele. É ele que vai construir um templo em honra ao Meu nome" (1Cr 22:8-10).

Apesar de seu desejo ter sido negado, Davi sentiu-se agradecido pela mensagem. Ele sabia que seria uma honra ao seu nome realizar a obra que ele tinha planejado, mas estava pronto a se submeter à vontade de Deus. Quantas vezes aqueles que atingem a força da idade adulta se agarram à esperança de realizar alguma grande obra para a qual não estão qualificados! Talvez a providência de Deus ordene que eles preparem o caminho para outra pessoa concluir a obra. Em vez de se submeter à direção divina com coração agradecido, muitos recuam, como se estivessem ofendidos. Se não podem fazer o que querem, não fazem mais nada. Muitos tentam, sem sucesso, realizar uma obra que não são capazes de fazer enquanto desprezam o que podem fazer. Por causa disso, a obra maior é impedida.

Em seu acordo com Jônatas, Davi prometeu que seria bondoso para com a casa de Saul. Lembrando-se disso, o rei perguntou: "Resta ainda alguém da família de Saul a quem eu possa mostrar lealdade, por causa de minha amizade com Jônatas?" (2Sm 9:1). Contaram a ele sobre um filho de Jônatas, Mefibosete, que era aleijado desde a infância. A babá desse menino o havia deixado cair, fazendo com que ele ficasse aleijado por toda a vida. Davi convidou o moço a ir ao palácio e entregou a ele os pertences particulares de Saul para prover as necessidades de sua família. Além disso, o filho de Jônatas deveria ser o hóspede constante do rei. Mefibosete tinha sido levado a criar um forte preconceito contra Davi, como se ele fosse alguém sem direito algum ao trono, mas a constante bondade do rei conquistou o coração do moço. Como seu pai Jônatas, ele sentiu que seus interesses eram os mesmos do rei que Deus havia escolhido.

Depois que Davi se estabeleceu no trono de Israel, a nação desfrutou um longo período de paz. Os povos vizinhos logo entenderam que seria mais sábio deixar de atacar Israel, e Davi parou de guerrear. Por fim, ele ainda guerreou contra os velhos inimigos de Israel, os filisteus e os moabitas, e os dominou.

Nações Inimigas Tramam Contra Davi

Muitas nações vizinhas se aliaram contra Davi. Disso vieram as maiores guerras e as maiores vitórias de seu reinado e grande aumento de seu poder. Ele não havia feito

nada para provocar essa aliança inimiga. As circunstâncias eram estas:

Chegaram notícias a Jerusalém sobre a morte de Naás, rei dos amonitas, que tinha sido bondoso com Davi quando ele estava fugindo de Saul. Então Davi enviou uma mensagem de simpatia a Hanum, filho do rei amonita, querendo expressar seu agradecimento pela bondade demonstrada a ele quando se encontrava em dificuldade.

Os conselheiros de Hanum interpretaram mal a mensagem de Davi. Eles "disseram a Hanum, seu senhor: 'Achas que Davi está honrando teu pai ao enviar mensageiros para expressar condolências? Não é nada disso! Davi os enviou como espiões para examinarem a cidade, a fim de destruí-la'" (2Sm 10:3). Eles não entenderam o espírito generoso que inspirou Davi a enviar aquela mensagem. Hanum acreditou em seus conselheiros, considerou os mensageiros de Davi como espiões e os encheu de zombaria e insulto.

Deus permitiu que os amonitas cumprissem os maus propósitos de seu coração para que seu verdadeiro caráter ficasse claro para Davi. Não era da Sua vontade que Israel fizesse aliança com esse povo pagão.

Os amonitas sabiam que Davi se vingaria do insulto a Israel, então se prepararam para a guerra. Os habitantes da região entre o rio Eufrates e o mar Mediterrâneo se uniram aos amonitas para acabar com Israel.

Os hebreus não esperaram a invasão. Comandados por Joabe, avançaram em direção à capital amonita. Eles venceram as forças unidas do inimigo no primeiro combate; mas, no ano seguinte, guerrearam outra vez. Davi foi pessoalmente ao campo de batalha e, pela bênção de Deus, derrotou de tal forma os inimigos que os sírios, do Líbano até o Eufrates, não somente abandonaram a guerra, mas se tornaram súditos de Israel.

Os perigos que ameaçavam a nação de destruição foram os meios pelos quais ela se tornou poderosa. Comemorando seu livramento, Davi cantou:

"Bendita seja a minha Rocha!

Exaltado seja Deus, o meu Salvador!

Este é o Deus que em meu favor executa vingança, que a mim sujeita nações.

Tu me livraste dos meus inimigos" (Salmo 18:46-48).

Todas as músicas de Davi gravavam na mente do povo o pensamento de que Jeová era sua força e seu libertador:

"Alguns confiam em carros e outros em cavalos, mas nós confiamos no nome do Senhor, o nosso Deus" (Salmo 20:7).

O reino de Israel então recebeu por completo a promessa que Deus fez a Abraão: "Aos seus descendentes dei esta terra, desde o ribeiro do Egito até o grande rio, o Eufrates" (Gn 15:18). Israel se tornou uma nação poderosa, respeitada e temida pelos povos vizinhos. Como poucos outros reis da história, Davi era digno das afeições e da fidelidade de seu povo. Honrou a Deus e Deus então o estava honrando.

No momento de seu maior triunfo público, Davi enfrentou a derrota pessoal mais humilhante.

---

* Este capítulo é baseado em 2 Samuel 5:6-25; 6; 7; 9; 10.

O Pecado e o Arrependimento de Davi*

A Bíblia faz poucos elogios a seres humanos. Todas as boas qualidades que as pessoas possuem são dons de Deus. Suas boas ações são realizadas pela graça de Deus, por meio de Cristo; elas são apenas instrumentos nas mãos do Senhor. Todas as lições da história bíblica ensinam que elogiar os homens é perigoso, porque se alguém perder de vista sua inteira dependência de Deus, com certeza cairá. A Bíblia nos ensina a desconfiar do poder humano e nos encoraja a confiar no poder divino.

O espírito de exaltação própria preparou o caminho para a queda de Davi. Elogios, poder e luxo tiveram seu efeito sobre ele. De acordo com os costumes dos reis orientais, crimes que não eram tolerados quando cometidos pelos súditos não eram considerados, se cometidos pelo rei. Tudo isso fez com que Davi perdesse o senso da terrível malignidade do pecado. Ele passou a confiar na própria sabedoria e no próprio poder.

Assim que Satanás conseguir separar uma pessoa de Deus, despertará os desejos impuros da natureza carnal. A obra do inimigo não começa de repente, com algo súbito e inesperado, mas com pequenas coisas – negligência em depender inteiramente de Deus, inclinação para seguir as práticas do mundo.

Davi voltou para Jerusalém. Os sírios já haviam se rendido e parecia que a derrota completa dos amonitas era certa. Davi foi rodeado pela vitória e honra do seu sábio reinado. Naquele momento, o tentador aproveitou a oportunidade para ocupar sua mente. Em seu conforto e segurança, Davi cedeu a Satanás e trouxe a mancha da culpa sobre si mesmo. Ele, o líder da nação apontado pelo Céu, escolhido por Deus para honrar Sua lei, tropeçou nos mandamentos de Deus. Ele que deveria ter desencorajado os praticantes do mal, fortaleceu as mãos deles por seu ato.

Culpado e sem se arrepender, Davi não pediu a direção do Céu, mas tentou se livrar dos perigos em que seu pecado o havia colocado. Bate-Seba, cuja beleza fatal se tornou uma cilada para o rei, era a mulher de Urias, o hitita, um dos oficiais mais corajosos e fiéis de Davi. A lei de Deus sentenciava o culpado adúltero de morte. Esse soldado ousado, tão vergonhosamente traído, poderia ter se vingado tirando a vida do rei ou levando a nação a uma revolta.

Nenhum esforço que Davi fez para esconder sua culpa deu certo. Ele se entregou ao poder de Satanás; foi rodeado de perigo e uma desonra mais amarga que a morte se avolumava diante dele. Parecia existir somente uma saída – acrescentar o pecado de assassinato ao de adultério. Davi raciocinava que, se Urias fosse morto na batalha, a culpa da sua morte não poderia recair sobre o rei. Bate-Seba ficaria livre para se tornar esposa de Davi e ele poderia evitar suspeitas e manter a honra real.

Urias foi o portador de sua própria sentença de morte. Numa carta enviada por meio de sua mão a Joabe, o rei mandou: "Ponha Urias na linha de frente e deixe-o onde o combate estiver mais violento, para que seja ferido e morra" (2Sm 11:15). Joabe, que já estava manchado com a culpa de um assassinato, não pensou duas vezes antes de obedecer à ordem do rei. Urias foi morto pela espada dos amonitas.

Agente de Satanás

Os atos de Davi como governante tinham conquistado a confiança da nação. Ao se afastar de Deus, temporariamente se tornou agente de Satanás. Contudo, ainda mantinha a autoridade que Deus havia lhe concedido e, por causa disso, exigiu uma obediência que colocaria em perigo a segurança de seu comandante, se ele cooperasse. Joabe tinha se tornado mais fiel ao rei do que a Deus e desobedeceu porque o rei mandou.

Quando Davi deu uma ordem que era contrária à lei de Deus, tornou-se pecado a obediência a ela. "As autoridades que existem foram por Ele estabelecidas" (Rm 13:1), mas não devemos prestar obediência a eles se forem contrárias à lei de Deus. O apóstolo Paulo mostra o princípio que deve nos guiar: "Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo" (1Co 11:1).

Joabe mandou notícias a Davi de que sua ordem tinha sido cumprida. Havia sido tão bem elaborada que não comprometia nem Joabe nem o rei: "Morreu [...] o teu servo Urias, o hitita" (2Sm 11:21).

A resposta do rei foi: Diga "a Joabe: 'Não fique preocupado com isso, pois a espada

não escolhe a quem devorar'" (2Sm 11:25).

De acordo com o costume, Bate-Seba chorou por seu marido alguns dias. No fim, "Davi mandou que a trouxessem para o palácio; ela se tornou sua mulher" (2Sm 11:27). Aquele que não estenderia a mão contra o ungido do Senhor mesmo quando sua vida estava em perigo caiu de tal maneira que traiu e assassinou um de seus soldados mais fiéis e corajosos e esperou desfrutar a recompensa de seu pecado sem ser incomodado.

Felizes são aqueles que, depois de se desviarem do caminho da justiça, aprendem quão amargos são os frutos do pecado e voltam atrás. Em sua misericórdia, Deus não abandonou Davi quando foi atraído para a ruína completa pelas traiçoeiras recompensas do pecado.

Como Deus Agiu

Foi necessário que Deus interviesse. O pecado de Davi com Bate-Seba se tornou conhecido e muitos suspeitaram que ele tivesse planejado a morte de Urias. O Senhor foi desonrado. Ele havia exaltado Davi e o pecado de Davi trouxe desgraça ao Seu nome. Isso tendia a rebaixar o padrão de obediência em Israel e diminuir a percepção, em muitas mentes, de que o pecado é terrível.

Uma mensagem de repreensão a Davi foi dada ao profeta Natã. Apesar de ela ser terrivelmente severa, Natã deu a mensagem divina com tanta sabedoria vinda do Céu que conquistou a simpatia do rei, despertou sua consciência e trouxe de seus próprios lábios a sentença de morte sobre si. O profeta contou uma história de maldade e injustiça que precisava ser corrigida.

Ele disse: "Dois homens viviam numa cidade, um era rico e o outro, pobre. O rico possuía muitas ovelhas e bois, mas o pobre nada tinha, senão uma cordeirinha que havia comprado. Ele cuidou dela, que cresceu com ele e com seus filhos. Comia junto dele, bebia do seu copo e até dormia em seus braços. Era como uma filha para ele. Certo dia, um viajante chegou à casa do rico, e este não quis pegar uma de suas próprias ovelhas ou de seus bois para preparar-lhe uma refeição. Em vez disso, preparou para o visitante a cordeira que pertencia ao pobre" (2Sm 12:1-4).

O rei ficou com raiva. "Juro pelo nome do Senhor que o homem que fez isso merece a morte! Deverá pagar quatro vezes o preço da cordeira, porquanto agiu sem misericórdia" (2Sm 12:5, 6).

Natã fixou seus olhos no rei e disse solenemente: "Você é esse homem! [...] Por que você desprezou a palavra do Senhor, fazendo o que Ele reprova?" (2Sm 12:7-9). O

culpado pode tentar, como fez Davi, esconder seu crime dos outros, enterrar o mau ato da vista humana para sempre, mas "tudo está descoberto e exposto diante dos olhos dAquele a quem havemos de prestar contas" (Hb 4:13).

Natã disse: "Você matou Urias, o hitita, com a espada dos amonitas e ficou com a mulher dele. Por isso, a espada nunca se afastará de sua família. [...] 'De sua própria família trarei desgraça sobre você. Tomarei as suas mulheres diante dos seus próprios olhos e as darei a outro. [...] Você fez isso às escondidas, mas Eu o farei diante de todo o Israel, em plena luz do dia'" (2Sm 12:9-12).

A repreensão do profeta tocou o coração de Davi. A consciência foi despertada e ele viu quão grande era sua culpa. Com lábios trêmulos, ele disse: "Pequei contra o Senhor!" (2Sm 12:13). Davi havia cometido um pecado terrível tanto contra Urias como contra Bate-Seba, mas infinitamente maior era seu pecado contra Deus.

Davi é Castigado por seu Pecado

Davi tremeu, com medo de que fosse rejeitado, considerado culpado e não perdoado, pelo imediato juízo de Deus. Então uma mensagem foi enviada a ele pelo profeta: "O Senhor perdoou o seu pecado. Você não morrerá" (2Sm 12:13). Ainda assim, a justiça tinha de ser preservada. A sentença de morte foi passada de Davi para o filho de seu pecado. Desse modo, o rei teve oportunidade de se arrepender, embora o sofrimento e a morte da criança, como parte de sua punição, foi muito mais amargo para ele do que sua própria morte teria sido.

Quando seu filho ficou doente, Davi suplicou por sua vida em jejum e profunda humilhação. Noite após noite, ele se prostrava com a dor de um coração quebrantado, intercedendo pelo inocente que sofria por culpa dele. Quando ouviu que o filho havia morrido, Davi se submeteu, em silêncio, ao que Deus havia determinado. Foi dado o primeiro golpe da punição que ele mesmo disse que era justa.

Sobre a história da queda de Davi, muitos perguntam: Por que Deus achou necessário abrir ao mundo esse capítulo escuro da vida de alguém tão grandemente honrado pelo Céu? Ateus e descrentes apontam para o caráter de Davi e dizem em tom de zombaria: "Esse é o homem segundo o coração de Deus!" Dessa maneira, Deus e Sua Palavra têm sido blasfemados e muitos têm se tornado ousados no pecado dizendo ser religiosos.

A história de Davi mostra que não há desculpa para o pecado. Foi quando andava com o Senhor e seguia Seu conselho que Davi foi chamado o homem segundo o coração

de Deus. Quando ele pecou, isso deixou de ser verdade sobre ele, até que se voltou ao Senhor por meio do arrependimento. "Mas o que Davi fez desagradou ao Senhor" (2Sm 11:27). Apesar de Davi ter se arrependido de seu pecado, colheu o fruto mortal da semente que plantara. Os castigos que recebeu de Deus deram testemunho do quanto Ele odeia o pecado.

O próprio Davi ficou quebrantado de espírito pela consciência do seu pecado e de seus resultados de grande alcance. Ele se sentiu humilhado aos olhos de seus súditos. Sua influência foi enfraquecida. Já que seus súditos sabiam de seu pecado, seriam levados a pecar com mais liberdade. A autoridade de Davi foi enfraquecida até mesmo em sua casa. Sua culpa o manteve em silêncio quando deveria ter condenado o pecado. Seu mau exemplo influenciou seus filhos, e Deus não interferiria para impedir o resultado. Assim, Davi foi punido severamente. Nenhum arrependimento poderia ajudá-lo a escapar da agonia e vergonha que escureceriam toda a sua vida terrestre.

As pessoas que apontam para o exemplo de Davi para tentar diminuir a culpa de seus pecados deveriam aprender com o registro bíblico que o caminho da transgressão é árduo. Os resultados do pecado, mesmo nesta vida, serão amargos e duros de suportar.

A intenção de Deus era que a história da queda de Davi servisse como um aviso de que nem aqueles que são muito abençoados devem sentir-se livres do perigo. Essa história tem servido como exemplo para todos aqueles que buscam com humildade aprender a lição que Deus quis ensinar. A queda de Davi, alguém tão honrado pelo Senhor, desperta a desconfiança no próprio eu. Sabendo que sua força e segurança podem ser colocadas somente em Deus, temem dar o primeiro passo em direção ao terreno de Satanás.

Mesmo antes da sentença divina ser pronunciada contra Davi, ele começou a colher o fruto da transgressão. A agonia de espírito que ele suportou naquele momento é apresentada no Salmo 32:

"Enquanto eu mantinha escondidos os meus pecados, o meu corpo definhava de tanto gemer.

Pois dia e noite a Tua mão pesava sobre mim; minhas forças foram-se esgotando como em tempo de seca" (Salmo 32:3, 4).

O Salmo 51 é uma expressão do arrependimento de Davi, quando a mensagem de repreensão vinda de Deus chegou até ele:

"Cria em mim um coração puro, ó Deus, e renova dentro de mim um espírito estável.

Não me expulses da Tua presença, nem tires de mim o Teu Santo Espírito. [...]

Livra-me da culpa dos crimes de sangue, ó Deus, Deus da minha salvação!

E a minha língua aclamará a Tua justiça" (Salmo 51:10, 11, 14).

Assim, o rei de Israel falou de seu pecado, seu arrependimento e sua esperança de perdão por meio da misericórdia de Deus. Desejava que outros fossem ensinados pela triste história de sua queda.

Mais do que Perdão

O arrependimento de Davi foi sincero. Não tentou fazer com que seu crime parecesse de menor importância, nem desejou escapar dos castigos anunciados. Enxergou a impureza de seu coração. Odiou seu pecado. Não foi somente por perdão que ele orou, mas por pureza de coração. Na promessa de Deus aos pecadores arrependidos, ele viu a evidência de seu perdão e aceitação: "Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás" (Sl 51:17).

Ainda que Davi tivesse caído, o Senhor o ergueu. Na alegria de seu livramento, ele cantou: "Então reconheci diante de Ti o meu pecado e não encobri as minhas culpas. Eu disse: Confessarei as minhas transgressões ao Senhor, e Tu perdoaste a culpa do meu pecado" (Sl 32:5). Davi se humilhou e confessou seu pecado, enquanto Saul, ao contrário, desprezou a repreensão e endureceu o coração tentando se justificar.

Esse período da história de Davi é uma das mais fortes ilustrações dadas a nós sobre as lutas e tentações da humanidade e sobre arrependimento verdadeiro. Ao longo de todas as épocas, milhares dos filhos de Deus que foram entregues ao pecado se lembraram do arrependimento e confissão sinceros de Davi e se animaram a se arrepender e tentar novamente andar no caminho dos mandamentos de Deus.

Todos os que se humilharem em confissão e arrependimento, como fez Davi, podem ter certeza de que existe esperança para eles. O Senhor nunca abandonará alguém que tenha se arrependido de verdade.

---

[*] Este capítulo é baseado em 2 Samuel 11 e 12.

A Rebelião de Absalão*

"Deverá pagar quatro vezes o preço" (2Sm 12:6) foi a sentença que Davi deu a si mesmo sem saber, depois de ouvir a história do profeta Natã. Quatro de seus filhos deveriam morrer, e a perda de cada um seria resultado do pecado do pai.

Davi deixou que o crime vergonhoso de seu filho mais velho, Amnom, passasse sem ser punido. A lei declarava que o adúltero deveria morrer, e Davi se tornou duplamente culpado pelo crime antinatural do filho. Mas o rei, condenado por si mesmo por causa de seu próprio pecado, falhou em fazer justiça ao transgressor. Absalão era o protetor natural de sua irmã que havia sido injustiçada de modo tão terrível. Por dois anos, ele escondeu suas intenções de vingança; mas, por ordens suas, o bêbado e incestuoso Amnom foi morto em uma festa.

Os filhos do rei voltaram a Jerusalém em pânico e contaram para o seu pai que Amnom tinha sido morto. Eles choraram "em alta voz. Também o rei e todos os seus conselheiros choraram muito" (2Sm 13:36). Absalão fugiu. Davi tinha negligenciado seu dever de punir Amnom e o Senhor permitiu que os acontecimentos tomassem seu rumo natural. Quando os pais ou as autoridades negligenciam o dever de punir o mal, uma série de circunstâncias se seguirão, que punirão o pecado com outro pecado.

Nesse momento, Absalão começou a se afastar de seu pai. Davi sentia que o crime do filho precisava ser punido e recusou deixá-lo voltar. Excluído dos assuntos do reino por causa de sua fuga, Absalão ocupou seu tempo com planos perigosos.

Depois de dois anos, Joabe decidiu ajudar pai e filho a fazerem as pazes. Ele procurou uma mulher de Tecoa, conhecida por sua sabedoria, para lhe ajudar. A mulher

se apresentou a Davi como uma viúva que tinha dois filhos que eram seu único conforto e apoio. Numa briga, um dos filhos tinha matado o outro, e agora seus parentes exigiam que o filho sobrevivente fosse entregue nas mãos do vingador do sangue. "E assim", disse a mãe, "eles querem apagar a última centelha que me restou, deixando meu marido sem nome nem descendência na face da terra" (2Sm 14:7). O coração do rei foi tocado e ele prometeu que protegeria o filho daquela mulher.

Ela, porém, pediu permissão ao rei para continuar falando. Enfatizou que Davi estava errado por não trazer seu filho expulso de volta para casa. Ela disse: "Que teremos que morrer um dia, é tão certo como não se pode recolher a água que se espalhou pela terra. Deus não tira a vida; ao contrário, cria meios para que o banido não permaneça afastado dEle" (2Sm 14:14). Essa comovente demonstração do amor de Deus pelo pecador é uma prova clara de que os israelitas estavam familiarizados com as grandes verdades do plano da redenção. O rei não pôde resistir a esse apelo. Ele ordenou: "Vá e traga de volta o jovem Absalão" (2Sm 14:21).

Os Tristes Resultados do Pecado de Davi

Absalão recebeu permissão para voltar para Jerusalém, mas sem aparecer na corte nem se encontrar com seu pai. Mesmo sentindo profundo amor por esse filho bonito e talentoso, Davi sentiu ser necessário demonstrar seu horror pelo crime que ele tinha cometido. A presença de sua irmã mantinha viva na memória a injustiça irreparável que ela tinha sofrido. Aos olhos do público, o príncipe foi um herói, e não um criminoso, e ele se colocou numa posição onde poderia conquistar o coração do povo.

Sua aparência pessoal era bela o bastante para conquistar a admiração de todos. "Em todo o Israel não havia homem tão elogiado por sua beleza como Absalão. Da cabeça aos pés não havia nele nenhum defeito" (2Sm 14:25). A decisão de Davi de permitir que ele voltasse para Jerusalém, mas sem aceitá-lo em sua presença, fez com que o povo se compadecesse de Absalão.

Antes de seu pecado, Davi tinha sido corajoso e decidido. A partir de então, estava fraco e indeciso, o que contribuiu para os planos de seu filho.

Por meio da influência de Joabe, Absalão foi aceito mais uma vez na presença de seu pai. Ele levou seus planos avante, dedicando-se para conquistar a simpatia do povo e habilmente tirando vantagem de cada motivo de aborrecimento. Dia a dia, esse homem de aparência nobre era visto junto às portas da cidade, onde uma multidão de descontentes esperava para apresentar a ele suas reclamações em busca de uma solução. Absalão escutava, demonstrando compaixão pelos sofrimentos do povo e

desgosto pela ineficiência do governo. “Quem me dera ser designado juiz desta terra! Todos os que tivessem uma causa ou uma questão legal viriam a mim, e eu lhe faria justiça” (2Sm 15:4). “E sempre que alguém se aproximava dele para prostrar-se em sinal de respeito, Absalão estendia a mão, abraçava-o e beijava-o” (2Sm 15:5).

A Rebelião Aumenta às Escondidas

Despertado e estimulado pelo príncipe, o descontentamento com o governo de Davi se espalhou rapidamente. Absalão era considerado herdeiro do reino por quase todos e muitos queriam que ele ocupasse o trono. “Assim ele foi conquistando a lealdade dos homens de Israel” (2Sm 15:6). Contudo, o rei não suspeitava de nada. Davi pensou que Absalão tinha assumido o papel de príncipe com a intenção de honrar a corte.

Absalão secretamente enviou homens escolhidos a todas as tribos com o objetivo de planejar a revolta. Ele usou a devoção à religião para disfarçar seus planos traiçoeiros. Absalão disse ao rei: “Deixa-me ir a Hebrom para cumprir um voto que fiz ao Senhor. Quando o teu servo estava em Gesur, na Síria, fez este voto: Se o Senhor me permitir voltar a Jerusalém, prestarei culto a Ele em Hebrom” (2Sm 15:7, 8).

O pai amoroso, aliviado pela aparente religiosidade do filho, permitiu que ele fosse com a sua bênção. Por meio desse ato, que marcou o auge da hipocrisia de Absalão, ele planejava não somente cegar o rei, mas conquistar de uma vez por todas a confiança do povo. Dessa maneira, ele os levaria a se rebelar contra o rei escolhido por Deus.

Absalão partiu para Hebrom com “duzentos homens de Jerusalém. Eles tinham sido convidados e nada sabiam nem suspeitavam do que estava acontecendo” (2Sm 15:11). Esses homens o acompanharam, sem imaginar que o amor deles pelo filho os levaria a se rebelar contra o pai. Em Hebrom, Absalão chamou Aitofel, famoso por sua sabedoria. O apoio de Aitofel fez com que a causa de Absalão parecesse ter sucesso garantido, atraindo muitos homens influentes para o seu lado. Assim que a trombeta da revolta soou, os espiões a serviço do príncipe espalharam por todo o país a notícia de que Absalão era rei, e muitos dentre o povo se uniram a ele.

Finalmente Davi Toma uma Atitude

A notícia alarmante chegou a Jerusalém. De repente, Davi percebeu que uma rebelião explodia bem ao lado de seu trono. O próprio filho planejava não apenas roubar a coroa dele, mas certamente lhe tirar a vida. Davi corria grande perigo. Assim, deixou de lado a depressão que o tinha derrubado por tanto tempo e se preparou para

enfrentar essa terrível emergência. Absalão estava a apenas trinta quilômetros de distância. Os rebeldes logo chegariam às portas de Jerusalém.

Davi tremeu ao pensar em expor sua capital à matança e à destruição. Será que deveria permitir que Jerusalém fosse inundada com sangue? Davi tomou uma decisão. Deixaria Jerusalém e, assim, testaria seu povo, dando-lhes a oportunidade de acompanhá-lo ao demonstrar seu apoio. Davi tinha o dever diante de Deus e do povo de manter a autoridade que o Céu lhe tinha dado.

Davi saiu de Jerusalém humilhado e cheio de pesar. O povo o seguiu em uma comitiva longa e triste, como a de um funeral. A guarda pessoal de Davi, composta pelos queretitas, peletitas e giteus, acompanhou o rei, sob o comando de Itai. Altruísta como era, Davi não podia permitir que esses estrangeiros participassem de sua tragédia. Então o rei disse a Itai: "Por que você está indo conosco? [...] Você é estrangeiro, um exilado. [...] Faz pouco tempo que você chegou. Como eu poderia fazê-lo acompanhar-me? Volte e leve consigo os seus irmãos. Que o Senhor o trate com bondade e fidelidade!" (2Sm 15:19, 20)

Itai respondeu: "Juro pelo nome do Senhor e por tua vida que onde quer que o rei, meu senhor, esteja, ali estará o seu servo, para viver ou para morrer!" (2Sm 15:21). Esses homens tinham se convertido do paganismo, e agora provaram nobremente sua lealdade a Deus e ao rei. Davi aceitou a dedicação deles à sua causa aparentemente perdida, e todos atravessaram o vale de Cedrom, em direção ao deserto.

Alguns Permanecem Fiéis a Davi

A comitiva parou outra vez. "Zadoque também estava lá, e com ele todos os levitas que carregavam a arca da aliança de Deus" (2Sm 15:24). Para as pessoas que estavam com Davi, a presença daquele símbolo sagrado era uma garantia de livramento e vitória. Os seguidores de Absalão ficariam aterrorizados quando soubessem que a arca não estava mais em Jerusalém.

Por um breve momento, a alegria e a esperança fizeram vibrar o coração de Davi ao avistar a arca. No entanto, logo vieram outros pensamentos. A glória de Deus e o bem de seu povo deveriam ocupar o primeiro lugar em sua mente, pois ele era o homem escolhido para governar a herança de Deus. Sobre Jerusalém Deus disse: "Este será o Meu lugar de descanso" (Sl 132:14), e nem sacerdote nem rei tinha o direito de retirar da cidade o símbolo da Sua presença. Além disso, Davi tinha constantemente diante de si seu grande pecado. Ele não tinha o direito de retirar da capital da nação os estatutos sagrados que representavam a vontade de seu divino Soberano, o fundamento da

nação e a razão de sua prosperidade.

Davi ordenou a Zadoque: "Leve a arca de Deus de volta para a cidade. Se o Senhor mostrar benevolência a mim, Ele me trará de volta e me deixará ver a arca e o lugar onde ela deve permanecer. Mas, se Ele disser que já não sou do Seu agrado, aqui estou! Faça Ele comigo a Sua vontade" (2Sm 15:25, 26).

A Oração de Davi

À medida que os sacerdotes voltavam para Jerusalém, uma sensação terrível tomou conta das pessoas que acompanhavam Davi. Seu rei era um fugitivo, eles mesmos tinham sido desterrados e abandonados até mesmo pela arca de Deus. O futuro estava cheio de trevas! "Davi, porém, continuou subindo o monte das Oliveiras, caminhando e chorando, com a cabeça coberta e os pés descalços. E todos os que iam com ele também tinham a cabeça coberta e subiam chorando" (2Sm 15:30). "Informaram a Davi que Aitofel era um dos conspiradores que apoiavam Absalão" (2Sm 15:31). Mais uma vez, Davi foi forçado a reconhecer os resultados de seu próprio pecado. Aitofel, o líder político mais talentoso, renunciou sua posição para vingar-se do erro cometido contra sua neta, Bate-Seba.

"Davi orou: 'Ó Senhor, transforma em loucura os conselhos de Aitofel'" (2Sm 15:31). Ao chegar ao topo do monte, o rei se curvou em oração, entregando a Deus o fardo que carregava em seu coração e suplicando humildemente a misericórdia divina.

Nesse momento, o arquita Husai, um conselheiro sábio e capaz e amigo fiel de Davi, chegou para partilhar da sorte do rei fugitivo e destronado. Como que por uma inspiração divina, Davi viu que Husai era o homem que ele precisava para servir aos seus interesses nos conselhos da capital. A pedido de Davi, Husai voltou a Jerusalém para oferecer seus serviços a Absalão e frustrar os conselhos astutos de Aitofel.

Com esse raio de luz em meio às trevas, o rei e seus seguidores continuaram a descer a face leste do monte das Oliveiras, em meio a uma paisagem devastada, repleta de pedras e solitária, em direção ao rio Jordão. "Chegando o rei Davi a Baurim, um homem do clã da família de Saul chamado Simei, filho de Gera [...] atirava pedras em Davi e em todos os conselheiros do rei. [...] Enquanto amaldiçoava, Simei dizia: 'Saia daqui, saia daqui! Assassino! Bandido! O Senhor retribuiu a você todo o sangue derramado na família de Saul, em cujo lugar você reinou. O Senhor entregou o reino nas mãos de seu filho Absalão. Você está arruinado porque é um assassino!" (2Sm 16:5-8)

Enquanto Davi prosperou, Simei não demonstrou sua deslealdade. Ele tinha honrado Davi em seu trono, mas agora o amaldiçoava em sua humilhação. Inspirado por Satanás, ele descarregou sua raiva sobre aquele a quem Deus tinha punido.

Davi não era culpado de fazer mal algum a Saul nem a qualquer pessoa de sua família. Ele passou boa parte de sua vida em meio a cenas de violência; mas, de todos os que passaram por essa prova, poucos foram capazes de conservar em grande medida a sensibilidade e a moral como Davi.

Abisai, sobrinho de Davi, não suportou ouvir com paciência os insultos de Simei. Ele disse: "Por que esse cão morto amaldiçoa o rei, meu senhor? Permite que eu lhe corte a cabeça" (2Sm 15:9). Mas o rei não lhe deu permissão. "Meu filho [...] procura matar-me. Quanto mais este benjamita! Deixem-no em paz! Que amaldiçoe, pois foi o Senhor que mandou fazer isso. Talvez o Senhor considere a minha aflição e me retribua com o bem a maldição que hoje recebo" (2Sm 15:11, 12).

Davi Percebe o Resultado de seu Pecado

Os súditos fiéis do rei Davi se surpreenderam com a súbita mudança de sua condição, mas isso não era mistério algum para ele. Ele pressentiu por diversas vezes uma crise como essa. Admirou-se pelo fato de Deus ter tolerado seus pecados por tanto tempo. Naquele momento, em sua fuga triste e inesperada, pensava na capital amada, o lugar que tinha sido o cenário de seu pecado. Ao recordar a paciência de Deus, sentiu que o Senhor ainda o trataria com misericórdia.

Davi tinha confessado seu pecado e tentado cumprir seu dever como um fiel servo de Deus. Ele havia se dedicado para construir seu reino. Arrecadara material para construir a casa de Deus. Será que o resultado de anos de dedicação e esforço passaria para as mãos de seu filho imprudente e traidor?

Ele percebeu que o motivo de sua aflição era seu próprio pecado. Mas o Senhor não abandonou Davi. Ele demonstrou ser humilde, altruísta, generoso e submisso mesmo em meio a injustiças e insultos cruéis. Nunca o governante de Israel foi mais verdadeiramente grande aos olhos do Céu do que nessa hora de sua mais profunda humilhação.

Por meio dessa experiência que o Senhor fez Davi passar, Ele mostra que não tolera nem justifica o pecado. A história de Davi nos ajuda a enxergar de que maneira o Senhor coloca em prática Seu plano de misericórdia, mesmo através das mais sombrias punições. Ele castigou Davi, mas não o destruiu. A fornalha é para purificar, não para

consumir.

Deus não Dá Sabedoria para Absalão

Logo depois que Davi saiu de Jerusalém, Absalão e seu exército ocuparam a fortaleza de Israel. Husai estava entre os primeiros a saudar o rei recém-coroado, e o príncipe ficou satisfeito em ver que o ex-amigo e conselheiro de seu pai tinha se juntado a ele. Absalão estava confiante no sucesso. Ansioso por garantir a confiança da nação, recebeu de bom grado Husai em sua corte.

Absalão tinha ao seu lado um grande exército, mas a maioria dos soldados eram homens destreinados para a guerra. Aitofel sabia muito bem que grande parte da nação ainda era fiel a Davi e que ele estava cercado de soldados experientes, comandados por generais capazes e habilidosos. Aitofel também sabia que, depois daquela grande demonstração de entusiasmo em favor do novo rei, eles enfrentariam resistência. Se a rebelião fracassasse, Absalão e seu pai talvez fizessem as pazes. Aitofel, como conselheiro principal, seria considerado o mais culpado; e sofreria os piores castigos.

Para garantir que Absalão não desistisse da rebelião, Aitofel montou um plano que faria com que a reconciliação com Davi fosse impossível. Com astúcia diabólica, esse político sem escrúpulos insistiu que Absalão acrescentasse o crime de incesto ao de rebelião. Diante de toda a nação, ele deveria tomar para si as concubinas de seu pai, declarando assim que tinha tomado o trono de seu pai. Absalão seguiu esse conselho maligno. Assim se cumpriu a palavra de Deus a Davi, dada pelo profeta: "De sua própria família trarei desgraça sobre você. Tomarei as suas mulheres diante dos seus próprios olhos e as darei a outro. [...] Você fez isso às escondidas, mas Eu o farei diante de todo o Israel, em plena luz do dia" (2Sm 12:11, 12). Não que Deus tivesse provocado esses atos, mas Ele não exerceu Seu poder para impedi-los.

Aitofel não tinha qualquer iluminação divina, caso contrário, não teria usado o crime de incesto para garantir o sucesso de sua traição. Pessoas de coração corrupto tramam a maldade como se não existisse uma Providência suprema para frustrar seus planos.

Garantida a sua segurança, Aitofel sugeriu: "Permite-me escolher doze mil homens, e partirei esta noite em perseguição a Davi. Eu o atacarei enquanto ele está exausto e fraco; vou causar-lhe pânico, e seu exército fugirá. Depois matarei somente o rei, e trarei todo o exército de volta a ti" (2Sm 17:1-3). Se esse plano tivesse se concretizado, Davi com certeza teria sido morto. No entanto, "o Senhor tinha decidido frustrar o eficiente conselho de Aitofel, a fim de trazer ruína sobre Absalão" (2Sm 17:14).

Husai não foi chamado para o conselho. Entretanto, depois que o grupo se dispersou, Absalão lhe apresentou os planos de Aitofel, pois tinha grande consideração pela opinião do conselheiro de seu pai.

Husai viu que Davi estaria perdido se o plano fosse executado. Então disse: "O conselho que Aitofel deu desta vez não é bom. Sabes que o teu pai e os homens que estão com ele são guerreiros e estão furiosos como uma ursa selvagem da qual roubaram os filhotes. Além disso, teu pai é um soldado experiente e não passará a noite com o exército. Ele, agora, já deve estar escondido numa caverna ou nalgum outro lugar" (2Sm 17:7-9). Se as tropas de Absalão perseguissem Davi, não capturariam o rei; e se eles sofressem um contra-ataque, ficariam desanimados e isso prejudicaria muito a causa de Absalão. Ele disse: "Pois todo o Israel sabe que teu pai é um guerreiro valente e que seus soldados são corajosos" (2Sm 17:10).

Husai Sugere um Plano Alternativo

Husai sugeriu um plano que apelava para a vaidade e o egoísmo: "Por isso, dou o seguinte conselho: que se reúnam a ti todos os homens de Israel, desde Dã até Berseba, tantos como a areia da praia, e que tu mesmo os conduzas na batalha. Então o atacaremos onde quer que ele se encontre, e cairemos sobre ele como o orvalho cai sobre a terra. Ele e todos os seus homens não escaparão. Se ele se refugiar em alguma cidade, todo o Israel levará cordas para lá, e arrastaremos aquela cidade para o vale, até que não reste ali sequer uma pequena pedra" (2Sm 17:11-13).

"Absalão e todos os homens de Israel consideraram o conselho de Husai, o arquita, melhor do que o de Aitofel" (2Sm 17:14).

Uma pessoa, porém, percebeu com clareza o resultado desse erro fatal de Absalão. Aitofel sabia que a causa dos rebeldes estava perdida. Sabia que, qualquer que fosse a sorte do príncipe, não haveria esperança para o conselheiro que havia arquitetado seus maiores crimes. Aitofel tinha encorajado Absalão na rebelião; o havia aconselhado a praticar as maldades mais abomináveis, para a desonra de seu pai; tinha sugerido um plano para matar Davi; acabado com a última possibilidade de ele fazer as pazes com o rei e, agora, Absalão estava confiando mais numa outra pessoa do que nele. Com ciúmes, com raiva e desesperado, Aitofel "foi para casa [...] e depois se enforcou" (2Sm 17:23). Esse foi o resultado da sabedoria de alguém que não fez de Deus seu conselheiro.

Husai não perdeu tempo em avisar Davi para fugir depressa para além do Jordão: "Não passe a noite nos pontos de travessia do Jordão, no deserto, mas atravesse logo o

rio, senão o rei e todo o seu exército serão exterminados" (2Sm 17:16).

Davi, desgastado pelo cansaço e pela tristeza depois do primeiro dia de fuga, recebeu a mensagem de que teria que atravessar o Jordão naquela noite, pois seu filho buscava tirar-lhe a vida. Quais eram os sentimentos do pai e rei naquele momento terrível e perigoso? Na hora de sua mais escura aflição, o coração de Davi se firmou em Deus; e ele cantou:

"Senhor, muitos são os meus adversários!

Muitos se rebelam contra mim!

São muitos os que dizem a meu respeito: 'Deus nunca o salvará!'

Mas Tu, Senhor, és o escudo que me protege; és a minha glória e me fazes andar de cabeça erguida.

Ao Senhor clamo em alta voz, e do Seu santo monte Ele me responde.

Eu me deito e durmo, e torno a acordar, porque é o Senhor que me sustém.

Não me assustam os milhares que me cercam" (Sl 3:1-6).

Na escuridão da noite, Davi e todo o seu grupo atravessaram o rio profundo e agitado. "Quando o sol nasceu, todos tinham atravessado o Jordão" (2Sm 17:22).

Davi e suas tropas recuaram para Maanaim, que tinha sido a sede real de Is-Bosete. Essa era uma cidade muito fortificada, localizada nas montanhas, ideal para servir de refúgio em períodos de guerra. O território tinha fartura de alimento e as pessoas eram amáveis com Davi.

Absalão, o príncipe imprudente e impulsivo, logo saiu em perseguição ao pai. Seu exército era grande, mas indisciplinado e despreparado para competir com os soldados de seu pai, experientes na guerra.

Davi dividiu suas tropas em três batalhões, sob o comando de Joabe, Abisai e Itai.

A Batalha que Frustrou a Rebelião

As longas fileiras do exército de Absalão podiam ser completamente vistas dos muros de Maanaim. O rebelde estava acompanhado de um grande exército. Em comparação com o dele, o exército de Davi parecia apenas um punhado. À medida que os soldados saíam pelos portais da cidade, Davi animava seus soldados fiéis, insistindo

que confiassem que o Deus de Israel daria a vitória a eles. Mesmo assim, quando Joabe passou por Davi, liderando o primeiro grupo, esse vencedor de centenas de batalhas inclinou a cabeça para ouvir a última mensagem do rei: "*Por amor a mim*, tratem bem o jovem Absalão!" (2Sm 18:5). Abisai e Itai receberam a mesma instrução. O pedido do rei aumentou ainda mais a raiva dos soldados contra o filho desnaturado, porque dava a entender que Absalão era mais querido ao rei do que os súditos fiéis ao seu trono.

O local da batalha era uma floresta perto do Jordão. Por entre os matagais e pântanos da floresta, o grande número das tropas indisciplinadas do exército de Absalão ficou confuso e incontrolável. Então "o exército de Israel foi derrotado pelos soldados de Davi. Houve grande matança naquele dia, elevando-se o número de mortos a vinte mil" (2Sm 18:7).

Vendo que a batalha estava perdida, Absalão tentou fugir, mas sua cabeça ficou presa entre os galhos de uma grande árvore. A mula que montava foi embora, deixando-o pendurado, uma presa indefesa para seus inimigos. Um soldado encontrou Absalão, mas lhe poupou a vida. Entretanto, contou a Joabe o que tinha visto.

Joabe não teve dúvida. Ele tinha ajudado Absalão, intermediando por duas vezes a reconciliação entre ele e seu pai, e sua confiança havia sido traída. Se Joabe não tivesse se dedicado para beneficiar Absalão, essa rebelião jamais teria acontecido. "Então pegou três dardos e com eles traspassou o coração de Absalão" (2Sm 18:14). "Retiraram o corpo de Absalão, jogaram-no num grande fosso na floresta e fizeram um grande monte de pedras sobre ele" (2Sm 18:17).

O Juízo de Deus na Rebelião

Assim morreram os que levaram Israel a se rebelar. Aitofel morreu pelas próprias mãos. O príncipe Absalão, cuja beleza tinha sido motivo de orgulho para Israel, foi morto ainda jovem; seu corpo jogado em um fosso e coberto por um grande monte de pedras, representando sua vergonha eterna.

Com a morte do líder da rebelião, Joabe mandou dois mensageiros levarem imediatamente a notícia ao rei.

O segundo mensageiro anunciou: "Ó rei, meu senhor, ouve a boa notícia! Hoje o Senhor te livrou de todos os que se levantaram contra ti" (2Sm 18:31). Dos lábios do pai, veio a pergunta: "O jovem Absalão está bem?" (2Sm 18:32). Sentindo-se incapaz de esconder a má notícia, o mensageiro respondeu: "Que os inimigos do rei, meu senhor, e todos os que se levantam para te fazer mal acabem como aquele jovem!" (2Sm 12:32)

Davi não perguntou mais nada, mas com a cabeça baixa “subiu ao quarto que ficava por cima da porta e chorou. Foi subindo e clamando: ‘Ah, meu filho Absalão! Meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera ter morrido em seu lugar! Ah, Absalão, meu filho, meu filho!’” (2Sm 18:33).

O exército vencedor se aproximou da cidade com seus gritos de triunfo ecoando nas campinas. Quando entraram pela porta da cidade, pararam de gritar e as bandeiras caíram de suas mãos, porque o rei não estava esperando para lhes dar as boas-vindas. Do quarto que ficava por cima da porta se ouvia o choro sentido: “Ah, meu filho Absalão! Meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera ter morrido em seu lugar! Ah, Absalão, meu filho, meu filho!” (2Sm 18:33).

Joabe ficou furioso. Deus lhes tinha dado grande motivo de triunfo e alegria. A maior rebelião de que já se tinha ouvido falar em Israel havia sido reprimida. Contudo, essa grande vitória se transformou em luto por Absalão, cujo crime custou o sangue de milhares de homens corajosos. O capitão rude e franco abriu caminho até a presença do rei e disse com ousadia: “Hoje humilhaste todos os teus soldados, os quais salvaram a tua vida, bem como a de teus filhos e filhas. [...] Amas os que te odeiam e odeias os que te amam. Hoje deixaste claro que os comandantes e os seus soldados nada significam para ti. Vejo que ficarias satisfeito se, hoje, Absalão estivesse vivo e todos nós, mortos. Agora, vai e encoraja teus soldados! Juro pelo Senhor que, se não fores, nem um só deles permanecerá contigo esta noite, o que para ti seria pior do que todas as desgraças que já te aconteceram desde a tua juventude” (2Sm 19:5-7).

Apesar de a repreensão ter sido áspera e cruel, Davi não ficou ressentido. Viu que o general tinha razão. Desceu até a porta e, com elogios, cumprimentou os bravos soldados enquanto marchavam perante ele.

---

* Este capítulo é baseado em 2 Samuel 13 e 19.

Homem Segundo o Coração de Deus*

A derrota de Absalão não trouxe paz imediata. Grande parte da nação se uniu na revolta, por isso Davi decidiu não voltar à capital e assumir novamente a realeza sem ser convidado pelo povo. Nenhuma atitude imediata e concreta foi tomada para chamar o rei de volta. Quando, finalmente, a tribo de Judá estava prestes a trazer Davi de volta, as outras tribos ficaram enciumadas. Uma contrarrevolta se seguiu, mas foi logo contida, e a paz voltou a reinar em Israel.

No poder, nas riquezas e nas honras mundanas existem perigos que ameaçam o coração. Deus planejou que os primeiros anos da vida de Davi o preparassem para o trono de Israel por meio das lições de humildade da vida de pastor, do trabalho paciente e o carinhoso cuidado pelos rebanhos; por meio das cenas da natureza na solidão das campinas, que dirigiam seus pensamentos ao Criador; e da disciplina de sua vida no deserto. Mesmo assim, o sucesso e as honras do mundo enfraqueceram tanto o caráter de Davi que ele foi vencido pelo tentador.

Davi e o Pecado do Orgulho

As relações com os povos pagãos levaram Davi a desejar seguir seus costumes e despertaram nele a ambição por grandeza mundana. Davi decidiu aumentar seu exército a fim de expandir seu território, exigindo que todos os que tinham idade própria servissem na força militar. Para que isso acontecesse, ele precisava fazer um recenseamento da população. Essa atitude foi gerada pelo orgulho e pela ambição. Os números revelariam o contraste entre a fraqueza do reino quando Davi subiu ao trono e sua força e prosperidade sob seu governo. A Bíblia diz: “Satanás levantou-se contra Israel e levou Davi a fazer um recenseamento do povo” (1Cr 21:1). A prosperidade de Israel sob o governo de Davi era fruto da bênção de Deus. O aumento dos recursos

militares do reino daria a entender às nações vizinhas que a confiança de Israel estava em seus exércitos, não em Jeová.

O povo de Israel não aprovou o plano de Davi de aumentar o serviço militar. O recenseamento proposto causou muito descontentamento; por isso, oficiais militares substituíram os sacerdotes e juízes que tinham sido os responsáveis por realizar o recenseamento no passado.

O propósito era totalmente contrário aos princípios da teocracia. Até Joabe protestou: "'Por que o meu senhor deseja fazer isso? Por que deveria trazer culpa sobre Israel?' Mas a palavra do rei prevaleceu, de modo que Joabe partiu, percorreu todo o Israel e então voltou a Jerusalém" (1Cr 21:3, 4).

Davi foi convencido de seu pecado. Condenando a si próprio, "disse a Deus: 'Pequei gravemente com o que fiz. Agora eu Te imploro que perdoes o pecado do Teu servo, porque cometi uma grande loucura!'" (1Cr 21:8).

Na manhã seguinte, o profeta Gade trouxe a mensagem: "Assim diz o Senhor: 'Escolha entre três anos de fome, três meses fugindo de seus adversários, perseguido pela espada deles, ou três dias da espada do Senhor, isto é, três dias de praga, com o anjo do Senhor assolando todas as regiões de Israel'" (1Cr 21:11, 12).

Davi Escolhe o Castigo do Senhor

A resposta do rei foi: "É grande a minha angústia! Prefiro cair nas mãos do Senhor, pois é grande a Sua misericórdia, a cair nas mãos dos homens" (1Cr 21:13).

A terra foi atacada por uma peste que destruiu setenta mil pessoas em Israel. "Davi olhou para cima e viu o anjo do Senhor entre o céu e a terra, com uma espada na mão, erguida sobre Jerusalém" (1Cr 21:16). O rei suplicou a Deus em favor de Israel: "Não fui eu que ordenei contar o povo? Fui eu que pequei e fiz o mal. Estes não passam de ovelhas. O que eles fizeram? Ó Senhor meu Deus, que o Teu castigo caia sobre mim e sobre a minha família, mas não sobre o Teu povo!" (1Cr 21:17).

O povo tinha nutrido os mesmos pecados que deram origem à ação de Davi. Assim como o Senhor castigou Davi por meio do pecado de Absalão, Ele puniu os pecados de Israel por meio do erro de Davi.

O anjo destruidor se colocou em pé no monte Moriá, "na eira de Araúna, o jebuseu" (1Cr 21:18). Instruído pelo profeta, Davi foi até a montanha e "edificou ali um altar ao Senhor e ofereceu holocaustos e sacrifícios de comunhão. Davi invocou o Senhor, e o

Senhor lhe respondeu com fogo que veio do céu sobre o altar de holocaustos" (1Cr 21:26). "Então o Senhor aceitou as súplicas em favor da terra e terminou a praga que destruía Israel" (2Sm 24:25).

O lugar em que o altar foi construído ficou conhecido dali por diante como terra sagrada. Era o lugar onde Abraão tinha construído um altar para oferecer seu filho; e, mais tarde, foi escolhido como o local do templo.

Davi tinha completado setenta anos de idade. As dificuldades e situações perigosas de suas primeiras andanças, suas muitas guerras e as aflições dos últimos anos tinham esgotado a fonte da vida. A fraqueza e a idade, somadas ao desejo de ficar sozinho, impediram o rei de enxergar de imediato o que estava acontecendo no reino, e, de novo, uma rebelião surgiu à sombra do trono.

Quem desejava o trono desta vez era Adonias, que "tinha boa aparência" (1Rs 1:6), mas era imprudente e sem princípios. Quando jovem, "seu pai nunca o havia contrariado; nunca lhe perguntava: 'Por que você age assim?'" (1Rs 1:6). Tendo sido criado com poucos limites, ele agora se rebelava contra a autoridade de Deus, que tinha indicado Salomão para o trono.

Salomão era mais qualificado que seu irmão mais velho. Apesar da escolha de Deus ter sido claramente indicada, Adonias não teve dificuldade em encontrar simpatizantes. Joabe, que tinha sido leal ao trono até aquele momento, agora se uniu à conspiração contra Salomão; e assim também fez Abiatar, o sacerdote.

A rebelião estava formada. Os conspiradores tinham se reunido numa grande festa para proclamar Adonias rei, quando seus planos foram frustrados pela ação imediata do sacerdote Zadoque, do profeta Natã e de Bate-Seba, a mãe de Salomão. Eles contaram ao rei o que estava acontecendo, lembrando-o de que Deus tinha dito que Salomão deveria ser o próximo a assumir o trono. Davi logo abdicou em favor de Salomão, que foi ungido e proclamado rei imediatamente. Assim, a conspiração foi reprimida.

A vida de Abiatar foi poupada por respeito ao seu cargo e antiga lealdade a Davi, mas ele foi rebaixado do cargo de sumo sacerdote, que passou à família de Zadoque. Joabe e Adonias foram poupados por um tempo; mas, depois da morte de Davi, eles sofreram a pena por seu crime. A execução de Adonias completou o castigo quadruplicado, demonstrando a aversão de Deus pelo pecado de seu pai, Davi.

Davi Arrecada Dinheiro e Material para o Templo

Desde o início do reinado de Davi, um de seus maiores desejos tinha sido construir um templo para o Senhor. Desde então, providenciou grande quantidade de materiais caros – ouro, prata, pedras de ônix, pedras de várias cores, mármore e madeiras preciosas. Outras mãos, porém, construiriam o templo – um lar para a arca, que é o símbolo da presença de Deus.

O rei sabia que logo morreria e chamou representantes de todas as partes do reino para assumirem essa missão. Por causa de sua fraqueza física, ninguém esperava que ele transferisse essa responsabilidade pessoalmente. Inspirado por Deus, ele foi capaz de falar ao povo pela última vez com entusiasmo e poder. Contou a eles sobre o seu desejo de construir o templo e da ordem do Senhor para que essa obra fosse confiada ao seu filho Salomão. Davi disse: "Por isso, agora declaro-lhes perante todo o Israel e a assembleia do Senhor, e diante dos ouvidos de nosso Deus: Tenham o cuidado de obedecer a todos os mandamentos do Senhor, o seu Deus, para que mantenham a posse dessa boa terra e a deem por herança aos seus descendentes para sempre" (1Cr 28:8).

Davi ficou muito preocupado de que os líderes de Israel fossem fiéis a Deus e que Salomão obedecesse à lei divina, desviando-se dos pecados que tinham enfraquecido a autoridade de seu pai, amargurado sua vida e desonrado a Deus. Virando-se para o filho já reconhecido como seu sucessor, Davi disse: "Meu filho Salomão, reconheça o Deus de seu pai, e sirva-O de todo o coração e espontaneamente, pois o Senhor sonda todos os corações e conhece a motivação dos pensamentos [...]. Veja que o Senhor o escolheu para construir um templo que sirva de santuário" (1Cr 28:9, 10).

Davi deu instruções detalhadas a Salomão para a construção do templo. Salomão ainda era jovem e ficou com medo das pesadas responsabilidades que envolviam a construção do templo e de governar o povo de Deus. Disse Davi: "Seja forte e corajoso! Mãos ao trabalho! Não tenha medo nem desanime, pois Deus, o Senhor, o meu Deus, está com você. Ele não o deixará nem o abandonará" (1Cr 28:20).

Ainda outra vez, Davi apelou para a congregação: "Deus escolheu meu filho Salomão, e mais ninguém. Mas ele é jovem e inexperiente e a tarefa é grande, pois o palácio não será feito para homens, mas para o Senhor, o nosso Deus" (1Cr 29:1). Ele disse: "Forneci grande quantidade de recursos para o trabalho do templo do meu Deus" (1Cr 29:2). Ele acrescentou ainda uma lista dos materiais que recolheu. "Agora, quem hoje está disposto a ofertar dádivas ao Senhor?" (1Cr 29:5), ele perguntou para a multidão reunida que tinha trazido ofertas generosas.

A congregação respondeu prontamente. “O povo alegrou-se, [...] pois fizeram essas ofertas voluntariamente e de coração íntegro ao Senhor. E o rei Davi também encheu-se de alegria” (1Cr 29:9).

“Davi louvou o Senhor na presença de toda a assembleia, dizendo: ‘Bendito sejas, ó Senhor, Deus de Israel, nosso pai, de eternidade a eternidade. [...] Agora, nosso Deus, damos-Te graças, e louvamos o Teu glorioso nome. Mas quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos contribuir tão generosamente como fizemos? Tudo vem de Ti, e nós apenas Te demos o que vem das Tuas mãos. [...] Dá ao meu filho Salomão um coração íntegro para obedecer aos Teus mandamentos, aos Teus preceitos e aos Teus decretos, a fim de construir este templo para o qual fiz os preparativos necessários’” (1Cr 29:10-19).

Sem Desculpa para o Pecado

Com o mais profundo interesse, o rei havia arrecadado material precioso para construir e embelezar o templo. Tinha composto hinos majestosos que no futuro ecoariam pelos pátios da casa de Deus. O coração de Davi se alegrava no Senhor. Os chefes dentre os pais e os príncipes de Israel ofertaram ainda mais, tirando dos seus bens e levando à tesouraria do rei. Foi Deus que motivou o povo a ser generoso. Apenas Ele deve ser glorificado, e não o homem. Se o Seu amor não tivesse atuado no coração das pessoas, o templo jamais teria sido construído.

Quando Davi sentiu a morte se aproximar, seu coração ainda estava muito preocupado com Salomão e Israel, porque a prosperidade do reino dependia muito da integridade e lealdade do rei para com Deus. “Davi deu instruções ao seu filho Salomão: ‘Estou para seguir o caminho de toda a terra. Por isso, seja forte e seja homem. Obedeça ao que o Senhor, o seu Deus, exige: ande nos Seus caminhos e obedeça aos Seus decretos, aos Seus mandamentos, às Suas ordenanças e aos Seus testemunhos’” (1Rs 2:1-3). Ele disse: “Assim você prosperará em tudo o que fizer e por onde quer que for, e o Senhor manterá a promessa que me fez: ‘Se os seus descendentes cuidarem de sua conduta, e se Me seguirem fielmente de todo o coração e de toda a alma, você jamais ficará sem descendente no trono de Israel’” (1Rs 2:3, 4).

A queda de Davi foi grande, mas seu arrependimento foi profundo, seu amor foi verdadeiro e sua fé, forte. Os salmos de Davi vão desde as profundezas da culpa e condenação própria até a mais exaltada comunhão com Deus. O registro de sua vida declara que o pecado apenas traz vergonha e tristeza, mas o amor e a misericórdia de Deus podem alcançar as maiores profundezas.

A fé erguerá o coração arrependido para participar das bênçãos de ser um filho ou filha de Deus!

---

* Este capítulo é baseado em 2 Samuel 24; 1 Reis 1; 1 Crônicas 21; 28; 29.

Apêndice

Nota 1, página 169: Uma das principais razões por que o Senhor libertou Israel da escravidão no Egito foi para que eles pudessem guardar Seu santo sábado. Os egípcios não permitiam que os escravos hebreus tivessem liberdade religiosa. Assim, o Senhor "fez o Seu povo sair [...] para que obedecessem aos Seus decretos e guardassem as Suas leis" (Sl 105:43-45). Evidentemente, Moisés e Arão resgataram o ensino a respeito da santidade do sábado, porque Faraó reclamou: "Vocês ainda os fazem parar de trabalhar!" (Êx 5:5). Isso indica que Moisés e Arão começaram uma reforma do sábado ainda no Egito.

O Senhor disse aos israelitas que, ao guardarem o dia de sábado, eles deveriam lembrar que foram escravos "no Egito e que o Senhor, o teu Deus, te tirou de lá com mão poderosa e com braço forte. Por isso o Senhor, o teu Deus, te ordenou que guardes o dia de sábado" (Dt 5:15).

A guarda do sábado não deveria ser uma *comemoração* de sua escravidão no Egito. A observância desse dia em memória da criação *incluía* a alegre lembrança do livramento da opressão religiosa no Egito, que dificultou a guarda do sábado. Da mesma forma, o livramento que receberam da escravidão deveria despertar para sempre em seu coração a compaixão pelos pobres e oprimidos, órfãos e viúvas: "Lembrem-se de que vocês foram escravos no Egito [...]; por isso lhes ordeno que façam tudo isso" (Dt 24:18).

Nota 2, página 178: As pragas que o Senhor enviou sobre o Egito humilharam os deuses pagãos e menosprezaram a adoração de ídolos. Os egípcios reverenciavam o rio Nilo e ofereciam sacrifícios a ele como se fosse um deus. A primeira praga foi lançada diretamente contra ele (Êx 7:19).

A segunda praga trouxe rãs (Êx 8:6). Heket, uma das divindades egípcias, era uma deusa com cabeça de rã. As rãs eram consideradas sagradas. O touro Ápis era dedicado a Ptah; a vaca era sagrada a Hator; e o carneiro representava Khnum e Amon. A doença que atacou o gado e os animais dos egípcios afligiu os animais por eles considerados sagrados (Êx 9:3).

A nona praga atingiu um de seus maiores deuses, o deus-sol Rá (Êx 10:21). A décima praga (Êx 12:29) foi dirigida contra o deus Faraó, que se julgava a encarnação de Hórus, o filho de Osíris.

Nota 3, página 209: Na ocasião em que os israelitas adoraram o bezerro de ouro, eles diziam estar adorando a Deus, mas era como o culto oferecido pelos egípcios a Osíris – por meio de uma imagem. O culto dos egípcios a Ápis era imoral, e o culto dos israelitas ao bezerro de ouro foi, aparentemente, igual. Moisés escreveu que o povo israelita "se assentou para comer e beber, e levantou-se para se entregar à farra" (Êx 32:6). A palavra hebraica para "farra" significa cantar e dançar – práticas consideradas sensuais e indecentes entre os egípcios. A palavra hebraica para "corrompeu-se", no verso 7, é a mesma de Gênesis 6:11 e 12, que se refere à imoralidade das pessoas que viveram antes do dilúvio. Isso explica a terrível natureza dessa apostasia.

Nota 4, página 217: Os Dez Mandamentos eram a base da aliança que o Senhor havia feito com Seu povo. A aliança em si era a promessa do Senhor de que Ele escreveria Sua lei no coração do povo (ver Jr 31:31, 34) para que a obediência fosse para eles motivo de alegria.

Nota 5, página 234: Existiam duas maneiras pelas quais o pecado (ou o registro do perdão) era transferido do pecador para o santuário: por meio de uma porção do sangue da oferta pelo pecado aspergido diante do véu, atrás do qual estava a arca, ou por meio da carne sendo comida pelo sacerdote (ver Lv 4:1-21; 6:24-26; 10:17, 18).

Nota 6, página 243: Os Dez Mandamentos foram dados por Cristo (ver 1Co 8:6; At 7:38; Is 63:9; Êx 23:20-23; Jo 1:1-3, 14; 1Pe 1:10, 11).

Nota 7, página 407: O governo de Israel era baseado na teocracia, ou seja, a nação era diretamente governada por Deus. Quando Israel e Judá transgrediram a lei de Deus e rejeitaram a Sua soberania, o Senhor retirou deles Seu comando direto e lhes deu o que desejavam – serem dominados por um homem. Assim, eles se colocaram sucessivamente sob o domínio de Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e, finalmente, Roma.

Desde então, não existiu outro governo, em lugar algum, que Deus tenha delegado a autoridade que Ele concedeu ao rei de Israel nos dias da teocracia. A Bíblia ensina a separação da igreja e do Estado (Mt 22:17-22) e, consequentemente, a liberdade religiosa para todos. Os governos humanos não têm o direito de forçar a consciência nem de tomar o lugar que foi reservado somente a Deus na teocracia de Israel. Apenas na segunda vinda de Cristo é que Deus estabelecerá de novo Sua teocracia. Até lá, os seres humanos não poderão tomar para si o poder de dominar a consciência que Deus não lhes confiou.